U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

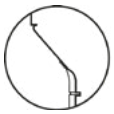
Projeto e Umbral:

Da Reabilitação de Edifícios ao Problema das Caixilharias de Madeira Existentes

Mariana Pires de Matos

M

2021



PROJETO E UMBRAL:

DA REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS AO PROBLEMA DAS CAIXILHARIAS DE MADEIRA EXISTENTES

DISSERTAÇÃO DE **MESTRADO INTEGRADO** EM

ARQUITETURA

ORIENTADA PELO PROFESSOR DOUTOR
NUNO VALENTIM RODRIGUES LOPES

MARIANA PIRES DE MATOS

PORTO, **2021**

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

U.PORTO

Nota Prévia:

A presente dissertação foi redigida em conformidade com o novo Acordo Ortográfico, sendo exceção as citações, que mantêm a sua forma original. As citações de língua não portuguesa foram traduzidas livremente pela autora, de modo a facilitar a leitura.

Optou-se por recomeçar a numeração das notas de rodapé e figuras em cada capítulo, por questões de edição. Todas as figuras apresentadas foram editadas, redimensionadas e cortadas, sempre que necessário.

Tendo em consideração o formato digital, foram criadas ligações para todo o documento a partir do Sumário. De forma a facilitar a navegação, a maior parte das páginas permite voltar ao Sumário, ao clicar em "Projeto e Umbral", que se encontra no rodapé das páginas pares.

À Antiga,
Mui Nobre,
Sempre Leal e Invicta
Cidade do Porto.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Nuno Valentim Lopes, orientador desta dissertação, por ter depositado a sua confiança em alguém que lhe era estranho. Por tornar maior o seu dia de trabalho para ter uma discussão de milímetros. Por me apresentar ao mundo do trabalho e aos melhores profissionais de Portugal, em Arquitetura e em Engenharia.

Ao Professor Doutor Carlos Prata e à Cprata Arquitetos, pela oportunidade de colaboração. Esta dissertação não seria a mesma, sem o projeto da Casa Ricardo Severo.

À Arq. Ana Fortuna e à Souto de Moura - Arquitetos, S.A., pela disponibilidade e por me permitir consultar e reproduzir material imprescindível para a presente investigação.

Ao Arq. Juliano Ribas, por ter acompanhado a evolução deste projeto e me ter auxiliado em todas as etapas. Aos restantes colaboradores do atelier, por me fazerem sentir integrada e sempre bem-vinda.

Às minhas avós, *Bela e Zezita*, por segurarem todas as rédeas possíveis e impossíveis, pela família. Por acreditarem que sou capaz de tudo o que quiser, sempre. E aos avôs, também.

Aos meus pais, *Vítor e Luísa,* que sempre uniram forças para me proporcionar um futuro. Por me permitirem ir, quando preferiam que ficasse.

Às minhas irmãs, *Joana e Beatriz*, porque uma casa vazia não faz sentido.

Aos meus tios, *Rosário e António*, pelo Traje Académico e pelas experiências que sempre me proporcionaram.

Aos meus tios, *Fátima e Fernando*, e às minhas primas, *Patrícia e Júlia*, por compactuarem com todas as minhas ideias e me acompanharem em todas as ocasiões. *Tomás,* também estás incluído.

À *Lili,* por me acompanhar a cada etapa e trazer sempre o conforto de Casa.

À *Ângela* e à *Guinxa*, pela oportunidade de crescer a vosso lado, e aos seus familiares, que me juntam à família sempre que visito.

À *Patrícia* e ao *Alexandre*, por me surpreenderem e desafiarem todos os dias.

Ao *Miguel*, pelos cafés cheios e calices de Porto vazios, e à *Menezes*, eterna colega de curso e finalista 2021.

Ao *Alex* e à *Pipa*, pelas histórias intermináveis e jantares que aquecem a alma.

À *Faísca*, à *Joia* e à *Inês*, por me mostrarem novas realidades e estarem presentes em todas as aventuras.

À minha hierarquia e a todos os amigos que fiz ao longo do meu percurso, na FAUP e em ROMA TRE.

À Tuna Feminina da Faculdade de Arquitectura do Porto, grupo que reerguemos. Por me ter apresentado um universo desconhecido e pessoas que me são queridas.

Por fim, à Casa de Arquitetura, por pegar em meninos e torná-los Homens. Por me ensinar que limites existem para serem ultrapassados.

ABSTRACT

The rehabilitation of the current common housing is, nowadays, one of the biggest challenges faced in Architecture and by its professionals. This dissertation is motivated by this challenge.

With the focus on the exteriors openings, we intend to analyze strategies and explore lines of thought of the architect's design process, when faced with the need to rehabilitate existing wooden frames, included in a global architecture rehabilitation process.

The practical investigation begins with the example of House Ricardo Severo, in Porto, a current project accompanied by the author of this dissertation. Rehabilitation projects by portuguese architects, considered exemplary, are also analyzed, which may synthesise different ways of intervening. These rehabilitation processes are documented, using, whenever possible, the comparison between the original building and the rehabilitation project, through constructive detailing.

The aim is to contribute to the systematization and consolidation of knowledge on the subject, making it available to the academic community and to those who face this problem professionally.

RESUMO

A reabilitação do edificado existente é, atualmente, um dos maiores desafios colocados ao projeto arquitetónico e aos profissionais que o executam. A presente dissertação é motivada por este desafio.

Tendo como foco principal os vãos exteriores, pretende-se analisar estratégias e explorar linhas de pensamento do processo do projeto de arquitetura, quando confrontado com a necessidade de reabilitar caixilharias de madeira existentes integradas num processo de reabilitação arquitetónica global.

A investigação, de caráter prático, parte do exemplo da Casa Ricardo Severo, no Porto, obra em curso e acompanhada em parte pela autora desta dissertação. São também analisados projetos de reabilitação, considerados exemplares, de arquitetos portugueses, que poderão sintetizar diferentes modos de intervir. São documentados estes processos de reabilitação, recorrendo, sempre que possível, à comparação entre o edifício original e o projeto de reabilitação, através da pormenorização construtiva.

Pretende-se contribuir para a sistematização e consolidação de conhecimento sobre o tema, disponibilizando-a à comunidade académica e a quem se confronte com este problema profissionalmente.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS VII
RESUMO | ABSTRACT IX
SUMÁRIO XI

INTRODUÇÃO 1
Objeto 3
Objetivo 5
Metodologia 7
Estrutura de Trabalho 9

1. SOBRE PATRIMÓNIO, REABILITAÇÃO E CAIXILHARIAS DE MADEIRA 11
1.1. DO PATRIMÓNIO 14
1.1.1. Da Valorização do Antigo à Salvaguarda do Património 15
1.1.2. Cultura da Cidade e a Valorização do Edificado Corrente 19
1.1.3. O Conceito de Património 23
1.2. DA REABILITAÇÃO 25
1.2.1. Identificação de Valores Patrimoniais no Edificado Existente 26
1.2.2. Teorias do Restauro 28
1.2.3. Reabilitação e Reabilitação Urbana 32
1.2.4. Reabilitação e Regulamentação para o Século XXI 37
1.3. DAS CAIXILHARIAS DE MADEIRA 42
1.3.1. Arquitetura da Cidade, da Fachada às Caixilharias de Madeira 43
1.3.2. Diagnostico: Levantamento, Inspeção e Patologias 53
1.3.3. Seis Estratégias de Intervenção em Caixilharias de Madeira Existentes 63

2. TRÊS INTERVENÇÕES NO EDIFICADO EXISTENTE 77
2.1. CASAS NA RUA DA CERCA, **80**
Souto de Moura - Arquitetos, S.A.
2.2. CHIADO, **94**
Siza Vieira, Arquitecto, Lda.
2.3. FIMS, **116**
Nuno Valentim, Arquitectura e Reabilitação, Lda.
2.4. SÍNTESE E LEITURA CRÍTICA DOS CASOS DE ESTUDO 133
Casas na Rua da Cerca, Chiado e FIMS

137 **3. INTERVENÇÃO NA CASA RICARDO SEVERO**

139 **3.1. RICARDO SEVERO**

Percurso pessoal e profissional de Ricardo Severo

148 **3.2. CASA RICARDO SEVERO**

149 3.2.1. A Casa, enquadramento

153 3.2.2. A Casa, na Campanha pela "Casa Portuguesa"

163 3.2.3. A Casa, descrição arquitetónica

177 **3.3. INTERVENÇÃO NA CASA RICARDO SEVERO**

179 3.3.1. Ficha Técnica

180 3.3.2. Diário de Bordo

229 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

243 LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

244 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

248 REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

249 REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

273 **APÊNDICES E ANEXOS**

274 **SUMÁRIO DE APÊNDICES**

275 A. CRONOLOGIA DA INTERVENÇÃO NA CASA RICARDO SEVERO

276 B. PROJETO DE EXECUÇÃO DOS VÃOS EXTERIORES

277 B.1. Proposta de intervenção

290 B.2. Desenhos complementares

292 **SUMÁRIO DE ANEXOS**

294 A. REQUERIMENTOS CONSTRUÇÃO, 1902 & 1903

308 B. CARTA DIRIGIDA A RICARDO SEVERO,1919

310 C. REQUERIMENTO AUMENTO, 1929

316 D. ARTIGOS EM JORNAIS E REVISTAS, 1892, 1905 & 1906

INTRODUÇÃO

0. INTRODUÇÃO | OBJETO

> *Depois de destruirmos o território e as periferias com processos desregulados de expansão urbana, o regresso ao centro das cidades e a densificação urbana tornaram-se hoje os temas da moda:* ***a reabilitação*** *- na verdade dezenas de anos depois de ela já se ter iniciado entre nós - tornou-se* ***a grande descoberta*** *política.* [1]

A presente dissertação de Mestrado em Arquitetura debruça-se sobre um dos maiores desafios colocados ao projeto arquitetónico atualmente: a reabilitação do edificado existente. São diversos os autores e arquitetos que nas últimas décadas se têm debruçado sobre o tema - Álvaro Siza Vieira, Alexandre Alves Costa, José Aguiar e João Appleton, entre muitos outros - pois,

> *(...)* ***é árdua a tarefa de conservar e reabilitar o edificado existente,*** *talvez tanto maior quanto mais banal seja esse edificado, já que a singularidade e o valor intrínseco de objetos únicos ou quase singulares lançam sobre eles uma espécie de manto protetor que afasta, (...) operações extremas e fantasiosas; pelo contrário, o património corrente é frequentemente encarado com algum desprezo e a sua, pelo menos aparente, banalidade ‹‹justifica›› a sua destruição sem remorsos.*[2]

O termo *projeto*, presente no título da dissertação, refere-se a este complexo desafio, atualmente indissociável da Arquitetura enquanto disciplina e da prática profissional do Arquiteto.

Inseridas no projeto de reabilitação arquitetónica, a intervenção nas caixilharias de madeira existentes é uma dos seus maiores desafios, tanto pela importância e peso que as caixilharias exteriores têm na fachada, como pelas diversas problemá-

1 José Aguiar, "Reabilitação ou fraude", in *Revista Património*, n.º 2. Lisboa: DGPC, Novembro de 2014, p. 65.

2 João Appleton, "Património urbano: boas práticas de conservação e reabilitação de edifícios", in *Revista Património*, n.º 1. Lisboa: DGPC, Novembro de 2013, p. 31.

ticas de desenho a si associadas: a mediação interior/exterior, a questão construtiva, a exigência acústica, a exigência térmica, a coerência com o desenho de projeto, a coerência com o desenho original ou a sua reinterpretação.[3]

Completa-se o título da dissertação com a expressão *umbral*[4], pois é o termo que melhor caracteriza a questão da mediação e o limite entre o interior e o exterior. A importância das caixilharias exteriores, que criam esta *"pele"* de proteção, é corroborada por vários autores, por exemplo:

> *... A caixilharia exterior dos edifícios, habitualmente de madeira pintada, tem um papel muito importante a desempenhar no comportamento dos edifícios antigos, na medida em que faz parte da envolvente, ou seja, da "pele" que separa o interior do edifício do ambiente exterior mais agressivo...*[5]

As caixilharias de madeira surgem como objeto de estudo na presente dissertação, enquanto elementos integrantes no processo de reabilitação do edificado. Estes estudos vão igualmente permitindo analisar estratégias e explorar linhas de pensamento do processo projetual de cada arquiteto.

3 *"Além disso havia coisas forçosas que tinham a ver com necessidades contemporâneas, com regulamentos (por exemplo, o isolamento térmico) que tiveram muita influência. Nesse aspecto, o que eu temia era que houvesse uma obrigação de colocar vidro duplo, porque o vidro duplo altera completamente a secção das caixilharias e o espírito das caixilharias tem ali um peso muito grande, como tem aqui no Porto. (...)"* in "Álvaro Siza. O Intérprete Ideal" in *Público*, Agosto de 2013, pp.12-16.

4 "*umbral*, s. m. ombreira (de porta). (Do cast. umbral, «soleira»)" e "*ombreira*, s. f. parte superior do vestuário correspondente ao ombro; elemento de cantaria natural ou artificial colocado lateralmente nas aberturas de janelas ou portas; entrada. (De ombro + -eira)." in *Dicionário* da *Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1989, pp. 1683 e 1191, respetivamente.

5 João Appleton, *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias da Intervenção*. Amadora: Edições Orion, 2011, p. 12.

OBJETIVO

> *Hoje, na reabilitação urbana, como noutros processos, quando se quer fazer um projecto, não se chama primeiro o arquitecto, como ocorria antigamente. Chamam-se primeiro os economistas, fala-se com os bancos, faz-se um estudo económico, e só depois se contacta o arquitecto, que assim passa a ser uma peça secundária nessa reabilitação, hoje encarada como um negócio qualquer. Reabilita-se optando pela solução mais barata, normalmente mantendo a fachada e demolindo o resto. É uma reabilitação inculta, porque encara a fachada tradicional do Porto como uma "máscara" para encobrir open-spaces. É um processo baseado apenas na rentabilidade económica ...*
>
> *AS* [Álvaro Siza] - *As fachadas da Baixa do Porto estão a ficar todas desdentadas...*[6]

Percorrendo a cidade do Porto, observa-se que a maioria dos processos de reabilitação em curso aposta numa solução de substituição integral das caixilharias originais. Ao dar prioridade à questão do desempenho, à rapidez de execução e à economia de meios, as caixilharias originais são, grande parte das vezes, substituídas por caixilharias classificadas do mercado.

Frequentemente, não é considerada a herança histórica do edifício nem caminhos de intervenção alternativos, que permitem conciliar desempenho e valores patrimoniais[7], como é o caso da solução de adição de uma segunda caixilharia. Atualmente existem soluções com uma intenção arquitetónica mais vasta e integra, bem como equipas especializadas, disponíveis para execução de operações de reabilitação[8].

---

6 "Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura entrevistados por Nuno Grande e Anne Wermeille", in *Werk, Bauen+Wohnen* (Revista Suíça de Arquitetura), Julho/Agosto 2012. Disponível em: < https://www.wbw.ch/de/heft/artikel/originaltexte/2012-7-8-entrevista-a-alvaro-siza-e-eduardo-souto-de-moura.html >.

7 *"... garantir o respeito histórico/arquitectónico e a própria integração urbana com melhorias de desempenho."* Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX* (Dissertação de Mestrado). Porto: FEUP, 2006, p. 74.

8 *"a arte da carpintaria e da marcenaria tem, apesar de tudo, subsistido em número e qualidade de praticantes."* João Appleton, op. cit., p. 79.

Os custos geralmente associados à manutenção e reparação da caixilharia, dos elementos de madeira associados e respectivas protecções por pintura, justificam que venham a ser desenvolvidos estudos específicos que permitam consolidar o conhecimento acerca das técnicas construtivas usuais em edifícios antigos, de modo a proporcionar base essencial de apoio às decisões associadas às operações de reabilitação.[9]

O objetivo desta dissertação é documentar o processo, as dúvidas, as decisões e as soluções finais de diversas reabilitações em caixilharias exteriores. É importante referir que não se pretende isolar a intervenção destes elementos da lógica global do projeto de reabilitação: a intervenção nos vãos exteriores resulta sempre de uma análise, de um entendimento, de uma cultura e de um objetivo, variável caso a caso.

Tentaremos perceber a lógica de pensamento seguida em cada um destes casos pelos autores do projeto, de modo a alcançar uma síntese passível de ser utilizada *a posteriori* pela comunidade académica, e também servir de apoio aos profissionais que se confrontarão com este desafio no futuro.

9 Ibidem.

METODOLOGIA

> *Analisar equivale a redescrever. (...) Observar, imaginar e projetar talvez seja o único caminho transitável para nos aproximarmos de uma interpretação da cidade que, ao mesmo tempo, pressuponha uma ideia de transformação e de projeto.*
>
> *Esta mistura de rigor e de invenção poderá lançar alguma luz sobre a, sempre discutida, relação análise/projeto.*[10]

A presente dissertação resulta do acompanhamento de um projeto de intervenção em construção e de uma análise extensiva de problemáticas relacionadas a essa intervenção. Ressalva-se que a situação pandémica que atravessamos condicionou o acesso presencial a arquivos físicos, tendo-se optado por aceder a arquivos digitais, sempre que existentes e disponíveis.

> *... esta casa, com as suas magnificencias de interior e os confortos facilmente deprehensiveis, constitue um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume epochas, estylos e influencias atravez da capacidade e sentimentos nacionaes...*[11]

Toma-se como ponto de partida o projeto de intervenção na Casa Ricardo Severo (Rua de Ricardo Severo, 48, 4050-460 Porto), construída pelo seu proprietário Ricardo Severo (Engenheiro, Arqueólogo e Político) entre 1903-1904 e devoluta atualmente. O acompanhamento, passo-a-passo, deste projeto de intervenção, lança as várias vertentes da investigação conduzida para a elaboração desta dissertação.

Note-se que, para além do acompanhamento da intervenção na Casa Ricardo Severo, foram paralelamente conduzidas investigações para adquirir as bases teóricas, históricas e técnicas, de modo a intervir nas caixilharias de madeira existentes na Casa, bem como para a concretização deste documento.

10 Alexandre Alves Costa, "Lugares praticados *versus* lugares de memória" in *Revista Património*, nº 1. Lisboa: DGPC, Novembro de 2013, p. 10.

11 António Rocha Peixoto, "A Casa Portugueza" in *Revista Serões*, nº 4, Outubro, 1905, p. 322.

Numa fase inicial da dissertação procurou-se trabalhar e analisar a bibliografia selecionada, que inclui não só obras bastante difundidas no domínio da arquitetura, sobre reabilitação e património, como também obras de cariz mais específico, sobre caixilharias de madeira ou relativas à sociedade portuense no início do século XX.

Simultaneamente, foram sendo consultadas outras intervenções no edificado existente já construídas de diversos arquitetos. Ao analisar estas obras e processos, foi-nos possível cruzar diferentes estratégias em paralelo com os caminhos a seguir no caso da Casa Ricardo Severo.

A enorme diversidade e quantidade de vãos exteriores existente na Casa Ricardo Severo, cada qual com a sua exigência térmica e acústica, com diferentes programas associados, tornam este edifício ideal para o nosso estudo. Ao acompanhar cada etapa deste projeto, foi possível documentar as diversas opções e soluções de reabilitação, vão a vão, de forma a dar resposta ao que é exigido pelo programa, sempre tendo em conta o diagnóstico e as especificidades de cada janela.

ESTRUTURA

O primeiro capítulo reúne o enquadramento histórico, construtivo e arquitetónico que alicerça o tema desenvolvido na dissertação. Neste capítulo, referencia-se o que existe publicado sobre património, reabilitação do edificado existente e reabilitação de caixilharias de madeira.

No segundo capítulo, exploramos três intervenções no edificado existente, documentando as opções dos arquitetos em três projetos de referência. É ainda realizada uma análise da reabilitação das caixilharias de madeira existentes em cada edifício e são cruzadas as estratégias das diferentes intervenções, com o auxílio dos pormenores construtivos da solução final de cada obra.

No terceiro e último capítulo aborda-se o caso concreto da reabilitação em curso na Casa Ricardo Severo, no Porto. Iniciamos com uma breve biografia do seu primeiro proprietário e construtor, Ricardo Severo, que transpõe a sua experiência pessoal e profissional na sua obra arquitetónica. É apresentado o caso de estudo, a Casa Ricardo Severo, da contextualização histórica e social da época em que foi construída à descrição arquitetónica, passando pela inserção do edifício na Campanha pela "Casa Portuguesa". Para finalizar, apresenta-se o projeto de reabilitação em curso para a Casa Ricardo Severo da autoria da CPrata Arquitetos, o processo de reabilitação das caixilharias de madeira existentes no edifício, passo-a-passo, e a solução aprovada pelo cliente e em vias de ser construída.

As considerações finais surgem enquanto elemento unificador dos vários ângulos presentes ao longo da dissertação. Para além de uma síntese global, é realizada uma reflexão crítica sobre o projeto e o intervir no edificado existente - mais concretamente, sobre o processo de intervenção no umbral - e sobre as questões levantadas pela investigação conduzida.

CAPÍTULO 1
SOBRE PATRIMÓNIO, REABILITAÇÃO E CAIXILHARIAS DE MADEIRA

1. SOBRE PATRIMÓNIO, REABILITAÇÃO E CAIXILHARIAS DE MADEIRA

> *(...)* ***Resta pouco tempo para a salvaguarda.*** *Depois, poderemos criar, mas é hoje somente que podemos preservar (...)* [1]

A radicalidade e atualidade das palavras de John Ruskin, escritas no Verão de 1854, é desconcertante. *Hoje vemos o futuro com apreensão, entre a anestesia do consumo e algum pessimismo ecológico*[2]. Em pleno século XXI, a reabilitação de edifícios existentes faz parte do dia a dia de milhares de profissionais, no entanto, as questões do património, tão amplas e complexas, continuam a suscitar opiniões controversas e contrárias.

> *Apesar de existir uma preocupação crescente com a reabilitação dos centros históricos e do património edificado em geral, verifica-se que uma enorme percentagem de operações de reabilitação não é enquadrada por uma reflexão, diagnóstico ou projecto atento às especificidades de cada caso. Frequentemente os resultados são desastrosos.*[3]

Não sendo possível *(...) imprimir de novo nas areias do tempo as marcas apagadas das gerações desaparecidas (...),* nem existindo alguém com o poder *(...) de fazer ressurgir do pó as pedras que foram marcadas no canto do espírito dos nossos antepassados*[4], toda e qualquer intervenção no existente acarreta uma grande responsabilidade. Qualquer arquiteto, técnico ou promotor que pretenda intervir no construído tem de estar consciente que irá deixar a sua marca na história de determinado lugar, ao contribuir para a sua herança arquitetónica.

---

1 John Ruskin, "A abertura do Crystal Palace considerada do ponto de vista da sua relação com o porvir da Arte" in *Smith, Elder & C.ª*, 1854. Apud., Françoise Choay, *As Questões do Património.* Lisboa: Edições 70, 2011 (tradução; 1.ª ed. 2009), p. 171.

2 José Aguiar, *Cor e cidade histórica, Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: FAUP, 2005. (1.ª ed. 2002), p. 25.

3 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX* (Dissertação de Mestrado). Porto: FEUP, 2006, p. 1.

4 John Ruskin, op. cit. Apud., Françoise Choay, op. cit., p.171.

> *Modificar um monumento provocando a sua* ***metamorfose*** *será compreender plenamente a sua configuração, apreciar os seus valores e diagnosticar as suas deficiências no âmbito de uma interpretação arquitetónica satisfatória. Mas também significa aplicar recursos compositivos, formais, especialmente cuidadosos, tanto em termos do seu significado em relação à obra em que estamos a atuar, como em termos da sua própria natureza. Instrumentos que deem resposta, com uma nova configuração, tanto às carências do antigo como ao respeito pelas suas qualidades.*[5]

Com o intuito de construir alicerces teórico-práticos para participar de forma ativa no projeto de intervenção da casa Ricardo Severo, surge este primeiro capítulo da dissertação.

Procurar-se-ão tratar, concisamente, algumas das várias problemáticas associadas à evolução do conceito de património e às teorias e práticas da reabilitação de edifícios, bem como as especificidades inerentes à reabilitação de caixilharias de madeira existentes. Esta síntese, frequentemente apresentada em torno das várias questões do património, é essencial para a construção de uma consciência crítica sobre o tema e garantir um enquadramento histórico, teórico e construtivo completo.

> ***O problema do património é o de não se saber o que é, o que lhe fazer, o muito ou o pouco préstimo que pode ter.*** *Talvez por ser* ***o futuro tão incerto*** *e ameaçador e* ***o presente uma vertigem****, seja cada vez mais problemática a construção do passado e das suas infindáveis narrativas identitárias e memórias coletivas que desaguam em patrimónios.*[6]

5 Antón Capitel, *Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración.* 2ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2009 (1.ª ed. 1988), p. 13.

6 Álvaro Domingues, "Patrimónios Desamparados", in *Revista Património*, n.º2. Lisboa: DGPC, Novembro de 2014, p. 8.

1.1. DO PATRIMÓNIO

"PATRIMÓNIO

O que caracteriza o património cultural de um país é o seu carácter intrinsecamente irreal, simbólico. O seu capital ou a sua essência é de ***ordem memorial****. Quer dizer, a sua capacidade de escapar ao tempo que o viu nascer, por suscitar em épocas futuras não só uma emoção e um sentido análogos aos que incarnaram quando surgiram, mas uma espécie de aura imortalizante, suplementar, de um passado mais fulgurante que o puro presente.* ***Todas as obras humanas têm o seu tempo contado. Mas não da mesma maneira. Aquelas que camoneanamente nos existem para lá do fogo que as consome, escapando ‹‹à lei da morte››, são justamente aquele fantástico panteão memorial de nós mesmos que chamamos ‹‹património››****: aquelas obras que com intenção ou sem ela encarnaram a pulsão e a paixão da imortalidade que as criaram ou inventámos para ser imaginariamente os deuses que não somos.*

Desde os tempos mais obscuros os homens deixaram e confiaram às mais perduráveis matérias, sílex, bronze, mármore, o poder de residir ao tempo e figurar os deuses sem morte que sonhamos. Que são por essência os guardiões da cidade humana. Desse diálogo sem mais interlocutores que nós mesmos como deuses supostos nasceram os ídolos de que fiamos a nossa salvação, os tempos a que antes de mais rezamos a nós próprios, a prodigiosa procissão de imagens e estátuas, cartas, livros, poemas que constituem a única Odisseia da alma humana e, uma vez inventada, a pátria ou a memória coletiva a que chamamos Património. Pátria nossa e pátria de todas as culturas, que a humanidade é uma só. Das estátuas imemoriais da Babilónia sacrificadas à loucura fanática de bárbaros de uma espécie desconhecida, recebemos a mesma ferida incurável que receberíamos se os nossos Jerónimos pátrios se convertessem em cinza. ***Património é tudo o que de século em século se conserva como se fosse uma única chama o esplendor nenhum e sem fim do nosso coração imperecível e prometido à morte.“*** [1]

1 Eduardo Lourenço, "Património" in *Revista Património*, n.º 3. Lisboa: DGPC, Dezembro de 2015, p. 54.

1.1.1. DA VALORIZAÇÃO DO ANTIGO À SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO

1.1



1.2



1.1 - Panteão, em Roma. Construído entre os anos 118 e 128, o edifício foi utilizado durante toda a sua história e é uma das estruturas romanas melhor preservadas.
1.2 - Coliseu de Roma.

*Essas pedras – **património, herança, testemunho ou memória** –, existiram antes de nós (...) e, provando as capacidades da arquitectura, deveriam sobreviver-nos, abrigando ainda muitos homens depois do nosso tempo. Deviam, não por fetiche arqueológico ou por serem muito antigas, mas porque lhes reconhecemos as qualidades de sempre (a luz, o espaço, o volume, a misteriosa proporção, o engenho ou o acerto do detalhe); e então queremos guardá-las como prova...*[1]

É possível constatar, nas várias publicações dedicadas às questões do património, que o início da investigação se desenvolve em torno da evolução do conceito de *património*. O pleonasmo de ideias, causado por uma preocupação comum aos vários autores, é justificado pela volubilidade constante que o conceito apresenta desde a sua origem, no final do século XVIII, até aos dias de hoje. No entanto, é possível, *(...) apontar antecedentes ligados à admiração pelas criações dos antepassados, ao interesse em coleccionar ou ao respeito por algumas construções desde a mais remota antiguidade*[2], muito antes da criação do conceito de *Património*.

Já os Atálidas e Romanos pilhavam os Gregos, numa tentativa de apropriação da sua cultura, que invejavam. Na Idade Média, é atribuído um *(...) valor quase mágico (...) aos vestígios da Antiguidade*[3]. Os monumentos deixados pelos Romanos (Figuras 1.1, 1.2 e 1.3), são, ingenuamente, cristianizados e, *(...) sem hesitações nem escrúpulos*[4] *(...),* apropriados ou fragmentados, reutilizados enquanto elementos para novas construções.

Pelo contrário, em Roma, antiga capital do Império Romano, *(...) a cultura clássica transmitida pelos patrícios convertidos continuava (...) ainda viva.*[5] A existência simultânea de

1 Manuel Graça Dias, "A Prova", in JA, Jornal dos Arquitectos n. 213, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Nov./Dez. 2003, p. 3.

2 Enrique Saiz Martin, "Hacia un nuevo modelo – sostenible y social – de gestion de património cultural" in *Revista Património*, n.º 2, Lisboa: DGPC, Novembro. 2014, p. 17.

3 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, p. 39.

4 Ibidem, p. 41.

5 Ibidem, p. 43.

monumentos cristãos da época, como a Basílica de São Pedro, e de pedaços da antiguidade clássica, como o Coliseu e o Fórum Romano (Figura 1.4 e 1.5), possibilitava a diferenciação entre as duas tradições, concedendo o distanciamento necessário para a valorização os monumentos da Antiguidade.

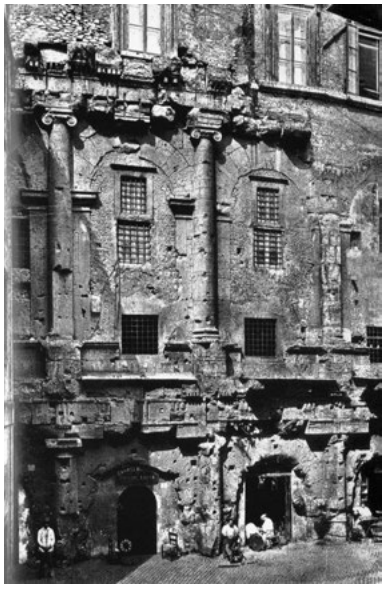
> *É neste contexto mental, nestes locais e sobre a dimensão plural de* ***‹‹antiguidades››*** *que se deve situar o* ***nascimento do monumento histórico****.*[6]

Na fase do *Quattrocento*, no século XIV, surgem as primeiras medidas regulamentares, ordenadas pelo Papado[7], com vista à preservação dos monumentos, no entanto, (...) o*s monumentos antigos nunca deixaram de ser utilizados como pedreiras para alimentar a política de novas construcções dos papas*[8].

Apesar de todo o diálogo e aprendizagem alcançados na época do *Quattrocento*, o fato de se ter alcançado a consciência do duplo valor histórico e artístico dos monumentos da antiguidade, *(...) não implicou a sua conservação efectiva e sistemática. A Roma do século XV é, nesta matéria, caracterizada por uma ambivalência notável.*[9]

> *(...) é, sem dúvida, vergonhoso não poupar as obras dos antigos, (...) destruir, demolir e arrasar completamente o que quer que seja, em qualquer parte, deve ser uma opção a pôr de lado, sempre.*[10]

É importante referir o contributo de Leon Battista Alberti, que nos deixa uma síntese (...) *entre o olhar erudito e o olhar artístico*[11], na sua obra *De re aedificatoria*, representada



1.3



1.4



1.5

1.3 - *Teatro di Marcello* em Roma, por volta de 1880. O teatro foi tapado e ocupado desde a Idade Média, por famílias e artesãos.
1.4 - Fórum Romano, Janeiro de 2019.
1.5 - Crucifixo adicionado ao Coliseu, e, ao fundo, o Arco de Constantino, Janeiro de 2019.

6 Ibidem, p. 44.

7 *"A liderança e o controlo das iniciativas de conservação na Itália renascentista cabiam directamente aos papas"*. José Aguiar, *Cor e cidade histórica...,* p. 35.

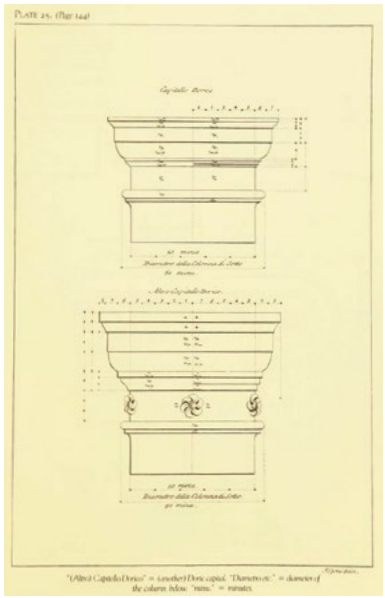
8 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, p. 56.

9 Ibidem, p. 52.

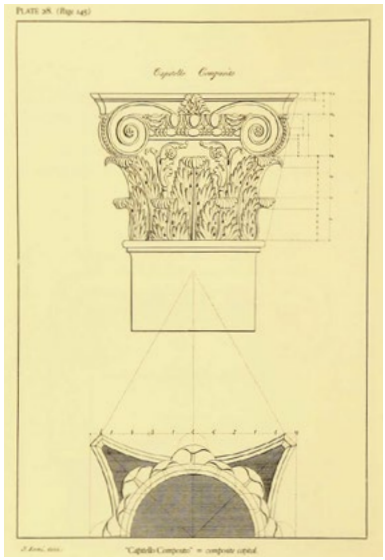
10 Leon Battista Alberti, *Da Arte edificatoria*, (trad. Arnaldo Espírito Santo e Mário Krüger), Lisboa:FCG, 2011 (1ª ed. 1485), p. 233.

11 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, p. 51.

1.6



1.7



1.6 - Capitel Dórico.
1.7 - Capitel Compósito.

na Figura 1.6 e 1.7. Nos textos de Alberti, de 1485, já é possível identificar uma preocupação relativa à intervenção na arquitetura existente[12] - enquanto operação que permite recuperar os valores do passado - no entanto, esta atividade só passou a ser realizada de forma (quase) sistemática no século XIX, altura em que se estabeleceram alguns princípios de intervenção.[13]

> *Diversos estudiosos da história da conservação apontam a **Revolução Francesa**, (...) como o momento da origem da moderna jurisprudência para a salvaguarda do património.*[14]

Após a Revolução Francesa e a par da Revolução Industrial surgiram, por iniciativa do estado, as primeira ações de salvaguarda dos monumentos: *(...) quando começa o sonho da cidade moderna, revaloriza-se a cidade que irá desaparecer, a cidade antiga.*[15]

Institucionalizado o objetivo da salvaguarda levantam-se questões para as quais importava encontrar resposta (...)[16], era necessário decidir que monumentos preservar, qual o seu valor e de que forma assegurar a proteção desses valores. São criados processos de inventariação e de classificação dos monumentos, o que se traduziu no aumento exponencial do número de edifícios e objetos classificados: *O número de monumentos classificados em França, passou de 943 em 1840, para 3000 em 1849.*[17]

12 "*A proposta de Alberti desenvolve-se de acordo com três hipoteses:*
(i) continuar o monumentos no estilo primitivo;
(ii) tentar uma simbiose entre o estilo antigo e as linguagens contemporâneas, desenvolvendo um adequado projecto de transofrmação e correcção estética;
(iii) ocultar ou recobrir a estrutura antiga sob uma nova membrana, uma nova fachada, de linguagem actualizada." José Aguiar, *Cor e cidade histórica ...*, p.36.

13 Antón Capitel, *Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración*, p. 19.

14 José Aguiar, *Cor e cidade histórica ...*, p. 36.

15 José Aguiar, "Reabilitação ou Fraude?", in Revista Património n. 2, Lisboa: DGPC, Nov. 2014, p. 56.

16 José Aguiar, *Cor e cidade histórica ...*, p. 37.

17 José Aguiar, *Ibidem*, p. 37.

1.8

LISTED CULTURAL HERITAGE

2009 RITUAL CEREMONIES Veracruz State, Mexico

1999 BATTLEFIELDS WWI Tranchées, Bouconville-Vauclair, France

1998 SKI RESORTS Courchevel, France

1997 CONCENTRATION CAMPS Auschwitz, Poland

1993 DEPARTMENT STORES Colwell Dept. Store, USA

1993 FACTORIES Engelsburg Ironworks, Sweden

1980 AMUSEMENT RIDES Coney Island Parachute Jump, New York, USA

1979 OFFICE BUILDINGS Flat Iron Building, New York, USA

1966 BRIDGES Brooklyn Bridge, New York, USA

1872 NATURAL LANDSCAPES President Ulysses S. Grant signs the Act of Dedication, creating Yellowstone National Park, USA

1844 RELIGIOUS BUILDINGS Notre Dame restored, France

1811 ANCIENT MONUMENTS The Commission des embellissements de la ville de Rome provides a budget for preservation of Roman antiquity.

1853 HISTORIC TOWN CENTRES The Cité de Carcassonne is protected and restored under the supervision of Viollet-le-Duc

1896 HOUSES The Clergy House, UK

1966 LIGHT HOUSES Boston Light, USA

1975 CEMETERIES Mount Auburn Cemetery, Cambridge, Mass., USA

1979 RAILWAYS Avon Valley Railway, UK

1982 ISLANDS Aldabara Atoll, Seychelles

1990 CASINOS Water Witch Club Casino, New Jersey, USA

1995 CULTURAL LANDSCAPES Rice Terraces, Philippines

1996 DAMS Bosméléac, France

2002 HIGHWAYS Long Island Parkway, New York

2008 ORAL HERITAGE Gelede, Togo

Monuments	Buildings	Buildings & Setback	Districts	Natural Landscapes	Cultural Landscapes	Mixed Natural / Cultural Landscape	Planetary Bodies
Commission des embellissements de la ville de Rome	Notre Dame (France) restored by Viollet-le-Duc	French law stipulates 100m area around major monuments	SoHo (New York) designated historic landmark	Great Barrier Reef (Australia) designated World Heritage Site (34,870,000 ha)	Blaenavon Industrial Landscape (UK) designated World Heritage Site (3,290 ha)	Rhaetian Railway and Albula / Bernina Landscape (Switzerland) designatedWorld Heritage Site (11,000 ha)	Dr. Beth O'Leary (US) proposes designating Apollo XI moon landing a National Historic Site
1811	1844	1913	1973	1981	2003		2050

1.9

400 BC

1882
Ancient Monuments Protection Act

The Ancient Monuments Protection Act 1882, introduced by Sir John Lubbock, recognises the need for governmental administration for the protection of ANCIENT MONUMENTS. The 68 monuments listed are mostly unoccupied prehistoric structures such as dolmens, stones circles, barrows and pillars.

1712

1913
Ancient Monuments Consolidation and Amendment Act

The Ancient Monuments Consolidation and Amendment Act expands the definition of the monument to "any structure, erection, or monument, of architectural or historic interest". It allows the inclusion of ROMANO-BRITISH AND MEDIEVAL MONUMENTS through the establishment of Royal Commissions.

1953

1983
National Heritage Act
Dept. of the Environment Circular 8/87

The National Heritage Act establishes English Heritage as the government's lead advisor on the built environment. The Department of the Environment later removes the 1939 ceiling on listing buildings. It introduces the THIRTY YEAR RULE, by which any building older than this can be considered for listing.

2007

2007
Planning Policy Guidance Note 15
Planning and the Historic Environment

The 2007 revision of the Planning and Policy Guidance of the Historic Environment defines NO LIKELY PERIODS OF INTEREST as absolute. Buildings less than thirty years old can be listed if they are of outstanding quality and under threat.

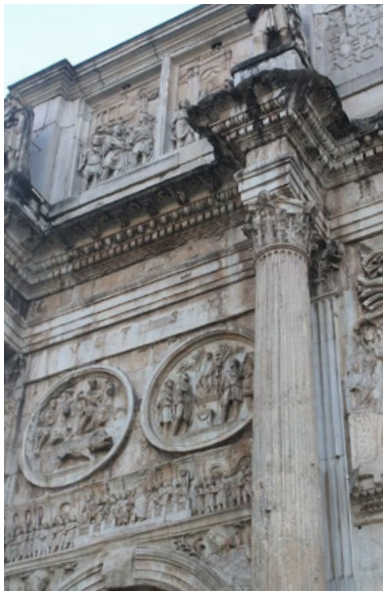
Prospective?

Prospective preservation predefines a building's status as monument, ensuring a building's longevity and protection even BEFORE IT IS PHYSCIALLY MANIFESTED.

The interval between the now and the preserved is shrinking, and is about to disappear. From this moment, we do not only have to look back, but also forward; we will have to decide what to preserve in advance...

1.1.2. CULTURA DA CIDADE E A VALORIZAÇÃO DO EDIFICADO EXISTENTE

1.10



1.11



1.8 - Expansão do domínio de Património Cultural, evolução cronológica. OMA, exposição *CRONOCAOS*, Bienal de Veneza de 2010.
1.9 - Relação entre os bens classificados e a sua antiguidade, ao longo do tempo. Atualmente, é possível classificar edifícios com menos de 30 anos, caso sejam de qualidade excecional e se encontrem em perigo. OMA, painel da exposição *CRONOCAOS*, Bienal de Veneza de 2010.
1.10 - Pormenor do Arco de Constantino, inaugurado em 315, o último e maior dos arcos triunfais construídos em Roma. Janeiro de 2019.
1.11 - Recanto escondido pelo *Arco degli Acetari*, perto do *Campo di Fiori* em Roma, Fevereiro de 2019.

Da Revolução Francesa ao final da Segunda Guerra Mundial, *(...) o número de bens inventariados tinha sido multiplicado por dez, mas a sua natureza não tinha mudado quase nada*[18], continuando a manter um caráter erudito (histórico e arqueológico). Para além dos monumentos já inventariados (como, por exemplo, o Arco de Constantino, presente na Figura 1.10), as diferentes formas de edificar, *(...) foram anexadas sob novas denominações:*

> *- arquitectura **menor*** [Figura 1.14]*, expressão oriunda de Itália para designar as construções privadas não monumentais, muitas vezes erguidas sem o concurso de arquitectos;*
>
> *- arquitectura **vernacular**, expressão oriunda de Inglaterra usada para distinguir os edifícios característicos dos diversos territórios;*
>
> *- arquitectura **industrial** das fábricas, das estações, dos altos-fornos, reconhecida em primeiro lugar pelos Ingleses.*[19]

O **domínio patrimonial** deixou assim de designar apenas edifícios individuais, compreendendo, (...) *daqui em diante, os **conjuntos edificados** e o **tecido urbano**: quarteirões e bairros urbanos, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjuntos de cidades, como o demonstra ‹‹a lista›› do Património Mundial estabelecida pela Unesco*[20] (Figura 1.8).

> *A **cidade** e as arquiteturas antigas são palimpsestos e contêm dentro de si estratos, sedimentos, testemunhos dos diversos tempos, registando permanências de longo prazo ou alterações e lacunas produto de cataclismos ou da ação do homem.*[21]

18 Françoise Choay, *Alegoria do Património,* p. 12.
19 Ibidem, p. 12.
20 Ibidem, p. 12 - 13.
21 José Aguiar, "Reabilitação ou fraude", in *Revista Património*, n.º 2. Lisboa: DGPC, Novembro de 2014, p. 66.

Relativamente ao processo de reconhecimento da cultura da cidade e a sua salvaguarda, é importante referir os contributos de John Ruskin, Camillo Sitte e Gustavo Giovannoni, autores de três culturas patrimoniais distintas, Inglaterra, Áustria e Itália, respetivamente.

> *(...)* ***Há um altar na habitação de cada humano*** *(...) a verdadeira arquitectura doméstica, que está na origem de todas as outras, que não hesita em tratar com respeito e atenção a pequena habitação da mesma maneira que a grande, e que confere a diginidade de uma condição humana plenamente satisfeita às mais humildes residências terrestres (...).*[22]

Ruskin enriquece o conceito de monumento histórico, ao considerar a habitação de cada homem - a arquitetura doméstica (representada nas Figuras 1.12, 1.13 e 1.14) - tão digna do conceito como os grandes monumentos. O autor inglês é o primeiro, seguido de William Morris, a sublinhar a importância das *(...)* ***arquitecturas anónimas e vernáculas*** *que, ao longo de gerações, construíram a arquitetura da cidade (e do campo)*[23]. Apesar das suas teorias radicais, *(...) Ruskin sonha também com a continuidade do tecido formado pelas habitações mais humildes*[24].

Camillo Sitte, autríaco, estabelece vários estudos *(...),* ***in situ****, de dezenas de cidades antigas.*[25] O autor reconhece a importância das cidades antigas, que contextualizam e integram os monumentos[26], porém, considera-as parte do passado, inadaptadas às exigências das sociedades modernas. A cidade antiga, considerada "objeto histórico" por Sitte, tinha *(...) reservado o papel de museu, de contentor da cultura histórica e do prazer*



1.12



1.13



1.14

1.12 - "Pormenor do casario de Miragaia, ao alto a Casa das Sereias", Porto, 1990.
1.13 e 1.14 - <<Ilhas>> e casas do Porto.

22 John Ruskin, "Capítulo 6. <<A Lâmpada da Memória>> in *As Sete Lâmpadas da Arquitectura*. Londres: J. M. Dent and sons, 1849. Apud., Françoise Choay, *As Questões do Património*, p. 160.

23 José Aguiar, "Reabilitação ou fraude", p. 58.

24 Françoise Choay, *Alegoria do Património,* p. 149.

25 José Aguiar, *Cor e cidade histórica* ..., p. 82.

26 *"Uma construção isolada desta maneira permanecerá sempre como uma torta exposta sobre uma bandeja"*. Camillo Sitte, *A construção da cidade segundo seus princípios artísticos*, 1889 (tradução brasileira, Editora Ática, 1992), p. p. 42. Apud., José Aguiar, op. cit., p. 83.

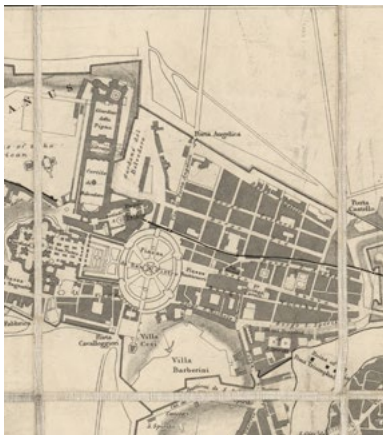
1.15



1.16



1.17



1.15 - Roma, Itália, 1901.
1.16 - Giovannoni opunha-se à demolição da *Spina di Borgo*, necessária para a abertura da *Via della Conciliazione*. Os edifícios entre a Basílica de São Pedro e o Castelo Sant'Ângelo foram demolidos em 1936 e a nova via foi inaugurada em 1950.
1.17 - Planta de Roma, Londres, 1856.

estético.[27]

O italiano Gustavo Giovannoni, por oposição, considerava que existia espaço para a "inovação" na cidade antiga, defendendo a sua conservação e adaptação às necessidades correntes, "antecipando" o conceito moderno de reabilitação. Assim, importa destacar Giovannoni, enquanto estruturador do *(...) conceito ‹‹património urbano››*[28], de maneira a possibilitar a identificação do edificado em estudo na presente dissertação.

> ***Uma cidade histórica constitui em si um monumento**, quer pela sua estrutura topográfica, quer pelo seu aspecto paisagístico, quer ainda pelo conjunto dos seus edifícios maiores e menores. Seria igualmente conveniente aplicar leis de protecção e os mesmos critérios de restauro, de levantamento, de reconstrução e de inovação.*[29]

A título de exemplo, refere-se a demolição da *Spina di Borgo*, necessária para a abertura da *Via della Conciliazione* (apresentada nas Figuras 1.15, 1.16 e 1.17), refutada por este autor. Para Giovannoni, a arquitetura menor era parte integrante de um **monumento coletivo**: o **conjunto urbano**, pelo que deveria estar sujeita a leis de proteção e a critérios de restauro, semelhantes aos já existentes para outros monumentos. No mesmo ano (1931) em que publica a sua obra *Vecchie città ed edilizia nuova*, Giovannoni vê a sua visão transposta para a primeira Carta de Atenas do Restauro.

> *Não se trata mais (...) de atribuir, ou não, um valor de monumento a um edifício e de aplicar as medidas de estudo e de conservação apenas às obras mais importantes e mais belas; **também as obras secundárias devem beneficiar desses privilégios**, quando apresentem interesse, tanto em razão de seu carácter coletivo ou das*

27 José Aguiar, op. cit., p. 83.

28 José Aguiar, "Reabilitação ou fraude", p. 58.

29 Gustavo Giovannoni, *Vecchie città ed edilizia nuova*. Turim: Unione tipografico-editrice, 1931, p. 140. Apud., Françoise Choay, *Alegoria do Património,* p. 150.

suas relações com edifícios mais grandiosos, quanto pelos testemunhos que elas nos trazem da arquitetura corrente de diversas épocas.[30]

A Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios, de 1964, recupera as ideias de Ruskin quase um século depois, estendendo a noção de monumento histórico também à arquitetura anónima e vernacular.

Art.º 1.º

A noção de monumento histórico engloba a criação arquitetónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização em particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural.[31]

É importante mencionar, também, a Carta Europeia do Património Arquitectónico, de 1975, *(...) onde é reconhecido o valor cultural dos edifícios antigos integrados em cidades, vilas e aldeias, e se desenvolve o conceito de conservação integrada (articulando valores patrimoniais, sociais e urbanos)*.[32]

Finalmente, é importante referir o recente contributo da Carta de Cracóvia de 2000, que responsabiliza cada comunidade pela gestão do seu património e alerta para os perigos do turismo cultural (Figura 1.20 e 1.21). É possível afirmar, em suma, que os documentos, convenções e autores referenciados contribuíram para a inserção do **edificado corrente** na discussão em torno do *património*.

1.18



1.19



1.18 - *Piazza dell'Anfiteatro*, Lucca, Itália.
1.19 - *Via Roma*, Nápoles, Itália, 1900.

30 Gustavo Giovannoni, "La restauration des monuments en Italie" in A.Vv., *La conférence d'Athènes: sur la conservation artistique et historique des monuments 1931*, (F. Choay, ed. e prefácio), Paris: Éditions de L'Imprimeur, 2002, p. 57.

31 *Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios*, 1964. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/

32 Nuno Valentim Lopes, *Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea. Sobre práticas de reabilitação no edificado corrente* (Tese de Doutoramento). Porto: FAUP, 2015, p.16.

1.1.3. O CONCEITO DE PATRIMÓNIO

1.20



1.21



1.20 - Isadora Duncan fotografada por Edward Steichen em 1921, Atenas, Grécia.
1.21 - Torre de Pisa, Novembro de 2018.

> *Ora, vimos que as ‹‹antiguidades››, uma vez promovidas a ‹‹monumentos históricos››, foram objecto de uma protecção institucional, que tende à museificação e que é, agora, globalmente transferida para o ‹‹património››.*[33]

Considerado um conceito "nómada" por Françoise Choay, o "*Património"* consiste na compilação, ao longo do tempo, das várias reflexões e contributos que *(...) devem ser avaliados nas circunstâncias em que foram criados e somados na sua positividade*[34].

> ***A consciencialização de que a noção actual de património se afastou definitivamente da matriz original do monumento histórico**, agora considerado como um dos seus elementos individuais, teve como consequência mais evidente o seu **questionamento enquanto conceito** que até aqui categorizou a associação que a sociedades estabeleceram entre determinados objectos e actividades e os valores em que fundamentaram as respectivas memórias e identidades.*[35]

Para além da volubilidade do conceito, Álvaro Domingues, geógrafo e professor na FAUP, considera ainda *(...) que não há clareza sobre quem são os grupos sociais que ‹‹inventam›› ou legitimam (e o modo como o fazem) os valores patrimoniais.* Segundo o autor, *(...) as crises de autoridade, os interesses em presença, os argumentos usados para legitimar a importância do bem, etc.*[36], são facilmente percetíveis a partir das polémicas categorias de património dos últimos anos, como por exemplo *(...) o património industrial ou o património rural.*[37]

Em contínua atualização, o conceito *Património* abrange,

33 Françoise Choay, *As Questões do Património*, p. 44.

34 Maria João Neto, *Memória, Propaganda e Poder: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*. Porto: FAUP, 2001, p. 55.

35 Françoise Choay, *Património e mundialização*. (trad. Paula Seixas). [S.L.]: Editora Licorne, 2005 p, 9.

36 Álvaro Domingues, "Patrimónios Desamparados", p. 10.

37 Ibidem, p. 10.

hoje em dia, novas disciplinas e engloba diversos **significados, categorias e valores**[38], que, ligados entre si, definem uma entidade cultural. Segundo a Carta de Cracóvia de 2000,

> ***Património****: é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica.* ***A identificação e a valorização destas obras como património é, assim, um processo que implica a selecção de valores****.*[39]

Tendo em conta a abrangência atual do conceito de *património*, é possível identificar, indubitavelmente, a categoria *(...)* ***"edificado corrente com valores patrimoniais"***[40], na qual se inserem os casos de estudo analisados na presente dissertação.

É importante, por fim, sublinhar que cada preexistência, enquanto objeto isolado, não pode ser classificada enquanto *Património*. A habitação existente (Figura 1.22), apesar de não se assumir enquanto objeto patrimonial, **possui valor patrimonial** pela sua relação com um conjunto considerado de valor.

> *(...) o património não o é em si, não é um dado ou um "facto"; é um construído, um produto de um discurso, de uma decisão patrimonializadora.*[41]



1.22

38 *"(...) valores como integridade, trama, parcelário, funções, organização do espaço, cor, luz, usos e todos os aspectos imateriais que explicam e dão sentido a cada uma das partes do edifício."* Enrique Saiz Martin, "Hacia un nuevo modelo – sostenible y social – de gestion de património cultural", p. 18.

39 *Carta de Cracóvia: Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído*, 2000, p. 5. Disponível em: < http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf >

40 Nuno Valentim Lopes, op. cit., p. 16.

41 Álvaro Domingues, "Patrimónios Desamparados", p. 11.

1.25 - Vista da Calçada da Vandoma, no Porto, destacando-se a Igreja da Sé, 1940.
1.26 - Pormenor da cheia de 1962. Casas em Miragaia, no Porto.

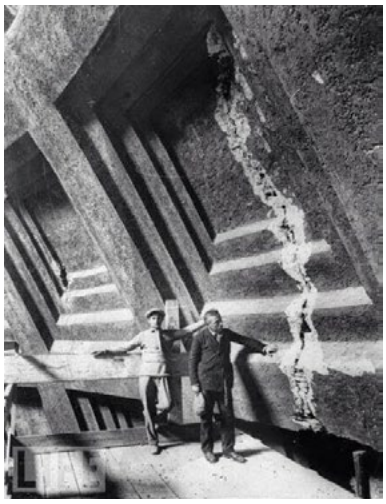
1.25



1.23



1.24



1.26



1.22 - Panteão na *Piazza della Rotonda*, Roma, [1890-1906].
1.23 - Rachaduras na cúpula do Panteão. Obras de restauro, 1925.
1.25 - *Fondazione Querini Stampalia,* Venea.
1.26 - Alçado Parcial do *Museo Nazionale Romano, Crypta Balbi*, Roma.

1.2.1. IDENTIFICAÇÃO DE VALORES NO EDIFICADO EXISTENTE

Compreender a evolução do conceito *património* é essencial para uma intervenção consciente e crítica no edificado existente, no entanto, *(...) a **identificação do valor** na pré-existência esteve (e estará) sempre na **base** do debate em torno do projecto no edificado construído*[42].

> *A escalpelização deste tema vital foi a grande contribuição teórica de Aloïs Riegl (1858-1905) para a história da conservação.*[43]

Aloïs Riegl, publica, em 1903, *(...) um pequeno texto contendo um profundo raciocínio crítico sobre o significado da noção de monumento: **O culto moderno dos monumentos***[44]. O historiador austríaco estabelece, *(...) a base da reflexão contemporânea sobre a identificação do valor da obra arquitetónica.*[45]

Relacionando os valores de Riegl com o raciocínio seguido por Nuno Valentim na sua Tese de Doutoramento, é possível enquadrar o **edificado corrente com valores patrimoniais** - em estudo na presente dissertação - na categoria de **monumento não-intencional**, ou seja, toda as obras de mão humana construídas sem *(...) o fito determinado de conservar sempre presentes e vivos na consciência das gerações seguintes feitos ou destinos humanos particulares*[46].

A análise de Riegl, *(...) estruturada pela oposição de duas categorias de valores*[47], divide-se entre **valores memoriais** (que dizem respeito ao passado e à memória, como o valor histórico/artístico ou o valor de antiguidade) e **valores contemporâneos** (que pertencem ao presente, como o valor de uso ou o valor artístico relativo), como é possível verificar nas Figuras 1.27 e 1.28. Segundo o historiador austríaco, estes valores possuem exigências simultâneas e contraditórias, que muitas vezes

1.27

Valores memoriais (*Erinnerungswerte*)
Valor de memória ou de lembrança (só aplicável ao monumento intencional)
Valor histórico (só aplicável ao monumento histórico)
Valor para a história da arte (implícito na definição de monumento histórico)
Valor de antiguidade *(Alterswert)* (só aplicável ao monumento histórico)

1.27 - Valores Memoriais. "Categorias de valores dos monumentos", inventário segundo Aloïs Rigl. Esquema da autoria de José Aguiar.

42 Nuno Valentim Lopes, *Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea...*, p. 18.

43 José Aguiar, *Cor e cidade histórica ...*, p. 48.

44 José Aguiar, op. cit., p. 48.

45 Nuno Valentim Lopes, op. cit., p. 18.

46 Aloïs Riegl, *O Culto Moderno dos Monumentos,* Lisboa: Edições 70, 2013, tradução para português, p. 9.

47 Françoise Choay, op. cit., p. 170.

1.28 **Valores contemporâneos (*Gegenwartswerte*)**

Valor de uso (aplicável ao monumento intencional e monumento histórico)
Valor artístico relativo (aplicável ao monumento histórico)
Valor artístico novo (aplicável ao monumento intencional e ao monumento histórico)

1.28 - Valores Contemporâneos. "Categorias de valores dos monumentos".

motivam intervenções radicalmente opostas.[48]

> *Riegl mostra que eles não são, apesar de tudo, insolúveis e que dependem, de facto, de compromissos,* ***negociáveis em cada caso particular****, em função do estado do monumento e do contexto social e cultural no qual se insere.*[49]

Transpondo as ideias de Riegl para a prática arquitetónica, é possível excluir uma doutrina de intervenção única, e evidenciar que qualquer intervenção deve resultar de uma *(...) exaustiva análise formal e histórica de cada objecto arquitectónico*, tendo em consideração os valores já enunciados. Ressalva-se que a partir da mesma análise é possível obter diferentes leituras e, assim, conceber diferente conceitos e propostas de intervenção.

> *É evidentemente uma leitura pessoal (...) É essa subjectividade que marca a diferença entre a posição do arquitecto e a do positivo cientista.*[50]

A intervenção na preexistência resulta sempre do valor, subjetivo e pessoal, que se lhe atribui [à preexistência]. As diferentes teorias do restauro, do século XVIII à atualidade, comprovam que a subjetividade da identificação de valores na preexistência, influencia grandemente a ação interventiva de cada arquiteto. A definição e atribuição de valores aos monumentos proposta por Riegl, *(...) foi particularmente* ***fulcral*** *para a história das ideias da conservação.*[51]

48 *"Numa perspectiva lógica, o valor de antiguidade, último a aparecer, exclui o valor de novidade e ameaça o valor de utilização e o valor histórico"*. Françoise Choay, op. cit., p. 172.

49 Ibidem, p. 172.

50 Ibidem, p. 18.

51 José Aguiar, *Cor e cidade histórica* ..., p. 48.

1.2.2. TEORIAS DO RESTAURO

Querer e saber ‹‹classificar›› monumentos é uma coisa. Saber depois conservá-los fisicamente e restaurá-los é um outro assunto, que assenta sobre outros conhecimentos. Ele exige uma prática específica e praticantes especializados, os ‹‹arquitectos dos monumentos históricos››, que o século XIX inventou. [52]

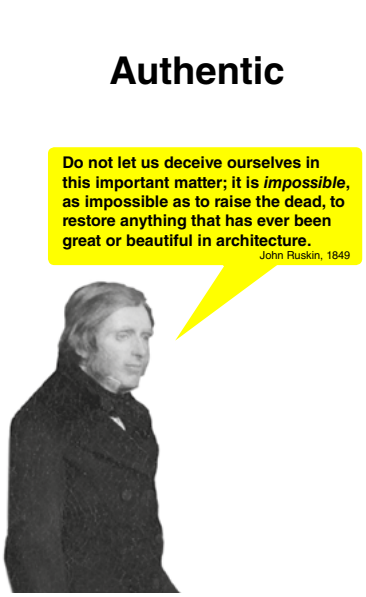
O intenso debate em torno do *património*, na viragem para o século XIX, levou à criação das primeiras teorias da conservação e restauro, propostas por John Ruskin e Eugène Viollet-le-Duc, que procuraram estabelecer princípios de intervenção prática.

Com o restauro estilístico, Viollet-le-Duc defendia o restauro enquanto operação de integração estilística, pelo que se deviam suprimir todas as alterações existentes, de forma a conduzir o monumento à sua unidade estilística original. Caso o monumento ficasse vazio ou inacabado ao serem suprimidas estas alterações, deveria reconstruir-se o monumento, completando-o como "poderia ter sido" originalmente. O Castelo de Pierrefonds é um dos monumentos que sofreu grandes alterações durante a operação estilísta de Viollet-le-Duc (Figuras 1.32 e 1.33). Para este autor, *(...) restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento.*[53]

Por sua vez, John Ruskin opunha-se radicalmente aos ideais defendidos por Viollet-le-Duc, afirmando que as intervenções francesas desrespeitavam a autenticidade histórica dos monumentos. Ruskin defendia o movimento anti-restauro, cuja postura não-intervencionista consistia na manutenção atenta e cuidada dos monumentos, o que, inevitavelmente, culminava na sua ruína.

Não nos iludamos nesta importante questão; é ***impossível****, tão impossível como ressuscitar os mortos,*

1.29



1.30

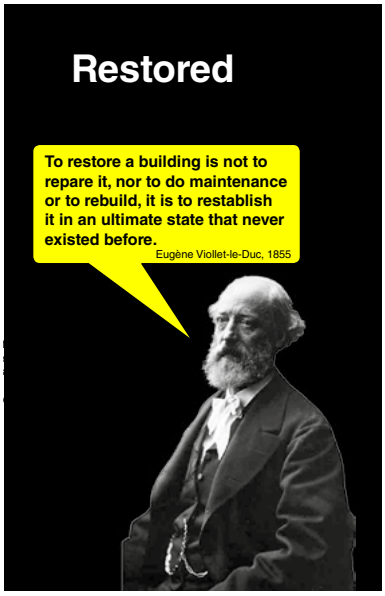


1.29 - "Autêntico", segundo John Ruskin. Secção de painel da exposição *CRONOCAOS*, OMA, 2010.
1.30 - John Ruskin, Kenilworth Castle.

52 Françoise Choay, *Alegoria do Património,* p. 155.

53 Viollet-le-Duc, *Dictionnaire raisonée d'Architecture française.* Paris, 1869, Tomo III, "Restauração". Apud. Antón Capítel, *Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración*, p. 22. (também na Figura 1.31).

1.31



1.32



1.33



1.31 - "Restaurado", segundo Eugène Viollet-e-Duc. Secção de painel da exposição *CRONOCAOS*, OMA, 2010.
1.32 e 1.33 - Castelo de Pierrefonds antes e depois do restauro de Viollet-le-Duc, respetivamente.

restaurar qualquer coisa que alguma vez tenha sido grande ou bela na arquitectura.[54]

A teoria de Ruskin recusava a elaboração de um método de atuação, por respeito ao monumentos - que deveriam ser mantidos exatamente como estavam[55]. Para Ruskin, bem como para William Morris, *(...) as marcas do tempo faziam parte da essência do monumento*[56]. Esta visão, romântica e moralista, chegou a gerar, em finais do século XIX e durante parte do século XX, a validação e adoração da ruína[57] (Figura 1.30).

Durante mais de cinquenta anos assistiu-se ao predomínio das teses francesas do restauro estilístico, influenciando toda a Europa (...). No entanto, a partir de 1880, surgem em Itália novas teorias do restauro.[58]

Luca Beltrami (1854-1933), renunciava as reconstruções hipotéticas propostas por Viollet-le-Duc, no entanto, também não partilhava *(...) as teses fatalistas de Ruskin, nem da defesa do ruinismo*[59]. Na ótica de Beltrami, o propósito do restauro consistia na preservação do legado artístico e valores figurativos do monumento. Deste modo, o restaurador deveria atuar de forma reconstituitiva, repondo os elementos necessários à expressão artística do monumento, permitindo assim a sua leitura e reconhecimento enquanto obra de arte - Beltrami deu origem à famosa prática do *com'era, dov'era*, aplicada na reconstituição arquitetónica de várias cidades, depois da Segunda Guerra Mundial.

Foi com base nas teorias e num projecto do próprio Beltrami que se reconstruiu, ou antes, que se repro-

54 John Ruskin, "A Lâmpada da Memória" in *Las siete lâmparas de la arquitectura*, Barcelona: Alta Fulla, 1987, p. 227. (também na Figura 1.29).
55 "*É uma anti-restauração por meio da não intervenção.*" Javier Rivera Blanco, *De varia restauratione: Teoría e historia de la restauración arquitectónica*. Madrid: ABADA Editores, 2008, p. 148.
56 José Aguiar, *Cor e cidade histórica* ..., p. 43.
57 Javier Rivera Blanco, op. cit., p. 148.
58 José Aguiar, op. cit., p. 44.
59 Ibidem, p. 44.

duziu, o célebre Campanile da Praça de São Marcos [Figura 1.34 e 1.35].[60]

Para Beltrami, o valor artístico era o valor fulcral do monumento; já Camillo Boito, seu mestre, para além do valor artístico, destacava *(...) o valor primordial do monumento enquanto testemunho e documento histórico.*[61] Boito desenvolveu, com sucesso, uma proposta que conciliava as teorias conservadoras de Ruskin com as práticas a favor do restauro, *(...) condicionando estas últimas à total garantia de reposição da autenticidade histórica e arquitectónica do monumento*[62], como é possível observar nas Figuras 1.36 e 1.37.

Camilo Boito, estabelece assim as bases para o *restauro científico*[63], ao defender um ação restauradora que tem enquanto princípio a intervenção mínima, pelo que qualquer acrescento deveria ser facilmente reconhecível, distinguindo-se da obra antiga, de forma a garantir a sua autenticidade histórica.

Boito foi efectivamente um dos mais importantes responsáveis pela fundação da conservação enquanto disciplina específica do conhecimento humano (...)[64] e as suas ideias vieram a influenciar, muito mais tarde, a redação da Carta de Atenas de 1931, através do seu discípulo Gustavo Giovannoni, bem como várias intervenções realizadas de acordo com este documento (Figuras 1.38, 1.39 e 1.40).



1.34



1.35

1.34 - Campanário de São Marcos, Veneza, Itália, 1858. O campanário original colapsou em 1902.
1.35 - Campanário de São Marcos, 2018. No projeto-base de Luca Beltrami para a torre, o exterior repete exatamente a torre antiga, da qual se possuía toda a informação; já o interior introduz novos materiais, como o betão, essencial para diminuir o peso da própria torre, uma das causas do desabamento.
1.36 - Antes da intervenção no Palácio *Cavalli-Franchetti*, Veneza.
1.37 - Palácio *Cavalli-Franchetti*, depois da intervenção. Camillo Boito, Manetti e Matscheg eliminaram o sotão e restauraram o edifício.
1.38 e 1.39 - Acrópole de Atenas, antes e depois do restauro de Nikolaos Balanos, um dos arquitetos que redigiu a Carta de Atenas, em 1931. "*O restauro da Acrópole foi realizado de acordo com o documento: respeito absoluto pelo material original, ‹‹anastilose›› - colocar verticalmente os restos caídos -, adições com material diferente, não reconstruir por hipótese e introduzir novos materiais, como ferro e betão escondido para a estrutura*."

60 José Aguiar, *Cor e cidade histórica ...*, p. 45.

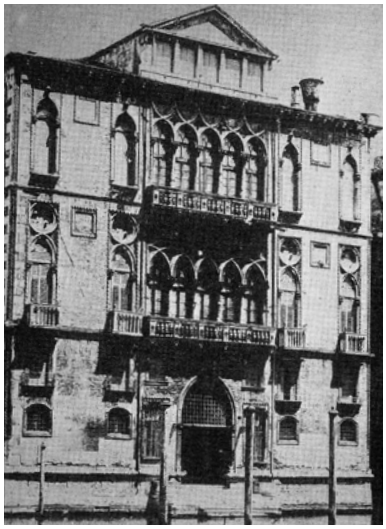
61 Ibidem, p. 46.

62 Ibidem, p. 46.

63 Oito Princípios de orientação para o restauro de monumentos, apresentados em 1883, no III Congresso Nacional dos Engenheiros e Arquitectos Italiano, por Camillo Boito:
"I. diferenciação de estilo entre o antigo e o novo;
II. diferenciação de materiais e seu emprego;
III. supressão de molduras e decoração nas partes novas;
IV. exposição das partes materiais que foram eliminadas, num espaço contíguo ao monumento restaurado;
V. incisão de uma marca da atuação ou de sinal convencional nas partes novas;
VI. memória descritiva de todo o processo de intervenção no monumento;
VII. descrição e fotografias das diversas fases dos trabalhos depositados no próprio monumento, ou num lugar público próximo, ou a publicação de todo o material;
VIII. notoriedade visual das acções realizadas."
Pedro Alarcão, *Construir na ruína. A propósito da cidade romanizada de Conimbriga*, (Tese de Doutoramento). Porto: FAUP, 2009, p. 23.

64 José Aguiar, op. cit., p. 47.

1.36



1.37



1.38



1.39



1.40



1.40 - Desenho da Acrópole de Atenas, Fernando Távora, 9 de Junho de 1960.
Anotações: "*A composição estrutura-se em três níveis - terreno natural com seus acidentes (texturas, concavidades, movimento, vegetação); muros de suporte - de pedra mais ou menos grossa, com elementos de criação de plataformas e de transição de valores; edifícios - criando perfil, jogo, qualidade, prestígio do lugar sagrado. (mármore, requinte de pormenor, jogo abundante de luz e de sombra).*"

1.2.3. REABILITAÇÃO E REABILITAÇÃO URBANA

Transformar e completar os monumentos, tal e qual se fazia no passado, não era tanto uma alternativa ao restauro, mas uma interpretação direta e radical do mesmo. O estudo das transformações pode assim ter um impacto na discussão crítica sobre o conceito moderno de restauração, oferecendo a disciplina arquitetónica como uma parte inevitável do seu próprio conteúdo.[65]

O alargamento do conceito de *património* a conjuntos de edifícios e a construções modestas, *(...) trouxe novos problemas à conservação, tanto de natureza funcional como social.*[66] Era necessária uma nova forma de intervenção que, preservando os valores e elementos patrimoniais do edificado, facilitasse a sua adaptação às necessidades contemporâneas.

A reabilitação surge assim no âmbito de uma política de conservação integrada do património arquitectónico, como resposta à degradação física dos tecidos antigos.[67]

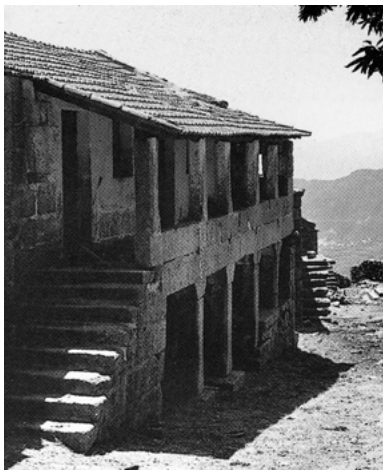
Foram divulgadas em 1975[68], *(...) as bases das políticas urbanas a que hoje chamamos «reabilitação integrada»*[69] e, quase cinquenta anos depois, estas políticas continuam a ser promovidas ativamente pelo Conselho da Europa. Um ano depois da Carta de Amesterdão, em 1976, o Comité de Ministros do Conselho da Europa apresenta a *Resolução 28*, *(...) uma referência de extremo interesse, pela rigorosíssima enunciação dos conceitos*[70]. Apesar de poucos historiadores registarem este documento[71], para Ana Pinho, a *Resolução 28* é, sem dúvida, *(...)*



1.41



1.42



1.43

1.41 - Arcos de Valdevez, Gondoriz.
1.42 - Montalegre, Tourém.
1.43 - Arcos de Valdevez, Gavieira, São Bento do Cando.

65 Antón Capitel, *Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración.* 2ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2009 (1.ª ed. 1988), p. 14.

66 Ana Pinho, *Conceitos e políticas de reabilitação urbana: análise da experiência dos gabinetes locais* (Tese de Doutoramento). Lisboa: FA, 2009, p. 81.

67 Ibidem, p. 81.

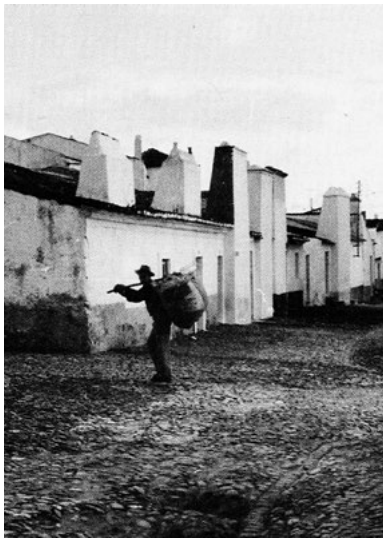
68 *Carta Europeia do Património Arquitetónico e Declaração de Amesterdão para a Conservação Integrada*, de 1975.

69 José Aguiar, op. cit., p. 59.

70 José Aguiar, *Cor e Cidade Histórica...*, p. 93.

71 Segundo José Aguiar, o documento da Resolução 28 do CMCE é *"(...) por vezes esquecido na análise deste período",* José Aguiar, op. cit., p. 93.

1.44



1.45



1.44 e 1.45 - Alentejo.

o documento mais amplo e sistematizado sobre a conservação integrada adoptado nestas décadas.[72] O conceito de "*reabilitação",* definido pela primeira vez neste documento, consiste em adaptar os edifícios,

> *(...) particularmente os destinados a habitação, renovando a sua estrutura interna e adaptando-a às necessidades da vida moderna, preservando, ao mesmo tempo, cuidadosamente, as características de interesse cultural.*[73]

Em Portugal, para além das iniciativas e intervenções da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), é importante referir o ‹‹Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa›› (1955-1960), um empreendimento proposto pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos Portugueses, e a obra *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, de 1992, resultado de décadas de estudos desenvolvidos por Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano - são apresentadas algumas fotografias deste estudo, dada a sua grande importância e qualidade, da Figura 1.41 à 1.45.

> *O nosso propósito era levar a cabo um estudo global sobre esse tema* [a habitação tradicional portuguesa]*, analisando e estudando a casa na complexa variedade dos seus aspectos, arquitectónicos, etnográficos, culturais, sociológicos e históricos.*[74]

Depois da Segunda Guerra Mundial, a reconstrução passou a ser a grande prioridade e, gradualmente, instalou-se uma preocupação generalizada relativa às zonas antigas das cidades

72 Ana Pinho, op. cit., p. 70.

73 Resolution (76) 28 of the Committee of Ministers concerning the adaptation of laws and regulations to the requirements of intergrated conservation of the architectural heritage. Disponível em: < https://search.coe.int/cm/Pages/result_details.aspx?ObjectId=09000016804d21d6 >.

74 Ernesto Veiga de Oliveira, *Casas Esguias do Porto e Sobrados do Recife*, 1986 (2ª edição), Introdução. Apud. Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Porto: Publicações Dom Quixote, Lda., 2003, p. 11.

1.46



e à sua reabilitação. Assim, nos anos 60 e 70, *(...) o conceito de reabilitação está indissociavelmente ligado à problemática da cidade histórica*[75]. Nestas décadas, a reabilitação passa a contemplar as áreas urbanas, para além dos edifícios modestos e de pequenos conjuntos de edifícios, relacionando-se, assim, com o planeamento urbano.

> *A **reabilitação**, que emergiu das preocupações ligadas à conservação do património cultural, rapidamente passou a incorporar outras intenções, das ecológicas aos princípios:*
>
> *1) de âmbito social, baseados na justiça social e partilha por todos das mais-valias geradas;*
>
> *2) democráticos, ao promover a descentralização e modos de participação das populações, e*
>
> *3) ambientais, com a nova preocupação com a qualidade do ambiente urbano e dos espaços públicos.*
>
> *A **reabilitação urbana**, para além da requalificação física, obriga a atuações de regeneração e de revitalização urbana que garantam uma atuação integrada ao nível sociocultural e económico.*[76]

A classificação de áreas urbanas (como o Núcleo Urbano da Cidade de Guimarães por exemplo), não proíbe intervenções futuras, embora restrinja as ações. *Dependendo do grau de classificação, uma zona de proteção alargada é promulgada, estabelecendo o planeamento como uma regra a seguir no respeito pela construção e conservação da área circundante.*[77]

Em 1969, *surge um dos mais relevantes contributos para a breve história da «nossa» (...) reabilitação urbana*[78], o Estudo

75 Ibidem, p. 81.

76 José Aguiar, "Reabilitação ou fraude", p. 59.

77 Ana Tostões, "Património moderno: conservação e reutilização como um recurso" in *Revista Património*, n.º 1. Lisboa: DGPC, Novembro de 2013, p. 52.

78 José Aguiar, "Reabilitação ou fraude", p. 61.

1.46 e 1.47 - Fernando Távora, Estudo de Renovação Urbana do Barredo, 1968. Alçado de quarteirão, estado atual e proposta de intervenção, respetivamente.

1.47



de Reabilitação Urbana do Barredo, desenvolvido pelo arquiteto Fernando Távora (as Figuras 1.46 e 1.47 apresentam dois alçados integrantes neste estudo). Apesar do pequeno número de operações concretizadas, o estudo de Távora propõe um novo desígnio e metodologias de intervenção e introduz, principalmente, uma mudança de atitude face à forma de pensar a cidade e o património.

Mais precisamente, ao valorizar este tipo de edificado, ao refutar a sua demolição, ao promover atualizações e ao incluir os moradores no processo, Távora introduz, *(...) na prática, os princípios da reabilitação integrada!*[79]

> *Cremos, em primeiro lugar, que a morfologia física e social do sector deverá ser alterada por um processo dinâmico, seguro e permanente de renovação a todos os níveis, dando portanto à palavra renovação o seu verdadeiro sentido que é o de continuar-inovando, num movimento constante de modificação para melhores condições, mas respeitando os valores positivos que porventura possam existir e que não deverão, portanto, ser destruídos.*[80]

Ainda relativamente ao Barredo, é importante referir o grande paradoxo de *(...) um bairro que nos anos 50 teve a sua demolição prevista e que merece hoje a distinção de estar inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO*[81]. É possível confirmar este paradoxo durante toda a história[82], parece que o ser humano só atribui valores patrimoniais a certos edifícios quando estão em vias de se perder ou se perdem, efetivamente.

79 Ibidem, p. 61.

80 Fernando Távora, *Estudo de Renovação Urbana do Barredo*, Porto: Câmara Municipal do Porto, 2019, p. 136.

81 José Aguiar, op. cit., p. 61.

82 Reflexão comprovada pelas iniciativas de salvaguarda resultantes da Revolução Francesa e pelas várias teorias de restauro advindas da Revolução Industrial, quando, na emergência da cidade moderna, se revaloriza a cidade antiga.

O estudo de Távora para o Barredo marca o início da *(...) experiência portuguesa de reabilitação integrada dos centros históricos*[83] e, durante décadas, a visão de Távora foi aplicada a vários conjuntos e cidades históricas (como Évora, Porto, Coimbra, Elvas, entre outras), pelos Gabinetes de Apoio Técnico (GAT) e Gabinetes Técnicos Locais (GTL). Apesar da Casa Ricardo Severo, caso prático da presente dissertação, não se inserir numa área classificada, é importante referir estas boas práticas enquanto exemplo de intervenção.

> *Recorde-se (...) que o imenso edificado corrente com valores patrimoniais fora das áreas classificadas não está regulamentarmente enquadrado e é tratado forçosamente como construção nova - com todas as consequências negativas que isso comporta (...).*[84]

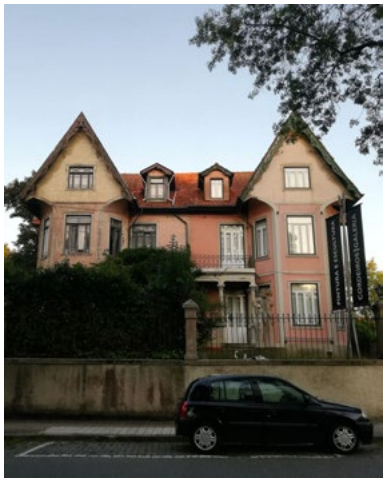
Com o passar do tempo e o aumento gradual do número de intervenções nos edifícios existentes, seria espectável uma aprendizagem e inovação progressivas. No entanto, e como é possível verificar nas Figuras 1. 48 e 1.49, a realidade a atual difere do previsto e, com a transição para o milénio,

> ***(...) nem tudo foi positivo**, e **importa constatar a amnésia** propositadamente lançada sobre as práticas e os resultados de duas décadas de experiências de reabilitação urbana integrada ao nível autárquico, **promovendo-se um gigantesco retrocesso conceptual**: a sistemática extinção dos gabinetes de centros históricos dos municípios e sua substituição pela ação mais atomizada e atualmente predominante (hoje quase exclusiva) das sociedades de reabilitação urbana (SRU), processos que deveriam ser estudados em todas as suas dimensões e, sobretudo, cuidadosamente avaliados.*[85]

1.48



1.49



1.48 - Edificado habitacional devoluto, Miradouro de S. Bento da Vitória, Porto, 2019.
1.49 - Casas geminadas, Rua de António Cardoso, Porto, 2019. Destaca-se o fato de uma das casas ter sido reabilitada, albergando atualmente a Galeria Cordeiros.

83 Nuno Valentim Lopes, op. cit., p. 21.

84 Nuno Valentim Lopes, *Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea...*, p. 22.

85 José Aguiar, "Reabilitação ou fraude", p. 61.

1.2.4. REABILITAÇÃO E REGULAMENTAÇÃO PARA O SÉCULO XXI

1.50



1.51



1.50 - Vista do Miradouro de São Bento da Vitória, Porto, 2019.
1.51 - Turismo na *Fontana di Trevi*, Roma, Itália, 2019.

> *O drama é que esta «nova» reabilitação, tão amplamente proposta, na sua ideologia e fundamentação política, é bem distinta daquela pela qual começámos a lutar depois do fim do moderno.*[86]

Segundo José Aguiar, após um período de expansão urbana, estamos a regressar ao centro das cidades. Referenciado anteriormente, este autor tem-se debruçado sobre as problemáticas da reabilitação, denunciando as más práticas da reabilitação do edificado existente, promovidas e executas durante os últimos anos.

> ***O País sabe hoje como construir no (e com o) já construído.*** *(...)*
>
> *No momento em que se resolveram os grandes obstáculos do conhecimento,(...) quase todas as condições parecem reunidas para a reabilitação se tornar o novo paradigma da nossa cultura construtiva.* ***Mas o que efetivamente hoje se promove como «reabilitação» está muito longe de corresponder ao seu significado, conformando uma gigantesca fraude.***[87]

Segundo a Nova Carta de Atenas do Urbanismo, de 2003[88], dever-se-iam criar políticas que permitissem às pessoas viver e trabalhar na mesma cidade, no entanto, a explosão turística das últimas duas décadas tem contribuído para *(...) a expulsão do trabalho para a periferia e a excessiva promoção de habitação no centro - sobretudo de hotéis no centro do centro* - o que, por sua vez, promove *(...) um novo tipo de segregação funcional que acentua novos fenómenos de guetização funcional e social*[89] (Figuras 1.50 e 1.51).

Atualmente, os ‹‹centros históricos›› são promovidos a Disneylândias e, por conseguinte, é incentivada a apropriação de património urbano de forma a *(...) criar parques temáticos*

86 José Aguiar, "Reabilitação ou Fraude?", op. cit., p. 63.
87 Ibidem, p. 63, 64.
88 José Aguiar, "Reabilitação ou Fraude?",op. cit., p. 65.
89 Ibidem, p. 65.

destinados ao consumo hedonista de um turismo massificado.

> *A crise económica acelerou, entre nós, processos de expulsão social (gentrication), que, associados à rapidíssima liberalização das rendas, estão ativamente a repelir os mais desfavorecidos dos «centros históricos», surgindo novos fenómenos de segregação (áreas destinadas a turistas e conjuntos que se tornam locais de uma griffe reservada)*[90].

Durante o século XX, em Portugal, a reabilitação praticada era (maioritariamente) socialmente cautelosa, efetuada lote a lote e casa a casa, no entanto, nos últimos anos, *(...) a intervenção à escala do grande «quarteirão-edifício-projeto» era já, infelizmente, a prática mais corrente*[91]. Exemplo da intervenção à escala do quarteirão, um exemplo das más práticas correntes, é a intervenção no Passeio das Cardosas, no Porto, em que foram detetadas graves irregularidades.

Segundo o relatório ICOMOS-Portugal de 2012, o fachadismo (*i.e., a sistemática demolição do interior dos lotes para os renovar com novas construções ocultas pelas antigas fachadas*[92], representada nas Figuras 1.55 e 1.56) e demolições maciças presentes na intervenção das Cardosas afetaram o seu valor de autenticidade e integridade, contribuindo para a perda progressiva do valor universal excepcional atribuído ao Centro Histórico do Porto pela UNESCO, em 1997 (Figuras 1.52, 1.53 e 1.54).

> *Como os edifícios antigos não são, em geral, compatíveis com as exigências construtivas da nova regulamentação, aquela circunstância constitui, objectivamente, um convite à velha prática do «deita abaixo para construir de novo» - prática com que se delapidou tanto do nosso património edificado, com inestimável prejuízo, tanto cultural como material.*[93]



1.52



1.53



1.54

1.52 - Vista da Casa das Cardosas e da igreja dos Clérigos, em meados do século XIX.
1.53 - Pormenor da varanda em ferro forjado da Casa das Cardosas, virada para o largo dos Lóios, 1955.
1.54 - Vista aérea do interior do quarteirão, preenchido com construções secundárias, antes da intervenção.

90 José Aguiar, "Reabilitação ou Fraude?", p. 65.
91 Ibidem, p. 66.
92 Ibidem, p. 67.
93 João Porto in *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos,* Vasco Freitas (coord.) et al, p. 132.

1.55



1.56



Ora, uma das questões a colocar tendo em conta o panorama da reabilitação atual é: não existem políticas vigentes que permitam a regulamentação e que impeçam estas más práticas? O extenso trabalho realizado por Nuno Valentim, na sua Tese de Doutoramento - "*Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea: Sobre práticas de reabilitação no edificado corrente"* - aborda exatamente as várias incompatibilidades do regulamento vigente com a reabilitação do edificado corrente com valores patrimoniais - aplicando, na prática, os vários regulamentos a projetos de reabilitação concretizados. Tendo em conta a complexidade do tema, considera-se pertinente apresentar, de forma sumária, os progressos alcançados nos últimos anos, neste âmbito.

> *(...)* ***o vasto património corrente por reabilitar está sujeito*** *(com a excepção parcial e temporária do RERU)* ***ao regime geral de edificação e ao quadro regulamentar em vigor para a construção nova e suas exigências, passando, de uma forma geral, por uma tramitação idêntica à construção de raiz****: a burocracia do processo, os projectos de especialidade solicitados e as exigências regulamentares.*[94]

Em 2014, aprovado o Regime Excepcional para a Reabilitação Urbana (RERU[95]), foram excecionalmente descartadas as exigências (irrealistas de cumprir no caso da reabilitação) do Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU[96]), passando a vigorar uma política de isenção.

O RERU, que teve na sua origem uma forte motivação económica, não respondia aos problemas existentes, como a excessiva regulamentação, a descoordenação entre os vários regulamento vigentes e, para além disso, criava novos problemas, como a potencialização da destruição dos valores patrimoniais

1.55 - Mural de protesto contra as demolições na zona do Convent Garden, Londres.
1.56 - Obras no interior do quarteirão de D. João I, Porto.

94 Nuno Valentim Lopes, *Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea...*, p. 25.

95 Decreto-Lei 53/2014 de 8 de Abril; O RERU contempla isenções para edifícios habitacionais - ou com mais 50% de área de habitação - com mais de 30 anos.

96 O RGEU permanece em vigor desde 1952, com as necessárias alterações.

presentes no edificado existente.

As várias Ordens e profissionais consideravam *(...) que esta "desregulamentação" teria que ser acompanhada por trabalhos de elaboração de uma normativa específica, devidamente compatibilizada e corresponsabilizando os técnicos envolvidos, sobretudo na imprescindível qualificação dos intervenientes (arquitectos, engenheiros, entidades responsáveis pela tramitação e empresas de construção).*[97]

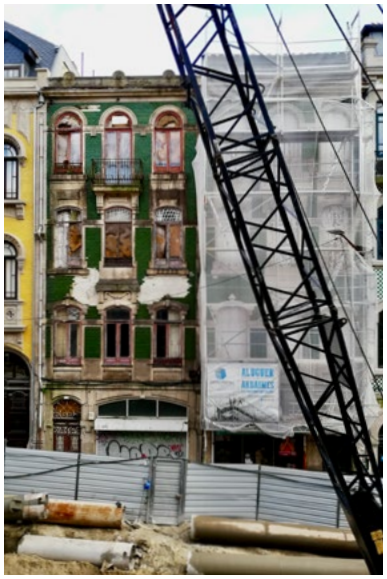
Ainda em 2014, Vasco Peixoto de Freitas reiterou a hipótese do RERU ser aplicado apenas durante dois anos, de forma a *(...) criar uma expectativa do mercado capaz de estimular a reabilitação e criar empregos.* O engenheiro considerava que prolongar este regime excecional até 2020 seria (...) *contribuir para reduzir os padrões de qualidade das intervenções*[98], no entanto, o RERU apenas foi revogado[99] em 2019, com a criação de uma nova regulamentação (nas Figuras 1.57 e 1.58 é possível observar vários edifícios em reabilitação, ao abrigo do RERU).

> *Embora se tratasse de um regime temporário (...), a verdade é que o grande dinamismo do mercado da construção ligado à reabilitação de edifícios neste período levou a que muitas operações de reabilitação ocorressem neste contexto.*[100]

O Decreto-Lei 95/2019 estabelece, para além da revogação do RERU, o novo "**Regime aplicável aos edifícios e frações autónomas**" (Figura 1.59). A partir de um projeto interdisciplinar, que contou com a colaboração de várias entidades e



1.57



1.58

1.57 - Intervenções na massa citadina do Porto.
1.58 - Vista do Mercado do Bolhão, Porto, 2019. É possível verificar um prédio devoluto e outro em reabilitação na Rua Alexandre Braga.

97 Vasco Peixoto de Freitas in "A reabilitação de edifícios exige a todos os intervenientes qualificação", *Jornal Público*, suplemento Imobiliário, 26 Fevereiro 2014. Apud. Nuno Valentim Lopes, op. cit., p. 32.

98 Intervenção de Vasco P. Freitas na Semana da Reabilitação Urbana do Porto, 26/11/2014, Conferências *Engenheiros e Arquitectos: Actores fundamentais da Reabilitação.* Apud. Nuno Valentim Lopes, op. cit., p. 32.

99 "*Criando-se um regime regra, deixa de ser necessária a existência de um regime excecional e temporário e, em consequência, procede-se à revogação do Decreto-Lei n.º 53/2014 (...)"* in Decreto-Lei n.º 95/2019 de 18 de Julho de 2019, p. 36. Disponível em: < https://dre.pt/application/conteudo/123279819 >

100 Luís Godinho, Jorge Patrício (LNEC), "O novo enquadramento legal da reabilitação de edifícios no domínio do comportamento acústico" in *Construção Magazine,* nº 94, nov/dez de 2019, p. 20-22. Disponível em: < http://www.construcaomagazine.pt/noticias/novo-enquadramento-legal-reabilitacao-edificios-comportamento-ac/ >.

1.59



1.59 - Esquema das diferenças entre o DL 53/2014 e o DL 95/2019.

profissionais qualificados, foi elaborado o Decreto-Lei 95/2019 que,

> *- Consagra os três princípios fundamentais da reabilitação de edifícios: Princípio da proteção e valorização do existente; Princípio da sustentabilidade ambiental; Princípio da melhoria proporcional e progressiva;*
>
> *- Altera o paradigma da regulamentação da reabilitação, rumo ao código da construção;*
>
> *- Abre caminho a novas soluções e abordagens para a funcionalidade, conforto e segurança;*
>
> *- Estabelece como regulamentos nacionais os Eurocódigos estruturais e baliza a reabilitação sísmica.*

Era urgente a definição de um enquadramento legal distinto e, com este novo regime, ficam *(...) criadas as condições para que a reabilitação do edificado passe de exceção a regra e se torne na forma de intervenção predominante*[101]. Considera-se que o Decreto-Lei n.º 95/2019 contribui positivamente para uma alteração do paradigma existente, ao introduzir *(...) uma filosofia específica destinada à reabilitação de edifícios para habitação.*[102]

> ***A reabilitação dos lugares obriga a uma cuidadosa orquestração de interesses**, a sustentabilidade do restauro físico depende da garantia de usos contemporâneos, obriga à integração de olhares e perspetivas, exige novas formas de governança baseadas na participação, para que seja possível uma vida coletiva. Se política urbana é a expressão de uma vontade de cidade, **se entendemos as cidades como a ideal comunidade dos homens, então o centro tem de ser de todos, dos do centro mas também dos da periferia.***[103]

101 Excerto do Decreto-Lei n.º 95/2019 de 18 de Julho de 2019, p. 36.

102 Luís Godinho, Jorge Patrício (LNEC), "O novo enquadramento legal da reabilitação de edifícios no domínio do comportamento acústico".

103 José Aguiar, "Reabilitação ou Fraude?", p. 68.

1.3. DAS CAIXILHARIAS DE MADEIRA



1.60



1.61



1.62

1.3.1. ARQUITETURA DA CIDADE, DA FACHADA ÀS CAIXILHARIAS DE MADEIRA

1.63



1.64



1.60 - Vendedora de fruta na Ribeira, no Porto, anos 60.
1.61 - Praça da Ribeira, no Porto, anos 80.
1.62 - Enquadramento do Porto, visto a partir da Estação Alta do Teleférico de Gaia, 2018.
1.63 - Pessoas nas janelas e varandas. Festa da Senhora da Saúde, Paranhos, 1995.
1.64 - Duas opções de alçado para a Praça dos Ferradores, Costa Lima Júnior, 1838.

> ***A arquitectura da cidade é*** *maioritariamente uma arquitectura* ***de repetição e de continuidade****, sujeita a um ritmo quase sempre lento.*[104]

No século XXI as cidades estão sujeitas a um ritmo acelarado de intervenções, o que, muitas vezes, conduz a más práticas interventivas e coloca em perigo o edificado existente e aos seus valores patrimoniais. Utilizar-se-á, a título de exemplo, a cidade do Porto, pela proximidade e riqueza patrimonial em termos de edificado corrente que apresenta.

Segundo Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, autores já referidos anteriormente, *(...)* ***a grande maioria das casas hoje existentes****, mesmo nos bairros que correspondem ao núcleo medieval da cidade, e tanto as estreitas, com as suas lojas no rés do chão, como os grandes palácios aristocráticos,* ***são edifícios dos séculos XVII, XVIII e XIX.***[105]

> *(...) o Porto é ao mesmo tempo uma cidade de estatuto burguês expresso, e uma cidade constituída por casas esguias e altas - o que prova que, entre nós, a casa esguia e alta é, na verdade,* ***a casa burguesa****.*[106]

Efetivamente, não é possível dissociar a imagem do Porto, uma cidade grande, das centenas de pequenas casas burguesas coloridas que, de forma irregular e desarrumada, se adaptam ao declive e às necessidades dos habitantes[107]. A fachada, ou melhor, o conjunto das fachadas da habitação corrente, ganha *(...) uma importância verdadeiramente cenográfica, inseparável das imagens que retemos da qualidade dos nossos centros históricos*[108], como é possível verificar da Figura 1.60 à 1.64.

104 Álvaro Siza Vieira, "Porquê um arquitecto e porquê eu?" in *01Textos*, p. 204, 205.

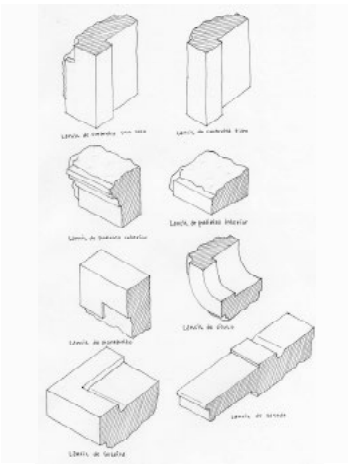
105 Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, "Casas do Porto" in *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 336.

106 Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, "Casas esguias do Porto e sobrados do Recife" in *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, p. 295.

107 Como afirmam Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *"O Porto é uma cidade grande, feita de casas pequenas - e, aqui e além alguns raros palácios discretos;"*

108 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, p. 2.

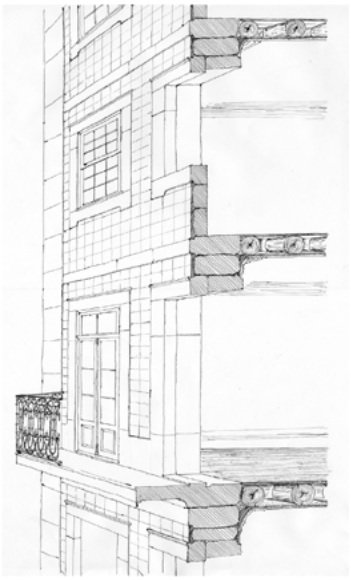
A casa estreita e alta e independente do Porto, a casa vulgar de três janelas de frente e três andares de alto*, surge assim, sob o impulso de razões históricas, económicas e sociais, como desenvolvimento das primeiras casas do burgo medieval, tendo-se enriquecido com todos os elementos que em seguida foi assimilando, tendo-se adaptado a novas circunstâncias e técnicas, e* ***generalizado de modo quase absoluto na cidade****, até ao advento, em época mais recente, dos grandes prédios de andares, que acabaram por destroná-la.* ***Ela é, na sua modéstia expressiva, um livro aberto em que se lê muito da história do Porto.***[109]



1.65

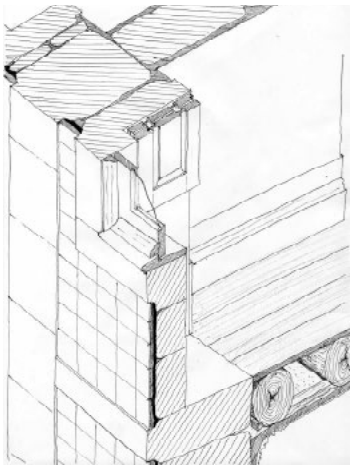
Em concordância com o raciocínio de Joaquim Teixeira[110], é possível afirmar que a harmonia e uniformidade dos alçados das casas portuenses se deveu à sistematização dos vários elementos construtivos que constituem esses mesmos alçados (Figuras 1.65, 1.66 e 1.67), o que, consequentemente, levou à sistematização da arquitetura da casa burguesa na cidade.

> *Estas paredes, construídas em alvenaria de pedra de granito,* ***são predominantemente constituídas por peças aparelhadas*** *- cantaria -* ***que definem os vãos de portas e janelas****, sob a forma de* ***lancis de soleiras****, de* ***parapeitos****, de* ***ombreiras*** *e de* ***lintéis*** *ou* ***vergas*** *e ainda sob a forma de diversos elementos decorativos, tais como* ***pilastras****,* ***frisos****,* ***cimalhas*** *e* ***socos****.*[111]



1.66

Basta percorrer o centro do Porto para verificar que estas construções estreitas e altas procuram a luz natural (como é possível verificar na Figura 1.68), *(...) sendo as janelas para a rua e no tardoz fundamentais a essa iluminação*[112]. Nestes alça-



1.67

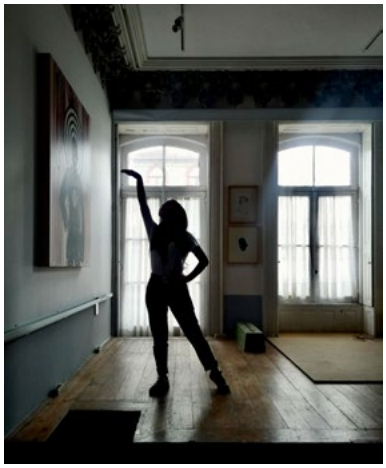
109 Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, "Casas do Porto" in *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, p. 345.

110 Joaquim Teixeira, *Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX – Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal* (Trabalho de Síntese elaborado no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica). Porto: FAUP, 2004, p. 43.

111 Joaquim Teixeira, op. cit., p. 105.

112 Nuno Valentim Lopes, op. cit., p. 2.

1.68



1.69



1.65 - Diversos tipos de lancis de vãos exteriores em cantaria de granito, desenho de Joaquim Teixeira.
1.66 - Corte de uma fachada principal, desenho de Joaquim Teixeira.
1.67 - Pormenor de parede de fachada com vão de janela, desenho de Joaquim Teixeira.
1.68 - Sala da Embaixada Italiana do Porto, iluminada a partir de três janelas de batente, que se abrem para o rua principal, 2018.
1.69 - Edifício com janelas de guilhotina, Porto.

dos é possível verificar, sistematicamente, que a superfície envidraçada é superior à superfície de parede, o que, na prática, se traduz na existência de *(...) centenas de milhares de vãos e caixilharias* [de madeira] *com uma geometria e sistema construtivo semelhantes*[113]. Assim, é importante destacar as caixilharias de madeira existentes enquanto prolongamento natural do desenho das fachadas.

> *As fachadas, mais sóbrias e severas no século XVII, mais graciosas e movimentadas no século XVIII, e cujas linhas se simplificam consideravelmente no século XIX, perdendo praticamente os motivos ornamentais e tornando-se pobres e monótonas, compõem-se fundamentalmente de combinações variadas e harmoniosas de janelas, óculos e varandas, sendo estas, umas vezes, individuais e, outras corridas a toda a largura do prédio, dispostas de modo diverso nos seus diferentes pisos.*[114]

Se, nos séculos XV e XVI, os vãos exteriores *(...) são acentuadamente quadrados – isto é, largura = altura* ***- nos séculos seguintes são quase sempre rectangulares, com o lado maior na vertical***[115], como é possível observar na Figura 1.69. Joaquim Teixeira, autor já mencionado, faz a descrição do sistema construtivo destas fachadas, referindo que as dimensões dos vãos exteriores estavam limitadas às dimensões mais económicas dos lancis de pedra. *Por esta razão,* [os lancis de pedra] *eram frequentemente acrescentados, adaptando-se deste modo às várias alturas dos vãos.*[116]

> *As vergas dos vãos de portas e janelas eram sempre formadas por dois lancis, um exterior e outro interior, dispostos de maneira a formarem batente, consti-*

113 Nuno Valentim Lopes, op. cit., p. 2.

114 Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Casa Urbana em Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, (5ª edição), p. 282.

115 Rogério Azevedo, "Da sumptuária das casas do porto" in *Casas do Porto: século XIV ao XIX.* Porto: Câmara Municipal do Porto, Gabinete de História da Cidade, 1961, p. 33.

116 Joaquim Teixeira, op. cit., p. 145.

tuindo assim o aro de gola da padieira.

Os lancis exteriores podiam variar em função da riqueza dos seus pormenores decorativos, enquanto os interiores mantinham sempre a mesma forma, muito mais simples, susceptível de se combinar com qualquer dos casos anteriores.

Os parapeitos das janelas de peito eram formados apenas por um único lancil, que podia ser igual ao utilizado na padieira. É de notar ainda que, nestes vãos, os lancis situados entre o pavimento e o parapeito têm o mesmo perfil dos lancis interiores usados nas padieiras [117].

Nestes alçados, para além das portas exteriores, é possível encontrar três tipos de janelas: janelas de peito de guilhotina, janelas de peito de batente e janelas de sacada de batente. Estas janelas diferem não só nas suas dimensões, mas também na existência de almofadas nas janelas de sacada de batente. Podiam ainda ser mais ou menos requintadas, sendo o ornamento customizado consoante o gosto e o dinheiro do cliente, como é possível comprovar a partir das Figuras 1.70, 1.71 e 1.72.

Nos restantes pisos, as janelas de sacada e de peito eram preenchidas por caixilhos de batente em vidro ou, a partir da segunda metade do século XVIII, por caixilhos de guilhotina.

Os vãos com caixilhos envidraçados eram ainda complementados por portadas interiores, fixas aos aros de gola dos lancis das ombreiras, à semelhança do que acontecia com os caixilhos das portas do rés-do-chão.[118]

A janela de guilhotina (Figura 1.73), importada e difundida no Porto pelos ingleses no século XVIII, *(...) começa a ser substituída quase generalizadamente pela janela envidraçada*



1.70



1.71



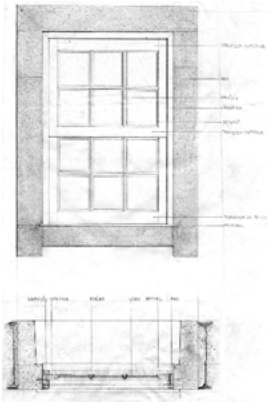
1.72

1.70 - Pormenor da fachada voltada para a rua do Comércio do Porto, construção do século XVIII, 1958.
1.71 - Aspeto dos arcos e edifícios da Rua de Miragaia, uma das zonas mais antigas da cidade do Porto, 1968.
1.72 - Edifícios na Rua D. Manuel II, Porto, fotografia de 2015.

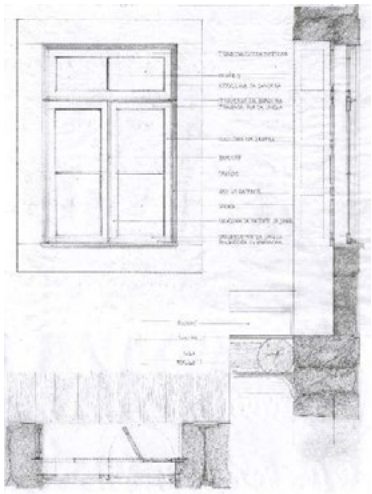
117 Joaquim Teixeira, *Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX – Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*, p. 145.

118 Joaquim Teixeira, op. cit., p. 48.

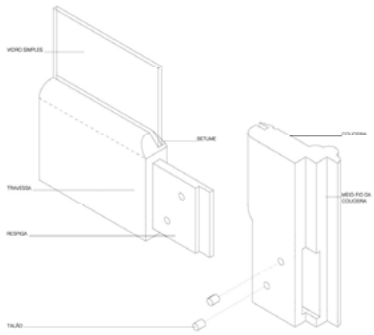
1.73



1.74



1.75



1.73 - Exemplo de janela de guilhotina, desenho de Joaquim Teixeira.
1.74 - Exemplar de janela de peito de batente, desenho de Joaquim Teixeira.
1.75 - Pormenor do encaixe entre travessa e couceira, desenho de Nuno Valentim Lopes.

de batente com duas folhas, bandeira e abertura para o interior[119].

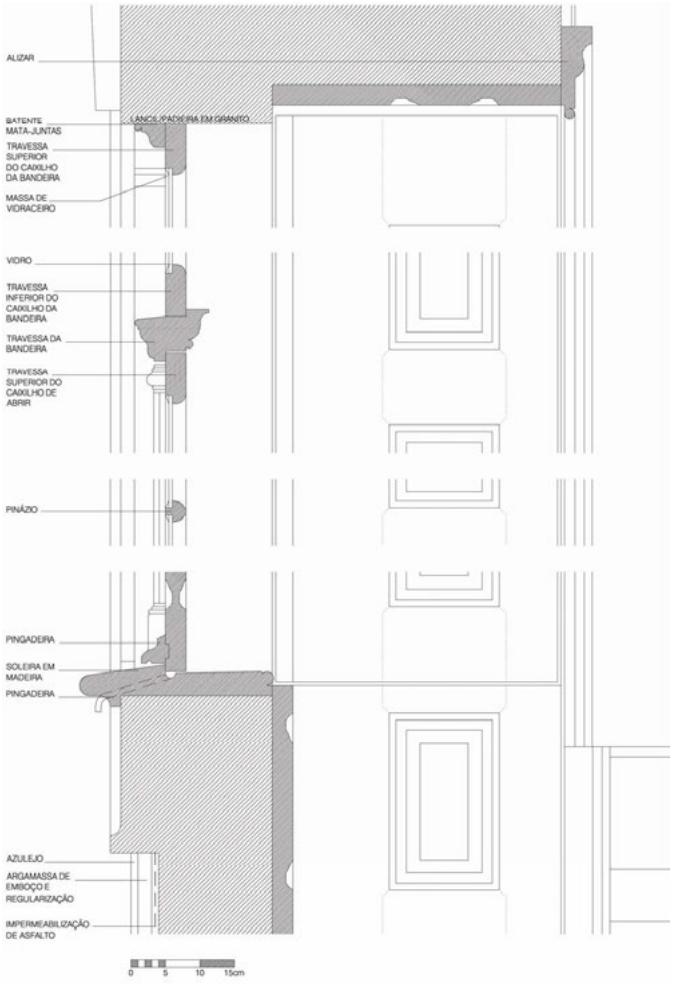
As janelas de batente, representadas na Figura1.73 (bem como nas próximas páginas da Figura 1.76 à 1.81), são normalmente encimadas por um bandeira fixa, *(...) excepto nas janelas de pisos acrescentados ou trapeiras, que são mais pequenas, por corresponderem a pés direitos mais baixos.*[120] Nestas janelas, *(...) os caixilhos de abrir são constituídos por uma esquadria de couceiras e travessas, divididas por pinázios e travessas intermédias, preenchidas com vidros e almofadas*[121]. Às travessas inferiores são fixadas *pingadeiras*, de forma a evitar a entrada de água e é pregado um perfil de batente a uma das *couceiras de batente*, a servir de *mata juntas*.

> *Generalizadamente estas janelas teriam dimensões múltiplas dos vidros disponíveis (**habitualmente 6 vidros por folha de correr – 3 módulos de largura por 2 de altura**).*
>
> *A tecnologia do fabrico do vidro avança enormemente no séc. XIX, o que contribui decisivamente para esta mudança: **as 2 folhas e a bandeira contemplam dimensões de envidraçados até então impossíveis de atingir.***
>
> *A relação com o exterior altera-se: maior transparência e luz natural são mais valias indispensáveis a uma cidade granítica, de ruas estreitas e lotes profundos.*[122]

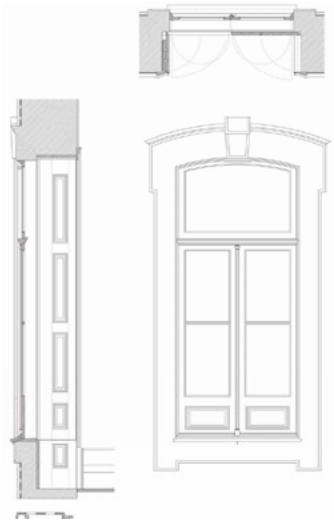
Os caixilhos das bandeiras, normalmente fixos, *(...) são apenas constituídos por uma esquadria de couceiras e travessas, dividida por pinázios, segundo variadas formas e estilos.*[123]

119 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, p. 16-17.
120 Joaquim Teixeira, op. cit., p. 151.
121 Nuno Valentim Lopes, op cit., p. 19.
122 Ibidem, p. 17.
123 Joaquim Teixeira, op. cit., p. 151.

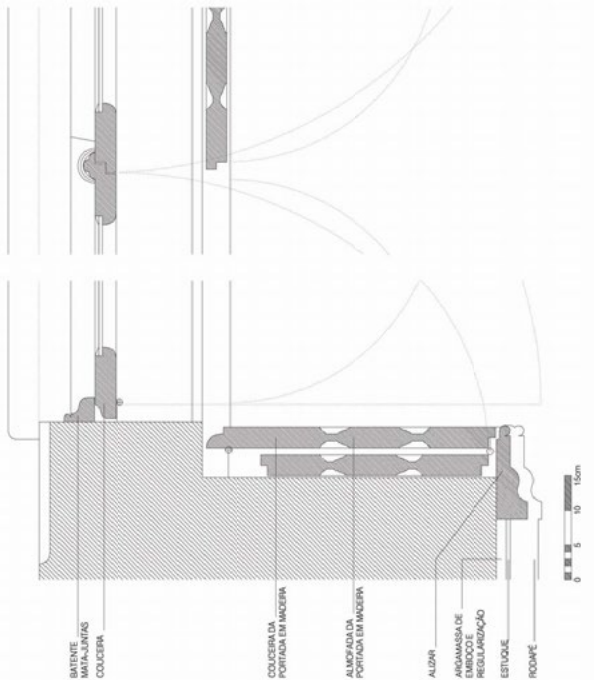
1.76



1.78

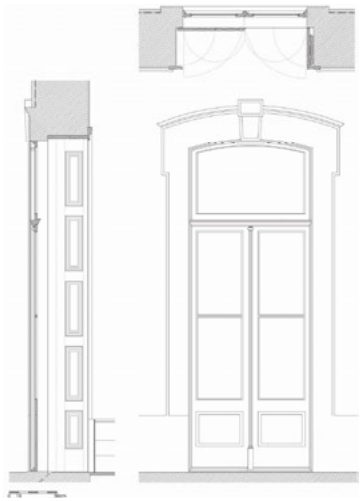


1.77

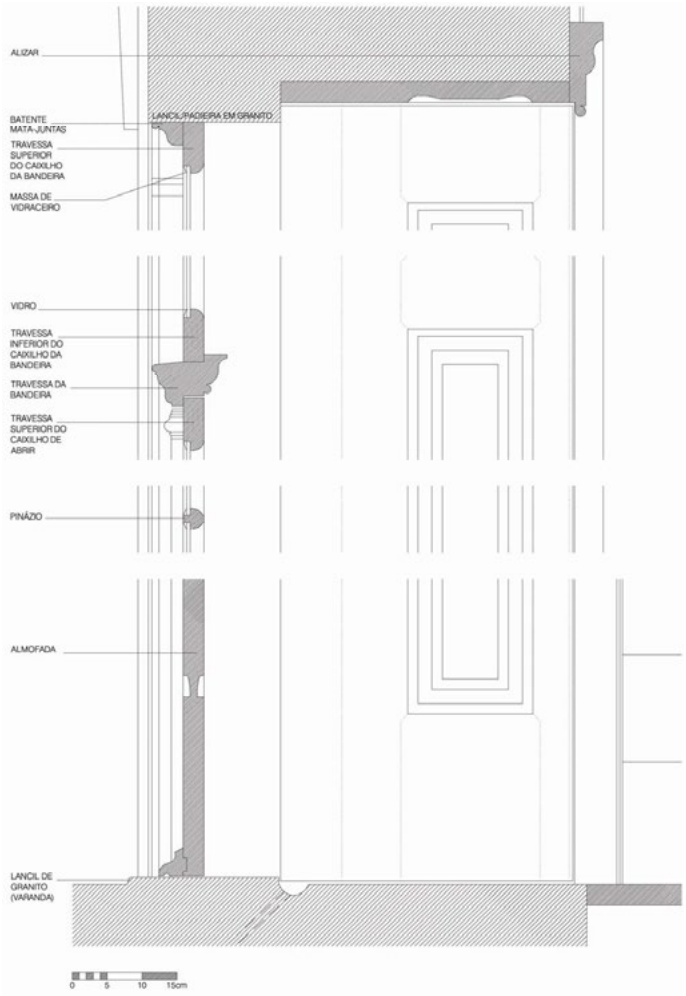


1.76 - Janela de peito e batente (duas folhas e bandeira fixa) - corte vertical, corte horizontal e alçado exterior, desenho de Nuno Valentim Lopes.
1.77 - Pormenor do corte vertical da mesma janela, desenho de Nuno Valentim Lopes.
1.78 - Pormenor do corte horizontal da janela, desenho de Nuno Valentim Lopes.

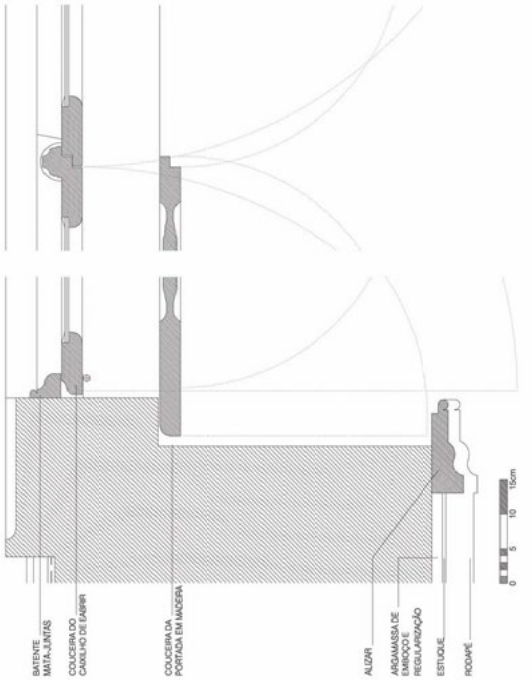
1.79



1.80



1.81



1.79 - Janela de sacada e batente (duas folhas e bandeira fixa) - corte vertical, corte horizontal e alçado exterior, desenho de Nuno Valentim Lopes.
1.80 - Pormenor do corte vertical da janela de sacada, desenho de Nuno Valentim Lopes.
1.81 - Pormenor do corte horizontal, desenho de Nuno Valentim Lopes.

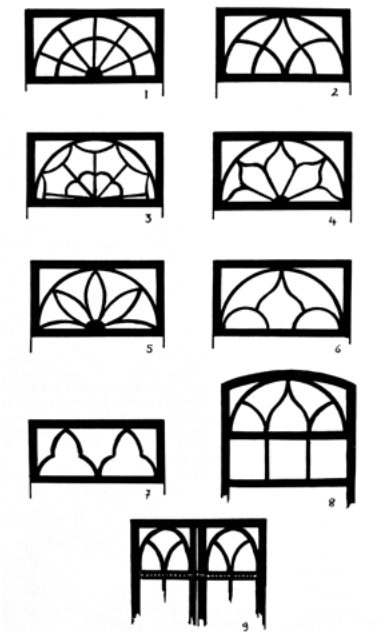
Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano referem que *(...) as bandeiras das portadas das varandas, quase sempre pintadas de branco, mostram também desenhos e frisos variados*[124]; estes autores realizam diversas gravuras de bandeiras, sendo possível observar na Figura 1.82 alguns dos frisos e desenhos mais comuns no Porto. Entre os caixilhos de abrir e o caixilho da bandeira existe a *travessa da bandeira*, que apresenta com os mais variadíssimos ornamentos. Relativamente ao processo de fixação destes elementos, Joaquim Teixeira afirma que:

> *(...) os aros continuam a ser os lancis das ombreiras e padieiras, onde são fixadas as dobradiças por meio de chumbadouros. Porém, os caixilhos de vidro nunca são fixos pelo interior do aro de gola, mas sim pelo exterior, o que determina a existência de um aro de batente e mata juntas em madeira, pelo lado exterior da esquadria, fixo à cantaria por pequenos tacos de madeira ou chapuzes.*[125]

No que toca ao parapeito do vão, este é revestido pela *soleira*, no exterior, e pela *tábua de peito*, no interior. Normalmente constituído por duas peças separadas, é também possível encontrar casos em que o parapeito é apenas revestido por uma peça. Relativamente aos materiais, as madeiras mais utilizadas eram o pinho da terra, a casquinha e o castanho; os vidros, que normalmente apresentavam espessuras entre os 3 e os 5 mm, eram fixados por tachas e seguidamente vedados com betume de vidraceiro.

> *Estas caixilharias seriam habitualmente pintada de tons de branco, excepto os aros mata juntas e as travessas da bandeira que seriam pintadas com as mesmas cores das portas*[126].

1.82



1.83



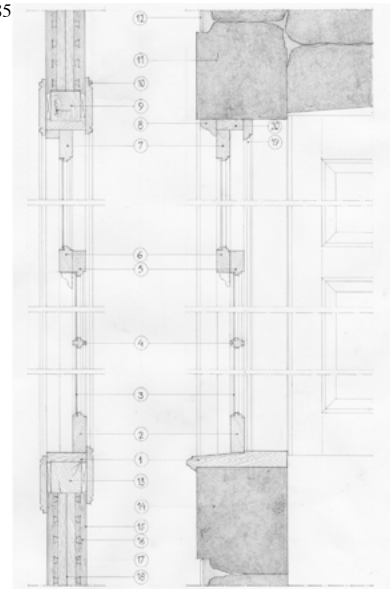
1.82 - Frisos e desenhos de bandeiras de janelas existentes no Porto.
Legenda: 1 - Muito vulgar; 2 - Muito vulgar; 3 - Rua de Santo António, atual Rua 31 de Janeiro; 4 - Rua das Flores; 5 - Frequente; 6 - Cais das Pedras, 49; 7 - Praça de Almeida Garrett; 7 - Cais de Monchique - Folha superior da janela de guilhotina; 9 - Rua Chã - Bandeira falsa das portadas.
1.83 - Casas nº 149 e 151, Porto. É importante destacar a janela de guilhotina, semelhante ao friso nº 8, presente na figura 1.82.

124 Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, op. cit, p. 330.
125 Joaquim Teixeira, op. cit., p. 151.
126 Joaquim Teixeira, op. cit., p. 152.

1.84



1.85



1.84 - Aspecto geral da casa n.º 2 situada no largo da Pena Ventosa, construção dos finais do século XV e inícios do século XVI. Fotografia de Teófilo Rego, 1958.
1.85 - Cortes verticais tipo por janelas de guilhotina interiores e exteriores, desenho de Joaquim Teixeira. Legenda: 1 - Tábua de peito; 2 - Travessa inferior da folha móvel; 3 - Vidro; 4 - Pinázio; 5 - Travessa superior da folha móvel; 6 - Travessa inferior da folha fixa; 7 - Travessa superior da folha fixa; 8 - Mata juntas exterior, 9 - Verga; 10 - Alizare; 11 - Lancil de padieira; 12 - Azulejo; 13 - Travessa de peito; 14 - Lancil de peito; 15 - Estuque; 16 - Reboco de saibro; 17 - Fasquio; 18 - Tabuado duplo; 19 - Guarnição da corrediça; 20 - Aro.

No caso específico das janelas de peito de guilhotina, Ernesto Veiga de Oliveira considera que este sistema foi trazido pelos ingleses que se instalaram no norte de Portugal (após o tratado de Methuen, de 1703) para negociarem o vinho do Porto.

Contrariamente ao caixilho de batente, o caixilho de guilhotina exige um aro fixo de madeira que serve de calha e permite as folhas da guilhotina deslizarem. Este aro, cuja largura corresponde à largura duas folhas do caixilho, cerca de 6 cm, é constituído por uma ou duas tábuas fixas às ombreiras de pedra através de *chapuzes* ou tacos de madeira. *(...) A este aro é pregado pelo exterior e pelo interior dois mata-juntas, sendo o exterior normalmente igual ao das janelas de batente, que vão conformar a forma da calha onde as folhas podem correr.* [127]

> *Essas janelas* [de guilhotina] *têm, na maioria dos casos,* ***folhas de três e quatro vidros de largo, por dois e três de alto,*** *e, no século XIX, aparecem por vezes na fileira mais alta da folha superior vidros com feitios e até cores diversas, numa simulação de portadas.*[128]

Ambas as folhas, tanto a fixa como a móvel, *(...) são constituídas por uma esquadria de duas couceiras e duas travessas, com o interior dividido por pinázios dispostos em forma de quadrícula*[129]. No que diz respeito à junção dos vários elementos dos elementos da caixilharia, esta samblagem é igual à das janelas de batente. O parapeito, revestido pela *soleira* no exterior e pela *tábua de peito* no interior (conformadas em duas peças ou numa única peça), difere das janelas de batente na forma do batente e pela inexistência do canal de goteira.

Quando a janela de guilhotina se localiza numa parede de tabique, são alterados os *mata-juntas* (tanto a forma como as dimensões), sendo estes elementos adaptados ao revestimento da parede, como é possível observar nos pormenores apresentados na Figura 1.85.

127 Ibidem, p. 152.
128 Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, op. cit, p. 331.
129 Joaquim Teixeira, op. cit., p. 152.

Os vãos e as caixilharias são elementos fundamentais *na história da arquitectura e da construção, elemento de mediação interior/exterior e de fruição das necessidades elementares do habitar: protecção das agressões exteriores e regulação da luz natural, ruído e variações de temperatura.*[130]

As janelas de guilhotina e as janelas de batente, de peito e de sacada frequentemente partilham o mesmo alçado (Figuras 1.86 e 1.87) e, para além de definirem o desenho da fachada, têm diversas problemáticas a si associadas, - como a mediação interior/exterior, a sua construção, a exigência acústica, a exigência térmica - tornando-se um dos elementos construtivos mais complexos e desafiantes de reabilitar.

Esta sistematização e estandardização dos sistemas construtivos tradicionais e das características das caixilharias exteriores foi vigente até ao advento do betão armado no século XX[131], que permitiu o crescimento dos edifícios em altura e a abertura de vãos de maiores dimensões.

1.86



1.87



1.86 - A "Confeitaria Oliveira" na Praça de Carlos Alberto, no Porto, em 1900. Destaca-se também a "Casa Saldanha" (confeitaria e mercearia) e a "Hospedaria Antiga Casa Torrado". É possível verificar a diversidade de janelas presente em cada edifício; na "Casa Saldanha" estão presentes janelas de peito de guilhotina (no piso 1), janelas de sacada de batente com bandeira (no piso 2) e janelas de sacada de batente, sem bandeira, no último piso.

1.87 - Pormenor da praça da Ribeira com destaque para as casas e arcos da rua de Cima do Muro, Porto.

130 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX* (Dissertação de Mestrado). Porto: FEUP, 2006, p. 1.

131 João Appleton, *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias da Intervenção.* Amadora: Edições Orion, 2011, p. 7.

1.3.2. DIAGNÓSTICO: LEVANTAMENTO, INSPEÇÃO E PATOLOGIAS

1.88 

1.89 

1.90 

1.91 

1.88, 1.89, 1.90 e 1.91 - Evolução do edificado portuense: 1812, 1892, 1930 e 1961, respetivamente.

> ***Importa**, em primeiro lugar, **delimitar o próprio âmbito do que se entende por edifícios antigos**; neste trabalho, reassume-se uma definição que encontra aliás defensores noutros países. **Edifício antigo é aquele que foi construído antes do advento do betão armado como material estrutural dominante**, ou seja, antes do aparecimento do cimento Portland, **recorrendo portanto a materiais e técnicas que têm origem quase perdida no tempo, mas que foi herdada, e nem sempre bem compreendida e aplicada, da tradição romana de construir.***[132]

Nas Figuras 1.88, 1.89, 1.90 e 1.91 é possível observar a evolução do edificado portuense, desde o século XIX.

Partindo dos censos de 2011[133] é possível afirmar que, da totalidade dos 44.342 edifícios existentes na cidade do Porto, 7.821 tinham sido construídos antes de 1919; é possível, também, constatar que foram construídos 9.779 edifícios entre 1919 e 1945 e, na janela temporal entre 1946 e 1960, foram construídos mais 8.760 edifícios.

Em suma, em 2021, 26.360 edifícios da cidade do Porto - mais de metade dos edifícios existentes na cidade - apresentam mais de 60 anos de idade.

> *O Porto, com um índice de envelhecimento de edifícios de cerca de 1070, é o município com o parque habitacional mais antigo.*[134]

132 João Appleton, *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias da Intervenção*. Amadora: Edições Orion, 2011, p. 7.

133 Total de edifícios no Porto: 44.324; Construídos antes de 1919: 7.821; Construídos entre 1919 e 1945: 9.779; Construídos entre 1946 e 1960: 8.760; Construídos entre 1961 e 1970: 6.099; Construídos entre 1971 e 1980: 4.416; Construídos entre 1981 e 1990: 2.523; Construídos entre 1991 e 1995: 1.106; Construídos entre 1996 e 2000: 1.356; Construídos entre 2001 e 2005: 1.156; Construídos entre 2006 e 2011: 1.308. Disponível em: <url:https://www.ine.pt/xurl/pub/156638623>

134 Instituto Nacional de Estatística - Censos 2011. *XV Recenseamento Geral da População: V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados definitivos: Região Norte*. Lisboa: INE, 2012, p. 67. Disponível em: <url:https://www.ine.pt/xurl/pub/156638623>.



1.92



1.93



1.94

Este índice de envelhecimento de edifícios significa que, por cada 100 edifícios construídos entre de 2001 e 2011, existem 1070 edifícios construídos até 1960 na cidade do Porto. No que se refere aos edifícios a necessitar de reparações, o Porto é um dos municípios com valores acima de 40%. Com efeito, do total de 44.342 edifícios existentes no Porto em 2011, 24.161 edifícios não tinham necessidade de reparação, 19.018 edifícios necessitavam de reparações e 1145 edifícios estavam muito degradados. Relativamente à idade dos 19.018 edifícios que necessitavam de reparações, é de destacar que 13.844 destes edifícios já existiam antes de 1960. O Mercado do Bolhão enquadra-se nesta categoria e estava, desde os anos oitenta, a necessitar de reparações; as obras de reabilitação tiveram início em 2018 (Figura 1.92) e a abertura do mercado está prevista para o ano de 2022.

No caso das caixilharias exteriores, é possível verificar que da totalidade de edifícios do Porto, 23.955 edifícios necessitavam de reparações nas paredes e caixilharias exteriores. Apesar de 12.721 edifícios necessitarem de pequenas reparações nestes elementos, é possível contabilizar 11.234 edifícios com a necessidade de reparações médias (6.966 edifícios), grandes (2.731 edifícios) e muito grandes (1.537 edifícios) ao nível das paredes e caixilharias exteriores.

Apesar de nos basearmos em dados de 2011, a reflexão apresentada é bastante pertinente. Muitos destes edifícios já receberam intervenções na última década (Figura 1.93 e 1.94), no entanto, é importante destacar que a grande parte destas intervenções foi realizada durante a vigência do RERU (2014-2019), regime excecional já referido anteriormente no subcapítulo 1.2.4. Relativamente às caixilharias de madeira, o estudo realizado em 2006, por Nuno Valentim, demonstra que, de forma generalizada, *(...) os arruamentos abertos no séc. XIX ou de forte construção neste período conservam ainda hoje uma expressiva percentagem de caixilharia de madeira e em muitos casos a caixilharia original*[135].

1.92 - Enquadramento de um dos vãos exteriores do Mercado do Bolhão, durante a reabilitação do edifício, 2019.
1.93 e 1.94 - Casas "semelhantes" na Rua do Campo Alegre, no Porto, 2021. É possível verificar o protagonismo das caixilharias no desenho do alçado. A substituição das caixilharias originais leva à perda da coerência e desenho originais, criando-se, assim, uma nova leitura do alçado.

135 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, p. 33.

Estes dados são referentes à época anterior ao "boom turístico", infelizmente, *(...) hoje em Portugal, nas nossas principais cidades, como o Porto e Lisboa, essa exceção tornou-se regra e, mais do que isso, é proposta pelo imobiliário como o modelo desejável a seguir!*[136]

Numa entrevista com o arquiteto Álvaro Siza Vieira, Eduardo Souto de Moura refere que a reabilitação praticada atualmente é uma reabilitação inculta, *(...) porque encara a fachada tradicional do Porto como uma "máscara" para encobrir open-spaces*[137]*,* sendo executada sempre a solução mais barata que normalmente, consiste em manter a fachada e demolir o resto. Na mesma entrevista, Álvaro Siza Vieira afirma, ainda, que, *(...)* ***As fachadas da Baixa do Porto estão a ficar todas desdentadas...***



1.95

ESTUDO DIAGNÓSTICO

Almejando uma reabilitação integrada, da recuperação do edificado à reabilitação das caixilharias de madeira existentes, é necessária, antes de mais, a realização de um **diagnóstico** (levantamentos, inspeção e patologias).

Este estudo diagnóstico deve contemplar uma **recolha fotográfica e pesquisa arquivística** (plantas da cidade ou do local de implantação, fotografias, desenhos técnicos da época da construção e de intervenções posteriores), que será a base da operação de reabilitação.

Estes registos históricos e originais, *(...) sobre o edifício objecto de estudo fornecem elementos absolutamente decisivos quanto à estratégia de reabilitação a adoptar, permitindo hierarquizar opções de projecto e, em muitos casos, derrubar alguns falsos mitos relativamente a estes processos*[138]. É pro-

136 José Aguiar, "Reabilitação ou Fraude?", p. 67.

137 "Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura entrevistados por Nuno Grande e Anne Wermeille", in *Werk, Bauen+Wohnen* (Revista Suíça de Arquitetura), Julho/Agosto 2012. Disponível em: < https://www.wbw.ch/de/heft/artikel/originaltexte/2012-7-8-entrevista-a-alvaro-siza-e-eduardo-souto-de-moura.html >

138 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 57.

1.95 - Edifício na Rua de Santa Catarina, Porto, 2021.

1.96



1.96 - Levantamento fotográfico, com auxílio de escala métrica.

vável que não se encontre documentação específica no caso das caixilharias existentes,

> ***(...) mas não se poderá esquecer que estas operações de reabilitação estão normalmente inseridas num programa mais extenso e seria errado 'compartimentar' estratégias e isolar as caixilharias do restante edifício.***[139]

Percorrendo a cidade do Porto, é possível verificar que a maioria das reabilitações aposta numa solução de substituição integral das caixilharias originais (Figura 1.95). *Importa acautelar as caixilharias logo na fase de projecto pois pode correr-se o risco de, durante a obra, serem removidas as caixilharias porque "não existia nada que se aproveitasse" (e frequentemente os adjudicatários preferem "fazer novo" a reabilitar).*[140]

De forma a precaver estas situações é essencial a realização de um **levantamento geométrico/arquitetónico** (Figura 1.96), mesmo em casos de substituição das caixilharias. Este levantamento deverá incluir alçados interiores e exteriores, cortes e pormenores construtivos, *(...) onde sejam claros os elementos constituintes: encaixes, fixações, reforços, ligações, ferragens*[141]. A pormenorização construtiva é indispensável para a caracterização destes elementos e para o sucesso da operação de reabilitação.

Também o **levantamento fotográfico** é decisivo e necessário ao trabalho de gabinete, e deve ser metódico e abrangente: deverá incidir sobre o conjunto urbano do edifício e as suas várias escalas (da inserção urbana, passando pela escala arquitetónica do edifício e culminando no pormenor técnico e desempenho construtivo) e também definir um método que permita a caracterização do objeto de estudo (várias vistas, devidamente registadas e localizadas em planta).

Na seguinte lista, Nuno Valentim outorga alguns dos

139 Ibidem, p. 57.

140 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 58.

141 Ibidem, p. 58.

enquadramentos necessários para um levantamento fotográfico completo:

Exterior:

- conjunto de edifícios ou quarteirões onde se insere;

- conjunto de edifícios ou quarteirões adjacentes ou opostos;

- o vão e seus componentes particulares: soleira, relação com o plano da fachada, travessa da bandeira, massas, betumes;

- patologias visíveis;

- drenagem das águas pluviais incidentes.

Interior [Figuras 1.97 a 1.101]*:*

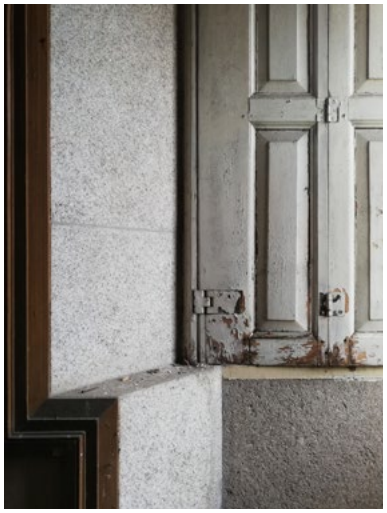
- fotografias gerais mostrando a relação com a face interior da parede onde se insere;

- janelas abertas / fechadas;

- elementos singulares: ferragens, relação com as portadas, fixação ao aro de pedra (ou madeira), articulação com a soleira, batentes.[142]

Este autor aconselha, ainda, a inclusão de uma escala métrica nas fotografias (Figura 1.96), de maneira a facilitar o tratamento das informações levantadas. Durante o levantamento, é necessária uma **inspeção visual** cuidada das janelas existentes de forma a verificar o estado das caixilharias e identificar eventuais patologias nos seus componentes e materiais. *Se a análise for metódica e abrangente no registo/identificação de anomalias, muitas questões de estratégia para a reabilitação de janelas podem ser respondidas no decurso da* ***inspecção visual preliminar***.[143]

Com o auxílio de instrumentos simples - como escovas metálicas, espátulas, canivetes - é possível verificar anomalias



1.97



1.98



1.99

142 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 58.

143 Ibidem, p. 62.

1.100



1.101



1.97, 1.98, 1.99, 1.100 e 1.101 - Levantamento fotográfico (vistas, ferragens, patologias, etc...) de uma janela de guilhotina, Porto.

na madeira, pintura e massas. Caso sejam detetadas infiltrações de forma sistemática na caixilharia poderá ser necessária a substituição parcial ou integral dos elementos degradados, no entanto, existe a possibilidade das causas da infiltração serem de fácil deteção e resolução. Assim, compreender o funcionamento da drenagem das águas nos pontos críticos das caixilharias[144] é essencial para a deteção correta de patologias.

Para além da inspeção visual, é importante a realização de **sondagens, ensaios e medições**. No entanto, tendo em conta as limitações orçamentais habitualmente presentes em projetos de reabilitação, dificilmente são realizados ensaios e testes aos vãos existentes. Também o fato de as caixilharias serem construídas manualmente, apresentando variações na sua geometria e degradação, reforça a ideia de que "cada caso é um caso", dificultando a parametrização dos desempenhos dos caixilhos existentes e dos caixilhos reabilitados.

Com o auxílio de instrumentos como lixas, chaves de fendas, formões, é possível realizar ensaios simples - analisar os encaixes ao remover a tinta ou retirar amostras para analisar a madeira - que nos permitem compreender a sequência da construção das caixilharias. Existe também a possibilidade de utilizar instrumentos portáteis para medir e registar valores relativos ao comportamento térmico e acústico dos espaços contíguos, fornecendo dados importantes à estratégia global de intervenção no edifício - *(...) a ponderação do **papel da caixilharia** nos desempenhos supracitados **é seguramente decisiva** mas difícil de quantificar.*[145]

ANOMALIAS E PATOLOGIAS

As anomalias presentes nas caixilharias em estudo de-

144 Indicações relativas aos pontos críticos das caixilharias:
"- recolha e expulsão da água na soleira (sob a travessa inferior ou pingadeira); - verificar se nos vários elementos que compõe a caixilharia existe possibilidade de acumulação das águas pluviais incidentes." in Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 62.

145 Ibidem, p. 63.

vem-se maioritariamente às alterações ao nível da humidade, precipitação e luz solar, que causam a alteração e deterioração dos materiais construtivos (Figura 1.102 a 1.107).

A madeira, material utilizado na construção destes elementos, deve estar bem seca e isenta de seiva - caso contrário, a sua aplicação resultará no empeno das peça e no seu apodrecimento (lenta combustão, que resulta da fermentação da seiva pela ação da humidade e do ar). *A densidade da madeira é muito variável, dependendo para a mesma espécie da idade, proveniência e quantidade de água contida.*[146]

Para evitar a absorção e evaporação de água[147], a madeira é protegida exteriormente por uma pintura ou envernizamento. No entanto, *(...) o desgaste e a fissuração da pintura da caixilharia e dos aros de contorno permite que a madeira fique exposta e apodreça, sendo normalmente a anomalia mais acentuada no exterior ao nível das travessas inferiores e peitoril/soleira*.[148] Referem-se ainda que os elementos mais esbeltos e trabalhados, como os pinázios, batentes centrais e travessas da bandeira, *(...) são particularmente susceptíveis à degradação e consequente apodrecimento*. Os principais defeitos da madeira exposta, são apresentados na seguinte sequência:

- Radiação solar: retracção da madeira, madeira cinzenta - decomposição lenhina;

- Esforços internos: fendas longitudinais;

- Chuva: água nas fendas;

- Inchamento: aprofundamento das fendas;

- Fendas profundas: permanência da humidade;

- Permanência da humidade: desenvolvimento fungos/insectos;

- Acção de fungos/insectos: deterioração interna;



1.102



1.103



1.104

146 João E. dos Santos Segurado, *Materiais de Construção*, 6ª edição, Biblioteca de Instrução Profissional, Lisboa: Libraria Bertrand, 1934. Apud. Teixeira, op. cit., p. 54.

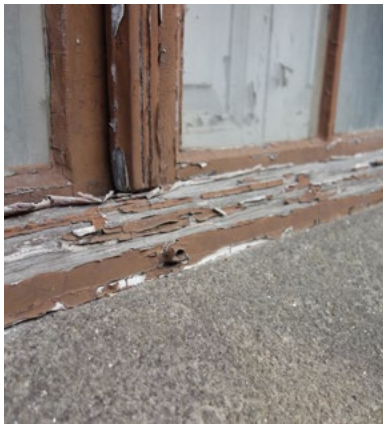
147 "*A variação da quantidade de água contida na madeira provoca alterações nas suas dimensões transversais. A madeira aumenta de volume ao absorver água e contrai-se ao secar, contudo, o comprimento das peças mantém-se invariável."* in Joaquim Teixeira, op. cit., p. 54.

148 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 66.

1.105



1.106



1.107



1.102, 1.103, 1.104, 1.105, 1.106 e 1.107 - Levantamento fotográfico, em destaque as várias patologias e anomalias das caixilharias de madeira existentes.

- Deterioração pronunciada: perda de resistência/ruína.[149]

A indústria do vidro[150] - que originalmente determinou a configuração e proporção dos vãos e influenciou diretamente a definição construtiva e o funcionamento das caixilharias - evoluiu e, atualmente, *(...) os vidros contemporâneos perderam as irregularidades próprias do fabrico mais artesanal*[151]. No entanto, caso seja necessária a substituição deste componente nas caixilharias originais, atendendo à espessura do caixilho e pinázios, *(...) estaremos limitados à utilização de vidro simples e um sistema de aplicação tradicional – com pregos de arame ("tachas") e massa de vidraceiro*[152].

Relativamente à massa de vidraceiro[153], - utilizada para fixar os vidros nos caixilhos - a degradação da pintura que protege esta massa leva à sua fissuração e posterior destacamento, permitindo que as várias peças dos caixilhos fiquem expostas à chuva e ao sol. Também o betume de marceneiro é de extrema importância, pois cobre as fendas da madeira depois de trabalhada, sendo aplicado antes de pintar as caixilharias.

As caixilharias em estudo eram pintadas com tinta de óleo - feita em geral com óleo de linhaça, aguarrás, pigmento, secantes, e alvaiade - que deveria satisfazer diversas condições como *(...) ter intensidade luminosa, ser fixa, cobrir bem os materiais sobre os quais se aplica, diluir-se bem, ser insolúvel na água e não se decompor em presença de outras tintas ou dos líquidos com que se mistura.*[154] A pintura deve ser estanque e alvo

149 José Amorim Faria, "Reabilitação de coberturas em madeira em edifícios históricos", in *A intervenção no Património: Práticas de Conservação e Reabilitação*. Porto: FEUP, 2002. Apud. Nuno Valentim Lopes, op. cit., p. 66-67.

150 "*O vidro é um composto de sílica, potassa ou soda e cal ou óxido de chumbo, transformados por fusão numa substância inorgânica, que na sua forma ordinária é transparente, brilhante, dura e quebradiça, apenas atacável pelo diamante, que a risca, e pelo ácido fluorídrico."* João E. dos Santos Segurado, *Materiais de Construção*. Apud. Joaquim Teixeira, op. cit., p. 77.

151 Nuno Valentim Lopes, op. cit., p. 67.

152 Ibidem, p. 67.

153 A massa de vidraceiro *"(...) obtém-se ao misturar cré ou branco de Hespanha com óleo de linhaça*." João E. dos Santos Segurado, *Materiais de Construção*. Apud. Joaquim Teixeira, op. cit., p. 81.

154 João E. dos Santos Segurado, op. cit.. Apud. Joaquim Teixeira, op. cit., p. 78.

de manutenção periódica, caso contrário vai-se deteriorando e pode causar inchamentos/empenos na madeira. Por sua vez, a madeira deteriorada causa deficiências no funcionamento e vedação das janelas. *Os riscos para o edifício são evidentes prolongando-se as infiltrações de água das chuvas para as paredes e pavimentos, incluindo a respectiva estrutura e revestimento de piso e tectos.*[155]

As janelas de guilhotina praticamente não tinham ferragens; pelo contrário, as ferragens são um componente essencial ao funcionamento das janelas de batente - são necessárias várias dobradiças e o fecho central (Figura 1.108, 1.109 e 1.110). *As anomalias mais frequentes resultam da degradação natural destes elementos metálicos deixando de funcionar e provocando o seu destacamento/rotura.*[156]

Entre os elementos do perímetro da caixilharia tradicional (soleira e mata-juntas de madeira) e o aro de gola (abertura do vão na fachada de granito) não existia qualquer elemento de vedação complementar. Só começou a ser aplicado um produto de base asfáltico sob das soleiras de madeira no século XX, o que revela a eficácia do elemento construtivo original - estes elementos não necessitavam *(...) de recorrer a vedações complementares para obter um bom comportamento no que respeita à estanquidade ao ar e à água*.

> *(...) Importa referir que nas opções de conservação o mata-juntas e a soleira são determinantes na estanquidade da caixilharia, pelo que se deverá garantir uma perfeita aderência/colmatação entre estes elementos e os lancis de granito. No caso concreto da soleira note-se que, para além da sua saliência relativamente ao plano da fachada, esta peça de madeira 'morde' o lancil, evitando escorrência sob a própria soleira.*[157]

155 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 69.

156 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 70.

157 Ibidem, p. 70.



1.108



1.109



1.110

1.108, 1.109, 1.110 - Levantamento fotográfico de janela de batente, em destaque as ferragens existentes.

1.3.3. SEIS ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO EM CAIXILHARIAS DE MADEIRA EXISTENTES

> ***O Arquitecto não é um especialista. (...) O Arquitecto trabalha com especialistas.*** *A capacidade de relacionar, utilizar pontes entre conhecimentos, criar para além das respectivas fronteiras, para além da precariedade das invenções, exige aprendizagem específica e condições estimulantes.*[158]

Antes de aprofundar as várias possibilidades de intervenção, é importante afirmar que toda e qualquer reabilitação resulta de um trabalho interdisciplinar e, neste sentido, o Estudo Diagnóstico deve ser realizado com o auxílio das várias especialidades intervenientes no projeto de reabilitação: da arquitetura aos vários consultores a nível da engenharia (estruturas, hidráulicas, térmica e acústica, AVAC e gás, segurança contra incêndios, entre outras...), e a profissionais especializados como carpinteiros, vidraceiros e serralheiros.

> ***Reabilitar, às vezes é manter, é refazer o que está.*** *Não se tem de tornar uma coisa velha numa coisa nova.* ***É assim, os edifícios têm a idade que têm.*** *Eu não tenho nada contra a reabilitação de edifícios, obviamente não estou a dizer isso.* ***Mas é preciso ver caso a caso e até que ponto reabilitamos, senão daqui a pouco descaracterizamos o edifício.***[159]

Partimos das palavras de José Gigante, para introduzir as seis estratégias de intervenção apresentadas neste subcapítulo, identificadas por Nuno Valentim na sua dissertação de mestrado. Seguindo o raciocínio deste autor, as estratégias dividem-se em dois grupos de intervenção: três estratégias de conservação da caixilharia existente e três estratégias de substituição da caixilharia existente.

Como foi referido anteriormente, o Estudo Diagnóstico

158 Álvaro Siza Vieira, "Sobre Pedagogia*"* in *01 Textos*. Lisboa: Parceria AM Pereira, 2019, p. 115.

159 Palavras proferidas por José Gigante na entrevista "À conversa com José Gigante", in Sérgio M. Lopes Rodrigues, *Reabilitação de caixilharias de madeira na obra de Arménio Losa e Cassiano Barbosa: contributo para um possível redesenho* (Dissertação de Mestrado Integrado). Porto: FAUP, 2013.

é essencial para a definição de estratégias, pois *(...) só uma correcta interpretação dos dados recolhidos permitirá uma decisão que conduza a uma operação de reabilitação responsável, consciente dos seus efeitos e com uma ponderação equilibrada entre as (...) exigências funcionais e culturais.*[160]

Todas as estratégias de intervenção em caixilharias existentes devem ter em atenção *(...) a necessidade de cuidar das questões de ventilação dos compartimentos, já que a vedação perfeita das janelas impedirá a ventilação natural que tradicionalmente se processa através das folgas e outras imperfeições da caixilharia*[161]. Mais precisamente, se o comportamento higrotérmico da caixilharia sofrer uma melhoria substancial, poder-se-ão causar outras anomalias - como a formação de humidade de condensação nas paredes,caso não seja adicionado qualquer isolamento técnico nas alvenarias em contato com o exterior.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO DA CAIXILHARIA EXISTENTE

Sempre que se verifique a existência de caixilharias da origem do edifício (bem como trabalhos de marcenaria de valor), dever-se-ão ponderar todas as hipóteses de restauro/ reabilitação primeiramente, antes de se optar pela sua substituição. Relativamente às estratégias de conservação da caixilharia existente, é importante distinguir dois níveis de profundidade de intervenção diretamente relacionados com o seu estado de conservação:

- trabalhos de conservação e/ou restauro que impliquem uma manutenção corrente ou reparação ligeira;

- trabalhos de conservação e/ou restauro que impliquem a substituição pontual de material.

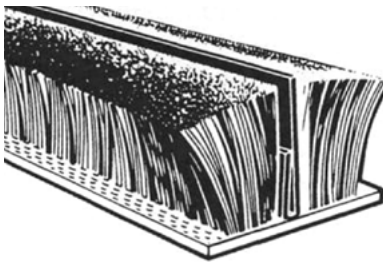
160 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 71.

161 Ibidem.

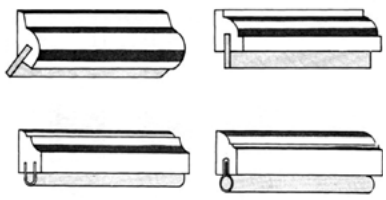
1.111



1.112



1.113



1.111 - Pormenor de uma travessa da bandeira de uma janela de batentes com duas folhas e bandeira superior.
1.112 e 1.113 - Vedantes, pelúcia, feltro e borracha.

1. Restaurar a caixilharia existente utilizando técnicas e materiais tradicionais. Esta operação interventiva é, sem dúvida, a mais conservadora, pois utiliza técnicas e materiais tradicionais. Em contrapartida, é a operação que enfrentará mais dificuldades a nível económico/ técnico pois, cada vez mais, é complicado encontrar artífices com experiência e qualificação nas áreas da carpintaria/marcenaria. Reabilitar/ restaurar seguindo os métodos tradicionais acarreta também o risco do desempenho da caixilharia se distanciar dos parâmetros de conforto contemporâneos, no entanto, esta opção interventiva é facilmente justificável para edifícios de valor histórico e monumental.[162]

2. Conservar a caixilharia existente através de técnicas e materiais contemporâneos. Este é considerado um dos caminhos mais acertados a seguir quando as caixilharias originais são passíveis de ser recuperadas. Utilizar técnicas e materiais contemporâneos possibilita a melhoria do desempenho da caixilharia, praticamente sem alterar a imagem original, nomeadamente através de:

- introdução de vedantes de borracha nos pontos críticos da caixilharia [Figuras 1.112 e 1.113]*;*

- reforço de encaixes ou realização de próteses ;

- utilização de vidros com melhor desempenho;

- adaptação ou substituição de ferragens (dobradiças, fechos, etc.);

- aplicação de tintas, massas e mastiques com melhor desempenho e durabilidade[163].

Face à solução anterior, esta operação interventiva garante uma maior economia, uma vez que as técnicas contemporâneas são acessíveis aos construtores, poupando-se no tempo e na mão de obra especializada. *À semelhança da opção anterior continua-se desta forma a garantir o respeito histórico/ arquitectónico e a própria integração urbana com melhorias de*

162 "*Das seis estratégias descritas esta poderá revelar ter o pior comportamento ao nível das exigências funcionais, mas também em muitos casos dará a melhor resposta às exigências de enquadramento arquitectónico e histórico.*" Ibidem, p. 72.

163 Ibidem, p. 74.

desempenho.[164] Nuno Valentim sintetiza ainda a sequência de trabalhos a realizar nesta operação interventiva:

- Remoção parcial dos componentes da caixilharia;

- Substituição das peças de madeira degradadas (se aplicável);

- Limpeza da madeira e aplicação de tratamento de preservação [Figuras 1.114 e 1.115]*;*

- Aplicação de nova pintura;

- Tratamento das juntas de ligação com o contorno;

- Verificação do funcionamento da caixilharia;

- Tratamento dos painéis de vidro;

- Tratamento dos acessórios e dos elementos metálicos de fixação associados às caixilharias (e/ou aplicação de novos elementos).

Tal como na estratégia anterior, não é possível avaliar o desempenho desta solução conservativa. No entanto, é possível apontar que as técnicas e materiais contemporâneos melhoram o desempenho e a durabilidade da janela face à operação interventiva com materiais tradicionais, sendo que as diferenças entre resultados finais são praticamente impercetíveis. *Se os espaços em causa não possuírem grandes exigências de conforto (principalmente ao nível acústico e térmico)*[165], esta é uma ótima solução de reabilitação de caixilharias existentes.

3. Conservar a caixilharia existente e introduzir uma segunda caixilharia interior. Existindo a possibilidade física de introduzir uma segunda caixilharia pelo interior, esta é a solução que, globalmente, melhor corresponde às exigências de desempenho e às necessidades de conservação arquitetónica da preexistência. A segunda caixilharia - que não influencia a fachada exterior pois é introduzida no interior - poderá ser classificada (selecionada a partir de um sistema de mercado) ou desenhada especificamente para o local (caso as condicionantes do local ou exigências de integração arquitetónica assim o obriguem).

No exemplo presente nas Figuras 1.116, 1.117 e 1.118



1.114



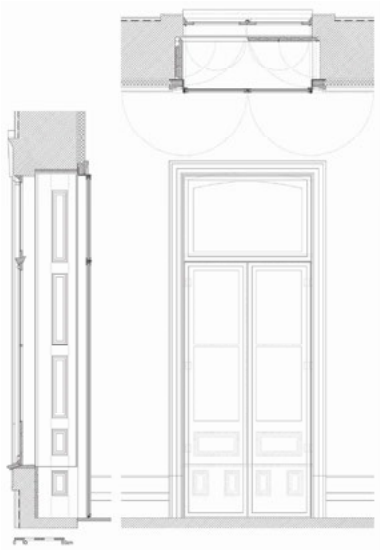
1.115

1.114 e 1.115 - Reparação de caixilharia deteriorada com técnicas e materiais contemporâneos.

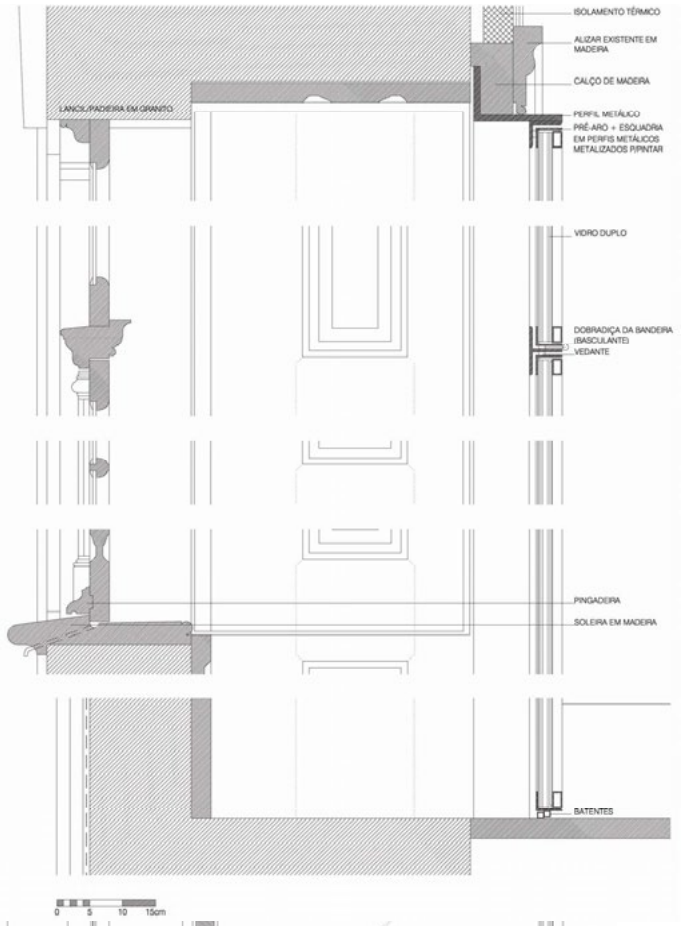
164 Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 74.

165 Ibidem, p. 75.

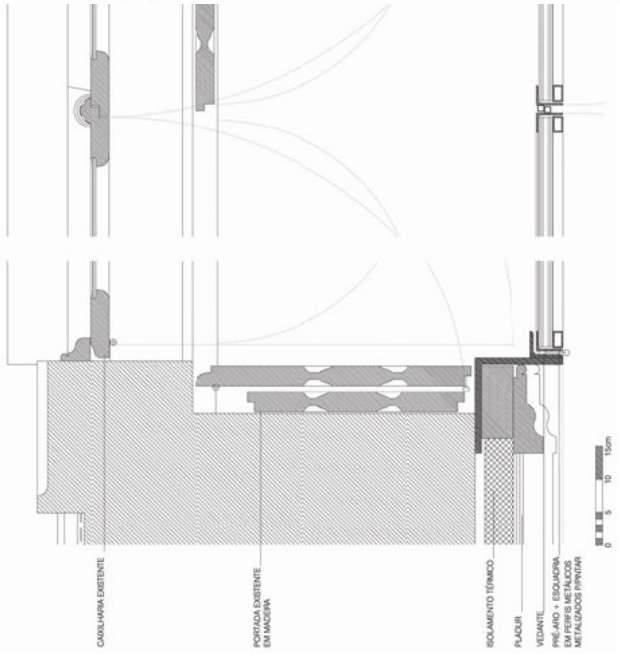
1.116



1.117



1.118



1.116 - Conservação da caixilharia existente e introdução de uma segunda caixilharia interior - corte vertical, corte horizontal e alçado interior, desenho de Nuno Valentim Lopes.
1.117 - Conservação da caixilharia existente e introdução de uma segunda caixilharia interior. Pormenor do corte vertical da janela de sacada, desenho de Nuno Valentim Lopes.
1.118 - Conservação da caixilharia existente e introdução de uma segunda caixilharia interior. Pormenor do corte horizontal, desenho de Nuno Valentim Lopes.

foi adicionada uma segunda caixilharia pelo interior em ferro, *(...) por razões de enquadramento arquitectónico e relação com a preexistência - a expressão reduzida do perfil metálico neutraliza os novos caixilhos e simultaneamente distancia os tempos de intervenção.*[166] É importante reafirmar a necessidade de analisar caso a caso a situação existente, para posteriormente definir qual a caixilharia apropriada para responder às necessidades específicas de cada caso.

Não é possível quantificar o desempenho da janela original conservada - à semelhança do que sucede nas estratégias anteriores - no entanto, se a nova caixilharia introduzida for classificada, existe uma base que nos permite avaliar o desempenho de conjunto. No exemplo apresentado, a nova caixilharia interior foi desenhada especificamente para o seu local, o que dificulta a execução de ensaios e a quantificação do seu comportamento.

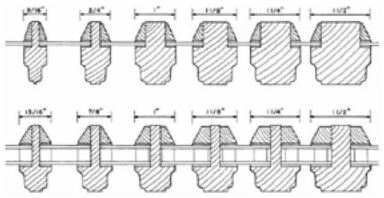
ESTRATÉGIAS DE SUBSTITUIÇÃO DA CAIXILHARIA EXISTENTE

João Appleton, autor referenciado anteriormente, afirma que a opção de substituição integral se deve essencialmente a duas razões, *(...) por um lado, a reparação implica a adopção das formas, técnicas e materiais próximos ou iguais aos originais, por outro lado, a carência de mão de obra especializada dificulta a adopção de métodos artesanais, necessariamente associados à reparação, e estimula o recurso crescente à prefabricação da caixilharia."*[167] Tal como na secção de conservação/restauro da caixilharia original, apresentam-se três operações de intervenção (nesta secção focadas na substituição da caixilharia

166 Neste caso específico, *"Atente-se igualmente na forma como foi resolvido, através do desenho de pormenor desta caixilharia, o remate correspondente à introdução do isolamento térmico pelo interior das alvenarias contíguas ao vão: um taco de madeira com a espessura deste isolamento é coberto pelo pré-aro da nova caixilharia."* in Nuno Valentim Lopes, *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX*, 2006, p. 76.

167 João Appleton, *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias da Intervenção.* Amadora: Edições Orion, 2011, p. 289.

1.119



1.120



1.121



1.119 - Propostas de adaptação de caixilho simples a caixilho duplo.
1.120 - Substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia (re) interpretando o desenho original - corte vertical, corte horizontal e alçado exterior, desenho de Nuno Valentim Lopes.
1.121 - Protótipo da caixilharia.

original por uma caixilharia nova), seguindo o raciocínio do autor Nuno Valentim.

4. Substituir a caixilharia existente por uma nova caixilharia reproduzindo ou (re)interpretando o desenho original. Esta estratégia pode ser dividida em duas opções distintas:

- a reprodução integral da caixilharia existente;
- a (re)interpretação da caixilharia existente.

Quando existe o objetivo de melhorar o desempenho da caixilharia original, faz sentido optar pela (re)interpretação da caixilharia existente. *Um exemplo desta opção será a substituição de vidro simples por vidro duplo – que obriga a uma maior espessura da caixilharia e à substituição da massa de vidraceiro por bites para fixação dos vidros*[168] (Figura 1.119). No entanto, é importante relembrar que a (re)interpretação é um tema complexo e difícil de abordar, tecnicamente e teoricamente.

> ***A suposta "reprodução do desenho original" poderá conduzir a enormes equívocos de resultado desastroso quando se intervém em conjuntos edificados com valor patrimonial.***[169]

Esta pode ser a única solução possível quando, por exemplo, estamos perante uma fachada que se encontra bastante exposta às intempéries e a ruídos, em que não existe a possibilidade de introduzir uma segunda caixilharia pelo interior, ou ainda, caso as características do edifício ou da envolvente obriguem a uma aproximação, tanto quanto possível, da solução original. Neste caso é indispensável um conhecimento profundo dos elementos constituintes da janela tradicional, para uma intervenção consciente, que não altere a essência da caixilharia original. Caso não exista este conhecimento construtivo e arquitetónico, ou elementos que permitam compreender como seria a caixilharia, poderá ser mais adequada a substituição por uma caixilharia com um novo desenho, que apresente formas e/ ou materiais dis-

168 Nuno Valentim Lopes, op. cit., 2006, p. 80.
169 Ibidem, p. 80.

tantes da preexistência.

O exemplo das Figuras 1.120, 1.122, 1.123 e 1.124 apresenta uma intervenção numa habitação do século XIX próxima do mar. Neste caso, a fachada e as caixilharias sofriam constantemente a ação de vento e chuva fortes, pelo que a reabilitação deveria resolver os problemas de estanquidade da água e do ar, bem como garantir um conforto térmico e acústico elevados. Como estava inserida numa avenida e conjunto de edifícios históricos, era recomendada a conservação dos materiais originais das caixilharias. No decorrer do estudo diagnóstico, foram verificadas degradações/alterações profundas das caixilharias, pelo que se optou pelo caminho da adaptação destes elementos. Desta forma foi, também, possível atingir o desempenho de conforto pretendido.

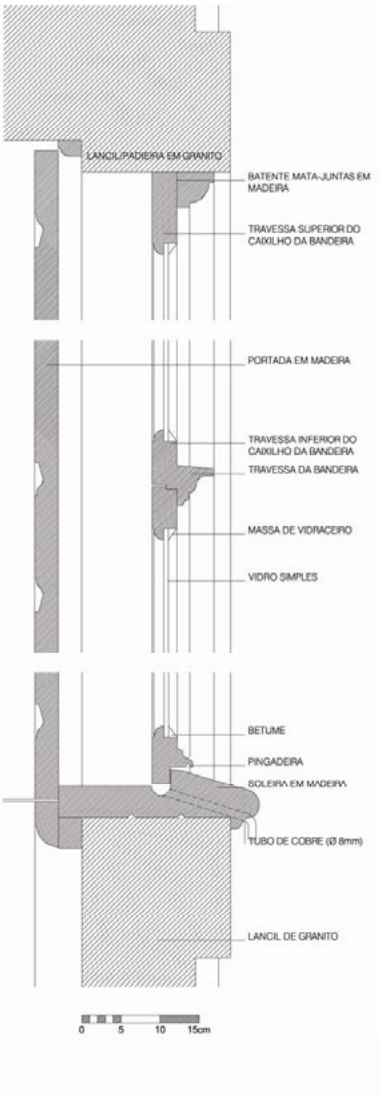
Optou-se por uma solução que não altera as proporções e a geometria originais, mas introduz alguns elementos como um pré-aro, com a função de batente periférico, e a aplicação de vidro duplo. Com a realização de um protótipo (com o auxílio de um carpinteiro experiente, representado na Figura 1.121), foi ainda possível definir a melhor maneira de inserir as vedações complementares, o reforço dos encaixes, os caminhos de drenagem da água junto dos batentes, entre outros detalhes.

> *Esta opção permitiu dar um sinal exterior da própria remodelação interior, sem oposição aos elementos mais expressivos da caixilharia tradicional: a proporção, a reduzida expressão/esbelteza das peças de madeira que compõem os caixilhos e as linhas de sombra criadas pela travessa de bandeira e batente central* [Figura 1.125 e 1.126].[170]

Ao desenhar uma caixilharia específica para um local (de acordo com a preexistência), torna-se difícil quantificar o seu desempenho - *(...) ensaiar estas soluções de caixilharias para habitações correntes em edifícios com poucas fracções é praticamente inviável, principalmente por razões económicas e*

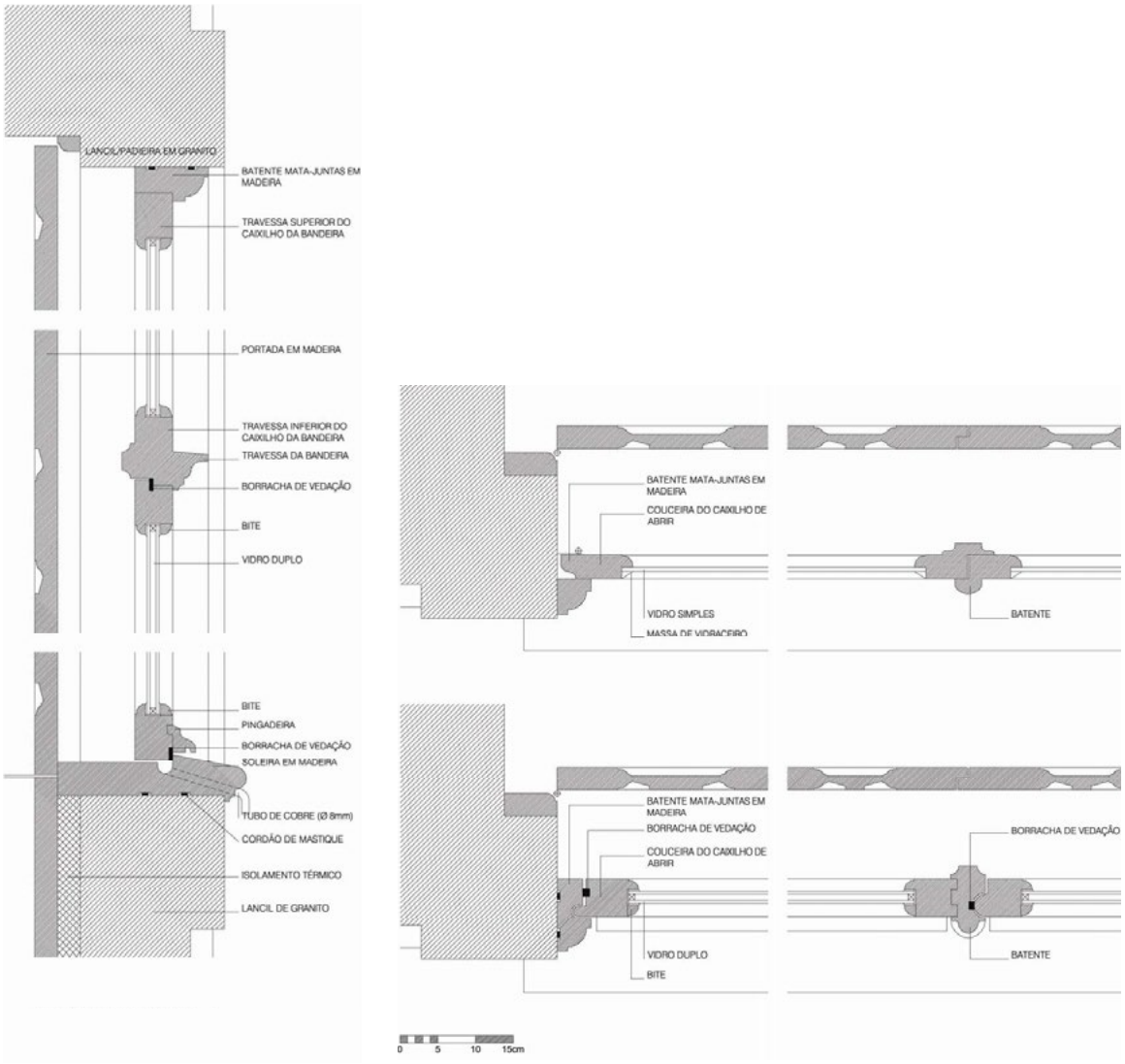
170 Nuno Valentim Lopes, op. cit., 2006, p. 81.

1.122



1.122 e 1.123 - Substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia (re) interpretando o desenho original - pormenores dos cortes verticais da caixilharia existente e da caixilharia proposta, respetivamente. Desenhos de Nuno Valentim Lopes.
1.124 - Substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia (re) interpretando o desenho original - pormenores dos cortes horizontais da caixilharia existente e da caixilharia proposta. Desenho de Nuno Valentim Lopes.
1.126 e 1.127 - Caixilharia existente e nova caixilharia (re)interpretando o desenho original.

1.123
1.124



1.125
1.126



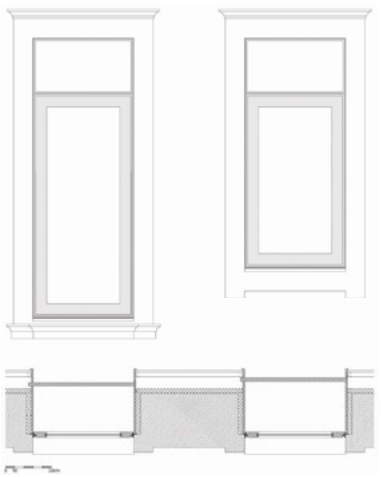


de disponibilidade de tempo.[171] Tal como sucede na operação interventiva descrita na alínea 3, é possível parametrizar o comportamento de alguns componentes utilizados, caso estes sejam classificados. *Deste modo, para algumas das exigências como a transmissão térmica, o factor solar, a transmissão luminosa, a reacção ao fogo dos materiais e a redução acústica poder-se-á obter uma aproximação do desempenho do elemento construtivo através do comportamento dos seus componentes.*

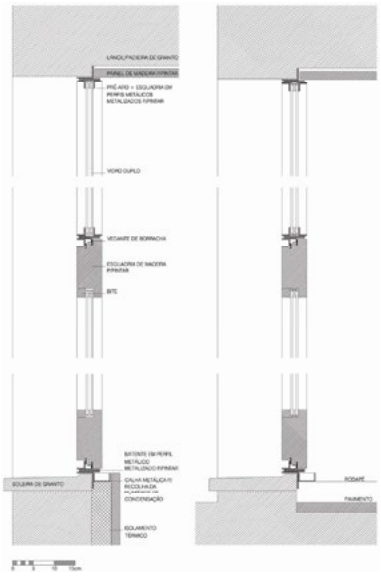
5. Substituir a caixilharia existente por uma nova caixilharia com desenho de autor. A expressão "caixilharia com desenho de autor" *(...) refere-se à caixilharia pormenorizada pelo próprio projectista, sem a obrigatoriedade de repetir o desenho ou o material original/preexistente e sem seleccionar um sistema de caixilharia classificado*[172].

Em grande parte dos casos esta poderá ser a solução que melhor corresponde à intenção do arquiteto, pois corresponde à extensão lógica do processo de reabilitação do edifício, muitas vezes profundamente intervencionado. No entanto, esta solução traz riscos a nível do comportamento da caixilharia, pois dificilmente poderão ser realizados ensaios. Caso se opte por esta solução, deverão ser consultados os vários documentos e normas nacionais/ internacionais sobre o tema, para apoiar construtivamente a operação. Da Figura 1.127 à 1.129 apresenta-se uma intervenção do Arq. José Gigante, realizada num edifício do século XX, rodeado de edifícios bastante alterados, inserido numa zona de expansão da cidade. Neste caso, era importante introduzir o isolamento térmico pelo interior da fachada, situação resolvida pelo autor com o desenho das caixilharias, que permitiu simultaneamente ocultar as portadas interiores.

Como acontece na estratégia anterior, ao se tratar de uma caixilharia não classificada, desenhada pelo projetista, torna-se praticamente inviável quantificar o seu desempenho, principalmente por razões económicas e prazos temporais. No entanto, é possível obter uma aproximação do desempenho através do



1.127



1.128

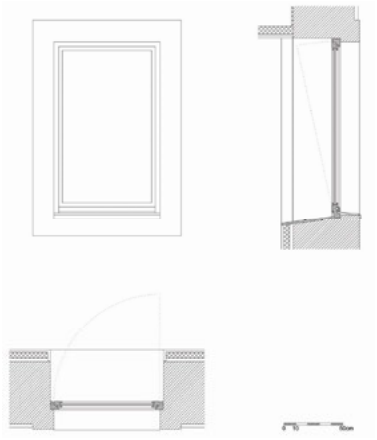


1.129

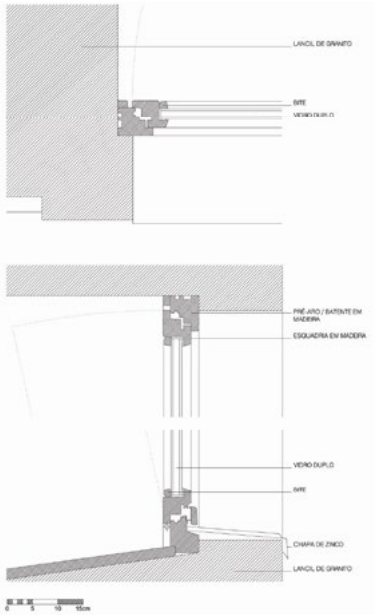
171 Nuno Valentim Lopes, op. cit., 2006, p. 81.

172 Ibidem, p. 86.

1.130



1.131



1.127 - Substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia com desenho de autor. Alçado e corte horizontal das janelas de sacada e de peito.
1.128 - Substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia com desenho de autor. Pormenor do corte vertical da janela de peito e pormenor do corte vertical da janela de sacada.
1.129 - Substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia com desenho de autor, caixilharia pelo interior.
1.130 - Selecção exigencial de uma nova caixilharia de madeira. Corte horizontal, corte vertical e alçado exterior.
1.131 - Selecção exigencial de uma nova caixilharia de madeira. Pormenor do corte horizontal e pormenor do corte vertical.

comportamento dos seus componentes, caso estes sejam classificados.

6. Substituir a caixilharia existente através da seleção exigencial de um sistema de mercado. Substituir a caixilharia original por uma nova caixilharia, classificada e disponível no mercado, confere ao projetista uma responsabilidade suplementar, *(...) confiando ao seu critério, conhecimento e mesmo cultura, uma solução que sendo alternativa à preexistente deverá por aparente oposição revelar-se uma solução integrada*[173].

Dentro das caixilharias classificadas existe um leque extenso de materiais, desde a madeira, ao alumínio e ao PVC, entre outros... Esta pode ser a estratégia mais adequada caso não exista qualquer dado relativo à caixilharia preexistente, caso se pretenda garantir um conforto elevado (exigência ao nível da térmica, acústica, estanquidade ar / água, etc.) e/ ou caso o projetista pretenda distanciar por completo a intervenção exterior da intervenção interior. São várias as possibilidades de caixilharias classificadas (bem como os seus materiais constituintes), sendo que cada uma tem os seus vantagens e desvantagens. Ao contrário das outras operações, com a substituição por uma caixilharia de mercado é possível quantificar os vários parâmetros de desempenho da nova caixilharia.

A substituição por uma caixilharia classificada de madeira garante um bom desempenho, *(...) conservando ao nível do material e acabamento (pintura) uma clara referência à caixilharia preexistente*[174]. Enquanto exemplo, utiliza-se a reabilitação de um edifício do início do século XX (Figuras 1.130 e 1.131) em que se pretendia conservar o sistema construtivo e a maioria da compartimentação original, mas era necessário garantir um nível excelente de conforto. Tendo em conta o grande número de vãos na fachada, optou-se pela substituição por novas caixilharias classificadas de madeira.

As caixilharias classificadas de PVC são, por vezes, a melhor opção quando é necessário garantir um desempenho ex-

173 Ibidem, p. 90.
174 Ibidem, p. 90.

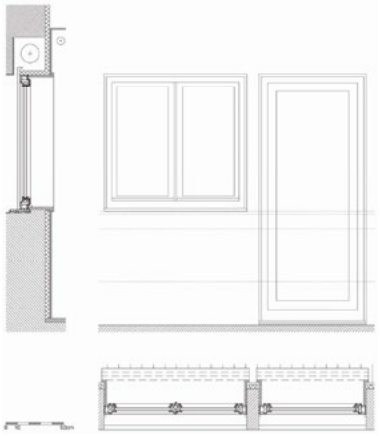
celente mas não é possível inserir uma nova caixilharia pelo interior. Ao contrário da madeira classificada, que obriga a que os perfis tenham uma expressão muito forte, o PVC permite aproximar-se da geometria da caixilharia de madeira original. Na leitura de conjunto (que neste caso específico foi considerada a leitura mais relevante), este material pode resultar extremamente bem, tornando-se quase impercetível a intervenção.

Por último, apresenta-se uma habitação unifamiliar do início do século XX (da Figura 1.132 à 1.135), em que foram substituídas as caixilharias originais por novas caixilharias classificadas de alumínio. Neste exemplo, as caixilharias de alumínio, da série mono-carril, correm sobre a superfície exterior da fachada tardoz e são fixadas ao lancil de granito saliente que forma a padieira. Praticamente impercetíveis a partir do interior da habitação, estas janelas, viradas para o logradouro, ampliam o espaço da sala e a sua luminosidade. A nível do exterior, é assumido que o processo de reabilitação se concretiza através da adição de um novo elemento construtivo, absolutamente distinto da linguagem preexistente.

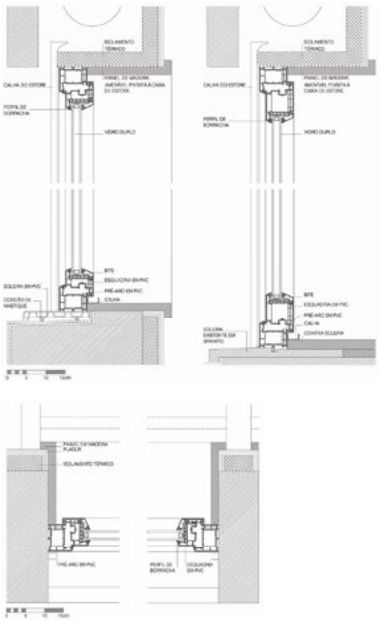
Conclui-se este capítulo com uma síntese e comparação dos desempenhos de caixilharias classificadas (Figura 1.136) - baseada nos diferentes materiais de caixilharias classificadas (madeira, alumínio e PVC) referidos até agora - desenvolvida por Nuno Valentim. Segundo este autor, foi extremamente difícil *(...) encontrar informações sobre as características técnicas da caixilharia em geral e da caixilharia de madeira em particular*[175]. É importante referir que, das seis estratégias de reabilitação apresentadas, apenas uma, ou eventualmente duas, possibilitam a quantificação do desempenho da solução.

É necessário ressalvar, também, que apesar de se enumerarem as várias possibilidades de intervenção, não se pretende estabelecer um receituário de fórmulas aplicáveis às operações de reabilitação ou substituição de caixilharias de madeira existentes no edificado corrente:

1.132



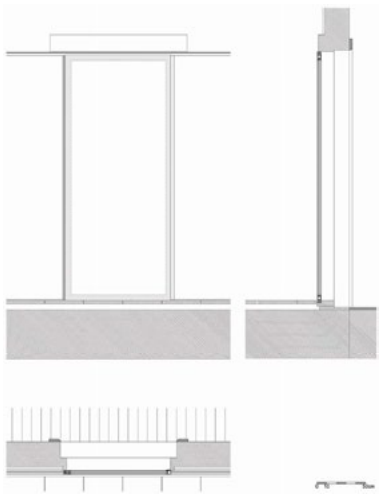
1.133



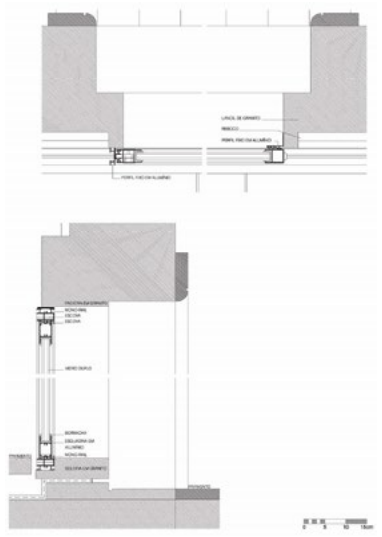
1.132 - Substituição da caixilharia existente através da selecção exigencial de uma nova caixilharia em PVC. Corte vertical, corte horizontal e alçado exterior, desenhos de Nuno Valentim Lopes.
1.133 - Caso de estudo em PVC. Pormenor do corte vertical da janela, pormenor do corte vertical da porta e pormenor do corte horizontal da janela, desenhos de Nuno Valentim Lopes.

175 Nuno Valentim Lopes, op. cit., 2006, p. 99.

1.134



1.135



1.134 - Substituição da caixilharia existente através da selecção exigencial de uma nova caixilharia em alumínio. Alçado exterior, corte vertical e corte horizontal, desenhos de Nuno Valentim Lopes.
1.135 - Caso de estudo em alumínio. Pormenor do corte horizontal e pormenor do corte vertical, desenhos de Nuno Valentim Lopes.
1.136 - Quadro síntese dos desempenhos de caixilharias classificadas do mercado, Nuno Valentim Lopes.

A introdução da regra "cega" e inflexível também não pode ser adoptada sob o risco de tornar os centros históricos numa fabulação ou numa fabricação imaginária da própria história.[176]

Cabe sempre ao projetista a responsabilidade de, tendo em mente as exigências de desempenho e condicionantes culturais, *(...) definir o caminho adequado à proposta de reabilitação para o próprio edifício - reforçando a ideia de especificidade de cada caso*[177].

176 Ibidem, p. 4.
177 Ibidem, p. 101.

1.136

Exigências	Índice ou Classes de Referência	Recomendação (caso de estudo)	Caixilharia PVC	Caixilharia Alumínio	Caixilharia Madeira
Permeabilidade ao Ar	A1 – A3	A1	A2-A3	A2-A3	a)
Estanquidade à Água	E1 - E4	E1	E3-E4	E2-E4	a)
Resistência e Deformação ao Vento	V1 – V3	V1	V3-V4	V2-V4	a)
Coeficiente de Transmissão Térmica	U	≤ 3,3 W/m²K	1,0-2,4	1,9-3,75	1,6-2,85
Coeficiente de Transmissão Luminosa	TL	≥ 70 %	b)	b)	b)
Factor Solar	g	≤ 0,25 %	b)	b)	b)
Reacção ao Fogo dos Materiais	M0 - M4	M3	a)	a)	a)
Isolamento Acústico ou Sonoro	Rw	≥ 33 dB	15-47dB	23-45dB	28-36dB

a) não disponível
b) valores dependentes da escolha do vidro

CAPÍTULO 2
TRÊS INTERVENÇÕES NO EDIFICADO EXISTENTE



2.1





2.2





2.3



2. TRÊS INTERVENÇÕES NO EDIFICADO EXISTENTE

> *Para um arquitecto, que é o que sou estruturalmente, o discurso mais apropriado é, sobretudo, o do projecto e da obra construída, que deverão explicitar os conceitos que defende, de uma forma certamente mais clara do que mil palavras.*[1]

Tendo por base as perspetivas e problemáticas enunciadas no capítulo anterior, propõe-se a análise de três intervenções no edificado corrente com valores patrimoniais. Assim, e passando da teoria à prática, foram selecionados três projetos de reabilitação do edificado existente, cada qual com uma solução interventiva distinta ao nível dos vãos exteriores.

O primeiro caso em estudo, do Arq. Eduardo Souto de Moura, consiste na reabilitação de duas casas na Rua da Cerca, na Foz do Douro (Figura 2.1). Apesar de se tratar de um projeto pequeno e familiar, a intervenção nestes edifícios foi intensiva dado o seu estado de degradação. Todos os elementos foram pensados ao detalhe, incluindo a proposta de intervenção para os vãos exteriores. O segundo caso trata-se da recuperação da zona sinistrada do Chiado do Arq. Álvaro Siza, após o incêndio de 1988 (Figura 2.2). Aumenta-se a área de intervenção mas os vãos exteriores continuam a ser os protagonistas, pelo que se propõe uma análise das caixilharias de madeira originais ao desenho de Siza Vieira para a sua recuperação e restituição. Por último, o terceiro caso apresenta a intervenção do Arq. Nuno Valentim nos vãos exteriores de um conjunto de edifícios junto ao Mercado Ferreira Borges, no Porto (Figura 2.3). A intervenção nestes vãos exteriores é, talvez, o exemplo que melhor demonstra o peso que a reabilitação das caixilharias existentes pode ter no espaço interior e no quotidiano do utilizador, pois, de todas as intervenções analisadas, é a única que se restringe ao umbral.

Cada um destes exemplos apresenta uma solução distinta e pertinente, servindo de referência para a intervenção na Casa Ricardo Severo.

2.1 - Caso de Estudo 1: Casas na Rua da Cerca, Arq. Eduardo Souto de Moura.
2.2 - Caso de Estudo 2: Chiado, Arq. Álvaro Siza Vieira.
2.3 - Caso de Estudo 3: FIMS, Arq. Nuno Valentim Lopes.

1 Alexandre Alves Costa, "Identidade nacional e património construído – arquitetura, cidade e território", comunicação efetuada a 18 de Abril de 2009, no Auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, no Dia Internacional dos Monumentos e Sítios sob o tema geral "O Património como Oportunidade e Desígnio", p. 1.

Localização:	Rua da Cerca e Rua Alto da Vila, 218, Foz do Douro, Porto
Data da construção inicial:	Meados do séc. XIX
Programa funcional original:	Habitação unifamiliar
Programa funcional proposto:	Habitação unifamiliar
Estado de ocupação anterior à intervenção:	Desocupado
Estado de conservação:	Quase em ruínas
Área do lote:	378,5 m^2 (lote 1) e 252 m^2 (lote 2)
Área bruta:	338 m^2 (lote 1) e 436 m^2 (lote 2)
Data do projeto:	2003-2008
Data de construção:	2008-2011 (lote 1) e 2008-2009 (lote 2)
Autoria do projeto de reabilitação arquitetónica:	Eduardo Souto de Moura
Autoria Especialidades:	Época – Gestão, Estudos e projectos, lda.



2.4



2.5

2.1. CASAS NA RUA DA CERCA, LOTE 1 E 2
SOUTO DE MOURA - ARQUITETOS, S.A.

2.6



IMPLANTAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

Esta memória descritiva trata da remodelação no Porto de duas habitações unifamiliares, situadas no Centro Histórico da Foz do Douro, mais conhecido como "Foz Velha". [Figuras 2.4 e 2.5] *(...)*[1]

A Foz do Douro era conhecida enquanto terra de pescadores até ganhar importância militar em meados do século XVI, altura em que se torna um ponto de defesa estratégico da barra do rio Douro, com a construção do Forte de São João Baptista[2].

No final do século XVIII inicia-se a ligação terrestre entre o Porto e a Foz e criam-se novos costumes, como a moda dos banhos, introduzida pela comunidade britânica residente no Porto[3]. No terceiro quartel do século XIX, a nobreza e a alta burguesia começam a construir segundas habitações na Foz e, aos poucos, esta zona vai deixando de ser uma pobre terra de pescadores e passa a ser uma estância balnear para as classes altas[4].

Durante a segunda metade do século XX, há um aumento exponencial de transportes públicos e do uso de viaturas privadas e, atualmente, a Foz é acessível a todos. Em termos de desenho urbano, esta zona manteve quase fixa a malha irregular que já vinha do passado e, em 2013, foi classificada enquanto conjunto de interesse público.[5]

2.4 - Casas na Rua da Cerca, lote 1.
2.5 - Casas na Rua da Cerca, lote 2.
2.6 - Secção da "Carta Topographica das Linhas do Porto", levantada e publicada pelo Coronel Francisco Moreira, em 1834. Na Carta é possível identificar a Rua da Cerca, castelos, fortes e o pequeno povoado da Foz do Douro, bem como o grande Porto. Ainda não é possível identificar as casas em estudo.

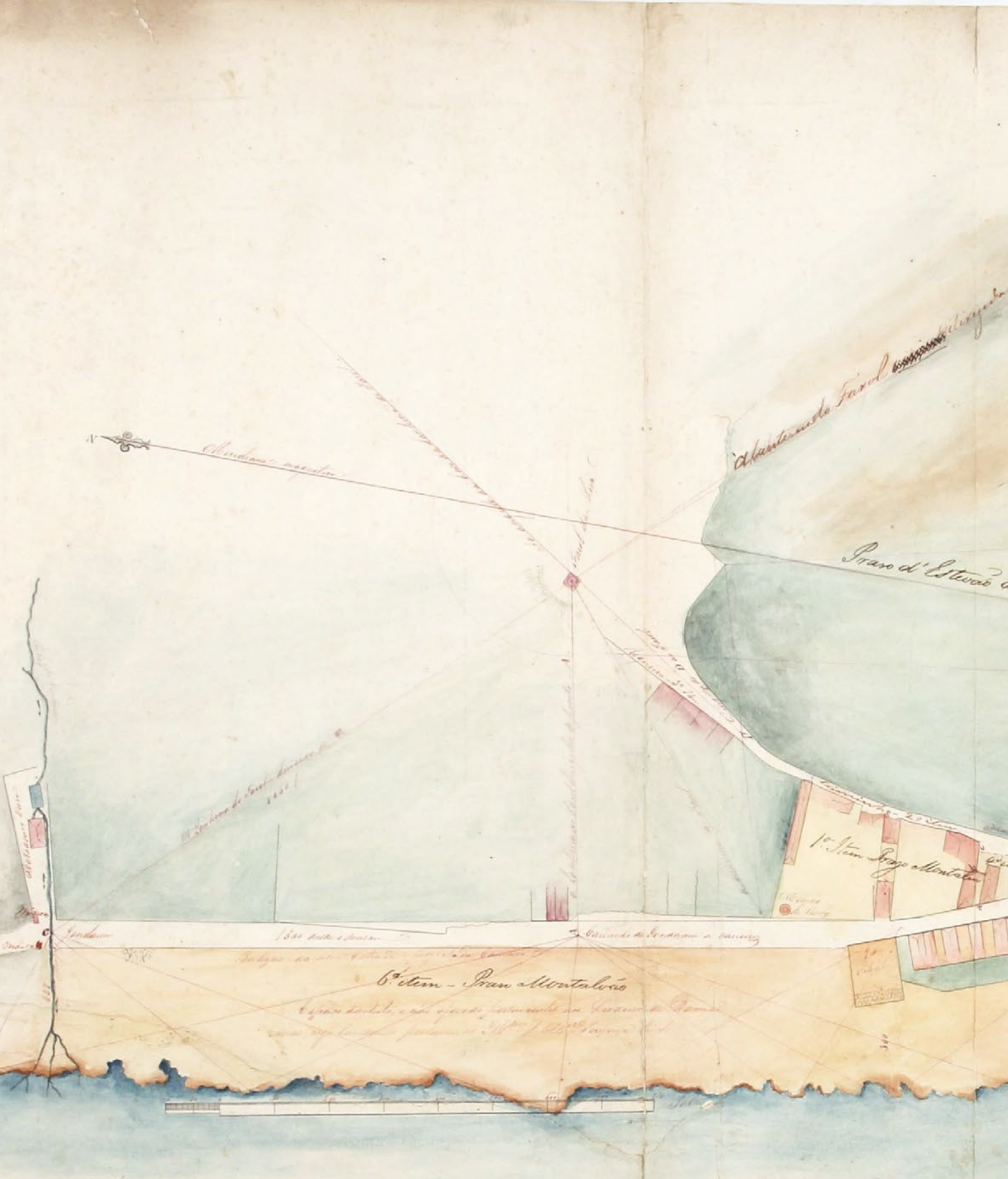
1 Eduardo Souto de Moura, Porto, 03 de Junho de 2016, in *TC Cuadernos,* nº 124-125. 3ª impressão, Valência, 2020, p. 222.

2 *"A Fortaleza desenhada por Simão de Ruão…em 1567-68 e erguida entre 570-78 formava um rectângulo com 63 metros de comprido e 36 metros de largura, dotado de três grandes baluartes nos seus ângulos: dois grandes baluartes voltados ao mar (noroeste e sudoeste) e um meio-baluarte, de proporções mais modestas, voltado à barra (sudeste)."* Mário Barroca, *As fortificações do litoral portuense*. Lisboa: Inapa, 2001, p. 66. Apud., Nuno Moura, *A Foz do Douro: evolução urbana*. Porto, 2009, p.28.

3 José Fernandes, *Porto cidade e comércio*. Porto: Arquivo Histórico, 1997, p. 47. Apud. Nuno Moura, op. cit., 2009, p. 60.

4 *"O século passado vimo-lo já, pautou-se por um acréscimo da construção, com residência secundária ou permanente a adoptar, quase sempre, modelos da arquitectura balnear da época (...)."* José Fernandes, *A Foz, entre o rio, o mar e a cidad*e. Porto, 1989, p. 47.

5 Portaria n.º 323/2013. Diário da República, 2.ª série. N.º 106, 3 de junho de 2013.



Planta Topografica de parte do terreno
S. João da Foz do Douro copiada da Ori-
nal levantada pelo Architecto do Exmo
mano Joaquim da Costa Lima, que
em Meu poder, e dentro da qual se
hão os prasos de Ignacio da Costa Mon-
alvão, e Anna Theodora da Costa de que
Porto 1º de Setembro de 1862 —

PROJETO E UMBRAL


Praça de Maria Theresa da Corte
7º Item Montalvão
6º Item Montalvão
7º Item Montalvão

Estas duas casas e respetivos lotes, localizam-se no cruzamento entre a Rua da Cerca e a Rua do Alto da Vila (é possível identificar a implantação das casas na Figuras 2.9), na conhecida "Foz Velha" que, atualmente, se encontra inserida na união de freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, no concelho do Porto. Apesar de não ter sido encontrada documentação específica relativa à construção das casas em estudo no Arquivo Municipal do Porto, foi possível identificá-las na Planta Topográfica de parte do terreno de São João da Foz do Douro, realizada em 1862 pelo arquiteto municipal Joaquim Costa Lima. Nas páginas anteriores apresenta-se esta planta de 1862 (Figura 2.7), sobreposta a uma vista aérea atual da zona, de forma a facilitar a localização das Casas na Rua da Cerca. As casas em estudo não aparecem representadas na Carta Topographica das Linhas do Porto[6] de 1834 (Figura 2.6), pelo que se supõe que a sua construção se tenha concretizado no intervalo temporal entre 1834 e 1862, em meados do século XIX.

PROJETO DE REABILITAÇÃO | SOUTO DE MOURA - ARQUITETOS, S.A.

O projeto para a reabilitação das Casas na Rua da Cerca foi desenvolvido no atelier do Arq. Eduardo Souto de Moura entre 2003 e 2008, e construído entre 2008 e 2011. Os clientes, dois irmãos, pretendiam recuperar os edifícios que possuíam, transformando-os em duas habitações unifamiliares independentes (apresentadas na Figura 2.10). Da divisão do terreno total foi possível obter três lotes distintos, dois deles com uma casa preexistente e um terceiro, que se encontra atualmente à venda. Cada um dos lotes foi intervencionado tendo em consideração a organização espacial original e o avançado estado de degradação dos edifícios. Segundo a memória descritiva da intervenção, apenas foi possível manter a tipologia original no lote 2, já no lote 1 foi necessário refazer totalmente o interior. No terceiro

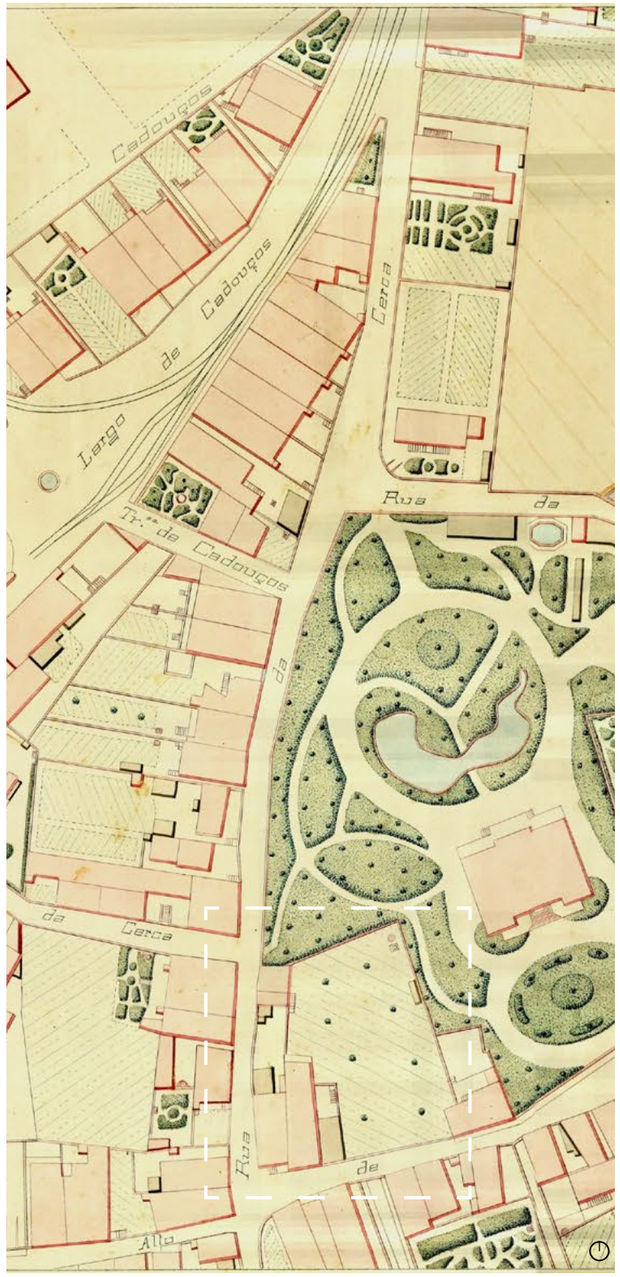
6 A "Carta Topographica das Linhas do Porto" foi levantada e publicada pelo Coronel Francisco Moreira em 1834.

2.8

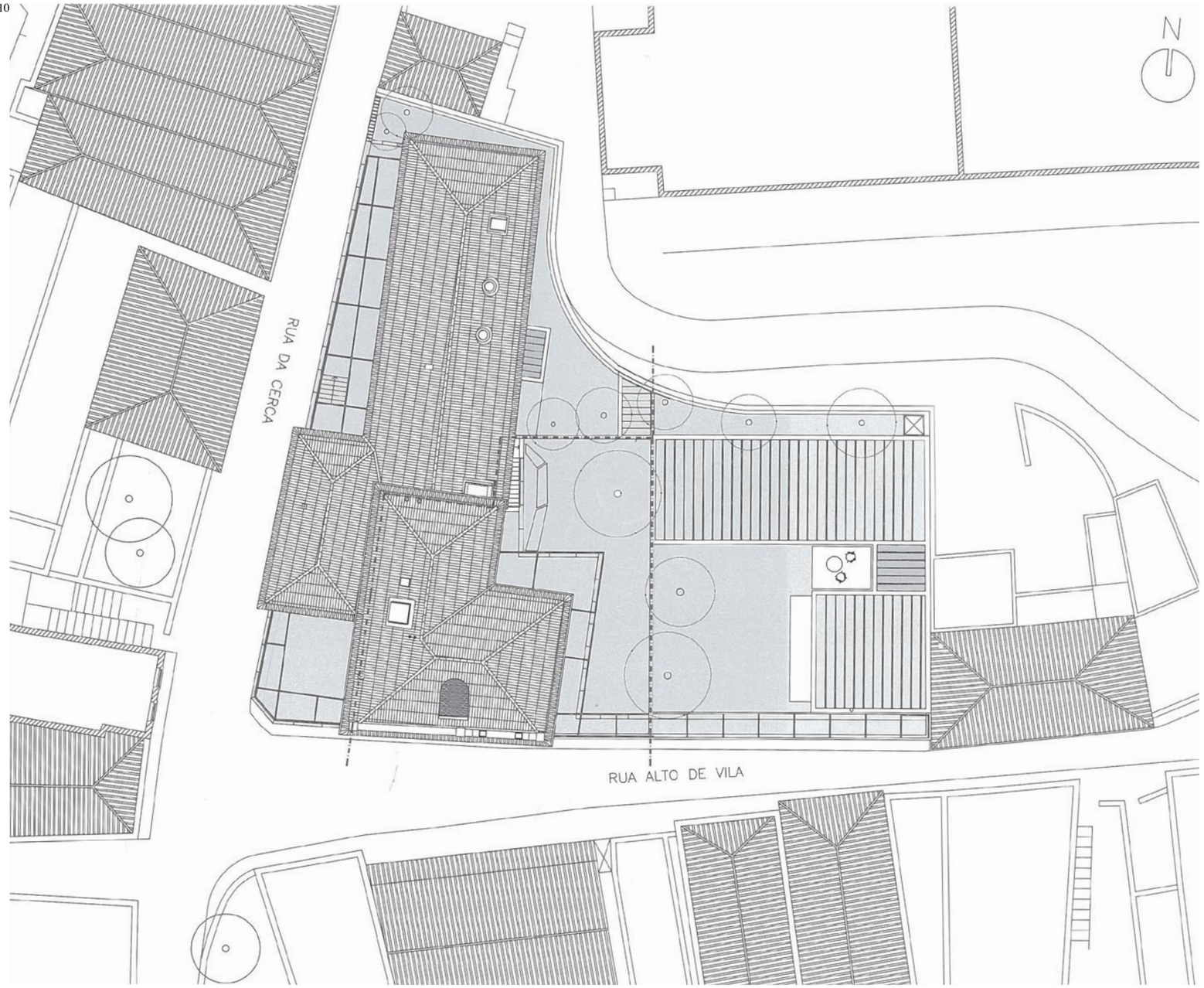


2.7 - (página anterior) Sobreposição da planta topográfica de parte do terreno de São João da Foz do Douro, realizada em 1862 pelo Arq. Joaquim Costa Lima, e de uma vista aérea atual da Foz Velha. Sem escala.
2.8 - Planta topográfica da cidade do Porto, levantada sob direção de Augusto Gerardo Teles Ferreira, em 1892. A quadrícula 36, representada na imagem 2.8, está assinalada a branco. Sem escala.
2.9 - Planta de 1892. Secção da quadrícula 36, as Casas na Rua da Cerca encontram-se identificadas a branco. Sem escala.
2.10 - Implantação das Casas na Rua da Cerca e relação com o quarteirão, sem escala.

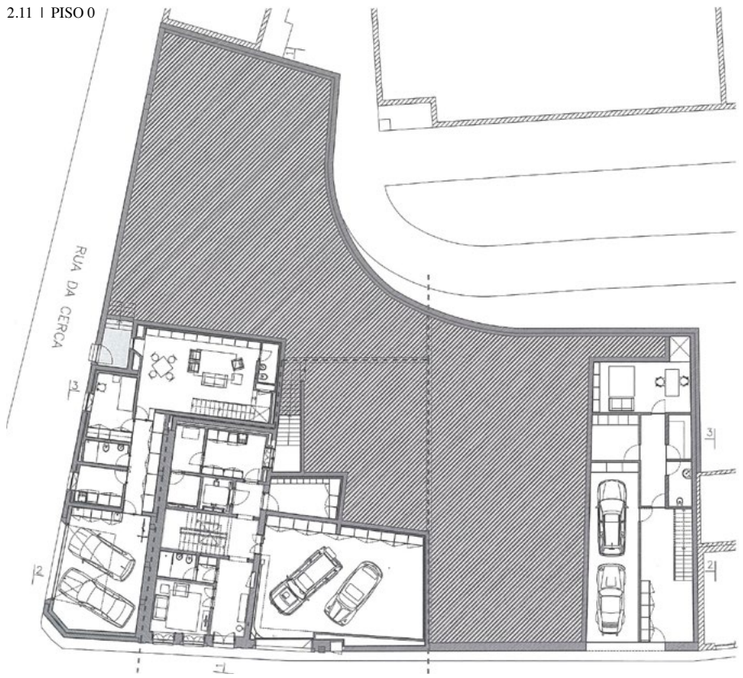
2.9


Cadouços
Largo de Cadouços
Cerca
Rua da
Tr.ª de Cadouços
da
da Cerca
Rua de
Alto

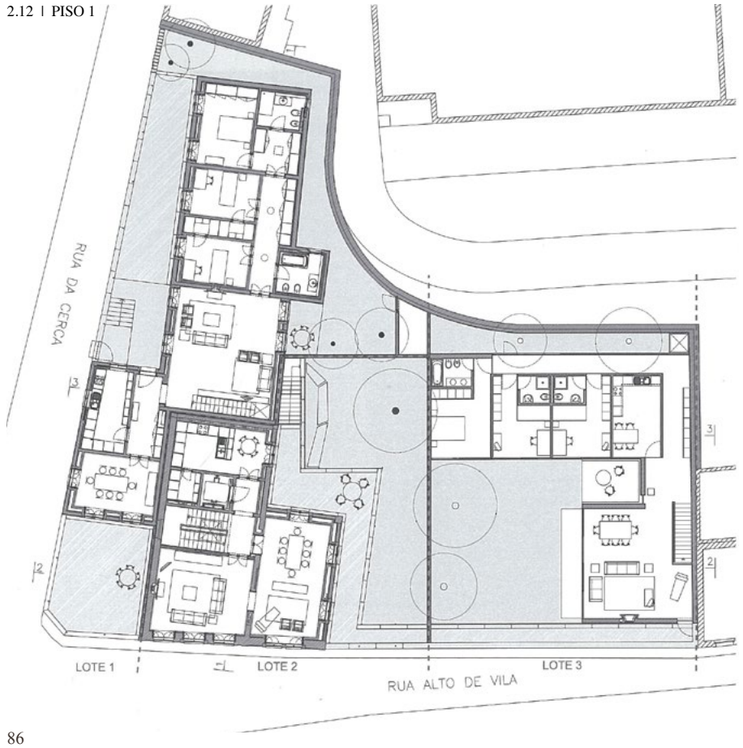
2.10


N
RUA DA CERCA
RUA ALTO DE VILA

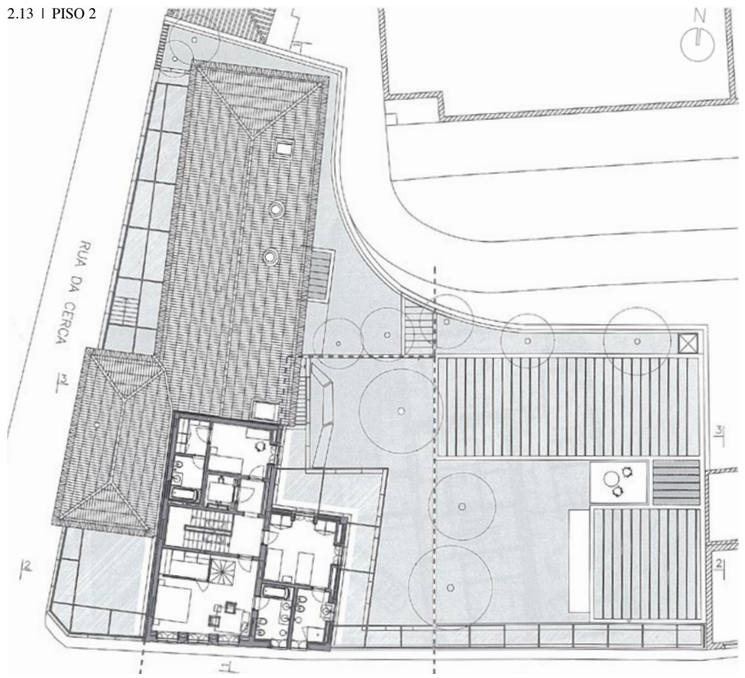
2.11 | PISO 0



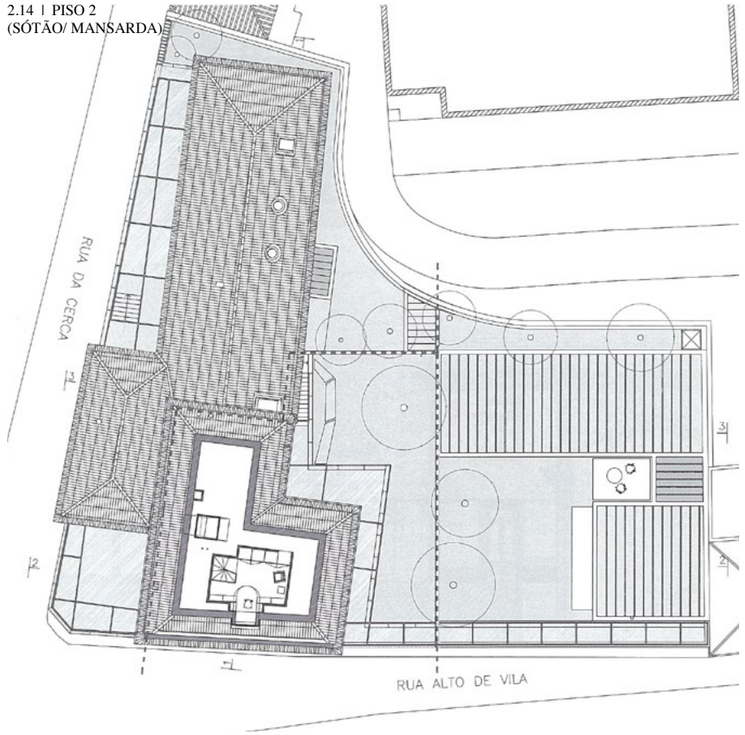
2.12 | PISO 1



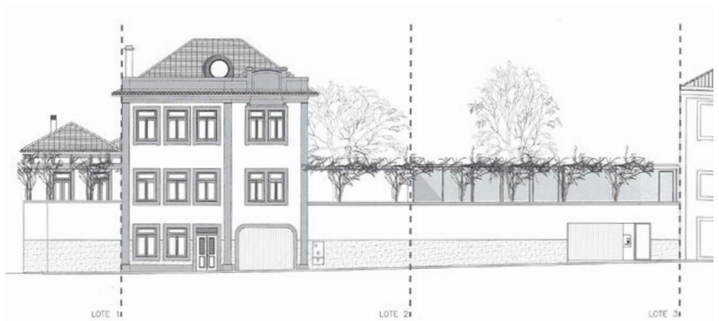
2.13 | PISO 2



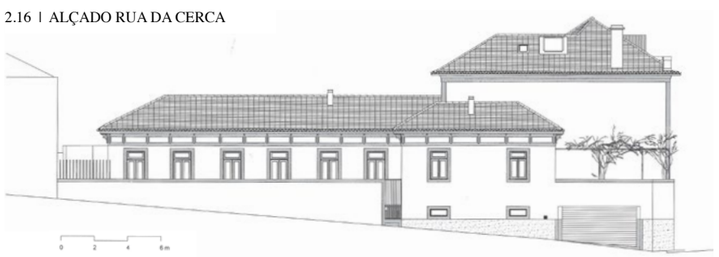
2.14 | PISO 2
(SÓTÃO/ MANSARDA)



2.15 | ALÇADO RUA ALTO DA VILA



2.16 | ALÇADO RUA DA CERCA



2.17 | CORTE 1



2.18 | CORTE 2



2.19



2.20



2.21



2.11 a 2.18 - Plantas, cortes e alçados do projeto para as Casas na Rua da Cerca, cedidos pela Souto de Moura - Arquitetos, S.A.
2.19, 2.20 e 2.21- Fotografias do Lote 1, Casas na Rua da Cerca.

lote foi proposta uma nova habitação unifamiliar, no entanto este projeto nunca foi executado até à data.

> *(...) As casas, interiormente, apresentavam um estado de degradação quase em ruínas, e enquanto que numa foi possível manter a tipologia com algumas alterações, na outra, o interior teve que ser totalmente reconstruído. Quando refazemos um interior, somos obrigados, ou por preconceito, ou por "ética deontológica", a utilizar uma linguagem e materiais contemporâneos, e foi isso que aconteceu. Na outra casa, há a execução de uma escada nova e de um elevador encoberto por uma porta, parecendo que a intervenção foi apenas uma limpeza do "antigo", o que não é verdade."*[7]

Considera-se pertinente fazer uma breve descrição das Casas e respetivos lotes, de forma a perceber a globalidade do projeto executado. São ainda apresentadas plantas e cortes do projeto, da Figura 2.11 à 2.18.

No edifício do Lote 1 (Figuras 2.19 a 2.21), não foi possível aproveitar a distribuição original. Segundo as palavras do arquiteto, foi necessário refazer todo o interior com materiais e linguagem contemporâneos. Esta primeira habitação distribui-se entre dois pisos, piso 0 e piso 1, tirando proveito da inclinação da Rua da Cerca. O acesso ao lote é realizado através de um portão no muro preexistente que, por sua vez, permite a criação de zonas de entrada e estar exteriores, garantindo a privacidade dos moradores e afastando a Casa da rua. O portão de entrada garante acesso a um nível entre o piso 0 e o piso 1, pelo que é necessário subir alguns degraus para atingir a porta principal e as zonas exteriores, já referidas.

O programa habitacional distribui-se maioritariamente no piso 1, partindo da porta principal (Figura 2.22) para o hall de entrada, que por sua vez permite o acesso à cozinha, sala de refeições e sala de estar. Da sala de refeições é possível aceder a uma zona exterior, que se localiza no gaveto entre as Ruas da Cerca e Alto da Vila. Partindo da sala de estar (Figura 2.23) é possível aceder à zona íntima, que consiste num corredor, duas casas de banho e três quartos, em que são utilizadas claraboias

7 Eduardo Souto de Moura, Porto, 03 de Junho de 2016, in *TC Cuadernos,* nº 124-125. 3ª impressão. Valência, 2020, p. 222.

2.22



2.23



2.24



2.22, 2.23, 2.24 e 2.25 - Casa no Lote 1.
2.26 a 2.34 (nas próximas páginas) - Casa no Lote 2.

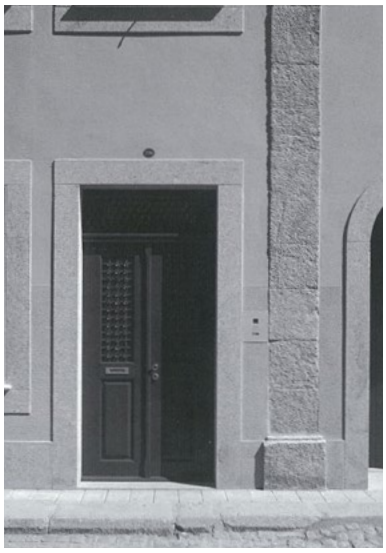
2.25



2.26



2.27



2.28



para garantir luz natural. A sala de estar tem duas frentes, permitindo o acesso à fachada principal da casa e ao tardoz, local onde se existe um pequeno anexo e zona exterior. É possível aceder ao piso 0 através do portão da garagem e da sala de estar (Figura 2.24), descendo umas escadas - iluminadas por uma claraboia - que levam a outra zona de estar (Figura 2.25). Para além desta sala de estar e da garagem, este piso contém apenas duas casas de banho, um pequeno escritório e a sala das máquinas.

Se a Casa do Lote 1 se desenvolve em comprimento, a Casa do Lote 2 (Figura 2.26) desenvolve-se em altura. Os ambientes vão-se distribuindo em torno das escadas e do elevador, localizados no centro da casa (Figura 2.34). O acesso à habitação faz-se no piso 0, a partir da porta principal ou do portão da garagem (Figura 2.27). Este piso conta ainda com uma pequena sala de estar, uma casa de banho, arrumos e sala das máquinas. A partir da sala das máquinas é possível sair ao exterior e subir umas escadas que levam à zona de estar exterior (Figura 2.28), no piso 1. No tradicional piso nobre, o primeiro piso, estão localizadas as zonas de estar e de serviço (Figura 2.29, 2.31 e 2.32), como a sala de estar, sala de refeições, cozinha, despensa e zona exterior. No segundo piso localiza-se a zona íntima, que se traduz em três quartos e três casas de banho. A partir do quarto principal, localizado junto à fachada virada para a Rua Alto da Vila, é possível subir umas escadas e aceder ao sótão/ mansarda (Figura 2.30 e 2.33). O elevador encontra-se encoberto por uma porta e apenas as escadas foram executadas com uma linguagem contemporânea, levando a crer que a intervenção neste edifício foi pouco profunda. Segundo o arquiteto, "*(...) Em Portugal há um ditado que diz: "... e com a verdade me enganas.""*[8]

8 Eduardo Souto de Moura, Porto, 03 de Junho de 2016. Ibidem, p. 222.



2.29



2.32



2.30



2.33

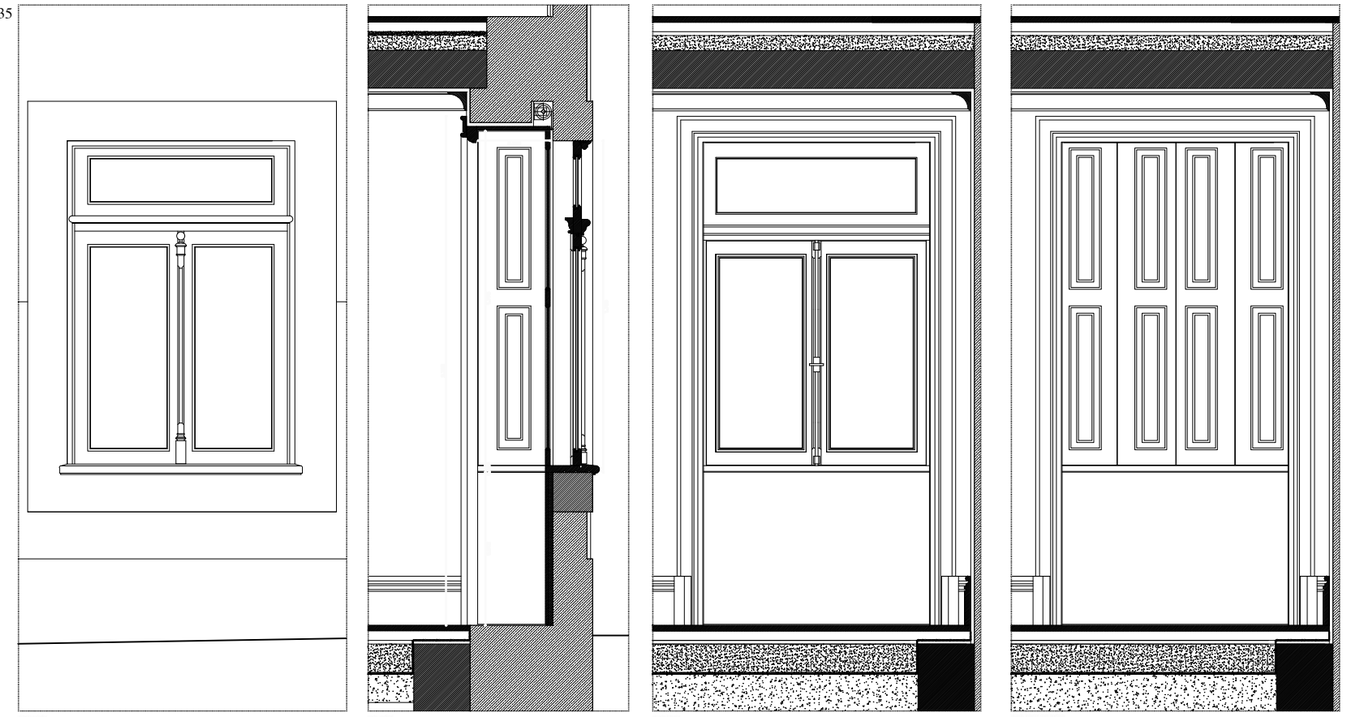


2.31



2.34

2.35



2.36

CORTE HORIZONTAL TIPO – PORMENOR EM PAREDES EXISTENTES

CORTE HORIZONTAL TIPO – PORMENOR DO BATENTE CENTRAL

CORTE HORIZONTAL TIPO – PORMENOR EM PAREDES NOVAS

MOLDURAS EXTERIORES	
SOLEIRAS/PEITORIS	GRANITO AMARELO CANTANEIRA BOJARDADO A PICO FINO Dim. 0,210/0,21m
OMBREIRAS	EXISTENTES A RECUPERAR
OBS.	

JANELA	
DESIGNAÇÃO	J1
DIMENSÕES	1,22X1,70m
FUNCIONAMENTO	2 FOLHAS DE ABRIR ENVIDRAÇADAS+BANDEIRA SUPERIOR FIXA ENVIDRAÇADA
AROS/FOLHAS	MADEIRA MACIÇA DE TAIPA 4,2cm DE ESP.
PEITORIL	MADEIRA MACIÇA DE TAIPA – 29cm DE LARGURA
PADIEIRA	PAINEL DE MDF 20mm ESP. APARAFUSADO
PANO DE PEITO	PAINEL DE MDF 18mm ESP. + POLIESTIRENO EXPANDIDO DE 2cm ESP.
VIDROS	VIDRO DUPLO 4+6+4mm
FERRAGENS	DOBRADIÇAS – 6 DOBRADIÇAS DE 3,5" FECHOS/FECHADURA – 1 FECHO CREMONE C/ PUNHO TIPO "CCH" ref°4500 NIQUELADO ESCONDIDO + VARETA DE MEIA CANA MAÇIÇA E ABRAÇADEIRAS PUXADOR
ACABAMENTO	PINTURA A TINTA DE ÓLEO

PORTADAS	
DESIGNAÇÃO	P1
DIMENSÕES	1,34X1,70m
FUNCIONAMENTO	4 FOLHAS DE ABRIR
FOLHAS	MADEIRA MACIÇA DE CASQUINHA
SOLEIRA INTERIOR	EXISTENTE A RECUPERAR
FERRAGENS	DOBRADIÇAS – 6 DOBRADIÇAS DE CHUMBAR 3,5" + 6 DOB. DE PRESSÃO n°40 DE 3,5" FECHOS/FECHADURA – 2 FECHOS DE UNHA ref°207 C/ALTURA NECESSÁRIA PUXADOR
ACABAMENTO	PINTURA A TINTA DE ESMALTE

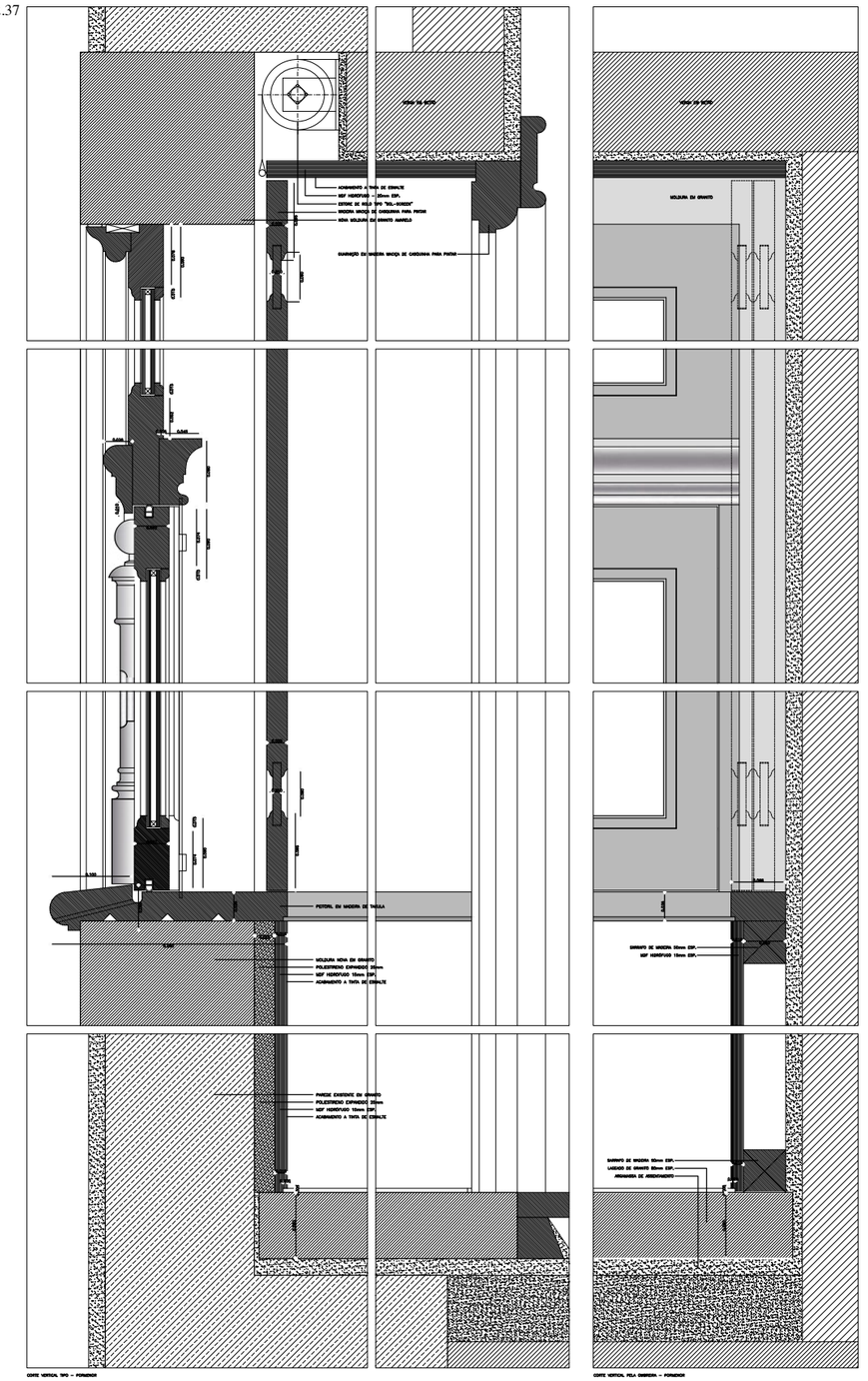
ESTORES	
ESTORE DE ROLO SUNSCREEN C/ MOTOR – 1,34X1,90m	

2.29 e 2.30 - Sala de estar, Casa no Lote 2.
2.31 e 2.32 - Quarto principal com escadaria e sótão, Casa no Lote 2.
2.33 e 2.34 - Sala de refeições/ estar e escadas interiores, Casa no Lote 2.

CASA NO LOTE 2 | Detalhes Construtivos | Cortesia da Souto de Moura - Arquitetos, S.A.

2.35 - Vão tipo exterior de madeira, escala 1/10.
2.36 - Pormenor Corte Horizontal Tipo, escala 1/2.
2.37 - Pormenor Corte Vertical Tipo e Corte pela ombreira, escala 1/2.

2.37



CORTE VERTICAL TIPO – PORMENOR

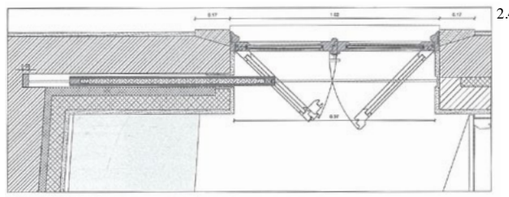
CORTE VERTICAL PELA OMBREIRA – PORMENOR



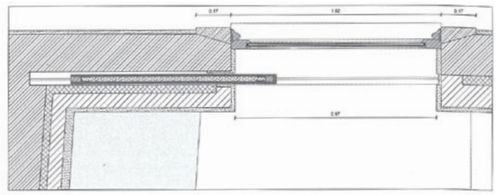
2.38



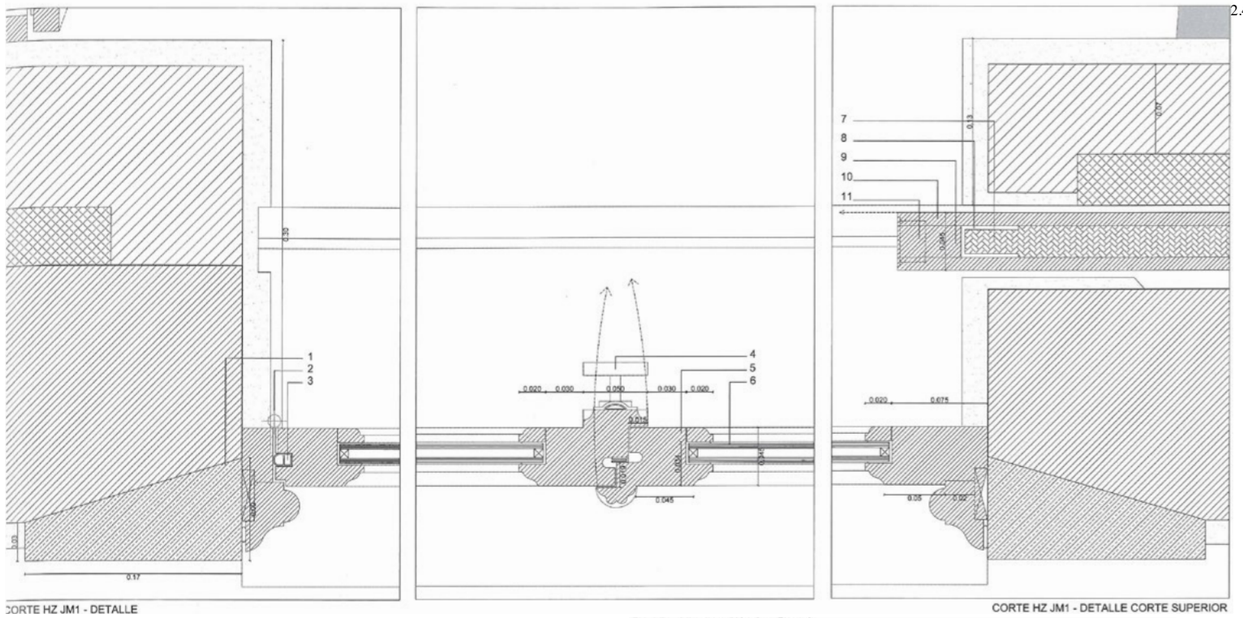
2.39



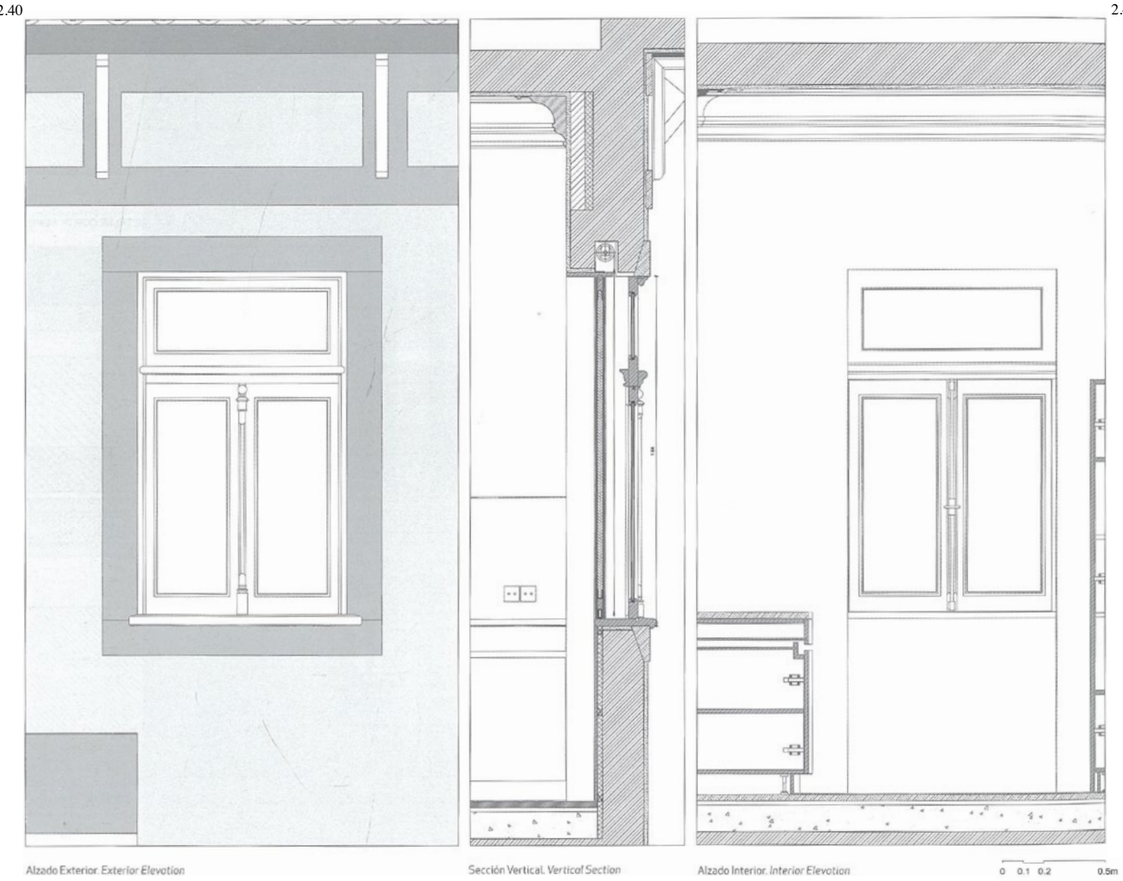
2.41



2.42



2.40



2.43

Detalles Ventana. *Window Details*

1 Moldura nueva en granito amarillo abujardado // *New molding in bushhammered yellow granite*
2 Bisagra acero inox 3" // *Stainless steel hinge 3"*
3 Batiente continuo de goma // *Continuous rubber stopper*
4 Cremona con maneta tipo Ciza ref.4500 niquelado // *Nickle plated cremone bolt with handle type Ciza ref.4500*
5 Puerta en madera de Takula con acabado de pintura al aceite // *Takula wood door with oil paint finish*
6 Vidrio doble (4+6+4) // *Double glazing (4+6+4)*
7 Rejilla panal en madera 25x50mm // *Honeycomb wood grid 25x50mm*
8 Perfil en U de acero 40X25X3 mm // *Stainless steel U profile 40X25X3mm*
9 Cerco de madera maciza 25x50mm // *Solid Wood frame25x50mm*
10 Panel de MDF 10mm // *MDF board 10mm*
11 Asidero de concha // *Shell handle*

2.38 e 2.39 - Quarto e sala de estar, Casa no Lote 1.
2.44, 2.45 e 2.46 - Levantamento fotográfico dos vãos exteriores. É possível verificar o avançado estado de degradação, antes da intervenção.

CASA NO LOTE 1 | DETALHES CONSTRUTIVOS
2.40 - Pormenor Cortes Horizontais JM1.
2.41 - Corte horizontal da janela.
2.42 - Corte horizontal da bandeira da janela.
2.43 - Alçado Exterior da janela;
- Corte Vertical;
- Alçado Interior.

INTERVENÇÃO NOS VÃOS EXTERIORES

2.44



2.45



2.46



As transformações não são na arquitetura tão velozes e patentes como aparecem nos livros. É necessário que passem pelo desenho e pela construção para que se tornem algo natural.[9]

Optou-se por apresentar os detalhes construtivos e algumas fotografias ilustrativas dos edifícios antes de qualquer reflexão ou análise relativa à intervenção nos vãos exteriores nestas casas (nas Figuras 2.35, 2.36, 2.37, 2.40, 2.41, 2.42 e 2.43, nas páginas anteriores).

Ao analisar o levantamento fotográfico realizado antes da intervenção (da Figura 2.44 a 2.26), foi possível verificar o avançado estado de degradação em que se encontravam as caixilharias de madeira originais. Supõe-se que as caixilharias não tenham sido alvo de manutenção e que tenham sofrido constantemente a ação do vento e das chuvas, dada a localização dos edifícios junto ao mar. Para além disto, o pavimento das ruas circundantes é constituído de cubos e paralelepípedos de granito, o que gera grandes quantidades de ruído.

Tendo em consideração as várias condicionantes, a equipa responsável pelo projeto de arquitetura optou por não reabilitar as caixilharias originais. Foi proposta a substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia, reinterpretanto o desenho original - neste caso específico, tratam-se de janelas de batente, com a alteração do vidro simples por vidro duplo.

A solução proposta é semelhante para ambos os lotes. As novas caixilharias foram construídas numa oficina, não tendo sido adquiridas num fabricante comercial. O seu desenho, bem como o desenho das guarnições e das portadas teve por base o levantamento efetuado ao que restava da preexistência. Em alguns vãos exteriores não se utilizaram portadas de madeira inspiradas nas originais: foi criado um sistema de uma só portada de correr, que fica escondida no interior da parede quando está recolhida.

9 Eduardo Souto Moura, sobre o edifício na Rua do Teatro in *Revista 2G*, n.º 5, 1998, p.70.

Localização:	Chiado, entre o Bairro Alto e a Baixa Pombalina, Lisboa
Data da construção inicial:	Várias épocas, grande parte Arquitetura Pombalina, do século XVIII
Programa funcional original:	Habitação, escritórios, comércio
Programa funcional proposto:	Habitação, escritórios, comércio, hotel
Estado de ocupação anterior à intervenção:	Devoluto (incêndio)
Estado de conservação:	Ruínas
Área do lote:	10 000m2
Área bruta/ pisos:	60 000m2 / 5/6 pisos
Data do projeto:	1989-1990
Autoria do projeto de reabilitação arquitetónica:	Álvaro Siza Vieira e Gabinete de Recuperação do Chiado



2.47


2.48

2.49



2.50



2.51



2.47 - Armazéns do Chiado e Rua Nova do Almada, 2018.
2.48- Armazéns dos Chiado completamente tomados pelas chamas, 1988.
2.49 - Lisboa do século XVI, por George Braunio, 1593.
2.50 - Planta Topográfica de Lisboa. A rosa está representada a malha antiga e a amarelo sobrepõe-se a nova malha urbana. Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, 1758.
2.51 - Atlas da carta topográfica de Lisboa, n.º 43, Filipe Folque, 1858.

O CORAÇÃO DE LISBOA[10] | IMPLANTAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

O Chiado está na transição da Baixa Pombalina com o Bairro Alto mas, arquitectonicamente, é idêntico à Baixa.[11]

É um dos bairros mais emblemáticos e tradicionais da cidade Lisboa. Até 1755, esta zona mantém um perfil urbano medieval (Figura 2.49), coabitado por diferentes funções (habitação, comércio e equipamentos conventuais). Conhecido pela identificação toponímica "Chiado"[12] desde o século XVII, este bairro foi palco de vários eventos sociais e religiosos importantes e foi-se tornando um centro de comércio e cultura, reconhecido a nível nacional e internacional.

O Terramoto, maremoto e incêndio de 1 de Novembro de 1755 (2.48) provocaram grande ruína em Lisboa e outras zonas ribeirinhas do país. O plano de recuperação da Baixa Lisboeta, dirigido por Manuel da Maia, foi estendido ao Chiado e à sua envolvente (Figuras 2.50 e 2.51).

A diferença principal vem da topografia. Isto é, quando a quadrícula da Baixa pós-terramoto encontra as encostas, as colinas do lado do Castelo e do lado oposto, tem que inflectir, tem que procurar a forma de vencer esses desníveis e, em alguns casos, o traçado hesita mesmo na forma como é concluído.[13]

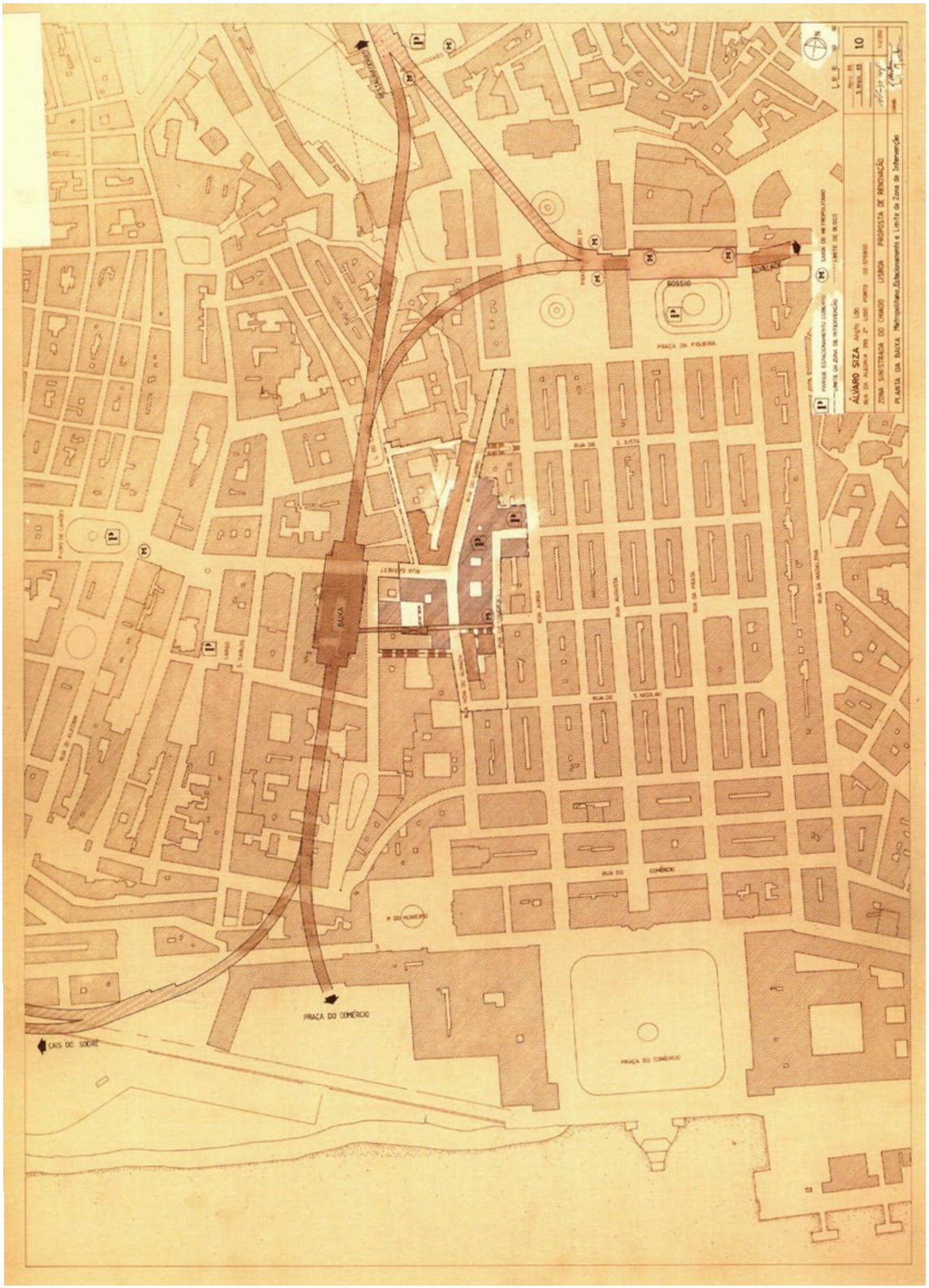
10 Daniel Oliveira, "Chiado - 10 anos, O Fim do Mito" in Revista *A Vida Mundial*. Lisboa, 1998. Apud., Carlos da Silva e Pedro Pedro, *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Regimento de Sapadores Bombeiros, 2018.

11 Álvaro Siza Vieira entrevistado por Matilde Lobo, in *Estratégias de reconstrução urbana: a experiência do Chiado em discurso directo* (Dissertação de Mestrado). Porto: FAUP, 2014, pág.155.

12 "*Para alguns investigadores, Chiado era o nome do proprietário de um botequim, característica taberna lisboeta, onde afluíam figuras populares ligadas à emergente boémia da capital. Para outros, radica no nome do poeta popular quinhentista, António Ribeiro Chiado. Outras interpretações argumentam a possível relação com o caraterístico ruído (chiado) dos transportes sobre a calçada desta rua inclinada."* Maria Calado, "Um Bairro com História". Disponível em: < https://www.e-chiado.pt/historia/ >.

13 Álvaro Siza Vieira entrevistado por Matilde Lobo, in *Estratégias de reconstrução urbana: a experiência do Chiado em discurso directo*. 2014, pág.155.

2.52


ÁLVARO SIZA
ZONA SINISTRADA DO CHIADO LISBOA PROPOSTA DE RENOVAÇÃO
PLANTA DA BAIXA Metropolitano,Estacionamento e Limite da Zona de Intervenção
ROSSIO
PRAÇA DA FIGUEIRA
BAIXA
PRAÇA DO COMÉRCIO
CAIS DO SODRÉ

2.53



2.54



2.55



2.52 - Planta da Baixa, Metropolitano, Estacionamento e Limite da Zona de Intervenção, Álvaro Siza Arquiteto Lda, 1989. A planta não se encontra à escala original.
2.53, 2.54 e 2.55 - Incêndio de 25 de Agosto de 1988.

Ao chegar ao Chiado a quadrícula regular que vem da Baixa não se quebra repentinamente, como sucede no lado oriente, a partir da Rua da Madalena. No lado ocidental, esta quadrícula adapta-se, seguindo o alinhamento de um dos edifícios destruídos no terramoto, o Convento do Espírito Santo da Pedreira[14], como é possível verificar na Figura 2.52. Este convento foi reedificado depois do terramoto, no entanto, nunca mais voltou a ser utilizado com este propósito e passou a ter outras utilizações: primeiro o Palácio Barcelinhos e depois os Grandes Armazéns do Chiado, a partir de 1894. Os armazéns traziam as novidades de Paris para Lisboa e muitos consumidores, tornando-o num local de passagem obrigatória, com *(...) as suas artérias eram sempre muito movimentadas e inundadas de estabelecimentos comerciais e produtos inigualáveis.*[15]

Segundo Teresa Barata Salgueiro, com o crescimento da Baixa de Lisboa e a pressão do setor terciário, a especulação nesta zona vai aumentando e expulsando os residentes. Ao deixar de ser um centro habitacional, o Chiado converte-se num polo quase exclusivo de serviços e comércio, o que leva à desertificação da zona a partir das 19h (fecho dos estabelecimentos comerciais). Aos poucos, e com a abertura dos primeiros centros comerciais, a afluência de pessoas no Chiado vai diminuindo e esta zona vai perdendo a proeminência e importância que outra tivera, entrando em decadência durante as décadas de 1970/80[16].

> *O Incêndio do Chiado* [Figura 2.53, 2.54 e 2.55] *está inscrito como um dos mais destrutivos e extraordinários ocorridos em Portugal em termos de impacto urbano.*[17]

Na madrugada de 25 de Agosto de 1988 deflagrou um grande incêndio nos Armazéns Grandella, que se estendeu aos

14 Álvaro Siza, *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*. Granada: Delegación en Granada del Colegio de Arquitectos, 1994, p.26-27.

15 Carlos da Silva e Pedro Pedro, *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*, 2018, p. 26.

16 Teresa Barata Salgueiro, *A cidade em Portugal: uma geografia urbana*. Porto: Ed. Afrontamento, 1984.

17 Carlos da Silva e Pedro Pedro, *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*, 2018, p. 30.



2.56


2.57


2.58


2.59


2.60



2.61

2.62



2.63



2.64



2.56, 2.57, 2.58, 2.59, 2.60, 2.61, 2.62, 2.63 e 2.64 - Incêndio de 25 de Agosto de 1988 e operações de rescaldo.

Grandes Armazéns do Chiado e aos vários edifícios nas suas imediações, causando extensos prejuízos sociais e económicos e a destruição irreversível de um vasto património arquitetónico, urbanístico e cultural (Figuras 2.56 a 2.62).

> ***Este fogo pôs em sentido a comunidade e o país,*** *se alguns edifícios comerciais históricos estavam já destruídos ou a serem consumidos pelas chamas, a ameaça de destruição total pairava sobre o coração da cidade. Agora, visto e percecionado cá de longe, a coisa parece ter-se apenas resumido a um grave e negro acontecimento na capital, mas foi mais do que isso* ***na medida em que, na vertente simbólica, a cidade que emergiu do sismo de 1755 estava a ficar em causa****. Ardeu para Sudoeste, ardeu para Oeste, ardeu para o Chiado, mas poderia ter-se propagado para além da Rua do Áurea, destruindo muitos mais quarteirões da Baixa Pombalina.*[18]

Excetuando as fachadas e paredes mestras, estes edifícios pombalinos eram constituídos quase integralmente de madeira, servindo de combustível para o fogo, como é possível verificar na Figura 2.63. Assim, os edifícios afetados pelo incêndio ficaram quase totalmente destruídos, e as suas fachadas de alvenaria ameaçavam ruir. *A área de implantação do edificado atingido pelo incêndio ronda em planta os 10 000m2*[19]*(...)* e, tendo em conta que cada edifício tinha entre 5 e 6 pisos, *(...) a soma das áreas de todos os pisos dos edifícios destruídos, dá uma área total de construção aproximada de 60 000m2*[20].

Os trabalhos de rescaldo findaram a 5 de Setembro de 1988, onze dias depois da eclosão do incêndio (Figura 2.64). Durante o rescaldo foram realizadas vistorias à área devastada, para avaliar os estragos e as avaliar as condições de segurança. Krus de Abecasis, presidente da Câmara de Lisboa (CML), já pensava na recuperação do Chiado (Figuras 2.65 e 2.66).

18 Carlos da Silva e Pedro Pedro, *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*, 2018, p. 79.

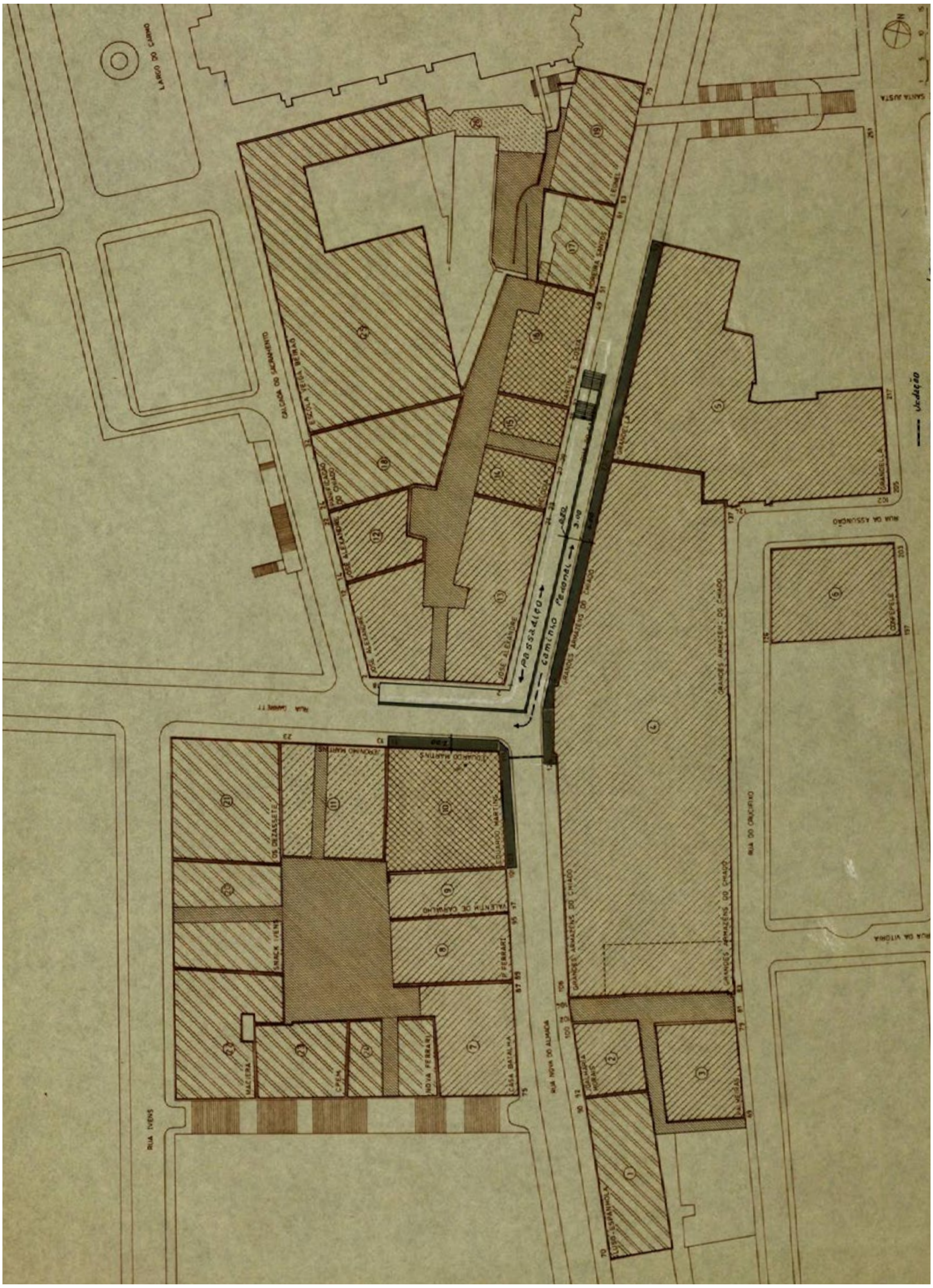
19 RSB, 1988b, p. 126; DIAP, 1988, fl. 990. Apud., Carlos da Silva e Pedro Pedro, *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*, 2018, p. 186.

20 Carlos da Silva e Pedro Pedro, *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*, 2018, p. 186.


CHEFE


DO CHIADO
DO CHIADO
SHOPPING
CENTER
ZARA

2.67



2.68



2.69



2.70



2.71



(páginas anteriores)
2.65 - Armazéns do Chiado, vista da Rua Garrett, 1988.
2.66 - Armazéns do Chiado, vista da Rua Garrett, 2018.

(páginas atuais)
2.67 - Planta das áreas a integrar no espaço público, Álvaro Siza, Arquiteto Lda, 1990. A planta não se encontra à escala original.
2.68, 2.69, 2.70 e 2.71 - Chiado depois do incêndio. É possível verificar nas fotografias várias estruturas que sustentam as fachadas de alvenaria.

PLANO DE RECUPERAÇÃO DO CHIADO

Concluído o rescaldo, iniciaram-se os trabalhos de limpeza dos escombros, bem como a estabilização das fachadas e outros elementos que ameaçavam ruir, de forma a criar condições de segurança para a circulação[21] (Figuras 2.68 a 2.71). Foram ainda criadas passagens pedonais elevadas, que permitiam o fluxo de peões e o desenrolar dos trabalhos de recuperação, com o intuito de não deixar o Chiado cair em esquecimento. Pouco tempo depois, o Arq. Álvaro Siza recebe a encomenda para a reconstrução do Chiado.

> ***Está? É o arquitecto Siza? Aqui é Nuno Abecasis. Estou a convidá-lo para dirigir a recuperação do Chiado.***
>
> *Foi este o meu primeiro contacto com o Presidente Abecasis. Assim, com toda a convicção, quase uma ordem.*[22]

A pedido do arquiteto é criado o Gabinete do Chiado[23], que dependia diretamente da presidência, de forma a ultrapassar as várias burocracias e agilizar a reconstrução da zona. Este gabinete ficou responsável por planear a recuperação de dezoito edifícios sinistrados e de seis outros, que completavam as unidades urbanas: *(...) tratavam-se de dois quarteirões, um de forma quadrada situado junto a outro, mais estreito e comprido, que confinava com a Rua do Carmo e a Rua Garrett*[24] (Figura 2.67).

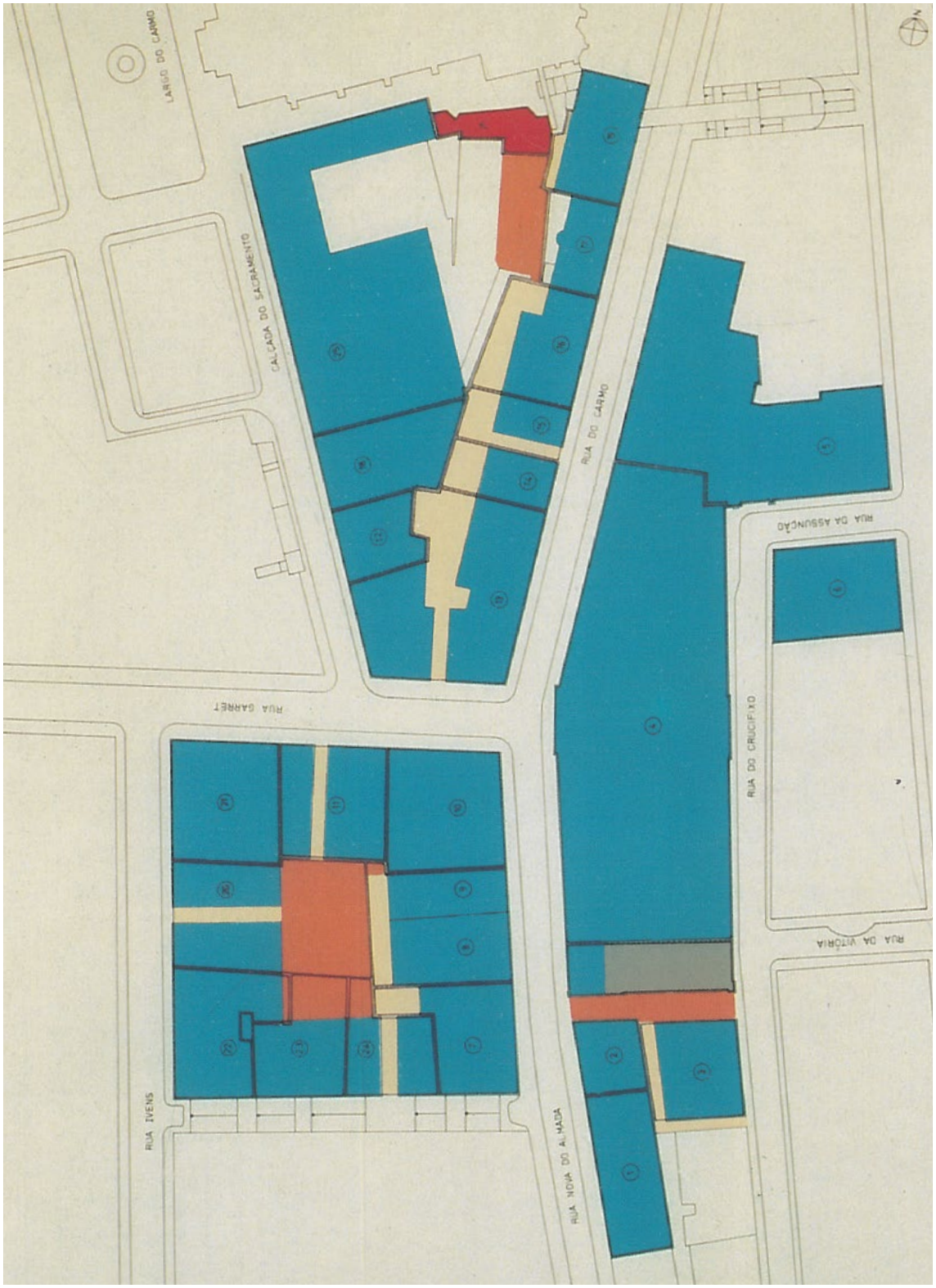
Importa, antes de mais, distanciar a palavra "Projeto" da intervenção de Álvaro Siza no Chiado: *O que o Siza fez foi um*

21 Álvaro Siza, *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*. Granada: Delegación en Granada del Colegio de Arquitectos, 1994, p.74.

22 "Abecasis" in Álvaro Siza, *01 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019, pág. 150.

23 *"O presidente Abecasis deu um apoio constante e muito próximo. Criou, por exemplo, a meu pedido, o gabinete de recuperação do Chiado, (...). O presidente pôs esse gabinete a depender directamente da presidência. Isso, dada a urgência da acção, foi fundamental, porque não havia os caminhos burocráticos."* Álvaro Siza entrevistado por Jorge Figueira. "O Intérprete Ideal" in *Público*, Lisboa, 25 de Agosto de 2013. Disponível em: < http://www.publico.pt/local/jornal/o-interprete-ideal-26981924 >.

24 Álvaro Siza, *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*, 1994, p.74.


LARGO DO CARMO
CALÇADA DO SACRAMENTO
RUA DO CARMO
RUA DA ASSUNÇÃO
RUA GARRET
RUA DO CRUCIFIXO
RUA DA VITÓRIA
RUA IVENS
RUA NOVA DO ALMADA

2.72

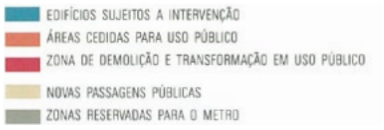
Plano, e teve a inteligência de não o tornar tão rígido, que impossibilitasse que a construção fosse o mais célere possível.[25]

> ***Sempre tive dificuldade em definir a fronteira entre plano e projecto.*** *Quando recebo o encargo da elaboração de um plano, as incompreensões manifestam-se logo na redação do contrato.* ***Também o Plano de Recuperação do Chiado seguiu a mesma regra.***[26]

Um dos aspetos fundamentais do programa proposto pelas autoridades de Lisboa consistia *(...) em substituir as relativas funções a monoculturais do Chiado por uma variedade das mesmas, conservando por usa vez, e em bom estado, a sua aparência histórica.*[27] Com este plano procurava-se a revitalização da zona atingida pelo incêndio e, atendendo à condição do Chiado como charneira entre a Baixa e o Bairro Alto, dever-se-ia melhorar a ligação entre estas zonas e a sua dinamização.

A nível programático apostava-se no comércio, equipamentos, hotelaria, cultura e lazer, como é possível verificar na planta apresentada na Figura 2.72. No entanto, um dos grandes objetivos da política de intervenção passava por incorporar na zona um programa de habitação, que correspondia entre 30 a 40% do volume total edificado[28]. Estava ainda prevista a redução do trânsito, a incorporação de estacionamento público para a população residente e atividades da zona e, por fim, a integração de um acesso ao ramal do Metropolitano.

Em suma, era necessário elaborar um plano de recuperação que desse resposta ao programa e à extensa lista de objetivos, *(...) respeitando a volumetria préexistente e conservando as fachadas de inequívoco valor patrimonial*[29]. Partindo das circunstâncias, o Arquiteto decidiu *(...)* ***definir as linhas gerais, os princípios e o regulamento, deixando aos proprietários liber-***



2.72 - Planta Definitiva de Zoneamento e Usos da Área Sinistrada. Abril de 1990.

LEGENDA NÚMERICA:
Grandella (5);
Armazéns do Chiado (4); Bloco A (Edifícios do 7 ao 11 com incorporação do 20 ao 24);
Bloco B (Edifícios do 12 ao 18 com incorporação do 19, 25 e 26);
Bloco C (Edifícios 1, 2 e 3)

CÓDIGO DE CORES:

25 Carlos Castanheira entrevistado por Matilde Lobo, in *Estratégias de reconstrução urbana: a experiência do Chiado em discurso directo*, 2014, pág.140.

26 Álvaro Siza, "Navegando através do híbrido das cidades", in *Imaginar a Evidência,* Edições 50, p. 85.

27 Álvaro Siza, *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*, 1994, p.103.

28 "Objectivos do plano". Ibidem, p. 112.

29 Ibidem, p.112.

dade na escolha do arquitecto.[30]

Assim, várias áreas privadas foram cedidas e alguns lotes foram demolidos, passando a ser de uso público. Com estas áreas libertas foram recuperados acessos primitivos, como a via pedonal que liga a Igreja do Carmo e o interior do Bloco B, e criados novos, como as Escadinhas do Santo Espírito da Pedreira, que passam a ligar a Rua do Crucifixo e a Rua Nova do Almada[31] (Figuras 2.73 a 2.77). Relativamente ao desenho dos edifícios, foram desenhadas todas as fachadas, acessos e a localização dos acessos verticais, dando liberdade aos proprietários na escolha do arquiteto, para o projeto do interior de cada edifício (Figura 2.78). Segundo Álvaro Siza, *(...) O resultado final não foi brilhante e confirma a dificuldade, propriamente contemporânea, de construir em continuidade através de intervenções individuais.*[32]

Apesar do Arquiteto não estar completamente satisfeito com o resultado, o plano de Siza para o Chiado continua a despertar a atenção e o interesse de leigos e arquitetos. Referência constante, para Jorge Figueira o Chiado é um manifesto historicista, *(...) não no sentido, e aqui há algumas nuances, de uma lógica puramente cenográfica, mas procurando manter a aproximação da autenticidade, rigor construtivo e estrutural do moderno*[33]. É exatamente nas questões da autenticidade e do rigor construtivo e estrutural que nos focaremos de seguida.

> ***O trabalho do arquitecto torna-se portanto um trabalho de detective, que procura restabelecer correspondências antigas e vitais, traumaticamente cortadas e mal perceptíveis.***[34]

30 Álvaro Siza, "Navegando através do híbrido das cidades", in *Imaginar a Evidência,* p.85.

31 "*Há uma escada nova que desce para a Rua do Crucifixo que se calhar existiu, porque o que se descobriu com o incêndio é que a largura daquela escada estava ocupada pelos Armazéns do Chiado, mas era um acrescento."* Álvaro Siza entrevistado por Jorge Figueira. "O Intérprete Ideal", 2013. Disponível em: < http://www.publico.pt/local/jornal/o-interprete-ideal-26981924 >.

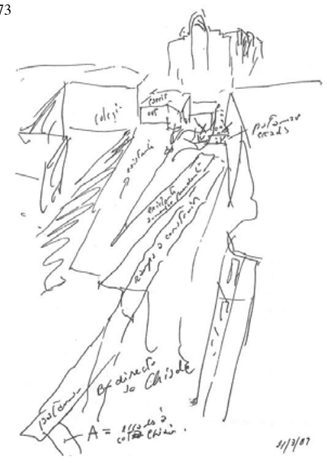
32 Álvaro Siza, "Navegando através do híbrido das cidades", in *Imaginar a Evidência,* p.85.

33 Jorge Figueira, Anos 1980, Circo de Ideias, 2012, pág.73.

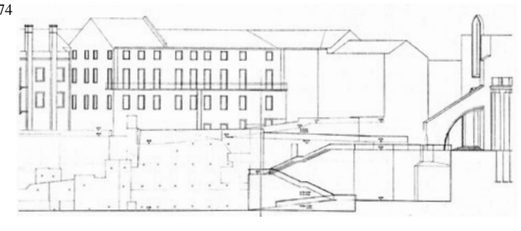
34 Álvaro Siza Vieira, *"*Navegando através do híbrido das cidades*"* in *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70, 2012, p. 99.

2.73 - Esquisso, 31/03/89.
2.74 - Secção B-B' do interior do Bloco B, no ponto de encontro com as ruínas do Convento do Carmo.
2.75 - Perspetiva interior do Bloco B com o acesso à Igreja do Carmo.
2.76 - Perspetiva axonométrica. Percurso interior em plataforma através do Bloco B, até ao Convento do Carmo.
2.77 - Planta do interior do Bloco B e ponto de encontro com as ruínas do Convento do Carmo.
2.78 - Proposta de Recuperação do Bloco A.

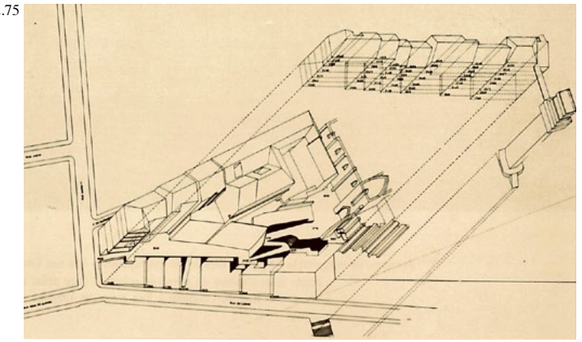
2.73



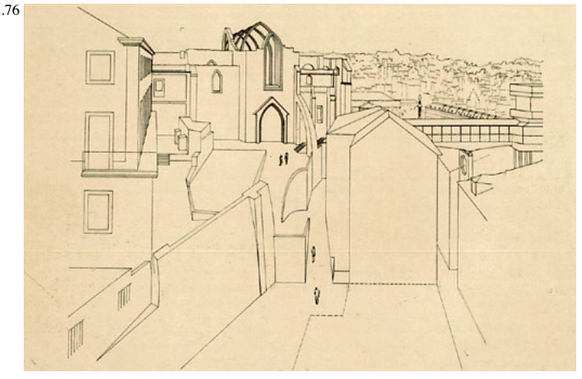
2.74



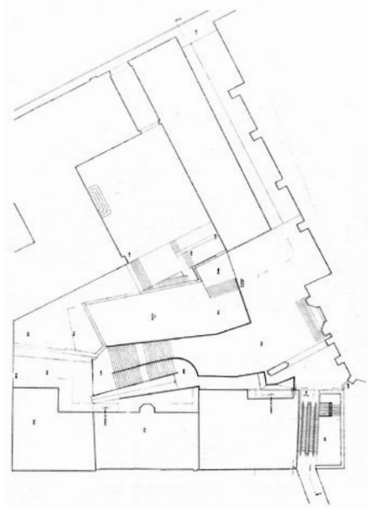
2.75



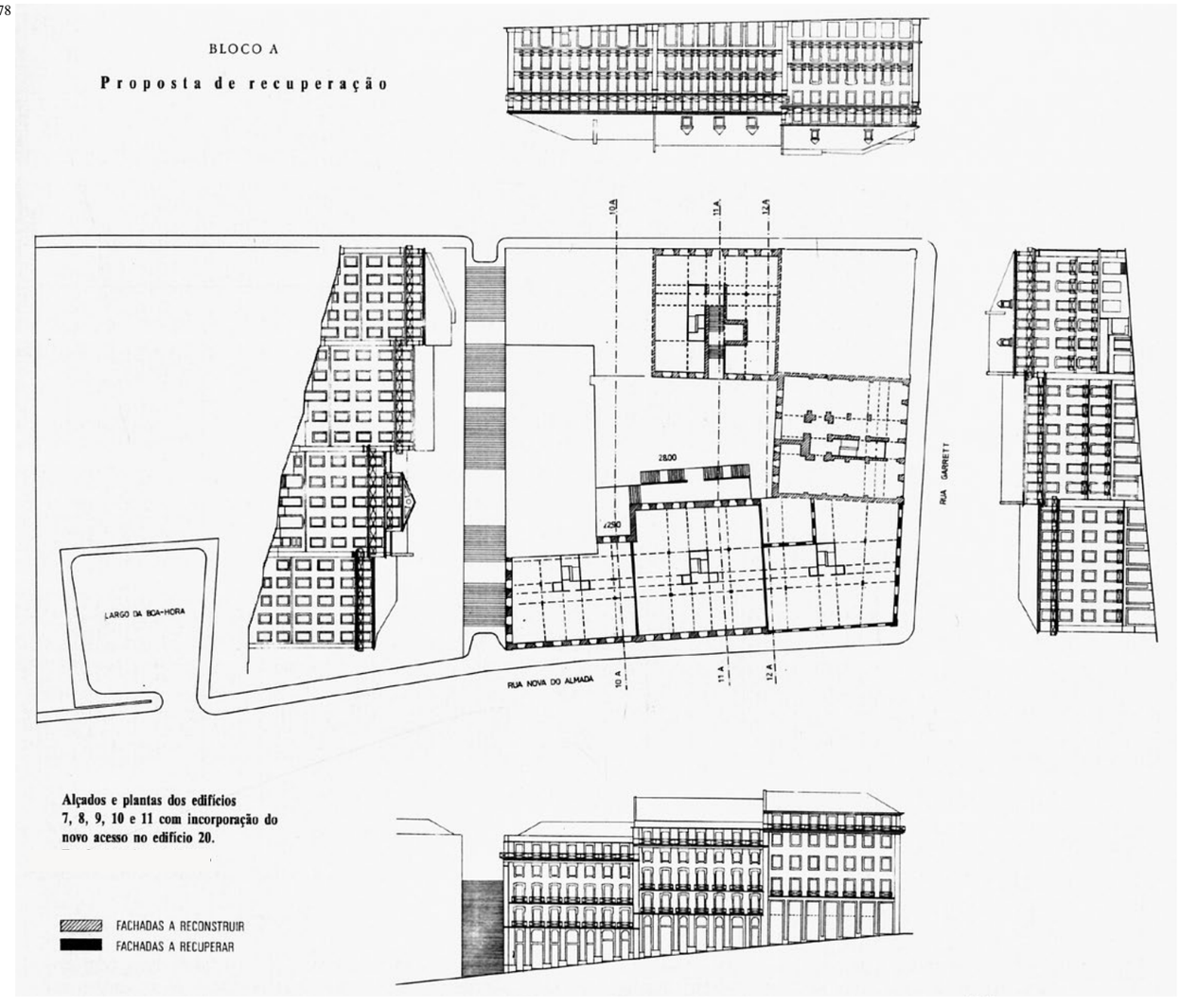
2.76



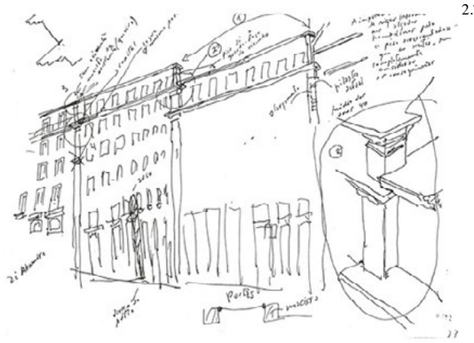
2.77



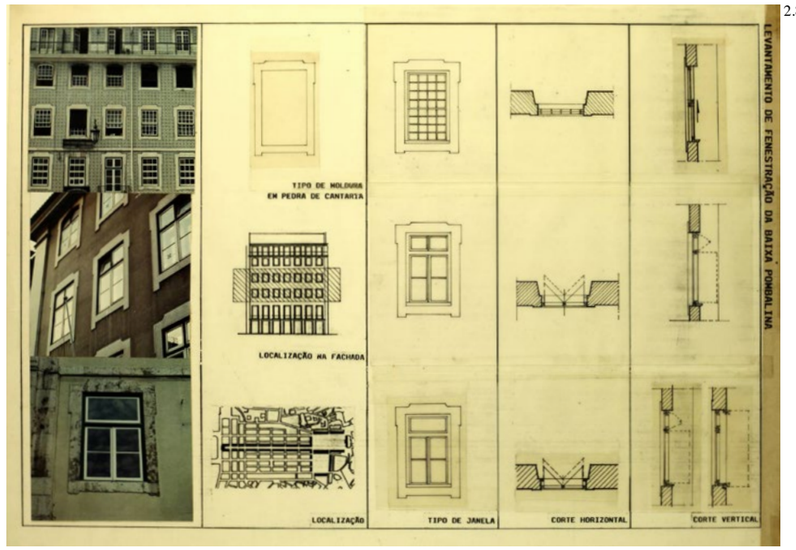
2.78



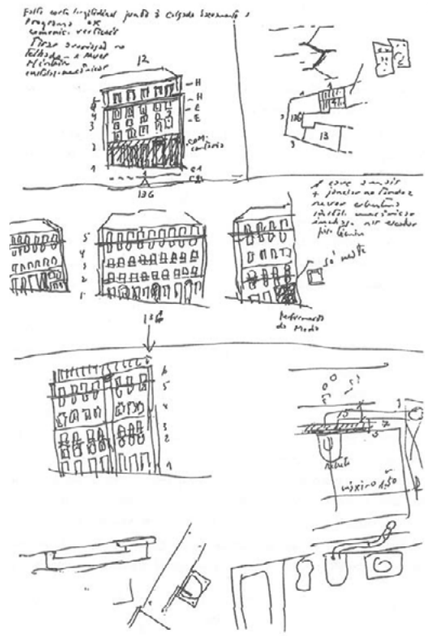
2.79



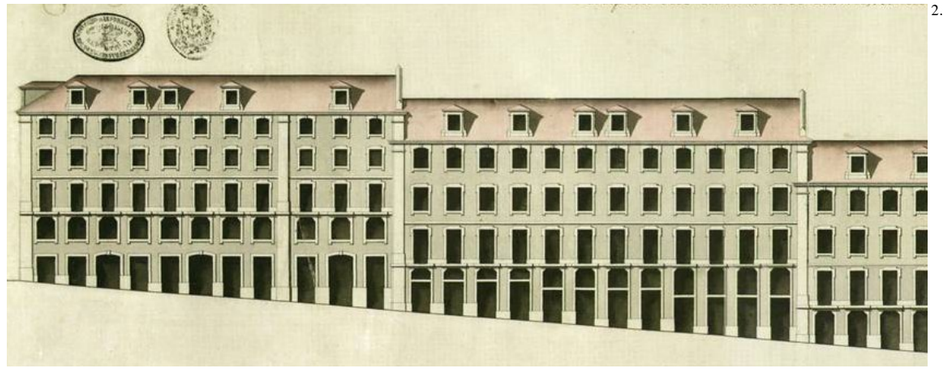
2.81



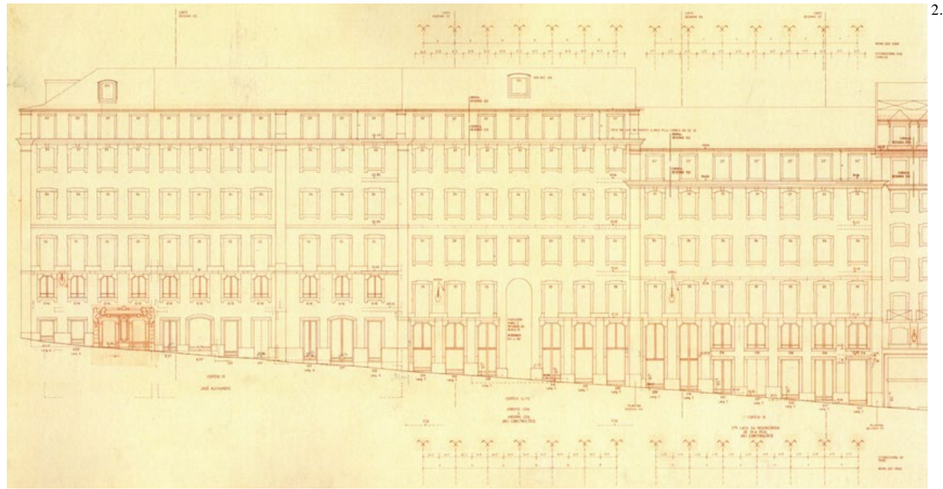
2.80



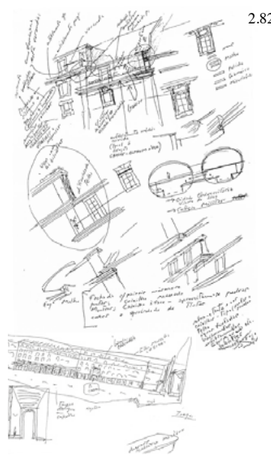
2.86



2.87



2.82



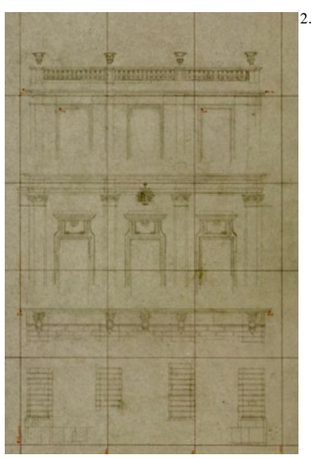
2.83



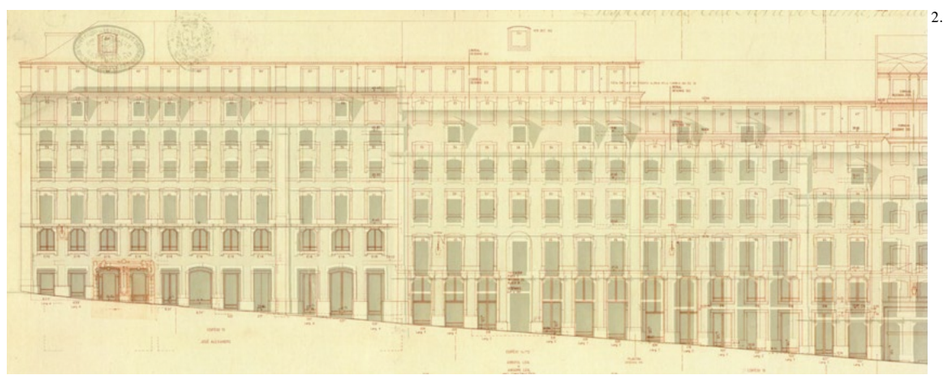
2.84



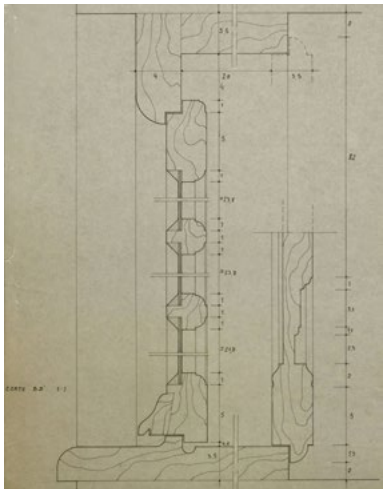
2.85



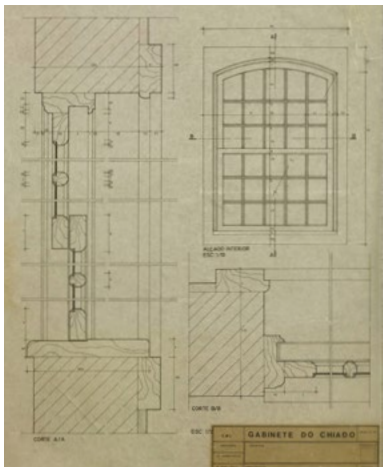
2.88



2.89



2.90



2.79 e 2.80 - Esquissos do Arquiteto.
2.81 - Levantamento de Fenestração da Baixa Pombalina.
2.82 - Esquisso do Arquiteto.
2.83 - Rua Garrett no dia da manifestação monárquica de estudantes da universidade de Coimbra, 1908.
2.84 - Fachada dos Armazéns do Chiado, 1988.
2.85 - Reconstituição da fachada central dos armazéns do Chiado, 1988.
2.86 - Prospeto da rua Nova do Carmo no lado que olha para o Oriente, 176-.
2.87 - Projeto de Álvaro Siza para a Rua do Carmo, 1993.
2.88 - Rua do Carmo (Lado Poente). Sobreposição do prospeto do Cartolário Pombalino e do alçado proposto por Álvaro Siza.
2.89 - Levantamento das janelas e portadas do edifício Socidel.
2.90 - Levantamento de uma janela de guilho1ina da rua de São Nicolau.

Tendo em consideração a data de construção e o estado de ruína de grande parte dos edifícios integrados no plano, foi realizado um levantamento arquitetónico à zona sinistrada e a vários edifícios da Baixa. Mas, mais que um simples levantamento, *(...) Foi preciso fazer uma viagem em torno de todas as interpretações e modificações feitas e encontrar (...) algo que sintetizasse, na sua influência, no carácter da arquitectura, o que tinha ligações com o passado e com essa dinâmica passada*[35]. Esta análise exaustiva às fachadas e aos seus elementos, apresentada da Figura 2.79 à 2.90, foi essencial para completar a informação dos prospectos do "Cartolário Pombalino", verificar o que realmente foi construído e quais as alterações sofridas desde o século XVIII.

> *Uma das grandes discussões que houve, foi a de que seria muito mais fácil, muito mais económico, e muito mais seguro, apear todas as fachadas e, depois, reconstrui-las. Aí houve uma determinação muito forte do Siza, que se apercebeu claramente de que, se apeasse as fachadas sem necessidade, (porque havia algumas que estavam muito lesadas e precisavam mesmo de ser apeadas), tudo ia perder o carácter... Íamos passar de paredes que tinham 60/80 cm, 1m, para paredes de 40 cm, o que levaria a uma relação dos caixilhos completamente diferente. Além disso, conduziria a alterações também na vivência ao nível do interior, questão relevante porque a cidade não é só o que se o que se vê por fora, mas também aquilo que se vive lá dentro.*[36]

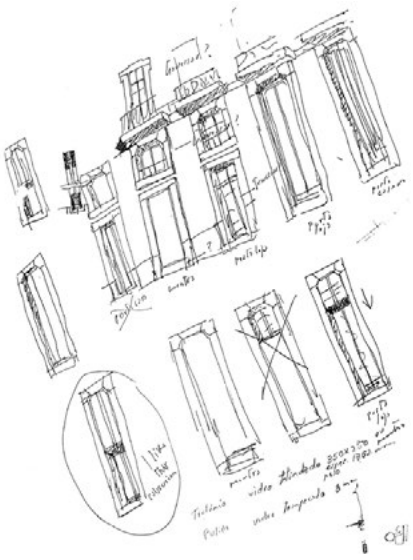
A questão das fachadas foi resolvida com uma nova gaiola, que reinventava o sistema construtivo pombalino. Consistia numa estrutura autoportante de betão que, *(...) substituía as inumeráveis peças de madeira pombalinas (...) por uma moderna*

35 Álvaro Siza entrevistado por Jorge Figueira. "O Intérprete Ideal" in *Público*, Lisboa, 25 de Agosto de 2013. Disponível em: < http://www.publico.pt/local/jornal/o-interprete-ideal-26981924 >.

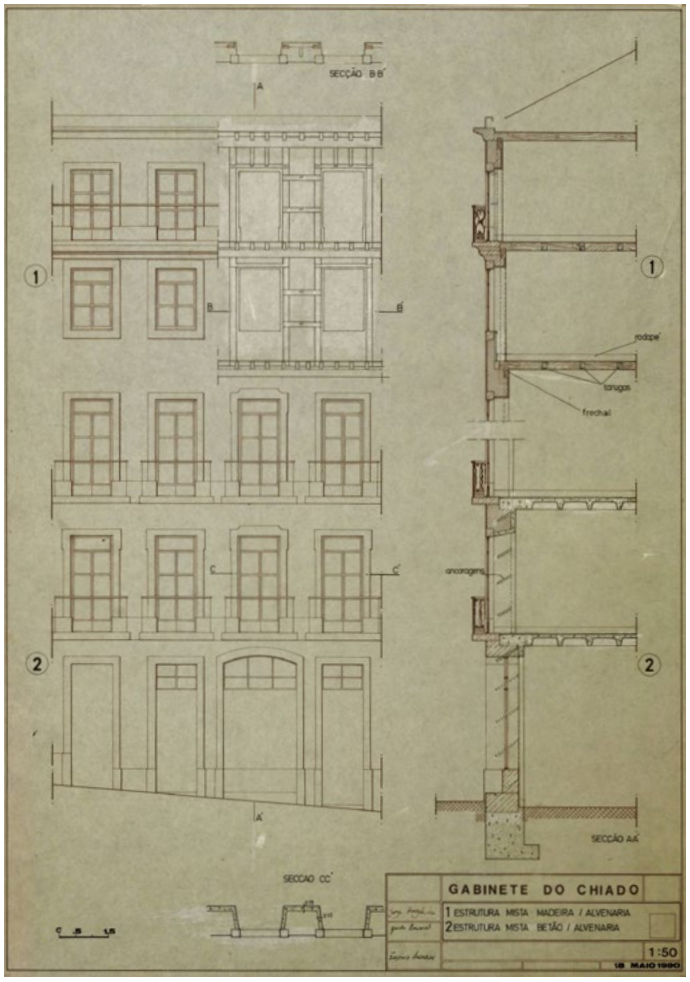
36 Carlos Castanheira in Matilde Lobo, *Estratégias de reconstrução urbana: a experiência do Chiado em discurso directo*, 2014, pág.145.



2.91



2.93



2.92



2.94



2.95



2.96



2.97

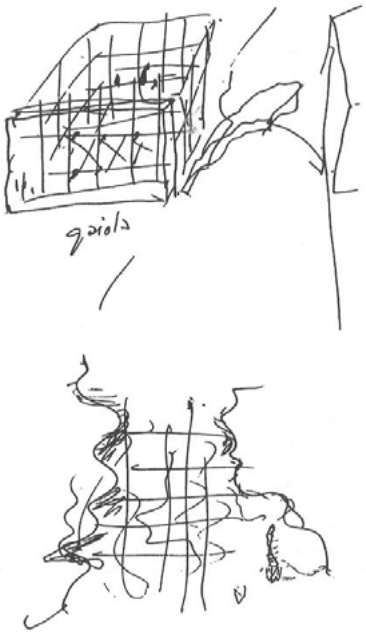
2.98



2.99



2.100



2.91 - Pormenorização dos elementos construtivos da fachada no edifício Grandella.
2.92 - Estrutura mista madeira/ alvenaria e Estrutura mista de betão/ alvenaria. O desenho não está à escala original.
2.93 - Esquisso do arquiteto.
2.94, 2.95, 2.96 e 2.97 - Fotografias da construção.
2.98 e 2.99 - Quotidiano das obras.
2.100 - Esquisso do arquiteto.

e aperfeiçoada retícula de suportes e dinteis de fragmentação modular concordando com a disposição rítmica dos vãos da janela e parede cega que o tradicional esquema compositivo pombalino das fachadas impõe[37].

A "gaiola" de Siza, mais rígida e homogénea que a original, segurava as fachadas de alvenaria pombalinas e conferia a estabilidade necessária aos edifícios[38] (Figuras 2.91 a 2.100). Para além disto, mantinha a relação original entre as caixilharias e as espessas paredes exteriores, como refere o Arq. Carlos Castanheira.

INTERVENÇÃO NOS VÃOS EXTERIORES

A investigação histórica e o levantamento efetuado aos vãos exteriores da Baixa foram determinantes para o desenho das novas caixilharias para o Chiado. Para Álvaro Siza, o conjunto de edifícios do Chiado era, antes de mais, um grande edifício prefabricado, tal como a Baixa Pombalina. *Isto é, os elementos eram feitos fora de Lisboa (caixilharias, varandas, elementos em pedra, entablamentos) e trazidas para as obras, sucessivamente, à medida do necessário*[39].

Seguindo a lógica de intervenção nas fachadas dos edifícios, o desenho das novas caixilharias seria inspirado no original, pois *(...) aquela arquitectura* [a arquitetura pombalina]*, vive muito de todos os seus elementos, e um deles são as caixilharias.*[40] Foi rapidamente excluída a hipótese de redesenhar as caixilharias, adaptando-as de vidro simples para vidro duplo, pois o Arquiteto considera que *(...) as caixilharias mudam completamente porque a sua expressão tem que aumentar muitíssimo*[41].

37 Álvaro Siza, *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*, 1994, p. 233.
38 *"Uma nova gaiola, (...) confere ao conjunto a estabilidade requerida, distribuindo para ele as acções horizontais do sismo mediante um sistema acoplado de pórticos e pára-fogos de betão, onde se concentram os núcleos de comunicação e de percursos verticais da edificação."* Ibidem, p. 233.
39 Entrevista a Álvaro Siza in Matilde Lobo, *Estratégias de reconstrução urbana ...*, 2014, pág.155.
40 Ibidem, p. 162.
41 Ibidem, p.162.

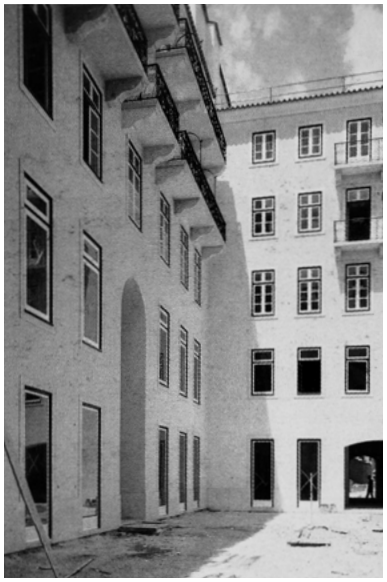
Sendo necessário e obrigatório cumprir os requisitos da térmica e acústica, a proposta de Álvaro Siza para os vãos exteriores do Chiado consistia em criar um caixilho exterior e, depois, outro caixilho no interior[42].

> *Portanto, existe uma caixa de ar entre os dois que garante o isolamento, sendo assim possível reproduzir a delicadeza das carpintarias daquela altura, e do séc. XIX também.*[43]

Se pelo exterior se reproduzem as janelas de batente originais, no interior desenham-se segundas caixilharias de batente mais simples, de um só pano, sem quadrículas, que mal se nota no conjunto geral (Figuras 2.109 e 2.110). *Como as paredes são muito espessas, foi possível ter os dois caixilhos e ainda uma portada, que cabe no vão. E, portanto, conseguiu-se o isolamento térmico mas não se feriu a integridade da arquitectura.*[44]

Apesar de se manter fiel ao desenho das caixilharias de madeira originais, elementos em estudo na presente investigação, o Arquiteto revela um certo afastamento do original em alguns elementos, como nas portas de acesso e portadas de janelas. *Para elas, Siza realizou uma série de desenhos extremamente cuidados que incorporam uma nota de novidade e graça na homogeneidade rigorosa do conjunto*[45]. É possível analisar alguns destes desenhos e detalhes construtivos nas próximas páginas, nas Figuras 2.104, 2.105, 2.111, 2.112 e 2.115.

> *Entenda-se que o inusitado rigor de fidelidade na aparência exterior tem a sua contrapartida no que é essencialmente novidade e que é o arranjo interior dos blocos* [Figuras 2.101 a 2.103].[46]



2.101



2.102



2.103

2.101 e 2.102 - Bloco A, interior do quarteirão e passagem pública.
2.103 - Vão no último piso/ mansarda de um dos edifícios.
2.104 - Mapa de vãos dos Alçados Tardoz.
2.105 - Mapa de vãos dos pisos superiores (Alçados Principais).
2.106 - Cantarias dos pisos superiores (Alçados Principais).

42 Segundo o Álvaro Siza, esta opção interventiva já é utilizada desde o séc. XVIII, em países do Norte e na Alemanha.

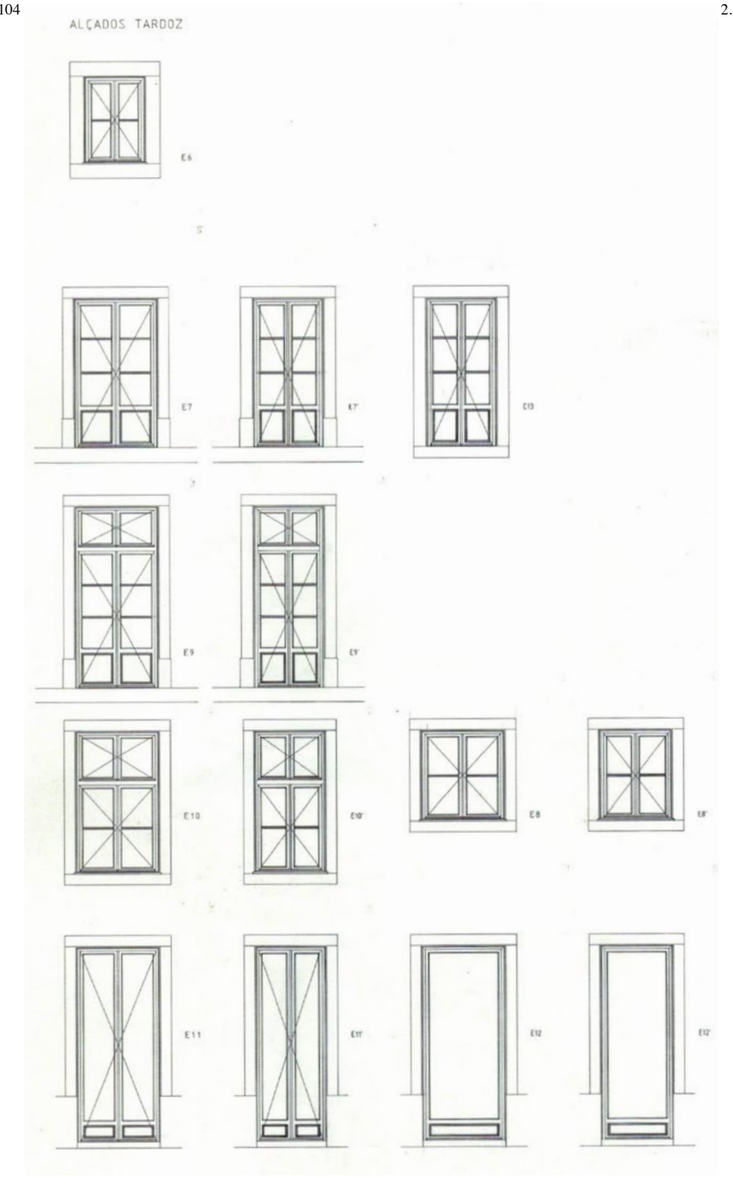
43 Entrevista a Álvaro Siza in Matilde Lobo, *Estratégias de reconstrução urbana ...*, 2014, pág.162.

44 Ibidem, p. 162.

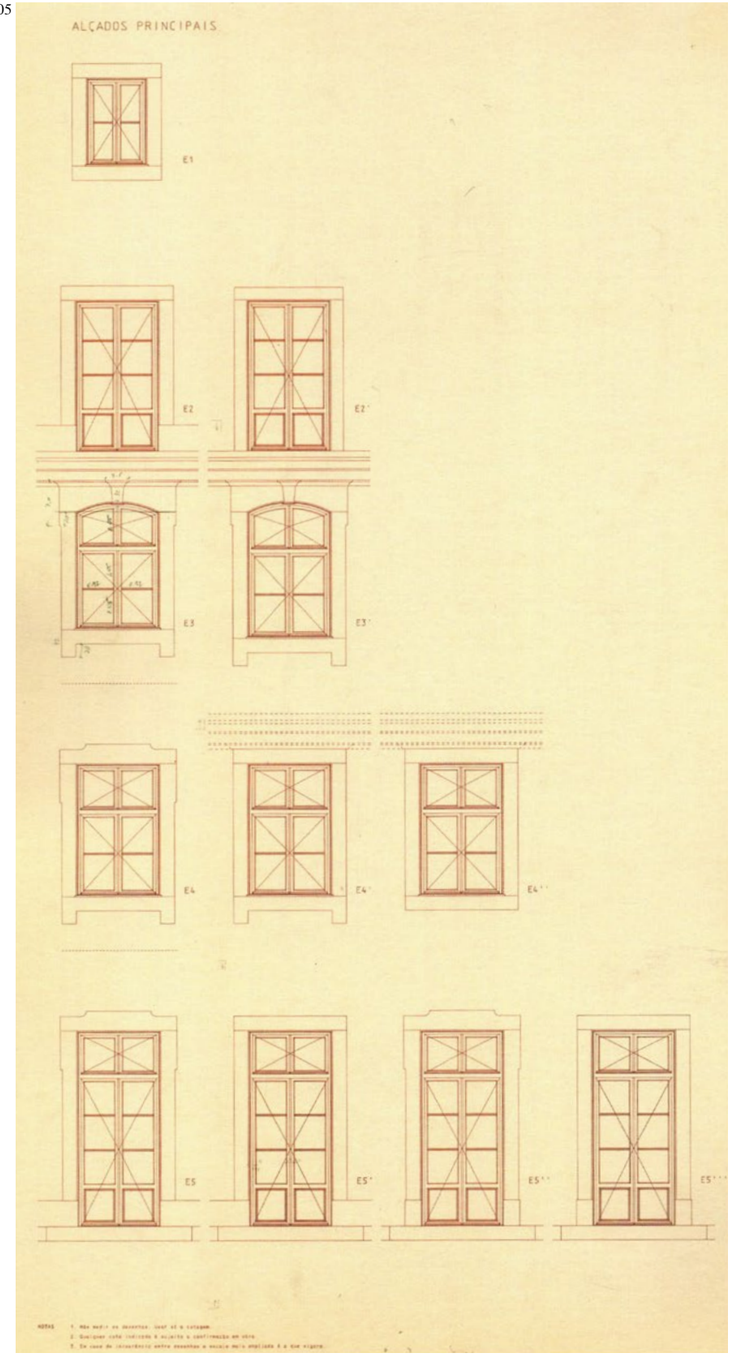
45 Álvaro Siza, *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*, 1994, p. 233.

46 Ibidem, p. 233.

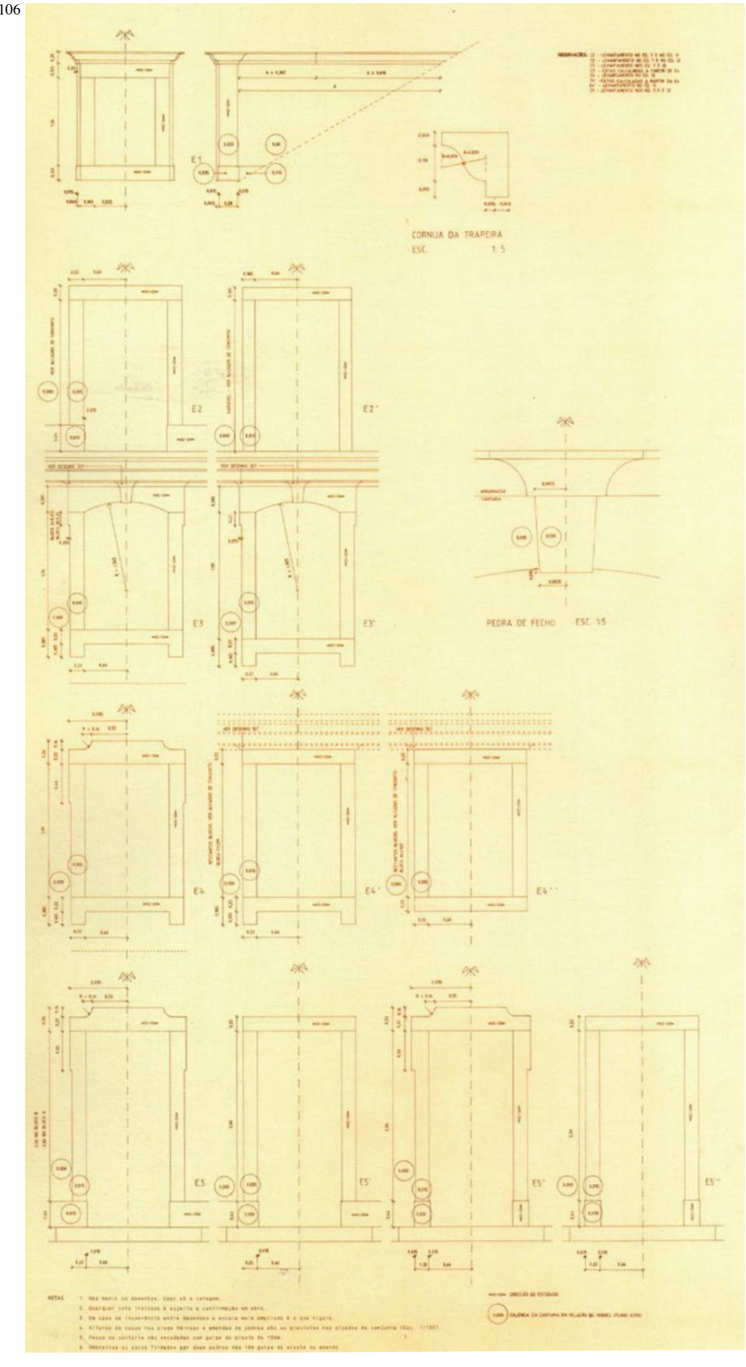
2.104



2.105



2.106



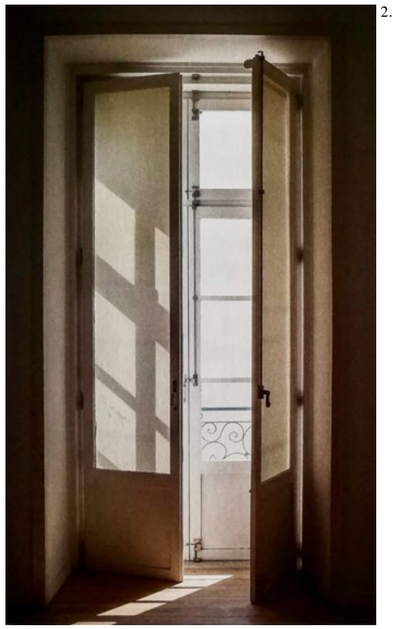
2.107



2.109



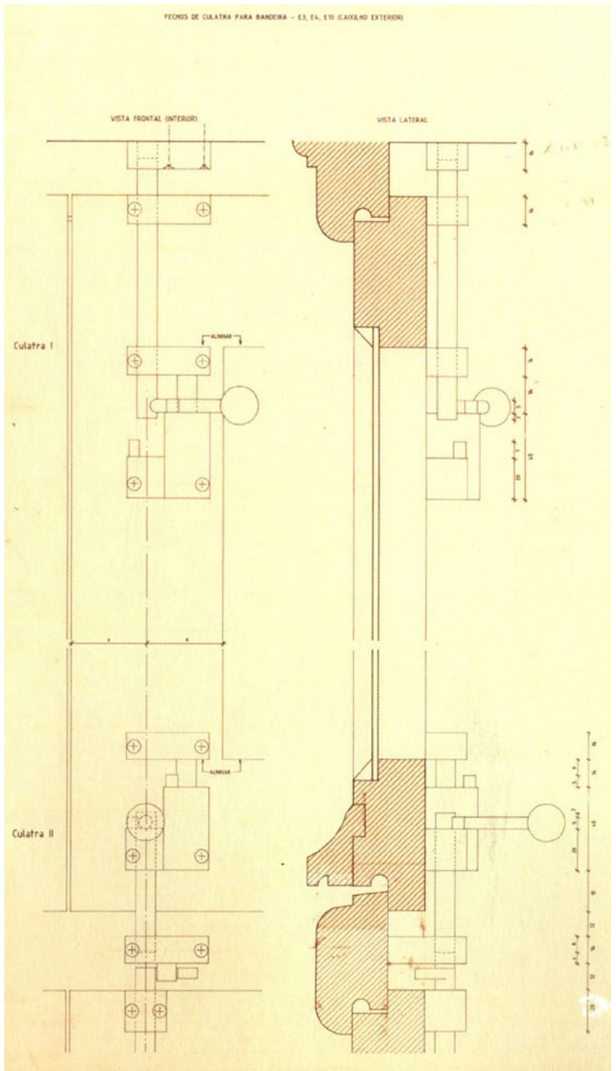
2.110



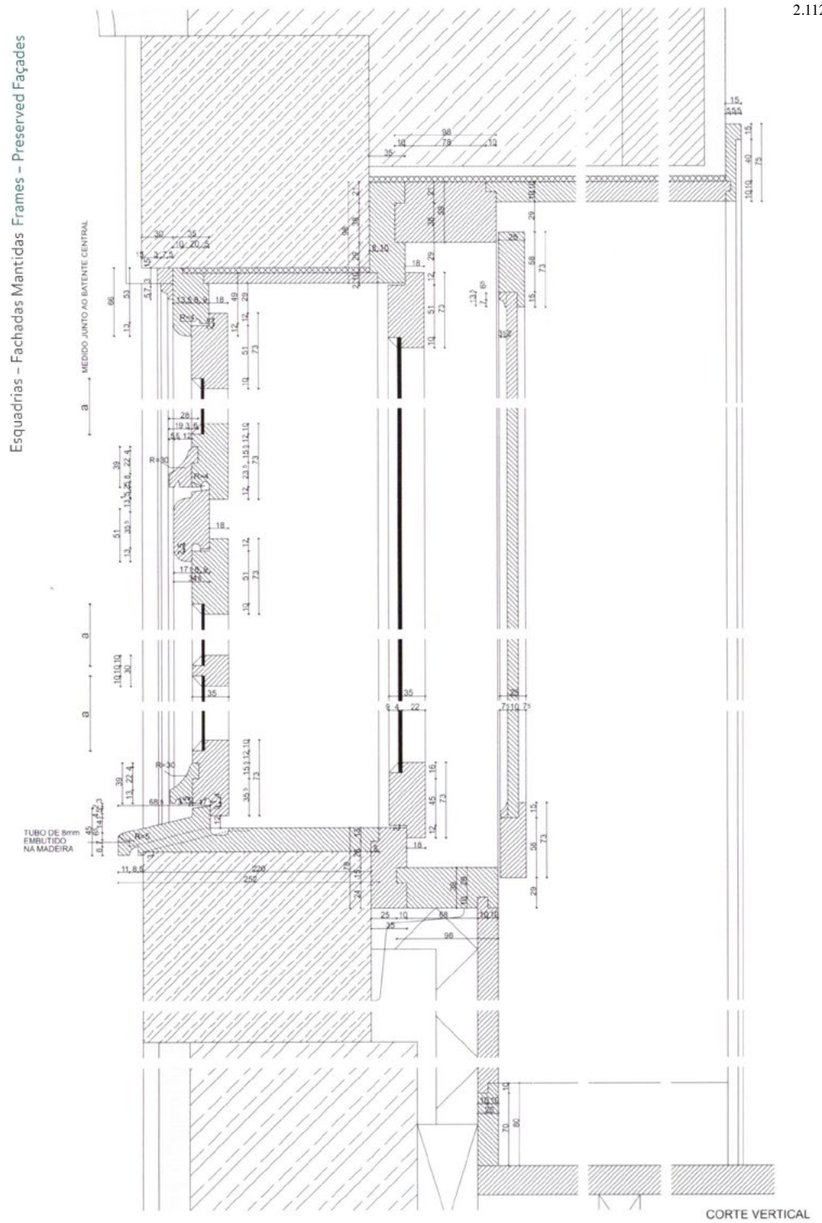
2.108



2.111

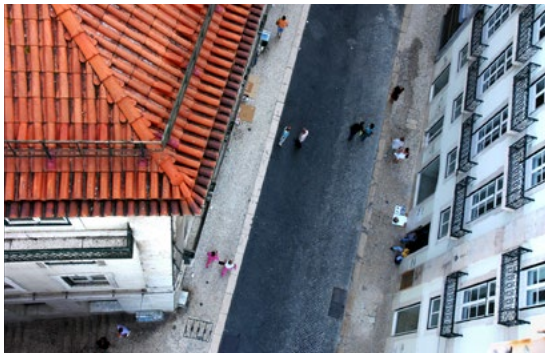


2.112



2.107, 2.109 e 2.110 - Pormenor e vãos exteriores pós intervenção.
2.108 - Edifício concluído.
2.111 - Pormenor dos fechos de culatra para bandeira. O desenho não está à escala original.
2.112 e 2.115 - Pormenor Corte Vertical e Pormenor Corte Horizontal da Esquadria E3, inserida numa fachada mantida. Os desenhos não se encontram à escala original.
2.113 - Rua do Carmo em 2006.
2.114 - Rua Garret e Armazéns do Chiado em 2018.

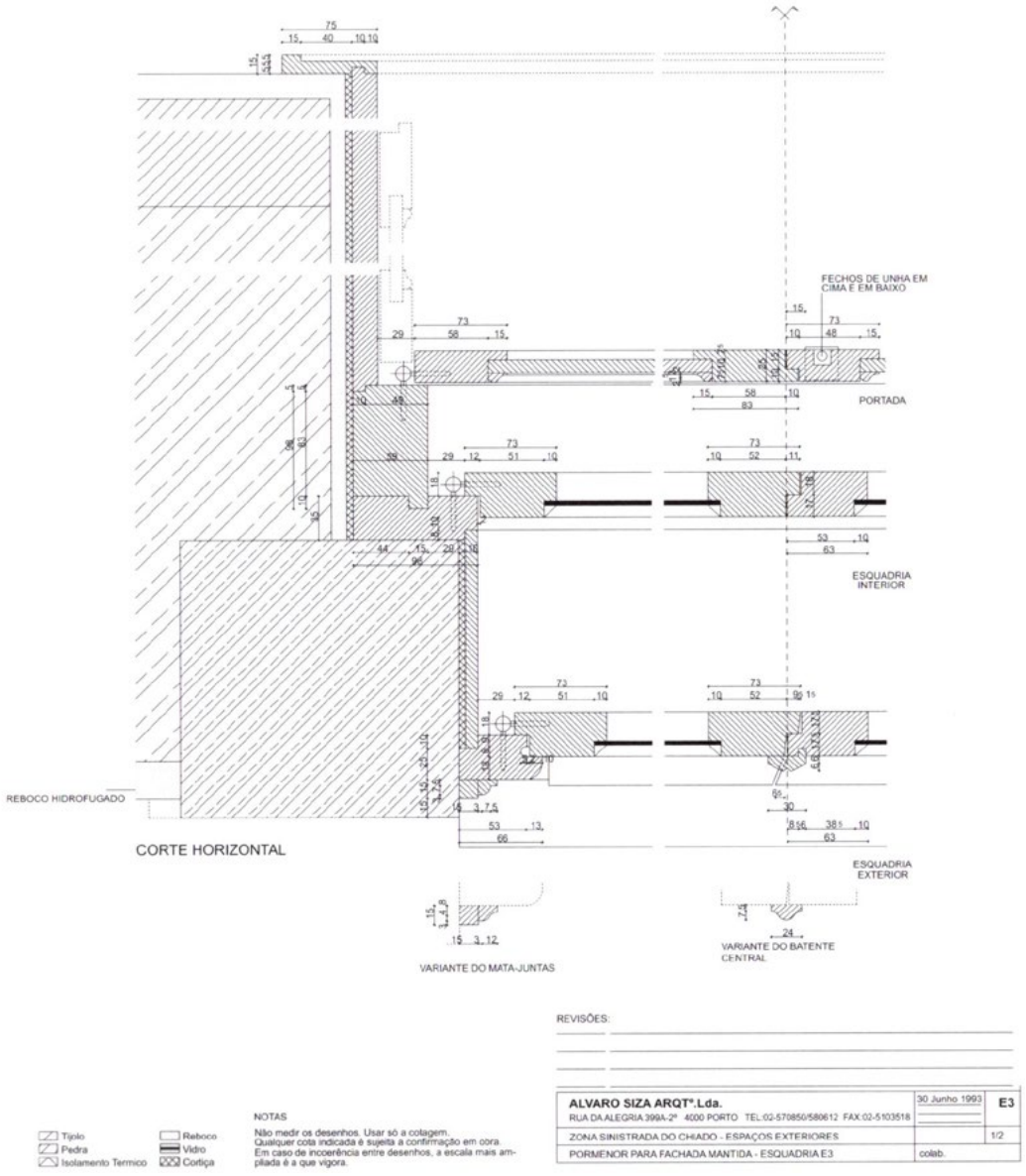
2.113



2.114



2.115



Localização:	Rua de Ferreira Borges, 67-77, e Rua do Comércio do Porto, 144-148, Porto
Data da construção inicial:	Fim Século XVIII e Século XIX
Programa funcional original:	Habitação, comércio
Estado de ocupação anterior à intervenção:	Habitado
Estado de conservação:	Bom estado
Área do lote:	598 m^2 (32m x 24m)
Área bruta/ pisos:	Edifício I (366m^2/ 3 pisos) Edifício II (1225m^2/ 5 pisos) Edifício III (725m^2/ 5 pisos)
Data do projeto:	2016
Empreitada:	Reabilitação de caixilharias
Autoria do projeto de reabilitação arquitetónico:	Nuno Valentim, Arquitetura e Reabilitação, Lda



2.116

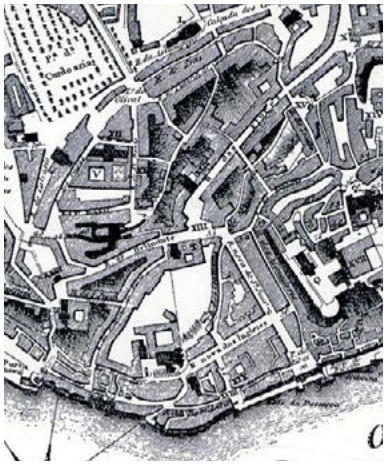


2.117

2.3 FIMS | NUNO VALENTIM, ARQUITECTURA E REABILITAÇÃO, LDA.

IMPLANTAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

2.118



2.119



2.120



2.116 e 2.117 - Fotografias da obra.
2.118 - Secção da Planta Redonda de George Balck, 1813.
2.119 - Planta do Porto de Frederico Perry Vidal, 1865.
2.120 - Planta Topográfica do Porto, 1892.

(...) isto tudo composto de ingleses ruivos, de alemães loiros, de brasileiros escuros, de portugueses de todas as cores, e ter-se-à imaginado o aspecto da Praça comercial do Porto, à hora em que Carlos Whitestone a atravessou.[47]

Júlio Dinis eternizou o Porto de 1855, no seu primeiro romance. Mas, antes de existir Praça Comercial ou Rua de Ferreira Borges, estes terrenos dividiam-se entre o Convento de S. Domingos e o Convento de S. Francisco (Figura 2.118). Para possibilitar a abertura da Rua de Ferreira Borges (Figura 2.119) foi necessário demolir parte do Convento e Igreja de S. Domingos, bem como alguns edifícios da antiga Rua da Ferraria de Baixo, atual Rua do Comércio do Porto. Os três edifícios em estudo neste subcapítulo localizam-se exatamente entre a Rua do Comércio do Porto e a Rua de Ferreira Borges, no gaveto resultante destas demolições (como é possível verificar as plantas na próxima página, nas Figuras 2.121, 2.122, 2.123 e 2.124).

Apesar de não ter sido possível encontrar documentação concreta sobre a construção destes edifícios, foi possível tirar diversas conclusões a partir de várias plantas da cidade do Porto. Sabe-se que a Rua da Ferraria de Baixo teve origem no século XVI[48] e que estava completamente consolidada aquando das demolições de 1838 (Figura 2.122).

Assim sendo, foi possível identificar dois dos Edifícios em estudo (Figura 2.117) na Planta Redonda de George Balck de 1813 (Figura 2.118): o Edifício II, que faz o gaveto com a Rua de Ferreira Borges, e o Edifício III, localizado na Rua do Comércio do Porto. Mais ainda, se seguirmos a lógica de Francisco Barata Fernandes sobre as transformações na habitação

47 Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*, op. cit., 1999, p. 76.

48 *"Nesta zona verificar-se-á uma concentração de vários mesteirais, particularmente dois mesteres que darão o nome a duas novas ruas, durante a segunda metade do século XV ou já no século XVI: a da Ourivesaria e a da Ferraria de Baixo."* Maria do Carmo Ribeiro, Arnaldo Sousa Melo, "A influência das atividades económicas na organização da cidade medieval portuguesa" in Maria do Carmo Ribeiro, Arnaldo Sousa Melo (coord.). *Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia.* Braga: CITECEM, 2012, p. 165.

portuense, é possível inserir o Edifício III na expansão mercantilista[49], tendo em conta a sua localização intramuros, o lote estreito, os dois vãos por piso e as várias adições de pisos posteriores.

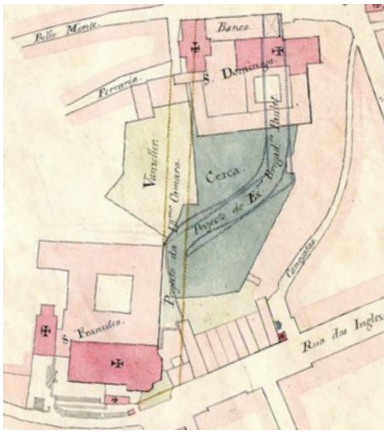
> *As variações que se podem verificar nos edifícios ao longo deste período* [desde finais do século XVI, princípios do século XVII até à primeira metade do século XIX] *são o aumento do número de vãos da fachada principal (aumenta a largura do lote a partir da segunda metade do século XVIII), o aumento do pé-direito e a diversificação do trabalho de cantaria envolvente dos vãos, das varandas e das cornijas e pilastras.*

A forma do edifício II resulta das demolições de 1838, como é possível verificar na Figura 2.121. Apesar de não se inserir no típico lote - estreito e profundo - poder-se-á inserir este edifício também no período da expansão mercantilista, pois já existia antes de 1813. Foi possível localizar no Arquivo Municipal do Porto, um processo de 1854 para a reconstrução deste prédio. Relativamente ao Edifício I, só foi possível identificá-lo a partir da Carta Topográfica do Porto de 1892 (Figura 2.124), pelo que se estima que a sua construção se tenha dado entre 1865 (Planta de Perry Vidal) e 1892. Posteriormente foi criado um acrescento ao edifício, que passou a ligar as fachadas do Edifício I e do Edifício II.

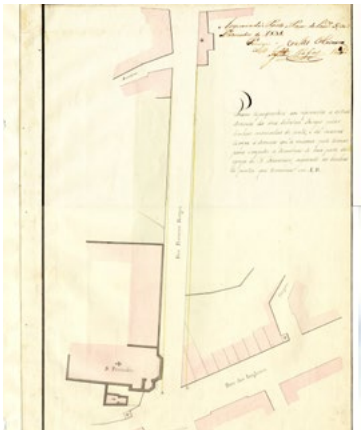
ARQ. MARIA JOSÉ MARQUES DA SILVA MARTINS E FUNDAÇÃO INSTITUTO MARQUES DA SILVA

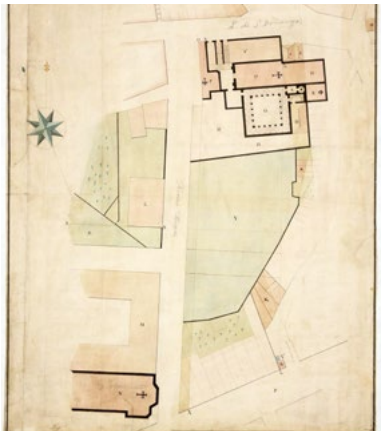
Apesar de não se conhecer com toda a certeza a data de construção destes edifícios, tem-se conhecimento de uma intervenção realizada pela Arq. Maria José Marques da Silva Martins e pelo Arq. David Moreira da Silva, entre 1964 e 1968, para a remodelação dos prédios, edifício de comércio, habita-

49 Francisco Barata Fernandes, *Transformação e permanência na habitação portuense*, op. cit., p. 84, 123 e 124.



2.121


2.122


2.123

2.121 - Projeto para abertura da Rua de Ferreira Borges, 1835.
2.122 - Aprovação da abertura da Rua de Ferreira Borges, 1838.
2.123 - Planta da área entre a Rua das Flores e a Rua dos Ingleses, por J. C. Lima Júnior, 1845.
2.124 - Planta Topográfica do Porto, 1892.

2.124


Rua de S. Miguel
Largo de S. Domingos
Rua de Bella Manta
Rua do Comércio da Horta
Praça do Mercado
Rua D. Fernando
Rua do Tenente Borges
Rua N. de S. Domingos
Rua do Alferes
Rua de S. João
Associação Commercial
Jardim do Infante D. Henrique
Igreja de S. Francisco
Igreja de S. Francisco
Rua da Infantaria
Rua da Alfândega
Rua da Horta
Rua da Misericórdia
Rua da Fonte
Rua da Cuba

ção e escritórios. O aditamento de 1965 (Figuras 2.128, 2.129, 2.130, 2.135 e 2.136) é o primeiro documento que refere estes três edifícios enquanto conjunto (Figura 2.125, 2.126 e 2.127) e, para além disso, que os associa à Arq. Maria José Marques da Silva Martins, referida como requerente/proprietária. Nos seus últimos anos de vida, a Arquiteta procurou *(...) dignificar a vida e obra de seu pai instituindo um legado testamentário para a Universidade do Porto, para que se criasse o Instituto José Marques da Silva.*[50]

> *O IMS foi criado em 1994 com o objectivo de preservar e divulgar a obra e o legado do arquitecto José Marques da Silva (1869-1947) e de criar um Museu de Arquitectura.*[51]

Instituída em 2008, a Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (FIMS) resulta da transformação do IMS em fundação de direito privado. Pertencente à Universidade do Porto, o IMS detém e disponibiliza o espólio do arquiteto portuense, e o dos seus descendentes, Maria José Marques da Silva (1914-1996) e David Moreira da Silva (1909-2002). Entre desenhos de projeto, cadernos, maquetes, revistas, postais, fotografias e uma coleção de pintura, a arquiteta deixou também um vasto património imóvel ao IMS. Este acervo e imóveis pertencem agora à FIMS e, na lista de património imóvel da fundação, é possível encontrar os três prédios em estudo:

> *Logo que obtida a declaração de utilidade pública, a Universidade do Porto dotará a FIMS de todo o património imóvel que lhe foi legado pela arquitecta Maria José Marques da Silva Martins para a instituição e fins do Instituto Arquitecto José Marques da Silva, no-*


2.125


2.126

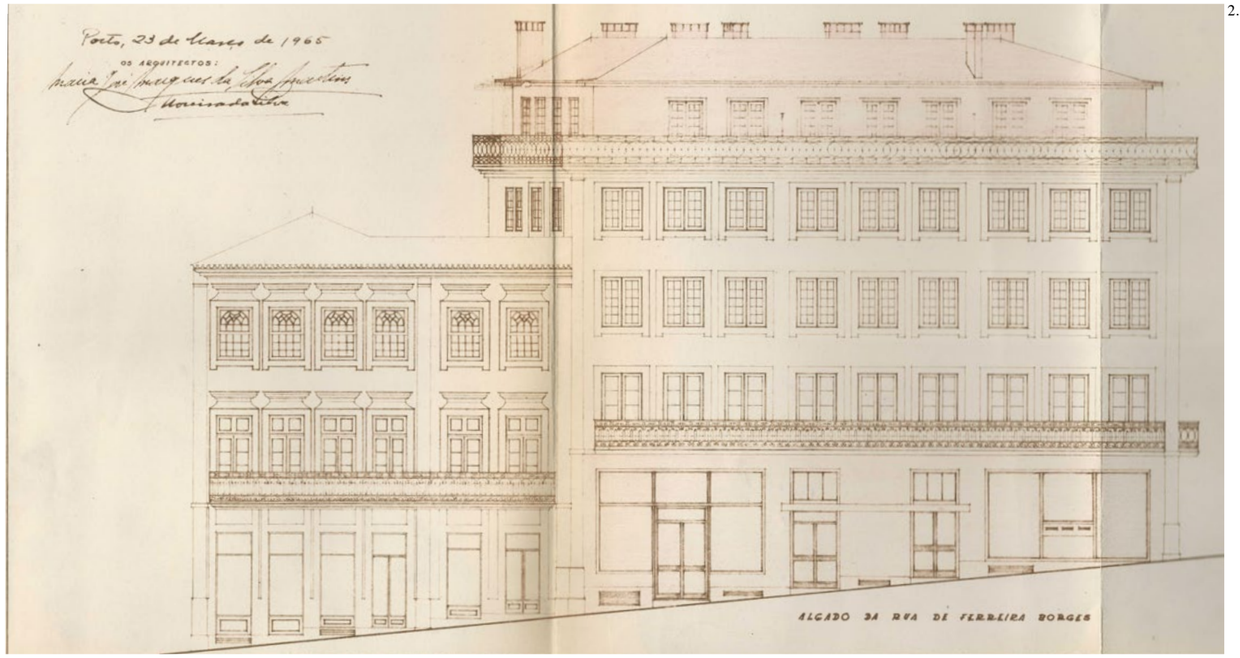

2.127

2.125 e 2.126 - Vistas dos edifícios, a partir da Rua de Ferreira Borges.
2.127 - Vista da Rua do Comércio do Porto, a partir de um dos edifícios em estudo.
2.128, 1.129 e 1.130 - "Aditamento ao projeto registado sob o nº 11657/64", assinado pelos arquitetos Maria José Marques da Silva Martins e David Moreira da Silva, 1965.
2.131 - Alçado Nascente e Alçado Norte do projeto FIMS, 2016, cortesia Nuno Valentim Arquitetura e Reabilitação, Lda. Nos alçados encontram-se assinalados os vãos exteriores a reabilitar, bem como o tipo de solução para cada vão.

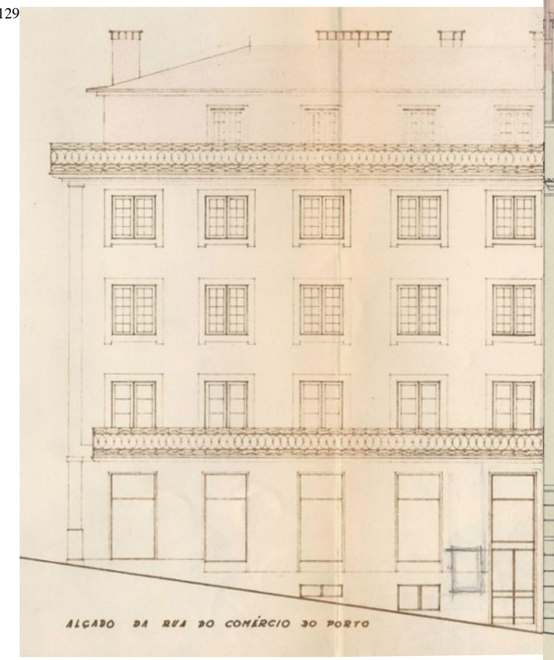
50 "Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Maria José Marques da Silva". Universidade Digital, Gestão de Informação, 2009. Disponível em: < https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20maria%20jos%c3%a9%20marques%20da%20silva >.

51 Apresentação da FIMS. Disponível em: < https://sigarra.up.pt/up/pt/WEB_BASE.GERA_PAGINA?P_pagina=122367 >.

2.128

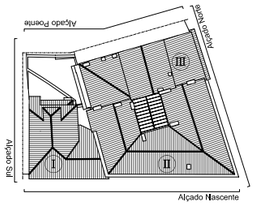


2.129



2.130





64 VÃOS COM INTERVENÇÃO (11 TIPOS)

LEGENDA

- SOLUÇÃO A - TRATAMENTO E SUBSTITUIÇÃO PARCIAL ATÉ 10% (60 vãos)
- SOLUÇÃO B - TRATAMENTO E SUBSTITUIÇÃO PARCIAL ATÉ 30% (44 vãos)
- SOLUÇÃO C - SUBSTITUIÇÃO INTEGRAL (3 vãos)
- VÃOS SEM INTERVENÇÃO

2.131

ALÇADO NASCENTE



ALÇADO NORTE



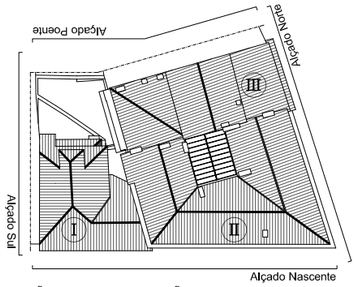
2.132



2.133



2.134



64 VÃOS COM INTERVENÇÃO (11 TIPOS)

LEGENDA

SOLUÇÃO A - TRATAMENTO E SUBSTITUIÇÃO PARCIAL ATÉ 10% (60 vãos)

SOLUÇÃO B - TRATAMENTO E SUBSTITUIÇÃO PARCIAL ATÉ 30% (44 vãos)

SOLUÇÃO C - SUBSTITUIÇÃO INTEGRAL (3 vãos)

VÃOS SEM INTERVENÇÃO



2.135

2.136

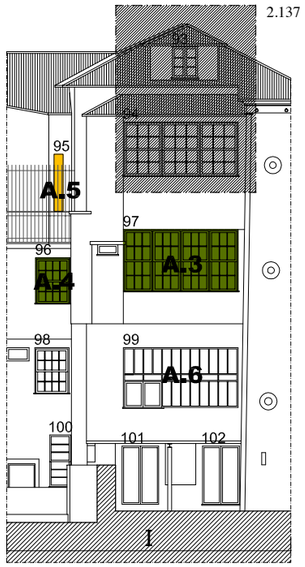


ALÇADO SUL



ALÇADO POENTE

2.137



ALÇADO POENTE

2.138



2.139



2.132, 2.133 e 2.134 - Fotografias do conjunto de edifícios e das suas caixilharias.
2.135 e 2.136 - "Aditamento ao projeto registado sob o nº 11657/64", assinado pelos arquitetos Maria José Marques da Silva Martins e David Moreira da Silva, 1965.
2.137 - Alçado Sul e Alçados Poente dos edifícios do projeto FIMS, 2016, cortesia Nuno Valentim Arquitetura e Reabilitação, Lda. Encontram-se assinalados os vãos exteriores a reabilitar, bem como o tipo de solução para cada vão.
2.138 - Fotografia de uma das janelas de guilhotina, levantamento efetuado em 2016.
2.139 - Fotografia da obra em curso, 2017.

meadamente: (...)

4. 2 prédios na Rua Ferreira Borges 67/77 e Rua Comércio do Porto 144/148;[52]

PROJETO DE REABILITAÇÃO E INTERVENÇÃO NOS VÃOS EXTERIORES | NUNO VALENTIM, ARQUITECTURA E REABILITAÇÃO, LDA.

O presente relatório diz respeito ao Projecto da reabilitação dos vãos de madeira envidraçados de edifícios propriedade da Fundação Marques da Silva, localizados na Rua Ferreira Borges e Rua do Comércio do Porto, no Porto.[53]

As caixilharias de madeira existentes nos vãos exteriores do conjunto de edifícios em estudo foram reabilitadas entre 2016 e 2017 pela Nuno Valentim, Arquitectura e Reabilitação, Lda. Embora não fosse o desejo do projetista, o âmbito deste projeto limita-se apenas ao tratamento e reabilitação das caixilharias de madeira existentes nos três edifícios, por decisão do Dono de Obra.

Neste projeto, e apesar de não se reabilitar o edifício, é impressionante a quantidade de soluções desenhadas para cada tipo de vão exterior, consoante o programa e divisão a que está associado. Foi realizado um levantamento arquitetónico e fotográfico (Figuras 2.131, 2.132, 2.133, 2.134, 2.138 e 2.139), bem como a caracterização e inspeção do estado de conservação de todos os vãos existentes neste conjunto de edifícios. Segundo os dados recolhidos, foram intervencionados 64 vãos, divididos entre onze tipos, como é observável nos alçados apresentados (Figuras 2.131 e 2.137).

É importante referir que parte deste conjunto de edifícios

52 Plano estratégico da Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, aprovado pelo Conselho Geral em 6 de Fevereiro de 2009. Disponível em: < https://fims.up.pt/index.php?cat=1 >.

53 Nuno Valentim, Arquitectura e Reabilitação, Lda, *A. Caracterização e Estado de Conservação dos Vãos Envidraçados do Edifício*,.Porto, Maio de 2016.

encontra-se ocupado por um hostel desde 2012 e, assim sendo, os seus vãos exteriores não foram intervencionados. Não obstante, as caixilharias existentes foram levantadas arquitetonicamente e foram elaboradas propostas de reabilitação adaptadas às especificidades deste programa, que não foram contempladas para esta análise.

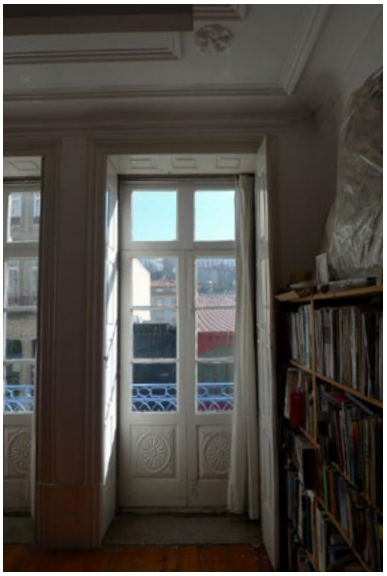
No seguinte excerto do Caderno de Encargos B do projeto de 2016, apresentam-se os princípios de reabilitação para as caixilharias de madeira deste conjunto de edifícios, em função da degradação da caixilharia de madeira dos vãos:

> *(...) deverá proceder-se de acordo com o seguinte princípio:*
>
> *- Nos casos em que se verifique a degradação superficial da caixilharia, de forma ligeira, deve proceder-se ao seu restauro de acordo com a metodologia especificada no 1.3 do presente artigo (Solução A).*
>
> *- Caso se verifique a degradação de uma área inferior a 30% da área total do vão, terá de se proceder ao restauro da caixilharia e à substituição pontual das peças de madeira que se encontrem degradadas, de acordo com a metodologia especificada no 1.4 do presente artigo (Solução B).*
>
> *- Sempre que a área degradada for superior a 30% da área total do vão, será necessário proceder à substituição integral da caixilharia de acordo com o 1.5 do presente artigo (Solução C).*[54]

Estes princípios encontram-se ilustrados nas Figuras 2.131 e 2.137 (apresentadas nas páginas anteriores), onde é possível verificar os alçados do conjunto e a proposta de reabilitação de acordo com o estado de degradação das caixilharias existentes. Indo muito além dos princípios gerais da intervenção, o documento citado acima explica, passo a passo, todos os procedimentos a ser seguidos em obra, como a limpeza da madeira, o tratamento dos elementos removidos, a aplicação da nova pintura, entre outras operações.

Completa-se este relatório com várias fotografias do le-


2.140


2.141


2.142

54 Nuno Valentim, Arquitectura e Reabilitação, Lda, *B. Caderno de Encargos - Condições Técnicas Especiais*,.Porto, Maio de 2016.

2.143



2.144



2.145



2.140, 2.141, 2.142, 2.143, 2.144 e 2.145 - Fotografias do levantamento efetuado em 2016 pela Nuno Valentim Arquitetura e Reabilitação, Lda..

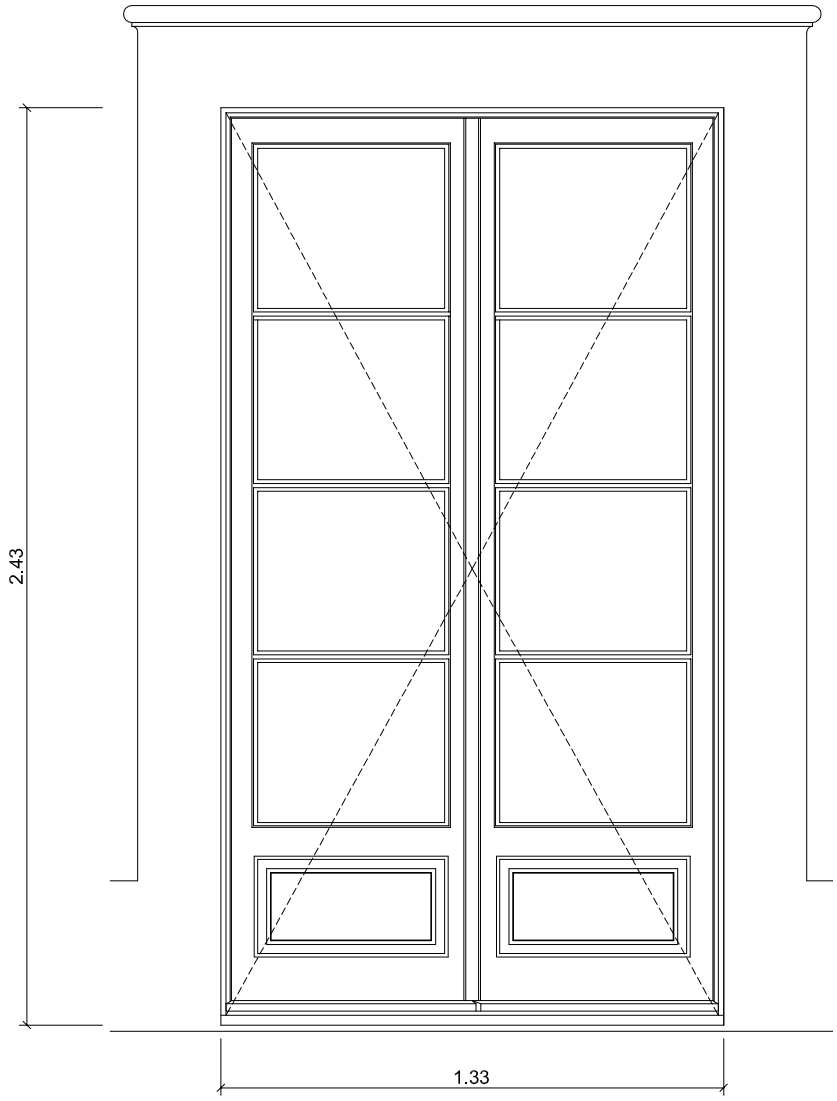
vantamento (Figuras 2.140 a 2.145) e várias peças desenhadas, ilustrativas da intervenção proposta para cada um dos tipos de janela. É importante referir que, para o mesmo tipo de janela, foram criadas várias soluções, consoante a necessidade de cuidado acústico e o programa associado à divisão em que se localiza cada vão. Estas soluções tiveram ainda em consideração os pedidos dos moradores e utilizadores dos edifícios, bem como as modificações que tinham sido realizadas ao longo do tempo nos vãos existentes[55].

Nos vãos exteriores em que não era necessário garantir um cuidado acústico elevado foram apenas restauradas as caixilharias, tendo sido aplicados os princípios de intervenção explícitos anteriormente. Por outro lado, nos vãos em que era necessário garantir um cuidado acústico, optou-se por conservar a caixilharia existente e introduzir uma segunda caixilharia (pelo interior ou exterior, consoante o espaço de ombreira disponível), cumprindo as exigências de desempenho e conservando a expressão da preexistência. Esta última opção foi aplicada a todos os vãos associados a habitações, pois vários moradores estavam insatisfeitos com o desempenho acústico das caixilharias de vidro simples.

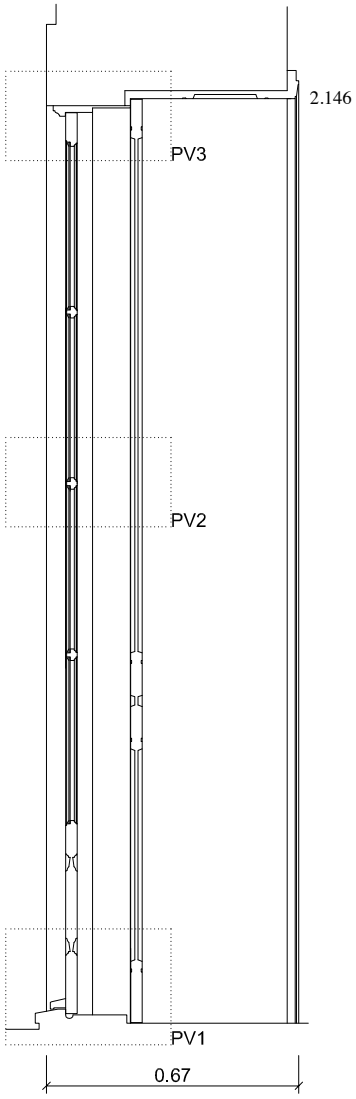
Nas seguintes páginas apresentam-se algumas três propostas de intervenção para dois tipos de vão: o vão tipo C2 (Figuras 2.146, 2.147, 2.150 e 2.151) e o vão tipo C3. Entre os critérios de escolha é importante destacar que se pretendia apresentar propostas para dois tipos de vãos diferentes, um com necessidade de cuidado acústico e outro sem necessidade de cuidado acústico, que se repetissem e/ou necessitassem de tratamento ou substituição parcial até 30 %.

Assim, apresentam-se duas soluções para o vão tipo C3 (Figuras 2.152, 2.154, 2.155 e 2.156; Figuras 2.158, 2.162 e 2.163), pois também se considerou pertinente mostrar o procedimento adoptado nos casos em os moradores tinham realizado adições às caixilharias originais. Por fim, termina-se a análise deste projeto com algumas fotografias recolhidas durante a obra, inseridas da Figura 2.164 à 2.174.

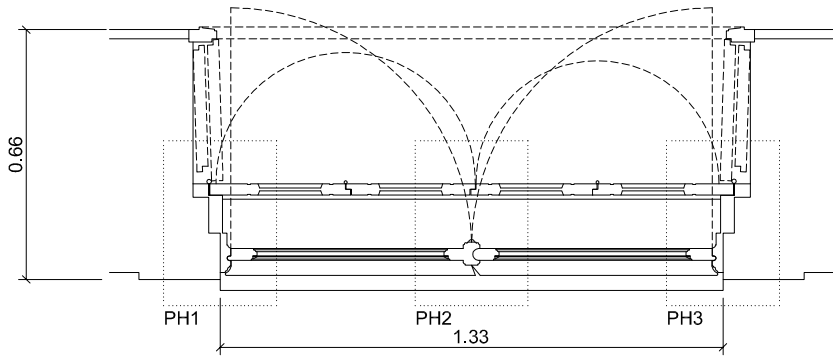
55 Durante o levantamento foi possível constatar que o morador de uma das habitações do último piso tinha adicionado uma espécie de prótese às caixilharias originais, criando uma nova camada protectora, na tentativa de diminuir o ruído da rua.



ALÇADO EXTERIOR



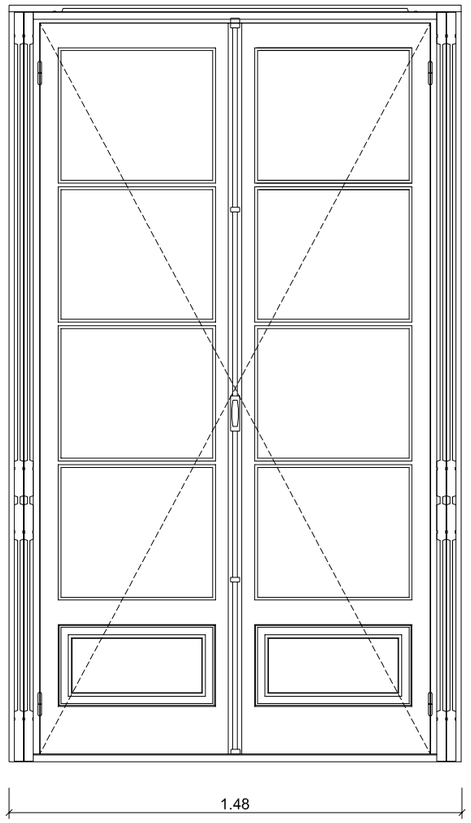
CORTE



PLANTA

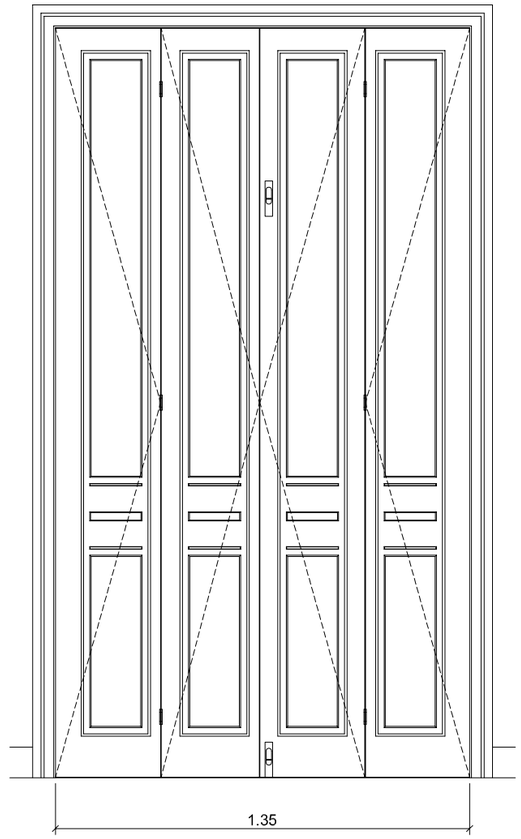
2.146 - Proposta de reabilitação do Vão tipo C2. Alçado Exterior, Corte Vertical e Planta, à escala 1:20.
2.147 - Proposta de reabilitação do Vão tipo C2. Alçados Interiores, com e sem portadas, à escala 1:20.
2.148 e 2.149 - Fotografias dos Vãos Tipo C1 e C2, 2016 e 2017.
2.150 e 2.151 - Pormenor Corte Horizontal e Corte Vertical da intervenção proposta para o Vão Tipo C2. Os desenhos encontram-se à escala 1:5.

2.147



1.48

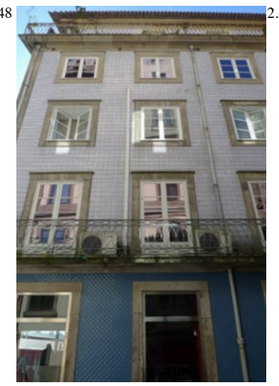
ALÇADO INTERIOR



1.35

ALÇADO INTERIOR (PORTADAS)

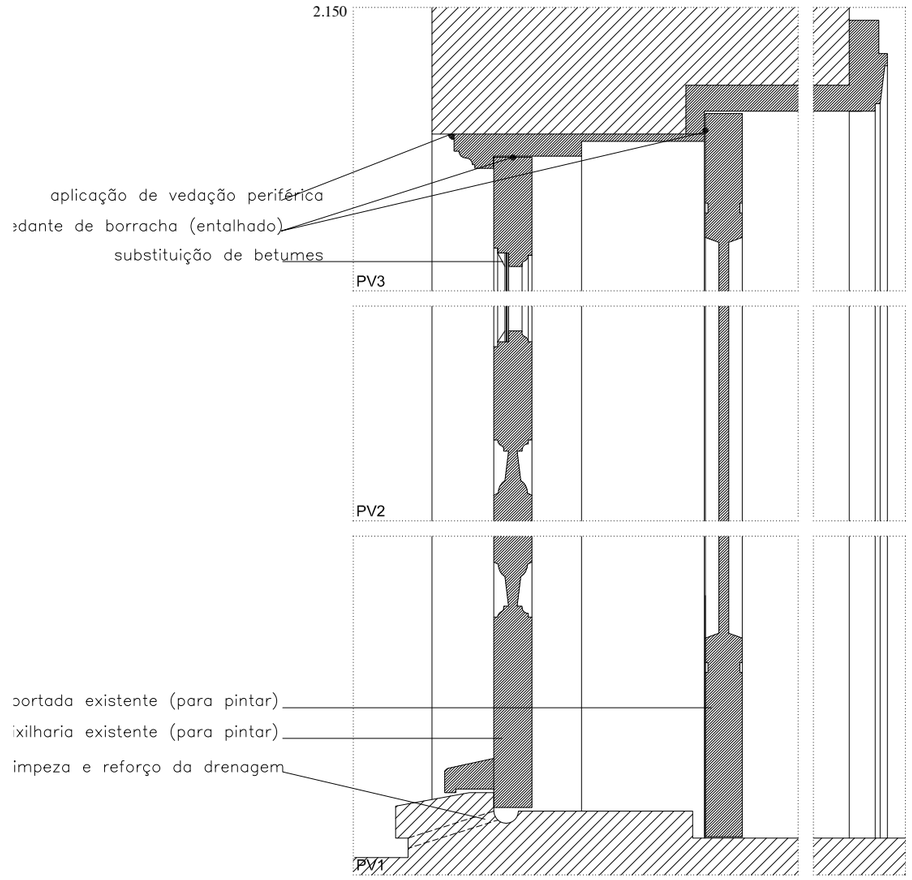
2.148



2.149

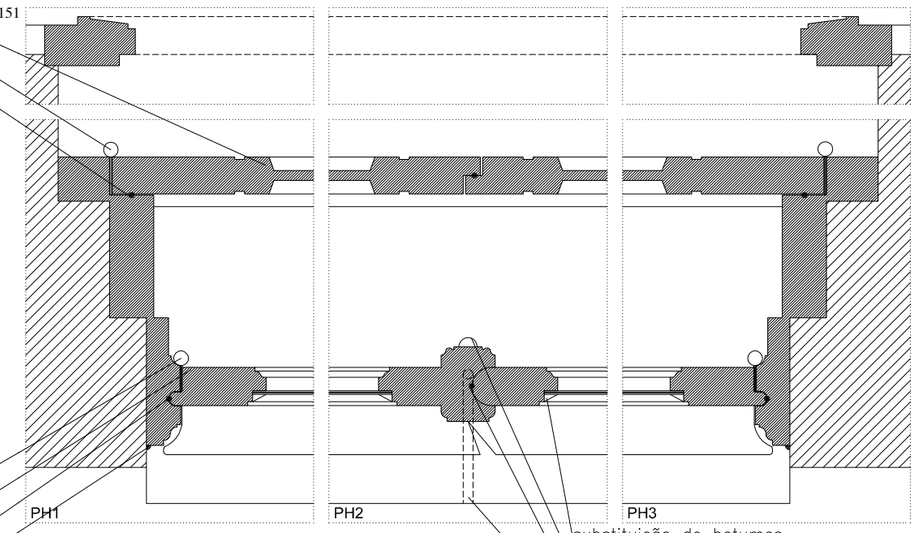


2.150



PORMENORES VERTICAIS - ESC. 1/5

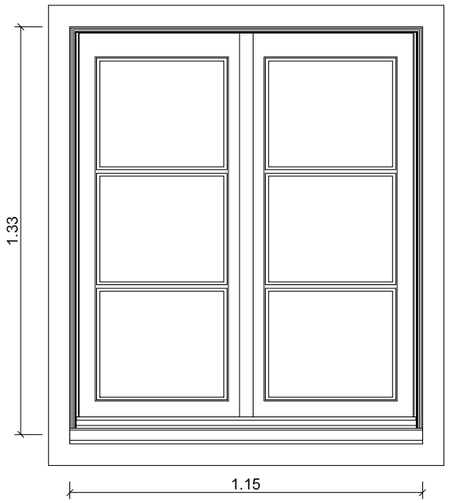
2.151



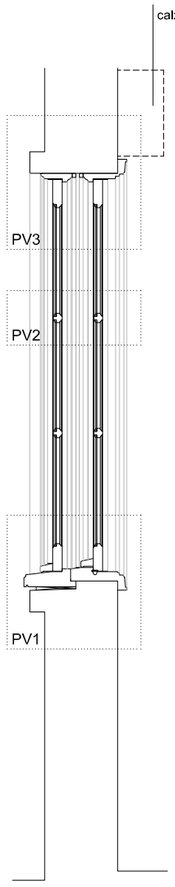
PORMENORES HORIZONTAIS - ESC. 1/5

PROPOSTA DE REABILITAÇÃO

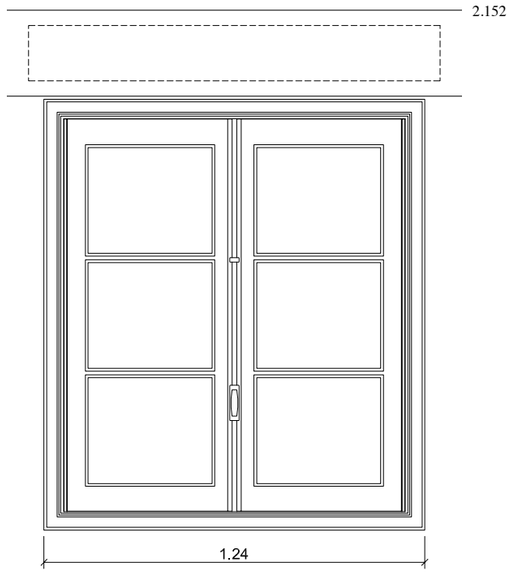
Vão Tipo C3



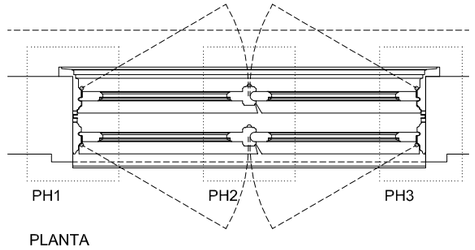
ALÇADO EXTERIOR



CORTE



ALÇADO INTERIOR



PLANTA

2.152 - Proposta de intervenção para o Vão Tipo C3 - Alçado Exterior, Corte Vertical e Planta, desenhos à escala 1:20.

2.153 - Fotografia do levantamento, 2016.

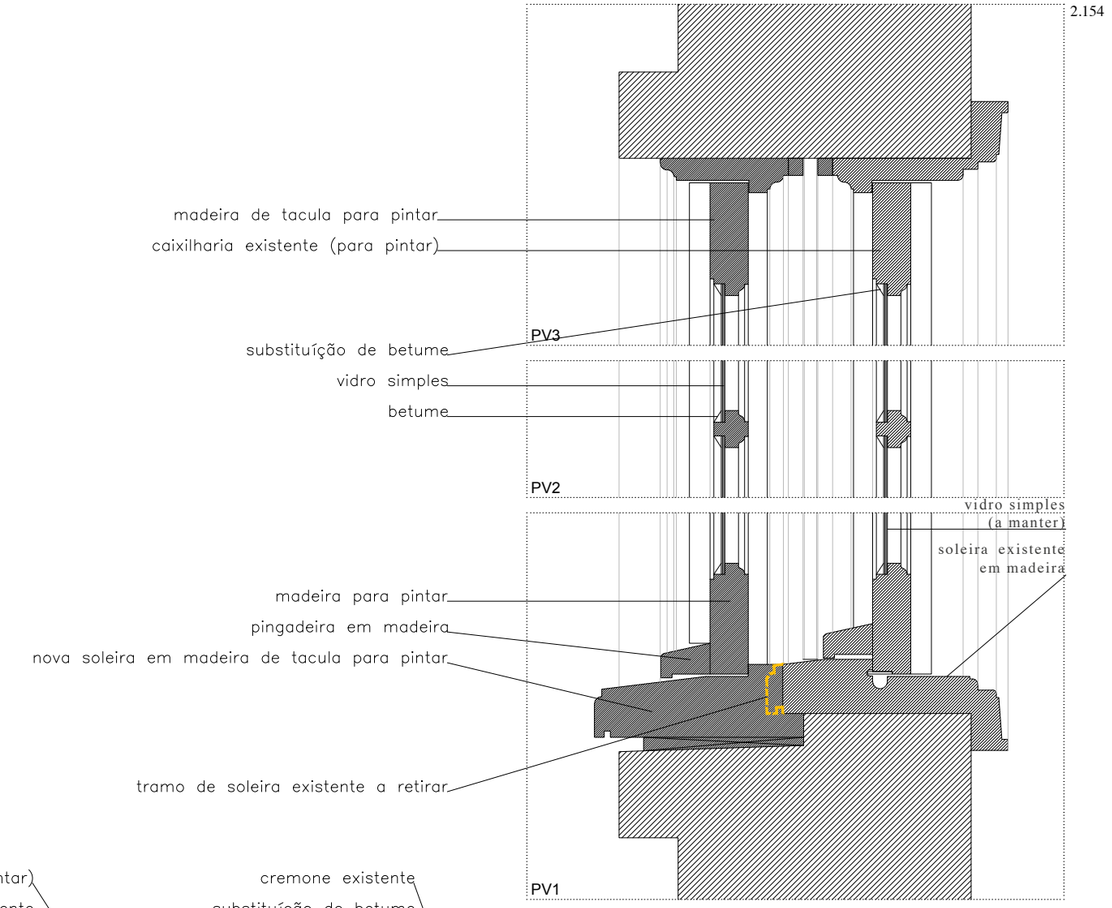
2.154 e 2.155 - Pormenor Corte Horizontal e Corte Vertical da intervenção proposta para o Vão Tipo C3. O desenho encontra-se à escala 1:5.

2.156 - Desenhos do levantamento do Vão Tipo C3, à escala 1:20. Alçado Exterior, Corte Vertical, Alçado Interior e Planta.

2.157 - Fotografia do Vão Tipo C3 e Vão Tipo C4, 2016.



2.153

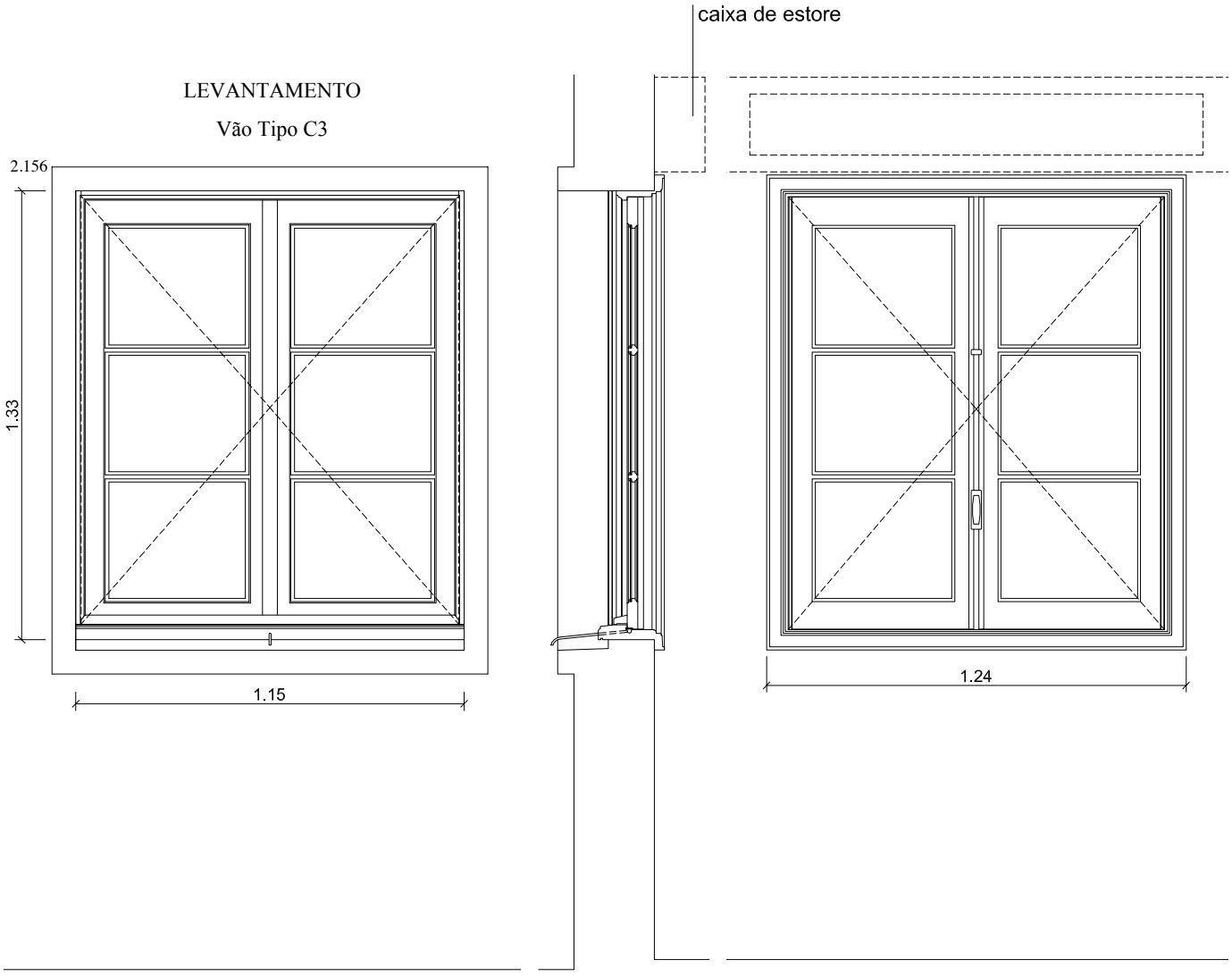


PORMENORES HORIZONTAIS - ESC. 1/5

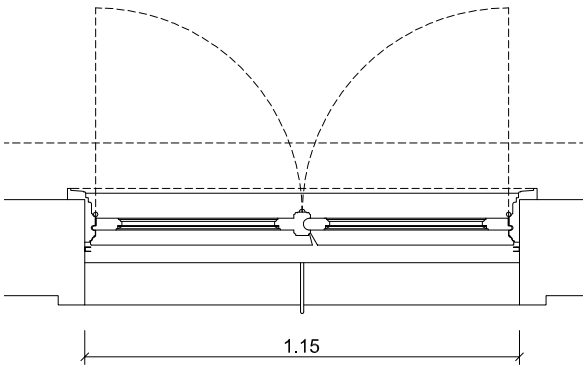
PORMENORES VERTICAIS - ESC. 1/5

LEVANTAMENTO

Vão Tipo C3



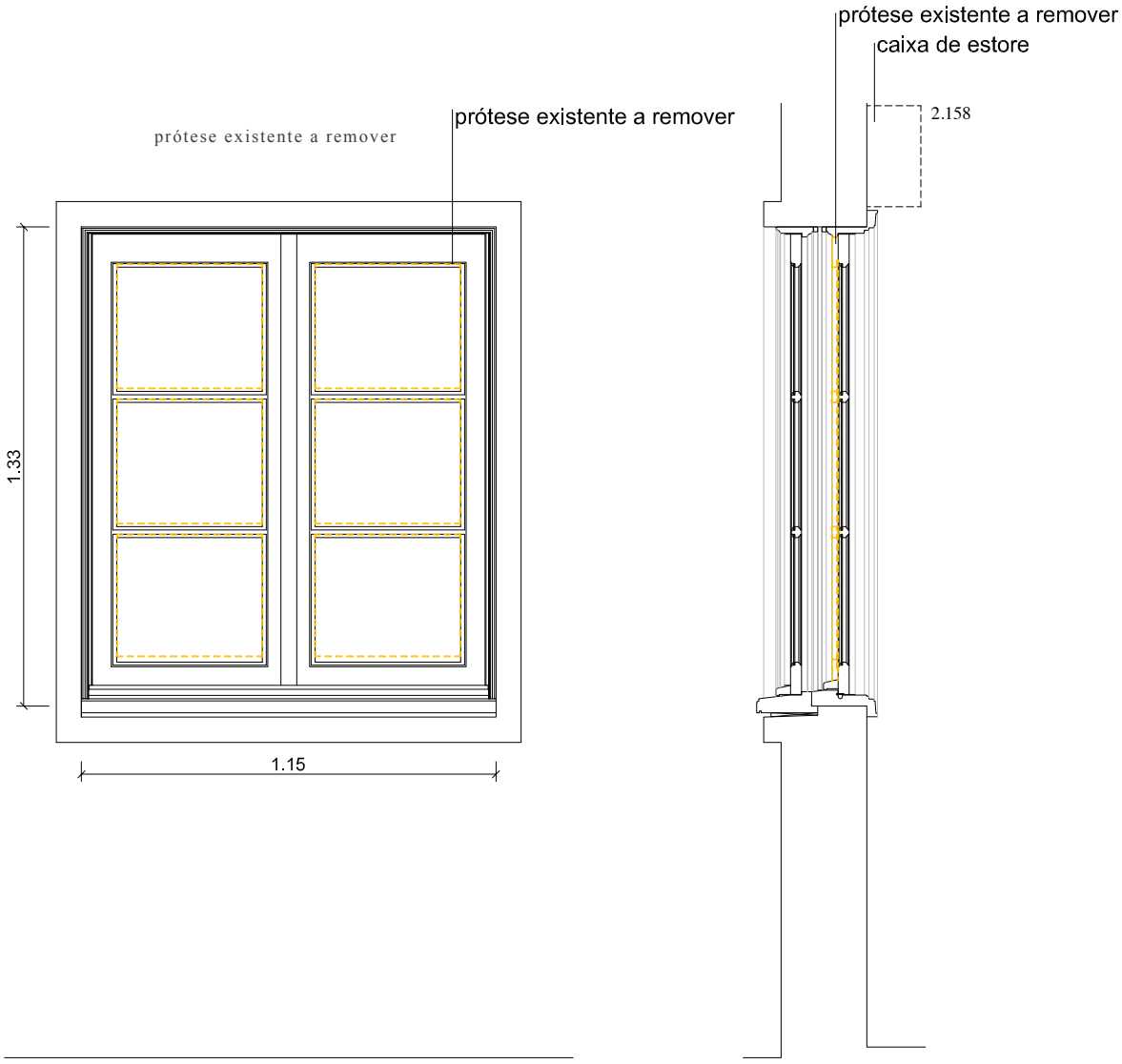
ALÇADO EXTERIOR CORTE ALÇADO INTERIOR



PLANTA

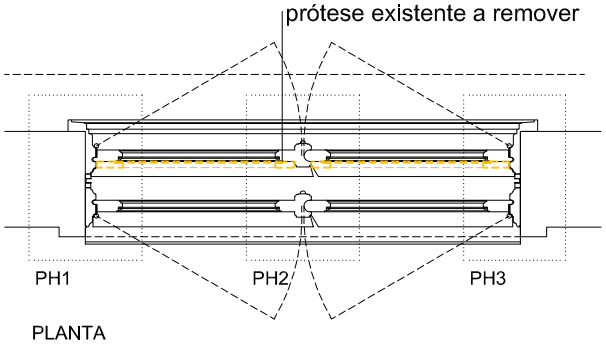
2.157





ALÇADO EXTERIOR

CORTE



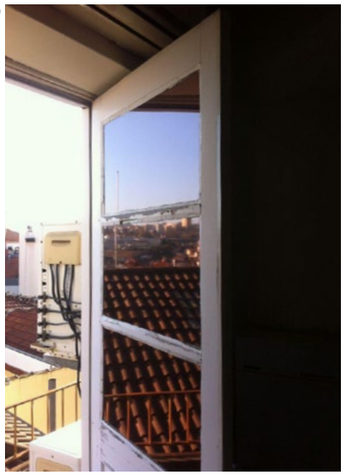
PLANTA

2.158 - Proposta de reabilitação do Vão tipo C3*. Alçado Exterior, Corte Vertical e Planta, à escala 1:20.
2.159 e 2.160 - Fotografias do levantamento, 2016.
2.161 e 2.164 - Fotografias da obra, 2017.
2.162 e 2.163 - Pormenor Corte Horizontal e Corte Vertical da intervenção proposta para o Vão Tipo C3*. Os desenhos encontram-se à escala 1:5.

2.159



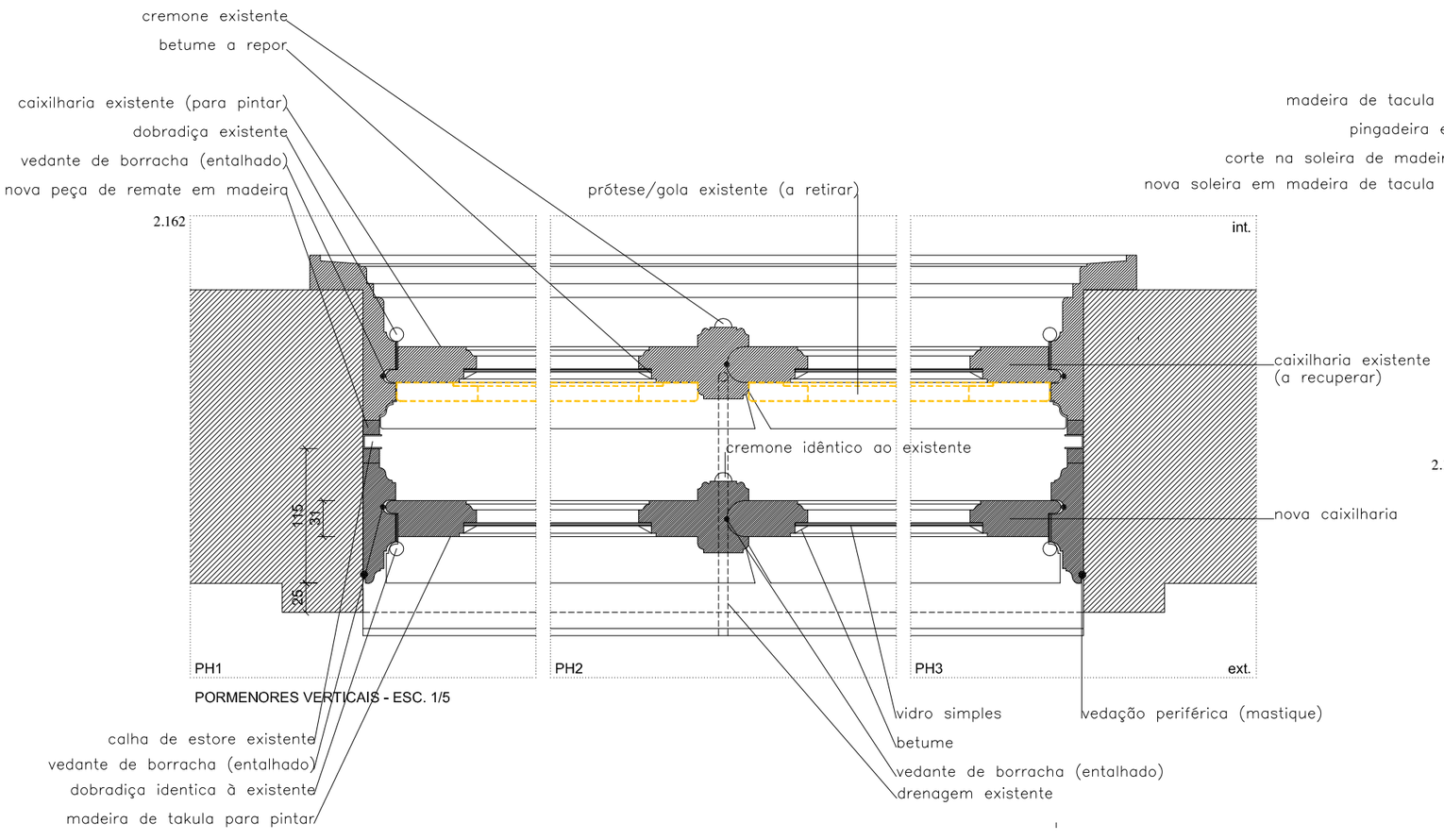
2.160



2.161

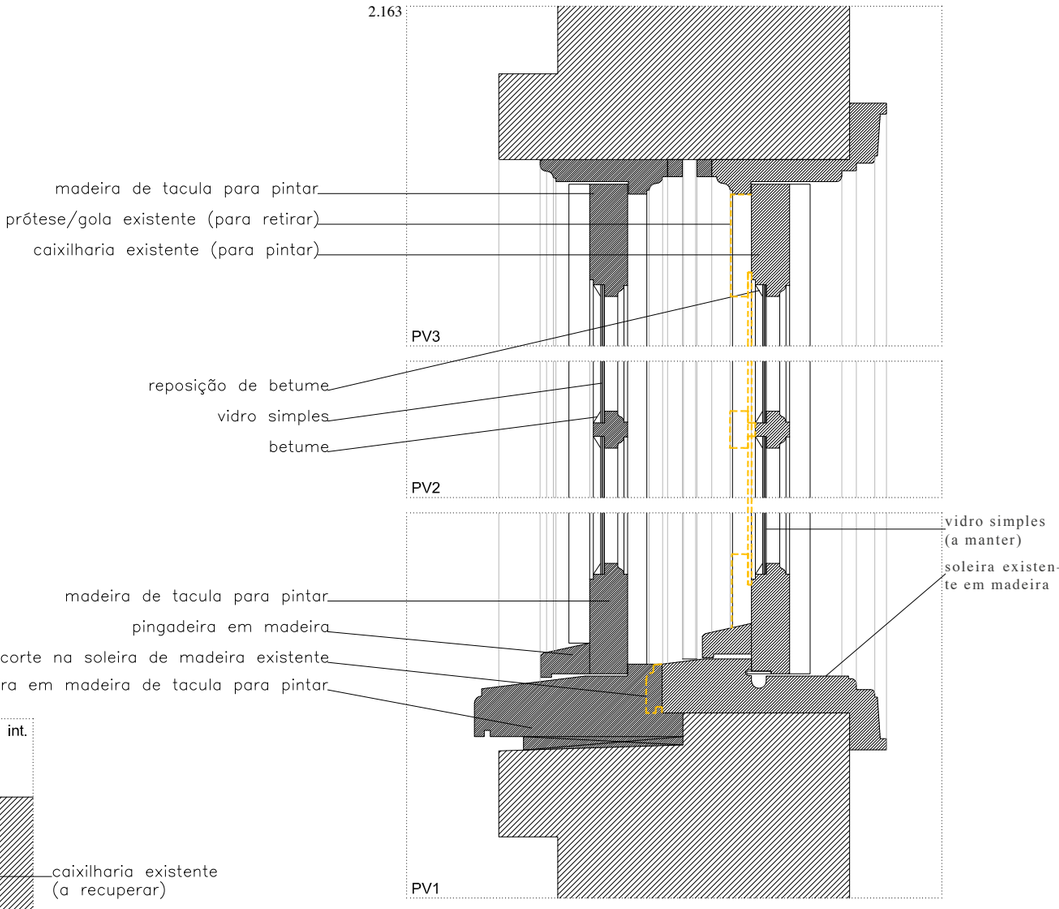


2.162



PORMENORES VERTICAIS - ESC. 1/5

2.163



PORMENORES HORIZONTAIS - ESC. 1/5

2.164





2.165



2.166



2.167



2.168



2.169



2.170



2.171



2.172



2.173



2.174

2.165, 2.166, 2.167, 2.168, 2.169, 2.170, 2.171, 2.172, 2.173 e 2.174 - Fotografias da obra, 2017.

2.4. SÍNTESE E LEITURA CRÍTICA DOS CASOS DE ESTUDO



2.175



2.176



2.177

2.175, 2.176 e 2.177 - Projetos em estudo no segundo capítulo.

A partir do estudo dos casos, propõe-se neste subcapítulo uma síntese e leitura crítica das diferentes intervenções nas caixilharias de madeira existentes. Os edifícios integrantes nos três projetos em estudo foram edificados entre o século XVIII e o século XIX e, como tal, podem ser inseridos na Arquitetura Pombalina, no caso do Chiado, ou na Arquitetura Burguesa do Porto, no caso da FIMS e das Casas na Rua da Cerca. Estes sistemas construtivos têm por base a "prefabricação" de elementos, das cantarias às caixilharias de madeira, marcando a imagem de ambas as cidades com a repetição dos mesmos elementos - com mais ou menos, ornamentos.

Na tabela da Figura 2.178, apresentada nas páginas seguintes, é possível analisar, lado a lado, antes e depois, os vãos exteriores em estudo e as suas respetivas caixilharias. Durante o levantamento e inspeção realizados pelas equipas responsáveis pelo projeto de arquitetura foi possível verificar que as caixilharias de madeira existentes em cada edifício apresentavam diferentes níveis de conservação:

- Nas Casas na Rua da Cerca, a maioria das caixilharias apresentava um estado de degradação avançado, em que seria necessário substituir grande parte dos componentes das caixilharias existentes;

- No Chiado, todas as caixilharias de madeira tinham sido consumidas pelas chamas do incêndio, pelo que era necessário produzir, do zero, todas as caixilharias;

- No caso da FIMS, as caixilharias de madeira encontravam-se, em geral, em bom estado; no entanto, existiam alguns casos em que era necessário substituir grande parte dos componentes das caixilharias.

Dado o avançado estado de deterioração das caixilharias da Rua da Cerca, optou-se pela substituição integral de todos os componentes das caixilharias originais. Assim, o desenho das novas caixilharias de madeira corresponde a uma reinterpretação do que restava das caixilharias originais, adaptando-as de forma a assentar vidro duplo. No Chiado, dada a inexistência das caixilharias originais, decidiu-se realizar levantamentos aos vãos exteriores e respetivas caixilharias dos vários edifícios da Baixa Pombalina para, posteriormente, desenhar uma proposta de caixilharias com base nestes vãos. Com o intuito de garantir a delicadeza das caixilharias originais e cumprir as regulamentações ao nível da acústica e da térmica, o arquiteto propõe dois conjuntos de caixilharias de madei-

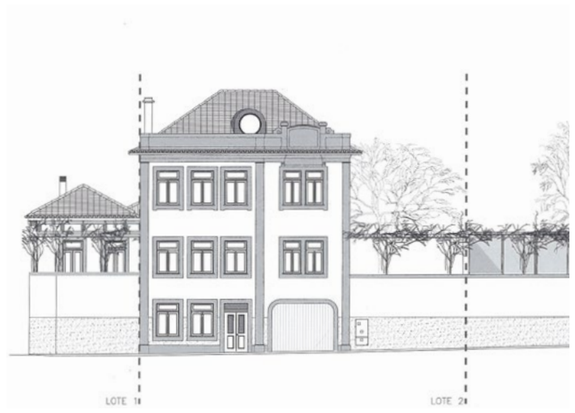
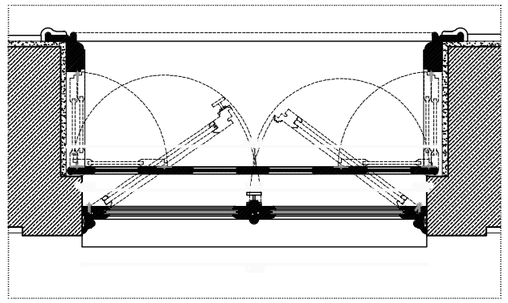
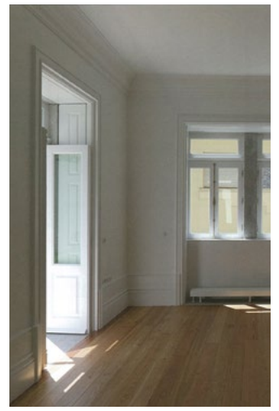
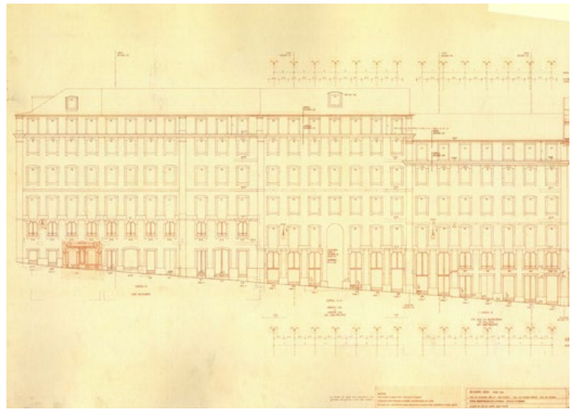
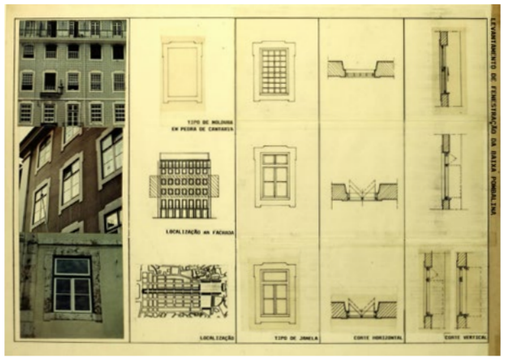
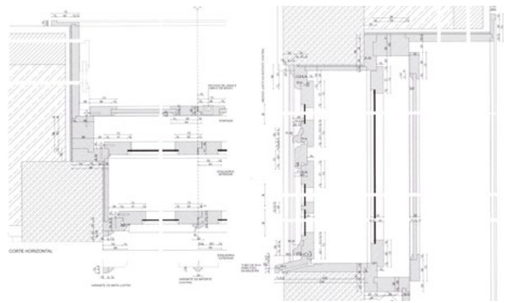
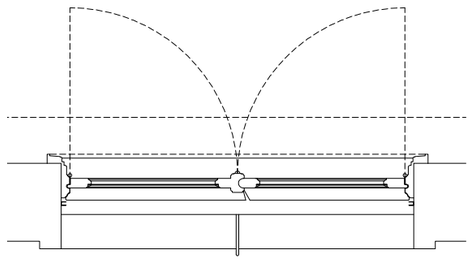
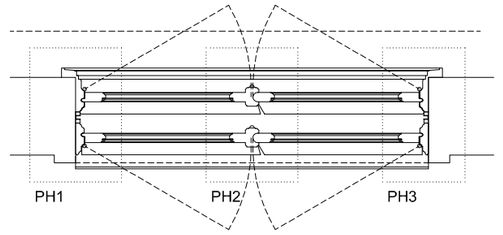
ra de vidro simples, um pelo exterior (que reproduz as caixilharias originais) e um pelo interior (simples e de um só pano, de forma a não se notar pela rua), criando uma caixa de ar entre eles.

Tanto no Chiado como nas Casas da Rua da Cerca, a opção interventiva (no caso 1, a reinterpretação dos vãos originais, adaptando-os para vidro duplos, e no caso 2, o desenho de duas caixilharias de vidro simples) repete-se e vai-se adaptando às várias tipologias de vãos exteriores existentes nos edifícios. Já no caso da FIMS, para o mesmo tipo de vão são propostas diferentes intervenções, adaptadas a cada vão, à degradação de cada caixilharia e ao programa a que estava associada.

Assim, foram identificados os vãos exteriores que necessitavam de garantir um desempenho a nível da acústica e da térmica (como as habitações privadas e os quartos do hotel) e foram analisadas as orientações solares das fachadas, de forma a garantir a melhor intervenção para cada vão exterior. Seguindo mesmo princípio interventivo do Chiado, propôs-se, para as habitações e para os quartos de hotel, a adição de uma segunda caixilharia - pelo interior ou pelo exterior, consoante o espaço livre existente no umbral. Os vãos exteriores que não exigiam um cuidado acústico foram restaurados e, consoante o nível de degradação, foram substituídos alguns componentes. As caixilharias originais que se encontravam demasiado deterioradas para serem restauradas foram repostas consoante o desenho original, com a adição de pequenas melhorias, como vedantes de borracha.

Comparando as três intervenções, é possível afirmar que os projetos para o Chiado e para a FIMS priorizam as proporções e a delicadeza original das caixilharias, ao propor dois conjuntos de caixilharias de madeira de vidro simples. Já nas Casas da Rua da Cerca, o avançado estado de degradação das caixilharias originais levou à sua substituição integral. Optou-se pela reinterpretação das caixilharias originais e sua adaptação para vidro duplo, pois, apesar de aumentar a espessura das caixilharias, garante o desempenho térmico e acústico exigido. Mais ainda, ao decidir por apenas um conjunto de caixilharias ao invés de dois conjuntos de caixilharias (Chiado, FIMS), o seu manuseamento e abertura está facilitado. Finda a análise destes projetos de intervenção no existente, avança-se para a investigação prática, com incidência nas caixilharias de madeira existentes na Casa Ricardo Severo.

2.178 - Tabela de análise dos casos estudados no presente capítulo. Por razões de edição, os alçados foram adaptados à forma da tabela, mantendo a proporção original. Os pormenores construtivos encontram-se à mesma escala.

	ALÇADO/ MAPA E ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS VÃOS EXTERIORES	VÃOS EXTERIORES ANTES DA INTERVENÇÃO	LEVANTAMENTO ARQUITETÓNICO/ DADOS DAS CAIXILHARIAS ORIGINAIS	PROPOSTA FINAL DE REABILITAÇÃO/ SUBSTITUIÇÃO DAS CAIXILHARIAS	VÃOS EXTERIORES DEPOIS DA INTERVENÇÃO
CASAS NA RUA DA CERCA, FOZ DO DOURO			(FOI REALIZADO UM LEVANTAMENTO ARQUITETÓNICO DAS CAIXILHARIAS DE MADEIRA EXISTENTES)		
CHIADO, LISBOA					
FIMS, PORTO					

CAPÍTULO 3
INTERVENÇÃO NA CASA RICARDO SEVERO

3. INTERVENÇÃO NA CASA RICARDO SEVERO

O terceiro capítulo consiste na apresentação de uma obra de reabilitação em curso, acompanhada passo a passo pela autora da dissertação. Esta investigação de cariz prático contribui para a investigação, pela proximidade que apresenta (Figura 3.1), na medida em que são apresentadas as hesitações e as dificuldades que vão surgindo ao longo do processo de intervenção.

O projeto[1] consiste na reabilitação de uma casa unifamiliar, localizada na Rua de Ricardo Severo, no Porto. Esta casa, desenhada e construída, entre 1902-1904, pelo seu primeiro proprietário, Ricardo Severo, é de extrema importância arquitetónica, destacando-se por entre a massa citadina do Porto.

Iniciamos este terceiro capítulo com uma breve biografia do autor da Casa, para percebermos na globalidade o contexto histórico, social e geográfico em foi projetada e construída. Os interesses pessoais, políticos e profissionais de Ricardo Severo influenciam grandemente o projeto, explicando a diversidade de soluções construtivas e estéticas presentes no edifício.

Muito publicada na altura da sua construção e constantemente associada à Campanha pela "Casa Portuguesa", podemos encontrar a casa do Eng. Ricardo Severo em diversas revistas, ao longo do último século. A segunda secção deste capítulo dedica-se, assim, ao enquadramento histórico e social, bem como à descrição arquitetónica do edifício existente.

Finaliza-se o capítulo com a reabilitação em curso. O projeto prevê exigências diferentes para cada vão, consoante o programa de cada divisão, o que torna este edifício o caso de estudo ideal para a nossa experimentação projetual. Com o auxílio do diagnóstico e do levantamento realizados, são elaboradas várias possibilidades de intervenção, do geral - modificação dos alçados gerais da casa - para o particular - no caso específico da janela tipo B1. São ainda apresentadas as propostas finais, bem como a solução escolhida para a execução.



3.1

3.1 - Autora da dissertação, no alpendre da casa Ricardo Severo, Fevereiro 2020.

1 Projeto da autoria do Arq. Carlos Prata.

3.1. RICARDO SEVERO

3.2



3.3



3.2 - Ricardo Severo no colo do seu pai, José António da Fonseca e Costa.
3.3 - Ricardo Severo, em 1898.

Ricardo Severo da Fonseca e Costa é considerado um dos Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto[2]. Arqueólogo, engenheiro, arquiteto, interessou-se pelas mais diversas áreas do saber e superou-se a si mesmo durante toda a vida. As suas contribuições ao nível da arqueologia e etnologia em Portugal e o seu trabalho enquanto defensor da campanha pela arte tradicional e arquitetura neocolonial no Brasil, tornam-no uma referência em ambos os países.

Ricardo Severo nasceu em Lisboa, a 6 de Novembro de 1869, filho de José António da Fonseca e Costa – comerciante em Angola – e de Mariana Cruz da Fonseca e Costa. Apesar de nascer em Lisboa, passa no Porto a sua infância e adolescência (Figura 3.2). Ingressa mais tarde na Academia Politécnica do Porto, instituto que o forma em Engenharia Civil de Obras Públicas, em 1890, e em Engenharia Civil de Minas em 1891.[3]

Para além da Engenharia, Severo manteve uma paixão pela arqueologia e pela etnografia, interesse partilhado por vários jovens académicos, pois,

> *(...) Em toda a Europa, a partir do terceiro quartel do século XIX, o interesse pelas origens remotas de nações e civilizações estimulava os estudos de arqueologia, de antropologia e de etnografia.*[4]

Muito jovem, Severo participa na fundação da Sociedade Carlos Ribeiro (em atividade de 1887 a 1898 - a fotografia da Figura 3.3 foi tirada desta altura) e na da Revista de Ciências Naturais e Sociais (1890 – 1898, Figura 3.4), em conjunto com Basílio Teles, Júlio de Matos e Rocha Peixoto, seus colegas da Academia Politécnica. Severo e os seus companheiros, republicanos, participaram ativamente na revolta de 31 de Janeiro de

2 Segundo o site da Universidade do Porto, Ricardo Severo é uma das personalidades que, ao longo do tempo, contribuíram para o desenvolvimento, reconhecimento e prestígio da Universidade do Porto.

3 Detalhes biográficos em concordância com a ficha de Ricardo Severo no site da Universidade do Porto e segundo a obra da Arq. Joana Mello, referente a Severo.

4 Joana Mello. *Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga. Porto: Dafne Editora, 2007, p. 20.*

1891, no Porto (Figura 3.5). Depois do fracasso da revolta, e terminados os seus estudos, Ricardo Severo fala com o Ministro da Fazenda, Dr. Oliveira Martins, para garantir uma posição em Lisboa. É-lhe proposto um lugar como Engenheiro nos Caminhos de Ferro de Portugal, mas a remuneração[5] oferecida não é do seu agrado, o que o leva a desistir da oferta e a procurar um novo rumo[6].

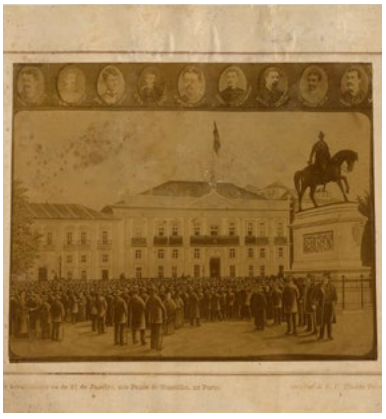
> *O Brasil não era um lugar impensável como alternativa de vida para emigrantes portugueses que, como Ricardo Severo, por um motivo ou outro, deixaram a sua terra natal.*[7]

Como afirma a arquiteta Joana Mello, na falta de emprego e ausência de carreira em Portugal, o Brasil era o destino a perseguir. Severo não era o típico emigrante português, proveniente de zonas rurais e sem escolaridade - que procurava construir uma vida melhor no Brasil. Pelo contrário, Ricardo Severo tinha crescido num meio burguês e pretendia aumentar a sua fortuna e ganhar prestigio. A busca por uma posição social e carreira reconhecidas, juntamente com a vontade de mudança em termos políticos, foram os ingredientes que levaram o Engenheiro a atravessar o Atlântico e estabelecer-se em São Paulo no ano de 1892[8] (Figura 3.6).

É neste mesmo ano que Severo publica o célebre artigo sobre o Museu Sertório, no jornal Correio Paulistano (3.7 e 3.8). O artigo, para além de afirmar a presença do português em São Paulo, tinha como intuito questionar e provocar a sociedade paulista, criticando ativamente a organização do Museu Sertó-



3.4



3.5



3.6

3.4 - Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, 1891.
3.5 - "Os acontecimentos de 31 de Janeiro, nos Paços de Conselho, no Porto".
3.6 - São Paulo em 1890, a partir da torre do Jardim da Luz. Fotografia de Pedro Hoenen.

5 Ana Maria do Carmo Rossi Gonçalves, *A obra de Ricardo Severo*, p. 22. Apud. Luiz A. F. Backheuser, *A casa do Arqueólogo - Contribuição ao estudo da obra de Ricardo Severo*, p. 43.

6 Vários autores consideram que o engenheiro deixou Portugal por força da pressão monárquica consequente à revolta de 31 de Janeiro. Joana Mello. *Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga.* Porto: Dafne Editora, 2007, p. 47.

7 Ibidem, p. 47.

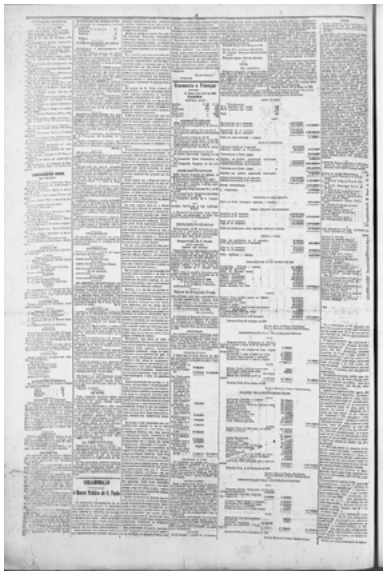
8 Não existe consenso quanto ao lugar e à data em que Ricardo Severo aportou pela primeira vez em solo brasileiro, existindo diversas versões que se contradizem. De qualquer modo, segundo a autora, é certo que em 1892, Severo já residia em são Paulo. Ibidem, p. 47.

3.7


CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

3.8



3.7 - Jornal *Correio Paulistano*, São Paulo, 10 de Abril de 1892, pg. 1. Ricardo Severo publicou o seu artigo sobre o Museu Sertório neste jornal paulistano, dividido entre o dia 10 e 12 de Abril de 1892.
3.8 - Jornal *Correio Paulistano*, São Paulo, 12 de Abril de 1892, p. 2.

rio, apontando deficiências na sua estrutura, particularmente nas secções que se dedicavam às ciências naturais, à etnografia, à arqueologia e à pré-história.

O artigo de Severo evocava o livro escrito em 1888, por Rocha Peixoto - membro da Sociedade Carlos Ribeiro e seu colega de longa data – sobre o museu Municipal do Porto. A sua publicação foi tão controversa que Rocha Peixoto acabou por se tornar diretor do museu que criticava.

A arquiteta Joana Mello refere ainda que esta atitude polémica e publicista de Severo, reflete uma vontade de se envolver com São Paulo, como podemos comprovar com a citação abaixo:

> *A atitude polémica do especialista, tão do feitio do Severo publicista, reflectia o envolvimento imediato do estrangeiro recém-chegado à cidade que, provavelmente, era muito provinciana para os parâmetros institucionais a que um europeu intelectualizado, mesmo em Portugal, estaria acostumado.*[9]

Segundo a mesma autora, supõe-se que a polémica gerada pelo artigo de Severo tenha chegado a Alfredo Maia, na altura Secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que por sua vez apresentou o engenheiro a Ramos de Azevedo (1851-1928), que o convidou a trabalhar no seu escritório[10].

Em 1893, Ricardo Severo casou com Francisca Santos Dumont (Figura 3.9), filha do "rei do café" de então, Henrique Dumont, e irmã do inventor Alberto Santos Dumont (1873-1932). Da união com Francisca, Severo adquiriu direito patrimonial sobre uma das maiores fortunas de São Paulo da época, ganhando o prestígio social e estabilidade financeiras que procurava.

Do casamento resultaram dez filhos, dos quais sobrevi-

9 Ibidem, p. 48.

10 O Escritório Técnico Ramos de Azevedo, foi o maior escritório de Arquitetura do Brasil, e o que teve a maior longevidade, chegou a empregar 500 funcionários. Carlos a. Cerqueira Lemos, *Ramos de Azevedo e o seu escritório*. São Paulo: Editora Pini, 1993, p. 27.

veram oito. Os quatro mais velhos, nasceram em Portugal, José (1897), António (1902), Francisca (1904) e Madalena (1905), já os quatro mais novos, Isabel (1908), Maria (1910), Laura (1917) e Elisa (1921), nasceram no Brasil.

Severo orgulhava-se bastante deste facto, que ilustrava equilíbrio entre os dois países[11]. Apesar de ter uma vida profissional preenchida e múltiplos campos de interesse, Severo dedicou-se sempre à sua família.

O casal regressou a Portugal, provavelmente entre 1895 e 1897, antes do nascimento do primeiro filho, José. O regresso ao Porto foi possível graças ao sogro de Severo, que decidira vender[12] a sua fazenda e distribuir parte dos lucros entre os seus filhos, como parte da herança.

Estável financeiramente, Ricardo Severo retoma as suas atividades de arqueólogo, criando a Revista *Portugália*, iniciativa que junta novamente os seus companheiros da *Revista de Ciências Naturais e Sociais*. A maior diferença entre as duas revistas, era o financiamento. Enquanto que uma era financiada por diversos membros de uma instituição, a Revista *Portugália* era financiada exclusivamente pelo seu diretor, Ricardo Severo.

O arqueólogo e engenheiro constrói, entre 1900 e 1904, uma residência para a sua família, no Porto. A casa na rua do Conde (atual rua Ricardo Severo) é a primeira obra arquitetónica atribuída a Severo, e a sua conceção coincidiu com o surgimento em Portugal do movimento nacionalista de defesa da casa portuguesa, liderado por Raul Lino (1879 – 1974).

Durante os anos em que viveu no Porto com a sua esposa e filhos (Figura 3.10), Severo dedicou-se em exclusivo à pesquisa arqueológica e à direção da Revista *Portugália*. A única exceção foi a construção da casa na rua do Conde. Apesar de todo o esforço e dedicação com que dirigiu a Revista *Portugália* (Figura 3.11 a 3.16), ao fim de 10 anos de publicações, Severo



3.9



3.10



3.11

3.9 - Família Santos Dumont em frente de um balão. A partir da esquerda, vemos Maria Rosalina, Virgínia, Gabriela, Alberto Santos Dumont, Francisca, Amália (cunhada), e seu marido Henrique, um dos irmãos.
3.10 - Ricardo e a sua esposa Francisca no Porto, Junho de 1905.
3.11 - Cabeçalho da Revista *Portugália*.

11 Informação cedida por Elisa Severo de Oliveira Germano, durante entrevista realizada pela Arq. Joana Mello.

12 Henrique Dumont decidiu vender a sua fazenda, pois encontrava-se gravemente doente. Joana Mello, *Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga.* Porto: Dafne Editora, 2007, p. 50.

3.12



3.13



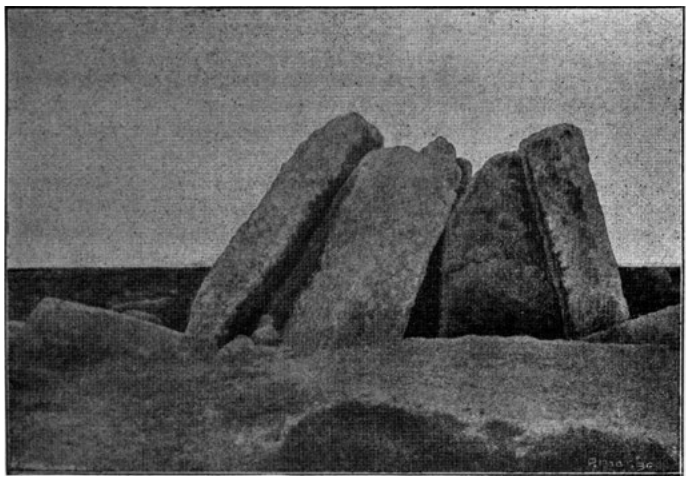
3.12 e 3.13 - Estudos XXXVI e XXXXIII da Revista *Portugália*, TOMO 1, Fascículo 4.

3.14



3.14 - Expedição antropológica à Figueira da Foz (1898). A contar da esquerda, Ricardo Severo, António dos Santos Rocha, Pedro Fernandes Tomás e Fonseca Cardoso.

3.15



3.15 - Dólmen em Vila Pouca de Aguiar, fotografia de Ricardo Severo, 1901.

3.16



3.16 - Grupo da *Portugália* em Castro Laboreiro (1902). Sentados nos últimos degraus, da esquerda para a direita: Rocha Peixoto, Ricardo Severo, Manuel Monteiro, Fonseca Cardoso, José Fortes.

sentia dificuldades financeiras[13], o que ditou o seu retorno ao Brasil. Lançada em 1898, a Revista *Portugália: Materiaes para o estudo do povo portuguez*, teve o seu último fascículo[14]publicado em 1908.

Em 1908, ao retornar a São Paulo, Ricardo Severo encontrou uma cidade transformada. A primeira vez que tinha aportado em terras brasileiras, São Paulo *(...) era uma vila feia e acanhada, principalmente quando comparada ao Rio de Janeiro*[15]. Entre 1890 e 1910, a população da cidade passou de 64 mil habitantes para 240 mil, segundo o professor de História da Arquitetura Nestor Goulart Reis, da FAU-USP[16]. O aumento da população, em conjunto com o crescimento da economia cafeeira, tinham alterado muito a paisagem urbana da cidade.

Em 1908, Ricardo Severo torna-se sócio do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, parceria que durou vinte anos, até à morte de Ramos de Azevedo (Figura 3.17). A partir de 1928, Severo assume a direção do escritório, juntamente com Arnaldo Dumont Villares – seu sobrinho e genro[17] de Ramos de Azevedo, membro do escritório desde 1909. O escritório passa então a chamar-se Escritório Técnico de F. P. Ramos de Azevedo – Severo & Villares Cia Lda.. O nome de Ramos de Azevedo só é retirado da frente da empresa passado uma década, altura em que se passou a chamar Severo &Villares Cia Lda..

A sua atuação no Brasil foi bastante diversificada, ao contrário do que havia sucedido durante os seus anos em Por-



3.17



3.18

3.17 - Ramos de Azevedo no seu escritório.
3.18 - Caricatura de Ricardo Severo com os símbolos da sua campanha de arte tradicional, 1922.

13 A *Portugália* era uma iniciativa privada, inteiramente custeada pelo seu diretor, Ricardo Severo.*"Apesar do afinco com que dirigiu a revista,(...) em 1908 o engenheiro já sentia as dificuldades financeiras de uma herança conjugal que se esvaía na vida sumptuosa como editor de uma revista de luxo para um público reduzidíssimo. Situação financeira agravada pela má administração dos seus bens em São Paulo".* Joana Mello, op. cit., p. 51.

14 Foram publicados no total oito fascículos da Revista *Portugália*, agrupados em dois volumes. A periodicidade sempre foi irregular, e teve um fim abrupto.

15 Valéria França, "Ramos de Azevedo, conheça o engenheiro arquiteto por trás do Theatro Municipal e do Mercado Municipal", texto publicado a 13/05/2016 in *Aventuras na História.* Disponível em: < https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/civilizacoes/ramos-de-azevedo.phtml >.

16 Ibidem.

17 *"Arnaldo Dumont de Villares, filho de Guilherme Villares e Virginia Santos Dumont, irmã da mulher de Severo, casou-se com Laura Lacaze Ramos de Azevedo, filha de Ramos de Azevedo em 1912."* In Anamaria Germano Ribeiro, *A História da Família Dumont*, São Paulo, mimeo, 1998. Apud. Joana Mello, *Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga.* 2007, p. 222.

3.19



3.20



3.19 - Retrato de Ricardo Severo, por Henrique Medina.
3.20 - Ricardo Severo com os seus filhos e netos na Casa Praiana, em Fevereiro de 1932.

tugal. Paralelamente à sociedade com Ramos de Azevedo, Severo vinculou-se à Companhia Iniciadora Predial, à Companhia Cerâmica Vila Prudente e ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo[18], tendo sido diretor deste último, entre 1928 e 1940.

Em 1911, o engenheiro juntou-se ao IHGSP[19] e participou na criação da Revista do Brasil. Criou a revista Portuguesa e dirigiu-a entre 1930 e 1937. A revista dedicava-se às artes, à arquitetura, às ciências, ao comércio, entre outras atividades, sendo Ricardo Severo um dos seus principais representantes (Figura 3.18 e 3.19).

Durante o resto da sua vida, Severo publicou ativamente séries de artigos e de conferências dentro do tema da arqueologia, da arquitetura, dedicadas à colónia portuguesa e ao republicanismo. A *Campanha de Arte Tradicional no Brasil - A Arte Tradicional no Brasil: a Casa e o Templo*, em 1914, e *A Arte Tradicional no Brasil*, em 1916, foram as suas conferências de maior destaque, que atualmente são consideradas marcos do neocolonialismo[20], pela bibliografia especializada.

Severo faleceu a 3 de Abril de 1940, aos 70 anos, na casa que havia projetado para a sua família, na rua Taguá, em São Paulo[21] (Figura 3.19 e 3.20).

18 Em 1934 escreveu o livro Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo: Histórico, Estatutos, Regulamentos, Programas, Diplomas, sobre instituição.

19 IHGSP - Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

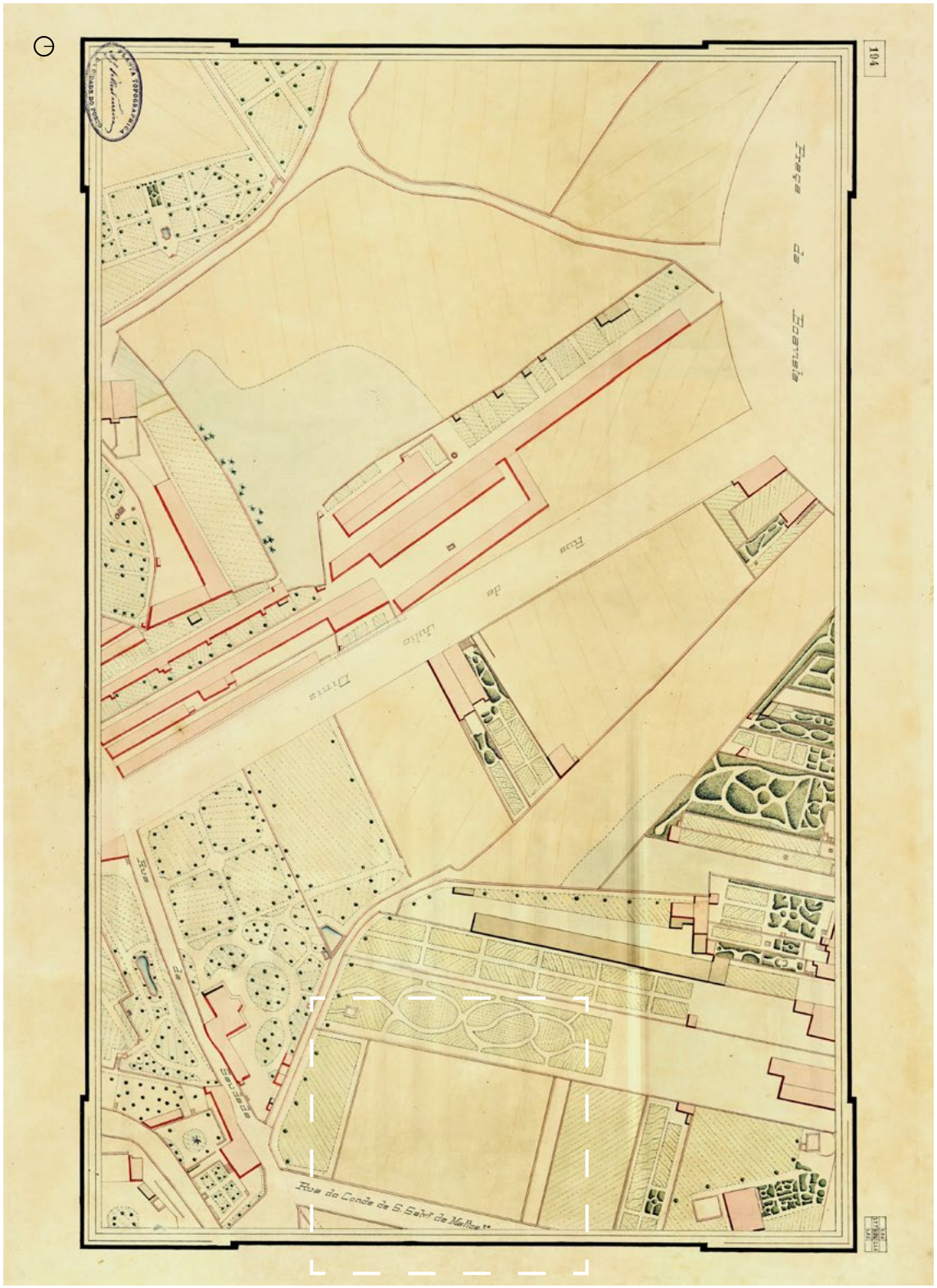
20 Severo rejeitava o termo *neocolonialismo.*

21 Joana Mello, *Ricardo Severo: Da Arqueologia Portuguesa à Arquitetura Brasileira.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p.71.


Avenida da Boavista
Praça de Toures
PRAÇA DA BOAVISTA
Hospital Militar
Avenida da Boavista
S. Francisco
CEMITERIO OCCIDENTAL
Ordem do Carmo
Lugar de Salaberca
Lugar d'Arrabida
Mte da Fraga
Fabrica de Cassaco
Chans do Candal
Ville da Piedade
Castello de Gaia
PALACIO DE CRISTAL
Qrt de Infanteria
ALEAMDE da GA
Qrta de Campo Bello
0
200
400
600
800
1000
1200 Metros


Ponte de Cajilhas
Escola de Tiro
Largo da Povoa
Mos. das Congregadas
Quartel de Infanteria
CAMPO DA REGENERAÇÃO
Rua de Gonçalo Cristovão
Rua de Braga do Porto
Rua de Santo Antonio
PRAÇA DE D. PEDRO
Passeio da Constancia
Passeio das Virtudes
Jardim Publico
Associação Commercial
Praça do Commercio
Ponte D. Luiz 1º
Logar do Sur. d'Alem
Observ.º Meteorologico da Princeza D. Amelia
Praia do Estaleiro
Cam.º de ferro do Norte
Pr.ª D. Maria Pia

3.2. CASA RICARDO SEVERO



3.22

3.23



3.24



3.21 (página anterior) - Planta topográfica da cidade do Porto, levantada sob direção de Augusto Gerardo Teles Ferreira, 1892. A quadrícula 194, representada na imagem 3.22, está assinalada a branco.
3.22 - Folha da planta topográfica do Porto, quadrícula 194. Nesta planta é possível observar assinalado lote de terreno na Rua do Conde, onde foi posteriormente erguida a Casa do Eng. Ricardo Severo.
3.23 - Pormenor da Praça do Infante D. Henrique, Porto, em 1897, referida por Júlio Dinis no seu romance "Uma Família Inglesa".
3.24 - Fotografia aérea da cidade do Porto: 1939-1940: fiada 16, n.º 287.

A Casa do Eng. Ricardo Severo, sob a qual vamos debruçar a parte prática desta investigação, é o primeiro projeto arquitetónico atribuído ao engenheiro português.

Ricardo Severo e a sua esposa Francisca retornam a Portugal em 1895. Estabelecidos e confortáveis financeiramente decidem construir uma casa para a família. A escolha do local para a construção da casa foi pensada tendo em conta a sociedade da época e a estrutura tripartida de bairros existente no Porto, na segunda metade do século XIX. O autor Júlio Dinis descreve pormenorizadamente o Porto da época, no seu romance *Uma Família Inglesa*.

> *Esta nossa cidade – seja dito para aquelas pessoas, que porventura a conhecem menos – divide-se naturalmente em três regiões, distintas por fisionomias particulares.*
>
> *A região oriental, a central e a ocidental.*
>
> *O bairro central é o portuense pròpriamente dito* [Figura 3.23]*; o oriental, o brasileiro; o ocidental, o inglês.*[22]

Severo optou por construir a sua casa na freguesia de Cedofeita, que pertencia ao bairro ocidental, *o inglês*, zona que abrigava a burguesia tradicional (a localização da casa encontra-se assinalada nas Figuras 3.21, 3.22 e 3.23). O próprio autor, Júlio Dinis, reconhece que existiam algumas exceções em cada bairro, como é o caso do exemplo que investigamos. A localização da Casa Ricardo Severo no bairro inglês reforça o distanciamento entre Severo - homem culto, estudado, de origem familiar burguesa - e o típico português que emigrou em busca de uma vida melhor – homem simples, com pouca educação. O arquiteto Luiz Backhouser, na sua dissertação de mestrado, questiona se Severo procurava fugir do estigma do *Brasileiro*, ao escolher o bairro da burguesia mais tradicional para a construção da sua

22 Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa.* Barcelos: Civilização Editora, 1999, p.41. Este foi o primeiro romance de Júlio Dinis, escrito em 1862 ou antes, publicado em folhetins, em 1867, e em volume em 1868.

casa, e não a zona oriental da cidade.

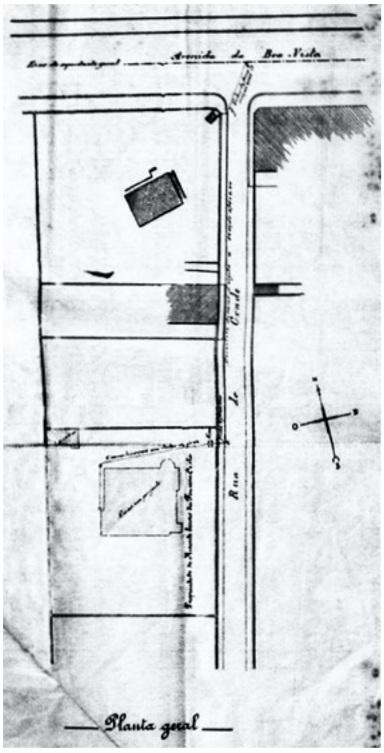
No dia 22 abril de 1902, Ricardo Severo entrega um requerimento na Câmara Municipal do Porto, para a construção de uma casa e anexo no terreno que possuía na rua do Conde - atualmente rua Ricardo Severo (Figura 3.25). Este lote de terreno já estava presente na carta topográfica do Porto, de 1892, como podemos observar na figura 3.22, na página anterior.

> *A **casa para habitação** e o **annexo** para adega, carvoeira, etc., que o **requerente Ricardo Severo** da Fonseca e Costa, pretende construir na propriedade que possue com frente para a **rua do Conde**, lado poente, freguesia de Cedofeita, será construída em conformidade com o projecto em duplicado junto a esta memória.*[23]

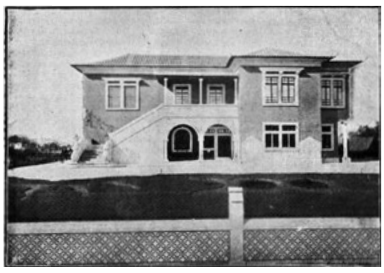
Na memória descritiva são ainda expressas as preocupações a nível de esgotos, e pede-se permissão para a construção de uma ligação do esgoto da sua casa até ao aqueduto geral da Boavista (Figura 3.27). Apesar de ter sido desenhada por Severo, é Eduardo Augusto e Parada da Silva Leitão, um construtor da época, que assina o termo de responsabilidade pela construção da casa. A licença de construção é obtida rapidamente, a 5 de Maio de 1902.

No ano seguinte, a 13 de Junho, Severo faz um novo requerimento, para a construção de um muro de vedação do terrenho, alinhado à rua do Conde – também esta licença é obtida rapidamente, 10 dias após o requerimento. Este muro define o alçado da rua Ricardo Severo, do número 21 ao 83 (Figura 3.26).

Ricardo, Francisca e os seus primeiros quatro filhos mudam-se definitivamente para o Brasil em 1908. A casa na antiga rua do Conde mantém-se desocupada até 1914, ano em que foi alugada por um conhecido de Severo, o advogado António Pinto de Mesquita[24]. O advogado muda-se para a casa com sua esposa Maria Felismina e os seus três filhos, Simião, Margarida e An-



3.25



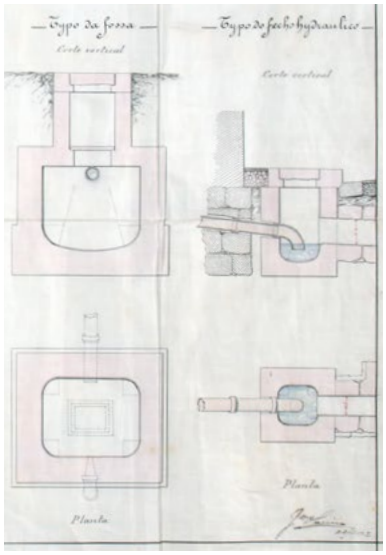
3.26

3.25 - "Planta geral". Desenho entregue em 1902, em conjunto com o requerimento para construção da casa, à Câmara Municipal do Porto.
3.26 - Casa na Rua do Conde. Alçado Principal e muro de vedação.

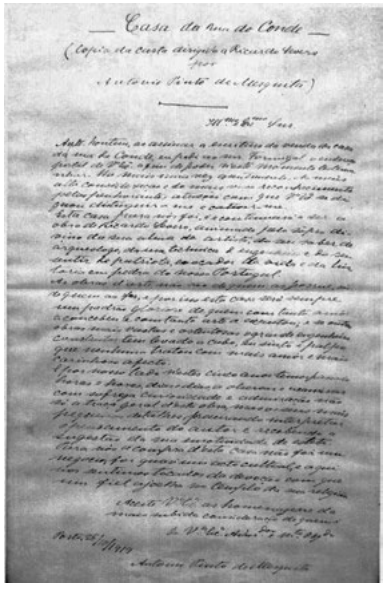
23 Excerto da memória descritiva, parte do requerimento de construção, de 1902. A totalidade dos elementos dos requerimentos de 1902 e 1903 está disponível no Anexo B.

24 Pinto de Mesquita, vinha de uma família pertencente à pequena nobreza, ao longo da sua vida assumiu vários cargos públicos importantes.

3.27



3.28



3.27 - Setor de desenho, entregue à CMP em 1902. É possível verificar o plano e estruturas de escoamento de águas.
3.28 - Fotografia da "Cópia da carta dirigida a Ricardo Severo por António Pinto de Mesquita".

tónio.

A casa, que inicialmente era lugar de encontros de defensores do nacionalismo republicano (Ricardo Severo, Basílio Teles, Santos Rocha, Duarte Leite, Manuel Monteiro, Rocha Peixoto, etc.) passa a abrigar ocasionalmente reuniões de defensores do nacionalismo monárquico como António Sardinha, Alberto Monsaraz, Hipólito raposo, Luís de Almeida Braga, etc.[25]

Pinto de Mesquita aluga a casa até 1919, ano em que decide comprar o imóvel, pagando a quantia de duzentos contos a Severo. Aquando da compra da casa, o novo proprietário escreve uma carta a Ricardo Severo (Figura 3.28) – a transcrição da carta foi realizada por Luiz Backhouser, e encontra-se no Anexo B[26]. Na carta, não são poupados elogios a Severo e à sua obra de arte, a casa que construiu e concebeu. Segue um pequeno excerto, para demonstração da emoção que António Pinto de Mesquita sentia pela aquisição do imóvel:

> *Para nós a compra desta casa não foi um negócio; foi quase um acto cultural e aqui nos sentimos tocados da devoção com que um fiel ajoelha no templo da sua religião.*

Ao longo dos anos, a casa na rua do Conde foi testemunha do crescimento e prosperidade da família. O filho mais novo, António, também advogado, casa em 1941 e muda-se para outra residência no Porto. O filho mais velho, Simião, viveu na casa com os pais, sua mulher e os seus seis filhos, até à morte do seu pai, António Pinto de Mesquita, em 1953. A filha, Margarida, nunca casou e viveu na casa toda a sua vida.

Com a morte de António Pinto de Mesquita, foi feita a partilha dos bens e a casa Ricardo Severo ficou a cargo do seu filho mais novo, António Pedro Pinto de Mesquita. Em 1954

25 Cláudio e António Corrêa d'Oliveira Guimarães – « Miradoiro da Sé. Biografia de Três Ruas», in *O Comércio do Porto* de 12 de Julho de 1937, p. 2. Apud. Rocha Peixoto, *Etnografia Portuguesa: Obra Etnográfica Completa.* Lisboa: Etnográfica Press, 1990. Disponível em: <http://books.openedition.org/etnograficapress/4216>.

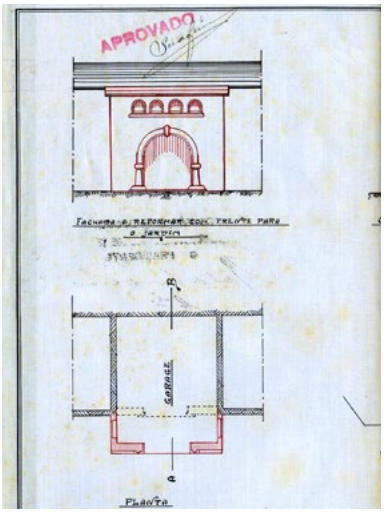
26 Segundo o autor Luiz Backhouser, em 2006, uma cópia desta carta estava na posse da família, na casa na rua do Conde. Luiz A. F. Backheuser, *A casa do Arqueólogo - Contribuição ao estudo da obra de Ricardo Severo*, p. 122.

mudou-se para a casa juntamente com a sua mulher, Maria Henriqueta e os seus sete filhos, António, Tereza, Francisco, Margarida, Maria Helena, Maria Felismina e Pedro. Todos cresceram na propriedade, que recentemente ainda pertencia à família. Em 2006, a senhora Maria Helena e a sua mãe Maria Henriqueta viviam na Casa na antiga rua do Conde, tendo fornecido informações e entrevistas ao arquiteto Luiz Backhouser, durante esse ano.

A família Pinto de Mesquita, enquanto proprietários, fizeram poucas alterações na casa. A nível do exterior não foram realizadas alterações e mantiveram-se as fachadas originais, desenhadas por Severo. Só um dos anexos sofreu uma ligeira ampliação, de modo a tornar-se garagem, como é possível verificar nas Figuras 3.29 e 3.30. Esta ampliação está documentada no requerimento de 7 de Março de 1929 entregue à Câmara Municipal do Porto.

Interiormente, foi reorganizado o espaço na zona da biblioteca e foi modificado o fogão da sala no rés-do-chão, ao qual foi adicionado o brasão da família Pinto de Mesquita. Na biblioteca as modificações incluíram duas novas aberturas, viradas para o pátio central, que foram realizadas por António Pedro Pinto de Mesquita.

3.29



3.30



3.29 - Planta e Alçados entregues em 1929, à Câmara Municipal do Porto.
3.30 - Anexo convertido em garagem. Fevereiro de 2020.

3.2.2. A CASA, NA CAMPANHA PELA "CASA PORTUGUESA"

3.31



3.32



3.33



3.31- Casa de São Bernardo, Cascais (1890). O seu proprietário Conde Arnoso, secretário particular do Rei D. Carlos I, constrói a casa na vila de Cascais para estar perto da corte e do monarca.
3.32 - "Os Vencidos da Vida" (com a exceção de António Cândido) fotografados por Augusto Bobone, numa tarde de verão em Lisboa, em 1889. Da esquerda para a direita, sentados: Guerra Junqueiro (1850-1923), o Conde de Sabugosa (António Menezes, 1851-1923), Eça de Queirós (1845-1900) e o Conde de Arnoso (Bernardo Melo, 1855-1911); Em pé, da esquerda: Marquês de Soveral (Luiz Pinto de Soveral, 1851-1922), Ramalho Ortigão (1836-1915), Carlos Mayer (1846-1910) e o Conde de Ficalho (Francisco de Mello Breyner, 1837-1903); na escadaria, em ordem descendente: Carlos Lobo d'Ávila (1860-1895) e Oliveira Martins (1845-1894).
3.33- Arquiteto Raul Lino (1879-1974), Lisboa, 1908.

A casa na antiga rua do Conde, foi alvo de análise e comentários desde a sua construção, no início do século XX.

Segundo Raul Lino, a campanha da "casa portuguesa" tem a sua origem nas obras literárias dos escritores Eça de Queirós e Ramalho Ortigão (Figura 3.32) – *Parece-me que a tentativa para o aportuguesamento da nossa casa é de origem literária - Eça e Ramalho em primeiro lugar (...)*[27].

A casa de Ricardo Severo é indissociável da campanha pois foi dos primeiros projetos construídos com o objetivo de criar uma casa tipicamente portuguesa. Esta distingue-se das tentativas anteriores (a casa do Conde de Arnoso, de 1894, representada na Figura 3.31, e o Palacete Jorge O'Neill de 1900), pois foi concebida partir de uma análise científica.

Severo reúne e organiza vários elementos num único edifício, inspirados nas diferentes casas que havia encontrado nas excursões por Portugal, enquanto arqueólogo e etnólogo. A casa na antiga rua do Conde é de grande importância dentro da campanha pois mostra a diversidade da arquitetura popular portuguesa e comprova a viabilidade de construir uma casa a partir de elementos arquitetónicos presentes nas construções antigas de Portugal. Foi também a primeira experiência realizada no norte do país.

> *Surgiu então a falange dos cientistas, estudiosos da etnografia e historiadores folcloristas que se comprazia em pesquisar e escrutar o que havia de mais português no instrumental utilitário do povo;(...)*[28]

Sem mencionar Severo ou a sua casa no Porto, Lino refere a fase, marcada pelo cientificismo excessivo, em que o engenheiro e esta obra se inserem na campanha. Apesar de considerar importantes as contribuições dos cientistas, Raul Lino (Figura 3.33) almejava que também artistas se debruçassem no movimento, como podemos confirmar com a seguinte citação:

27 Raul Lino, "O Romantismo e a ‹‹Casa Portuguesa››" in *Estética do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário, 1974, p.209.

28 Ibidem, p.209.

(...) contribuição importante, mas que no campo da Casa Portuguesa não passava de umas anotações frias que espalhavam conhecimentos mas não produziam efeitos sensórios. O que se tornava preciso era que aparecessem os artistas a interessarem-se pelo propósito e que lhe insuflassem o calor da arte que deveria ser parte essencial desta proposta.[29]

A campanha ganhou opositores desde o início; a 12 de Março de 1903, ainda com a casa Ricardo Severo em construção, o dramaturgo Abel Botelho publica um artigo crítico dirigido à campanha, no jornal *o Dia.*

(...) Mas esta ingenua crença na possibilidade de creação de um typo de casa portuguêsa, - como se factos de esta ordem dependessem de simples phenomenos da vontade! – ha muito tempo que anda por ahi assim fazendo não ingenuas tropelias. Lá para as bandas de Cascaes, ergueu-se uma pretensiosa construcção, toda estylisada em ***motivos*** *arabes e românicos, - voltas de portas e janellas, abobadas, terraços, e chaminés, - chamou-se-lhe uma casa portuguesa.* [30]

Este artigo foi também publicado na revista *A Construcção Moderna*, da qual se retira o excerto aqui presente. Botelho estaria provavelmente a referir-se a uma das casas marroquinas de Raul Lino, construídas entre 1901 e 1903, em Cascais (Figuras 3.34, 3.35 e 3.36).

O primeiro artigo que refere a casa Ricardo Severo foi publicado no jornal portuense *O Primeiro de Janeiro* em 1905, e foi escrito por Rocha Peixoto, redator-chefe da revista *Portugália* e amigo de longa data de Severo. Este artigo, divido em três partes (as primeiras duas partes dedicam-se a enumerar a



3.34



3.35



3.36

3.34 - Casa O'Neill, Cascais (construída em 1902 e aumentada em 1918, pelo arquiteto Raul Lino).
3.35 e 3.36 - Revista "A Construcção Moderna". Projetos de Raul Lino: a Casa Monsalvat e a Casa O'Neill.

29 Raul Lino, "O Romantismo e a ‹‹Casa Portuguesa››" in *Estética do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário, 1974, p. 209.

30 Abel Botelho, "A CASA PORTUGUÊSA" in revista *A Construcção Moderna,* n.º 92, 10 de Abril de 1903, p. 60.

3.37



A CASA PORTUGUEZA

PRIMEIRA PARTE

O novo predio que um engenheiro illustre edificou na travessa recatada e quasi erma que é, no Porto, a rua do Conde, veio a dilatar, concreto e só assim persuasivo, o debil movimento promovido pela aspiração ainda indecisa da nacionalisação do domicilio portuguez. Ha um typo ou typos de habitação nacional, traduzindo materialmente, pelo schema architectonico, pelas disposições geraes da sua traça, pela ordem e ponderação das suas partes e pelos pormenores decorativos, as faculdades de adaptação regional, os costumes, as occupações e as tendencias do povo que as habita? E representa a nova casa um d'esses typos, descriminavel e irreductivel, por entre as vivendas ruraes e urbanas de importação alheia, de estylo cosmopolita ou sem estylo, de illogico transporte dos alhures para não importa que região de praia ou de cidade, de serra ou de ribeira, de sol ou de nevoa, de aridez ou de fragrancia? Um julgamento com asserto determina o previo exame ao que já foi denominado a «unidade caracteristica», ou seja o padrão que vivamente exprime e em si resume o typo ou typos da casa portugueza.

A habitação é a expressão final da convergencia de motivos interdependentes, como sejam a paisagem, a cuja influencia naturalmente se adapta, os recursos geologicos, os accidentes topographicos, as imposições climatericas e as necessidades e circumstancias sociaes e domesticas, á uma e parcellarmente imperativas. A geologia, primeiramente, dicta subordinações que logo emergem da physionomia exterior de um povoado. N'um sólo granitico onde a agua surge de nascentes com affluencia restricta, as casas dispersam-se: no calcarreo, em que ellas são mais raras mas copiosas, agglomeram-se: é o caso extremenho, é o caso minhoto. Se a cal abunda a povoação avulta clara e viva, como na Beira littoral e no Algarve; se falta, dilue-se confusa e esparsa por entre a vegetação sombria, como no interior beirão e em Traz-os-Montes.

As vezes a pedra é cara e mais dispendiosas as communicações e os transportes: fabrican-se então os adobes, de Aveiro para o sul, e nos foros junta-se palha á argamassa (Baixo-Minho) ou en-

3.38



A Casa Portuguêsa

3.39



VISITAS E PALESTRAS

Em casa do sr. Ricardo Severo

Se o leitor, passando pela arteria da Boa-Vista, no Porto, acaso tover caminho e paladinhar a rua do Conde onde paira um silencio quasi monacal, depara-se-lhe-ha, por muito distrahido que ande, uma casa de aspecto pittoresco, ao mesmo tempo nobre, elegante, leve, destoando das construcções modernas, pretenciosas de norte a sul, pela graça do seu estylo e pela feliz combinação de motivos regionaes, intelligentemente aliliados.

E' a casa, já descripta n'uma revista litteraria de Lisboa, do sr. Ricardo Severo, engenheiro pela Escola Polytechnica do Porto, archeologo e sobre tudo um artista.

Certo dia, o sr. Ricardo Severo, depois de terminar o seu curso veio a Lisboa, preparando-se para entrar na engenagem funccionarista do ministerio das obras publicas. E' recebido por um dos homens mais em evidencia na politica portugueza, á principio com bonhomia e affecto e, por uma d'essas antithezes proprias do seu caracter, com o acolhimento de quem se sente farto e refarto de pretendentes.—*Mas a final o que é que o senhor pretende?* (Foi como o cesabar de um enorme castello de illusões côr de rosa).—*Nada: queria só cumprimental-o.* E o pretendente volta ao Porto e transporta-se no primeiro paquete a seguir viagem para S. Paulo. Cartas de engenheiro na mesa e corpo ao trabalho. Havia então n'aquelle Estado a febre de edificações. O sr. Ricardo Severo surgira ali no momento pro-

3.37 - Artigo "A Casa portuguêsa", de Rocha Peixoto, publicado na revista Serões, Agosto de 1906.
3.38 - Terceira parte do artigo "A Casa portuguêsa", publicado no livro *Homenagem a Ricardo Severo: Centenário de seu nascimento 1869-1969*, nas páginas 6,7 e 8.
3.39 - Artigo "Em casa do Sr. Ricardo Severo", de Silva Bastos, 1906.

diversidade da arquitetura popular portuguesa, e a terceira parte dedica-se à descrição da casa Ricardo Severo), foi publicado também em 1906 na revista *Serões* (Figura 3.37). Este artigo encontra-se digitalizado e transcrito (parcialmente) no Anexo D.

> *O novo predio que um engenheiro ilustre edificou na travessa recata e quasi erma que é, no Porto, a rua do Conde, veio a dilatar, concreto e só assim persuasivo, o debil movimento promovido pela aspiração ainda indecisa da nacionalisação do domicilio portuguez.*[31]

A terceira parte do artigo foi novamente publicada na revista *Arquitectura Portuguesa* em 1916, e mais tardiamente em 1969, nas comemorações do centenário do nascimento de Ricardo Severo em São Paulo, no Brasil[32] (Figura 3.38). Nota-se perfeitamente a afinidade entre Rocha Peixoto e Ricardo Severo. No artigo, o autor não só elogia o Engenheiro - (...) *O seu constructor, Ricardo Severo, que além de engenheiro é um archeologo ilustre (...)* - como refere a origem histórica dos elementos utilizados na elaboração da casa, defendendo todas as opções tomadas por Severo.

> *D'est'arte, mais do que em qualquer outra tentativa, ficam patentes os recursos de que nos é licito dispôr para a edificação d'uma ‹‹casa portugueza››.*

No ano seguinte, em 1906, o autor Silva Bastos publica no jornal portuense *Diario Illustrado* um novo artigo, "*Em casa do Sr. Ricardo Severo"* (Figura 3.39). Apesar do título, o artigo fala mais sobre Ricardo Severo[33] e a revista *A Portugália*, do

31 António Rocha Peixoto,"A Casa Portugueza" in revista *Serões*, nº 2, Agosto de 1905, p. 106.

32 Alberto Prado Guimarães (org), *Homenagem a Ricardo Severo: Centenário de seu nascimento 1869-1969*. p. 6-8.

33 *"Chega a ser uma cousa legitima o invejar a situação actual do sr. Ricardo Severo. No seio de uma familia que o adora; n'um meio de arte preparado com um gosto, d'ora avante modelar; entregou os seus estudos archeologicos de que a Portugalia é a mais importante e perduravel cristalisa'ção, e sob a força que dá uma independencia conquistada nobremente pelo trabalho (...)"* Silva Bastos, "Em casa do sr. Ricardo Severo" in jornal *Diário Illustrado*, 13 de Maio de 1906, p. 2.

que descreve a casa em questão. No entanto, Silva Bastos insere a casa Ricardo Severo na campanha da "casa portuguesa". A transcrição deste artigo também se encontra disponível para consulta no Anexo D.

> *Casa portugueza não quer dizer habitação de estylo genuinamente portuguez. De feito parece que não ha propriamente um typo nosso de casa urbana, e sim typos rusticos, adaptados ás exigências regionais, de norte a sul do paiz. Ora, foi a esses typos, (...), que o sr. Ricardo Severo, conhecedor de quasi todo o paiz por o haver calcurriado em missão de arte e archiologia, foi buscar os elementos com que se animou a construir e a rechear a sua casa, respeitando o mais possivel a tradição regionalista e aproveitando a pericia dos artífices e artistas portuguezes.*[34]

Um outro autor, João Barreira (Figura 3.40), defende tanto a campanha pela "casa portuguesa", como a inserção da casa Ricardo Severo no movimento. Intitulado de "A habitação em Portugal", o texto publicado em 1908 fala sobre as diferenças climáticas, culturais e geológicas do território português e identifica os elementos característicos de cada tipo de habitação (Figura 3.41). Barreira refere os projetos de Raul Lino no seu texto, apelidando-os de "*symphaticas tentativas"*. Relativamente ao projeto na antiga rua do Conde, o autor afirma:

> *Há annos, um dos nossos mais notaveis homens de sciencia, Ricardo Severo, mandou construir na tranquilla rua do Conde, no Porto, a sua casa de habitação, e como aquelle illustre director da* ***Portugália*** *possue, além de vastos conhecimentos archeologicos, uma delicada sensibilidade artistica, conjugou, adaptando-os á construcção e condicionando-os ao viver actual, os mais encantadores elementos tradicionaes arrancados*



3.40



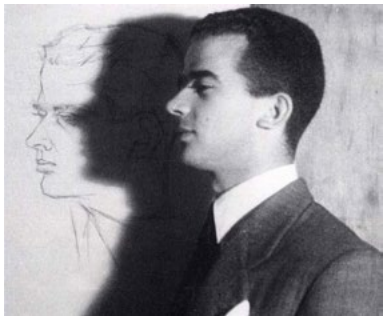
A HABITAÇÃO EM PORTUGAL

3.41

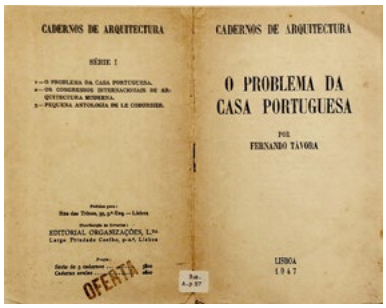
3.40 - Grupo de amigos de João Barreira, 25 de Janeiro de 1892 no Porto. Da esquerda para a direita Fonseca Cardoso, Morais Rocha, V. Ortigão de Sampaio, Oliveira Alvarenga, Ricardo Severo, Rocha Peixoto e João Barreira.
3.41 - Primeira página do artigo "A Habitação em Portugal", do autor João Barreira, 1908.

34 Silva Bastos, "Em casa do sr. Ricardo Severo" in jornal *Diário Illustrado*, 13 de Maio de 1906, p. 2.

3.42



3.43



3.42 - Cadernos de Arquitectura, nº 1, 1947.
3.43 - Fernando Távora, desenhado por Fernando Lanhas e fotografado por Guilherme Alvares Ribeiro, em 1940, com 17 anos.

aos exemplares archaicos que restam do viver d'outrora; (...) Reunindo a tradição ás imposições modernas, não pretendeu exemplificar um typo historico e invariável de habitação regional, mas reunir num schema do nosso tempo tudo o que suas viagens pelo país lhe sugeriram de bello, de pittoresco e de logico: é por isso um dos mais intelligentes tentames no sentido de dar á casa portuguesa sabor local, poesia e conforto. (...)[35]

Com o passar dos anos a campanha foi ganhando opositores mais persistentes e obstinados. Segundo Raul Lino, *(...) O caso da Casa Portuguesa depressa caíu sob o domínio dos amadores e curiosos avessos a toda a disciplina, (...) Por último juntou-se a isto certa especulação mercantilista. (...)*[36].

Fernando Távora (Figura 3.42), foi um dos arquitetos que criticou firmemente a campanha. Em 1945, enquanto finalista de Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto, publica um artigo intitulado de "O Problema da Casa Portuguesa"[37] (Figura 3.43), em que aborda as origens da campanha, refuta-a e propõe um plano para construir uma arquitetura portuguesa atual, no futuro próximo. O texto tornou-se célebre, pois o jovem arquiteto apontava convictamente os erros cometidos pelos seus antecessores e propunha novos caminhos para corrigi-los, no presente e no futuro. *Para quê teimar em permanecer, quando tudo nos convida para um caminho diferente?*[38]

Na parte do artigo relativa à *Arquitectura e Arqueologia*, Távora refere o trabalho realizado pelos arquitetos, cientistas e arqueólogos, que não conseguiram ter êxito na criação da *Casa*

35 João Barreira, *A habitação em Portugal*, p. 170-171.

36 Raul Lino, "O Romantismo e a ‹‹Casa Portuguesa››" in *Estética do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário, 1974, p. 209.

37 Este artigo foi publicado originalmente a 10 de Novembro de 1945, no semanário *ALÉO*. Dois anos depois, em 1947, o artigo foi aumentado pelo autor e publicado novamente, inaugurando a publicação dos CADERNOS DE ARQUITECTURA.

38 Fernando Távora, *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura, 1947, p.10.

à antiga portuguesa. Dada a forte associação da Casa Ricardo Severo à campanha, existe a possibilidade da seguinte citação ser uma crítica direta de Távora ao arqueólogo (Figura 3.44) e à sua casa no Porto.

> *(...) os Arquitectos portugueses que orientavam as suas actividades no desejo inglório de criar uma Arquitectura de carácter local e independente, mas de todo incompatível com o pensar, sentir e viver do mundo que a rodeava. Era, pode dizer-se, uma Arquitectura de arqueólogos e nunca uma Arquitectura de arquitetos. Os grandes problemas, certamente mais por culpa da época do que dos homens, não foram estudados e, outra coisa não era de prever, as soluções satisfatórias não surgiram, (...)*[39]

Também José-Augusto França escreveu sobre a "casa portuguesa" em 1966. Este autor dá o seu parecer da casa Ricardo Severo baseada nos textos de Abel Botelho e de Rocha Peixoto. A maior crítica do autor assenta no facto de a casa tentar sintetizar as diversas casas portuguesas. França afirma que *(...) A diversidade das províncias, com seus valores ecológicos, não permitiria uma tipificação única, um modelo que só artificialmente se poderia reconstruir*[40]. Critica também a falta de coerência da fachada da casa, que se inspira em modelos rurais apesar de ser uma casa citadina.

Nos últimos cinquenta anos são diversos os autores que referem a Casa Ricardo Severo, inserindo-a nos mais diversos contextos. Destaca-se Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes, que juntaram a sua análise da obra no Porto ao livro *A arquitectura moderna,* parte da coleção História da Arte em Portugal (a fotografia da Figura 3.45 está incluída nesta obra).

Estes autores fazem uma análise aprofundada e detalhada da casa de Severo, quando referem a arquitetura portuguesa do



3.44



3.45

3.44 - "Dr. Ricardo Severo", fotografia de Giovanni Sarracino.
3.45 - Alçado norte da Casa Ricardo Severo. Uma das fotografias selecionadas por Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes para apresentar a casa Ricardo Severo.

39 Fernando Távora, *O problema da casa portuguesa*. 1947, p. 6.

40 José-Augusto França, *A arte em Portugal no século XIX.* Lisboa: Bertrand, 1981. Volume II, pp. 158-159.

3.46



3.47



3.46 e 3.47 - Páginas 236 e 237 da obra "*A Construção do Brasil - Relações com a cultura arquitectónica portuguesa"*, da Arq. Ana Vaz Milheiro. A autora reune fotografias da Casa do Cipreste - de Raul Lino - e da Casa Ricardo Severo nas páginas acima apresentadas.

início do século XX. Consideram que a tentativa do engenheiro é frágil, pois existe uma incongruência entre o exterior - construído com elementos populares portugueses – e o interior, que agrega diferentes estilos decorativos. Apesar de assumir um papel quase cenográfico, a casa é considerada *um passo significativo para a dilucidação do problema*[41] da "casa portuguesa" por Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes. A análise da casa no Porto é rematada pelos autores com as seguintes palavras:

> *(...) apesar de todas as limitações, a Casa Ricardo Severo representava, no contexto profissional e cultural da época, um certo avanço metodológico que tardou – se é que alguma vez o foi – a ser verdadeiramente entendido.*
>
> *Assim, sem ser uma obra de excepção em termos de valor arquitectónico, a a Casa Ricardo Severo constitui, até pelo valor histórico nas polémicas do tempo, um documento de real interesse na história da arquitectura moderna em Portugal.* [42]

Também é de destacar a obra *A Construção do Brasil - Relações com a cultura arquitectónica portuguesa*, publicada pela FAUP em 2005, da arquiteta Ana Vaz Milheiro (Figuras 3.46 e 3.47). Na obra, a autora procura relações entre Portugal e Brasil a partir da arquitetura produzida nos dois países a partir do século XIX. Severo surge neste trabalho pois é a personificação dessa relação, por ter construído obras arquitetónicas tanto em Portugal como no Brasil.

> *É precisamente a evocação simultânea da ‹‹Casa Portuguesa›› e do neocolonial, que se fixa enquanto terminologia só em 1926, o que possibilita distinguir uma personalidade que transita entre os dois países: o*

41 Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes, *A Arquitectura Moderna*, p. 46.

42 Ibidem, p. 16.

engenheiro português Ricardo Severo. E uma obra por si patrocinada: a sua residência na cidade do Porto, na rua do Conde (actual rua Ricardo Severo). (...)

A casa de Severo propõe uma síntese no quadro programático da habitação unifamiliar urbana que recorre a temas nacionalistas, funcionando como uma espécie de fonte para o desenvolvimento do percurso deste português imigrado em São Paulo.[43]

A autora considera que a casa de Severo é uma reação aos *chalets*, muito populares no início do século (Figura 3.48), e considera positiva a mistura de diversos elementos vernaculares na fachada da casa na antiga rua do Conde. Ana Vaz Milheiro afirma que a *(...) inventariação de variedades regionais, não se reflectindo nos tipos contemporâneos materializados, enriquece o léxico disponível na transição do século;* e acredita que a casa é *(...) uma primeira síntese, isto é, uma primeira aproximação que defina uma estratégia figurativa quanto ao teor desse mesmo aportuguesamento*[44] (Figura 3.49).

Por último, Domingos Tavares considera que a *nova moradia da Rua do Conde (...) era, de facto uma ‹‹casa de brasileiro››*[45], inserindo-a na sua obra publicada em 2015 (Figura 3.50).

A moradia de Ricardo Severo revelou-se uma tentativa falhada de dar corpo ao ideário da ‹‹casa portuguesa››. O engenheiro dedicara algum tempo no Brasil a trabalhar para o famoso arquitecto e banqueiro Ramos de Azevedo (...), ganhando a experiência como projectista que lhe permitiu ser o autor da sua própria moradia.[46]

Termina-se este subcapítulo com as palavras de Raul Lino, proferidas durante o ciclo de conferências de Maio de 1970



3.48



3.49



3.50

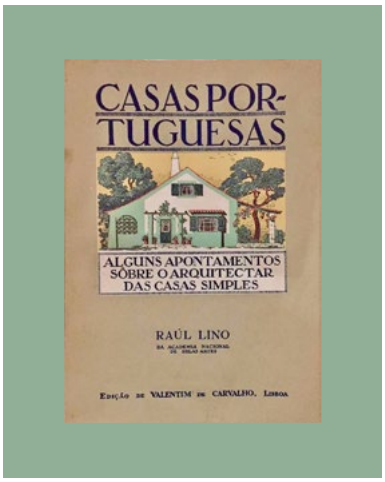
3.48 - Fotogravura do Jardim da Cordoaria (com Chalet), 1900. Este Chalet abrigou o "Café Chaves" entre 1917 e 1947.
3.49 - *"A casa portuguesa no Brasil"* - recortes de revistas apresentados pela Arq. Ana Vaz Milheiro.
3.50 - *"Um chalet em Fafe"*, uma das Casas de Brasileiro investigadas pelo Arq. Domingos Tavares na sua obra de 2015.

43 Ana Vaz Milheiro, *A Construção do Brasil - Relações com a cultura arquitectónica portuguesa*. Porto: FAUP, 2005, p. 15.
44 Ibidem, p. 176-177.
45 TAVARES, *Domingos. Casas de Brasileiro*. Porto: Dafne, 2015, p. 21.
46 Ibidem.

3.51



3.52



3.53



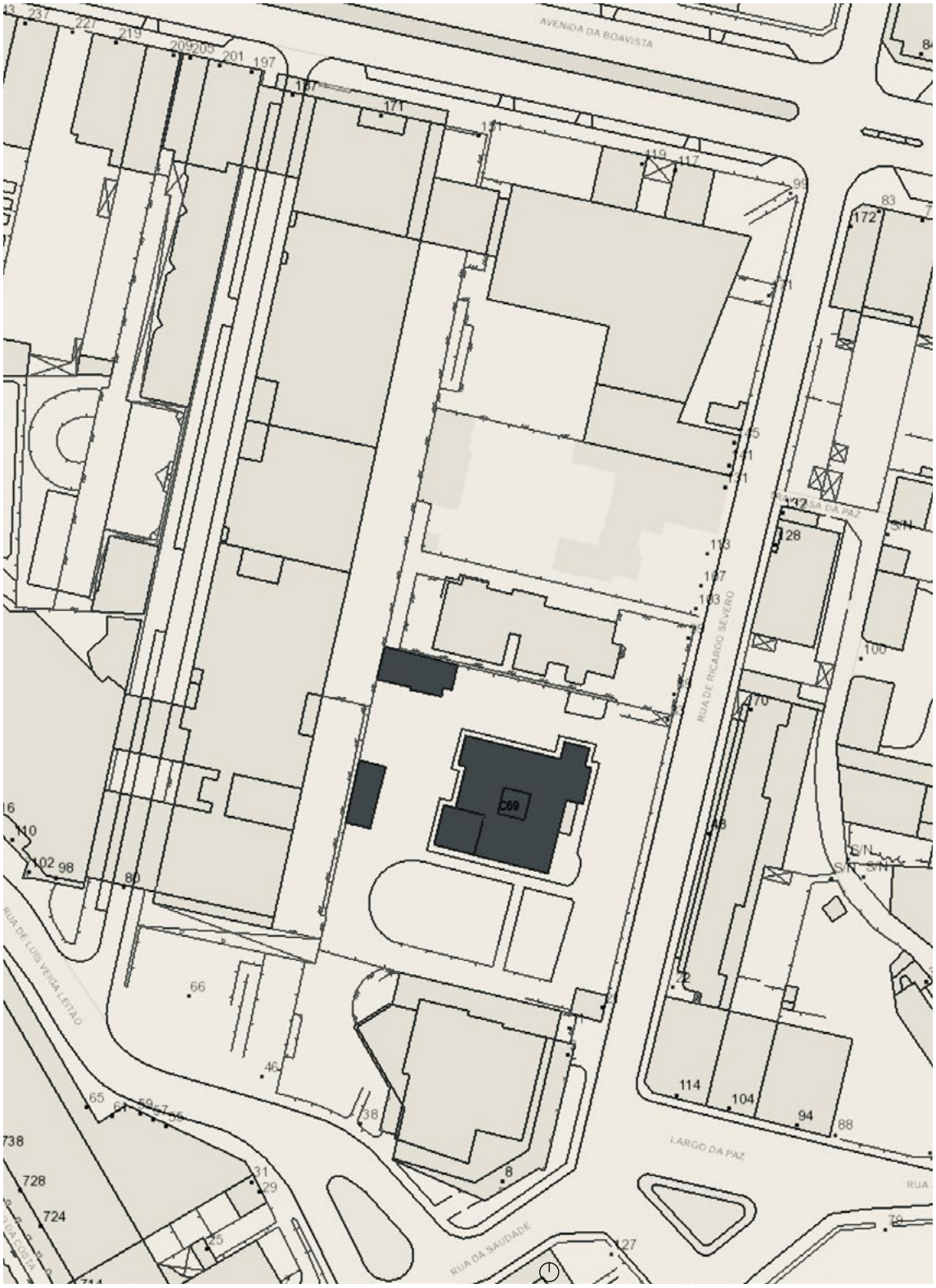
3.51 e 3.52 - Livros "A nossa casa" e "Casas Portuguesas - alguns apontamentos sobre..." do Arq. Raul Lino.
3.53 - Arquiteto Raul Lino.

na sede do Grémio Literário, quatro anos antes da sua morte. Na conferência, numa *(...) espécie de autópsia*[47], o autor fala sobre a origem e o declínio de uma campanha, que *(...) foi encetada há mais de 60 anos.* Nascido em 1879 e com 70 anos de atividade profissional (Figuras 3.51, 3.52 e 3.53), o arquiteto refere ainda a introdução do computador na prática da Arquitetura.

> *A Casa Portuguesa de hoje, que ainda está por criar, há de obedecer a uma doutrina nova. Mas antes de criarmos a Casa Portuguesa, parece-nos mais importante criarmos primeiro o criador... e o ambiente em que ela há de viver. Façamo-lo enquanto o computador não acaba por substituir a consciência da gente. O que é novo, e isto dá-se com as coisas mais importantes, nem sempre pode ser rápida e eletronicamente criado. – E é preciso não esquecer que o melhor vinho não é aquele que só foi bem fabricado, há-de ser também o que melhor se adapta ao clima da região e o que melhor se dá com o torrão em que ele é produzido.*[48]

47 Raul Lino, "O Romantismo e a ‹‹Casa Portuguesa››" in *Estética do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário, 1974, p.210.

48 Ibidem, p.210.


AVENIDA DA BOAVISTA
RUA DE RICARDO SEVERO
LARGO DA PAZ
RUA DA SAUDADE
RUA DE LUÍS VIEGA LEITÃO
C69

3.54

3.55



IMPLANTAÇÃO

Ninguem que por ahi passa deixará de estacar para ver tão curiosa edificação [Figura 3.55].[49]

A casa Ricardo Severo encontra-se implantada num lote retangular, limitado por lotes vizinhos[50], excetuando o lado nascente, que é limitado pela antiga rua do Conde[51]. Atualmente denominada rua Ricardo Severo, descrita como *(...) travessa recatada e quasi erma,* por Rocha Peixoto, em 1905.

A casa, de acordo com o requerimento entregue à Câmara Municipal do Porto em 1902, localiza-se na zona norte do lote, libertando a zona sul para o jardim, e implanta-se isolada, afastada de todos os limites do terreno (Figura 3.54). Segundo a memória descritiva do requerimento, *(...) a casa ficará retirada do alinhamento da rua 12,0 metros; medindo a superfície 440,0m², e formando dois pavimentos: Rez-do-Chão e Andar Nobre.*[52] A implantação do edifício isolado no lote, novidade da altura, não seguia a estrutura urbana comum da cidade portuense.

A maneira como a casa se articula com o terreno é simplista, tendo-se adoptado a construção de uma plataforma elevada sobre a rua, plataforma inteiramente plana ao nível superior, o que confere à casa um sentido de relação artificial com o solo que a arquitectura não defende, como seria natural de se esperar.[53]

3.54 - Planta da zona envolvente à Rua Ricardo Severo. A Casa Ricardo Severo está assinalada a um tom mais escuro.
3.55 - Hospita Lusíadas Porto e Torre da Casa Ricardo Severo, fotografados da Rua Luís Veiga Leitão, Novembro 2020.

49 Silva Bastos, "A casa do sr. Ricardo Severo" in *Diário Illustrado*, 13 de Maio de 1906, p. 2.

50 *"(...) a propriedade confronta a sul com o centro empresarial "Jumia Porto Tech Center", a oeste com o "Hospital Lusíadas Porto" e a norte com a unidade hoteleira "Palace Studio""*, segundo a Arq. Paisagista Sara Santos Ferreira, encarregue do Levantamento da Vegetação do Jardim da Casa Ricardo Severo.

51 Rocha Peixoto descreve a rua do Conde, em 1904, como uma *"travessa recatada e quasi erma"*. António Rocha Peixoto, "A Casa Portugueza", in Revista *Serões*, p. 106. Em 1906, Silva Bastos reafirma a descrição da rua de Rocha Peixoto, afirmando: *"a rua do Conde onde paira um silencio quasi monacal"*.

52 Memória descritiva da contrução da casa, está disponível na íntegra no Anexo A.

53 Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes, *História da Arte Em Portugal - Vol. 14*, A Arquitectura Moderna, p. 16.

Outra característica relevante é a articulação da casa com o nível da rua (Figura 3.56), estando esta disposta num patamar elevado em relação à rua Ricardo Severo, como referem os autores Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes na citação apresentada acima.

Existem duas construções anexas na zona noroeste do terreno, mas apenas uma delas foi incluída no requerimento entregue em 1902. Supõe-se que o segundo anexo tenha sido acrescentado posteriormente pelo segundo proprietário. O primeiro anexo, previsto originalmente, foi construído com algumas modificações. O programa previsto foi alterado, segundo a memória descritiva este anexo abrigaria a adega e a carvoaria, mas estas foram colocadas na cave do edifício principal. Este primeiro anexo abrigava a garagem e as dependências dos empregados; já o segundo anexo completava as dependências dos empregados e outros serviços.

O muro, que limita a propriedade a este, junto à rua Ricardo Severo, serve de arrimo do terreno e conta com duas entradas, uma para pedestres (junto do limite norte, Figura 3.57) e uma para automóveis (a sul, Figura 3.58). O acesso ao patamar da casa é realizado através de uma escadaria, na entrada para pedestres, ou percorrendo a rampa de acesso à garagem, de automóvel.

VOLUMETRIA

A casa na rua do Conde caracteriza-se por uma volumetria compacta, maciça e assimétrica. De forma a iluminar o interior da casa, é utilizado um pátio interior (Figura 3.59).[54]

É possível observar os elementos utilizados por Severo e identificar as suas origens históricas. Um dos elementos de inspiração histórica é a escadaria de acesso ao piso nobre, localizada junto à fachada principal. Segundo o autor João Barreira, *(...) as escadas exteriores, (...), são typicas e logicas no campo (...),* sendo este elemento muito presente, tanto na ar-

54 *"A' reminiscencia arabe ou romana, tam pouco commum entre nós e tão frequente em Hespanha, liga-se a adopção d'um pateo interior."* in António Rocha Peixoto "A Casa Portugueza" in Revista *Serões*, p. 320.


3.56


3.57


3.58

3.56 - Casa Ricardo Severo, vista da Rua Ricardo Severo, Porto.
3.57 - Entrada para pedestres da casa Ricardo Severo.
3.58 - Entrada para automóveis da casa Ricardo Severo.

3.59



3.60



3.61



3.59 - Alçado principal e canto nordeste da casa Ricardo Severo.
3.60 - Pormenor com dois "SS" ornamentais, na escadaria exterior na fachada principal da casa Ricardo Severo. Esta escadaria permite o acesso ao andar superior da casa, ao chamado "andar nobre".
3.61 - Mafalda Possolo, Ana Abrantes

quitetura popular como nos solares barrocos do século XVIII.

A disposição da escada exterior costuma variar entre paralela, perpendicular e em "L", sendo o caso da casa Ricardo Severo, a disposição em "L". A escada exterior (Figuras 3.60 e 3.61), muito ornamentada nos solares barrocos e bastante simples nas casas populares, na casa Ricardo Severo apresenta apenas dois "SS" ornamentais, *(...) com que remata a guarda da escada, os communs que no predio rustico*[55].

A existência da escada é justificada pela prática do andar nobre, que tradicionalmente albergava as divisões sociais e íntimas, em detrimento do rés-do-chão, que albergava os serviços. O andar nobre era comum tanto nos solares como nas casas populares, pois o rés-do-chão servia comummente de abrigo para animais e bens alimentares. No andar nobre da casa Ricardo Severo localizava-se a sala de visitas estilo Luís XVI, bem como parte dos quartos, incluindo o quarto principal.

A escada exterior termina num alpendre, elementos comummente utilizados juntos. Nos solares barrocos o alpendre era o espaço de transição interior/ exterior, já nas casas populares, era espaço de trabalho; no caso da casa Ricardo Severo, o alpendre marca a entrada principal. Rocha Peixoto refere estes dois elementos no seu artigo *A Casa Portugueza*, como podemos comprovar no seguinte excerto do artigo:

> *Assim é que a fachada principal radica no exemplar da casa rustica em que a escada perpendicular ao começo, logo inflecte encostada á frontaria. A varanda para que dá firma-se em columnas com as quaes os dois arcos de volta inteira provocam a lembrança, entre outras, das casas ribeirinhas. Da guarda do balcão erguem-se os columnellos que supportam, n'este caso, um alpende abaúlado e deprimido. E immediatamente á varanda logo avulta um corpo saliente, processo habital com que se amplifica a casa rustica onde o espaço escasseia ou a fortuna permitte o desaffogo.*[56]

55 Ibidem, p. 321.
56 António Rocha Peixoto, "A Casa Portugueza" in Revista *Serões*, p. 319.

Um outro elemento relevante é a Torre (Figura 3.62 e 3.63), que tem significativa importância na volumetria da casa Ricardo Severo. Este elemento é também referido por Rocha Peixoto, no artigo já apresentado anteriormente:

> *No angulo verticalmente opposto ergue-se a torre, que uma grimpa historíada mais prolonga, com graça, para o alto.*

A torre, presente na arquitetura nobre portuguesa desde a idade média, foi-se reinventado, consoante as necessidades. Para além da habitação, as torres tiveram um papel militar durante o período da reconquista[57]. Continuam a ser construídas *(...) mais por exibicionismo heráldico do que por necessidade,* e a torre passou a assumir o caráter simbólico de domínio senhorial.

A evolução do papel da torre enquanto elemento histórico é apresentado pelo autor Carlos Azevedo, na sua obra "Solares Portugueses"[58]. Na casa Ricardo Severo a torre do canto sudoeste evoca esse caráter simbólico, apesar de apenas abrigar aos quartos dos empregados.



3.62



3.63

COBERTURA E CHAMINÉS

> O ***telhado*** *(...) é o* ***coroamento*** *de uma* ***casa****. Tem funcção de abrigo, satisfazendo ás condições naturaes do clima, e tem expressão esthetica como* ***parte integrante da harmonia do edificio****.*[59]

Para Severo, a cobertura era um dos elementos marcantes da arquitetura tradicional, tanto em Portugal como no Brasil. No

57 Carlos Azevedo, *Solares Portugueses: introdução ao estudo da Casa Nobre.* Lisboa: Livros Horizonte, 1969. p. 21.

58 "*A casa-torre atinge agora a expressão de maior requinte, sobretudo na medida em que a torre é francamente aproveitada pelo seu valor arquitetônico, num conjunto em que é elemento preponderante. A torre continua, pois, a desempenhar papel de relevo como expressão funcional, embora o aproveitamento do seu espaço interior não oferecesse muitas possibilidades".* Ibidem, p. 79.

59 Ricardo Severo, "A Casa e o Templo" *in Sociedade de Cultura Artística: Conferências 1914-1915. São Paulo: Tipographia Levi, 1916.* p. 56.

3.62 - Torre, canto sudoeste da Casa Ricardo Severo.
3.63- Torre e Varanda do alçado sul. Fotografia de Jorge Figueira.

3.64



3.65



3.66



3.64 - Chaminé saliente, presente no alçado norte da casa Ricardo Severo, Julho 2019.
3.65 - Chaminé que surge da cozinha em primeiro plano, e chaminé da fachada norte.
3.66 - Chaminé presente na torre da Casa Ricardo Severo. Esta chaminé não estava prevista no projeto original de 1902.

telhado da casa Ricardo Severo são utilizadas telhas capa-canal, terminando num beiral de bicos levantados à chinesa (Figura 3.64). Na torre é acrescentado ao telhado um pináculo metálico, já nas janelas do piso nobre é possível observar cornijas desta mesma telha.

A chaminé popular algarvia também teve influência no desenho da casa. Foram construídas três chaminés, embora originalmente apenas estivessem previstas duas. Volumetricamente, a chaminé mais expressiva é a que surge da cozinha, localizada na zona oeste da casa (Figura 3.65).

A fachada norte é marcada, entre outros elementos, pela chaminé (Figura 3.64) que se desenvolve externamente e serve as salas das lareiras (do rés-do-chão e do andar nobre). A terceira chaminé (Figura 3.66), mais modesta, localiza-se junto à entrada oeste da casa.

A chaminé, muito ligada à importância do fogo para a cultura arquitetónica portuguesa, remete para a cozinha popular. No ambiente em que se cozinha sob a chaminé, reúne-se a família e partilha-se a refeição. Severo utiliza chaminés rendilhadas tanto na casa no Porto, como em obras posteriores no Brasil.

FACHADAS

> *A architectura não é sómente, (...) a **toilette exterior** de um qualquer edifício. Uma fachada de qualquer modesta casita não representa apenas o seu muro externo, que a defende das intemperies; é o semblante dessa casa, transmittindo como um rosto a psychologia do seu interior, que é a do lar familiar que abriga.*
>
> *O seu nome, derivado de **facies**, que em latim diz **face**, nos indica o seu mais intimo sentido.*[60]

Acima, no excerto da conferência "A Casa e o Templo", Severo explica importância que atribui às fachadas, na Arquitetura. A Casa Ricardo Severo, apresenta diversos elementos ar-

60 Ibidem, pp. 54 - 55.

quitetónicos nas suas fachadas, organizados como um museu. Este repertório de elementos, recolhido em todo o País durante os seus anos de arqueólogo, expressa o que Severo considerava ser a "casa portuguesa".

Nesta conferência, em 1914, Severo descreve ainda as janelas e suas variações da arquitetura colonial brasileira, e menciona as gelosias[61], elemento utilizado na fachada sul da casa no Porto (Figuras 3.67 e 3.68).

Ainda sobre vãos exteriores, na Casa Ricardo Severo é visível a diferença entre os vãos do andar nobre e os do rés-do-chão. Segundo Carlos de Azevedo, a importância do piso nobre pode-se *(...) avaliar pela concepção das janelas, que no piso superior se apresentam quase sempre mais ricas do que no andar térreo, ou então altura, quando não se verificam simultaneamente as duas coisas.*[62] Este facto é facilmente observável na casa, pois as janelas do primeiro piso são mais altas, mais decoradas e existe maior variação da sua tipologia.

Na fachada principal, a nascente, outro dos elementos de inspiração histórica são as janelas geminadas (Figura 3.69), que já se utilizavam em construções quinhentistas. Estas janelas foram incluídas em diversas obras, inclusive no Palácio Nacional de Sintra (Figura 3.70) e no Solar dos Távoras, no distrito da Guarda (Figura 3.71), no entanto, apresentam vergas em arco ao contrário do que acontece na casa Ricardo Severo. As janelas geminadas da Torre Ribafria (figura 3.73), em Sintra – que apresentam vergas retas – são as que apresentam maior semelhança às da casa Ricardo Severo.

Severo utiliza também outro tipo de janela no canto sudoeste da torre da sua casa (Figura 3.72). Carlos de Azevedo menciona uma janela semelhante - *de canto, que se generalizam rapidamente durante a primeira metade do século XV*[63] - que se


3.67



3.68

3.67 - Gelosia presente na Casa Ricardo Severo.
3.68 - Casa das Gelosias, fotografia de 1968, Braga, Portugal.

61 Segundo José Luiz Miotto, as gelosias são como uma espécie de caixote sobrepostos às janelas, acima do pavimento térreo. José Luiz Miotto, "Evolução das esquadrias de madeira no Brasil" *in UNOPAR Científica, Ciênc. Exatas Tecnol., Londrina*, Novembro 2002, p. 58.

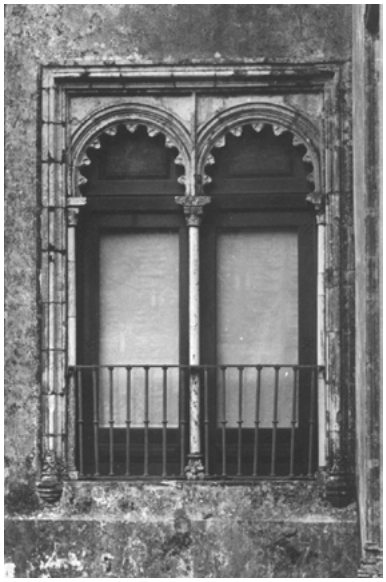
62 Estas considerações do autor Carlos de Azevedo são relativas aos vãos exteriores pertencentes aos solares barrocos. Carlos de Azevedo, *Solares Portugueses,* p. 71.

63 Ibidem, p. 176.

3.69



3.70



3.71



3.72



3.73



3.69 - Janela geminada na fachada principal da Casa Ricardo Severo, Fevereiro de 2020.
3.70 - Janela geminada, Palácio Nacional de Sintra.
3.71 - Torre de Ribafria, de notar o exemplar de janela geminada, muito semelhante às da casa Ricardo Severo.
3.72 - Janelas de canto na torre da casa Ricardo Severo, Fevereiro de 2020.
3.73 - Janela de canto, Solar dos Távoras, distrito da Guarda.

encontra no Solar dos Távoras (Figura 3.73). Também a conhecida casa quinhentista – *Sempre Noiva* - apresenta janelas geminadas e uma janela de canto. Todas as janelas do piso nobre, exceto as da fachada poente, são protegidas por cornijas.

No seu artigo "*Habitação em Portugal"*, João Barreira afirma que as varandas eram comuns nas casas das classes médias em Trás-os-Montes, nas Beiras e no Minho. Segundo o autor, a varanda era (...) *em geral orientada a sul ou nascente e é ali onde se fia ao sol de inverno, onde se dorme nas noites caniculares(....)*[64]. Na casa da antiga Rua do Conde, existe uma varanda no primeiro andar, virada a sul que corresponde ao quarto principal, provavelmente utilizado por Ricardo Severo e Francisca (na Figura 3.74 é possível identificar esta varanda, perto do canto sudoeste da casa).

A fachada norte não foi construída segundo o projeto entregue à Câmara Municipal do Porto em 1902 (Figura 3.76). Segundo os desenhos originais, deveria existir um volume saliente de planta semicircular, tanto no rés-do-chão como no piso nobre. A solução inicial não se inspira num modelo histórico, pelo contrário, segue a arquitetura eclética da época.

Efetivamente, foi construído um volume de planta retangular (Figura 3.75), com maior saliência no andar nobre do que no piso térreo, suportado por três colunas jónicas. A origem da solução construída pode ser confirmada no seguinte excerto:

> *(...) o corpo saliente, do lado do norte, com a sua columnada jonica, imitação das casas urbanas, como ainda se veem em Miragaia, na Sé e na Victoria;*[65]

As janelas deste volume contam com balaústres de pedra e, tanto nas fachadas norte como sul, existem janelas protegidas com grelhas metálicas. No alçado sul encontramos também duas janelas do piso nobre decoradas com vasos cerâmicos, um hábito popular. Apesar das janelas serem mais simples no piso

64 João Barreira, *A Habitação em Portugal*, p. 151.

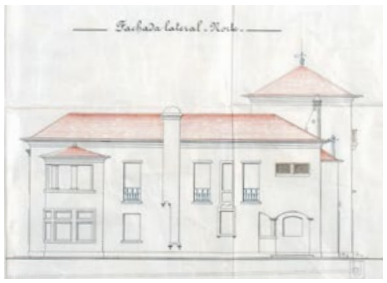
65 Silva Bastos, "Em casa do sr. Ricardo Severo" in Jornal *Diário Illustrado,* 13 de Maio de 1906, p. 2.



3.74



3.75



3.76

3.74 - Varanda do quarto principal, virada a Sul, Fevereiro de 2020.
3.75 - Casa Ricardo Severo, vista do corpo saliente do alçado norte e de parte do alçado tardoz.
3.76 - Fachada norte. Desenho entregue na CMP em 1902.

3.77



3.78



3.79



3.77 - Perspetiva geral da casa Ricardo Severo, 1905, Revista Serões.
3.78 - Detalhe e cunhal sul, casa Ricardo Severo, Revista Serões.
3.79 - Alçado principal da casa Ricardo Severo, Revista Serões.

inferior, as fachadas nascente e norte contam com alguns exemplares *(...) com a bandeira separada pela verga da cantaría, á maneira do seculo XVI.*[66]

A partir da memória descritiva de 1902, é possível saber que a casa seria *(...) rebocada, estudaca e devidamente pintada*, mas não explicita qual a cor escolhida. Segundo o arquiteto Luiz Backhouser, que entrevistou as últimas proprietárias da casa em 2006, durante muito tempo a casa teria um tom de rosa, atualmente esbatido. Segundo a Senhora Maria Helena Pinto de Mesquita, o tom original da casa seria uma variação de amarelo. Pelas fotografias publicadas em 1905, no artigo de Rocha Peixoto na Revista *Serões* (apresentadas nas Figuras 3.77, 3.78 e 3.79), a cor original da casa deveria ser um amarelo escuro, pois é possível verificar que a cor da tinta é mais escura que o granito aparente.

Outro elemento de referência história presente na fachada da Casa Ricardo Severo é o painel de azulejo no alçado principal, com motivos florais de inspiração barroca. Normalmente o azulejo era utilizado em ambientes internos das casas nobres e igrejas, sendo a utilização de azulejo no exterior, a exceção.

No exterior eram aplicados em fontanários, imagens sacras, bancos, etc. Severo utiliza de extremamente forma pontual o azulejo nas fachadas, tornando-os num elemento estranho, pouco integrado no projeto arquitetónico. É possível encontrar na casa Ricardo Severo outro tipo de azulejo no pátio central (figura 3.82 e 3.83) e no muro do terreno: *(...) o azulejo de facha e contra-facha, branco e verde, como um archaico modelo hispano-mourisco do seculo de quinhentos.* Também nos corredores do piso nobre podemos encontrar outro tipo de azulejos, de inspiração seiscentista e setecentista.

Todos estes elementos contribuíram para caracterizar a casa, que *(...) constitue um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume epochas, estylos e influencias atravez da capacidade e do sentimento nacionaes.*

66 Carlos de Azevedo, *Solares Portugueses...*, p. 320.

ORGANIZAÇÃO E DECORAÇÃO INTERIOR

(...) da Casa Ricardo Severo é raro aparecer outra documentação que não seja a referente àquilo que toda gente nela discutia, que era a organização fornal da sua fachada.

Essa desatenção em relação a valores de interior na Casa Ricardo Severo vai repercutir-se em toda a discussão e em todas as tentativas epigonais depois realizadas como o mesmo objectivo que animava Severo: o da criação de uma ‹‹casa portuguesa››.[67]

Para Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes, a casa construída por Severo é uma tentativa superficial de criar uma "*casa portuguesa"*, pelas incongruências que apresenta. Enquanto na fachada se conjugam elementos históricos, no interior não existe uma linha coerente de organização.

*(...) é que se trata de um interior em cuja coerência cabe um ‹‹**salão de jantar estilo Renascença**›› ou uma ‹‹**sala de visitas estilo Luís XVI**››.*[68]

Já Rocha Peixoto, defende o projeto de Severo, afirmando que faz sentido seguir uma vertente tradicionalista e reavivar elementos históricos no exterior e, simultaneamente, desenhar o interior (Figuras 3.82 a 3.87) consoante as exigências e as comodidades da viragem do século.

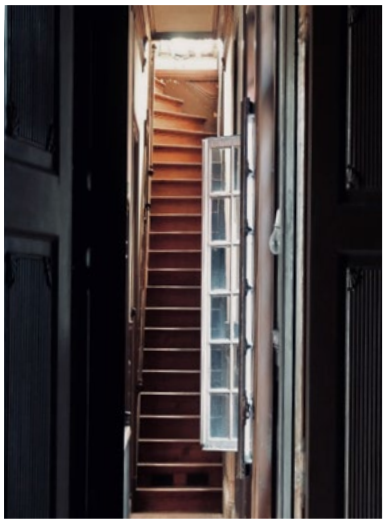
(...) a melhor das soluções na decisão que conduziu Ricardo Severo a associar e a adoptar d'umas e d'outras, do norte ao sul, mais recentes ou mais remotos, os elementos com que erigir harmonicamente, ponderadamente, a vivenda onde ‹‹o sentimento nacional›› não exclue o luxo dos seus commodos, admiravel e magnifico.[69]



3.80



3.81



3.82

3.80 - Janelas do primeiro piso, no pátio interior da casa Ricardo Severo, Julho de 2019.
3.81 - Pátio visto do primeiro piso.
3.82 - Corredor do primeiro piso, é possível observar a luz que vem do pátio e ilumina as divisões.

67 Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes, *História Da Arte Em Portugal - Vol. 14*, A Arquitectura Moderna, p. 15.
68 Ibidem.
69 António Rocha Peixoto, "A Casa Portugueza" in *Serões*, p. 319.

3.83



3.84



3.85



3.86



3.87



3.83 e 3.84 - Sala de visitas <<estilo Luís XVI>>, piso 1 da casa Ricardo Severo.
3.85- Salão de Jantar (Estilo Renascença), no piso nobre da casa Ricardo Severo. É possível observar as iniciais de Ricardo e Francisca, na lareira.
3.86 - Sala do rés-do-chão. O fogão-de-sala contém o brasão da família Pinto de Mesquita, adicionado por António Pinto de Mesquita.
3.87 - Perspetiva de um dos corredores do piso 0, com acesso ao pátio central.

Severo organiza a casa em dois pisos (Figuras 3.88 e 3.89), tentando recuperar o "andar nobre", presente nos solares ricos e nas casas populares. Nas tipologias referidas anteriormente, o rés-do-chão estava reservado para os animais ou para atividades dos serviços. Na casa Ricardo Severo as zonas sociais encontram-se no piso 1, no entanto, as zonas íntimas e de serviço distribuem-se entre ambos os pisos, rejeitando a ideia do "andar nobre".

O elemento de maior importância para a distribuição espacial da casa é o pátio central, que ilumina os espaços interiores, desde os corredores às salas.

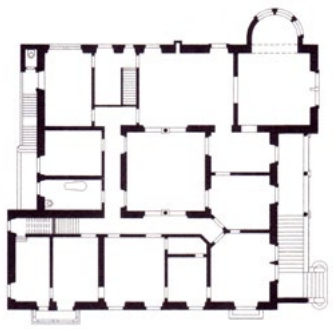
> *(...) o pátio, (...) de dimensões reduzidas, é realmente significativo na articulação do conjunto, pela luminosidade um pouco crua que contrasta deliberadamente com os tons escuros das madeiras de tectos e lambrins das salas contíguas, como a sala da lareira e a biblioteca.* [70]

No entanto, apesar de significativo, segundo os autores da obra "*A Arquitectura Moderna", (...) o pátio em si nada tem de português. Falta-lhe qualquer coisa de recato, de praticável; (...)*[71]

Rocha Peixoto reconhece que o pátio central (Figuras 3.80 e 3.81) não era um elemento comummente utilizado em Portugal, e fala sobre a sua origem: *Á reminiscência árabe ou romana, tam pouco comum entre nós e tão frequente em Hespanha, liga-se a adopção d'um pateo interior(...)*[72].

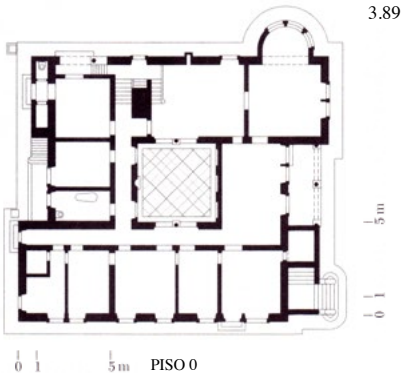
Relativamente à organização interna, a planta divide-se em três zonas distintas, que abrigam diferentes funções, como é possível observar nas Figuras 3.90, 3.91 e 3.92. Na zona nordeste encontram-se as divisões de convívio, sociais para as visitas, no piso nobre; e íntimas, de uso exclusivo da família, no rés-do-chão. A sul temos a parte íntima e o antigo escritório (atualmen-

3.88



PISO 1

3.89



PISO 0

3.88 e 3.89 - Plantas da casa Ricardo Severo, versão do projeto entregue à CMP em 1902.

70 Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes, *A Arquitectura Moderna,* p. 16.

71 Ibidem.

72 António Rocha Peixoto, "A Casa Portugueza" in *Serões*.

3.90



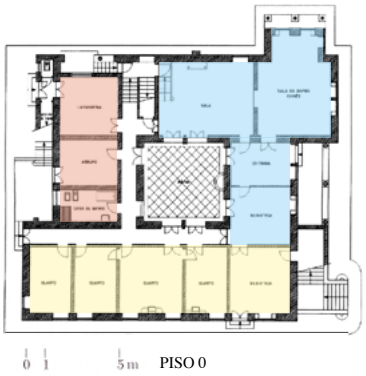
PISO 2 CAVE

3.91



PISO 1

3.92



0 1 5m PISO 0

ZONA SOCIAL

ZONA ÍNTIMA

ZONA DE SERVIÇOS

3.90, 3.91 e 3.92 - Plantas da casa Ricardo Severo, versão do projeto construída. Divisão dos pisos segundo o programa existente.

te biblioteca), distribuindo-se os quartos pelos dois andares. Os serviços localizam-se no canto noroeste da casa, sendo que a lavandaria se localiza no piso inferior e a cozinha no piso superior.

A grande escadaria na fachada principal, descrita acima, continuou a ser o acesso para convidados, que eram recebidos no piso 1. No entanto, esta deixou de ser utilizada frequentemente, o que tornou a entrada norte no acesso principal da casa (esta entrada e escadaria localiza-se entre a zona de serviços e a zona social, o que permitia grande versatilidade de acessos). O acesso ao antigo escritório, na fachada sul, também entrou em desuso, no entanto, as antigas moradoras ainda utilizavam a escadaria de serviço no tardoz, exterior, para aceder diretamente à cozinha.

Nas diferentes divisões não existe uma única inspiração estilística, pelo que diferentes elementos decorativos são organizados lado a lado, misturando estilos e símbolos, como podemos comprovar com a seguinte citação:

> *Só a sala de visitas é clara, o que, até independentemente do facto, para nós hoje disparatado, particularmente no conjunto das intenções, de ser estilo Luís XVI, forma um alegre contraste com um austero e alfo sombrio ambiente do resto das salas.*[73]

Silva Bastos, autor do artigo "*Em casa do sr. Ricardo Severo"*, apresenta dois artistas da época, que *(...) dão graça, corpo e volume á talha: fazem-n'a crescer.* Este mesmo autor descreve com grande detalhe os trabalhos de decoração realizados na casa, *(...) obedecendo ao risco e ao desenho ornamental feito pelo proprio possuidor d'essa graciosa residência (...).*

> *O Pereira Dias executou quasi toda a talha decorativa do interior, sendo particularmente notavel a da mobilia estylo Luis XVI, da sala. (...) O Luis, de Vianna, dá provas da sua pericia, nos dois armarios de estylo flamengo, no armario de estylo renascença e na bella*

73 Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes, *A Arquitectura Moderna,* p. 16.

cadeira ornamentada, de estylo italiano, que ornam o escriptorio. [74]

Severo dava grande importância à sala de jantar (Figura 3.85) e ao fogão-de-sala, que representavam a reunião em família. O fogão-de-sala esteve presente em todas as salas de jantar projetadas por Severo.

Os novos proprietários da Casa Ricardo Severo, a família Pinto de Mesquita, foram adaptando a casa à sua forma de viver. O segundo proprietário da casa, António Pinto de Mesquita, mandou colocar o brasão da família no fogão-de-sala do rés-do-chão, presente na Figura 3.86. Esta sala, outrora de uso exclusivo da família, passou a ter também um papel social, tornando-se sala de visitas.

O terceiro proprietário, António Pedro Pinto de Mesquita, foi responsável por duas modificações. Na biblioteca do rés-do-chão, ergueu uma parede (criando um vestíbulo de entrada), deixando claro o desejo de criar uma entrada social neste piso, reforçando o desuso da escadaria principal de acesso ao piso nobre. Foram também rasgados dois novos vãos na biblioteca e no novo vestíbulo, que abriam estas divisões para o pátio central, criando uma melhor iluminação dos ambientes.

Termina-se esta análise descritiva com as palavras de Rocha Peixoto, sobre a casa:

> *Esta casa, pois, com as suas magnificencias de interior e os confortos facilmente deprehensiveis, constitue um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume epochas, estylos e influencias atravez da capacidade e do sentimento nacionaes.*[75]



3.93

3.93 - Entrada norte e escadaria que se localiza entre a zona de serviços e a zona social, casa Ricardo Severo.

74 Silva Bastos, "Em casa do sr. Ricardo Severo", in Jornal *Diário Illustrado*, 13/Maio/1906, p. 2.

75 António Rocha Peixoto, "A Casa Portugueza" in *Serões*, p. 319.

3.3. INTERVENÇÃO NA CASA RICARDO SEVERO

3.94



3.94 - Alçado Poente da Ricardo Severo enquadrada pela janela do Hospital Lusíadas Porto, obra também realizada pela CPrata Arquitetos.

A CPrata Arquitetos é o atelier de arquitetura encarregue da reabilitação em curso da casa Ricardo Severo (Figura 3.94). Parte a proposta de recuperação deste edifício centenário de um cliente francês, que pretende instalar um pequeno hotel no edifício em questão, que pudesse *(...) vir a constituir uma oferta de mercado não estandardizada, por decorrer do respeito integral pelas condições do sítio e do edificado existente.*[76]

A Casa Ricardo Severo sofrerá ligeiras alterações e ampliações de modo a tornar-se num Hotel de 5 estrelas, com o total de 18 quartos. Para adaptar o edifício existente ao novo programa preveem-se algumas alterações a nível da compartimentação interior e a ainda criação de um novo edifício, que se liga ao edifício existente ao nível da cave. Consoante a memória descritiva entre à CMP por ocasião do Pedido de Informação Prévia (PIP), esta intervenção segue o estabelecido no Plano Diretor Municipal do Porto (PDM), *(...) que classifica o edifício e o jardim como tendo interesse patrimonial e paisagístico a salvaguardar e valorizar*[77], pelo que qualquer intervenção está condicionada pelos artigos regulamentares:

- artigo 5º e artigo 6º: Espécies arbóreas classificadas e protegidas;

- artigo 40º: Áreas verdes privadas a salvaguardar;

- artigo 44º: Áreas com interesse urbanístico e arquitetónico; - artigo 45º: Imóveis de interesse patrimonial;[78]

- artigos 80 a 83: Área crítica de recuperação e recon-

76 Excerto da memória descritiva do PIP, entregue à CMP em Julho de 2019 pela CPrata Arquitetos.

77 Excerto da memória descritiva do PIP, Julho de 2019, p. 1.

78 Artigo 45.º - Imóveis de interesse patrimonial:
"1 - Os imóveis de interesse patrimonial, identificados na planta de ordenamento — carta do património e no anexo I-A deste Regulamento, correspondem a imóveis que, pelo seu interesse histórico, arquitetónico ou ambiental, devem ser alvo de medidas de proteção e valorização.
2 - Sempre que a tipologia arquitetónica o permita, admitem-se obras de alteração e ampliação, desde que devidamente justificadas e que não desvirtuem as características arquitetónicas e volumétricas do existente, devendo a operação colher parecer prévio dos serviços competentes.
3 - A demolição total ou parcial de imóveis de interesse patrimonial é sujeita a parecer prévio dos serviços competentes e só é permitida por razões que ponham em causa a segurança de pessoas e bens, de salubridade e higiene e, ainda, nos casos em que a mesma tenha como objetivo a qualificação arquitetónica ou urbanística.

versão urbanística.[79]

De acordo com o PDM, a Casa Ricardo Severo é um Imóvel de Interesse Patrimonial (referenciado como C69)[80], e qualquer intervenção realizada terá de ser executada com extremo cuidado e rigor, de forma a manter a riqueza e a singularidade da obra original.

Foi realizada uma investigação histórica na primeira fase de contacto com a propriedade, de modo a conhecer numa globalidade a obra original, o seu construtor e o momento histórico e social em que foi pensada e construída. Nesta primeira fase foi realizado também um *(...) levantamento arquitectónico pormenorizado do edificado existente (...)* e *(...) um inventário e mapificação das espécies vegetais existentes*[81].

A partir do diagnóstico e do levantamento da situação existente foi possível constatar que o edifício se encontra em bom estado de conservação, e *(...) com uma assinalável qualidade de construção e materiais de acabamento, interiores e exteriores, (...) o mesmo podendo ser assinalado relativamente ao jardim e à qualidade das suas espécies vegetais*[82].

Nas próximas páginas será exposto o projeto de reabilitação da autoria do Arq. Carlos Prata para a Casa Ricardo Severo, bem como o processo projetual da intervenção nos vãos exteriores da casa, a cargo da Nuno Valentim, Arquitectura e Reabilitação, Lda. Este processo, acompanhado passo a passo pela autora da dissertação, apresenta-se num tom mais pessoal e em formato de Diário de Bordo, distinguindo-se do restante corpo da dissertação ao nível da cor.

Apesar dos trabalhos de construção se estenderem até 2022, para a presente investigação apenas foi considerada a evolução da intervenção entre Julho de 2019 e Outubro de 2021, sendo que esta janela temporal corresponde ao tempo de elaboração da presente dissertação.

79 Memória descritiva do PIP, p.1.

80 No Plano Diretor Municipal (PDM) do Porto.

81 Excerto da memória descritiva do PIP, Julho de 2019, p.2.

82 Continuação do excerto da memória descritiva.

3.3.1. FICHA TÉCNICA | REABILITAÇÃO DA CASA RICARDO SEVERO

Localização:	Rua de Ricardo Severo, 21 a 83, Porto
Data da construção inicial:	1902 - 1904
Autoria da construção inicial:	Ricardo Severo
Programa funcional original:	Habitação unifamiliar
Programa funcional proposto:	Serviços – Hotel 5 estrelas
Estado de ocupação anterior à intervenção:	Desocupado há vários anos
Estado de conservação:	Bom estado de conservação
Área do lote:	2.840 m2
Área logradouro:	2.351,79 m2
Área bruta/ pisos:	1025 m2 /4 pisos (1 abaixo da cota de soleira; 3 acima da cota de soleira)
Data do projeto:	2019
Data de construção:	2020-2022
Tramitação legal/ Licenciamento:	Licenciamento Abril 2020
Autoria do projeto de reabilitação arquitetónica:	Carlos Prata (CPrata Arquitetos)
Consultoria Vãos Exteriores:	Nuno Valentim (Nuno Valentim, Arquitectura e Reabilitação, Lda)



3.95



3.96

3.3.2. DIÁRIO DE BORDO

15 de Outubro de 2019


3.97


3.98


3.99

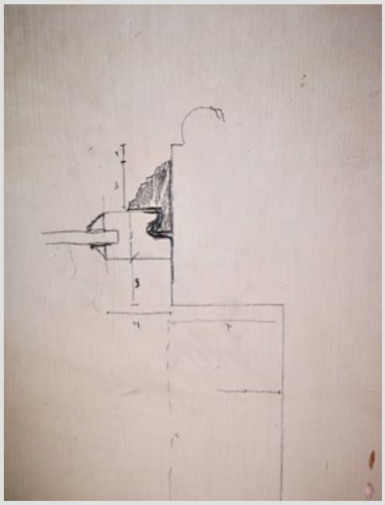
O primeiro contacto com a Casa Ricardo Severo deu-se na segunda quinzena de Outubro de 2019 (Figura 3.97 a 3.100). Antes da visita à obra foi realizada uma breve reunião em que foram transmitidas informações sobre o edifício e o programa proposto pela nova intervenção. O projeto de intervenção previa transformar a Casa Ricardo Severo, uma moradia unifamiliar, num Hotel de 5 estrelas. A Nuno Valentim, Arquitetura e Reabilitação, Lda teria liberdade para intervir nos vãos exteriores da casa, podendo optar por desenhar caixilharias totalmente novas ou reutilizar as caixilharias exteriores existentes.

Estava definido que o foco da intervenção seriam os vãos exteriores dos quartos do hotel, cujas caixilharias necessitavam de garantir um excelente desempenho térmico e acústico. Nas zonas comuns (cafetaria, entrada, sala de estar) e nas zonas de serviços (lavandaria, cozinha e casas de banho) era possível simplesmente restaurar as caixilharias de vidro simples existentes. O chiller do edifício vizinho (Hospital Lusíadas Porto) e a via construída de paralelos (da Rua Ricardo Severo) eram as grandes preocupações ao nível de acústica. Ainda na reunião, foi apresentado um primeiro esboço de mapa de vãos, que dividia por tipo as janelas da casa e serviu de base para a visita à obra.

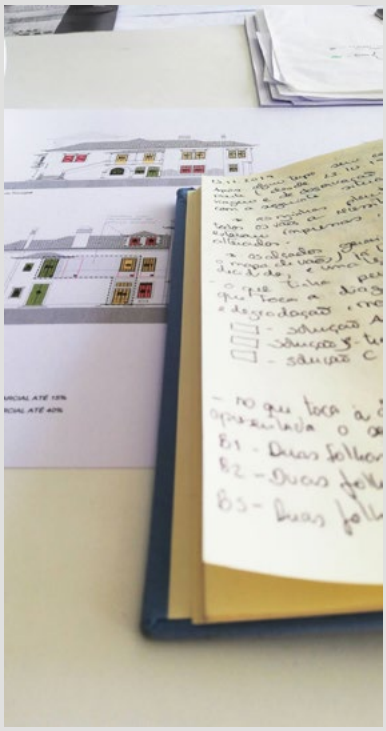
Partimos para a morada - Rua de Ricardo Severo, nº 21 a 83, Porto - e realizamos uma visita geral à obra. Neste primeiro contacto com a obra, foi possível constatar que existiam mais tipos de janelas do que tínhamos previsto a partir dos alçados fornecidos pela equipa responsável pelo projeto de arquitetura, pelo que era necessário criar uma nova divisão e definir uma chave para distinguir e inserir as diferentes caixilharias no mapa de vãos. Para além disto, a visita à obra foi essencial para efetuar o estudo diagnóstico, verificar o estado de conservação de cada janela e perceber o funcionamento das caixilharias de madeira existentes na Casa.

Ao nível de levantamento, foram realizadas algumas medições nas caixilharias e foram fotografadas, pelo interior, todas as janelas pertencentes a quartos, com o intuito de catalogá-las

3.100



3.101



3.97, 3.98, 3.99 e 3.100 - Fotografias tiradas durante o levantamento de 15 de Outubro e desenho realizado durante a visita.
3.101 - Diário de bordo e folhas de apresentação do mapa de vãos, em estudo.

de forma eficiente. Desta visita foram retiradas diversas conclusões relativas aos vãos em que iríamos intervir:

- Os quartos localizam-se principalmente nas fachadas Sul e Poente, enquanto as zonas sociais e de serviços se localizam a Este e a Norte.

- A maioria dos vãos pertencentes aos futuros quartos encontrava-se muito danificado pela luz solar e pelas intempéries. Quase todas as caixilharias da fachada Norte se encontram em bom estado.

- Os vãos que possuíam janelas de guilhotina apenas tinham 1 cm livre de padieira, não sendo possível adicionar uma segunda janela pelo interior.

- Relativamente às janelas de batente existentes na Casa, existiam dois tipos que se repetiam pela casa e duas janelas de batente singulares. O primeiro tipo de janelas de batente apresentava 3 cm livres na padieira, já o segundo tipo de janelas de batente apresentava 7 cm livres de padieira - sendo este o espaço livre para uma possível intervenção/ adição de outra janela pelo interior. As janelas de batente singulares apresentavam as portadas embutidas nas folhas da janela, sendo o mecanismo de fecho das portadas diferente das restantes janelas de batente existentes na casa; neste caso existiam 12 cm livres para uma possível intervenção/ adição de uma nova caixilharia pelo interior.

15 de Outubro de 2019 - 13 de Novembro de 2019

Depois da primeira visita à obra, foram analisados os dados recolhidos e traçado o plano de trabalho. Começou-se por atualizar o esboço inicial do mapa de vãos, criando uma nova divisão das janelas existentes (Figura 3.101). Este mapa de vãos, que sintetiza tanto o tipo como o estado de conservação de cada vão, é apresentado sobre os alçados e cortes gerais, à escala 1/200, devidamente legendado. Era necessário identificar e registar nas plantas todos os vãos exteriores que necessitavam de garantir um excelente desempenho térmico e acústico.

No que respeita a divisão dos vãos exteriores por tipo, formaram-se as seguintes categorias:

B1 - Janela de batente, duas folhas + bandeira;

B2 - Janela de batente, duas folhas + bandeira autónoma;

BS - Janela de sacada, duas folhas + bandeira;

G - Janela de guilhotina;

S - Janelas singulares;

V - Vitrais.

Foi ainda definida uma legenda relativa ao nível de conservação de cada vão e correspondente solução interventiva, como é possível verificar nos alçados das Figuras 3.102 a 3.105:

- Solução A- Tratamento e substituição parcial até 15%;
- Solução B - Tratamento e substituição parcial até 40%;
- Solução C - Substituição integral.

No mapa de vãos foi também adicionada uma pequena nota aos vãos exteriores dos quartos, com a indicação do espaço livre para a intervenção. Ou seja, todos os vãos que necessitavam de garantir um excelente desempenho térmico e acústico apresentam esta nota, que pode tomar vários valores, como 1 cm (no caso das janelas de guilhotina, G), 3 cm ou 7 cm (no caso das janelas de batente, B1 e B2), 7 cm (no caso das janelas de sacada, BS) e N, para assinalar as janelas que seriam substituídas por novas.

Tendo em conta a grande diversidade de janelas presente na Casa, optou-se por realizar inicialmente o pormenor rigoroso de um dos tipos de janela mais repetido na Casa Ricardo Severo. A solução reabilitativa de cada um destes vãos exteriores está associada às suas particularidades construtivas e ao programa da divisão a que estão associados. Assim, todas as intervenções realizadas nas caixilharias de madeira existentes na Casa partem do mapa de vãos realizado, que sintetiza as especificidades e estado de conservação das várias janelas existentes na Casa Ricardo Severo.

3.102



3.103



3.104



3.105



Estado de Conservação e Intervenção:

Solução A - Tratamento e substituição parcial até 15%.

Solução B - Tratamento e substituição parcial até 40%.

Solução C - Substituição integral.

3.102 - Alçado Principal (Nascente) e Estado de Conservação dos Vãos, Casa Ricardo Severo, Outubro de 2019.
3.103 - Alçado Tardoz (Poente) e Estado de Conservação dos Vãos, Casa Ricardo Severo, Outubro de 2019.
3.104 - Alçado Lateral Direito (Norte) e Estado de Conservação dos Vãos, Casa Ricardo Severo, Outubro de 2019.
3.105 - Alçado Lateral Esquerdo (Sul) e Estado de Conservação dos Vãos, Casa Ricardo Severo, Outubro de 2019.

(CP + NV + MM)

15 de Dezembro de 2019 - 25 de Dezembro de 2019

Já tinham sido efetuadas duas visitas à obra[83], entre Julho e Outubro de 2019, e aproximava-se a reunião com a equipa de arquitetura. Completos os desenhos gerais, era necessário desenhar o pormenor construtivo de um dos vãos existentes na casa. Foi escolhido o vão tipo B1 (janela de batente com duas folhas de peito e bandeira), que dispunha de 3 e 7 cm de espessura livres para a intervenção, por ser o tipo que mais vezes se repete, especialmente nos quartos, em que a intervenção seria mais invasiva.

Ao desenhar o pormenor tipo B1 das caixilharias, representado na Figura 3.106, deparámo-nos com uma grande falta de informação, tanto numérica como fotográfica. Para ultrapassar esta situação foram utilizadas as medidas gerais que tínham sido recolhidas no levantamento de dia 15 de Outubro, conjugadas com fotografias da obra.

Foi realizado um primeiro esboço do pormenor e ficou combinado que visitaríamos a obra novamente, para acertar as medidas do pormenor e para fotografar todos os vãos pelo exterior, de modo a termos um registo fotográfico de todas as janelas.

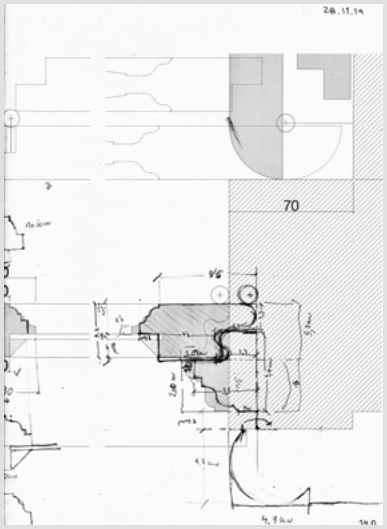
28 de Novembro de 2019

Nesta visita, estava muito bem estruturado o que se ia fazer: era necessário tirar todas as medidas e fotografias possíveis da janela tipo B1, de forma a completar o levantamento deste vão; para além disto, era necessário fotografar cada vão, pelo exterior, para completar a reportagem fotográfica das caixilharias.

Infelizmente, no dia e hora escolhidos para o levantamento só dispusemos de uma hora e meia de luz solar para o realizar. Durante esta janela temporal foram tiradas algumas medidas e várias fotografias com o auxílio de escala métrica, para

83 Até à data foram realizadas duas visitas à Casa Ricardo Severo: 1ª visita, em 19 de Julho de 2019, quando ainda não estava a acompanhar e a documentar o processo, com NV; e uma 2ª visita, em 15 de Outubro de 2019, já documentada neste diário de bordo.

3.106



3.107



3.108



3.106 - Pormenor base e alterações efetuadas durante o levantamento de 28 de Novembro de 2019 (NV + MM).
3.107 e 3.108 - Fotografias tiradas durante o levantamento.
3.109, 3.110 e 3.111 - Análise das amostras recolhidas na obra.

3.109



3.110



3.111



análise posterior no gabinete (Figuras 3.107 e 3.108). Não foi possível completar o levantamento necessário para a realização de um corte vertical, mas estavam asseguradas as medidas para completar o pormenor horizontal.

Apesar da chuva intensa, foram fotografadas as caixilharias a partir do exterior. Foram também recolhidas algumas amostras de caixilharias das janelas do piso 0, que se encontravam em muito mau estado de conservação, para análise posterior.

29 de Novembro de 2019 - 2 de Dezembro de 2019

No dia a seguir ao levantamento foi analisado o material recolhido, o que incluiu serrar as amostras das caixilharias recolhidas (Figuras 3.109, 3.110 e 3.111). A partir das amostras foi possível decalcar e desenhar em CAD o pormenor horizontal da janela tipo B1.

De 29 de Novembro a 2 de Dezembro foi desenhado o primeiro pormenor realizado, com o auxílio das novas medidas recolhidas. Era ainda necessário definir uma proposta que permitisse adicionar uma segunda caixilharia nas janelas que necessitavam de ter um desempenho térmico e acústico excelentes. Este problema persistia desde o início, pois existia muito pouco espaço livre para a instalação de uma segunda caixilharia - a melhor das hipóteses apresentava 7 cm livres, e a hipótese mais desfavorável apresentava 3 cm ou 1 cm no caso das janelas de guilhotina.

Ao final do dia de 2 de Dezembro de 2019 foi possível chegar a uma solução que permitia a adição uma segunda caixilharia nos 3 cm disponíveis, na janela tipo B1:

- No caso dos 7 cm livres, podia-se simplesmente adicionar uma segunda caixilharia de vidro simples no espaço disponível (sendo esta segunda caixilharia mais simplificada que a original, mas mantendo o vidro simples e a madeira).

- No caso dos vãos com apenas 3 cm livres de padieira para intervenção, era necessário alterar a localização da guarni-

ção de madeira que envolve a abertura na parede. Toda a guarnição tinha de se deslocar 4 cm para o interior, de modo a completar os 7 cm disponíveis na maioria das janelas tipo B1. Assim, utilizava-se exatamente a mesma solução que na hiótese mais favorável, apenas alterando a localização da guarnição.

Relativamente às janelas de guilhotina (que dispunham de apenas 1 cm livre para intervir) e às janelas que iriam ser rasgadas ou substituídas por novas, optou-se por aguardar pela reunião e discutir com a CPrata Arquitetos sobre qual a melhor forma de intervenção.

Preparação para a Reunião

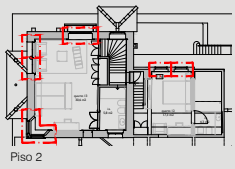
Para a reunião, decidiu-se mostrar primeiramente o estado de conservação e o tipo de abertura de cada vão exterior, apresentando os alçados gerais com estas indicações, à escala 1/200 (Figuras 3.115 a 3.1120).

Numa segunda folha foram identificados os vãos com necessidade de cuidado acústico e térmico, tanto em planta como em alçado e corte, mantendo a escala 1/200. Para sintetizar todos os dados apresentados, foi adicionada uma tabela, com a quantidade total de vãos e com as suas diferentes naturezas e possíveis intervenções.

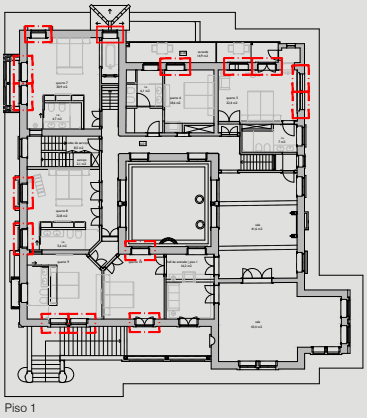
A partir do levantamento realizado, apresenta-se o vão tipo B1 - na vertente que dispõe de 7 cm livres para intervir - com planta e alçados à escala 1/20, bem como o pormenor horizontal de toda a zona deste vão, incluindo a guarnição (Figuras3.121 a 3.124).

Seriam ainda apresentadas várias propostas de intervenção, tanto nas janelas que dispõem apenas de 3 cm livres como nas que apresentam 7 cm livres para intervenção. As propostas visavam a adição de uma segunda caixilharia ou a simples reposição, melhorando a caixilharia original, como é possível verificar da Figura 3.125 a 3.128.

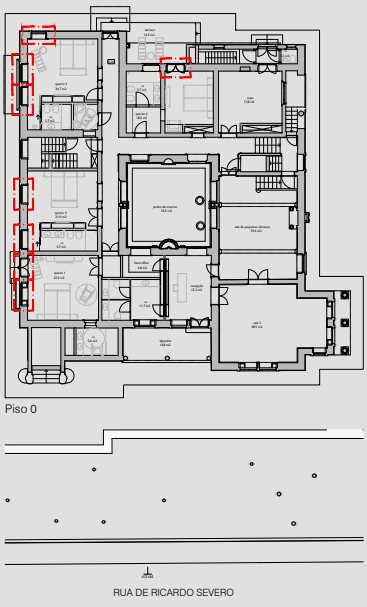
3.112



3.113



3.114



3.112, 3.113, 3.114 - Planta do piso 2, 1 e 0 da Casa Ricardo Severo, assinalado a vermelho temos os vãos com necessidade de cuidado acústico e térmico. As Figuras não se encontram à escala original (CP + NV + MM).

3.115



3.116



3.117



3.118



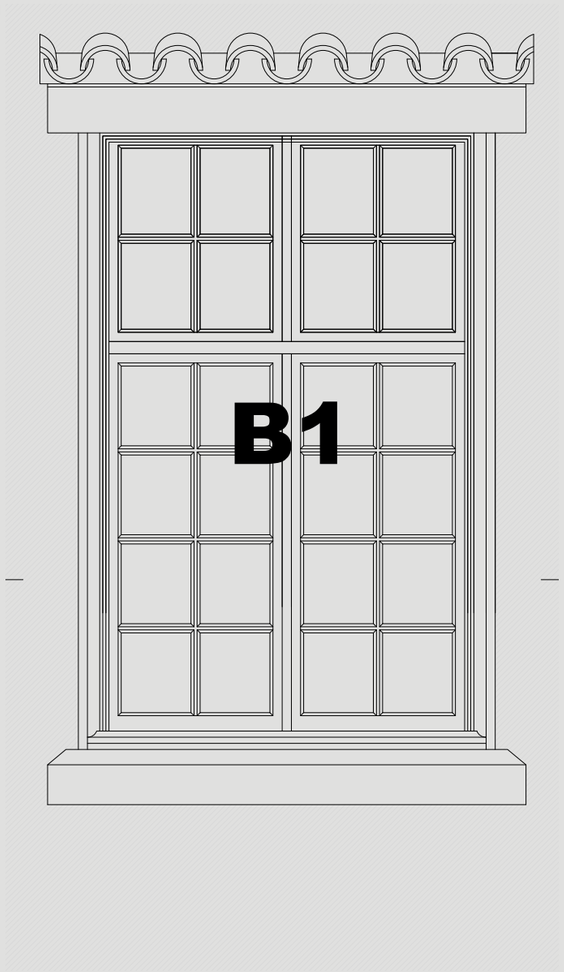
3.119



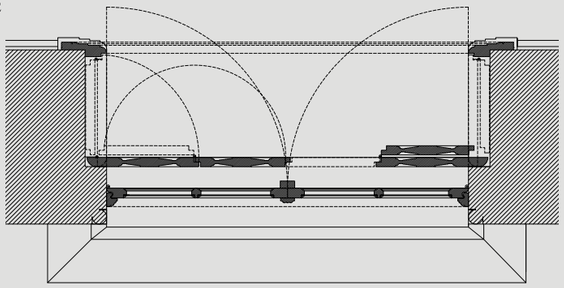
3.120



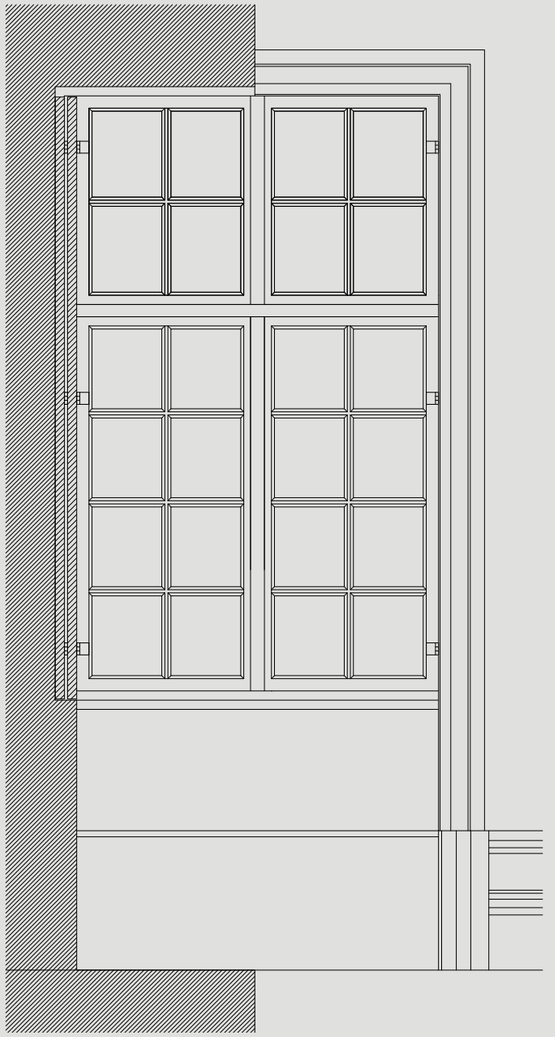
3.121



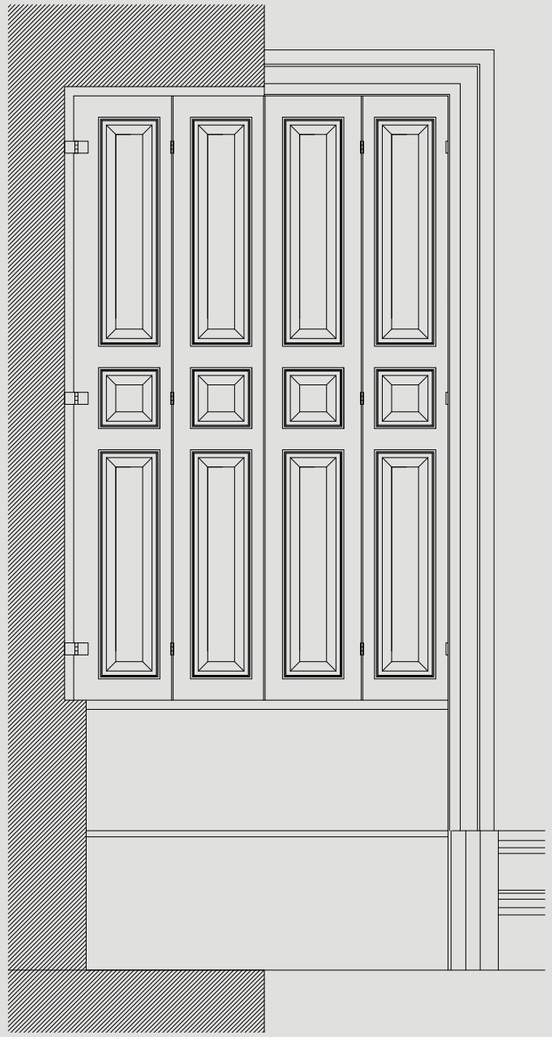
3.122



3.123

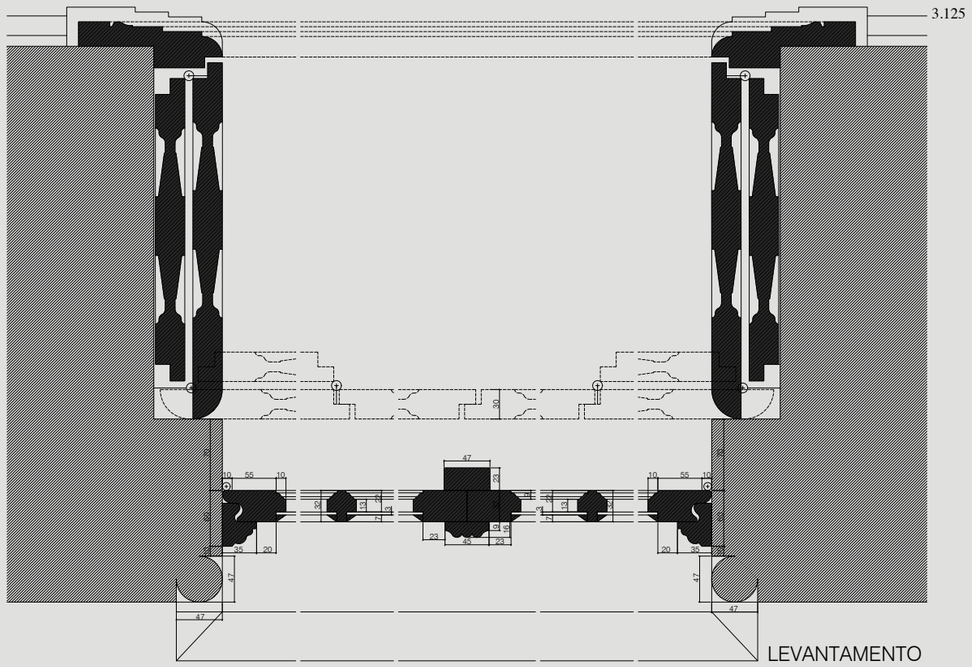


3.124

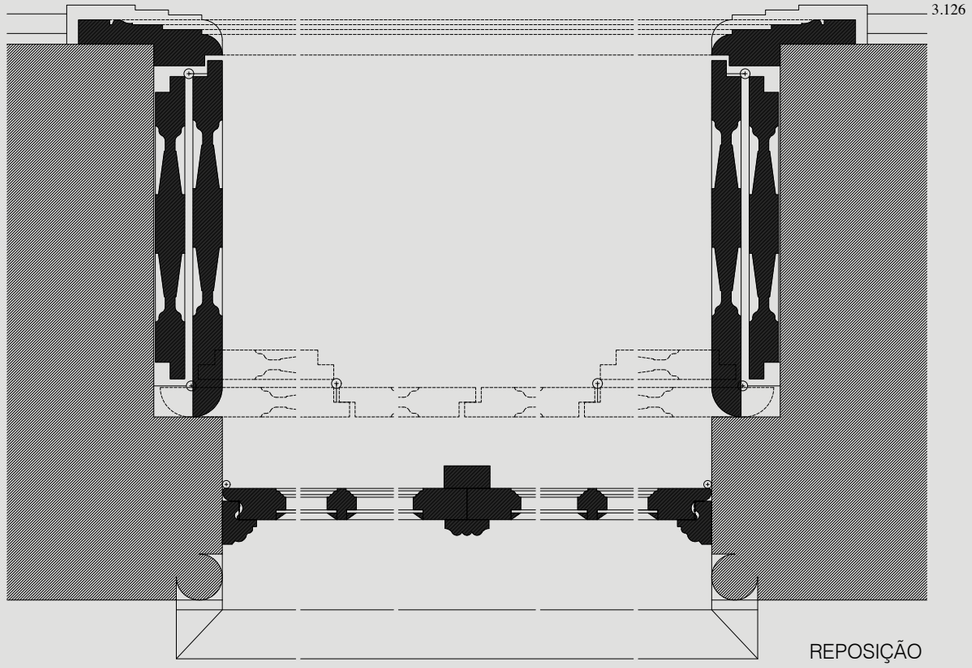


Nas seguintes figuras são apresentados alçados/ cortes gerais da Casa Ricardo Severo. É possível distinguir os vãos com necessidade de cuidado acústico e térmico, pois estão assinalados a vermelho. As Figuras não se encontram à escala original (CP + NV + MM).
3.115 - Alçado principal da Casa Ricardo Severo.
3.116 - Alçado tardoz da Casa Ricardo Severo.
3.117 - Alçado lateral direito da Casa Ricardo Severo.
3.118 - Alçado lateral esquerdo da Casa Ricardo Severo.
3.119 - Corte da Casa Ricardo Severo.
3.120 - Corte da Casa Ricardo Severo.
3.121, 3.122, 3.123, 3.124 - Vão tipo B1, Casa Ricardo Severo. Alçado exterior, planta e alçados/cortes interiores, à escala 1/20.

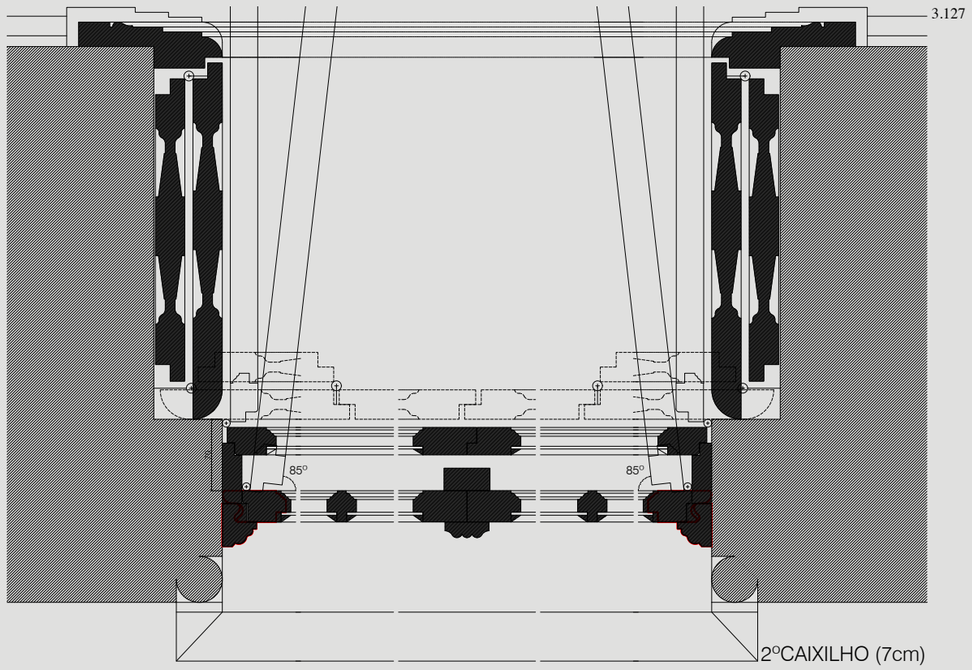
(Nas páginas seguintes, apresentam-se as seguintes figuras (NV + MM):
3.125 - Pormenor do corte horizontal do vão tipo B1, levantamento, sem escala.
3.126 - Pormenor do corte horizontal do vão tipo B1, proposta de reposição para a versão com 7 cm livres, sem escala. Esta proposta é válida para a versão com 3 cm livres.
3.127 - Pormenor do corte horizontal do vão tipo B1, proposta de adição de segundo caixilho pelo interior, para a versão com 7 cm livres, sem escala.
3.128 - Pormenor do corte horizontal do vão tipo B1, proposta de adição de segundo caixilho pelo interior, para a versão com 3 cm livres, sem escala.



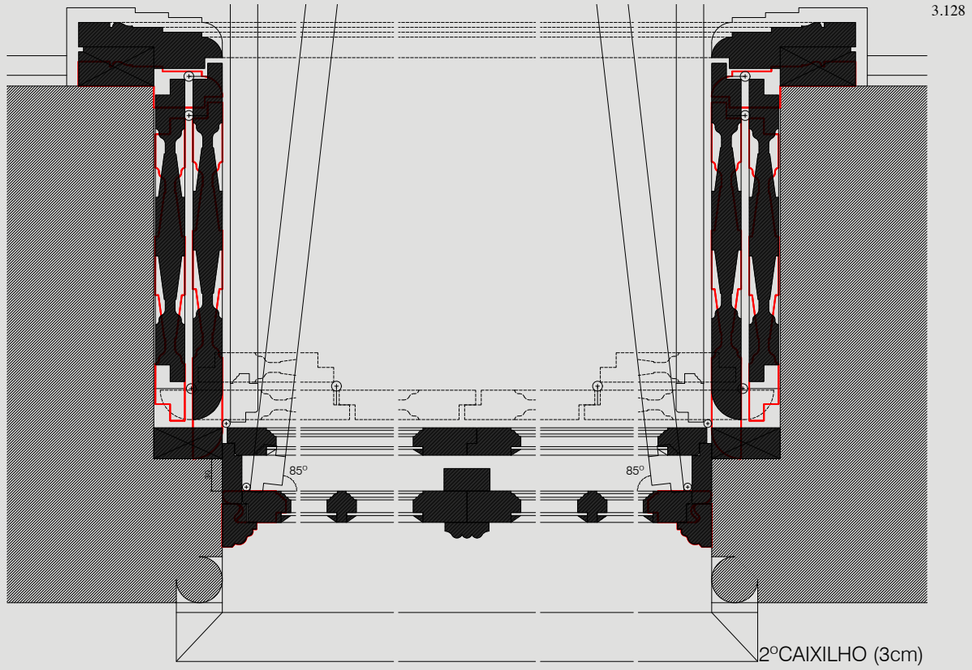
LEVANTAMENTO



REPOSIÇÃO



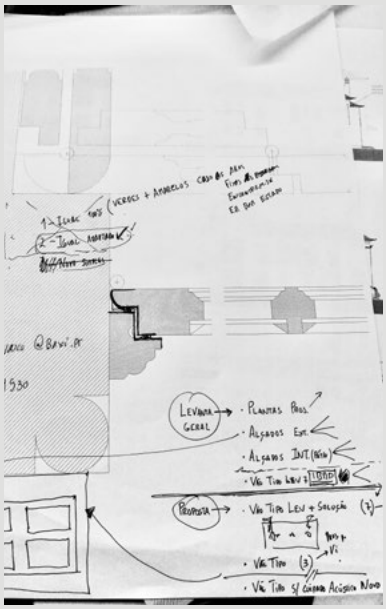
2ºCAIXILHO (7cm)



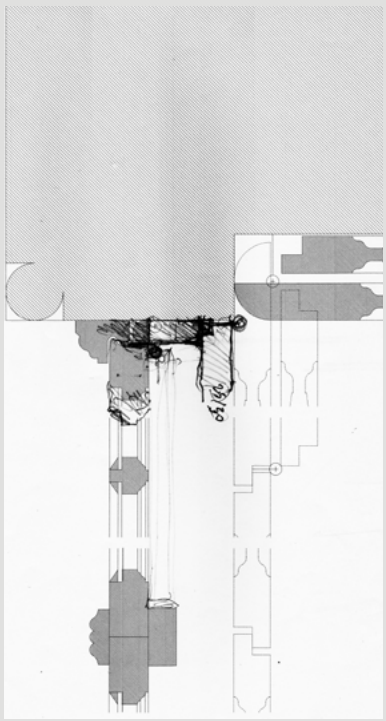
2ºCAIXILHO (3cm)

3 de Dezembro de 2019 | Reunião

3.129



3.130



3.129 e 3.130 - Preparação para a reunião de 3 de Dezembro de 2019. Desenhos elaborados no dia 2 de Dezembro de 2019 (NV + MM).

Na reunião, foram apresentadas as propostas e o trabalho desenvolvido aos responsáveis pelo projeto de arquitetura. Esta primeira reunião foi extremamente útil para esclarecer dúvidas que existiam desde o início da investigação. Durante a reunião foram discutidas diversas temáticas e alcançadas várias conclusões, como:

• O projeto de arquitetura já estava definido quase na totalidade. Os trabalhos começariam pelas obras no telhado, pelo que não seria construída uma cobertura provisória como acontece habitualmente nas intervenções ao edificado existente.

• Vai ser adicionada uma nova caixa de escadas à casa, seguindo as normativas em vigor. Localiza-se na zona sul da casa, num dos quartos originais, pelo que os dois vãos exteriores presentes nessa zona da fachada deixarão de ser acessíveis. Um deles será ultrapassado pelo patamar médio das escadas e o outro vão exterior tornar-se-á inalcançável ao utilizador.

• Vai ser adicionada uma *mezzanine* a uma das suítes, integrando o novo pavimento acima da bandeira do vão exterior existente na divisão, de forma a não perturbar o alçado exterior existente.

• O pátio, localizado no centro da casa, vai deixar de ser exterior e passar a ser interior, com a criação de uma espécie de jardim de inverno. Para tal será adicionada uma cobertura entre o piso 0 e o piso 1 da casa.

• Dos 78 vãos existentes na Casa Ricardo Severo, 49 vãos estão associados a zonas sociais e de serviços, enquanto 29 estão associados a zonas de quartos, com elevada exigência térmica e acústica.

• Nos quartos, teríamos obrigatoriamente de duplicar a caixilharia, ou poderíamos, num número muito limitado de vãos, substituir a caixilharia existente por uma totalmente distinta (Figuras 3.129 e 3.130).

• O arquiteto responsável não deseja manter janelas de guilhotina existentes na casa, nem pretende que a proposta para os vãos exteriores inclua vãos desta natureza. Todas as janelas deveriam passar a ser de batente (de peitoril ou de sacada), pelo que era necessário redesenhar todas as janelas de guilhotina.

• A janela de guilhotina de canto, presente no torreão do edifício, também seria alterada. Esta poderia ser incluída nos vãos que apresentam uma linguagem diferente da existente na casa.

• Na fachada tardoz, virada a oeste, o projeto de arquitetura propõe a construção uma nova varanda. Será aberto um novo vão, de forma a garantir o acesso de um dos quartos a essa varanda. Será necessário definir também uma proposta de caixilharia para este vão.

Ficou combinada uma reunião para breve, em conjunto com as outras especialidades e com o cliente.

4 de Dezembro de 2019 - 20 de Dezembro de 2019

Durante o mês de Dezembro de 2019, foram desenvolvidas várias propostas de intervenção, para cada vão exterior. Cada caixilharia foi redesenhada com base nas restantes janelas da casa, tendo em conta o alçado em que está inserido o respetivo vão exterior[84].

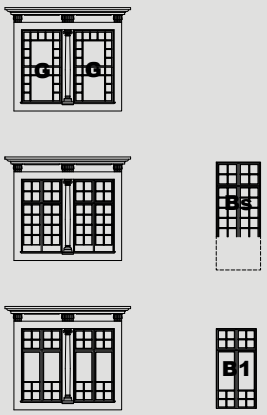
No alçado principal, virado a este, foram alteradas as janelas geminadas de guilhotina. Foram convertidas em janelas de batente, à semelhança das restantes janelas presentes neste alçado, que estão associadas a zonas sociais (Figuras 1.131 a 1.133). Na fachada principal, as janelas do piso 1 diferem das outras janelas existentes na casa, pois são constituídas por vidros simples de maiores dimensões, o que se traduz num menor número de pinázios e, por conseguinte, numa maior transparência. Esta distinção reforça a ideia do piso nobre dos solares barrocos, dando grande importância à fachada principal e aos seus vãos exteriores, mais trabalhados que os demais.

No alçado tardoz, existiam três situações em que era necessário intervir (Figura 1.137):

• Era necessário substituir uma janela de guilhotina existente por uma nova de batente (Figura 1.134). Neste caso,

84 Esta opção justifica-se pelo facto de não ser possível limpar o exterior das janelas de guilhotina facilmente. O fato de o novo programa ser um hotel pressupõe um serviço de limpeza diária das janelas, ação que não é possível garantir com as janelas de guilhotina.

3.131



3.131 - Versão original das guilhotinas geminadas da fachada principal e duas opções interventivas de substituição, baseadas em janelas existentes no mesmo alçado.
3.132 - Alçado Principal da Casa Ricardo Severo, escala 1/200. Todas as janelas que necessitam de cuidado acústico e térmico encontram-se assinaladas a tracejado vermelho.
3.133 - Proposta de intervenção no Alçado Principal da Casa Ricardo Severo, escala 1/200. Substituição das janelas geminadas de guilhotina por janelas de batente.

(CP + NV + MM)

3.132



3.133



optou-se por um desenho semelhante ao da janela de batente de peitoril, existente ao lado. Tendo as duas janelas dimensões semelhantes, não foi necessário reajustar as proporções da caixilharia.

• Existia uma janela de guilhotina que deveria ser rasgada de forma a tornar-se uma janela de batente de sacada que dava acesso à nova varanda, prevista no projeto de arquitetura (Figura 1.135). Este caso pressupunha uma substituição por uma nova janela, tanto pelo tipo como pelas novas dimensões, pelo que foi proposta uma janela de sacada semelhante a uma das existentes no mesmo alçado, que apresentava dimensões semelhantes.

• Existia também o caso das duas janelas de batente singulares, diferentes de todas as outras existentes na casa (Figura 1.136). Nestas janelas, as portadas encaixam-se na própria caixilharia, ao contrário do que sucede no resto da casa. Esta última situação era a mais complexa, pois estas janelas não estavam previstas no requerimento original entregue na CMP em 1902, daí serem distintas das anteriores. Existiam 3 opções para intervir nestas duas janelas, que faziam parte do antigo quarto dos empregados:

Opção A: Manter a aparência exterior das caixilharias e alterar o mecanismo do fecho das portadas interiores; esta opção mantinha a aparência das caixilharias existentes e a concordância com o restante alçado;

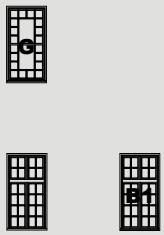
Opção B: Criar uma nova caixilharia sem pinázios e manter a bandeira, também sem pinázios; nesta opção o vão estaria dividido em quatro telas de vidro (duas folhas + duas folhas da bandeira), alterando completamente a composição da fachada;

Opção C: Retirar a bandeira existente e manter as duas folhas de batente, com ou sem pinázios, de modo a criar mais luz no interior e aligeirar o exterior. Esta opção seria dissonante com o alçado original.

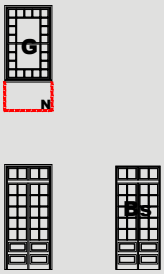
Optou-se pela opção A, adaptar as caixilharias, mantendo aparência original e a concordância com o restante alçado (Figura 3.138).

No alçado lateral norte (Figura 1.140), em que se localizam as zonas sociais e os serviços, apenas estava prevista a in-

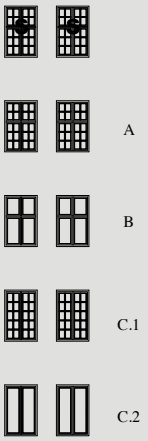
3.134



3.135



3.136



3.134 - Janela de guilhotina original e proposta interventiva de substituição por nova janela de batente.
3.135 - Janela de guilhotina original e proposta interventiva de substituição por nova janela de sacada e batente.
3.126 - Dupla de janelas singulares e várias propostas de intervenção/ substituição .
3.137 - Alçado Tardoz da Casa Ricardo Severo, escala 1/200. As janelas que necessitam de cuidado acústico e térmico encontram-se assinaladas a tracejado vermelho.
3.138 - Proposta de intervenção no Alçado Tardoz da Casa Ricardo Severo, escala 1/200. (CP + NV + MM)

3.137


S
S
Bs
7
G
B1
G
1
B1
7
N
S
Bs
7
B1
Bs
B1
7

3.138


B1
B1
Bs
7
Bs
B1
B1
S
B1
7
S
Bs
7
B1
Bs
B1
7

tervenção num conjunto de duas janelas singulares, localizadas sobre os arcos que marcam a entrada de serviço (Figura 1.139). O projeto de arquitetura previa o rasgo dos dois postigos existentes, pertencentes à antiga cozinha, para melhorar a iluminação natural no futuro quarto de hotel. A fachada norte apresenta janelas de batente com diferentes expressões, pelo que existiam várias opções para o redesenho destas janelas. Pretendia-se manter o equilíbrio da organização da fachada pensada por Ricardo Severo e, assim, existiam duas possibilidades de intervenção:

Opção A - Substituir por janelas de batente, com pinázios, uma linha de bandeira com 2 caixilhos em cada folha da bandeira. Esta opção foi inspirada na janela de batente de peito, localizada sobre o vitral desta fachada.

Opção B - Substituir por janelas de batente, com pinázios, mas que apresentasse duas linhas na bandeira, ou seja, 4 caixilhos em cada folha da bandeira. Esta opção inspira-se nas duas janelas de batente tipo B1, que se encontram simetricamente dispostas no piso 1, de ambos os lados do vitral.

Ambas as opções estão em conformidade com o alçado original. Optou-se pela versão com apenas uma linha de bandeira, proposta pela opção A (Figura 1.141).

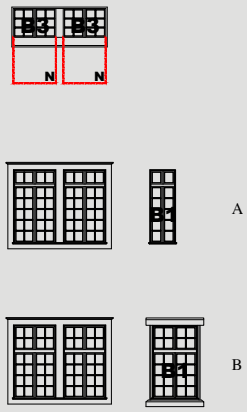
No torreão do Alçado Lateral Esquerdo (Figura 1.144), existiam dois conjuntos de janelas para alterar:

• Duas janelas singulares de canto (Figura 3.143): dois postigos com uma grelha de ferro cruzada. Foram pensadas duas opções interventivas, sendo em ambas estava contemplada a remoção da grelha existente.

Opção A: Poder-se-ia manter o caixilho existente de vidro simples ou refazê-lo com vidro duplo, mantendo as dimensões atuais;

Opção B: Poder-se-ia rasgar a parede e criar vãos maiores, com uma altura semelhante à da janela de canto da torre. O aspeto final desta opção (com ou sem pinázios) seria decidido consoante a proposta para a janela de canto.

• A janela de canto da torre, composta por duas janelas de guilhotina (Figura 3.142). A posição privilegiada destas janelas, posicionadas no canto da torre, tornava este caso extre-



3.139

3.139 - Janelas singulares originais e propostas interventivas de substituição por novas janelas de batente.
3.140 - Alçado Lateral Direito da Casa Ricardo Severo, escala 1/200. As janelas que necessitam de cuidado acústico e térmico encontram-se assinaladas a tracejado vermelho.
3.141 - Proposta de intervenção no Alçado Lateral Direito da Casa Ricardo Severo, escala 1/200. (CP + NV + MM)

3.140



3.141



mamente delicado e dificultava a intervenção não só em termos técnicos, na forma como fecham as portadas por exemplo, como também interferia na leitura geral de duas fachadas, a lateral sul e a principal. Sendo o caso mais complexo, existiam várias opções possíveis de intervenção:

Opção A: Uma só folha de batente, com uma travessa a meio, no local onde se separavam as duas folhas da guilhotina, com vidro duplo e sem pinázios;

Opção B: Janela com uma só folha de batente, com uma travessa a meio semelhante à opção A, com vidro duplo e pinázios;

Opção C: Janela de guilhotina, com travessa a meio e pinázios conforme a janela original, mas com vidro duplo e com mecanismo que permitisse remover as folhas da janela para uma limpeza fácil e diária. Esta opção ia contra o discutido na reunião, por manter a natureza do vão;

Opção D: Janela de guilhotina, com travessa a meio, sem pinázios e com vidro duplo. Com o mesmo mecanismo referido na opção C.

Opção E: Janela de batente com uma só folha, sem pinázios e com vidro duplo. Um só pano de vidro.

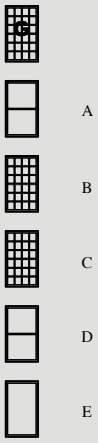
Relativamente a este alçado, optou-se por rasgar os postigos, obtendo assim uma altura semelhante à da janela de canto (Figura 3.145). Não foi possível alcançar uma proposta final para a janela de canto.

Foram atualizados todos os desenhos apresentados na reunião de 3 de Dezembro de 2019, tendo em consideração as informações transmitidas. As mais variadas opções foram desenhadas e posteriormente discutidas, visto não termos conseguido chegar a uma solução final para a janela de canto.

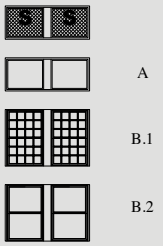
Para decidir qual a melhor solução de intervenção para cada alçado e janela, considerou-se necessário concretizar as novas propostas de alçados sem identificar o estado de conservação assinalado a cores[85]. Assim, seria possível verificar se a proposta de intervenção se adaptava ou não ao alçado original.

85 Para a primeira reunião com a equipa responsá tínhamos optado para apresentar os alçados com a identificação da natureza do vão e com a cor do estado de conservação correspondente.

3.142



3.143



3.142 - Janelas de canto de guilhotina originais e várias propostas de substituição.
3.143 - Janelas singulares com grelhas de ferro cruzadas originais e propostas interventivas de substituição por novas janelas.
3.144 - Alçado Lateral Esquerdo da Casa Ricardo Severo, escala 1/200. As janelas que necessitam de cuidado acústico e térmico encontram-se assinaladas a tracejado vermelho.
3.145 - Proposta de intervenção no Alçado Lateral Esquerdo da Casa Ricardo Severo, escala 1/200. (CP + NV + MM)

3.144


S
N
S
N
G
1
Bs
Bs
Bs
B1
B1
B1
B1
B1
Bs
B1
Bs
B1

3.145


1
Bs
Bs
Bs
B1
B1
B1
B1
B1
Bs
B1
Bs
B1
3
3
7
7
7
7
7
7
7
7

2 de Janeiro de 2020

No dia 2 de Janeiro foram discutidas as várias opções de intervenção, de modo a finalizar a nossa proposta para apresentar à CPrata Arquitetos. Foram expostos, lado a lado, os alçados originais e as várias propostas de alçados - sem o mapa dos vãos e sem as cores identificativas do estado de conservação - para que se verificasse a coerência entre os alçados originais e os novos alçados, modificados.

Foi apenas aprovada a proposta para o alçado principal (as novas janelas de batente ficaram coerentes com a fachada original e os restantes vãos), pois todos os outros alçados não apresentavam uma coerência arquitetónica e as novas propostas necessitavam de afinação. Foram desenvolvidas cerca de cinco opções de intervenção distintas para os restantes alçados (tardoz, lateral norte e lateral sul), até se atingir uma proposta para cada alçado que agradasse nível arquitetónico e que fizesse sentido no conjunto da casa.

No alçado tardoz (Figura 3.146) nenhuma das três intervenções foi avante. Todas as opções de intervenção propostas faziam com que o alçado se tornasse muito pesado em comparação com o alçado original proposto por Ricardo Severo. (Figuras 3.147 a 3.150).

• No caso da janela de guilhotina, a opção de executar uma janela de batente semelhante à do lado foi excluída por ter uma aparência muito carregada. Foram mantidas as proporções da janela de batente vizinha, no entanto, optou-se por utilizar as janelas de batente da fachada principal enquanto inspiração, para alcançar um desenho de janela mais transparente (com uma grande área livre no centro da folha, sem pinázios). Deste modo, mantinha-se a transparência da guilhotina, apesar de alterar a natureza do vão.

• O caso da janela de guilhotina que seria substituída por uma janela de sacada (para dar acesso à nova varanda), pressupunha uma alteração tanto a nível de tipologia como a nível de dimensões e proporções. Foi proposta uma nova janela de sacada semelhante à já existente, que apresentava dimensões se-

3.146 - Alçado Tardoz da Casa Ricardo Severo, sem escala.
3.147, 3.148, 3.149 e 3.150 - Várias propostas de intervenção para o Alçado Tardoz da Casa Ricardo Severo, sem escala.

(CP + NV + MM)

3.146



Alçado Tardoz Original

3.147



3.148



3.149



3.150



melhantes.

• Relativamente às duas janelas de batente singulares, presentes no piso 2 e associadas aos antigos quartos dos empregados, optou-se pela substituição por janelas de batente, sem pinázios e sem bandeira, garantindo uma melhoria da iluminação natural da divisão.

No Alçado Lateral Direito (Figura 3.152) tínha-se pensado manter as dimensões originais dos postigos a reabilitar, pois existia um cilindro e uma rampa de alvenaria associados aos vãos (Figura 3.151). Pensou-se também na possibilidade de realizar uma adição aos postigos, adicionando duas janelas por baixo da rampa existente na base, transformando os postigos originais em bandeiras independentes (separadas pela rampa e parte da parede existente). Existiu também uma outra versão em que se eliminava a rampa e adicionavam duas janelas de batente diretamente por baixo dos postigos. Apesar das diversas alternativas ensaiadas para os postigos, não foi possível decidir qual a melhor intervenção a propor (Figuras 3.1523 a 3.157).

Relativamente ao Alçado Lateral Esquerdo (Figura 3.158), era necessário fazer várias experiências de propostas para os dois postigos existentes, bem como para a janela de canto, vãos exteriores presentes no torreão da Casa Ricardo Severo (Figuras 3.159 a 3.164, apresentadas nas páginas seguintes).

• No caso dos postigos, o ideal seria manter a caixilharia original ou substituí-la por uma nova janela com vidro duplo, retirando em ambos os casos as grelhas de ferros exteriores à caixilharia. Uma outra opção seria adaptar os postigos e criar duas novas janelas de guilhotina, semelhantes a nível de proporções e desenho à janela existente no canto do torreão.

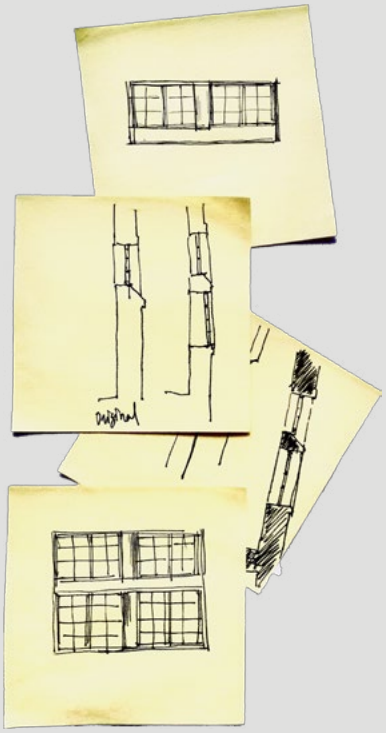
• Assim, a opção interventiva que fosse escolhida para a janela de guilhotina de canto seria utilizada também nos postigos, presentes na mesma fachada.

Surgiram várias questões relativamente à intervenção nestes dois conjuntos de vãos exteriores, como:

- Altera-se por completo o desenho do vão e assume-se uma ação interventiva totalmente distinta do desenho original?

- Redesenham-se as caixilharias existentes, adaptando o

3.151



3.151 - Esquissos da solução apresentada na Figura 3.156.
3.152 - Alçado Direito da Casa Ricardo Severo, sem escala.
3.153, 3.154, 3.155, 3.156 e 3.157 - Várias propostas de intervenção para o Alçado Lateral Direito da Casa Ricardo Severo, sem escala.

(CP + NV + MM)

3.152



Alçado Lateral Direito Original

3.153



3.154



3.155



3.156



3.157



desenho original ao vidro duplo, e mantêm-se os pinázios?

- Mantêm-se os pinázios nos postigos e, no caso da janela de canto, redesenha-se a janela sem pinázios? Ou, pelo contrário, mantem-se a aparência original da janela de canto e modifica-se o desenho dos postigos, distinguindo por completo a reabilitação atual do desenho original?

O desenho e o estudo de todas as opções interventivas, - que permitiu tornar visíveis as várias possibilidades imaginadas - foi essencial para refletir sobre cada uma delas e, expondo-as lado a lado, decidir quais as opções que melhor se adaptam à Casa Ricardo Severo e ao projeto de arquitetura.

6 de Janeiro de 2020

Antes da reunião com a CPrata Arquitetos e as várias especialidades, foi realizada uma reunião de preparação. Foram revistos alguns detalhes e, tendo por base a experimentação extensiva de todas as intervenções possíveis, foram tomadas as seguintes decisões, posteriormente apresentadas à equipa responsável pelo projeto de arquitetura.

No Alçado Principal, manteve-se a ideia inicial, apresentada na Figura 3.166, nas próximas páginas:

• Substituir as janelas de guilhotina pelas janelas de batente presentes nesta fachada, adaptando-as às dimensões do vão existente.

No Alçado Tardoz (Figura 3.167), foram realizadas algumas alterações significativas:

• A nova janela de sacada, que substitui uma janela de guilhotina do alçado original, vai ter um desenho semelhante à janela de sacada do lado, apenas com uma linha de bandeira.

• A outra janela de guilhotina vai-se tornar de batente, adaptando o desenho da janela de peito de batente existente ao seu lado. Após diversas tentativas, foi possível perceber qualquer outra solução para este vão seria demasiado forçada.

• As janelas singulares, associadas aos antigos quartos dos empregados, deixariam de ser de batente e tornar-se-iam ja-

3.158 - Alçado Esquerdo da Casa Ricardo Severo, sem escala.
3.159, 3.160, 3.161, 3.162, 3.163 e 3.164 - Várias propostas de intervenção para o Alçado Lateral Esquerdo da Casa Ricardo Severo, sem escala.

(CP + NV + MM)

3.158



Alçado Lateral Esquerdo Original

3.159



3.160



3.161



3.162



3.163



3.164



nelas de guilhotina, sem pinázios.[86]

No Alçado Lateral Direito (Figura 3.168), após várias experiências, foi possível alcançar a seguinte decisão:

• Os postigos seriam rasgados de modo a tornarem-se janelas de peito de batente, perdendo-se tanto a rampa como o cilindro de alvenaria existentes. Relativamente ao desenho destas janelas, este seria concretizado adaptando o desenho das janelas de sacada presentes no mesmo alçado. Este desenho garantia uma maior transparência e não sobrecarregava o alçado, ao contrário das outras soluções pensadas.

Relativamente ao Alçado Lateral Esquerdo (Figura 3.169), optou-se por:

• Substituir a janela de canto existente por uma nova janela de guilhotina, sem pinázios e com vidro duplo. Foi encontrado um mecanismo, de molas *cruzfer*, que resolvia o problema da limpeza das guilhotinas. Ao utilizar este mecanismo era possível manter a transparência e a tipologia das guilhotinas de canto originais.

• Em relação ao postigo existente, decidiu-se eliminar as grelhas exteriores, substituindo as caixilharias existentes por novas de aparência semelhante e vidro duplo, tornando-as janelas basculantes.

Na tentativa de organizar as diferentes ações interventivas necessárias para a Casa Ricardo Severo foi elaborada uma síntese, presente na página seguinte. A Figura 1.165 apresenta esta tabela síntese (uma primeira versão, mais embrionária, foi apresentada na reunião com a CPrata Arquitetos em Dezembro de 2019), em que é possível verificar a grande diversidade de vãos existentes na casa, o seu estado de conservação atual e as várias ações interventivas propostas para a reabilitação destes vãos.

3.165 - Tabela Síntese das várias ações interventivas propostas para os vãos exteriores existentes na Casa Ricardo Severo, Janeiro de 2020. (NV)

Figuras presentes nas próximas páginas (CP + NV + MM):
3.166 - Proposta de intervenção nas janelas de guilhotina geminadas, presentes na Fachada Principal da Casa Ricardo Severo, Janeiro de 2020.
3.167 - Proposta de intervenção em várias janelas presentes na Fachada Tardoz da Casa Ricardo Severo, Janeiro de 2020.
3.168 - Proposta de intervenção nos postigos, presentes na Fachada Lateral Direita da Casa Ricardo Severo, Janeiro de 2020.
3.169 - Proposta de intervenção nos postigos e na janela de guilhotina de canto, presentes no torreão da Fachada Lateral Esquerda da Casa Ricardo Severo, Janeiro de 2020.

86 Foi encontrado um mecanismo que permitia a limpeza das janelas de guilhotina, também proposto para as janelas de guilhotina de canto.

3.165

78 VÃOS EXTERIORES

29 ASSOCIADOS A QUARTOS - COM ELEVADA EXIGÊNCIA TÉRMICA E ACÚSTICA

A - 23 VÃOS - INTRODUÇÃO DE 2º CAIXILHO

TIPO DE JANELA		OBSERVAÇÕES	QUANTIDADE E DIAGNÓSTICO		
B1	BATENTE 7 CM	**SEM** ALTERAÇÃO DA GUARNIÇÃO	13	VERDE	2
				AMARELO	6
				VERMELHO	5
B2	BATENTE 3 CM	**COM** ALTERAÇÃO DA GUARNIÇÃO	4	VERDE	2
				VERMELHO	2
G1	GUILHOTINA 1 CM	SUBSTITUIR POR JANELAS DE BATENTE IDÊNTICAS ÀS RESTANTES (3 DE PEITO E 1 DE SACADA) **COM** ALTERAÇÃO DA GUARNIÇÃO	4	AMARELO	2
				VERMELHO	2
P1	POSTIGOS X CM	SUBSTITUIR POR JANELAS DE BATENTE IDÊNTICAS ÀS RESTANTES **NOVA** GUARNIÇÃO	2	VERDE	2

B - 6 VÃOS - SUBSTIUIÇÃO INTEGRAL POR CAIXILHO DUPLO

TIPO DE JANELA		OBSERVAÇÕES	QUANTIDADE E DIAGNÓSTICO		
B3	BATENTE C/ PORTADA 12 CM	NOVA GUILHOTINHA C/ VIDRO DUPLO E MOLAS CRUZFER	2	VERMELHO	2
G2	GUILHOTINA DE CANTO 1 CM	NOVA GUILHOTINHA C/ VIDRO DUPLO E MOLAS CRUZFER	2	VERMELHO	2
P2	POSTIGOS X CM	NOVAS	2	VERDE	2

49 ASSOCIADOS A ZONAS SOCIAIS E DE SERVIÇOS

C - 49 VÃOS - CONSERVAR/ REABILITAR OU REPRODUZIR DEPENDENDO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

TIPO DE JANELA		OBSERVAÇÕES	QUANTIDADE E DIAGNÓSTICO		
B4	BATENTE DE SACADA E DE PEITO		46		46
V	VITRAL		3	VERDE	3

3.166



Proposta - Alçado Principal

3.167



Proposta - Alçado Tardoz

3.168



Proposta - Alçado Lateral Direito

3.169



Proposta - Alçado Lateral Esquerdo

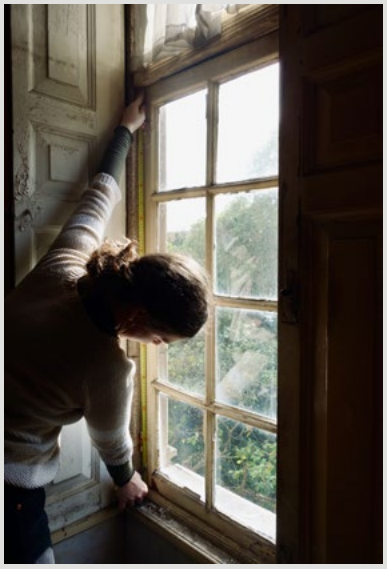
7 de Janeiro de 2020 | Reunião

Na primeira reunião de 2020 participaram as várias especialidades envolvidas no projeto de reabilitação. Nela foram discutidas as condicionantes do projeto de arquitetura presentes nos projetos de engenharia.

Foram expressas algumas preocupações relativamente às caixilharias exteriores, como a condensação (passagem do estado de vapor ao estado líquido, que se traduz em janelas embaciadas e pingos de água que causam desconforto ao cliente) e a incidência do sol no Verão, que são grandes condicionantes à solução de reabilitação das caixilharias. Também foram discutidas questões relacionadas com o tipo de aquecimento do Hotel, bem como a localização das grelhas de ventilação (que poderiam localizar-se no chão, nas paredes ou nas caixilharias).

Na reunião não foram apresentadas as propostas de intervenção para as caixilharias de madeira existentes, no entanto foi referida a ação interventiva principal: manter as caixilharias de madeira originais (que se encontravam em bom estado de conservação) e adicionar uma nova caixilharia pelo interior, com um desenho simplificado, constituída de madeira e vidro simples. Esta possibilidade de intervenção foi bem recebida pelos engenheiros presentes, que consideraram que a existência de duas caixilharias de vidro simples e consequente caixa de ar seria benéfica para o comportamento térmico da casa, constituída por paredes exteriores de alvenaria (que não seriam isoladas termicamente).

Ficou combinada uma nova reunião com as várias especialidades e com o cliente francês. Como não tinha sido aprofundada a proposta durante esta reunião geral, ficou também acordada uma reunião só com a equipa responsável pelo projeto de arquitetura. Era ainda importante voltar à obra, de forma a concluir o levantamento iniciado em Outubro de 2019[87]; este novo levantamento era essencial para completar os elementos gráficos necessários para a reunião com o cliente.



3.170



3.171

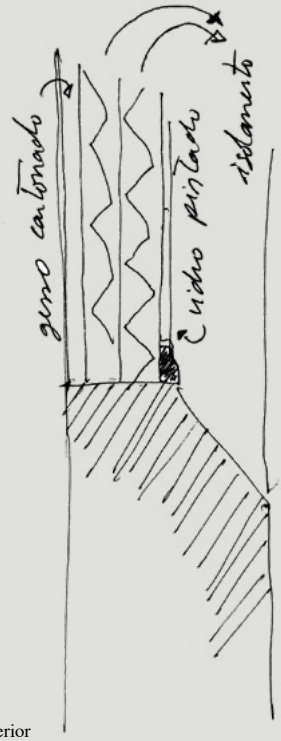
87 No último levantamento efetuado não foi possível recolher toda a informação necessária para efetuar o corte vertical da janela tipo B1.

3.170 e 3.171 - Levantamento fotográfico efetuado no dia 11 de Fevereiro de 2020.

3.172



3.173 Exterior



Interior

3.172 - Postigos (a intervir), entrada de serviço, vitral e alguns vãos, presentes no Alçado Lateral Direito da Casa Ricardo Severo.
3.173 - Esquisso de corte construtivo dos postigos do Alçado Lateral Direito, realizado durante a reunião de 14 de Fevereiro de 2020.

11 de Fevereiro de 2020

Voltámos à Casa Ricardo Severo (Figuras 3.170 a 3.171), desta vez durante o período da manhã, para garantir o máximo de tempo com luz solar possível. Era necessário fotografar todas janelas pelo exterior, pois a chuva do último levantamento tinha impossibilitado a concretização desta ação. Era ainda necessário tirar medidas à travessa da bandeira e aos caixilhos da bandeira do vão tipo B1, de forma a completar o corte vertical deste vão.

Nesta visita foi possível verificar que o estado de conservação dos vãos exteriores se tinha deteriorado bastante durante o Inverno, principalmente os vãos que já se encontravam em mau estado de conservação em Outubro de 2019.

14 de Fevereiro de 2020 | Reunião CPrata Arquitetos

Reunimos com a CPrata Arquitetos no dia 14 de Fevereiro de 2020. No compasso de tempo entre reuniões tinha-se continuado a trabalhar nos pormenores da janela tipo B1, mais especificamente no corte vertical.

O arquiteto tinha feito uma pequena alteração ao conjunto de postigos do Alçado Lateral Direito (Figura 3.172), vãos que estavam originalmente associados à cozinha mas atualmente integravam uma das suítes do Hotel. Inicialmente o projeto de arquitetura propunha rasgar estes postigos para garantir vãos de dimensões adequadas ao novo programa, e também transformar a janela de guilhotina existente no Alçado Tardoz em janela de batente de sacada, garantindo um acesso privado à varanda através da suíte. No entanto, no desenvolver do projeto de arquitetura foi possível perceber que a suíte não garantia a privacidade do seu utilizador, pois a partir do edifício vizinho era possível observar o seu interior a partir dos postigos existentes.

Era necessário manter os postigos existentes no alçado para garantir a leitura original, mas também garantir a privacidade da suíte, pelo que o plano interventivo passou a ser o seguinte (Figura 3.173): fixar as caixilharias, substituir o vidro normal por vidro pintado que refletisse o exterior e colocar gesso

cartonado pelo interior, tornando a existência dos postigos imperceptível a partir da suíte.

Apesar de ainda terem sido apresentadas as propostas de intervenção para todos os vãos exteriores, foi discutido com a CPrata Arquitetos o caso da janela de guilhotina de canto em específico. Tinha-se apostado em limpar os pinázios das janelas de guilhotina, no entanto esta proposta foi recusada pelo arquiteto, que preferia visualmente as janelas originais com pinázios. Relativamente à natureza da janela, a solução proposta (um mecanismo de molas *cruzfer*, que resolvia o problema da limpeza e mantinha as guilhotinas), foi bem recebida pelos arquitetos, mas não foi descartada a possibilidade de substituição por novas janelas de batente, com vidro duplo e pinázios.

Já existia data fixa para a reunião com o cliente: estava marcada para dia 21 de Fevereiro de 2020. O cliente, que não residia em Portugal, pretendia visitar a Casa Ricardo Severo e reunir com as várias especialidades integrantes no projeto na data referida anteriormente, de maneira a estar a par de todos os detalhes do projeto. O projeto de arquitetura iria ser entregue para Licenciamento na CMP em breve, pelo que era necessário anexar alguns documentos relativos às caixilharias exteriores. Ficou combinado que seriam enviados os vários desenhos de levantamento e diagnóstico, bem como um pequeno texto explicativo, até à reunião da semana seguinte.

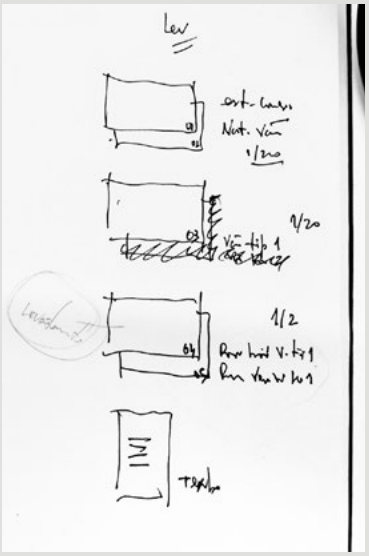
Apresentação | Licenciamento e Reunião

Organizaram-se os vários elementos gráficos produzidos para enviar à equipa responsável pelo projeto de arquitetura (necessários para o Licenciamento) e para criar uma apresentação para a reunião com o cliente (Figura 3.174).

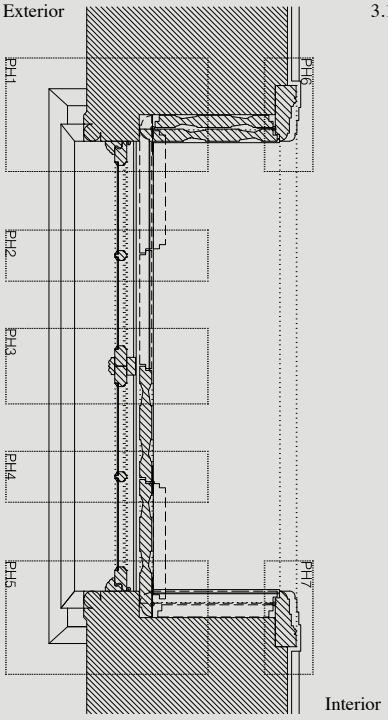
A primeira parte do apresentação consiste no **Diagnóstico**; apresenta-se o levantamento efetuado, o tipo de cada vão e o seu estado de conservação.

• Alçados e cortes gerais, com a natureza do vão e estado de conservação identificados, à escala 1/200.

3.174

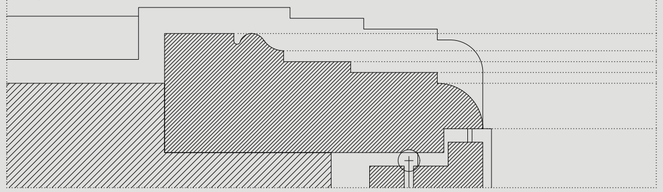


3.175

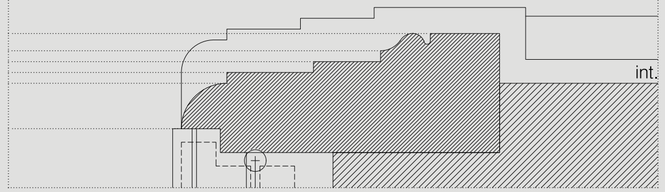


3.174 - Tentativa de organização dos elementos gráficos das caixilharias de madeira existentes na Casa Ricardo Severo, necessários para o Licenciamento do projeto, Fevereiro de 2020.
3.175 - Corte horizontal do vão tipo B1, escala 1:20.
3.176 - Pormenores do corte horizontal do vão tipo B1, escala 1:5. (CP + NV + MM)

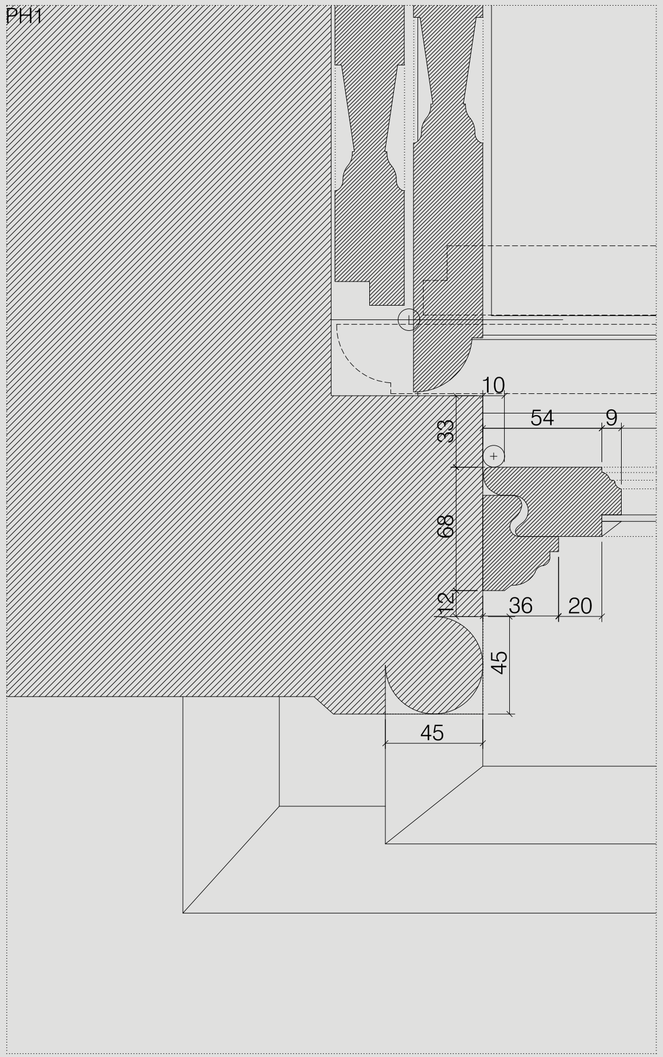
PH6



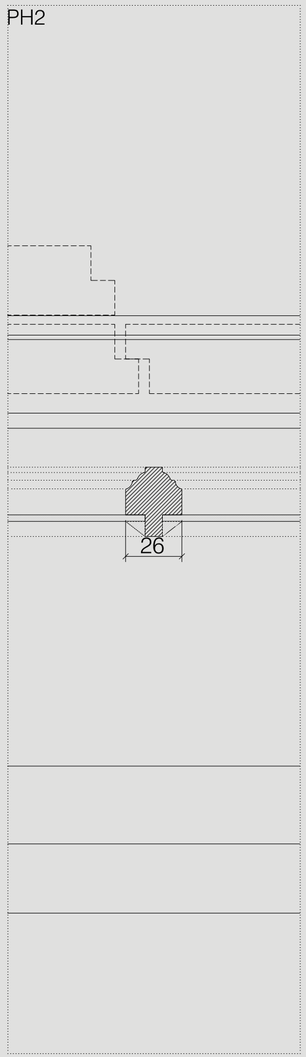
PH7



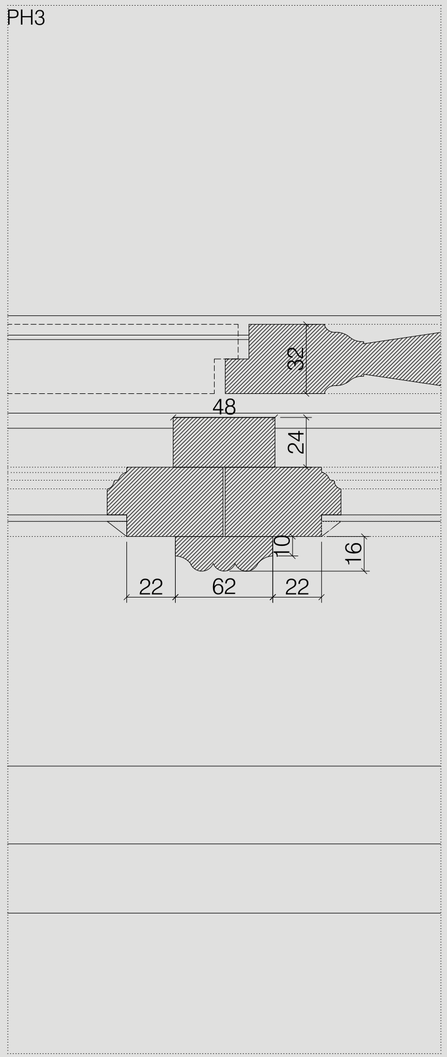
PH1



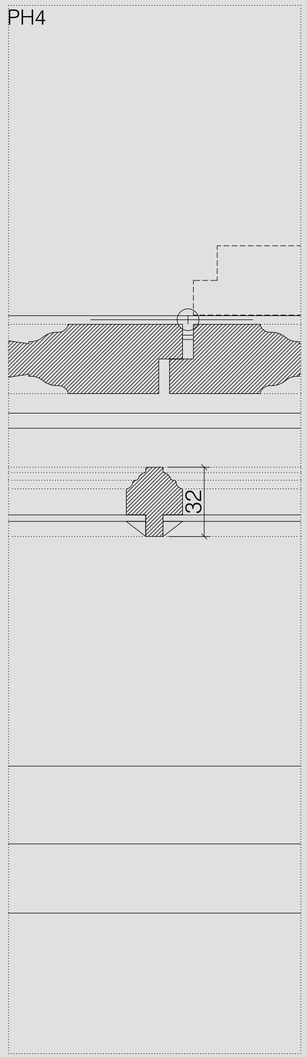
PH2



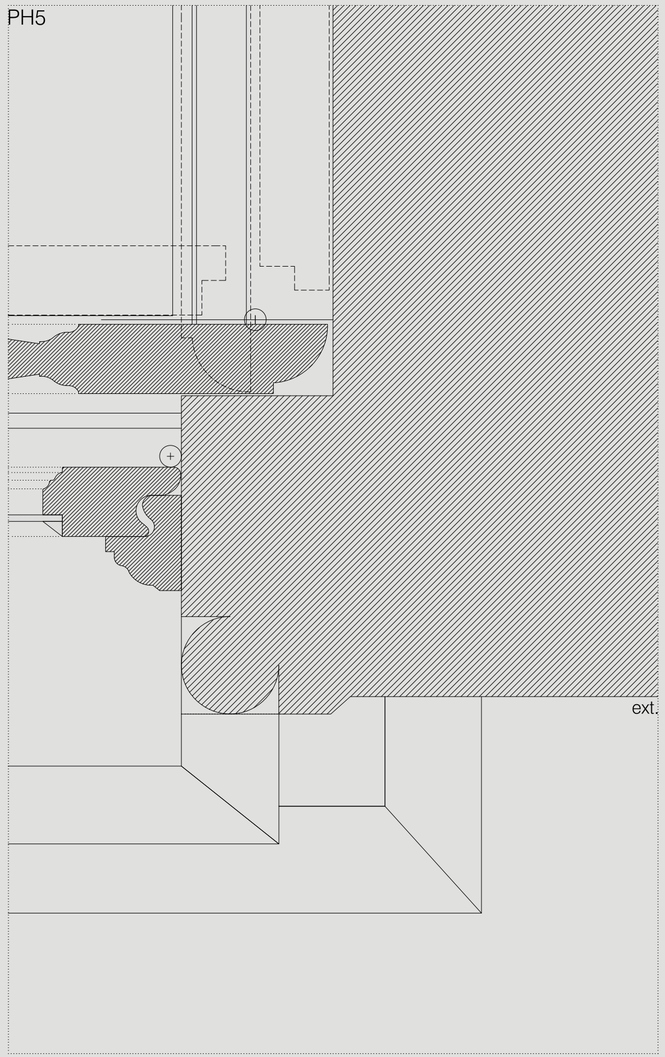
PH3

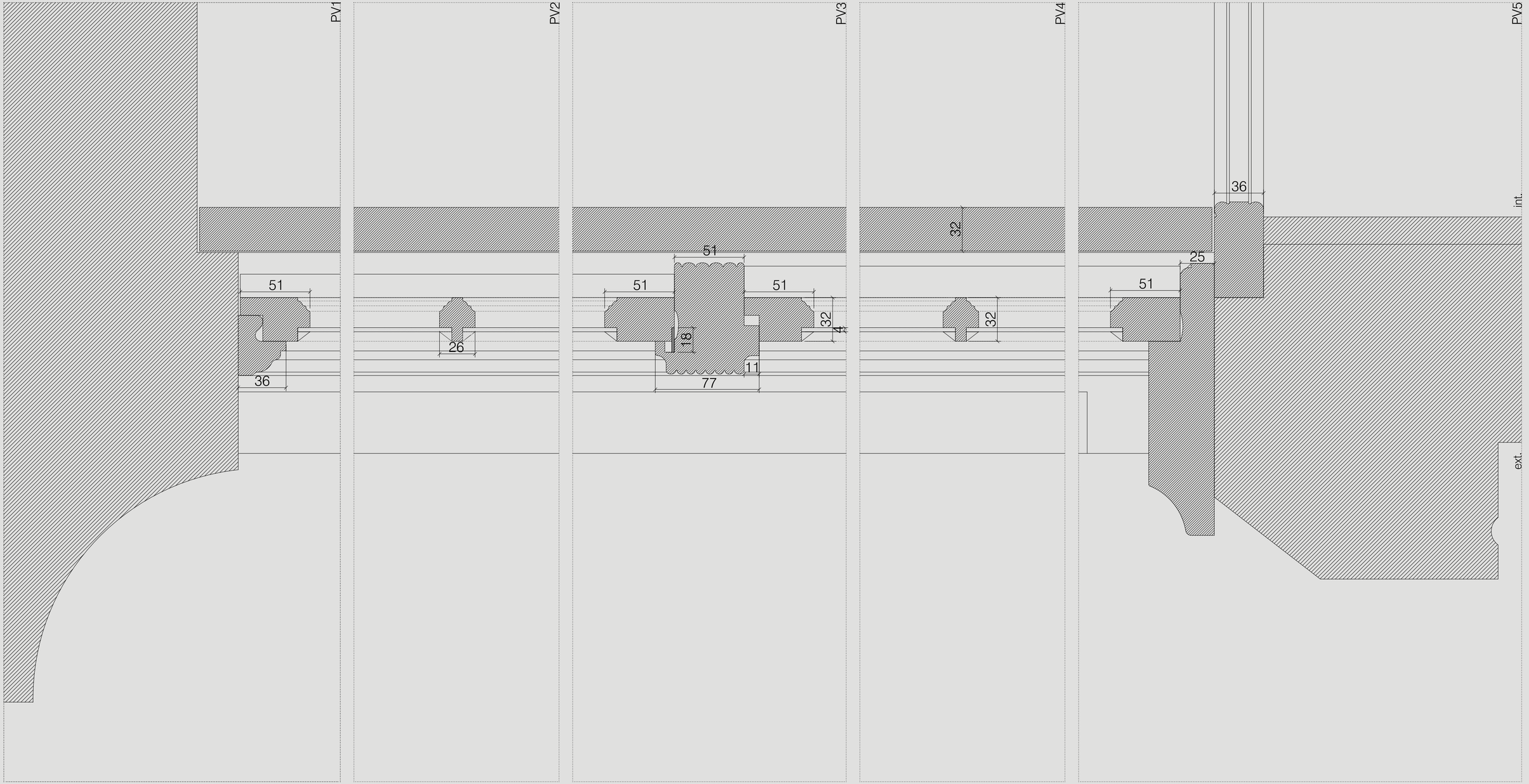


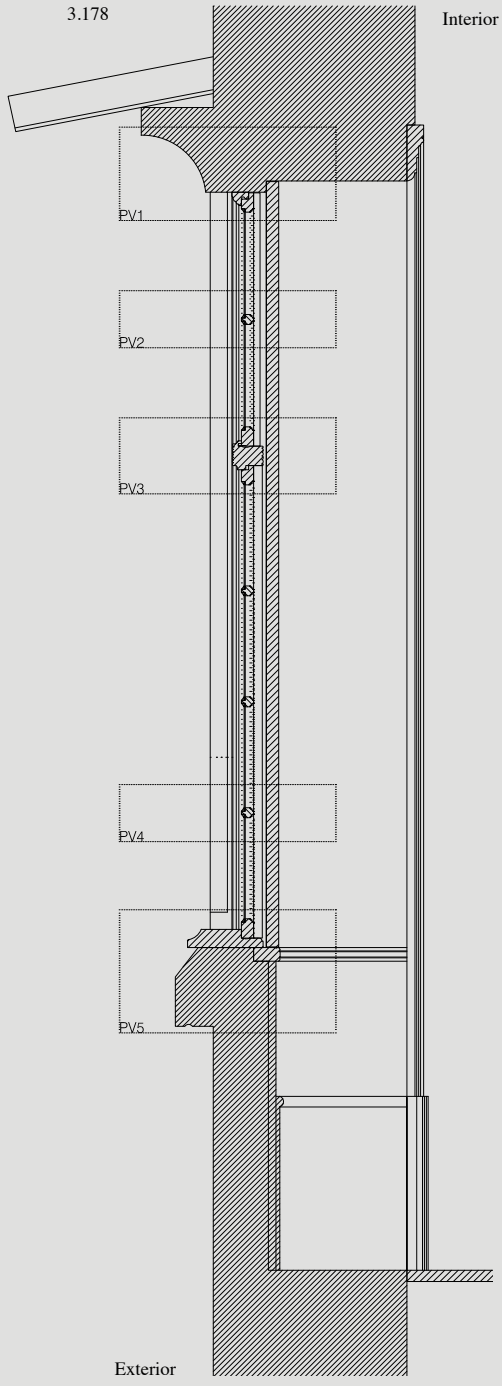
PH4



PH5




PV1
51
36
PV2
26
PV3
51
51
51
32
4
18
11
77
PV4
32
32
PV5
36
25
51
int.
ext.



3.174 - Corte Vertical do Vão Tipo B1, elaborado a partir do levantamento de dia 12 de Fevereiro de 2020.
3.175 - Corte vertical do vão tipo B1, escala 1:20.
3.176 - Pormenores do corte vertical do vão tipo B1, escala 1:5. (CP + NV + MM)

• Planta, corte e alçado do vão tipo B1 (com 3 cm livres para intervenção no interior), à escala 1/20 (Figuras 3.175 e 3.178).

• Pormenor em corte, tanto horizontal como vertical, do vão tipo B1 (com 3 cm livres para intervenção no interior), à escala 1/2 (Figuras 3.176 e 3.177).

A segunda parte consiste na **Identificação**. São identificados todos os vãos onde se foca a intervenção.

• Planta geral da casa, com identificação dos vãos que necessitam de garantir um excelente desempenho térmico e acústico, à escala 1/200.

• Alçados e cortes gerais da casa, com identificação dos vãos que necessitam de garantir um excelente desempenho térmico e acústico, à escala 1/200.

A terceira e última parte foca-se na **Intervenção**. É apresentada a proposta de intervenção e os pormenores construtivos da janela selecionada para demonstração.

• Alçados gerais e cortes com a nossa proposta de alterações nos vãos identificados anteriormente, à escala 1/200.

• Pormenores em corte, tanto horizontal como vertical, da intervenção no vão tipo B1 (com 3 cm livres para intervenção no interior), à escala 1/5. A proposta de intervenção contempla uma versão de simples reposição e melhoramento das vedações da janela e uma versão de adição de uma segunda caixilharia, com alteração da guarnição em madeira.

• Pormenores em corte, tanto horizontal como vertical, da proposta de intervenção no vão tipo B1 (com 7 cm livres para intervenção no interior), à escala 1/5. Esta intervenção podia ser simplesmente uma reposição e melhoramento das vedações ou uma adição de uma segunda caixilharia nos 7 cm livres.

• Grelha de síntese de intervenção. Nesta grelha, de uma forma simples e imediata, estão expostas todas as ações interventivas relativas às caixilharias da Casa Ricardo Severo.

21 de Fevereiro de 2020 |

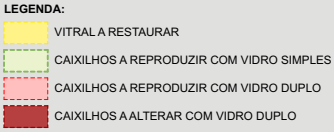
Reunião CPrata Arquitetos/ Cliente

Para além da equipa do projeto de arquitetura e do cliente, também estava presente a equipa de engenharia responsável pela térmica e acústica.

Foi apresentada a nossa proposta ao cliente, no entanto o caminho de intervenção proposto pelos autores do projeto não foi bem recebido. O cliente considerava que adicionar uma segunda caixilharia pelo interior seria criar uma barreira para o utilizador do hotel, já que, para abrir a janela original e apanhar ar, o utilizador teria de abrir as portadas de madeira interiores, a segunda caixilharia adicionada e, por fim, as caixilharias originais. Para além desta situação, considerava ainda que as novas caixilharias se deviam inspirar nas originais, o que excluía por completo qualquer proposta que contemplasse panos de vidro sem pinázios.

Apesar de terem sido apresentadas diversos exemplos de sucesso desta opção interventiva e da equipa de engenharia apoia esta solução, o cliente manteve o seu parecer inicial. Tendo em consideração a opinião do cliente, era necessário reformular todas propostas de intervenção que contemplassem a conservação da caixilharia original e adição de uma segunda caixilharia pelo interior, bem como as de substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia com desenho de autor.

Assim, das várias opções interventivas possíveis, apenas se poderiam considerar duas delas: a substituição da caixilharia existente por uma nova caixilharia reproduzindo ou (re)interpretação do desenho original e a substituição da caixilharia existente através da seleção exigencial de um sistema de mercado.



3.179



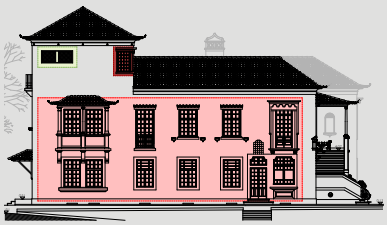
3.180



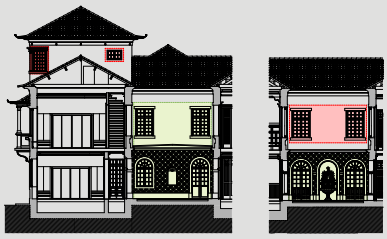
3.181



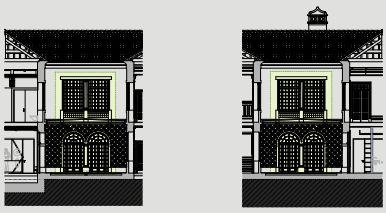
3.182



3.183
3.184



3.185
3.186



3.179, 3.180, 3.181, 3.182, 3.183, 3.184, 3.185 e 3.186 - Alçados e cortes da Casa Ricardo Severo (CP + NV).

Março de 2020 - Setembro de 2020

Em Março de 2020, a pandemia de Covid-19, chegou a Portugal. Com grande parte da população confinada, foram muitas as profissões tiveram de se reinventar e, a Arquitetura foi uma delas. Deixou de ser possível tomar decisões presencialmente, em conjunto e, de um momento para o outro, foi necessário adaptar todos os processos analógicos ao distanciamento exigido e passar a trabalhar apenas digitalmente.

Durante o mês de Abril de 2020 estivemos a completar e afinar os pormenores construtivos da nossa proposta e, a 21 de Abril de 2020 o projeto de licenciamento foi aprovado pela Câmara Municipal do Porto. A CMP requiriu diversos projetos de especialidades necessários à execução da obra, entre os quais um Estudo do Comportamento Térmico, Projeto Acústico, Alçados e Peças desenhadas com referência aos elementos de cantaria. O prazo para a entrega dos diversos projetos de especialidades vigente é de seis meses a partir da notificação da aprovação do projeto de arquitetura, podendo ser prorrogado por uma só vez e por período não superior a três meses[88].

Em Fevereiro de 2020, ainda não tinha sido fechada a discussão relativa à intervenção nas caixilharias de madeira existente na Casa Ricardo Severo: apesar da proposta apresentada ser sólida, o cliente tinha dúvidas da sua praticidade. No que concerne as caixilharias de madeira existentes, até Setembro de 2020 não foram tomadas decisões sobre qual seria a intervenção a executar.

No final de Setembro, a equipa responsável pelo projeto de arquitetura tomou uma decisão, tendo sido proposta uma nova metodologia de intervenção: nos vãos que necessitavam de garantir um nível alto de desempenho acústico e térmico seriam substituídas as caixilharias originais por novas caixilharias de madeira de mercado. Nos alçados e cortes apresentados (Figuras 3.179 a 3.186) é possível verificar, através de uma legenda de cores simples, as diversas opção interventivas propostas. Ex-

88 Segundo o disposto no nº 4 e nº 5 do artigo 20.º do RJUE e o previsto no nº 16 da parte III do Anexo 1 da Portaria nº 113/2015, de 22 de Abril.

cetuando os vitrais e os vãos associados às zonas sociais e de serviços, todos vãos exteriores necessitavam de garantir um alto desempenho térmico e acústico, estando, assim, incluídos nesta operação de substituição. Era necessário analisar as caixilharias propostas para a substituição, ajustando-a às particularidades dos vãos existentes.

Para tal, foram sobrepostos os pormenores do levantamento e das novas caixilharias (Figuras 3.189 a 3.193), o que permitiu tirar várias conclusões:

- A caixilharia escolhida tem uma espessura muito maior que a original, de forma a albergar o vidro duplo;

- A dimensão do mata-juntas aumentou significativamente, ganhando protagonismo no alçado. É possível diminuir esta espessura, desenhando-o à medida;

- Na zona central das janelas é possível alcançar uma dimensão quase semelhante à da janela de batente original.

- É possível diminuir a dimensão dos pinázios standard propostos, passando de 30 mm para 28 mm;

- A abertura e fecho das janelas prevê um cremone embutido, MAICO, exemplificado nas Figuras 3.187 e 3.188.

Para decidir qual a opção interventiva final e avançar na execução dos pormenores construtivos, ficou combinada uma reunião para o dia 1 de Outubro de 2020.



3.187



3.188

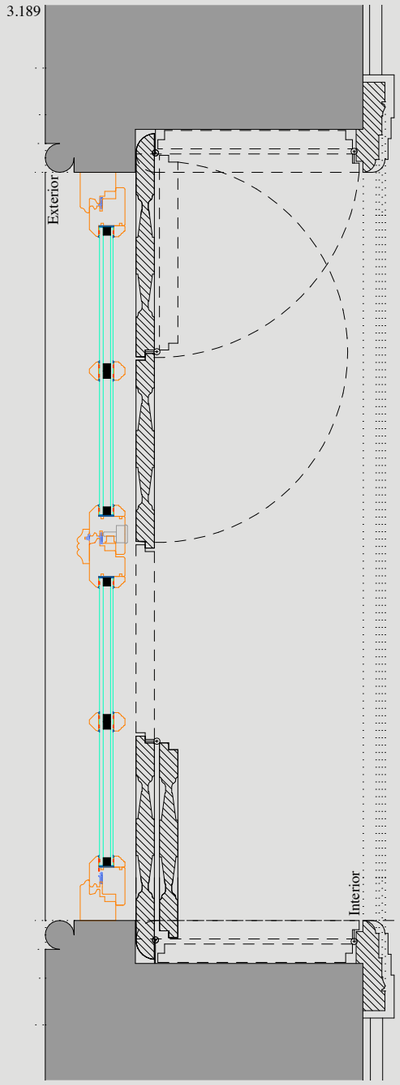
3.187 e 3.188 - Cremone de embutir, MAICO.
3.189 - Proposta de intervenção para o vão tipo B1: substituição das caixilharias originais por novas caixilharias standard. Escala 1/10.
3.190 e 3.191 - Alçado exterior e planta do vão tipo B1, escala 1/20. Estas figuras comparam as caixilharias de madeira existentes (a linha preta) e as novas caixilharias propostas (a vermelho), que as substituirão.
3.192 - Pormenor horizontal das novas caixilharias propostas.

1 de Outubro de 2020 | Reunião

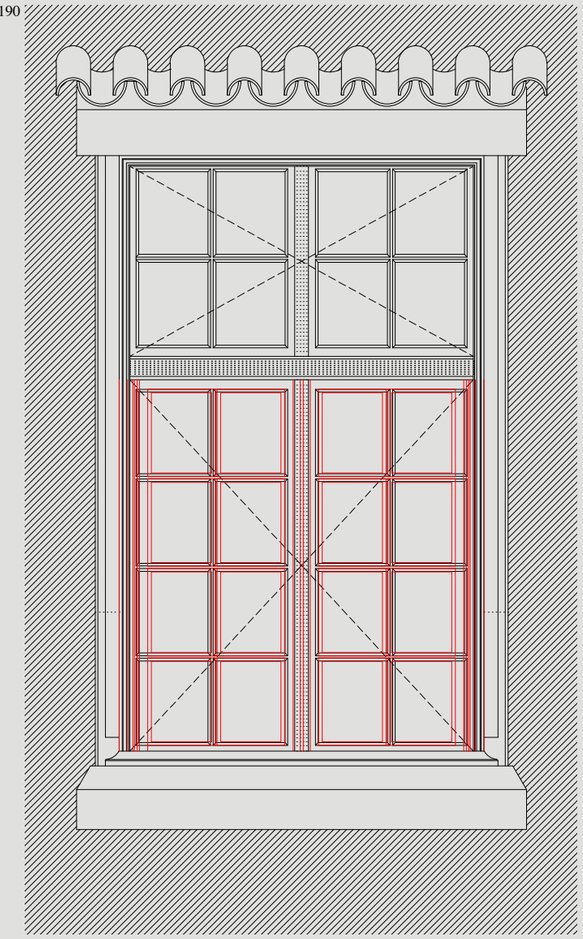
Nesta reunião foram tomadas várias decisões finais importantes. Como era espectável, a proposta inicial de intervenção, que contemplava a adição de uma segunda caixilharia pelo interior, estava completamente excluída. Após algum debate sobre a proposta de intervenção proposta pela equipa responsável pelo projeto de arquitetura, que previa a substituição por caixilharias de madeira standard, ficou combinada uma visita conjunta à fábrica da empresa escolhida para a confecção das novas caixilharias exteriores, para o dia 27 de Outubro de 2020.

Esta visita à fábrica era importante para, em conjunto

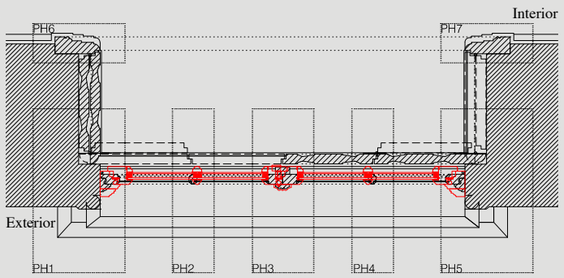
3.189



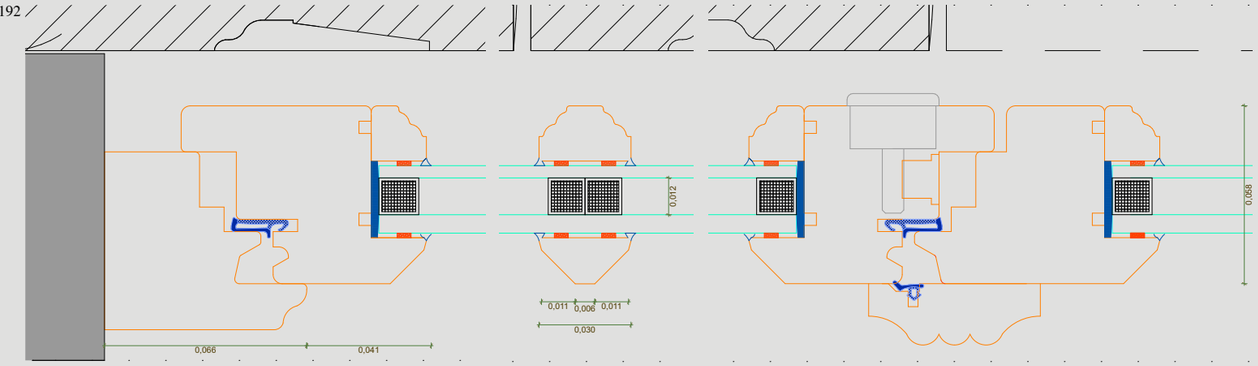
3.190



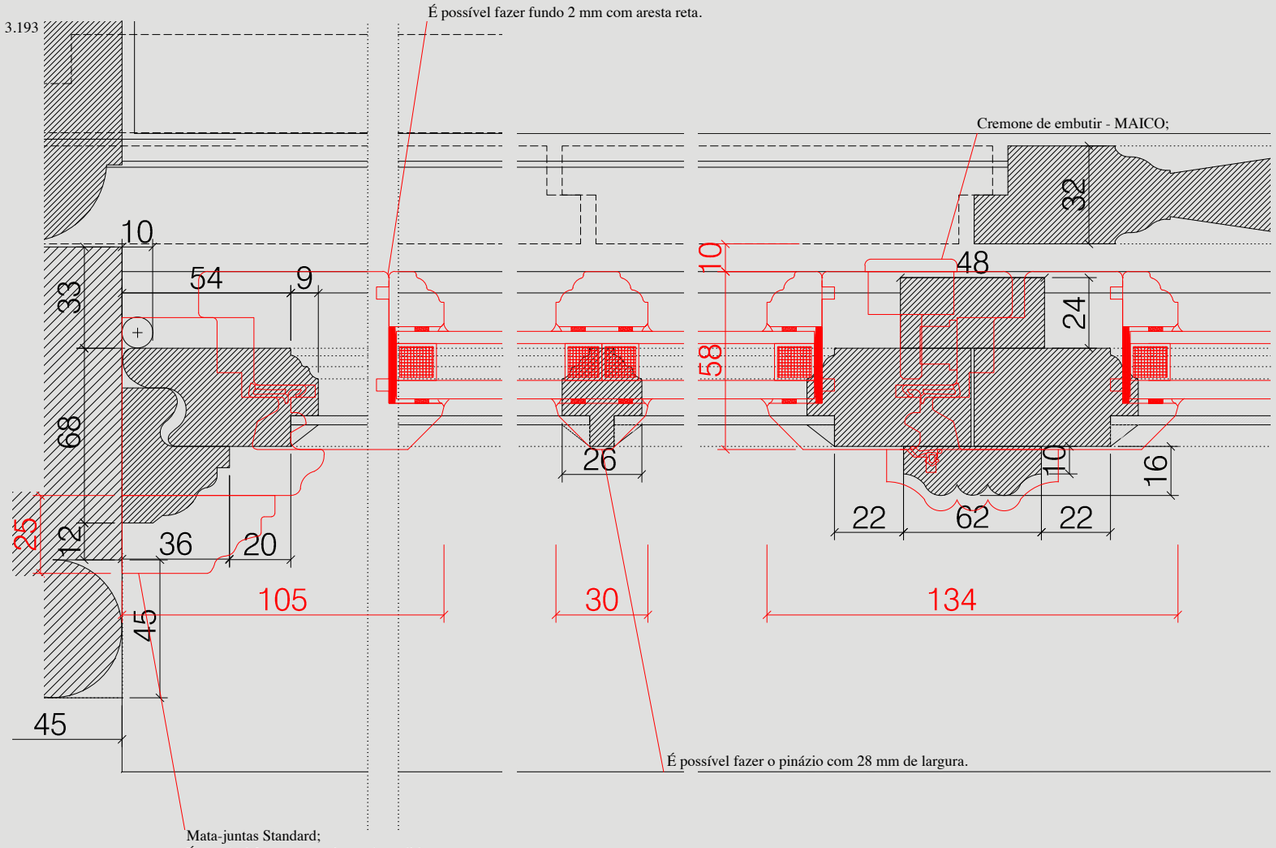
3.191



3.192

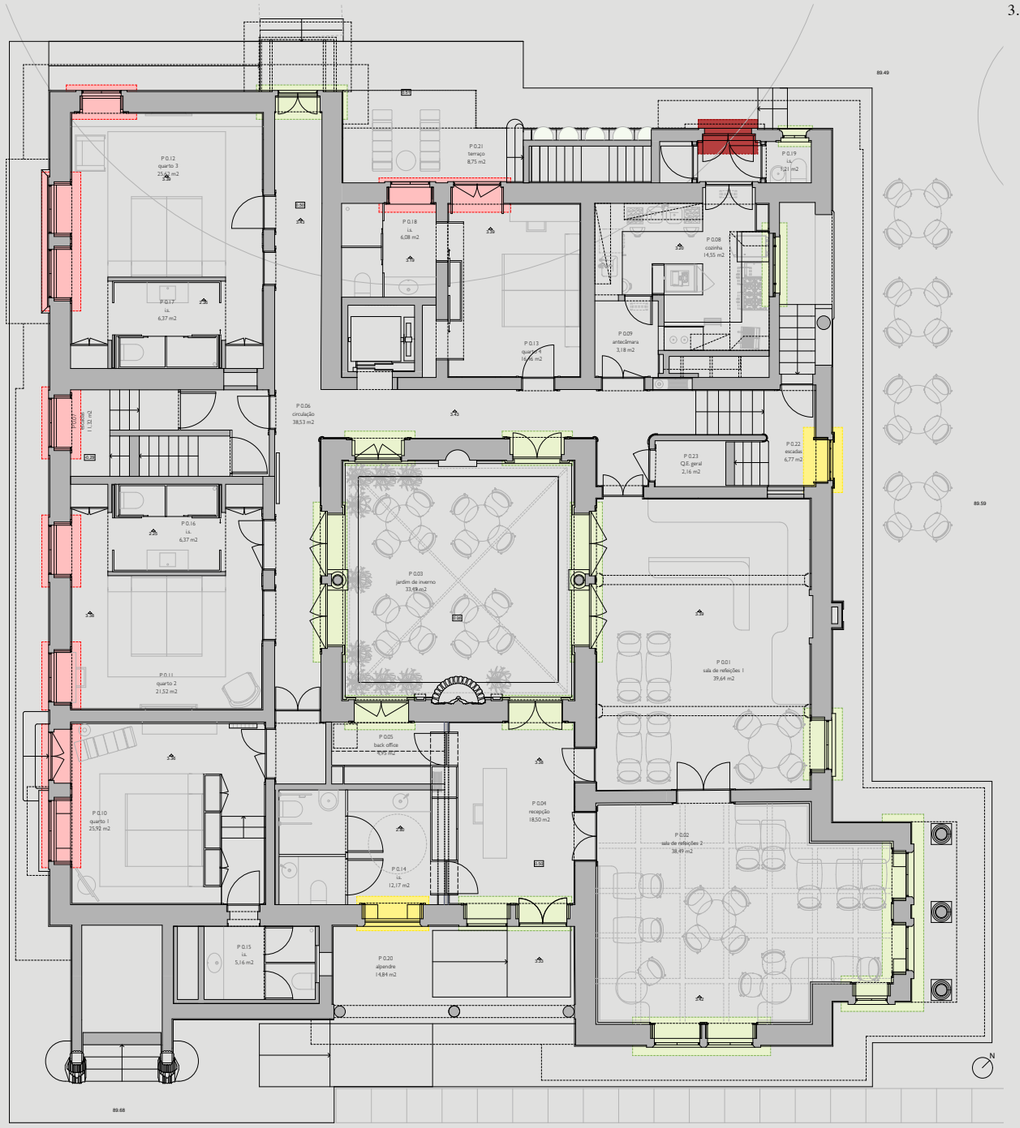


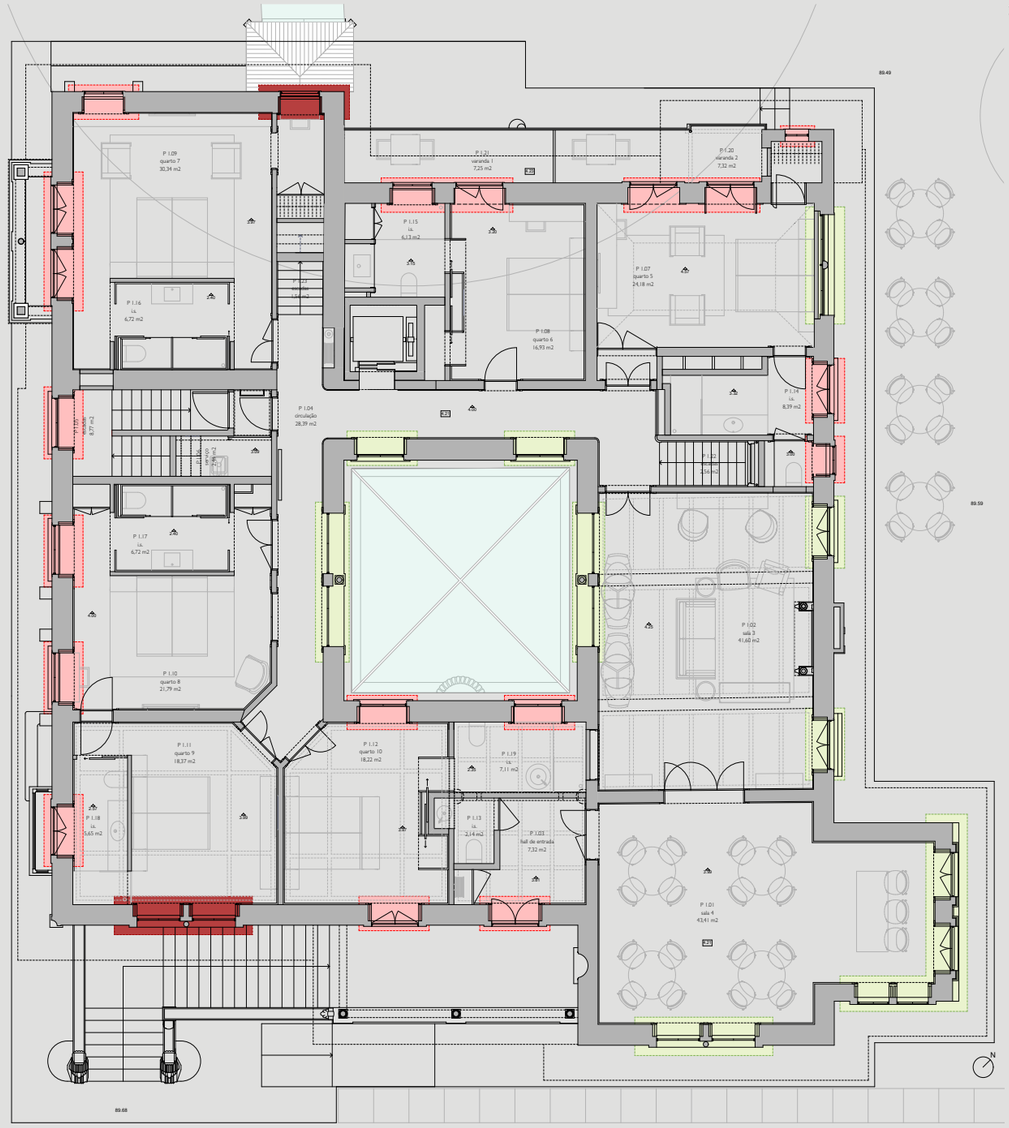
3.193



3.193 - Sobreposição do pormenor horizontal original (a preto) com o pormenor horizontal das novas caixilharias de madeira standard propostas (a vermelho). Assinaladas e devidamente legendadas estão algumas considerações e modificações a realizar à caixilharia proposta para a substituição.

(CP + NV)





LEGENDA:

- VITRAL A RESTAURAR
- CAIXILHOS A REPRODUZIR COM VIDRO SIMPLES
- CAIXILHOS A REPRODUZIR COM VIDRO DUPLO
- CAIXILHOS A ALTERAR COM VIDRO DUPLO

com o fabricante, perceber se era possível - ou não - efetuar pequenas modificações às caixilharias standard propostas inicialmente, para garantir a maior aproximação possível às caixilharias originais.

Foi ainda confirmado o encerramento dos postigos presentes na fachada norte e poente: o plano seria manter as caixilharias de madeira existentes pelo exterior mas, pelo interior, encerrar o vão. Relativamente ao alçado posterior, virado a poente, foram propostas alterações em vários vãos. Seriam alteradas duas janelas de sacada, que passavam a ter 4 folhas em vez de duas e, seriam também alteradas uma janela de guilhotina e uma janela de batente de sacada, que passavam a ser de batente, semelhantes a uma das janelas originais. No alçado principal, mantinha-se o plano inicial de substituir as duas janelas de guilhotina por duas janelas de batente, inspiradas nas restantes janelas presentes nesta fachada.

Durante a reunião foi ainda referida a necessidade de construir um mapa de vãos, tendo-se trabalhado neste elemento até à reunião com o fabricante. Durante o mês de Outubro de 2020, a equipa responsável pelo projeto de arquitetura criou um código de referência para cada vão exterior (Figuras 3.194 e 3.195) e forneceu-nos um exemplo de mapa de vãos, para facilitar a construção do mapa de vãos para a Casa Ricardo Severo.

27 de Outubro de 2020 | Visita ao Fabricante de Caixilharias

A visita ao fabricante foi essencial para a investigação, pois foram esclarecidas as várias dúvidas que existiam relativamente à caixilharia standard proposta para o caso de estudo. Em conjunto com o arquiteto e o carpinteiro responsáveis, foi possível redesenhar totalmente a caixilharia standard, adaptando-a o mais possível às caixilharias de madeira originais, existentes na Casa Ricardo Severo.

Uma nova proposta de caixilharias de madeira, adaptada especificamente aos vãos da Casa Ricardo Severo, resulta do esforço conjunto de arquitetos e carpinteiros. Assim, o pormenor

3.194 - Planta do piso 0 da Casa Ricardo Severo, desenho sem escala. Com o auxílio da legenda é possível verificar qual a intervenção planeada para cada vão exterior.
3.195 - Planta do piso 1 da Casa Ricardo Severo, desenho sem escala.

(CP + NV)

redesenhado e anotado, presente na Figura 3.196, representa a pluridisciplinaridade inerente ao projeto de arquitetura, neste caso específico relacionado com a reabilitação/ substituição das caixilharias de madeira existentes.

Como se verifica no pormenor redesenhado durante a visita, foi possível reduzir significativamente a dimensão das peças das zonas laterais, reformulando os batentes mata-juntas e as couceiras da janela. Foi ainda possível reduzir as peças da zona central da janela standard, alcançando uma largura quase semelhante à das janelas de batente originais da Casa Ricardo Severo. Apesar de se terem realizado diversas modificações a nível de dimensões, foi possível garantir as especificações térmicas e acústicas da caixilharia standard proposta inicialmente.

Após a visita à fábrica das caixilharias, foi necessário desenhar a proposta em CAD para verificar a sua exequibilidade e enviar a proposta desenhada rigorosamente à equipa responsável pelo projeto de arquitetura. Assim, e na tentativa de aproximar a nova caixilharia das caixilharias de madeira existentes, esta nova proposta foi desenhada em sobreposição com o pormenor original, como é possível verificar na Figura 3.197, apresentada na página 222.

Neste período temporal foi-se trabalhando no mapa de vãos requerido pela CPrata Arquitetos. Para a sua concretização era necessário voltar à Casa Ricardo Severo para fotografar as ferragens existentes nas caixilharias originais, de forma a catalogá-las, bem como tirar medidas gerais aos restantes vãos.

6 de Novembro de 2020

Assim, antes da entrega do projeto de execução, foi realizado uma visita final à Casa Ricardo Severo (Figuras 3.198 a 3.201). Esta visita realizou-se durante a tarde, entre as 14:30 e as 20:00, pelo que o levantamento fotográfico no exterior esteve condicionado pelo pôr-do-sol.

Este visita dedicou-se essencialmente ao levantamento

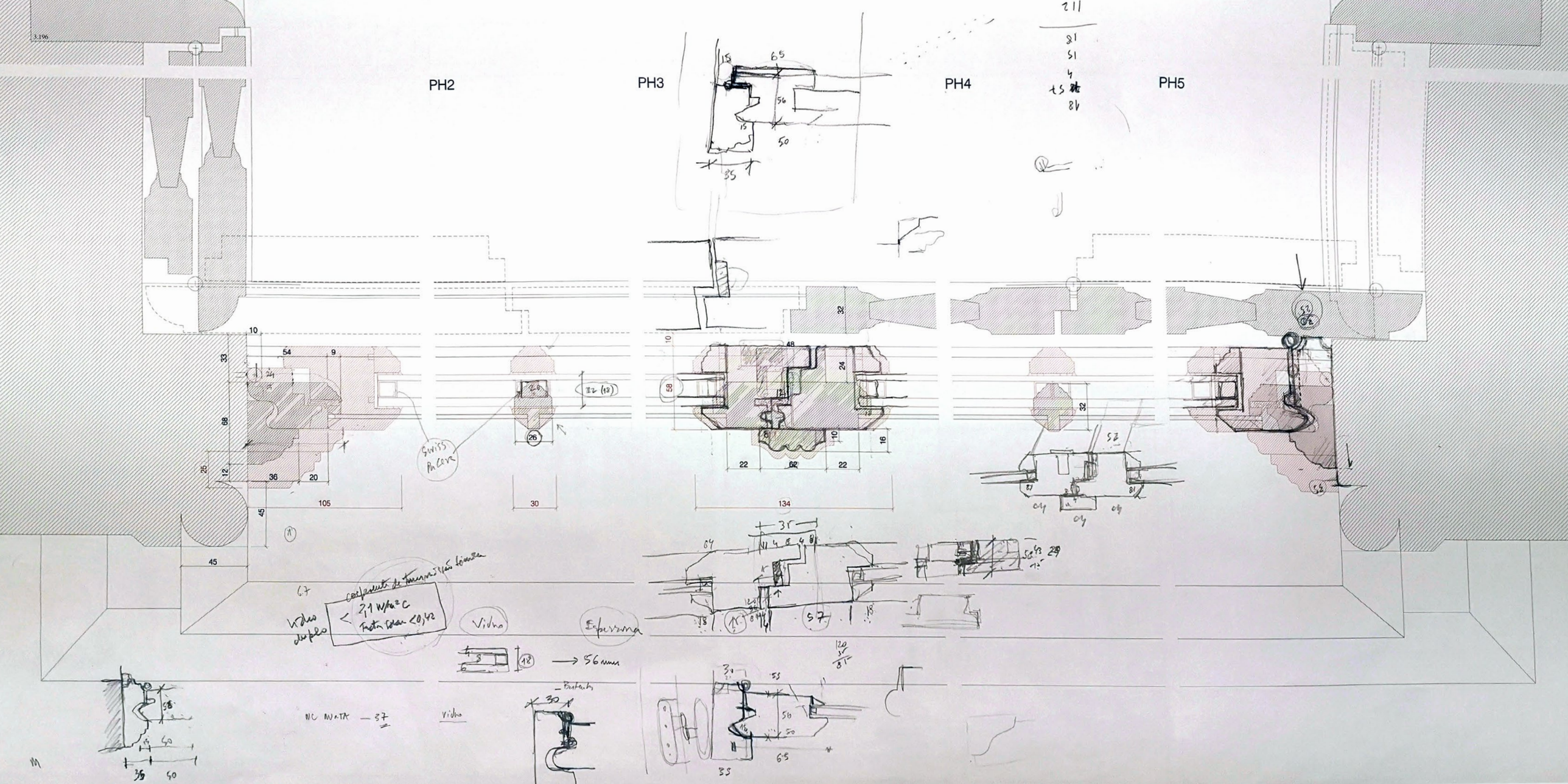
3.196 - Sobreposição do pormenor do levantamento do vão tipo B1 e do pormenor da nova caixilharia de madeira standard, proposta para a substituição das caixilharias existentes. A partir desta sobreposição foi criada uma nova proposta, que aproxima a caixilharia standard à original (CP + NV).

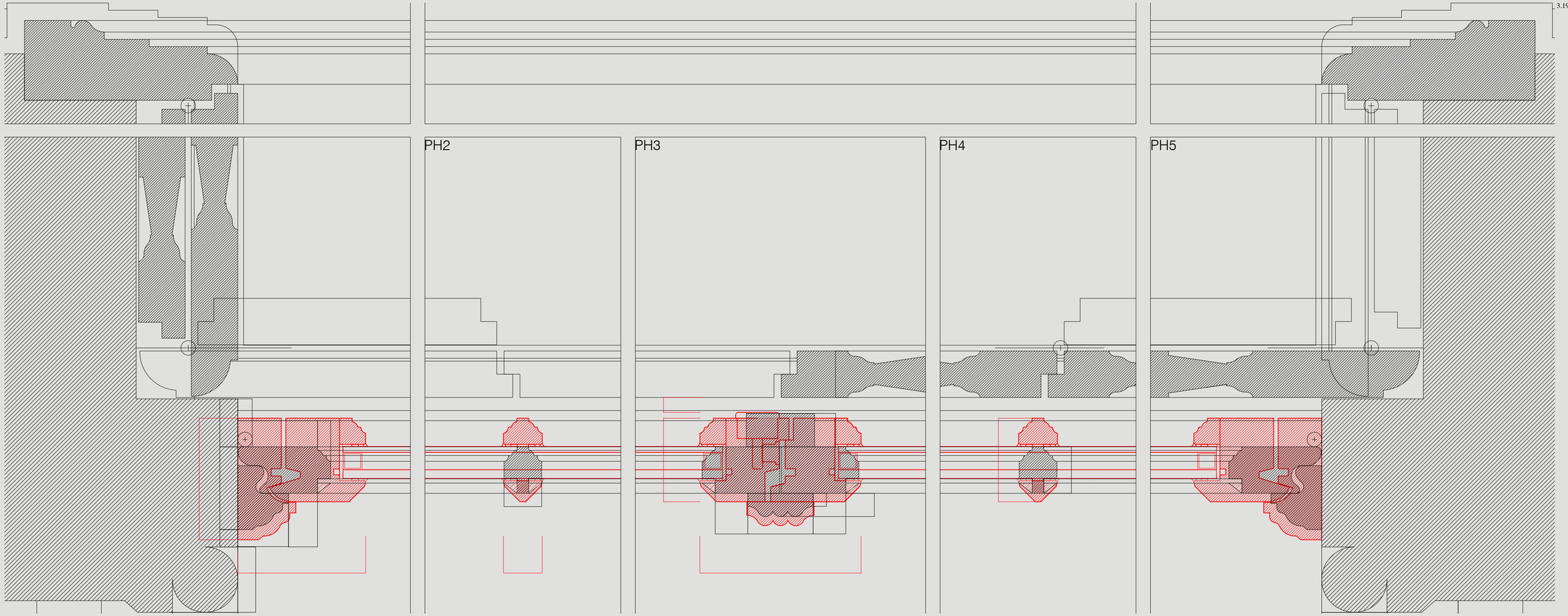
PH2

PH3

PH4

PH5

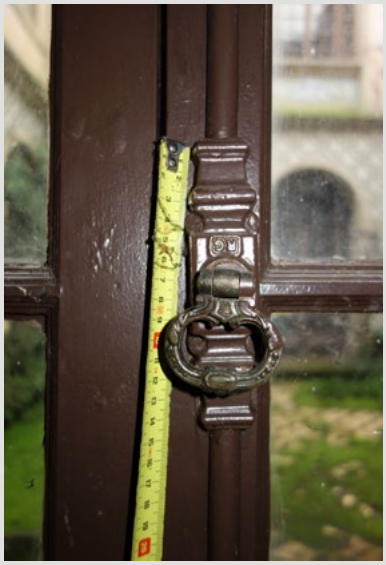



3.197
PH2
PH3
PH4
PH5

3.198



3.199



3.200



3.201



3.197 - Sobreposição do pormenor do levantamento do vão tipo B1 (cor preta) e da nova proposta de caixilharia (cor vermelha), que aproxima a caixilharia standard à original.
3.198 - Medições gerais realizadas durante o levantamento fotográfico de Novembro de 2020.
3.199 - Levantamento fotográfico dos cremones originais.
3.200 e 3.201 - Levantamento arquitetónico e fotográfico da gelosia existente na fachada Sul da Casa Ricardo Severo. Novembro de 2020 (CP + NV).

fotográfico das ferragens integradas nas caixilharias originais e ao levantamento arquitetónico da gelosia existente, uma peça de madeira trabalhada de extrema importância para o desenho da fachada sul.

Durante a visita foram ainda tiradas dimensões gerais das restantes janelas, necessárias para completar o mapa de vãos.

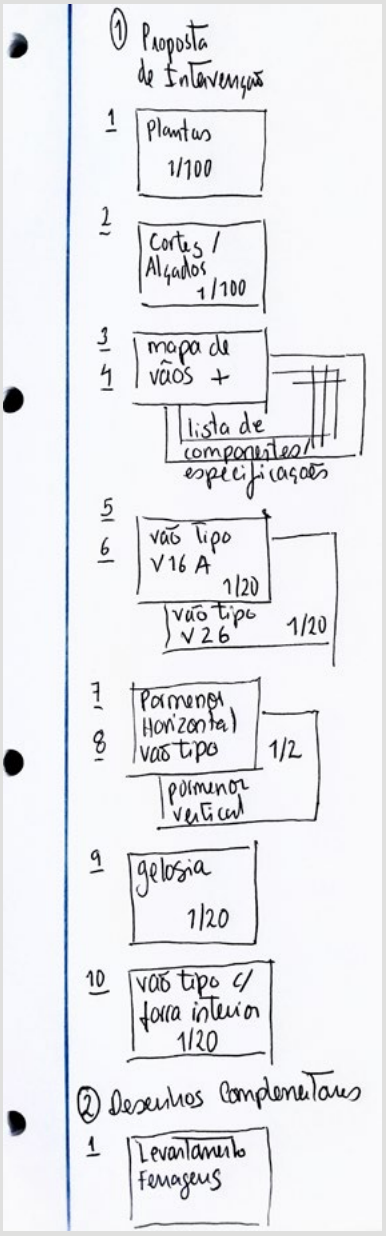
Novembro de 2020

Até 15 de Novembro foram tratados os dados obtidos no levantamento arquitetónico e fotográfico. Estava-se a aproximar a data de entrega do projeto de execução, pelo que era necessário definir a disposição final dos vários elementos necessários (Figura 3.202).

Se, até à data, se tinham apresentado as plantas e alçados gerais da Casa Ricardo Severo à escala 1/200, considerou-se pertinente, nesta fase final, que a apresentação do projeto de execução fosse à escala 1/100. Para tal, passariam a estar previstas duas folhas separadas, uma com as Plantas da casa (1) e outra com vários Alçados e Cortes (2), ambas à escala 1/100.

Na primeira folha, em que se encontram dispostas as plantas dos pisos da Casa Ricardo Severo, foi adicionada uma legenda relativa a cada vão exterior. Esta legenda, que apresenta um código de cores e de símbolos, contém as designações de cada vão, bem como o tipo de cremone a utilizar e a intervenção nas portadas. Estas plantas, devidamente legendadas, são essenciais para uma leitura global da intervenção, permitindo visualizar e localizar vãos no espaço arquitetónico e, deste modo, facilitar a leitura do mapa de vãos, apresentado na terceira e quarta folhas. A última visita à obra foi essencial para completar as plantas, alçados e cortes desenvolvido anteriormente, na medida em que foram identificados e fotografados os vários tipos de cremone a utilizar.

Já referido anteriormente, o mapa de vãos distribui-se entre a terceira e quarta folhas. Na terceira folha apresentam-se à escala 1/50 os mais variados vãos, devidamente legendados



3.202

3.202 - Organização da entrega de execução dos vãos exteriores da Casa Ricardo Severo.

e, na quarta folha, em formato de tabela e sem escala, são apresentadas as especificações dos componentes dos vãos exteriores.

Passando do geral para o particular, são apresentados dois tipos de vãos que se repetem na Casa Ricardo Severo, à escala 1/20. Primeiramente, é apresentado o vão tipo V16, que corresponde ao vão tipo B1, várias vezes referido anteriormente e, seguidamente, apresenta-se o vão tipo V26, uma das janelas de batente de sacada. Da escala 1/20 passa-se à escala 1/2, de forma a apresentar os pormenores horizontal e vertical do vão tipo V16. De uma escala em que são indicadas medidas gerais, como altura e largura do vão ou as dimensões do vidro, passa-se a uma escala de pormenor, que permite a analisar os materiais e a sua montagem, de forma a auxiliar o fabricante na sua execução. Estas folhas apresentam a versão final do pormenor desenvolvido, em conjunto, durante a visita à fábrica de caixilharias.

Para além dos vãos tipo, era necessário incluir um outro elemento no projeto de execução: a gelosia, construção de madeira trabalhada existente na fachada sul da Casa Ricardo Severo. Este elemento estava extremamente danificado, pelo que foi necessário realizar um levantamento arquitetónico e fotográfico total, de forma a possibilitar a sua reprodução fidedigna. Assim, na nona folha, apresentada no apêndice Z, é possível analisar o levantamento arquitetónico, à escala 1/20, da gelosia.

Por fim, e de forma a garantir que o projeto de execução represente a totalidade de opções interventivas propostas para a Casa Ricardo Severo, foi necessário adicionar uma segunda versão do vão tipo, na qual se adiciona uma forra térmica de 4 cm pelo interior. A adição da forra térmica no interior de alguns vãos foi uma opção da equipa responsável pela térmica e acústica desde projeto e, para além das forras, foram também adicionadas grelhas na fachada para entrada de ar, entre outros elementos. É possível verificar quais os vãos exteriores em que foram adicionadas forras térmicas nas plantas e mapas de vãos já referidos.

Para além dos desenhos necessários, foi ainda adicionada uma folha complementar, na qual estão dispostos todos os tipos de cremones e ferragens existentes na Casa Ricardo Severo.

Dezembro de 2020 - Janeiro de 2021

A 30 de Novembro de 2020 foram enviados todos os elementos desenhados, relativos à intervenção nas caixilharias de madeira[89]. Para além das peças desenhadas, foram entregues também elementos escritos, como os orçamentos do fabricante para as várias peças que constroem os vãos exteriores (portadas, caixilharias e forras).

Não obstante, até dia 14 de Dezembro, data em que foi entregue a versão final à CPrata Arquitetos, foram-se alterando pequenos detalhes, como os rótulos das folhas, e revendo pormenores, como o orçamento do fabricante das novas caixilharias.

Por fim, a 16 de Dezembro de 2020, foi entregue o projeto de execução à CMP. Submetido o projeto, foram pedidos orçamentos a várias construtoras e, consequentemente, recebidas várias estimativas para a construção.

Março de 2021 - Setembro de 2021

Assim, a 15 de Março de 2021, iniciaram-se os trabalhos de construção. A situação pandémica que nos condiciona desde 2020 não permitiu o acompanhamento presencial das obras de reabilitação da Casa Ricardo Severo. No entanto, estes meses longe da obra foram essenciais à investigação, pois garantiram um afastamento necessário para uma análise científica e imparcial do projeto e do trabalho desenvolvido.

Neste período temporal, a obra foi avançando. Seguindo o plano inicial, a primeira parte a ser reabilitada foi a cobertura, de forma a impedir infiltrações de águas da chuva que, ano após ano, iam danificando o interior do edifício. Apesar de não ser possível acompanhar a construção (Figura 3.203 a 3.207), prevê-se o final das obras em Março de 2022 e, em Abril de 2022, a abertura do hotel na centenária casa de Ricardo Severo.

3.203, 3.204 e 3.205 - Substituição da cobertura original, 2021.
3.206 - Um dos quartos da Casa Ricardo Severo, 12 de Outubro de 2020.
3.207 - Fotografia a partir do pátio, localizado no centro da Casa Ricardo Severo, Abril de 2021.

89 Todos os elementos desenhados relativos aos vãos exteriores, integrantes no projeto de execução, constam do Apêndice, inserido na parte final da presente dissertação.

3.203



3.204



3.205



3.206



3.207



CONSIDERAÇÕES FINAIS

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação partiu de um dos maiores desafios colocados à prática arquitetónica de intervenção no edificado existente: o problema das caixilharias de madeira existentes. A intervenção no existente é um problema constantemente mencionado nas investigações relacionadas com o património; no entanto, no caso específico das caixilharias de madeira, a sua importância nas fachadas e a grande diversidade de especificidades a si associadas instigam várias problemáticas, ainda por desenvolver e investigar.

> *As caixilharias existentes a reabilitar possuem uma diversidade de tipo, de funcionamento, de geometria e de valor patrimonial a considerar nas decisões de projecto.* [1]

Surgindo a oportunidade de acompanhar um projeto de reabilitação em curso, pareceu-nos extremamente oportuno e relevante aprofundar esta temática e ir mais além, documentando, numa abordagem diferente do habitual, o processo de intervenção nos vãos exteriores de um edifício em reabilitação, passo a passo.

Enunciaremos, em síntese, as conclusões que retiramos da investigação realizada, seguindo a mesma diretriz da reflexão que estruturou todo o trabalho.

1. SOBRE PATRIMÓNIO, REABILITAÇÃO E CAIXILHARIAS DE MADEIRA

Com o intuito de garantir o enquadramento da investigação foi proposta uma reflexão geral sobre Património, Reabilitação e Caixilharias de Madeira.

> *Património: é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores*

1 Juliano Ribas e Nuno Valentim Lopes, "Reabilitação adaptativa de caixilharias - Três Projectos" in *Revista Pedra & Cal, Conservação e Reabilitação*, nº 70 (edição especial CONREA 2021), Janeiro - Junho de 2021, p. 67.

específicos e particulares e com os quais se identifica.[2]

A atual noção de património resulta da compilação, ao longo dos séculos, das várias reflexões e contributos de arquitetos, historiadores, filósofos... Se, inicialmente, a noção de valor estava conectada ao património erudito (histórico e arqueológico) e monumental, a partir do século XIX transcende esse domínio, passando a valorizar conjuntos edificados e o tecido urbano, como foi possível constatar através da investigação realizada.

Tendo em conta a abrangência atual do conceito de património, desenvolvida neste primeiro capítulo, foi possível identificar, inequivocamente, valores patrimoniais no edificado urbano corrente. Consideramos, ainda, que este edificado não pode ser "tratado" como património monumental (classificado) nem como construção de raiz, e que é necessário o desenvolvimento um enquadramento específico: leis que garantam a sua proteção e critérios de restauro e reabilitação adequados.

> *Um edifício importante do passado é modificado devido a uma determinada carência, de qualquer tipo, que este possui aos olhos dos seus herdeiros, reconhecendo ao transformá-lo a sua validade primária, na medida em que permanece como um pé forçado da ação projetual.*[3]

A reabilitação, *(...) surge assim no âmbito de uma política de conservação integrada do património arquitectónico, como resposta à degradação física dos tecidos antigos*[4]. Se, no século XX, a reabilitação praticada era, maioritariamente, socialmente cautelosa, efetuada lote a lote e casa a casa, foi possível constatar que, nas últimas duas décadas, as práticas mais comuns têm sido a intervenção à escala do quarteirão, as demolições maciças e o fachadismo.

2 Carta de Cracóvia: Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído, 2000, p. 5. Disponível em: < http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf >

3 Antón Capitel, *Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración.* op. cit., p. 13 (tradução livre).

4 Ana Pinho, *Conceitos e políticas de reabilitação urbana: análise da experiência dos gabinetes locais* (Tese de Doutoramento). Lisboa: FA, 2009, p. 81.

> *Como os edifícios antigos não são, em geral, compatíveis com as exigências construtivas da nova regulamentação, aquela circunstância constitui, objectivamente, um convite à velha prática do «deita abaixo para construir de novo» - prática com que se delapidou tanto do nosso património edificado, com inestimável prejuízo, tanto cultural como material.*[5]

Entende-se que o RERU (2014), um regime "transitório e excecional", que teve na sua origem fortes motivações económicas, convidava à perpetuação destas más práticas. Considera-se, ainda, que durante grande parte da década de 2010 vigorava em Portugal uma política de isenção, que não respondia aos problemas existentes como a excessiva regulamentação, a descoordenação entre os vários regulamentos vigentes e, para além disso, criava novos problemas, ao potencializar a destruição dos valores patrimoniais presentes no edificado existente.

São visíveis as consequências negativas desta atmosfera e de um quadro regulamentar concebido para a construção nova que convida à não consideração dos valores patrimoniais[6]. Este regime foi revogado, finalmente, em 2019, com a criação do "Regime Aplicável aos Edifícios e Frações Autónomas" (Decreto-Lei 96/2019), que se tem como alvo o edificado corrente com valores patrimoniais.

Sabe-se que a reabilitação ocupa e ocupará a maioria das práticas arquitetónicas nos próximos anos[7] e, assim sendo, reconhece-se a necessidade de reunir ferramentas e conhecimento sobre estas temáticas, na tentativa de garantir intervenções cautelosas e respeitadoras. Considera-se, ainda, que a identificação e o entendimento dos valores patrimoniais na preexistência influencia grandemente a ação interventiva de cada arquiteto, tornando-se, assim, um fator extremamente determinante no projeto arquitetónico. Como foi referido anteriormente, as cai-

5 João Porto in *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos*, Vasco Freitas (coord.) et al, p. 132.

6 Nuno Valentim Lopes, *Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea...*, p. 457.

7 *"A arquitectura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação"*. Alexandre Alves Costa, "Quando o Património....", p. 91.

xilharias de madeira surgem como objeto em estudo na presente dissertação, enquanto elementos integrantes na reabilitação do edificado existente:

> *Podemos (...) considerar que as caixilharias e portas existentes são elementos arquitectónicos e construtivos de enorme importância e valor, seja na leitura do edifício, seja na leitura de conjunto da cidade consolidada.*[8]

Na cidade do Porto, é possível verificar que *(...) a grande maioria das casas hoje existentes (...) são edifícios dos séculos XVII, XVIII e XIX*[9]. É possível, ainda, reconhecer que a harmonia e uniformidade dos alçados das casas portuenses se deveu à sistematização dos vários elementos construtivos que os constituem, o que, consequentemente, levou à sistematização da arquitetura da casa burguesa na cidade. Nestes alçados, é possível verificar que a superfície envidraçada é superior à superfície de parede, o que, na prática, se traduz na existência de *(...) centenas de milhares de vãos e caixilharias* [de madeira] *com uma geometria e sistema construtivo semelhantes*[10].

Ao percorrer a cidade, observa-se que a maioria das reabilitações aposta numa solução de substituição integral das caixilharias de madeira originais, o que, por sua vez, nos permite reiterar que os projetitas e donos de obra estão a priorizar a questão do desempenho, a economia de meio e a rapidez de execução. No entanto, foi-nos possível averiguar que a substituição total nem sempre é a opção mais económica e, caso se verifique a existência de caixilharias da origem do edifício (bem como trabalhos de marcenaria de valor), dever-se-ão ponderar todas as hipóteses de restauro/ reabilitação primeiramente, antes de se optar pela substituição.

8 Juliano Ribas e Nuno Valentim Lopes, "Reabilitação adaptativa de caixilharias - Três Projectos", p. 67.

9 Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, "Casas do Porto" in *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 336.

10 Nuno Valentim Lopes, Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX, p. 2.

De forma a garantir a solução de intervenção adequada a cada vão exterior, consideramos indispensável a realização de um estudo diagnóstico: este estudo deverá contar com o levantamento arquitetónico e fotográfico, com a inspeção dos elementos a reabilitar e com a identificação de patologias neles existentes. Cremos que é *(...) possível conciliar o aparentemente inconciliável através do conhecimento profundo da realidade existente a par de um esforço da cultura de projecto dos seus intervenientes.*[11]

2. TRÊS INTERVENÇÕES NO EDIFICADO EXISTENTE

Neste capítulo foi proposta a análise de três projetos de intervenção no edificado existente - distintos em escala, estado de conservação e programa - com o objetivo de cruzar as diferentes estratégias seguidas pelos arquitetos.

No primeiro caso em estudo, a reabilitação de duas casas na Rua da Cerca, do Arq. Eduardo Souto de Moura, constatou-se que foi necessária uma grande intervenção, dado o estado de quase ruína que os edifícios (bem como os vãos exteriores) apresentavam. Atenta-se ao fato de ter sido realizado um levantamento às caixilharias e guarnições que restavam, apesar de se ter optado pela substituição integral destes elementos. No entanto, foi possível averiguar que as novas caixilharias de madeira (que deveriam assentar vidro duplo e garantir as normas da térmica e da acústica), tiveram por base o levantamento efetuado às caixilharias originais e que estas foram construídas numa oficina, por encomenda. Foi possível concluir que, neste caso em específico, o avançado estado de degradação das caixilharias originais condicionou grandemente a intervenção nos vãos exteriores, apenas permitindo opções de substituição; condicionado a este nível, o arquiteto considerou que a substituição por uma nova caixilharia que (re)interpretava o desenho original era a opção que mais se adequava ao projeto de intervenção.

11 Nuno Valentim Lopes, *Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea...*, p. 458.

O segundo caso em estudo, a recuperação da zona sinistrada do Chiado, do Arq. Álvaro Siza, trata-se de um plano e não de um projeto. Assim sendo, recordamos que o arquiteto optou por definir apenas as linhas gerais para a recuperação dos vários edifícios, respeitando a volumetria preexistente e conservando as fachadas de inequívoco valor patrimonial. Excetuando as fachadas e paredes mestras, o incêndio consumiu a maior parte dos componentes dos edifícios pombalinos, que eram constituídos quase integralmente de madeira. Dada a inexistência de caixilharias originais, foi necessário realizar um levantamento aos vãos envidraçados de vários edifícios da Baixa Pombalina, para, posteriormente, definir as propostas de intervenção para os vãos exteriores. O arquiteto propõe dois conjuntos de caixilharias de madeira de vidro simples, um pelo exterior (que reproduz as caixilharias originais) e um pelo interior (simples e de um só pano, de forma a não se notar pela rua), criando uma caixa de ar entre eles. Consideramos que esta proposta concilia a delicadeza e o valor patrimonial das caixilharias de madeira originais, ao mesmo tempo que cumpre as regulamentações ao nível da acústica e da térmica.

O terceiro caso, e último caso em estudo neste capítulo, apresenta o projeto para a reabilitação das caixilharias de madeira existentes num conjunto de prédios de rendimento da Fundação Instituto Marques da Silva, da autoria do Arq. Nuno Valentim. Na preexistência foi possível identificar 110 vãos a intervencionar, que se dividem entre cerca de 12 vãos tipo. O estado de degradação e o programa interior (que se divide entre habitação, alojamento local, escritórios, arquivos, entre outros...) é muito diverso, como foi possível verificar no levantamento efetuado.

> *O levantamento e o diagnóstico, vão a vão, além de possibilitar a definição das exigências de conforto associadas a cada programa, permitiu verificar que mais de 50% dos vãos a intervencionar necessitariam apenas de um tratamento parcial - como a afinação das ferragens, a desmontagem e limpeza, a substituição de peças degradadas (próteses), o tratamento de juntas de ligação*

com o contorno e ajustes ao aro/mata-juntas, traduzindo-se numa melhoria significativa da vedação, estanquidade e durabilidade da caixilharia existente.[12]

Tendo em consideração que os vãos associados às habitações e aos quartos de hotel necessitavam de garantir um nível de desempenho térmico e acústico, o arquiteto optou por restaurar as caixilharias originais e adicionar um segundo conjunto de caixilharias pelo interior ou pelo exterior, criando uma caixa de ar (à semelhança do que sucedeu no caso do Chiado).

Refletindo sobre estas intervenções no existente, foi possível concluir que as decisões de projeto estão dependentes de vários fatores: como o valor patrimonial atribuído, o conhecimento dos sistemas construtivos, as exigências programáticas e a preocupação energético-ambiental. É na ponderação de todas estas condicionantes que se encontra uma solução de intervenção adaptada, caso a caso, vão a vão.

3. INTERVENÇÃO NA CASA RICARDO SEVERO

A reabilitação da Casa Ricardo Severo é coordenada pelo Arq. Carlos Prata (CPrata Arquitetos), e tem como objetivo converter esta moradia unifamiliar num Hotel.

Projetada e construída pelo seu proprietário entre 1902 e 1904, esta casa é reflexo da vontade de *"(...) reunir num schema do nosso tempo tudo o que suas viagens pelo país lhe sugeriram de bello, de pittoresco e de lógico"*[13]. A "colagem" destas referências torna-se evidente na composição das fachadas da casa e *(...) na diversidade do desenho dos vãos e elementos associados.*[14]

Ao surgir a oportunidade de participar neste projeto de reabilitação, mais especificamente na definição de uma proposta de intervenção para os vãos exteriores existentes neste edifício,

12 Juliano Ribas e Nuno Valentim Lopes, "Reabilitação adaptativa de caixilharias - Três Projectos", p. 70.

13 João Barreira, "Habitação em Portugal", in *Notas sobre Portugal.* 1908, p. 170-171.

14 Juliano Ribas e Nuno Valentim Lopes, "Reabilitação adaptativa de caixilharias - Três Projectos", p. 71.

equacionámos tornar esta experiência ainda mais interessante, ao documentá-la, passo a passo. A grande quantidade e diversidade de vãos existentes (78 vãos exteriores) prometia vários caminhos de intervenção e, com efeito, fomos explorando várias propostas e caminhos durante o tempo em que trabalhámos no projeto.

A inspeção e o diagnóstico às caixilharias de madeira existentes foi orientada pelo novo programa proposto para o edifício (Hotel). Assim sendo, optámos por organizar a totalidade de vãos exteriores existentes em duas categorias distintas:

- 49 vãos ligados a zonas de serviços e sociais, sem necessidade de cuidado acústico e térmico;
- 29 vãos associados a quartos, que necessitavam de garantir um excelente desempenho térmico e acústico.

Durante o levantamento e inspeção realizados foi possível verificar a riqueza do desenho e dos componentes das caixilharias originais. Como tal, e na tentativa de valorizar e manter ao máximo as caixilharias originais, previa-se o restauro ou a reposição dos 49 associados a zonas sociais e de serviços, mantendo o desenho original e o vidro simples, substituindo apenas algumas peças degradadas e melhorando as vedações. No caso dos 29 associados aos quartos, previa-se a adaptação da caixilharia original, adicionando um segundo conjunto de caixilharias pelo interior, de forma a garantir as exigências ao nível da térmica e da acústica. Apesar da proposta ser viável, esta foi rejeitada pelo cliente, devido ao espaço útil ocupado pela segunda caixilharia e *(...) pela necessidade de obter uma garantia através da utilização de uma caixilharia certificada*.[15]

De forma a responder às exigências do cliente, a solução encontrada passou pela (re)interpretação das caixilharias originais, adaptando-as para assentar vidro duplo, levando ao limite as espessuras dos perfis industriais. Consideramos que a nova proposta de intervenção preserva a diversidade de desenho característica dos vãos da Casa Ricardo Severo e responde às exigências de desempenho do programa proposto, encontrando-se, assim, a meio caminho e em analogia, entre a mimesis (conser-

15 Ibidem, p. 72.

vação/ restauro) e o contraste (seleção de um caixilharia industrial). Apenas foram restaurados elementos singulares, como os vitrais existentes.

Em suma, podemos considerar que a participação na definição das várias propostas de intervenção para os vãos exteriores da Casa Ricardo Severo nos permitiu ganhar um novo olhar sobre a intervenção no edificado existente e, mais especificamente, ganhar uma nova perspetiva sobre a intervenção no umbral e as suas especificidades.

Esta participação possibilitou, também, a documentação de todas as dificuldades e hesitações que foram ocorrendo durante o processo projetual. Esta abordagem mais pessoal, em formato de "diário de bordo", descreve pormenorizadamente todas as possibilidades que foram surgindo ao longo da intervenção; assim sendo, é possível comparar este "diário de bordo" às folhas de processo ou aos esboços e rascunhos que antecedem a proposta final de um projeto. Mais que um "antes" e um "depois", a descrição do "entre", do processo, garante uma abordagem diferente do habitual, possibilitando e levantando novas questões.

Fica-se na expectativa de que a investigação conduzida permita:

- solidificar os trabalhos desenvolvidos até à data sobre a intervenção em edifícios existentes e despoletar o interesse por novas investigações neste âmbito;
- chamar a atenção para as boas práticas de reabilitação do edificado, valorizando o debate sobre o património arquitetónico;
- disseminar conhecimento, processos e teorias; mas também demonstrá-los, colocando-os em prática, garantindo assim uma "ponte" entre o mundo académico e o profissional;
- e, por fim, mostrar e documentar um lado diferente da intervenção no edificado existente e da reabilitação das caixilharias de madeira existentes que, devem ser, acima de tudo, valorizadas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS | REFERÊNCIAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.º - Artigo

AVAC - Aquecimento, Ventilação e Ar Condicionado

CMP - Câmara Municipal do Porto

CP - Arq. Carlos Prata (CPrata Arquitetos)

CRUARB - Comissariado para a Renovação Urbana da Área de Ribeira/ Barredo

DL - Decreto-lei

DGEMN - Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

GAT - Gabinete de Apoio Técnico

GTL - Gabinete Técnico Local

ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (*Internacional Council on Monuments and Sites)*

IMS - Instituto Arquiteto Marques da Silva

FIMS - Fundação Instituto Arquiteto Marques da Silva

L - Lei

LNEC - Laboratório Nacional de Engenharia Civil

MM - Mariana de Matos, autora da dissertação

NV - Arq. Nuno Valentim (Nuno Valentim, Arquitectura e Reabilitação, Lda.)

RERU - Regime Excepcioanl para a Reabilitação Urbana

RGEU - Regulamento Geral das Edificações Urbanas

RJUE - Regime Jurídico da Urbanização e da Edificação

SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura *(United Nations Educational Scientific and Culture Organization)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA. VV. *La conférence d'Athènes: sur la conservation artistique et historique des monuments 1931*, (F. Choay, ed. e prefácio). Paris: Éditions de L'Imprimeur, 2002.

- AA.VV. *Chiado em detalhe. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação*. Lisboa: CML, 2013.

- AGUIAR, José. *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: FAUP, 2002.

- AGUIAR, José. "Reabilitação ou fraude", in Revista *Patrimóni*o, n.º 2. Lisboa: DGPC, Novembro de 2014, pp. 56-69.

- AGUIAR, José; CABRITA, A. M. Reis; APPLETON, João. *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2014 (2 Volumes).

- ALBERTI, Leon Battista. *Da arte edificatória*, (Trad. do latim Arnaldo Espírito Santo; introdução, notas e revisão disciplinar Mário Krüger). Lisboa: FCG, 2011 (1.ª ed. 1485).

- ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel. *História Da Arte Em Portuga*l, Vol. 14: A Arquitectura Moderna. Lisboa: Ed. Alfa, 1986.

- ALVES COSTA, Alexandre. "Arquitectura como arte de transformar" in *1º Seminário – A intervenção no Património: Práticas de Conservação e Reabilitação*. Porto: FEUP/DGEMN, 2002, pp. 591-594.

- APPLETON, João. *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias da Intervenção*. Amadora: Edições Orion, 2011.

- AZEVEDO, *Carlos de. Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.

- AZEVEDO, Rogério. "Da sumptuária das casas do porto" in *Casas do Porto: século XIV ao XIX*. Porto: Câmara Municipal do Porto, Gabinete de História da Cidade, 1961.

- BACKHEUSER, Luiz A. F. *A casa do Arqueólogo - Contribuição ao estudo da obra de Ricardo Severo* (Dissertação de Mestrado), Porto: FAUP, 2006.

- BARATA FERNANDES, Francisco. *Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP Publicações, 1999 (1.ª ed. 1996).

- BARREIRA, João. "A Habitação em Portugal" in *Notas sobre Portugal - Exposição Nacional do Rio de Janeiro*, Volume II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1908.

- CAPITEL, Antón. *Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración*. 2ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2009 (1.ª ed. 1988).

- CHOAY, Françoise. *Alegoria do Património*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008 (tradução; 1.ª ed. 1999).

- CHOAY, Françoise. *As Questões do Património*. Lisboa: Edições 70, 2011 (tradução; 1.ª ed. 2009).

- CHOAY, Françoise. *Património e mundialização*. [S.L.]: Licorne, 2005 (tradução).

- CUSTÓDIO, Jorge (coord.) et al. *Portugal 1910-2010: 100 anos de património, memória e identidade*. 2ª ed. Lisboa: IGPAA, 2011.

- DOMINGUES, Álvaro. "Patrimónios Desam-

parados", in Revista *Património*, n.º 2. Lisboa: DGPC, Novembro de 2014, pp. 6-15.

- FARIA, José Amorim. "Reabilitação de coberturas em madeira em edifícios históricos", in *A intervenção no Património: Práticas de Conservação e Reabilitação*. Porto: FEUP, 2002.

- FERNANDES, José Alberto Rio. *A Foz, entre o rio, o mar e a cidade*. Porto: Associação de Cultura e turismo da Foz. 1989.

- FRANÇA, José-Augusto. *A arte em Portugal no século XIX*. 2ª ed. revista, corrigida e ampliada. Lisboa: Bertrand, 1981.

- FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha, *Toponímia Portuense*. Matosinhos: Contemporânea Editora, Lda, 1999.

- FREITAS, Vasco Peixoto de (coord.) et al. *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitaçãode Edifícios Antigos*. Porto: Ed. Ordem dos Engenheiros, 2012.

- GUIMARÃES, Alberto Prado (org). *Homenagem a Ricardo Severo: centenário do seu nascimento (1869-1969)*. São Paulo: Gráfica Sangirard, 1969.

- LEMOS, Carlos A. Cerqueira. *Ramos de Azevedo e o seu escritório*. São Paulo: Editora Pini, 1993.

- LINO, Raul. *Casas portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.

- LINO, Raul. "O Romantismo e a <<Casa Portuguesa>>" in *Estética do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário, 1974.

- LOBO, Matilde, *Estratégias de reconstrução urbana: a experiência do Chiado em discurso directo* (Dissertação de Mestrado). Porto: FAUP, 2014.

- MASCARENHAS, Jorge. *Sistemas de Construção – XIII Reabilitação Urban*a. Lisboa: Livros Horizonte, 2018.

- MELLO, Joana. *Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga*. Porto: Dafne Editora, 2007.

- MELLO, Joana. *Ricardo Severo: Da Arqueologia Portuguesa à Arquitetura Brasileira*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

- MILHEIRO, Ana Vaz. A *construção do Brasil: relações com a cultura arquitectónica portuguesa*. Porto: FAUP, 2005.

- MIOTTO, José Luiz. *Evolução das esquadrias de madeira no Brasil in UNOPAR Científica, Ciênc. Exatas Tecnol., Londrina*, v. 1, n. 1, Novembro 2002, p. 55-62. Disponível em :< https://revista.pgsskroton.com/index.php/exatas/article/view/1238 >.

- MOURA, Nuno Augusto Monteiro de Campos. *A Foz do Douro* (Dissertação de Mestrado). Porto: FLUP, 2009.

- NETO, Maria João Baptista. *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais: 1929-1960*. Porto: FAUP Publicações, 2001.

- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando. *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

- PAIVA, J.; AGUIAR, J.; PINHO, A. *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional.* Lisboa: LNEC-INH, 2006.

- PINHO, Ana Cláudia da Costa. *Conceitos e políticas de reabilitação urbana: análise da experiência dos gabinetes locais* (Tese de Doutoramento). Lisboa: FA, 2009.

- RIBAS, Juliano; VALENTIM LOPES, Nuno. "Reabilitação adaptativa de caixilharias - Três Projectos" in Revista *Pedra & Cal, Conservação e Reabilitação*, nº 70 (edição especial CONREA 2021), Janeiro - Junho de 2021, p. 67 a 75.

- RIEGL, Aloïs. *O Culto Moderno dos Monumentos*. Lisboa: Edições 70, 2013.

- RIVERA BLANCO, Javier. *De varia restauratione: Teoría e historia de la restauración arquitectónica*. Madrid: ABADA Editores, 2008.

- ROCHA PEIXOTO, António. "A Casa Portugueza" in Revista *Serões*, nº 4, Outubro 1905, pp. 318 - 322.

- RODRIGUES, Sérgio M. Lopes. *Reabilitação de caixilharias de madeira na obra de Arménio Losa e Cassiano Barbosa: contributo para um possível redesenho* (Dissertação de Mestrado Integrado). Porto: FAUP, 2013.

- RUSKIN, John. *Las siete lâmparas de la arquitectura*. Barcelona: Alta Fulla, 1987.

- SALGUEIRO, Teresa Barata. *A cidade em Portugal: uma geografia urbana*. Porto: Edições Afrontamento, 1984.

- SEVERO, Ricardo. "A Arte Tradicional no Brasil: A Casa e o Templo (1914)" in *Sociedade de Cultura Artística: Conferências 1914-1915*. São Paulo: Tipographia Levi, 1916.

- SILVA, Carlos Manuel Vaz Fonseca da; PEDRO, Pedro Jorge Matias. *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Regimento de Sapadores Bombeiros, 2018.

- SIZA VIEIRA, Álvaro. *01 Textos*. Lisboa: Parceria AM Pereira, 2019.

- SIZA VIEIRA, Álvaro. *Imaginar a evidência.* Lisboa: Edições 70, 2000.

- SIZA VIEIRA, Álvaro. *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*. Granada: Delegación en Granada del Colegio de Arquitectos, 1994.

- SIZA VIEIRA, Álvaro. "Recuperação e Manutenção" in *A intervenção no Património: Práticas de Conservação e Reabilitação*, Porto: FEUP, 2002, p. 19-26.

- TAVARES, Domingos. *Casas de Brasileiro*. Porto: Dafne, 2015.

- TÁVORA, Fernando. *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura, 1947.

- TÁVORA, Fernando. *Diário de "bordo"*. Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012.

- TÁVORA, Fernando, *Estudo de Renovação Urbana do Barred*o. Porto: Câmara Municipal do Porto, 2019.

- TEIXEIRA, Joaquim. *Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX – Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal* (Trabalho de Síntese elaborado no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica). Porto: FAUP, 2004.

- TEIXEIRA, Joaquim. *Salvaguarda e valorização do edificado habitacional da cidade histórica: metodologia de intervenção no sistema construtivo da casa burguesa do Porto* (Tese de

Doutoramento). Porto: FAUP, 2013.

- TOMÉ, Miguel. Património e Restauro em Portugal (1920-1995). Porto: FAUP, 2002.

- VALENTIM LOPES, Nuno. *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX* (Dissertação de Mestrado). Porto: FEUP, 2006.

- VALENTIM LOPES, Nuno. *Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea. Sobre práticas de reabilitação no edificado corrente* (Tese de Doutoramento). Porto: FAUP, 2015.

- VIOLLET-LE-DUC, Eugène. *Le Dictionnaire d'architecture* (relevés et observations par Philippe Boudon et Philippe Deshayes). Liège: Pierre Mardaga, 1979.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

CARTAS E RECOMENDAÇÕES REFERENCIADAS:

- Carta de Atenas, 1931. Disponível em: < http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf >.

- Carta de Veneza, 1964.Disponível em: < http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf >.

- Carta Europeia Do Património Arquitectónico, 1975. Disponível em: < http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CARTAEUROPEIADOPATRIMONIOARQUITECTONICO.pdf >.

- Resolução (76) 28, do Comité de Ministros do Conselho da Europa, 14 de Abril de 1976. Disponível em: < https://search.coe.int/cm/Pages/result_details.aspx?ObjectId=09000016804d21d6 >

- Carta De Lisboa Sobre A Reabilitação Urbana Integrada, 1995. Disponível em: < https://www.culturanorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1%C2%BA_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf?x69634 >.

- Carta de Cracóvia, 2000, Princípios Para a Conservação e o Restauro do Património Construído. Disponível em: < http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>.

- Recomendações Para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico, 2002. Disponível em: < http://icomos.fa.utl.pt/documentos/cartasdoutrina/icomosrecomendacoesestruturas.pdf >

SITES CONSULTADOS:

- Património Cultural, Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em: < http://www.patrimoniocultural.gov.pt/ >.

- ICOMOS Portugal. Disponível em: < https://www.icomos.pt/ >.

- Council of Europe. Disponível em: < https://www.coe.int/ >.

- Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: < https://bndigital.bnportugal.gov.pt/ >.

- Arquivo Municipal do Porto. Disponível em: < http://gisaweb.cm-porto.pt/ >.

- Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/ >.

- Arquivo Digital de Cascais. Disponível em: < https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Search.aspx/ >.

- Library of Congress. Disponível em: < https://www.loc.gov/ >.

- L'Agence Photo. Disponível em: < https://www.photo.rmn.fr/ >.

- Biblioteca Nazionale Centrale di Roma. Disponível em: < http://digitale.bnc.roma.sbn.it/tecadigitale/ >.

- e-chiado. Disponível em: < https://www.e-chiado.pt/ >.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

CAPÍTULO 1

Figura 1.1 - Fotografia da autora, 31 de Dezembro de 2018.

Figura 1.2 - Fotografia da autora, 2 de Março de 2019.

Figura 1.3 -CHOAY, Françoise. Alegoria do Património. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008 (tradução; 1.ª ed. 1999).

Figura 1.4 - Fotografia da autora, 30 de Dezembro de 2018.

Figura 1.5 - Fotografia da autora, 30 de Dezembro de 2018.

Figura 1.6 - ALBERTI, Leon Battista, The ten books of architecture. Nova Iorque: Dover Publication, Inc, 1986 (reimpressão), ilustração 25.

Figura 1.7 - Ibidem, ilustração 28.

Figura 1.8 - Disponível em < https://oma.eu/projects/venice-biennale-2010-cronocaos >, [consultado em: 21 de Março de 2021].

Figura 1.9 - Disponível em < https://oma.eu/projects/venice-biennale-2010-cronocaos >, [consultado em: 21 de Março de 2021].

Figura 1.10 - Fotografia da autora, 30 de Dezembro de 2018.

Figura 1.11 - Fotografia da autora, 3 de Março de 2019.

Figura 1.12 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/688072 >, [consultado em: 29 de Março de 2021].

Figura 1.13 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/276169/ >, [consultado em: 21 de Março de 2021].

Figura 1.14 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/276169/ >, [consultado em: 21 de Março de 2021].

Figura 1.15 - Library of Congress. Disponível em < https://www.loc.gov/item/2020683500/ >, [consultado em: 29 de Março de 2021].

Figura 1.16 - Fotografia da autora, 3 de Março de 2019.

Figura 1.17 - Library of Congress. Disponível em < https://www.loc.gov/item/2018588032/ >, [consultado em: 29 de Março de 2021].

Figura 1.18 - Fotografia da autora, 24 de Novembro de 2019.

Figura 1.19 - Library of Congress. Disponível em: < https://www.loc.gov/item/2001700900/ >, [consultado em: 29 de Março de 2021].

Figura 1.20 - Disponível em: < https://www.facebook.com/archinerds/photos/a.534744486690244/1754027211428626/ >, [consultado em: 4 de Abril de 2021].

Figura 1.21 - Fotografia da autora, 24 de Novembro de 2018.

Figura 1.22 - Disponível em: < https://www.facebook.com/photo/?fbid=10214706409372558&set=gm.1528139980908944 >, [consultado em: 4 de Abril de 2021].

Figura 1.23 - Library of Congress. Disponível em: < https://www.loc.gov/item/2017660214/ >, [consultado em: 29 de Março de 2021].

Figura 1.24 - Disponível em: < https://

www.facebook.com/archinerds/photos/a.534744486690244/1800048800159800/ >, [consultado em: 4 de Abril de 2021].

Figura 1.25 - Fotografia de Inês LR, 4 de Maio de 2016.

Figura 1.26 - Fotografia da autora, 28 de Novembro de 2018.

Figura 1.27 - AGUIAR, José. Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património. Porto: FAUP, 2005. (1.ª ed. 2002).

Figura 1.28 - Ibidem.

Figura 1.29 - Disponível em: < https://oma.eu/projects/venice-biennale-2010-cronocaos >, [consultado em: 21 de Março de 2021].

Figura 1.30 - Disponível em: < https://www.huntington.org/verso/2018/08/beautiful-ruins/ >, [consultado em: 3 de Abril de 2021].

Figura 1.31 - Disponível em: < https://oma.eu/projects/venice-biennale-2010-cronocaos >, [consultado em: 21 de Março de 2021].

Figura 1.32 - Disponível em: < https://www.photo.rmn.fr/ >, [consultado em: 3 de Abril de 2021].

Figura 1.33 - Disponível em: < https://www.photo.rmn.fr/ >, [consultado em: 3 de Abril de 2021].

Figura 1.34 - Disponível em: < https://www.facebook.com/archinerds/photos/a.534744486690244/1800037543494259/ >, [consultado em: 4 de Abril de 2021].

Figura 1.35 - Fotografia da autora, 17 de Novembro de 2018.

Figura 1.36 - RIVERA BLANCO, Javier. De varia restauratione: Teoría e historia de la restauración arquitectónica. Madrid: ABADA Editores, 2008.

Figura 1.37 - Ibidem.

Figura 1.38 - Ibidem.

Figura 1.39 - Ibidem.

Figura 1.40 - TÁVORA, Fernando. Diário de "bordo". Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012, p. 47.

Figura 1.41 - OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

Figura 1.42 - Ibidem.

Figura 1.43 - Ibidem.

Figura 1.44 - OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa. op. cit.

Figura 1.45 - Ibidem.

Figura 1.46 - TÁVORA, Fernando, Estudo de Renovação Urbana do Barredo. Porto: Câmara Municipal do Porto, 2019.

Figura 1.47 - Ibidem.

Figura 1.48 - Fotografia da autora, 24 de Maio de 2019.

Figura 1.49 - Fotografia da autora, 02 de Setembro de 2019.

Figura 1.50 - Fotografia da autora, 06 de Agosto de 2019.

Figura 1.51 - Fotografia da autora, 01 de Janeiro de 2019.

Figura 1.52 - Disponível em: < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/309877/

>, [consultado em: 5 de Abril de 2021].

Figura 1.53 - Disponível em: < http://gisaweb.cm--porto.pt/units-of-description/documents/336258/ >, [consultado em: 5 de Abril de 2021].

Figura 1.54 - Unidade de Intervenção do Quarteirão das Cardosas: Documento Estratégico (Versão Web), Junho 2007. Disponível em: < http://temp.portovivosru.pt/pt/areas-de-atuacao/detalhe-quarteiroes/cardosas >, [consultado em: 5 de Abril de 2021].

Figura 1.55 - AGUIAR, José. Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património. Porto: FAUP, 2005. (1.ª ed. 2002).

Figura 1.56 - Disponível em: < https://www.porto.pt/pt/noticia/rui-moreira-vai-requerer-uma-auditoria-obra-do-quarteirao-de-d-joao-i >, [consultado em: 5 de Abril de 2021].

Figura 1.57 - Disponível em: < https://www.porto.pt/_next/image?url=https%3A%2F%2Fportopontocms-live-f03d42215130439cbde1-5c14293.divio-media.org%2Foriginal_images%2F56cc77e-1f63d-mno_reabilitacao_01.jpg&w=1460&q=85 >, [consultado em: 5 de Abril de 2021].

Figura 1.58 - Fotografia da autora, 06 de Dezembro de 2019.

Figura 1.59 - Seminário "O novo regime aplicável à reabilitação de edifícios e frações autónomas. Principais alterações introduzidas pelo Decreto-Lei nº 95/2019." LNEC, 17 de Setembro de 2019. Disponível em: < http://www.lnec.pt/pt/divulgacao-e-formacao/reunioes-cientificas/seminario-o-novo-regime-aplicavel-a-reabilitacao-de--edificios-e-fracoes-autonomas/ >.

Figura 1.60 - Disponível em: < https://www.facebook.com/photo/?fbid=10214805247243443&-set=gm.1542700052786270 >, [consultado em: 14 de Abril de 2021].

Figura 1.61 - Disponível em: < https://www.facebook.com/fotosdoporto/photos/a.651994908204898/4983724521698560/ >, [consultado em: 14 de Abril de 2021].

Figura 1.62 - Fotografia de Rute Morais, 06 de Agosto de 2018.

Figura 1.63 - Disponível em: < http://gisaweb.cm--porto.pt/units-of-description/documents/396571/ >, [consultado em: 14 de Abril de 2021].

Figura 1.64 - Disponível em: < http://gisaweb.cm--porto.pt/units-of-description/documents/333685/ >, [consultado em: 14 de Abril de 2021].

Figura 1.65 - TEIXEIRA, Joaquim. Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX – Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal (Trabalho de Síntese elaborado no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica). Porto: FAUP, 2004.

Figura 1.66 - Ibidem.

Figura 1.67 - Ibidem.

Figura 1.68 - Fotografia da autora, 28 de Junho de 2018.

Figura 1.69 - Disponível em: < https://portopontocms-live-f03d42215130439cbde1-5c14293.divio-media.org/documents/cb8b41efe9a4-Jornal_Porto._N8_versao_WEB.pdf >, [consultado em: 13 de Abril de 2021].

Figura 1.70 - Disponível em: < http://gisaweb.cm--porto.pt/units-of-description/documents/337801/

>, [consultado em: 14 de Abril de 2021].

Figura 1.71 - Disponível em: < http://gisaweb.cm--porto.pt/units-of-description/documents/327947 >, [consultado em: 14 de Abril de 2021].

Figura 1.72 - Fotografia da autora, 24 de Junho de 2015.

Figura 1.73 - TEIXEIRA, Joaquim. Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX – Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal. op. cit.

Figura 1.74 - Ibidem.

Figura 1.75 - VALENTIM LOPES, Nuno. Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX (Dissertação de Mestrado). Porto: FEUP, 2006.

Figura 1.76 - Ibidem.

Figura 1.77 - Ibidem.

Figura 1.78 - Ibidem.

Figura 1.79 - Ibidem.

Figura 1.80 - Ibidem.

Figura 1.81 - Ibidem.

Figura 1.82 - OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

Figura 1.83 - Disponível em: < http://gisaweb.cm--porto.pt/units-of-description/documents/626334/ >, [consultado em: 19 de Abril de 2021].

Figura 1.84 - Disponível em: < http://gisaweb.cm--porto.pt/units-of-description/documents/337424/ >, [consultado em: 19 de Abril de 2021].

Figura 1.85 - VALENTIM LOPES, Nuno. Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX. op. cit.

Figura 1.86 - Disponível em: < https://www.facebook.com/photo?fbid=10215369095219290&-set=g.1018656195190661/ >, [consultado em: 19 de Abril de 2021].

Figura 1.87 - Disponível em: < http://gisaweb.cm--porto.pt/units-of-description/documents/303007/ >, [consultado em: 22 de Abril de 2021].

Figura 1.88 - RAMOS, José; SILVA, Rosinda. Estudos Sociais. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1986. Apud. VALENTIM LOPES, Nuno. Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX. Porto: FEUP, 2006.

Figura 1.89 - Ibidem.

Figura 1.90 - Ibidem.

Figura 1.91 - Ibidem.

Figura 1.92 - Fotografia da autora, 06 de Dezembro de 2019.

Figura 1.93 - Fotografia da autora, 06 de Abril de 2021.

Figura 1.94 - Fotografia da autora, 06 de Abril de 2021.

Figura 1.95 - Fotografia da autora, 23 de Abril de 2021.

Figura 1.96 - Fotografia da autora, 02 de Dezembro de 2019.

Figura 1.97 - Fotografia da autora, 15 de Outubro de 2019.

Figura 1.98 - Fotografia da autora, 15 de Outubro

de 2019.

Figura 1.99 - Fotografia da autora, 15 de Outubro de 2019.

Figura 1.100 - Fotografia da autora, 15 de Outubro de 2019.

Figura 1.101 - Fotografia da autora, 15 de Outubro de 2019.

Figura 1.102 - Fotografia da autora, 28 de Novembro de 2019.

Figura 1.103 - Fotografia da autora, 28 de Novembro de 2019.

Figura 1.104 - Fotografia da autora, 28 de Novembro de 2019.

Figura 1.105 - Fotografia da autora, 12 de Fevereiro de 2020.

Figura 1.106 - Fotografia da autora, 12 de Fevereiro de 2020.

Figura 1.107 - Fotografia da autora, 12 de Fevereiro de 2020.

Figura 1.108 - Fotografia de Juliano Ribas, 28 de Novembro de 2019.

Figura 1.109 - Fotografia de Juliano Ribas, 28 de Novembro de 2019.

Figura 1.110 - Fotografia de Juliano Ribas, 28 de Novembro de 2019.

Figura 1.111 - VALENTIM LOPES, Nuno. Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX. Porto: FEUP, 2006.

Figura 1.112 - NEW YORK LANDMARKS CONSERVANCY – Repairing Old and Historic Windows: A Manual for Architects and Homeowners. New York, USA: John Wiley & Sons Inc, 1992.

Figura 1.113 - Ibidem.

Figura 1.114 - Ibidem.

Figura 1.115 - Ibidem.

Figura 1.116 - VALENTIM LOPES, Nuno. Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX. Porto: FEUP, 2006.

Figura 1.117 - Ibidem.

Figura 1.118 - Ibidem.

Figura 1.119 - NEW YORK LANDMARKS CONSERVANCY – Repairing Old and Historic Windows: A Manual for Architects and Homeowners. New York, USA: John Wiley & Sons Inc, 1992.

Figura 1.120 - VALENTIM LOPES, Nuno. Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX. Porto: FEUP, 2006.

Figura 1.121 - Ibidem.

Figura 1.122 - Ibidem.

Figura 1.123 - Ibidem.

Figura 1.124 - Ibidem.

Figura 1.125 - Ibidem.

Figura 1.126 - Ibidem.

Figura 1.127 - Ibidem.

Figura 1.128 - Ibidem.

Figura 1.129 - VALENTIM LOPES, Nuno. Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX. op. cit.

Figura 1.130 - Ibidem.

Figura 1.131 - Ibidem.

Figura 1.132 - Ibidem.

Figura 1.133 - Ibidem.

Figura 1.134 - Ibidem..

Figura 1.135 - Ibidem.

Figura 1.136 - Ibidem.

CAPÍTULO 2

Figura 2.1 - Luís Ferreira Alves. TC Cuadernos, nº 124-125. 3ª impressão, Valência, 2020.

Figura 2.2 - Pedro Soares Botelho, MadreMedia. Disponível em: < https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doido-mas-trinta-anos--depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado >, [consultado em: 31 de Julho de 2021].

Figura 2.3 - Casas do Porto. Disponível em: < https://www.google.com/maps/place/Casas+do+Porto/@41.142345,-8.6152623,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipNrKv-FsKq0vlBqvykquaew4R-kN_Tze2U_voksA!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipNrKvFsKq0vlBqvykquaew4R-kN_Tze2U_voksA%3Dw203-h160-k-no!7i2000!8i1577!4m13!1m7!3m6!1s0xd2464e1db55bfc3:0xd9e6def609be92fd!2sR.+de+Ferreira+Borges+69,+4050-209+Porto!3b1!8m2!3d41.142311!4d-8.6154127!3m4!1s0xd2464e1db55bfc3:0x792800971c9cd66f!8m2!3d41.1423446!4d-8.6154154 >

Figura 2.4 - Luís Ferreira Alves. TC Cuadernos, nº 124-125. op. cit.

Figura 2.5 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.6 - Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: < https://purl.pt/3402 >, [consultado em: 30 de Agosto de 2021].

Figura 2.7 - Arquivo Municipal do Porto e Google Maps. Disponível em: < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/339999/?q=Rua+Alto+da+Vila > e < https://www.google.com/maps/place/R.+do+Alto+de+Vila,+Porto/@41.15098,-8.6759794,871m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd246f9c5bfe9e53:0xf22f698ea197cbfe!8m2!3d41.1508022!4d-8.6742178 >, [consultado em: 30 de Agosto de 2021].

Figura 2.8 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em: < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of--description/documents/714713/? >, [consultado em: 30 de Agosto de 2021].

Figura 2.9 -Arquivo Municipal do Porto. Disponível em: < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of--description/documents/519140/? >, [consultado em: 30 de Agosto de 2021].

Figura 2.10 - Souto de Moura - Arquitetos S.A.. TC Cuadernos, nº 124-125. 3ª impressão, Valência, 2020.

Figura 2.11 - Souto de Moura - Arquitetos S.A.. Ibidem.

Figura 2.12 - Souto de Moura - Arquitetos S.A.. Ibidem.

Figura 2.13 - Souto de Moura - Arquitetos S.A.. Ibidem.

Figura 2.14 - Souto de Moura - Arquitetos S.A..

Ibidem.

Figura 2.15 - Souto de Moura - Arquitetos S.A.. Ibidem.

Figura 2.16 - Souto de Moura - Arquitetos S.A.. Ibidem.

Figura 2.17 - Souto de Moura - Arquitetos S.A.. Ibidem.

Figura 2.18 - Souto de Moura - Arquitetos S.A.. Ibidem.

Figura 2.19 - Luís Ferreira Alves. TC Cuadernos, nº 124-125. op. cit.

Figura 2.20 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.21 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.22 -Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.23 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.24 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.25 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.26 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.27 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.28 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.29 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.30 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.31 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.32 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.33 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.34 - Luís Ferreira Alves. Ibidem.

Figura 2.35 - Cortesia da Souto de Moura - Arquitetos S.A.

Figura 2.36 - Cortesia da Souto de Moura - Arquitetos S.A.

Figura 2.37 - Cortesia da Souto de Moura - Arquitetos S.A.

Figura 2.38 - Luís Ferreira Alves. TC Cuadernos, nº 124-125. op. cit.

Figura 2.39 - Luís Ferreira Alves. TC Cuadernos, nº 124-125. Ibidem.

Figura 2.40 - Souto de Moura - Arquitetos S.A.. TC Cuadernos, nº 124-125. op. cit.

Figura 2.41 - Ibidem.

Figura 2.42 - Ibidem.

Figura 2.43 - Ibidem.

Figura 2.44 - Cortesia da Souto de Moura - Arquitetos S.A.

Figura 2.45 - Cortesia da Souto de Moura - Arquitetos S.A.

Figura 2.46 - Cortesia da Souto de Moura - Arquitetos S.A.

Figura 2.47 - Pedro Soares Botelho, Madremedia. Disponível em: < https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doido-mas-trinta-anos--depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado >, [consultado a 6 de Setembro de 2021].

Figura 2.48 - SILVA, Carlos Manuel Vaz Fonseca da; PEDRO, Pedro Jorge Matias. *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Regimento de Sapadores Bombeiros, 2018.

Figura 2.49 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm--lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=207350&-type=PCD >, [consultado a 9 de Setembro de

2021].

Figura 2.50 - Museu de Lisboa. Disponível em: < http://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?ns=216000&id=2306&paginaEntrada=1 >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.51 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=28380&type=PCD >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.52 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. Lisboa: CML, 2013.

Figura 2.53 - SILVA, Carlos Manuel Vaz Fonseca da; PEDRO, Pedro Jorge Matias. *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Regimento de Sapadores Bombeiros, 2018.

Figura 2.54 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.55 - LUSA. Disponível em: < https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doido-mas-trinta-anos-depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado >, [consultado a 6 de Setembro de 2021].

Figura 2.56 - LUSA. Disponível em: < https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doido-mas-trinta-anos-depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado >, [consultado a 6 de Setembro de 2021].

Figura 2.57 - Disponível em : < https://www.publico.pt/2019/08/25/fotogaleria/chiado-30-anos-389531 >, [consultado a 8 de Setembro de 2021].

Figura 2.58 - LUSA. Disponível em: < https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doido-mas-trinta-anos-depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado >, [consultado a 6 de Setembro de 2021].

Figura 2.59 - SILVA, Carlos Manuel Vaz Fonseca da; PEDRO, Pedro Jorge Matias. *Incêndio do Chiado - Um olhar técnico-operacional*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Regimento de Sapadores Bombeiros, 2018.

Figura 2.60 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.61 - Ibidem.

Figura 2.62 - Disponível em : < https://www.publico.pt/2019/08/25/fotogaleria/chiado-30-anos-389531 >, [consultado a 8 de Setembro de 2021].

Figura 2.63 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.64 - Disponível em : < https://www.publico.pt/2019/08/25/fotogaleria/chiado-30-anos-389531 >, [consultado a 8 de Setembro de 2021].

Figura 2.65 - LUSA. Disponível em: < https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doido-mas-trinta-anos-depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado >, [consultado a 6 de Setembro de 2021].

Figura 2.66 - Pedro Soares Botelho, Madremedia. Disponível em: < https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doido-mas-trinta-anos-

-depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado >, [consultado a 6 de Setembro de 2021].

Figura 2.67 - Arquivo Municipal de Lisboa. < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1675193&type=PCD&add=50 >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.68 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.69 - Ibidem.

Figura 2.70 - Ibidem.

Figura 2.71 - Ibidem.

Figura 2.72 - SIZA VIEIRA, Álvaro. *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*. Granada: Delegación en Granada del Colegio de Arquitectos, 1994.

Figura 2.73 - SIZA VIEIRA, Álvaro. *Imaginar a evidência.* Lisboa: Edições 70, 2000.

Figura 2.74 - SIZA VIEIRA, Álvaro. *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*. op. cit.

Figura 2.75 - Ibidem.

Figura 2.76 - Ibidem.

Figura 2.77 - Ibidem.

Figura 2.78 - Ibidem.

Figura 2.79 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.80 - SIZA VIEIRA, Álvaro. *Imaginar a evidência.* op. cit.

Figura 2.81 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1674989&type=PCD&add=30 >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.82 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.83 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=215807&type=PCD >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.84 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1671528&type=PCD >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.85 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1671537&type=PCD >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.86 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=301582&type=PCD&add=10 >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.87 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.88 - Sobreposição das figuras 2.86 e 2.87.

Figura 2.89 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1675140&type=PCD&add=15 >, [consultado a 9 de

Setembro de 2021].

Figura 2.90 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1674929&type=PCD >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.91 - SIZA VIEIRA, Álvaro. *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*. op. cit.

Figura 2.92 - Arquivo Municipal de Lisboa. Disponível em: < https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1674922&type=PCD >, [consultado a 9 de Setembro de 2021].

Figura 2.93 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.94 - Ibidem.

Figura 2.95 - Ibidem.

Figura 2.96 - Ibidem.

Figura 2.97 - Ibidem.

Figura 2.98 - Disponível em < https://www.publico.pt/2019/08/25/fotogaleria/chiado-30-anos-389531 >, [consultado a 8 de Setembro de 2021].

Figura 2.99 - Disponível em < https://www.publico.pt/2019/08/25/fotogaleria/chiado-30-anos-389531 >, [consultado a 8 de Setembro de 2021].

Figura 2.100 - SIZA VIEIRA, Álvaro. *Imaginar a evidência.* op. cit.

Figura 2.101 - SIZA VIEIRA, Álvaro. *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*. op. cit.

Figura 2.102 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.103 - Ibidem.

Figura 2.104 - Ibidem.

Figura 2.105 - Ibidem.

Figura 2.106 - Ibidem.

Figura 2.107 - Ibidem.

Figura 2.108 - SIZA VIEIRA, Álvaro. *O Chiado, Lisboa: a estratégia da memória*. op. cit.

Figura 2.109 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.110 - Ibidem.

Figura 2.111 - Ibidem.

Figura 2.112 - Ibidem.

Figura 2.113 - Disponível em: < https://www.publico.pt/2019/08/25/fotogaleria/chiado-30-anos-389531#&gid=1&pid=27 >, [consultado a 8 de Setembro de 2021].

Figura 2.114 - Pedro Soares Botelho, Madremedia. Disponível em: < https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doido-mas-trinta-anos-depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado >, [consultado a 6 de Setembro de 2021].

Figura 2.115 - AA.VV. *Chiado em detalhe*. Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação. op. cit.

Figura 2.116 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, fotografia de Junho de 2016.

Figura2.117-Disponívelem:<https://www.google.

com/maps/place/Casas+do+Porto/@41.142345,-8.6152623,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipOkNFPcC1zdHF4lTGzy42IjhSvCdiPSCwab5t6f!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipOkNFPcC1zdHF4lTGzy42IjhSvCdiPSCwab5t6f%3Dw203-h153-k-no!7i2000!8i1509!4m13!1m7!3m6!1s0xd2464e1db55bfc3:0xd9e6def609be92fd!2sR.+de+Ferreira+Borges+69,+4050-209+Porto!3b1!8m2!3d41.142311!4d-8.6154127!3m4!1s0xd2464e1db55bfc3:0x792800971c9cd66f!8m2!3d41.1423446!4d-8.6154154 >, [consultado a 21 de Setembro de 2021].

Figura 2.118 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em : < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/535310/?q=GEORGE+BALCK >, [consultado a 29 de Março de 2021].

Figura 2.119 - Biblioteca Digital Nacional. Disponível em: < https://purl.pt/3556/3/ >, [consultado a 30 de Agosto de 2021].

Figura 2.120 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/714714/ >, [consultado em: 6 de Novembro de 2020].

Figura 2.121 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/374122/ >, [consultado em: 29 de Agosto de 2021].

Figura 2.122 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/334306/?q=ferreira+borges+1838 >, [consultado em: 29 de Agosto de 2021].

Figura 2.123 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/335504/ >, [consultado em: 29 de Agosto de 2021].

Figura 2.124 - Arquivo Municipal do Porto, [consultado em: 29 de Agosto de 2021].

- Quadrícula 238, disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519539/?q=planta+da+cidade+do+Porto+de+1892+238 >.

- Quadrícula 239, disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519541/?q=planta+da+cidade+do+Porto+de+1892+239 >.

- Quadrícula 259, disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519581/? >.

- Quadrícula 260, disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519583/?q=planta+da+cidade+do+Porto+de+1892+260 >.

Figura2.125-Disponívelem<https://www.google.com/maps/place/Casas+do+Porto/@41.142345,-8.6152623,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipNrKvFsKq0vlBqvykquaew4R-kN_Tze2U_voksA!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipNrKvFsKq0vlBqvykquaew4R-kN_Tze2U_voksA%3Dw203-h160-k-no!7i2000!8i1577!4m13!1m7!3m6!1s0xd2464e1db55bfc3:0xd9e6def609be92fd!2sR.+de+Ferreira+Borges+69,+4050-209+Porto!3b1!8m2!3d41.142311!4d-8.6154127!3m4!1s0xd2464e1db55bfc3:0x792800971c9cd66f!8m2!3d41.1423446!4d-8.6154154 >, [consultado a 29

de Agosto de 2021].

Figura2.126-Disponívelem:<https://www.google.com/maps/place/Casas+do+Porto/@41.142345,-8.6152623,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipOkNFPcC1zdHF4lTGzy42IjhSvCdiPSCwab5t6f!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipOkNFPcC1zdHF4lTGzy42IjhSvCdiPSCwab5t6f%3Dw203-h153-k-no!7i2000!8i1509!4m13!1m7!3m6!1s0xd2464e1db55bfc3:0xd9e6def609be92fd!2sR.+de+Ferreira+Borges+69,+4050-209+Porto!3b1!8m2!3d41.142311!4d-8.6154127!3m4!1s0xd2464e1db55bfc3:0x792800971c9cd66f!8m2!3d41.1423446!4d-8.6154154 >, [consultado a 21 de Setembro de 2021].

Figura 2.127 - Disponível em: < https://www.casasdoportoapartments.com/pt/index.html >, [consultado a 29 de Agosto de 2021].

Figura 2.128 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.129 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.130 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.131 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.132 - Disponível em: < https://www.google.com/maps/place/Casas+do+Porto/@41.142345,-8.6152623,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipM8iPJ2oAR2aK1cjxUG5mzAkDNzboOVlaZFQfcm!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipM8iPJ2oAR2aK1cjxUG5mzAkDNzboOVlaZFQfcm%3Dw203-h135-k-no!7i2000!8i1333!4m13!1m7!3m6!1s0xd2464e1db55bfc3:0xd9e6def609be92fd!2sR.+de+Ferreira+Borges+69,+4050-209+Porto!3b1!8m2!3d41.142311!4d-8.6154127!3m4!1s0xd2464e1db55bfc3:0x792800971c9cd66f!8m2!3d41.1423446!4d-8.6154154 >, [consultado a 21 de Setembro de 2021].

Figura 2.133 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.134 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.135 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.136 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.137 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.138 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.139 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.140 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.141 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.142 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.143 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.144 - Cortesia Nuno Valentim Arquitec-

tura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.145 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.146 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.147 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.148 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.149 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.150 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.151 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.152 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.153 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.154 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.155 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.156 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.157 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.158 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.159 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.160 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.161 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.162 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.163 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.164 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.165 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.166 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.167 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.168 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.169 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.170 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.171 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.172 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.173 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.174 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 2.175 - Luís Ferreira Alves. TC Cuader-

nos, nº 124-125, op. cit..

Figura 2.176 - Pedro Soares Botelho, Madremedia. Disponível em: < https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doido-mas-trinta-anos-depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado >, [consultado a 6 de Setembro de 2021].

Figura 2.177 - Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Casas+do+Porto/@41.142345,-8.6152623,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipOkNFPcC1zdHF4lTGzy42IjhSvCdiPSCwab5t6f!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipOkNFPcC1zdHF4lTGzy42IjhSvCdiPSCwab5t6f%3Dw203-h153-k-no!7i2000!8i1509!4m13!1m7!3m6!1s0xd2464e1db55bfc3:0xd9e6def609be92fd!2sR.+de+Ferreira+Borges+69,+4050-209+Porto!3b1!8m2!3d41.142311!4d-8.6154127!3m4!1s0xd2464e1db55bfc3:0x79280097 1c9cd66f!8m2!3d41.1423446!4d-8.6154154 >, [consultado a 21 de Setembro de 2021].

Figura 2.178 - Todas as imagens utilizaadas foram referenciadas durante o capítulo 2.

CAPÍTULO 3

Figura 3.1 - Fotografia do Arq. Juliano Ribas, 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.2 - MELLO, Joana. Ricardo Severo: Da Arqueologia Portuguesa à Arquitetura Brasileira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013 (Originalmente: Arquivo Luis Roberto Severo Lebeis).

Figura 3.3 - MELLO, Joana. Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga. Porto: Dafne Editora, 2007 (Originalmente: Arquivo Luis Roberto Severo Lebeis).

Figura 3.4 - Disponível em < https://www.forgottenbooks.com/pt/books/RevistadeScienciasNaturaeseSociaes1891_10983996 >, [consultado em: 20 de Fevereiro de 2021].

Figura 3.5 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/309873 >, [consultado em: 20 de Fevereiro de 2021].

Figura 3.6 - Fotografia de Pedro Hoenen. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em < https://br.pinterest.com/pin/36591815696597773/ >, [consultado em: 9 de Novembro de 2020].

Figura 3.7 - Biblioteca Nacional Digital. Disponível em < http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-paulistano/090972 >, [consultado em: 8 de Novembro de 2020].

Figura 3.8 - Ibidem.

Figura 3.9 - Acervo CENDOC. Disponível em < https://infograficos.estadao.com.br/especiais/a-redescoberta-de-santos-dumont/capitulo-3.php >, [consultado em: 8 de Novembro de 2020].

Figura 3.10 - LEMOS, Carlos A. Cerqueira. Ramos de Azevedo e o seu escritório. São Paulo: Editora Pini, 1993, p. 60.

Figura 3.11 - SEVERO, Ricardo et al, Revista Portugália, Tomo I - Fascículos 1 a 4. Porto: Imprensa Moderna, 1903. Disponível em < https://purl.pt/260 >, [consultado em: 4 de Novembro de 2020].

Figura 3.12 - "As Necrópoles dolménicas em Traz-os-Montes" SEVERO, Ricardo et al, Revista Portugália, Tomo I - Fascículos 1 a 4. Porto: Im-

prensa Moderna, 1903, Estudo XXXVI. Disponível em < https://purl.pt/260 >, [consultado em: 9 de Novembro de 2020].

Figura 3.13 - Ibidem.

Figura 3.14 - Disponível em < https://elosclubedelisboa.blogs.sapo.pt/19009.html >, [consultado em: 5 de Novembro de 2020].

Figura 3.15 - MELLO, Joana. Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga. op. cit. (Originalmente: Biblioteca Nacional de Portugal).

Figura 3.16 - Biblioteca da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Disponível em < http://ww.cm-pvarzim.pt/biblioteca/download/expo_doc_rp_gaia.pdf >, [consultado em: 5 de Novembro de 2020].

Figura 3.17 - Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Escritório_Ramos_de_Azevedo >, [consultado em: 6 de Novembro de 2020].

Figura 3.18 - MELLO, Joana. Ricardo Severo: Da Arqueologia Portuguesa à Arquitetura Brasileira. op. cit. (Originalmente: Acervo Elisa Severo de Oliveira Germano).

Figura 3.19 - MELLO, Joana. Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga. Porto: Dafne Editora, 2007 (Originalmente: Arquivo Instituto Camões).

Figura 3.20 - MELLO, Joana. Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga. op. cit. (Originalmente: Arquivo Luis Roberto Severo Lebeis).

Figura 3.21 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/714714/ >, [consultado em: 6 de Novembro de 2020].

Figura 3.22 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519451/ >, [consultado em: 4 de Novembro de 2020].

Figura 3.23 - Fotografia de Aurélio Paz dos Reis, 1880. Disponível em < http://portoarc.blogspot.com/2016/09/artes-e-oficios-xv.html >, [consultado em: 19 de Fevereiro de 2021].

Figura 3.24 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/587707/ >, [consultado em: 9 de Novembro de 2020].

Figura 3.25 - BACKHEUSER, Luiz A. F. A casa do Arqueólogo - Contribuição ao estudo da obra de Ricardo Severo (Dissertação de Mestrado), Porto: FAUP, 2006.

Figura 3.26 - Hemeroteca Digital Câmara Municipal Lisboa. Disponível em < http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1905/N004/N004_item1/index.html >, [consultado em: 15 de Maio de 2020].

Figura 3.27 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/73138/ >, [consultado em: 9 de Novembro de 2020].

Figura 3.28 - BACKHEUSER, Luiz A. F. A casa do Arqueólogo - Contribuição ao estudo da obra de Ricardo Severo (Dissertação de Mestrado), op. cit.

Figura 3.29 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/73138/ >, [consultado em: 9 de Novembro de 2020].

Figura 3.30 - Fotografia da autora, 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.31 - Arquivo Digital de Cascais. Disponível em < https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=290&type=PCD >, [consultado em: 13 de Dezembro de 2020].

Figura 3.32 - Disponível em < http://umgrandehotel.blogspot.com/2014/10/vencidos-da-vida-outra-vez.html >, [consultado em: 13 de Dezembro de 2020].

Figura 3.33 - Disponível em < https://www.alpiarcense.com/cronicas-do-outeiro-raul-lino-o-arquiteto-da-casa-dos-patudos/ >, [consultado em: 15 de Dezembro de 2020].

Figura 3.34 - FRANÇA, José-Augusto. A arte em Portugal no século XIX. 2ª ed. revista, corrigida e ampliada. Lisboa: Bertrand, 1981, p. 155.

Figura 3.35 - Disponível em < http://ric.slhi.pt/A_Construcao_Moderna/visualizador?id=11214.002.004&pag=1 >, [consultado em: 13 de Dezembro de 2020].

Figura 3.36 - Disponível em < http://ric.slhi.pt/A_Construcao_Moderna/visualizador?id=11214.003.012&pag=1 >, [consultado em: 13 de Dezembro de 2020].

Figura 3.37 - Disponível em < http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1905/N002/N002_item1/P32.html >, [consultado em: 19 de Maio de 2020].

Figura 3.38 - AA.VV. Homenagem a Ricardo Severo: centenário do seu nascimento (1869-1969). São Paulo: Gráfica Sangirard, 1969, pp. 6-7. Fotografia da autora, 19 de Dezembro de 2020.

Figura 3.39 - Disponível em < https://purl.pt/14328 >, [consultado em: 25 de Setembro de 2020].

Figura 3.40 - BARREIRA, Catarina Fernandes. Do escalpelo para a Arte: o acervo do Prof. João Barreira (1866 - 1960). 2011. (Origem: Acervo da Família Barreira). Disponível em < https://www.academia.edu/3475512/Do_escalpelo_para_a_arte_o_acervo_do_Prof_João_Barreira_1866_1961_ >, [consultado em: 6 de Dezembro de 2020].

Figura 3.41 - BARREIRA, João. "A Habitação em Portugal" in Notas sobre Portugal - Exposição Nacional do Rio de Janeiro, Volume II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1908, p. 147.

Figura 3.42 - Fotografia de "Fernando Távora, Editorial Blau 1993", Revisitar Fernando Távora. Disponível em < https://www.facebook.com/Revisitar-Fernando-T%C3%A1vora-1636369779946424/photos/1649118508671551 >, [consultado em: 15 de Dezembro de 2020].

Figura 3.43 - TÁVORA, Fernando. O problema da casa portuguesa. Lisboa: Cadernos de Arquitectura, 1947.

Figura 3.44 - Fotografia de Giovanni Sarracino, Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível em < http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1477960/icon1477960.html >, [consultado em: 6 de Novembro de 2020].

Figura 3.45 - ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel. História Da Arte Em Portugal, Vol. 14: A Arquitectura Moderna. Lisboa: Ed. Alfa, 1986, p. 14.

Figura 3.46 - MILHEIRO, Ana Vaz. A construção do Brasil: relações com a cultura arquitectónica portuguesa. Porto: FAUP, 2005, p. 236.

Figura 3.47 - Ibidem, p. 237.

Figura 3.48 - Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/380396/ >, [consultado em: 23 de Fevereiro de 2021].

Figura 3.49 - MILHEIRO, Ana Vaz. A construção do Brasil: relações com a cultura arquitectónica portuguesa.op. cit., p. 256.

Figura 3.50 - Disponível em < https://dafne.pt/livro/casas-de-brasileiro/ >, [consultado em: 23 de Fevereiro de 2021].

Figura 3.51 - Disponível em < https://www.avidaportuguesa.com/pt/loja/a-nossa-casa-apontamentos-sobre-o-bom-gosto-na-construcao-das-casas-simples >, [consultado em: 15 de Dezembro de 2020].

Figura 3.52 - Disponível em < https://www.livraria-trindade.pt/pt/produtos/raul-lino-casas-portuguesas-edicao-de-valentim-de-carvalho-lisboa-1954 >, [consultado em: 15 de Dezembro de 2020].

Figura 3.53 - RTP Arquivos, Raul Lino, livre como um cipreste. Disponível em < https://arquivos.rtp.pt/conteudos/raul-lino-livre-como-o-cipreste/ >, [consultado em: 15 de Dezembro de 2020].

Figura 3.54 - Cortesia CPrata Arquitetos, 11 de Setembro de 2019.

Figura 3.55 - Fotografia da autora, 22 de Novembro de 2020.

Figura 3.56 - Fotografia da autora, 22 de Novembro de 2020.

Figura 3.57 - Fotografia da autora, 22 de Novembro de 2020.

Figura 3.58 - Fotografia da autora, 22 de Novembro de 2020.

Figura 3.59 - Cortesia CPrata Arquitetos, 3 de Novembro de 2019. Disponível em < https://www.instagram.com/p/B4acQJ7naoA/ >, [consultado em:11 de Novembro de 2020].

Figura 3.60 - ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel. História Da Arte Em Portugal, Vol. 14: A Arquitectura Moderna. Lisboa: Ed. Alfa, 1986, p. 15.

Figura 3.61 - Autoras: Mafalda Possolo, Ana Abrantes. MILHEIRO, Ana Vaz. A construção do Brasil: relações com a cultura arquitectónica portuguesa. Porto: FAUP, 2005, p. 238.

Figura 3.62 - Fotografia da autora, 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.63 - Autor: Jorge Figueira. MILHEIRO, Ana Vaz. A construção do Brasil: relações com a cultura arquitectónica portuguesa. Porto: FAUP, 2005, p. 238.

Figura 3.64 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda, 19 de Julho de 2019.

Figura 3.65 - MILHEIRO, Ana Vaz. A construção do Brasil: relações com a cultura arquitectónica portuguesa. op. cit., p. 237.

Figura 3.66 - Fotografia do Arq. Juliano Ribas, 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.67 - MILHEIRO, Ana Vaz. A construção do Brasil: relações com a cultura arquitectónica portuguesa. op. cit, p. 239.

Figura 3.68 - Disponível em < http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=768 >, [consultado em: 20 de Fevereiro de

2021].

Figura 3.69 - Fotografia do Arq. Juliano Ribas, 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.70 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/260402/ >, [consultado em: 1 de Dezembro de 2020].

Figura 3.71 - AZEVEDO, Carlos de. Solares Portugueses: introdução ao estudo da Casa Nobre. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.

Figura 3.72 - Fotografia do Arq. Juliano Ribas (Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda), 11 de Fevereiro 2020.

Figura 3.73 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/259410/ >, [consultado em: 1 de Dezembro de 2020].

Figura 3.74 - Fotografia da autora, 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.75 - Fotografia da autora, 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.76 - Arquivo Municipal do Porto. Disponível em < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/73138/ >, [consultado em: 9 de Novembro de 2020].

Figura 3.77 - Hemeroteca Digital Câmara Municipal Lisboa. Disponível em < http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1905/N004/N004_item1/P59.html >, [consultado em: 19 de Maio de 2020].

Figura 3.78 - Hemeroteca Digital Câmara Municipal Lisboa. Disponível em < http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1905/N004/N004_item1/P60.html >, [consultado em: 19 de Maio de 2020].

Figura 3.79 - Hemeroteca Digital Câmara Municipal Lisboa. Disponível em < http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1905/N004/N004_item1/P61.html >, [consultado em: 19 de Maio de 2020].

Figura 3.80 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda, 19 de Julho de 2019.

Figura 3.81 - Cortesia CPrata Arquitetos e NCREP, Relatório de Inspecção e Diagnóstico Estrutural, Outubro de 2019.

Figura 3.82 - Cortesia CPrata Arquitetos, Relatório de Conservação e Restauro, 29 de Novembro de 2019.

Figura 3.83 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda, 19 de Julho de 2019.

Figura 3.84 - ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel. História Da Arte Em Portugal, Vol. 14: A Arquitectura Moderna. Lisboa: Ed. Alfa, 1986, p. 14.

Figura 3.85 - Cortesia CPrata Arquitetos, Relatório de Conservação e Restauro, 29 de Novembro de 2019.

Figura 3.86 - Cortesia CPrata Arquitetos, Relatório de Conservação e Restauro, 29 de Novembro de 2019.

Figura 3.87 - Cortesia CPrata Arquitetos, Relatório de Conservação e Restauro, 29 de Novembro de 2019.

Figura 3.88 - MELLO, Joana. Ricardo Severo da Lusitânia ao Piratininga. op. cit. (Desenho de Jacqueline Brigagão).

Figura 3.89 - Ibidem.

Figura 3.90 - BACKHEUSER, Luiz A. F. A casa do Arqueólogo - Contribuição ao estudo da obra de Ricardo Severo (Dissertação de Mestrado), op. cit.

Figura 3.91 - Ibidem.

Figura 3.92 - Ibidem.

Figura 3.93 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda, 19 de Julho de 2019.

Figura 3.94 - CPrata Arquitetos e Serviços Unipessoal, Lda. Disponível em: < https://cprataarquitetos.com/portfolio/hospital-lusiadas-porto--intervencoes-pontuais/ >, [consultado em: 19 de Maio de 2020].

Figura 3.95 - CPrata Arquitetos. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/CGP3uEuHSnQ/ >, [consultado em: 18 de Agosto de 2021].

Figura 3.96 - Hemeroteca Digital Câmara Municipal Lisboa. Disponível em < http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1905/N004/N004_item1/P59.html >, [consultado em: 19 de Maio de 2020].

Figura 3.97 - Fotografia da autora, 15 de Outubro de 2019.

Figura 3.98 - Fotografia da autora, 15 de Outubro de 2019.

Figura 3.99 - Fotografia da autora, 15 de Outubro de 2019.

Figura 3.100 - Desenho do Arq. Nuno Borges. Fotografia da autora, 15 de Outubro de 2019.

Figura 3.101 - Fotografia da autora, Outubro de 2019.

Figura 3.102 - Desenhos da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.103 - Desenhos da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.104 - Desenhos da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.105 - Desenhos da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora

Figura 3.106 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.107 - Fotografia do Arq. Juliano Ribas (Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda), 28 de Novembro de 2019.

Figura 3.108 - Fotografia da autora, 28 de Novembro de 2019.

Figura 3.109 - Fotografia da autora, 28 de Novembro de 2019.

Figura 3.110 - Fotografia da autora, 28 de Novembro de 2019.

Figura 3.111 - Fotografia da autora, 28 de Novembro de 2019.

Figura 3.112 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.113 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.114 - Desenho da CPrata Arquitetos,

Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.115 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.116 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.117 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.118 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.119 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.120 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.121 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.122 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.123 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.124 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.125 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.126 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.127 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.128 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.129 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.130 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.131 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.132 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.133 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.134 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.135 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.136 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.137 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.138 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.139 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.140 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.141 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.142 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.143 - Desenhos da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.144 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.145 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.146 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.147 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.148 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.149 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.150 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.151 - Desenhos da autora, Janeiro de 2020.

Figura 3.152 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.153 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.154 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.155 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.156 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.157 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.158 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.159 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.160 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.161 - Desenho da CPrata Arquitetos,

Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.162 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.163 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.164 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.165 - Tabela. Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.166 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.167 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.168 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.169 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.170 - Fotografia de Juliano Ribas (Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda), 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.171 - Fotografia da autora, 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.172 - Fotografia da autora, 11 de Fevereiro de 2020.

Figura 3.173 - Desenho da autora, Fevereiro de 2020.

Figura 3.174 - Desenho da autora, Fevereiro de 2020.

Figura 3.175 - Desenho da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.176 - Desenho da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.177 - Desenho da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.178 - Desenho da autora e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.179 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.180 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.181 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.182 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.183 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.184 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.185 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda

e da autora.

Figura 3.186 - Desenho da CPrata Arquitetos, Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda e da autora.

Figura 3.187 - Cortesia CPrata Arquitetos e MAICO.

Figura 3.188 - Cortesia CPrata Arquitetos e MAICO.

Figura 3.189 - Cortesia CPrata Arquitetos e MCMURTA.

Figura 3.190 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.191 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.192 - Cortesia CPrata Arquitetos e MCMURTA.

Figura 3.193 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.194 - Cortesia CPrata Arquitetos e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.195 - Cortesia CPrata Arquitetos e Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.196 - Desenho do Arq. Carlos Prata, Arq. Nuno Valentim Lopes e senhor da MCMURTA, 27 de Outubro de 2020.

Figura 3.197 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda.

Figura 3.198 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda, 6 de Novembro de 2020.

Figura 3.199 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda, 6 de Novembro de 2020.

Figura 3.200 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda, 6 de Novembro de 2020.

Figura 3.201 - Cortesia Nuno Valentim Arquitectura e Reabilitação, Lda, 6 de Novembro de 2020.

Figura 3.202 - Desenho da autora, 2020.

Figura 3.203 - Cprata Arquitetos. Disponível em: < https://www.instagram.com/stories/highlights/17850471049578850/?hl=pt >, [consultado em: 18 de Agosto de 2021].

Figura 3.204 - CPrata Arquitetos. Disponível em: < https://www.instagram.com/stories/highlights/17850471049578850/?hl=pt >, [consultado em: 18 de Agosto de 2021].

Figura 3.205 - CPrata Arquitetos. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/CKl-UJFs7Yo/ >, [consultado em: 18 de Agosto de 2021].

Figura 3.206 - CPrata Arquitetos. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/CGP3uEuHSnQ/ >, [consultado em: 18 de Agosto de 2021].

Figura 3.207 - CPrata Arquitetos. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/CNUbaXpMtwI/ >, [consultado em: 18 de Agosto de 2021].

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICES

SUMÁRIO

A. CRONOLOGIA DA INTERVENÇÃO NA CASA RICARDO SEVERO 275

B. PROJETO DE EXECUÇÃO DOS VÃOS EXTERIORES 276

B.1 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Plantas e Cortes da Casa Ricardo Severo 277

Alçados da Casa Ricardo Severo 279

Piso 2 e Piso 1 | Mapa de Vãos Exteriores e Especificação de Componentes 281

Piso 0 | Mapa de Vãos Exteriores e Especificação de Componentes 283

Vão tipo - V26 | Vão tipo - V16A 285

Vão tipo - Pormenor Horizontal | Pormenor Vertical 287

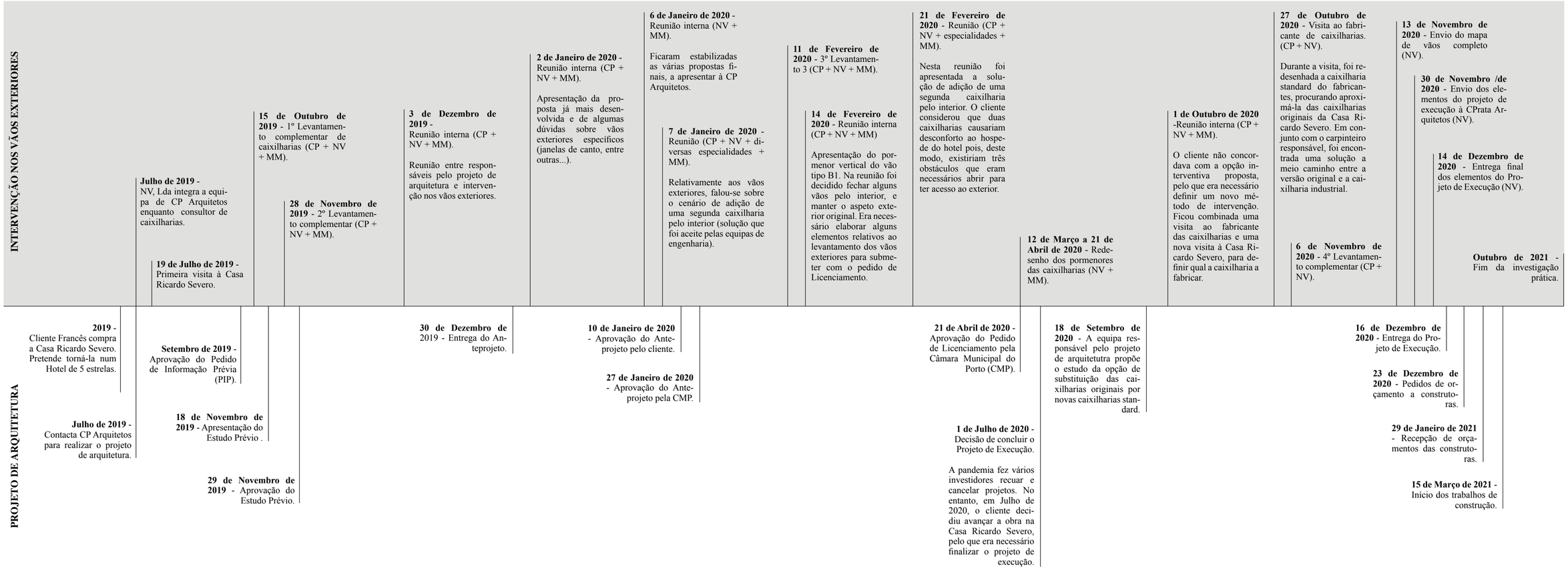
Gelosia | Vão tipo com forra térmica interior 289

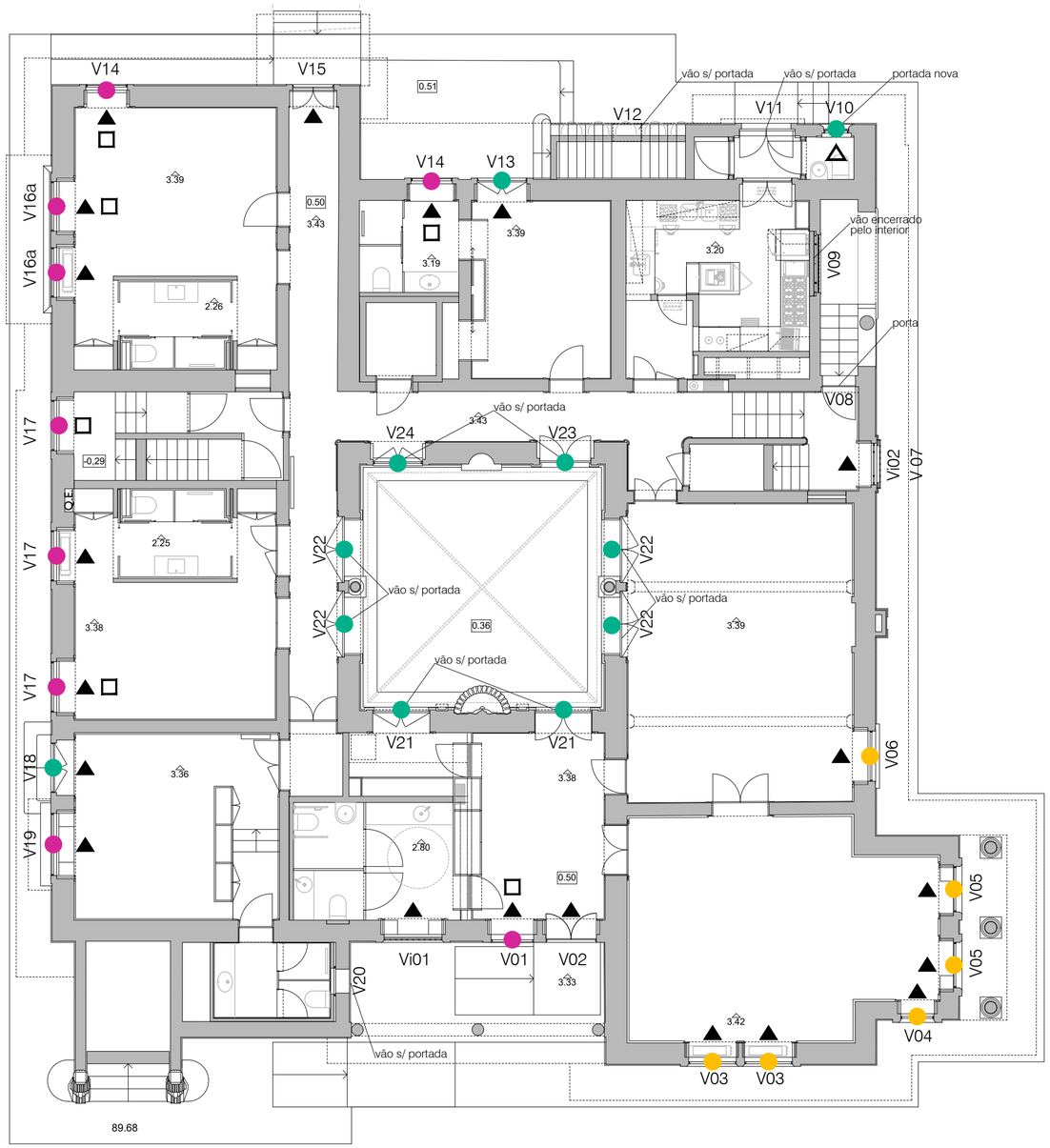
B.2 DESENHOS COMPLEMENTARES

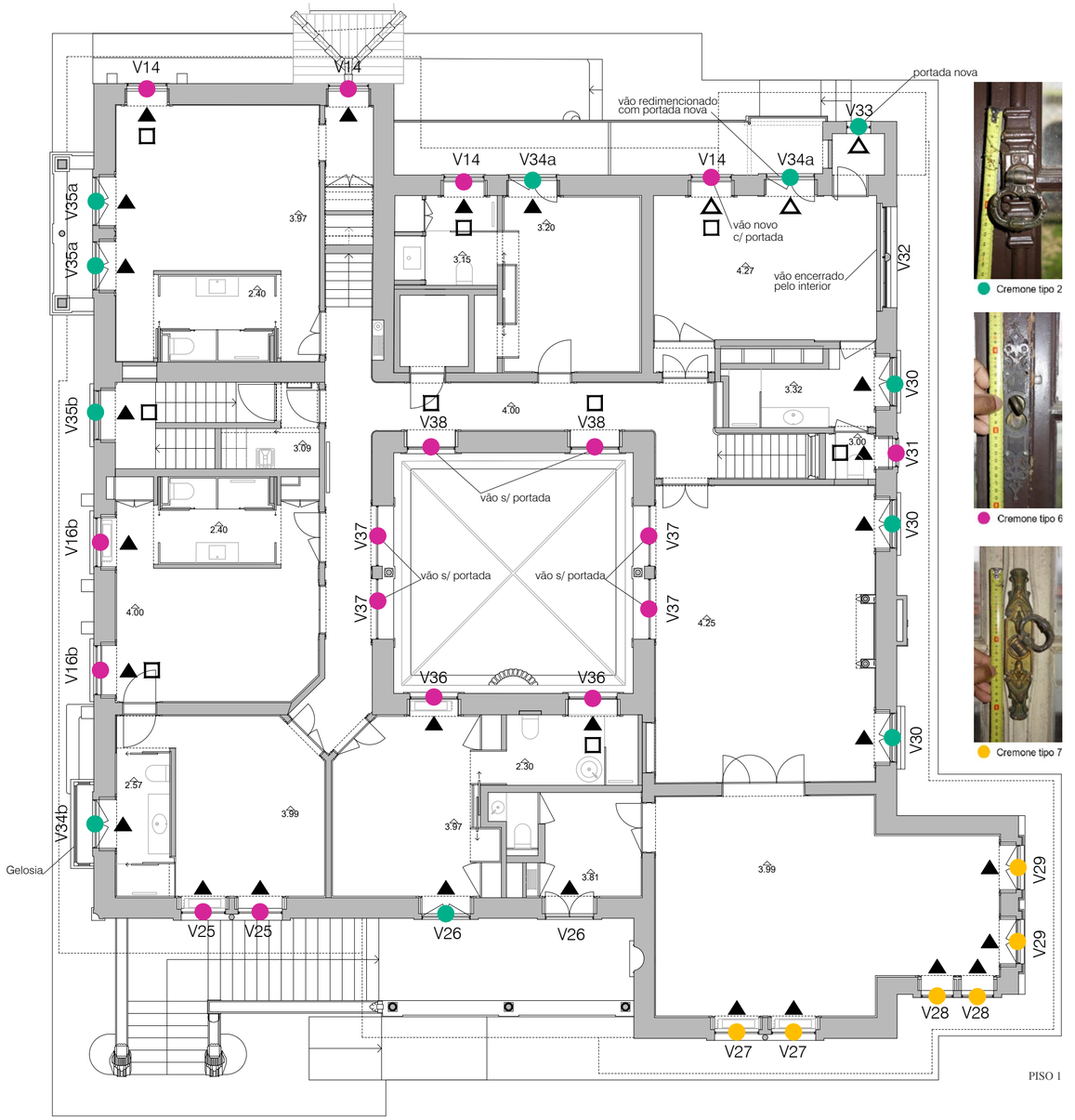
Levantamento de ferragens dos vãos exteriores 290

NOTA: Propõe-se uma reorganização dos elementos constituintes das folhas finais entregues à CMP, por ocasião do Projeto de Execução da Reabilitação da Casa Ricardo Severo - os seguintes desenhos, relativos à intervenção nos vãos exteriores, são da autoria da Nuno Valentim, Arquitectura e Reabilitação, Lda. Esta modificação organizativa foi realizada de forma a enquadrar os elementos no formato (A4 e desdobráveis) e no *layout* da dissertação, garantindo uma leitura contínua do documento.

APÊNDICE A | CRONOLOGIA DA INTERVENÇÃO NA CASA RICARDO SEVERO







Cremone tipo 2

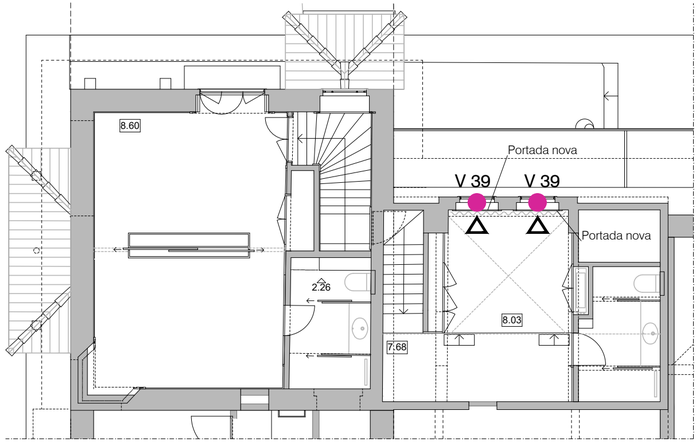
Cremone tipo 6

Cremone tipo 7

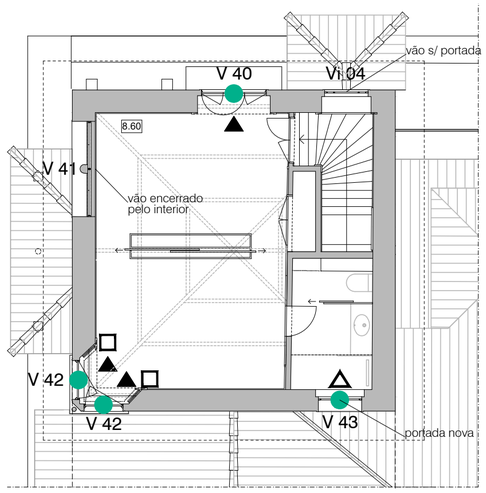
PISO 1

APÊNDICE B | PROJETO DE EXECUÇÃO DOS VÃOS EXTERIORES (CP + NV)

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO | PLANTAS E CORTES



PISO 2
(DESVÃO)

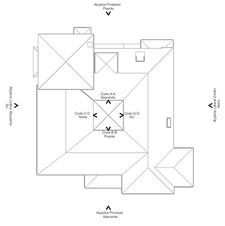


PISO 2

LEGENDA:

N

ESCALA 1/100



Cremone tipo 2 (26 unidades) - replicas

Cremone tipo 6 (28 unidades) - replicas

Cremone tipo 7 (12 unidades) - replicas

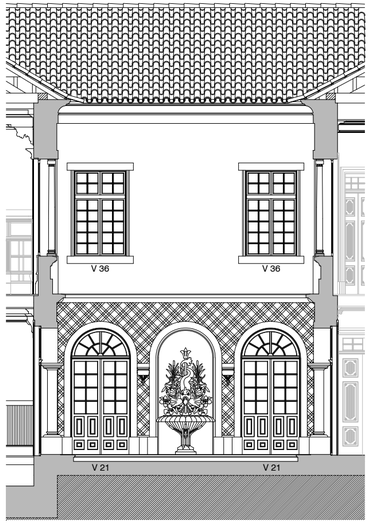
Portada Interior Nova

Portada Interior Existente a Recuperar

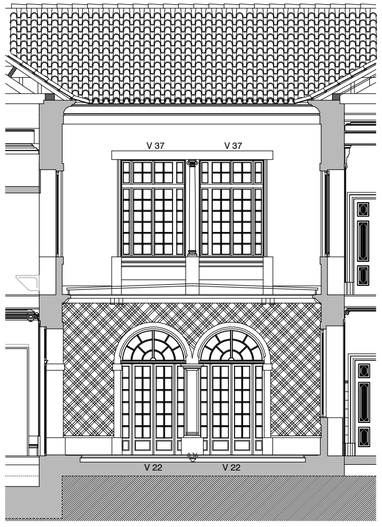
Vão com Forra Térmica Interior - 4cm



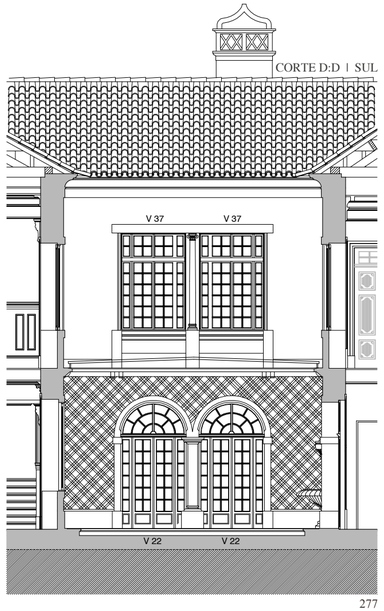
CORTE A:A | NASCENTE



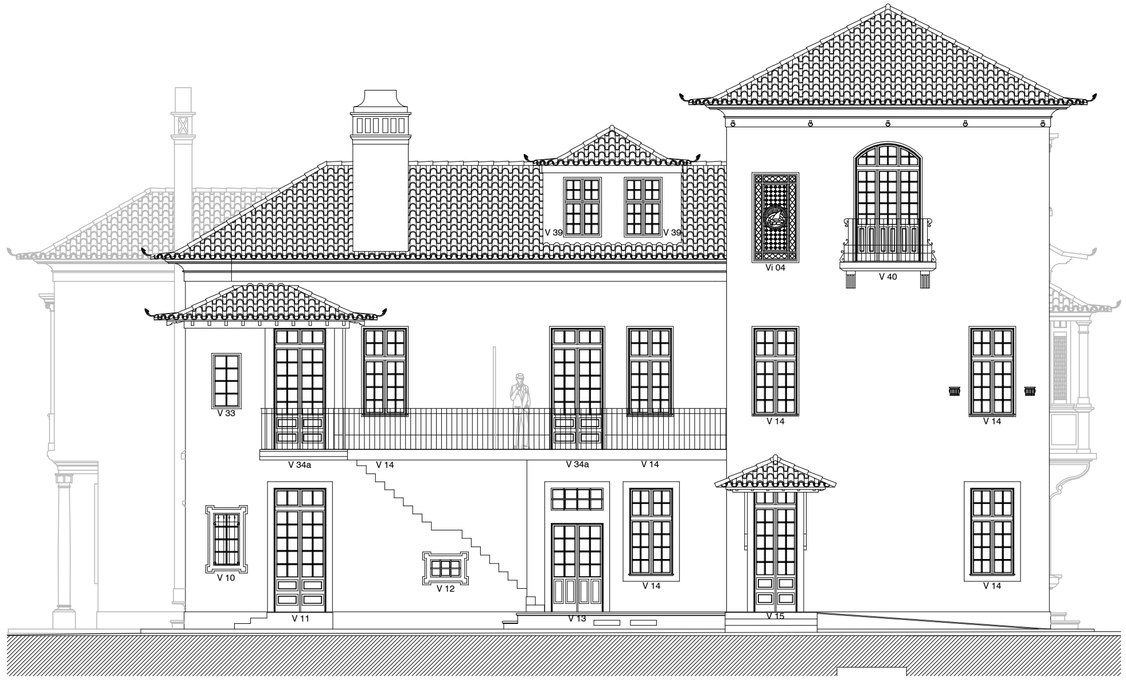
CORTE B:B | POENTE



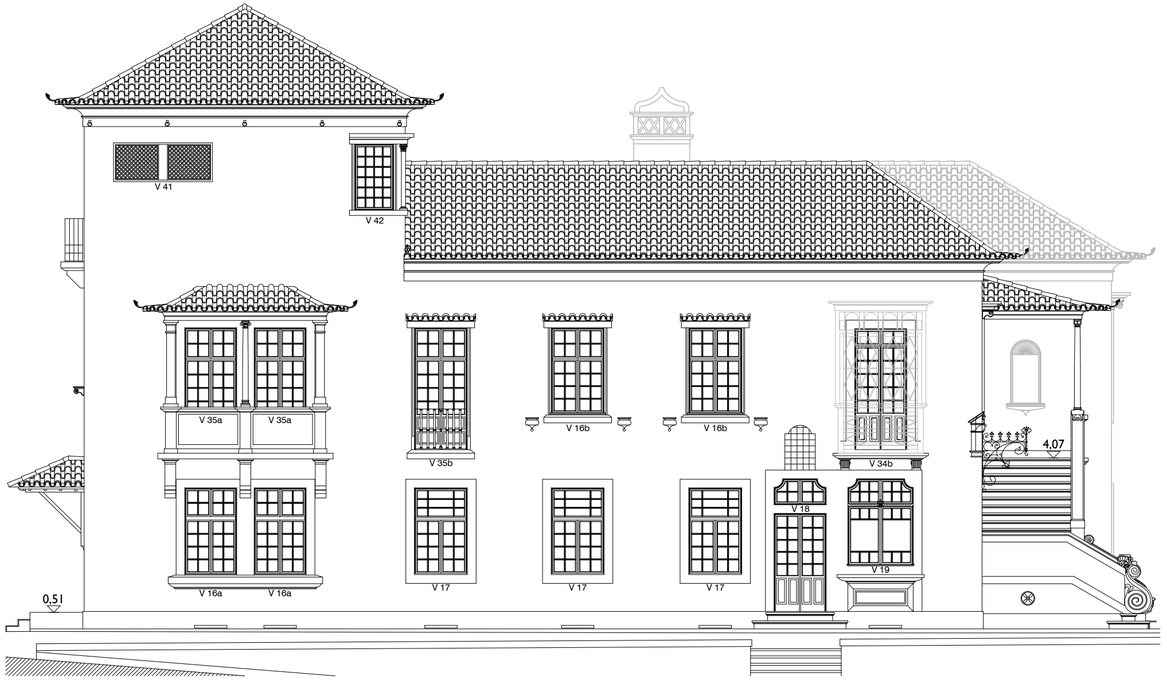
CORTE C:C | NORTE



CORTE D:D | SUL



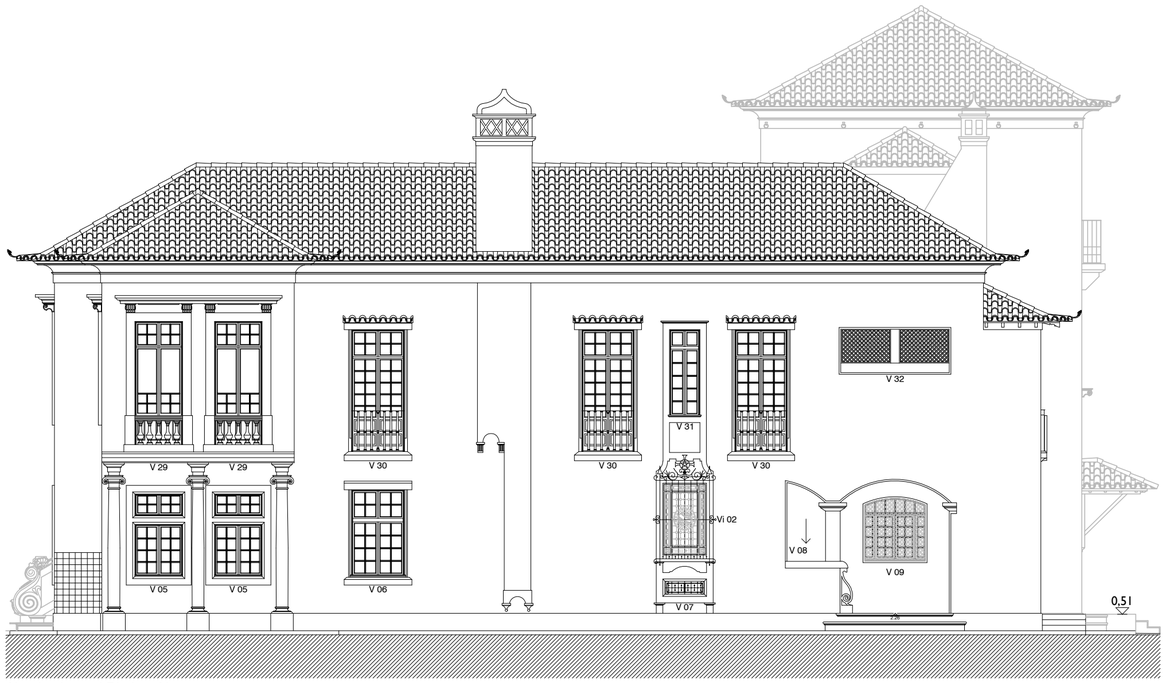
Alçados Posterior - Poente



Alçados Lateral Esquerdo - Sul



Alçados Principal - Nascente

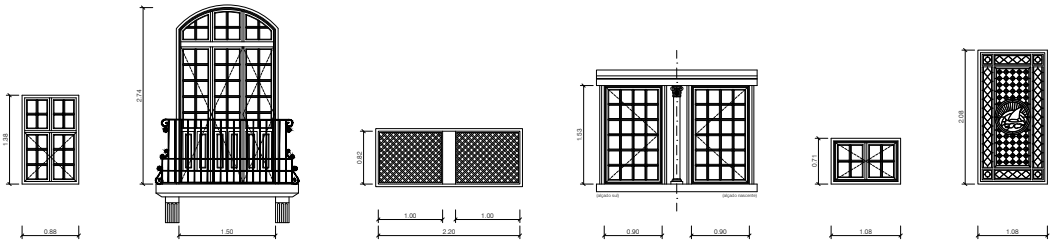


Alçados Lateral Direito - Norte

		PISO 2						PISO 1																	
	IDENTIFICAÇÃO localização na planta	V 39	V 40	V 41	V 42	V 43	Vi 04	V 16b	V 25	V 26	V 27	V 28	V 29	V 30	V 31	V 32	V 33	V 34a	V 34b	Gelosia	V 35a	V 35b	V 36	V 37	V 38
	FUNCIONAMENTO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	FIXO	BATENTE	BATENTE	FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	FIXO	BATENTE	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO
	QUANTIDADES total por tipos de vãos	2	1	1	2	1	1	2	2	2	2	2	2	3	1	1	1	2	1	1	2	1	2	4	2
MATERIAIS E ACABAMENTOS	CAIXILHO DE MADEIRA (IROKO) PERFIL 58MM MODELO MC MURTA	●	●		●	●		●	●	●	●	●	●	●	●		●	●	●		●	●	●	●	●
	GELOSIA DE MADEIRA, IROKO (REPRODUÇÃO)																			●					
	* GUARDA-CORPOS OU GRADE EM FERRO FORJADO (EXISTENTE A REABILITAR)		●	●										●								●			
	* NOVA GRADE EM FERRO FORJADO (A REPRODUZIR CONFORME EXISTENTE - V41)															●									
	VITRAL (A REABILITAR)						●																		
	SOLEIRA EM MADEIRA (IROKO) DO SISTEMA MC MURTA	●			●	●		●	●		●	●			●		●						●	●	●
	SOLEIRA EM GRANITO (EXISTENTE A TRATAR)		●							●			●	●				●	●		●	●			
	* PINTURA FORJA, COR A DEFINIR, A ESCOLHER MEDIANTE APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA		●	●										●		●						●			
	PINTURA ESMALTE RENNER, ESQUEMA MC MURTA, COR A DEFINIR, A ESCOLHER MEDIANTE APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA (CORES DIFERENTES NO INTERIOR E NO EXTERIOR)	●	●		●	●		●	●	●	●	●	●	●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●
VIDROS	VIDRO DUPLO, TRANSPARENTE E INCOLOR, COM COEFICIENTE DE TRANSMISSÃO TÉRMICA <1,1 W/m2ºC FACTOR SOLAR <0,42 ÍNDICE DE REDUÇÃO SONORA > 40db	●	●		●	●		●	●	●	●	●	●	●	●		●	●	●		●	●	●	●	●
	PERFIS DE SELAGEM SWISSPACER, COR A DEFINIR E ADEQUADOS À ESPESSURA DO VIDRO	●	●		●	●		●	●	●	●	●	●	●	●		●	●	●		●	●	●	●	●
FERRAGENS	DOBRADIÇA BATISTA GOMES DE 1/2 BALANÇO D.6905 (LATÃO POLIDO NATURAL)	●	●		●	●		●	●	●	●	●	●	●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●
	REPRODUÇÃO DO CREMONE EXISTENTE TIPO 2 (LATÃO POLIDO NATURAL)		●		●	●				●(1un.)				●			●	●	●		●	●			
	REPRODUÇÃO DO CREMONE EXISTENTE TIPO 6 (LATÃO POLIDO NATURAL)	●						●	●						●								●	●	●
	REPRODUÇÃO DO CREMONE EXISTENTE TIPO 7 (LATÃO POLIDO NATURAL)										●	●	●												
	MOLA DE PORTA BATISTA GOMES M.666 (ACABAMENTO A DEFINIR)									●(1un.)															
	PUXADOR DE MULETA 2001 SV/CBC (ACABAMENTO A DEFINIR)									●(1un.)															
	PUXADOR MEIA BOLA 2001 SV/CBC (ACABAMENTO A DEFINIR)																								
	ENTRADA DE CHAVE 2001 SV/CBC (ACABAMENTO A DEFINIR)									●(1un.)															
	CILINDRO DE PERFIL EUROPEU, MESTRADO DE ACORDO COM O PLANO DE MESTRAGEM DEFINIDO PELO D.O.A ESCOLHER MEDIANTE A APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA									●(1un.)															
	FECHADURA DE EMBUTIR COM TRINCO SILENCIOSO, TESTA COM CANTOS RECTOS ACABAMENTO A DEFINIR, A ESCOLHER MEDIANTE A APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA									●(1un.)															
	FERRAGENS E ACESSÓRIOS PARA JANELA BASCULANTE A APROVAR MEDIANTE APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA																								
PORTADAS INTERIORES	DIMENSÕES em metros (ALTURA x LARGURA)	1,26 x 0,93	2,72 x 1,59		1,52 x 1,03	0,80 x 1,10		2,02 x 1,38	2,02 x 1,30	2,86 x 1,35	2,20 x 1,28	2,20 x 0,83	3,06 x 1,24	2,86 x 1,38	2,02 x 0,84		1,28 x 0,68	2,86 x 1,31	2,86 x 1,34	3,50 x 2,42	2,86 x 1,34	2,86 x 1,34	2,02 x 1,34		
	NÚMERO DE FOLHAS DAS PORTADAS (POR VÃO)	1+1	3+2		3	2+2		2+2	2+3	2+2	2+3	1+2	2+2	2+2	1+2		1+1	2+2	2+2	(conforme parcial)	2+2	2+2	2+2		
	* PORTADAS EXISTENTES (A REABILITAR)		●		●			●	●	●	●	●	●	●	●				●		●	●	●		
	PORTADAS NOVAS (REPRODUÇÃO CONFORME PORTADAS EXISTENTES NO MESMO ESPAÇO)	●				●											●	●							
	* FERRAGENS EXISTENTES (A REABILITAR)		●		●			●	●	●	●	●	●	●	●				●		●	●	●		
	FERRAGENS NOVAS (A REPRODUZIR CONFORME EXISTENTES)	●				●											●	●		●					
DIVERSOS	BATENTE DE PORTA TIPO "CP1 CP/CBC" OU EQUIVALENTE									●(1un.)															
	APLICAÇÃO DOS VIDROS COM SILICONE INCOLOR	●	●		●	●		●	●	●	●	●	●	●	●		●	●	●		●	●	●	●	●
	SUPORTE DE APLICAÇÃO DE CORTINA INTERIOR (VER PROJECTO DE INTERIORISMO)																								
	GRELHA DE VENTILAÇÃO COM REDE MOSQUITEIRA (VER PROJECTO DE VENTILAÇÃO)																								
	VÃO COM FORRA TÉRMICA INTERIOR - 4CM				● (2uni.)			● (1uni.)							●							●			

B.1. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
PISOS 1 E 2 | MAPA DE VÃOS E ESPECIFICAÇÃO DE COMPONENTES

PISO 2



V 39 (2 uni.) (portada interior- 1+1) (portadas novas)

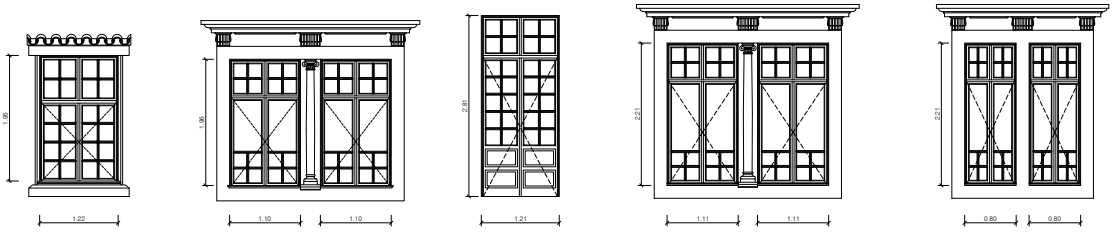
V 40 (1 uni.) (portada interior- 3+2)

V 41 (Grelha) (1 uni.) (vão encerrado pelo interior)

V 42 (2 uni.) (portada interior- 3)

V 43 (1 uni.) (portada interior- 2+2) (portadas novas)

Vi 04 (1 uni.) (s/ portada interior)



V 16b (2 uni.) (portada interior- 2+2)

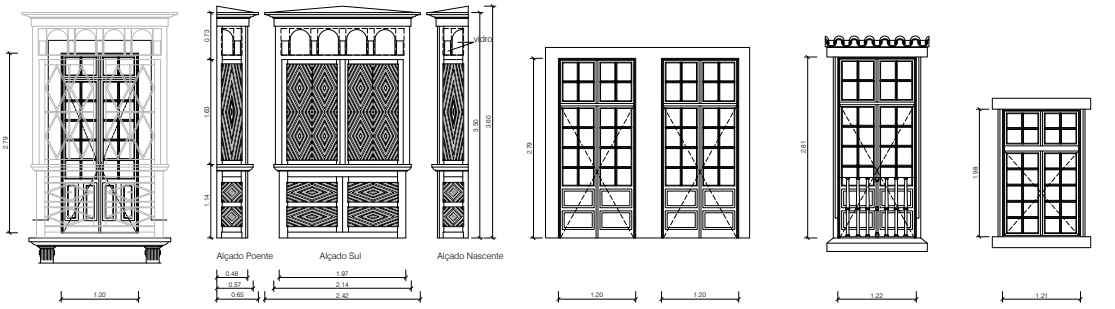
V 25 (2 uni.) (portada interior- 2+3)

V 26 (2 uni.) (portada interior- 2+2)

V 27 (2 uni.) (portada interior- 2+3)

V 28 (2 uni.) (portada interior- 2+1)

PISO 1



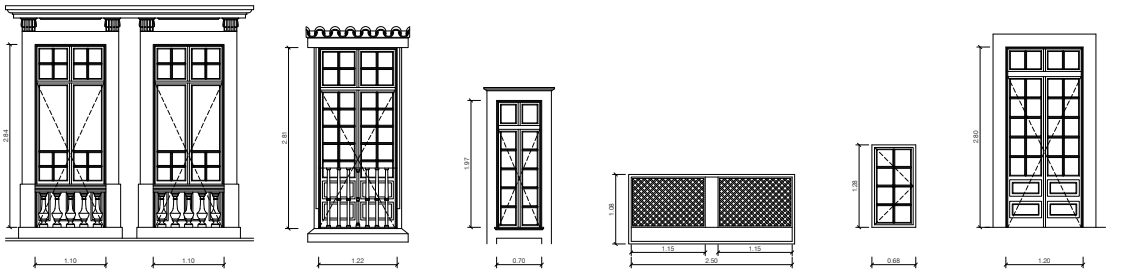
V 34b (1 uni.) (portada interior- 2+2)

Gelosia (1 uni.)

V 35a (2 uni.) (portada interior- 2+2)

V 35b (1 uni.) (portada interior- 2+2) (c/ guarda metálica exterior)

V 36 (2 uni.) (portada interior- 2+2)



V 29 (2 uni.) (portada interior- 2+2)

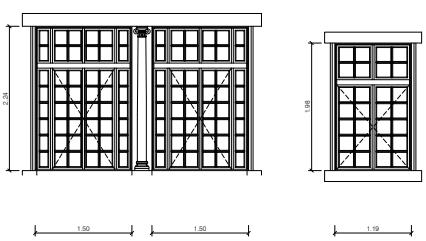
V 30 (3 uni.) (portada interior- 2+2) (c/ guarda metálica exterior)

V 31 (1 uni.) (portada interior- 1+2)

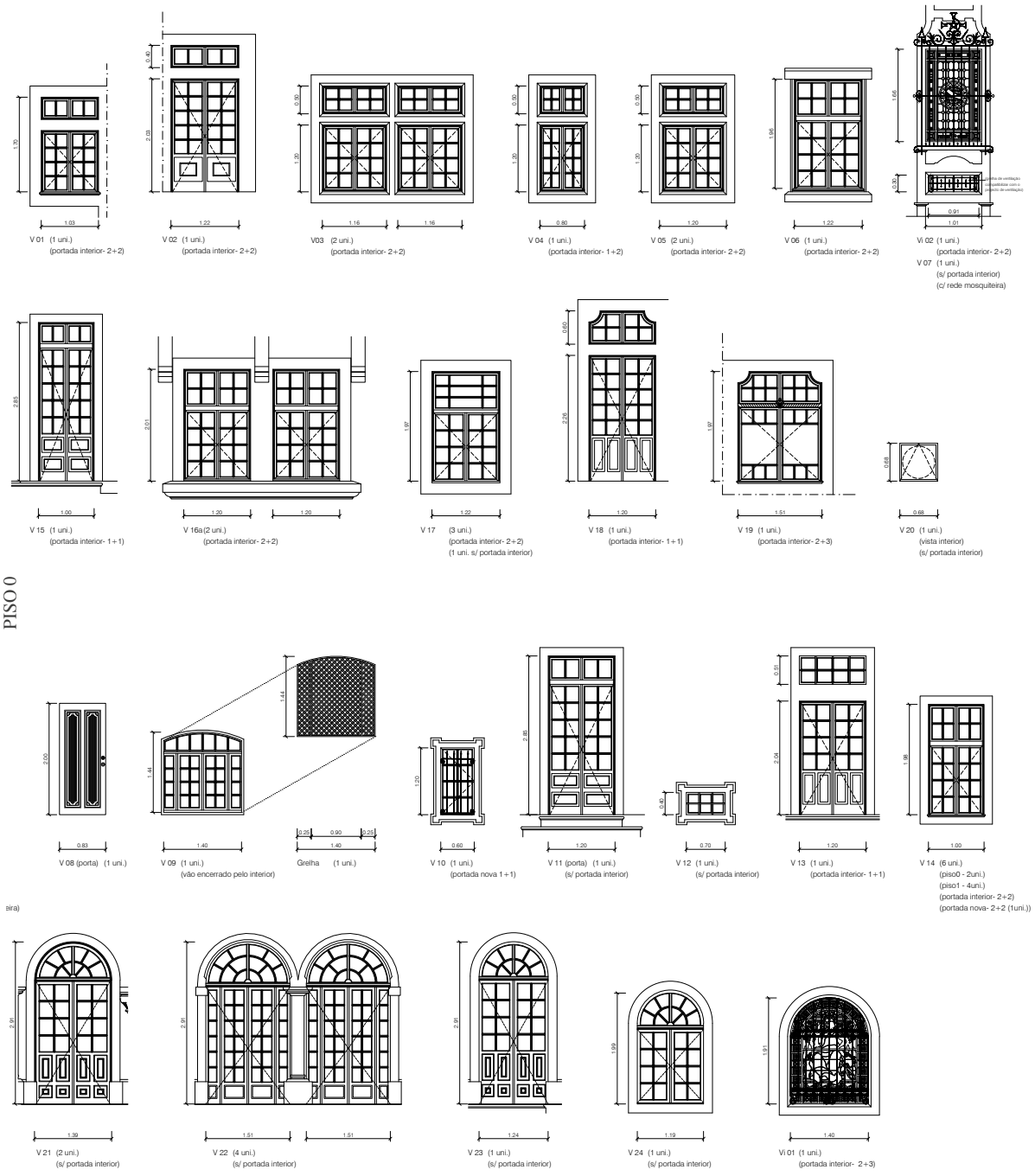
V 32 (Grelha) (1 uni.) (vão encerrado pelo interior)

V 33 (1 uni.) (portada interior- 1+1) (portadas novas)

V 34a (2 uni.) (portada interior- 2+2) (1uni. c/ portadas novas)



OS VÃOS EXTERIORES ESTÃO REPRESENTADOS À MESMA ESCALA.



OS VÃOS EXTERIORES ESTÃO REPRESENTADOS À MESMA ESCALA.

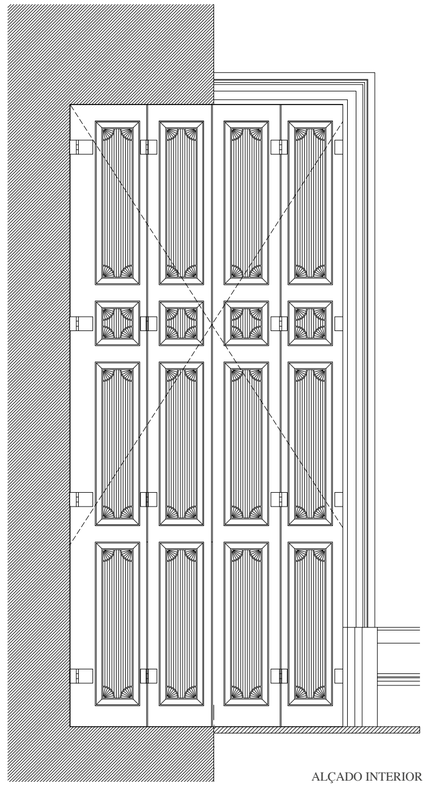
PISO 0

	IDENTIFICAÇÃO localização na planta	V 01	V 02	V 03	V 04	V 05	V 06	Vi 02	V 07	V 08	V 09	V 10	V 11	V 12	V 13	V 14	V 15	V 16a	V 17	V 18	V 19	V 20	V 21	V 22	V 23	V 24	Vi 01
	FUNCIONAMENTO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	FIXO	FIXO	BATENTE	FIXO	BATENTE	BATENTE + FIXO	FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BASCULANTE	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	BATENTE + FIXO	FIXO
	QUANTIDADES total por tipos de vãos	1	1	2	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	6 [2un. p0 | 4un. p1]	1	2	3	1	1	1	2	4	1	1	1
MATERIAIS E ACABAMENTOS	CAIXILHO DE MADEIRA (IROKO) PERFIL 58MM MODELO MC MURTA	●	●	●	●	●	●			●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	GELOSIA DE MADEIRA, IROKO (REPRODUÇÃO)																										
	* GUARDA-CORPOS OU GRADE EM FERRO FORJADO (EXISTENTE A REABILITAR)							●	●			●		●													●
	* NOVA GRADE EM FERRO FORJADO (A REPRODUZIR CONFORME EXISTENTE - V41)										●																
	VITRAL (A REABILITAR)							●																			●
	SOLEIRA EM MADEIRA (IROKO) DO SISTEMA MC MURTA	●		●	●	●	●				●	●		●		●		●	●		●	●				●	
	SOLEIRA EM GRANITO (EXISTENTE A TRATAR)		●							●			●		●		●			●			●	●	●		
	* PINTURA FORJA, COR A DEFINIR, A ESCOLHER MEDIANTE APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA							●	●		●	●		●													●
	PINTURA ESMALTE RENNER, ESQUEMA MC MURTA, COR A DEFINIR, A ESCOLHER MEDIANTE APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA (CORES DIFERENTES NO INTERIOR E NO EXTERIOR)	●	●	●	●	●	●			●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
VIDROS	VIDRO DUPLO, TRANSPARENTE E INCOLOR, COM COEFICIENTE DE TRANSMISSÃO TÉRMICA <1,1 W/m2ºC FACTOR SOLAR <0.42 ÍNDICE DE REDUÇÃO SONORA > 40db	●	●	●	●	●	●				●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	-
	PERFIS DE SELAGEM SWISSPACER, COR A DEFINIR E ADEQUADOS À ESPESSURA DO VIDRO	●	●	●	●	●	●				●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
FERRAGENS	DOBRADIÇA BATISTA GOMES DE 1/2 BALANÇO D.6905 (LATÃO POLIDO NATURAL)	●	●	●	●	●	●			●		●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	REPRODUÇÃO DO CREMONE EXISTENTE TIPO 2 (LATÃO POLIDO NATURAL)											●			●					●			●	●	●	●	
	REPRODUÇÃO DO CREMONE EXISTENTE TIPO 6 (LATÃO POLIDO NATURAL)	●														●		●	●		●						
	REPRODUÇÃO DO CREMONE EXISTENTE TIPO 7 (LATÃO POLIDO NATURAL)			●	●	●	●																				
	MOLA DE PORTA BATISTA GOMES M.666 (ACABAMENTO A DEFINIR)		●							●			●				●										
	PUXADOR DE MULETA 2001 SV/CBC (ACABAMENTO A DEFINIR)		●										●				●										
	PUXADOR MEIA BOLA 2001 SV/CBC (ACABAMENTO A DEFINIR)									●																	
	ENTRADA DE CHAVE 2001 SV/CBC (ACABAMENTO A DEFINIR)		●							●			●				●										
	CILINDRO DE PERFIL EUROPEU, MESTRADO DE ACORDO COM O PLANO DE MESTRAGEM DEFINIDO PELO D.O.A ESCOLHER MEDIANTE A APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA		●							●			●				●										
	FECHADURA DE EMBUTIR COM TRINCO SILENCIOSO, TESTA COM CANTOS RECTOS ACABAMENTO A DEFINIR, A ESCOLHER MEDIANTE A APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA		●							●			●				●										
	FERRAGENS E ACESSÓRIOS PARA JANELA BASCULANTE A APROVAR MEDIANTE APRESENTAÇÃO DE AMOSTRA																					●					
PORTADAS INTERIORES	DIMENSÕES em metros (ALTURA x LARGURA)	0,50 x 1,16 1,20 x 1,16	0,50 x 1,38 2,10 x 1,38	0,60 x 1,38 1,22 x 1,31	0,60 x 0,96 1,22 x 0,96	0,60 x 1,25 1,22 x 1,25	2,02 x 1,34	1,67 x 1,35			-	1,28 x 0,68		-	0,60 x 1,34 2,09 x 1,34	2,02 x 1,14	2,90 x 1,14	2,02 x 1,14	2,02 x 1,34	0,60 x 1,34 2,28 x 1,34	2,02 x 1,34						
	NÚMERO DE FOLHAS DAS PORTADAS (POR VÃO)	2+2 2+2	2+2 2+2	2+2 2+2	1+2 1+2	2+2 2+2	2+2	2+2				1+1			1+1 1+1	2+2	1+1	2+2	2+2	2+2 2+2	2+2						
	* PORTADAS EXISTENTES (A REABILITAR)	●	●	●	●	●	●	●							●	●	●	●	●	●	●						
	PORTADAS NOVAS (REPRODUÇÃO CONFORME PORTADAS EXISTENTES NO MESMO ESPAÇO)											●				●(1un.)											
	* FERRAGENS EXISTENTES (A REABILITAR)	●	●	●	●	●	●	●							●	●	●	●	●	●	●						
	FERRAGENS NOVAS (A REPRODUZIR CONFORME EXISTENTES)											●				●(1un.)											
DIVERSOS	BATENTE DE PORTA TIPO "CP1 CP/CBC" OU EQUIVALENTE		●							●			●				●										
	APLICAÇÃO DOS VIDROS COM SILICONE INCOLOR	●	●	●	●	●	●				●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	SUPORTE DE APLICAÇÃO DE CORTINA INTERIOR (VER PROJECTO DE INTERIORISMO)												●	●													
	GRELHA DE VENTILAÇÃO COM REDE MOSQUITEIRA (VER PROJECTO DE VENTILAÇÃO)								●																		
	VÃO COM FORRA TÉRMICA INTERIOR - 4CM	●														●(5uni.)		●(1uni.)	●(2uni.)								

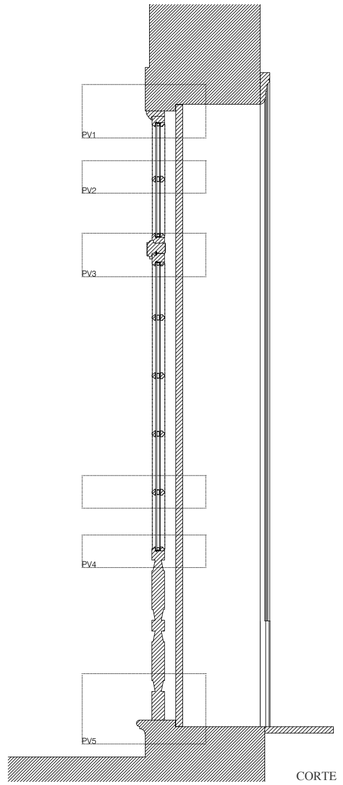


LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO VÃO TIPO V26, FEVEREIRO DE 2020.

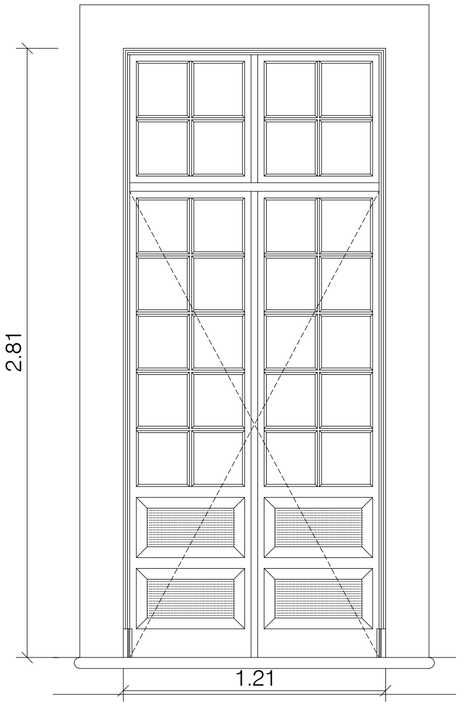




ALÇADO INTERIOR

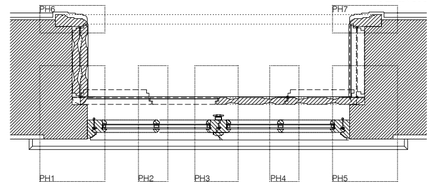


CORTE

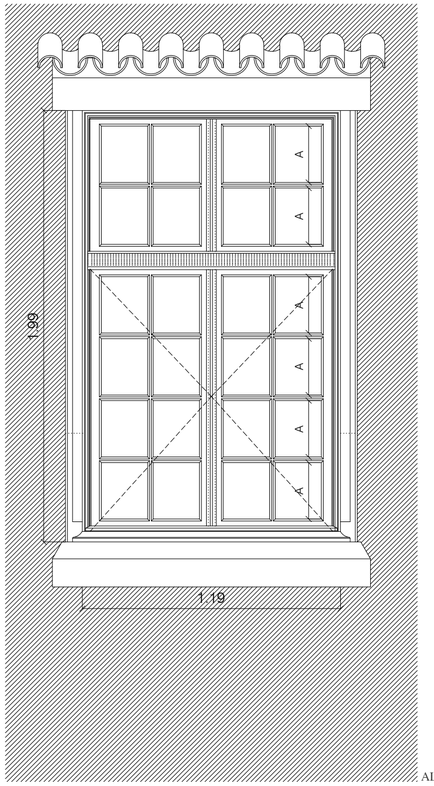


ALÇADO EXTERIOR

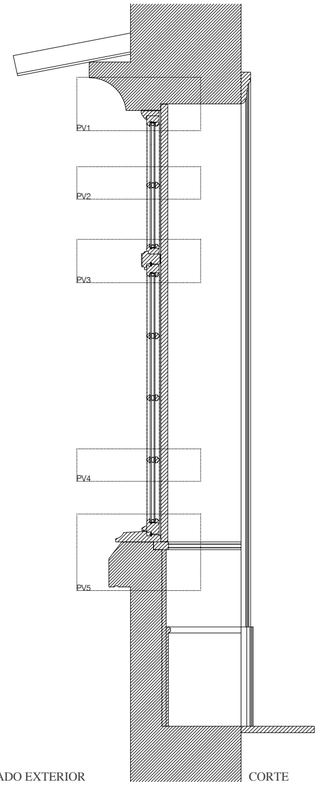
PLANTA



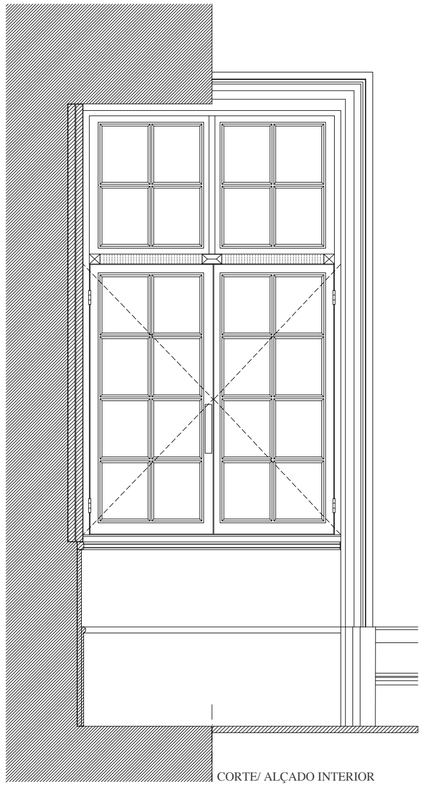
APÊNDICE B.1 |
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (CP + NV)
VÃO TIPO V26 | ESCALA 1/20



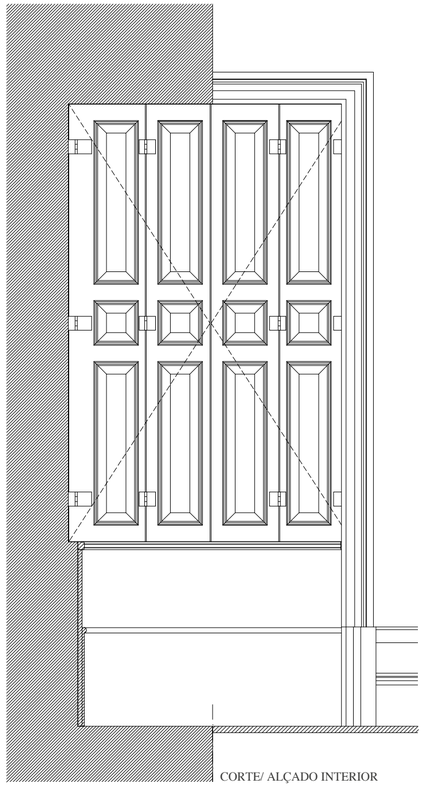
ALÇADO EXTERIOR



CORTE

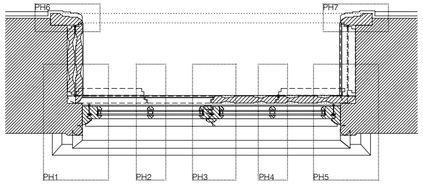


CORTE/ ALÇADO INTERIOR



CORTE/ ALÇADO INTERIOR

PLANTA



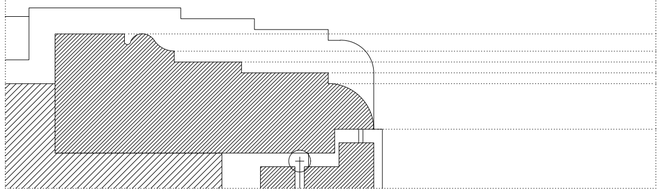
APÊNDICE B.1 |
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (CP + NV)
VÃO TIPO 16A | ESCALA 1/20

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO VÃO TIPO V16A, FEVEREIRO DE 2020.

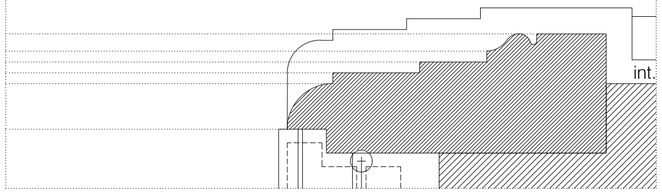


PORMENOR HORIZONTAL | ESCALA 1/2

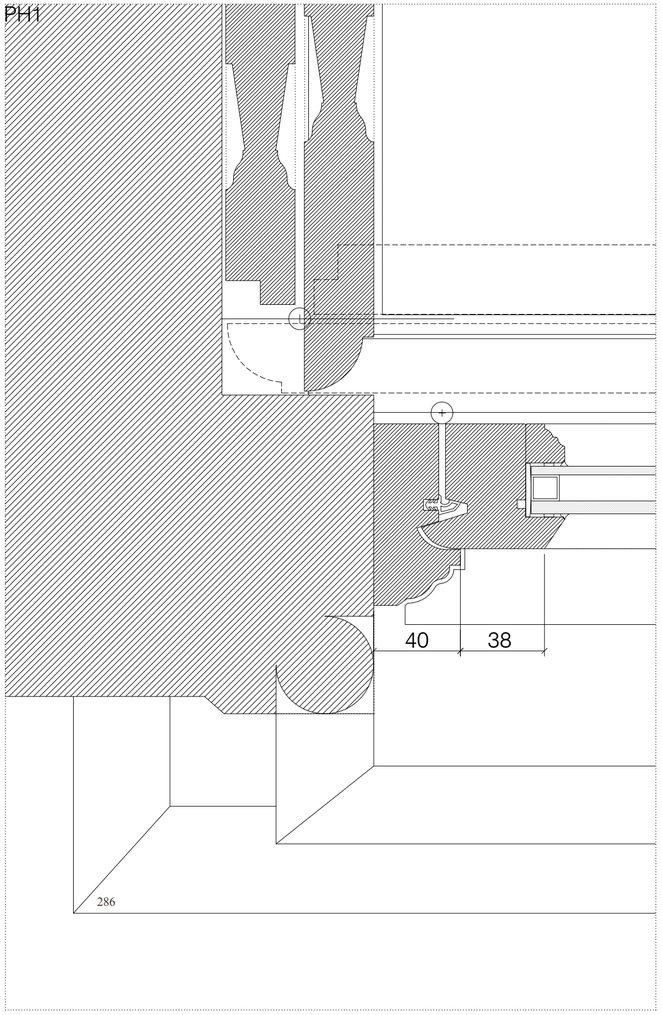
PH6



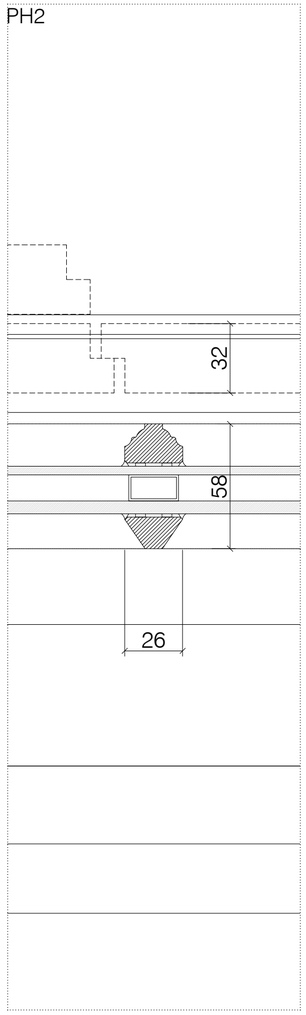
PH7



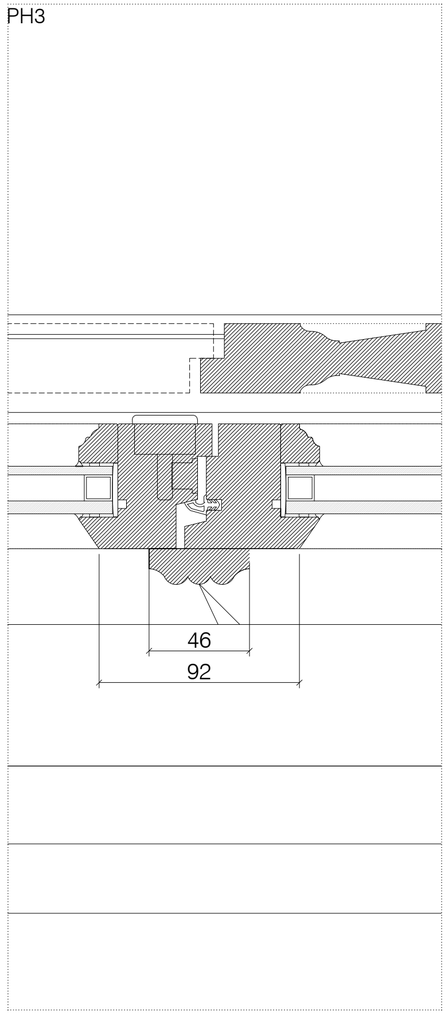
PH1



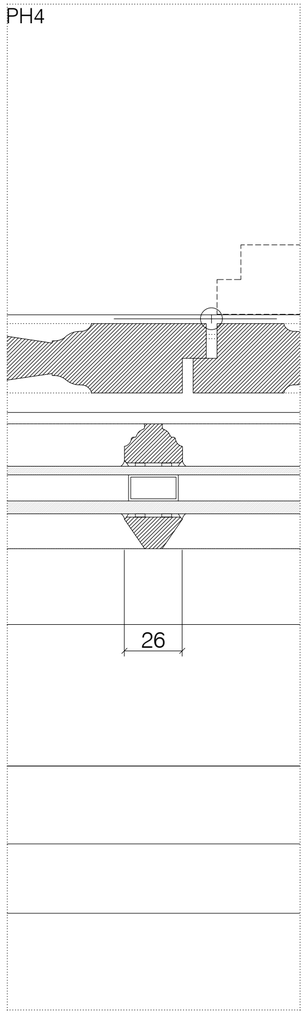
PH2



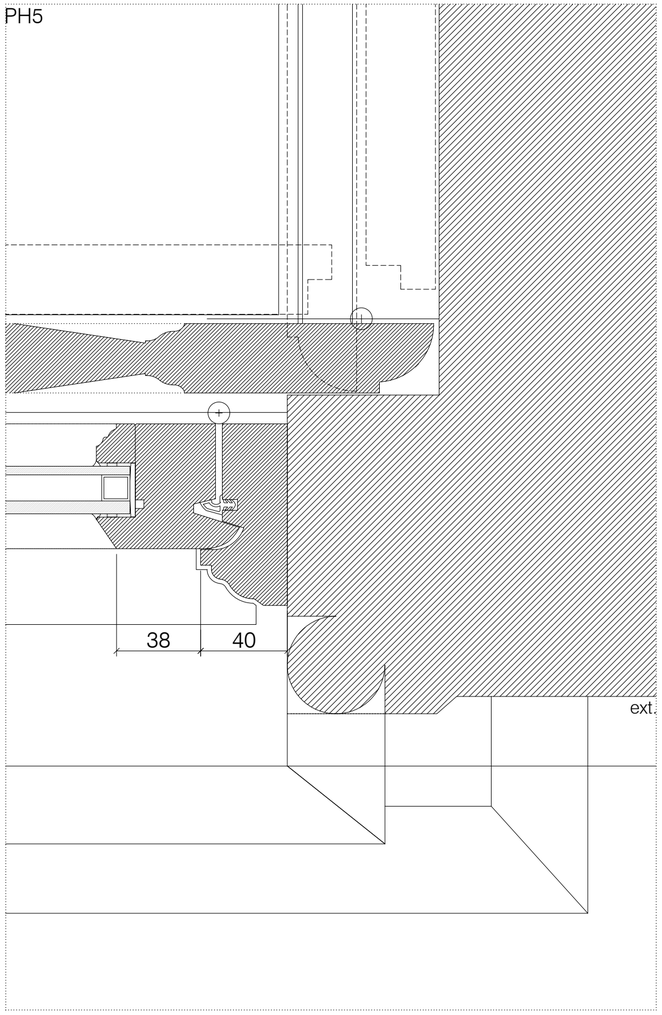
PH3

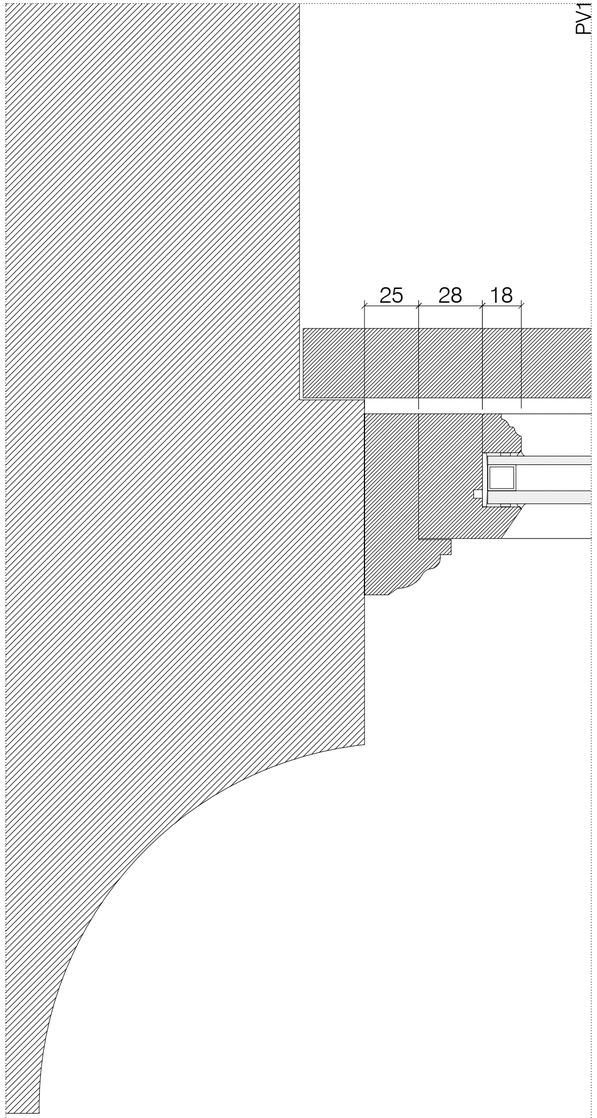


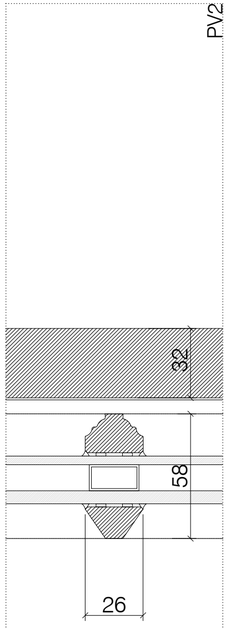
PH4

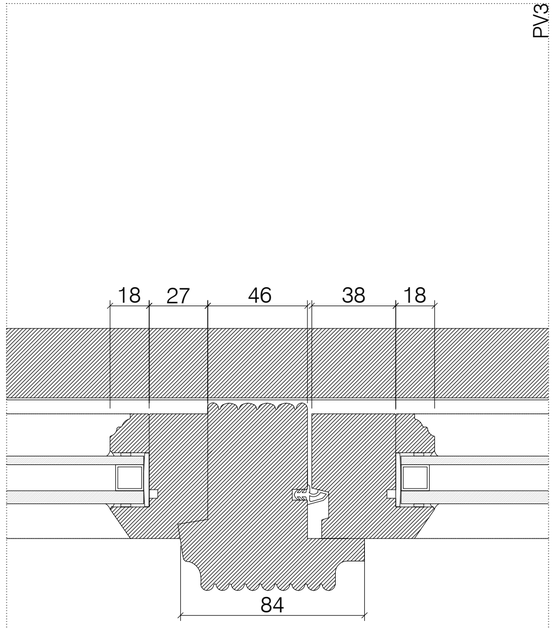


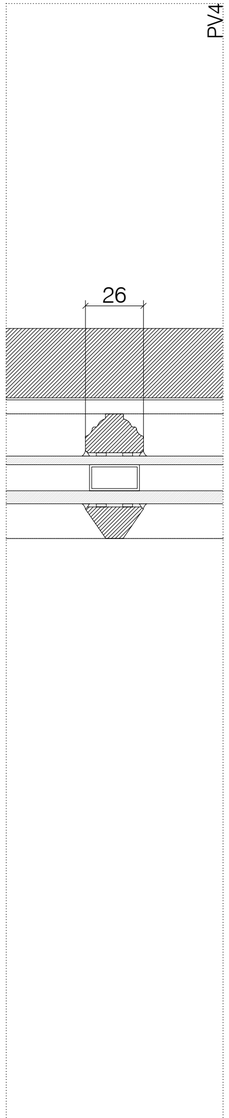
PH5

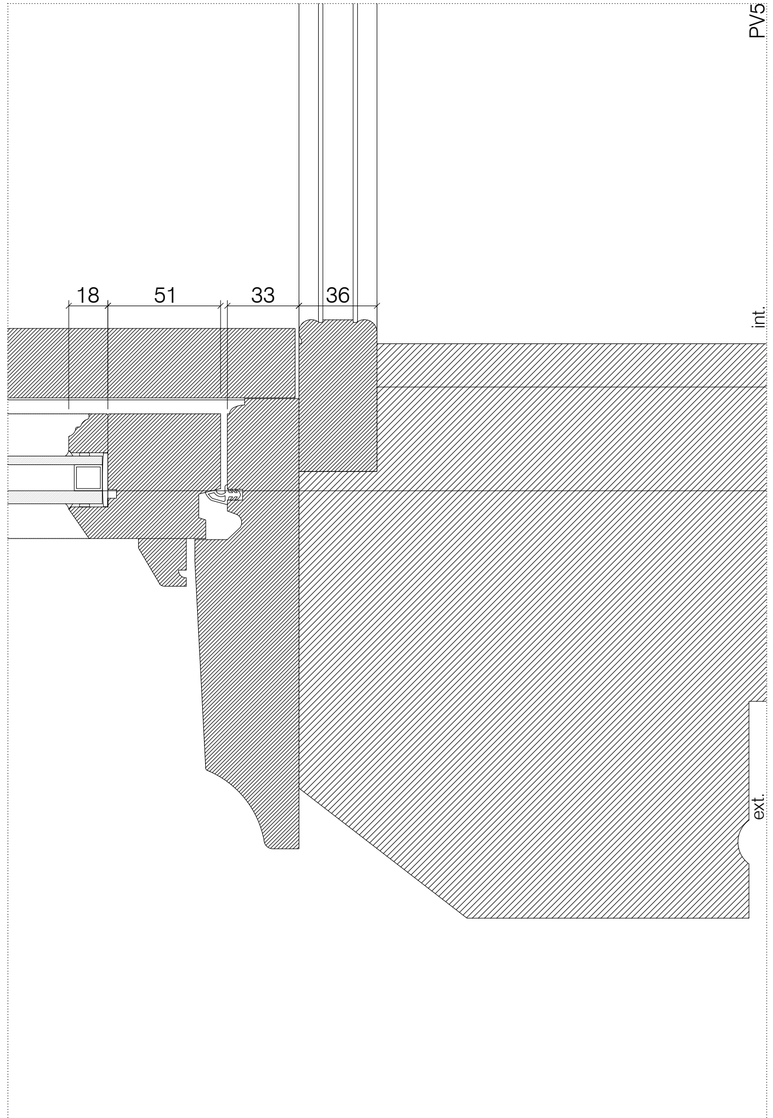












287

287

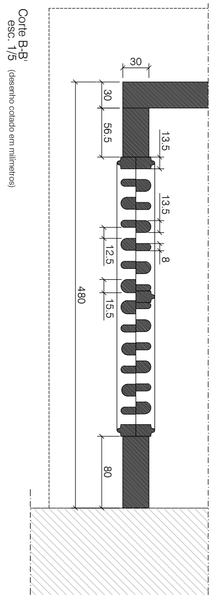
APÊNDICE B.1 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (CP + NV)
PORMENOR VERTICAL | ESCALA 1/2



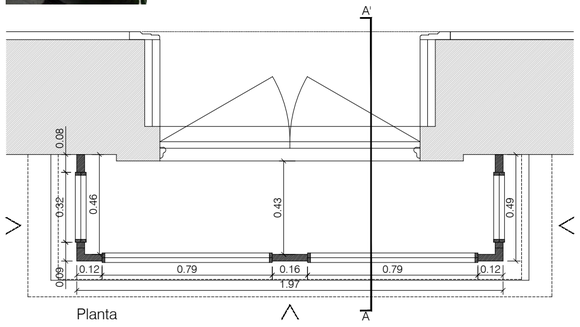
CASA RICARDO SEVERO, REVISTA SERÕES, 1906.

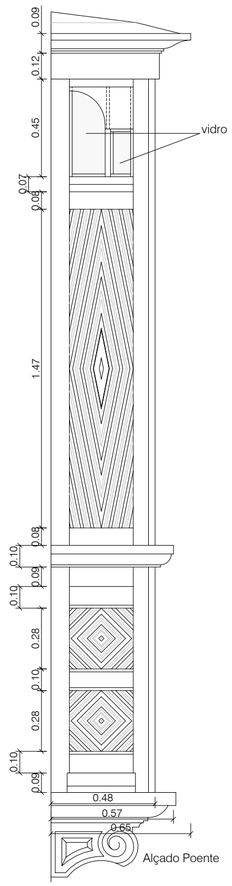


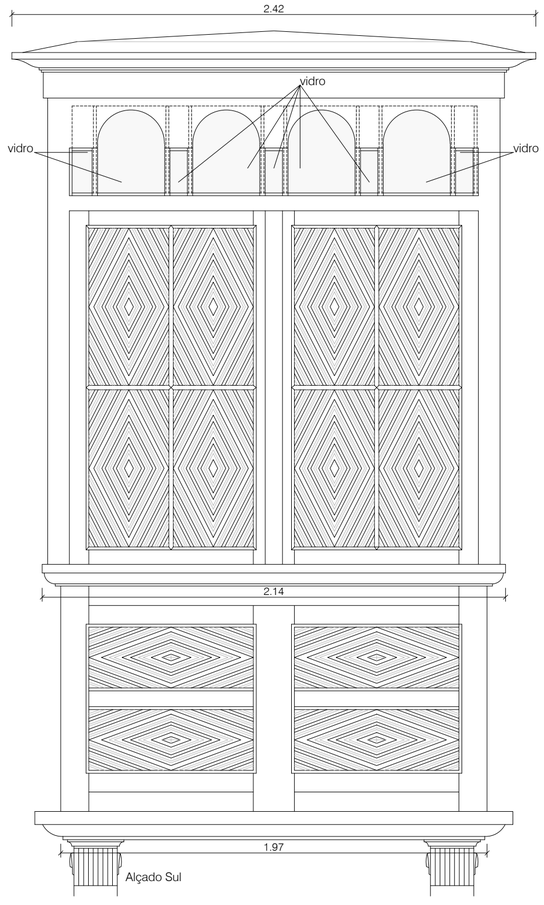
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA GELOSIA, NOVEMBRO DE 2020.

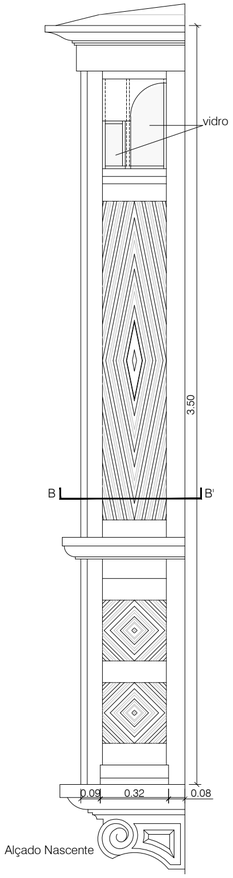


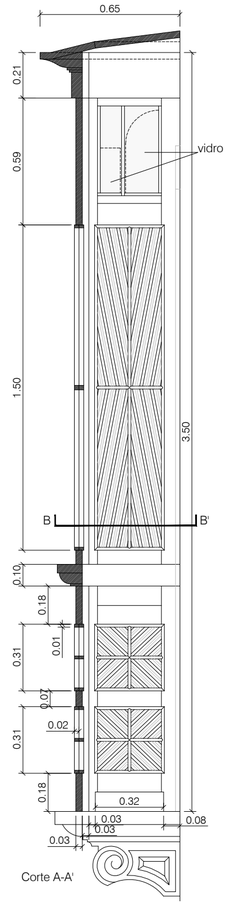




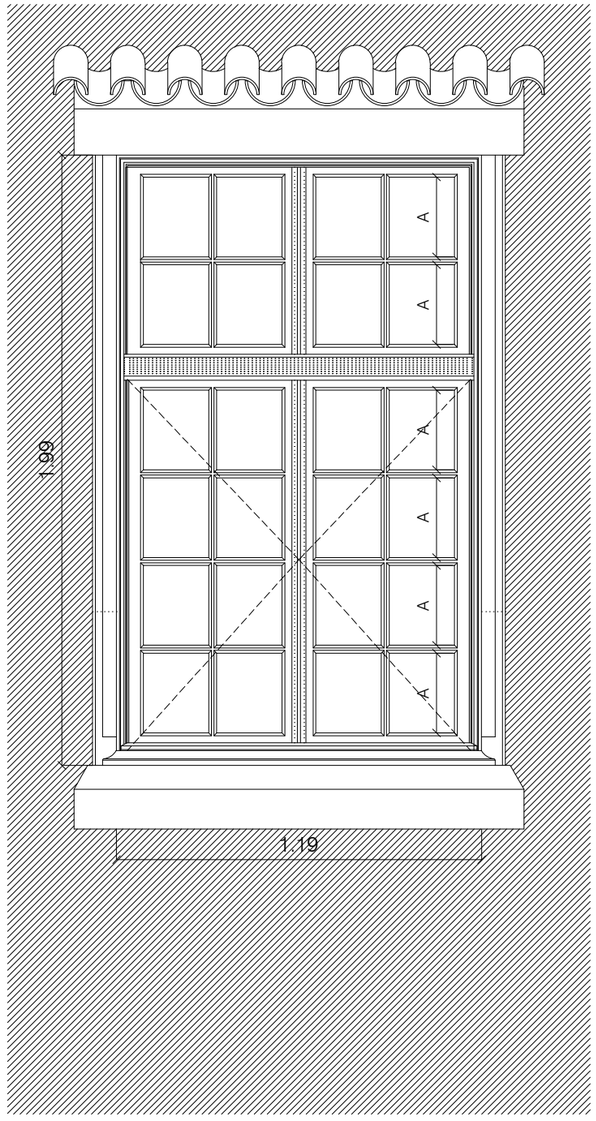




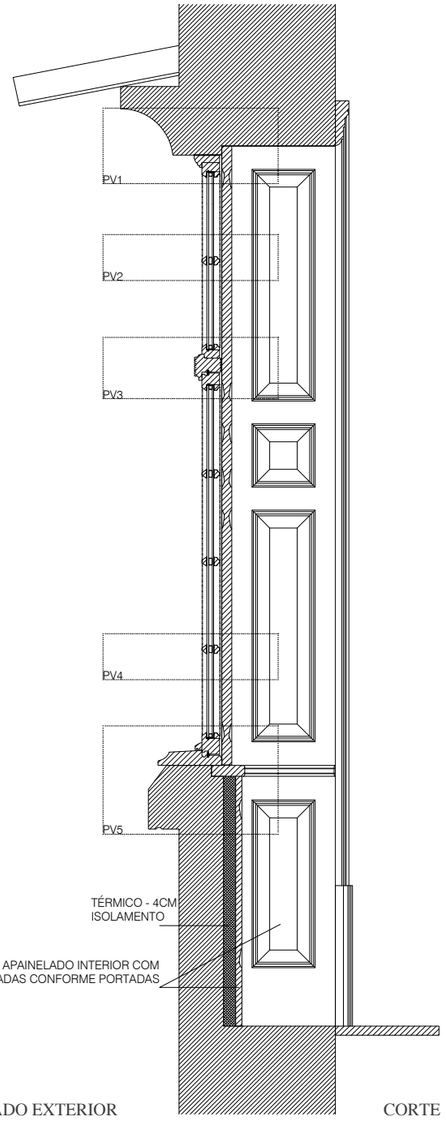




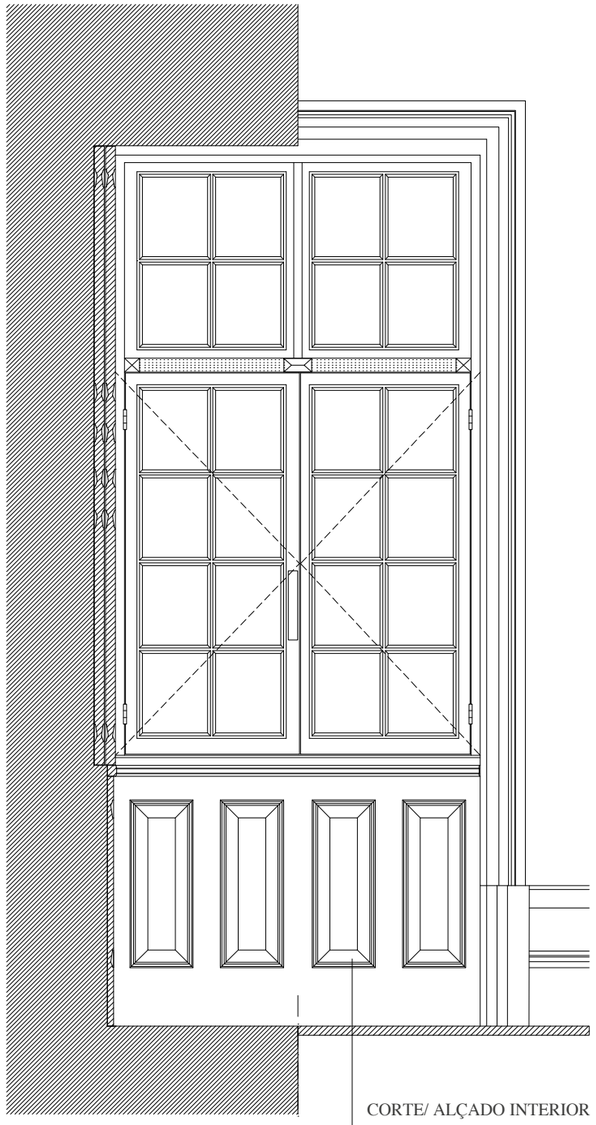
APÊNDICE B.1 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (CP + NV) |
GELOSIA | ESCALA 1/20



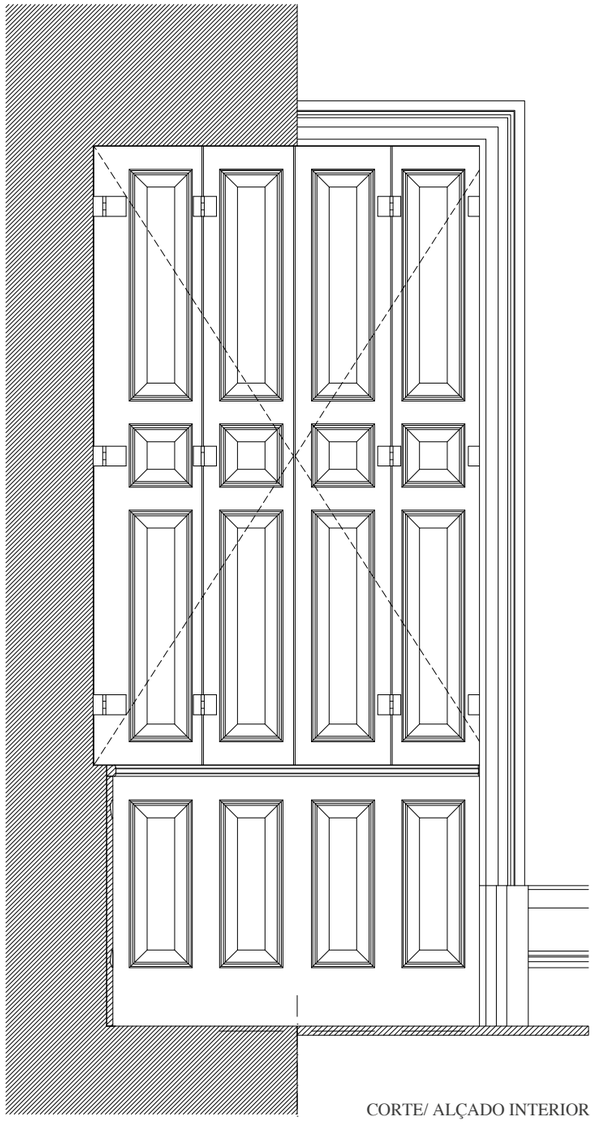
ALÇADO EXTERIOR



CORTE

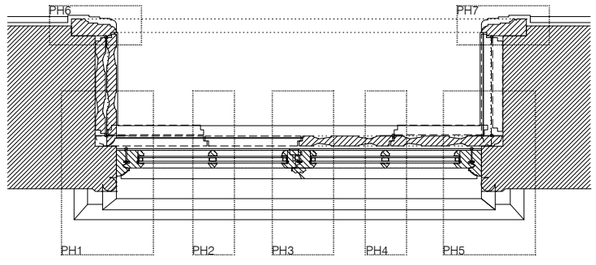


CORTE/ ALÇADO INTERIOR

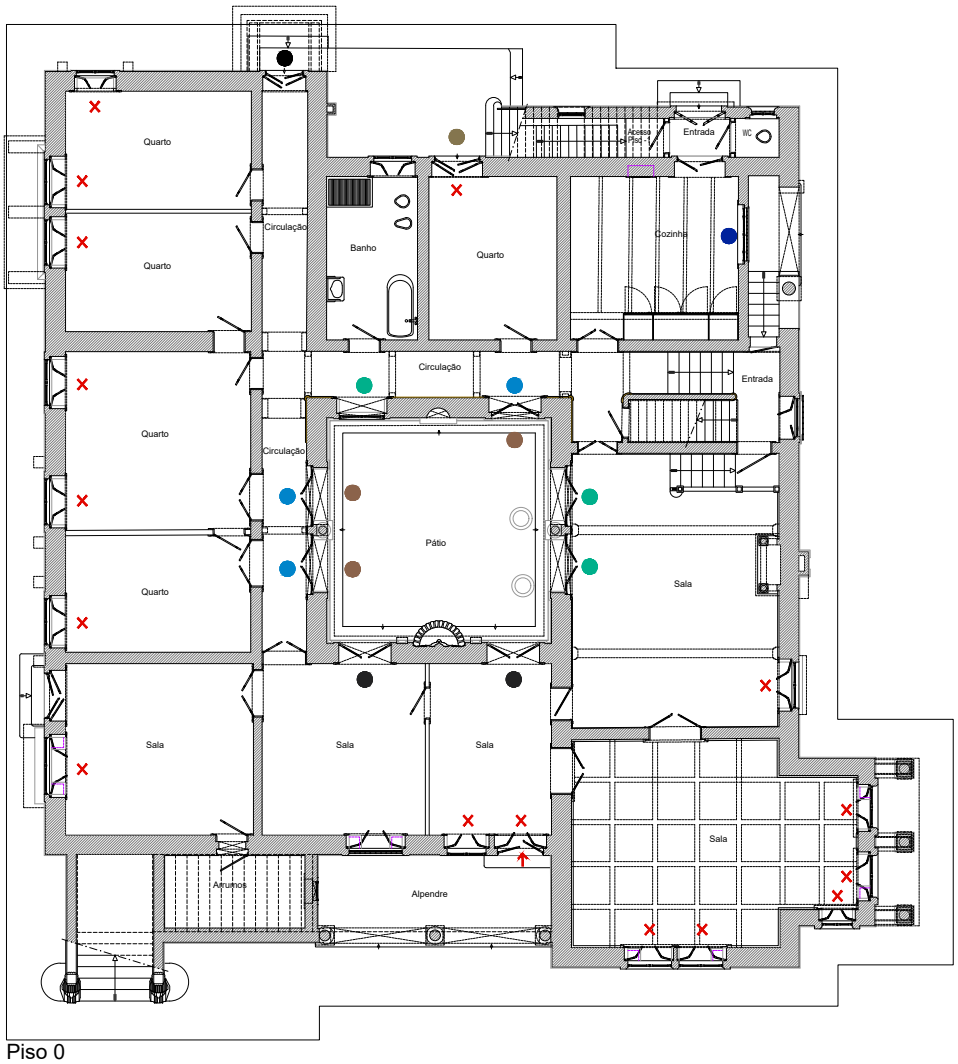


CORTE/ ALÇADO INTERIOR

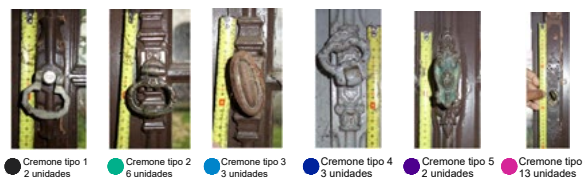
PLANTA



APÊNDICE B.1 |
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (CP + NV)
VÃO COM FORRA TÉRMICA INTERIOR
ESCALA 1/20



Piso 0



Cremone tipo 1 2 unidades | Cremone tipo 2 6 unidades | Cremone tipo 3 3 unidades | Cremone tipo 4 3 unidades | Cremone tipo 5 2 unidades | Cremone tipo 6 13 unidades

Cremones

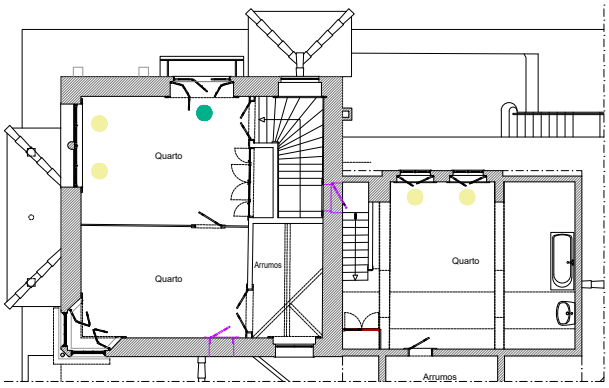


Cremone tipo 7 6 unidades | Cremone tipo 8 3 unidades | Cremone tipo 9 2 unidades | Puxador tipo 1 3 unidades | Puxador tipo 2 1 unidade | Puxador tipo 3 1 unidade

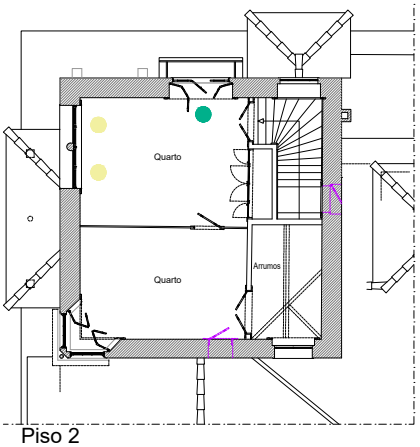
LEGENDA:

ESCALA 1/100

N



Piso 2 (desvão)



Piso 2



Piso 1

Fechos de portadas


Fecho culatra tipo 1


Fecho culatra tipo 2


Fecho culatra tipo 3


Fecho simples tipo 1


Fecho culatra tipo 4


Fecho culatra de porta tipo 1


Fecho culatra de porta tipo 2


Fecho simples tipo 2

Dobradiças de portadas


Dobradiça tipo 1


Dobradiça tipo 2 entre apainelados


Dobradiça tipo 3


Dobradiça tipo 4


Dobradiça tipo 5


Dobradiça tipo 2 entre guarnição


Dobradiça tipo 6


Dobradiça tipo 7

ANEXOS | SUMÁRIO

A. REQUERIMENTOS CONSTRUÇÃO, 1902 & 1903 294

B. CARTA DIRIGIDA A RICARDO SEVERO,1919 308

C. REQUERIMENTO AUMENTO ANEXO, 1929 310

D. ARTIGOS EM JORNAIS E REVISTAS, 1892, 1905 & 1906

D.1 | 1892 | Ricardo Severo, “O museu público de S. Paulo” in Correio Paulistano 316

D.2 |1905 | Rocha Peixoto, “A casa portuguesa” in Revista Serões 324

D.3 | 1906 | Silva Bastos, “Em casa do sr. Ricardo Severo” in Diário Illustrado 336

NOTA

O anexo D apresenta material de revistas e jornais entre a última década do século XIX e o início do século XX. Os critérios de escolha destes artigos decorrem tanto a dificuldade de acesso como a relevância do conteúdo para a investigação. Os artigos apresentados complementam o corpo da dissertação e dão um acesso rápido ao conteúdo referenciado no texto, de modo a proporcionar ao leitor uma visão global, sem ser necessária uma pesquisa externa à presente dissertação.

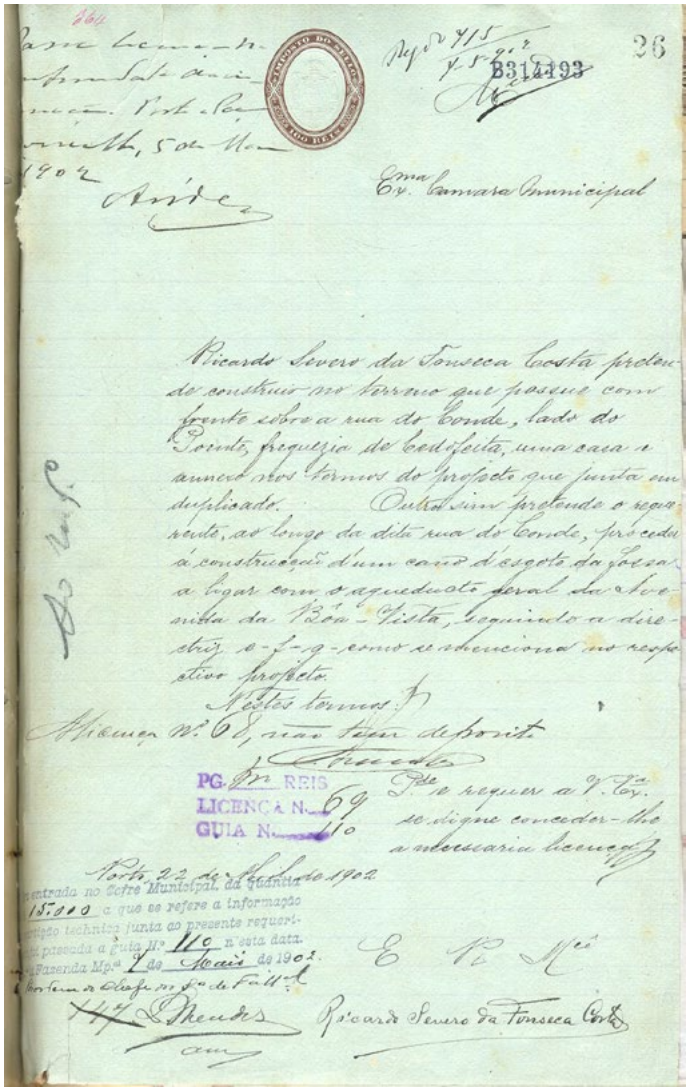
Tendo em conta a situação pandémica que atravessámos durante a investigação, apenas foi possível aceder a este conteúdo digitalmente, a partir dos arquivos dos diversos jornais e revistas digitalizados e disponíveis *online*.

O primeiro artigo - Anexo D.1 - escrito por Ricardo Severo e publicado no *Correio Paulistano*, é aqui apresentado pela dificuldade em aceder ao mesmo. O artigo foi escrito em 1892 e é referenciado várias vezes, no entanto, o dia concreto da sua publicação nunca acompanha essa referência. Apesar de Ricardo Severo nos deixar dezenas de escritos, este é o artigo que assinala sua presença no Brasil, mais precisamente em São Paulo.

Referência regular ao longo do terceiro capítulo da dissertação, o artigo "A Casa Portuguesa" de Rocha Peixoto, é apresentado no Anexo D.2. Apresenta-se a versão editada em 1905, para a Revista *Serões*; no entanto, o texto, que defende a Casa Ricardo Severo enquanto uma casa verdadeiramente portuguesa, foi publicado por diversas entidades ao longo do último século.

Finalmente, apresenta-se o texto "Em casa do sr. Ricardo Severo" de Silva Bastos, no Anexo D.3. Publicado em 1906 no *Diário Illustrado*, este artigo é transcrito e apresentado pela sua relevância e dificuldade de acesso. Apesar de referir de passagem a Casa Ricardo Severo, apresenta-nos a sociedade da época e a divergência entre Braga, Porto, Coimbra e Lisboa, tal como a vida de Ricardo Severo e a sua Revista *Portugália.*

ANEXO A | REQUERIMENTOS PARA CONSTRUÇÃO
1902 & 1903



A.1

Ex.ma Camara Municipal

Ricardo Severo da Fonseca Costa pretende construir no terreno que possue com frente sobre a rua do Conde, lado do Poente, freguezia de Cedofeita, uma casa a annexo nos termos do prospecto que junta em duplicado. Outrosim pretende o requerente, ao longo da dita rua do Conde, proceder á construcção d'um canno d'esgoto da fossa a ligar com o aqueducto geral da Avenida da Boa-Vista, segundo a direcção e-f-g- como se advenciona no respectivo prospecto.

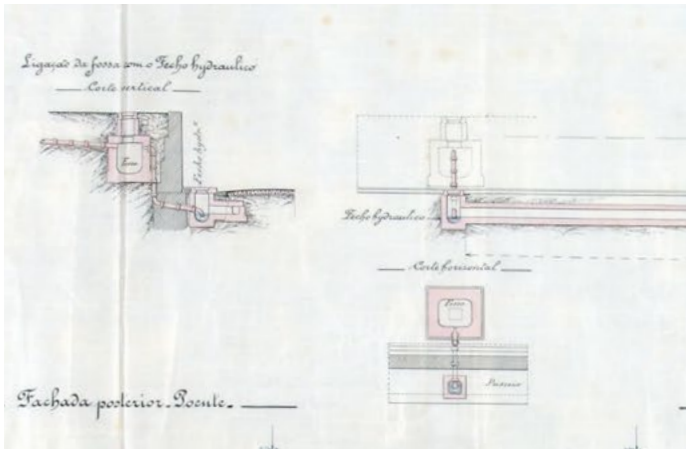
Nestes termos

Mercê

PG. 2$ REIS
LICENÇA N. 69
GUIA N. 10

Porto 22 de Abril de 1902

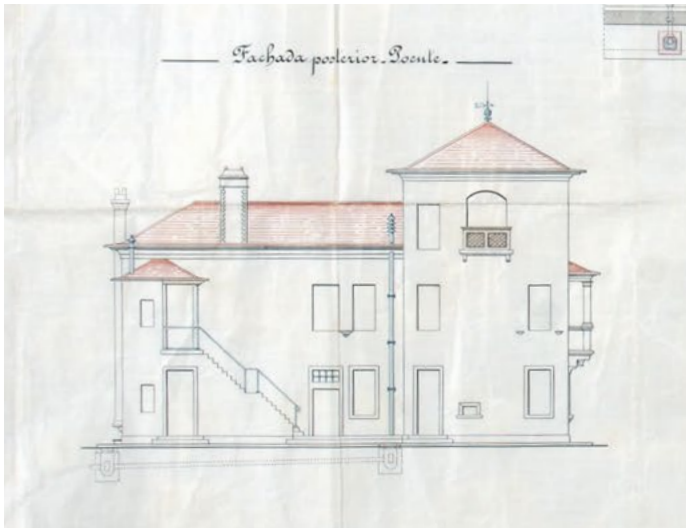
Ricardo Severo da Fonseca Costa



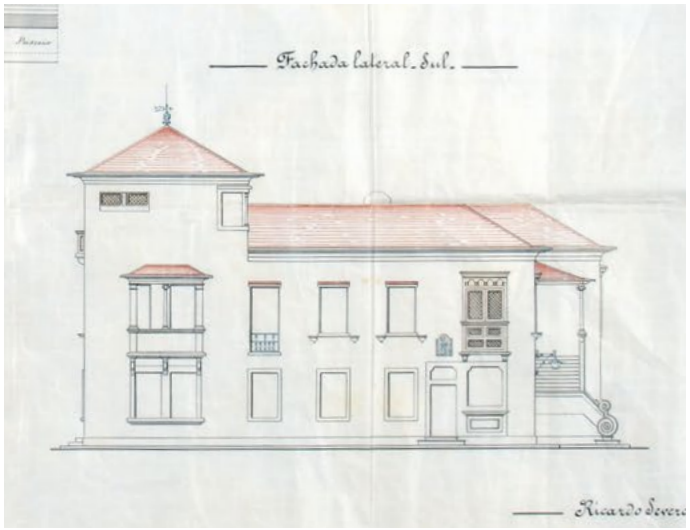
A.2

A.1 - Requerimento para construção da Casa na Rua do Conde, entregue na Câmara Municipal do Porto a 22 de Abril de 1902.

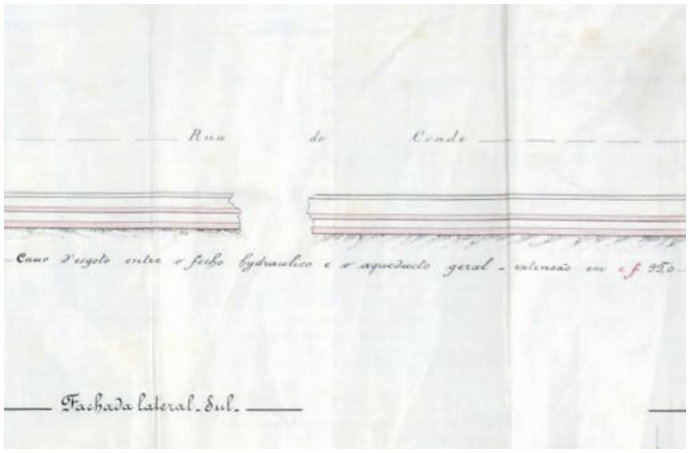
A.3



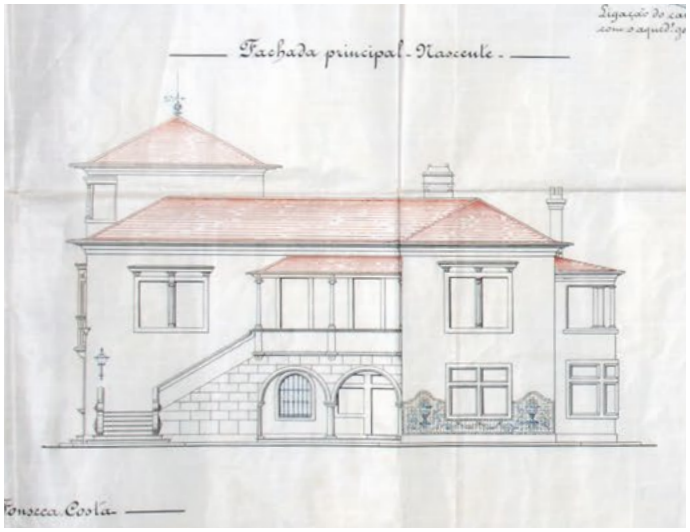
A.4



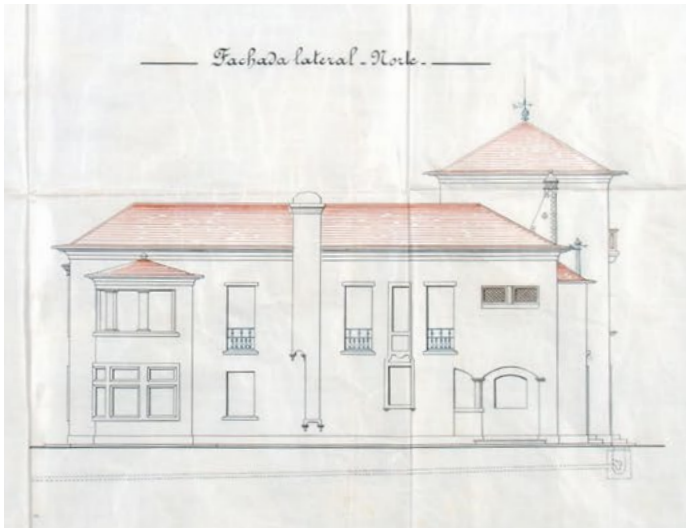
A.5



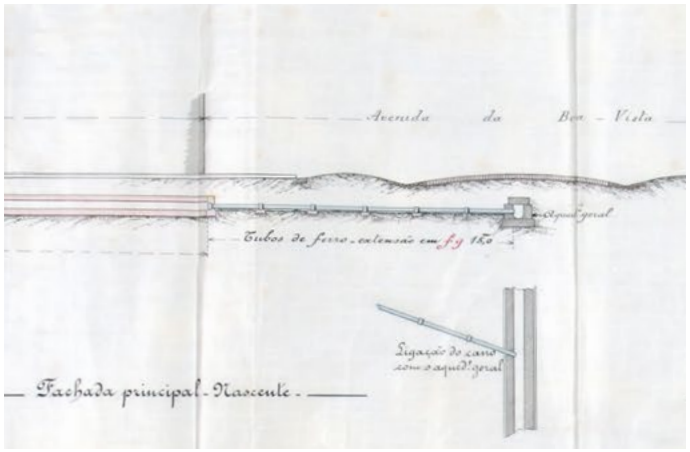
A.2, A.3, A.4 e A.5 - Secção dos desenhos entregues para a aprovação da construção da Casa na Rua do Conde, entregue na Câmara Municipal do Porto a 22 de Abril de 1902.



A.6



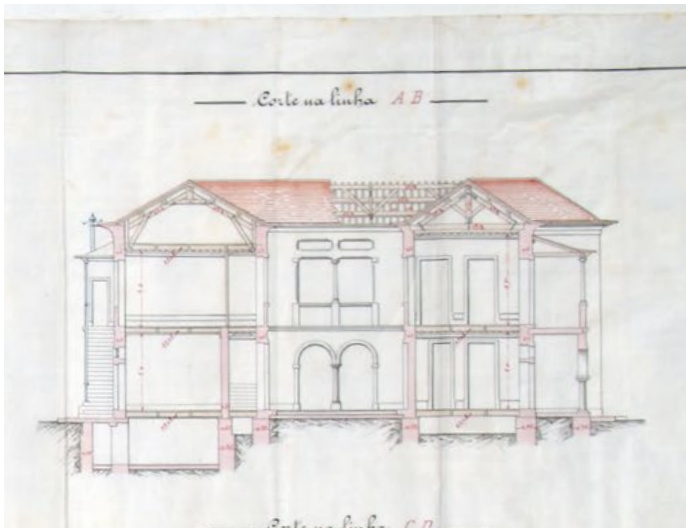
A.7



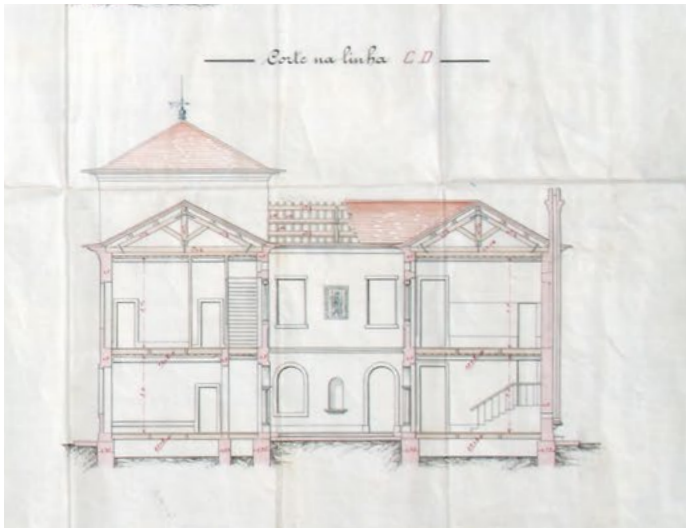
A.8

A.6, A.7 e A.8 - Secção dos desenhos entregues para a aprovação da construção da Casa na Rua do Conde, entregue na Câmara Municipal do Porto a 22 de Abril de 1902.

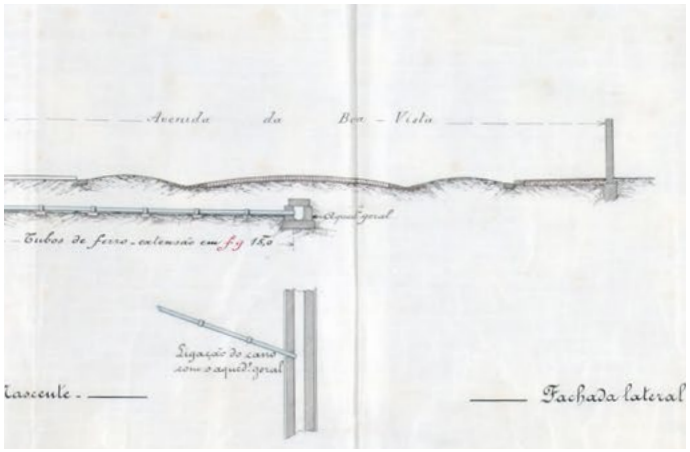
A.9



A.10

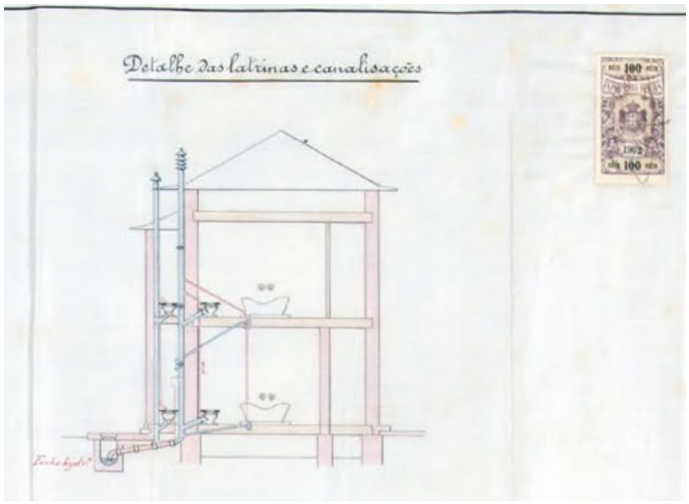


A.11

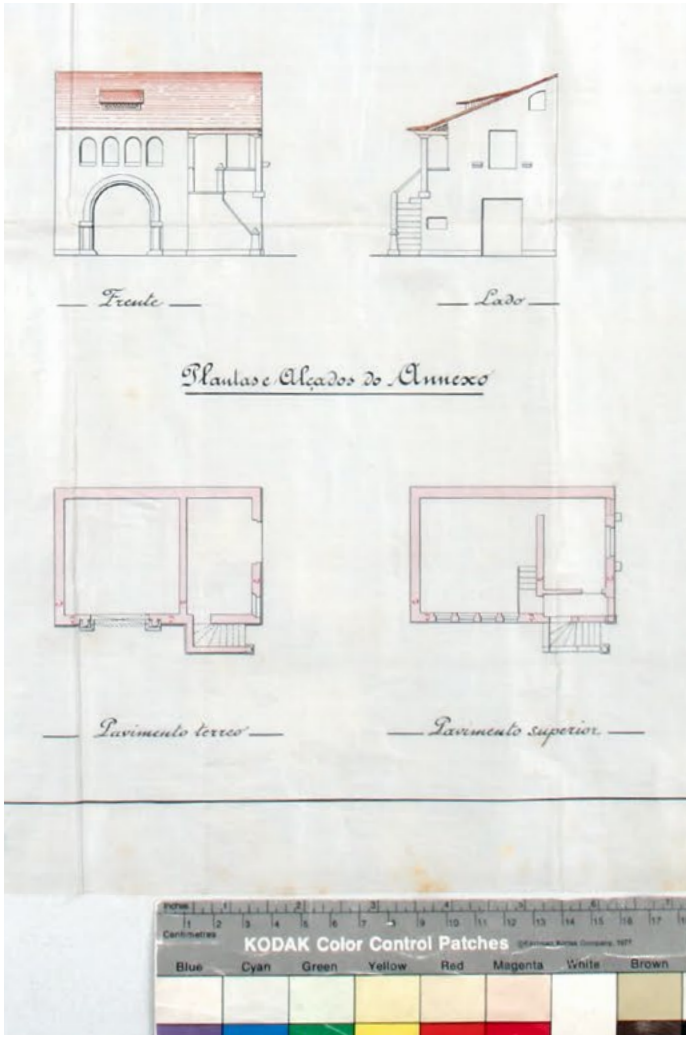


A.9, A.10 e A.11 - Secção dos desenhos entregues para a aprovação da construção da Casa na Rua do Conde, entregue na Câmara Municipal do Porto a 22 de Abril de 1902.

A.12

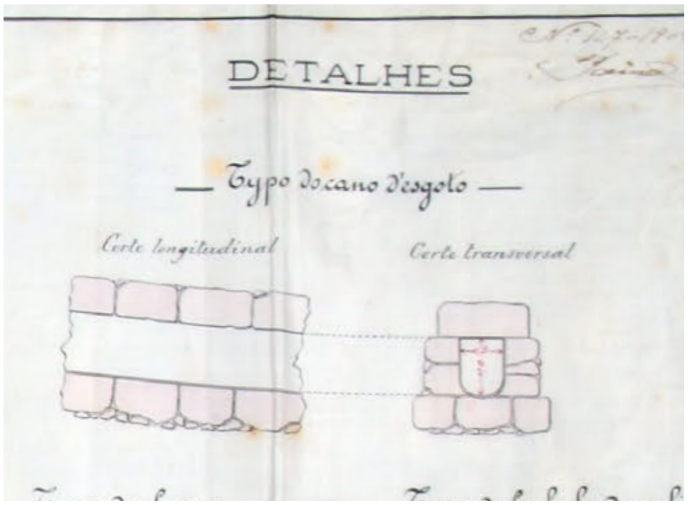


A.13

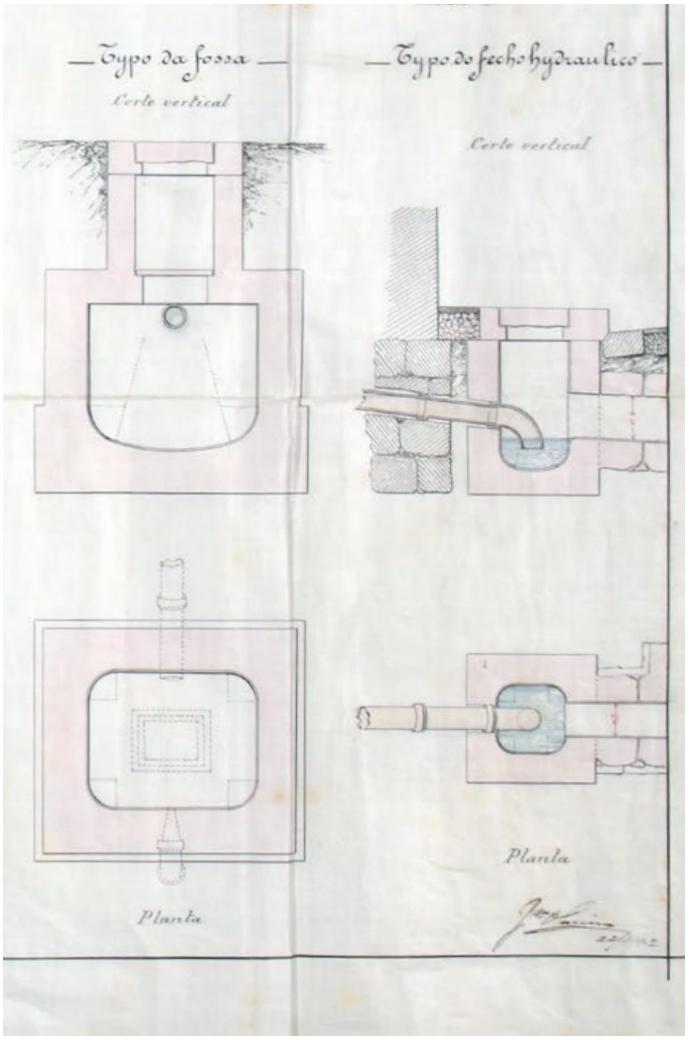


A.12 e A.13 - Secção dos desenhos entregues para a aprovação da construção da Casa na Rua do Conde, entregue na Câmara Municipal do Porto a 22 de Abril de 1902.

A.14

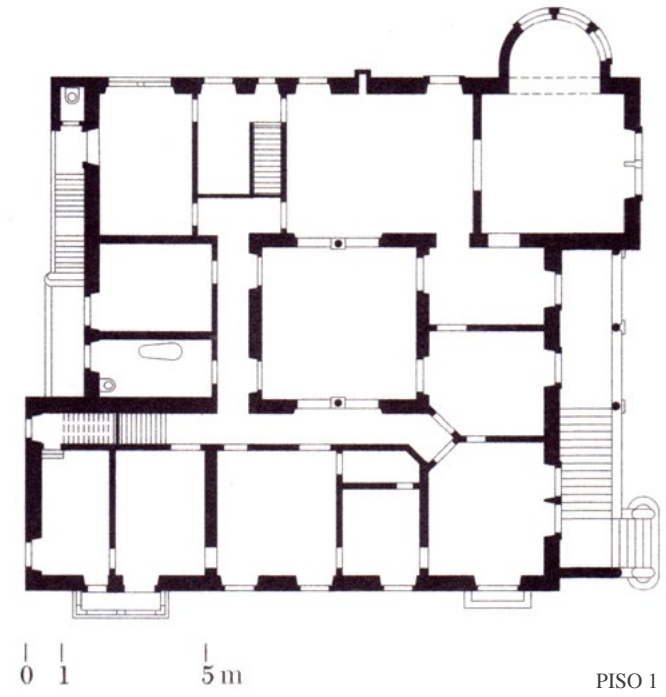


A.15



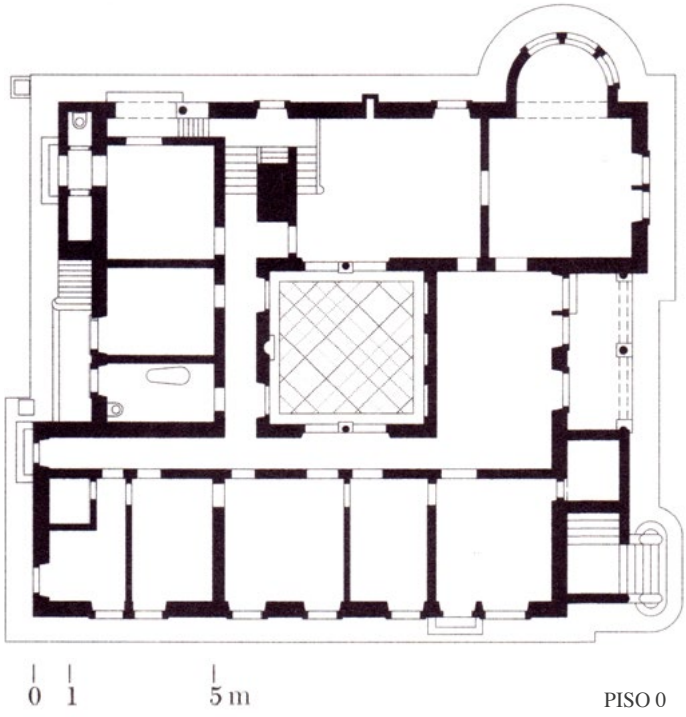
A.14 e A.15 - Secção dos desenhos entregues para a aprovação da construção da Casa na Rua do Conde, entregue na Câmara Municipal do Porto a 22 de Abril de 1902.

A.16



PISO 1

A.17



PISO 0

A.16 e A.17 - Plantas da Casa da rua do Conde. As plantas foram entregues em conjunto com os restantes desenhos e requerimento, porém não se encontram disponíveis digitalmente.

MEMÓRIA DESCRITIVA, REQUERIMENTO 1902 (TRANSCRIÇÃO)

A casa para habitação e o annexo para adega, carvoeira, etc., que o requerente Ricardo Severo da Fonseca e Costa, pretende construir na propriedade que possue com frente para a rua do Conde, lado poente, freguesia de Cedofeita, será construída em conformidade com o projecto em duplicado junto a esta memória.

Esta casa ficará retirada do alinhamento da rua 12,0m; medindo a superfície de 440,00mq, e formando dois pavimentos: Rez-do-Chão e Andar Nobre.

Todos os alicerces serão executados em perpeanho ao baixo, empregando-se a argamassa de cal e saibro, e a sua espessura no sobre-leito será de 0,55m para as divisórias interiores, construídas á profundidade necessária para bôa solidez de construção, sendo asphaltados em toda a sua largura.

As paredes exteriores das quatro fachadas serão constrídas com alvenaria pelo systema de silhares e juntouras, convenientemente argamassadas, medindo a espessura de 0,55m nos intervalos das cantarias.

As paredes interiores, divisórias de salas, quartos, etc., serão de perpeanho de meia falha de 0,30m, bem travado e aleitados de modo que as juntas verticaes nunca se correspondam.

A cantaria a empregar será de boa qualidade, resitente e bem aparelhada, observando-se em todos os seus detalhes as regras d'arte.

O pavimento do Rez-do-chão será travejado a castanho, e o do Andar Nobre a pranchões de Riga, com a secção de 0,22m x 0,08m, distanciadas entre si a eixo de 0,65m, devidamente tarugadas.

As alturas dos pavimentos, entre soalhos e tectos, medirão no Rez-do-Chão 3,40m, no andar nobre 3,90m e na torre 3,00m como vai indicado no respectivo projecto.

Os tabiques em divisória das différentes dependências serão simples e dobrados nos lugares onde as suas dimensões o exigirem, e todo o engrandecimento d'estas, como enchameis, baldrames e adufas serão de pinho de Riga.

Para os soalhos de todos os pavimentos empregar-se-ha o pinho nacional e o de Riga, com tábuas de largura uniforme,

e ligadas a macho e fêmea, os das salas e quartos principaes.

A madeira a usar em portas interiores, portadas e janellas, alisares, roda pés, etc., serão de pinho Suécia, e de castanho os caixilhos de todas as janellas e seus guarnecimentos, portas, frizos e mais peças que tenham de ficar expostas á acção do tempo.

A madeira a empregar na armação da cobertura de casas, será igualmente de pinho de Riga, e as differentes peças ligadas por entalhes feitos com justera e fixadas com cavilhas e abraçadeiras de ferro. Constará de terças, cumieiras, barrotes, e respectivas asnas com dimensões ordinárias de pranchão, excepto as frestas, que serão de secção de 0,11 m x 0,08m e os barrotes 0,08m x 0,05m, distanciados entre si 0,33m.

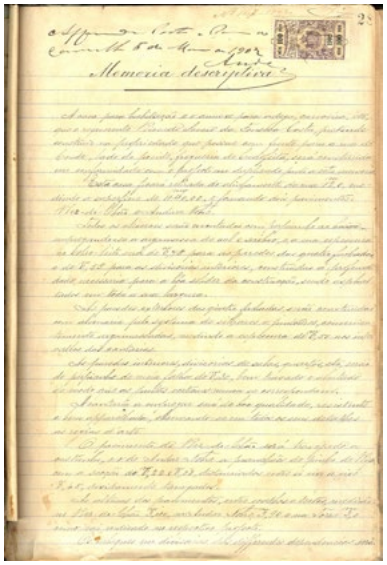
Toda a obra será rebocada, estucada e devidamente pintada.

Conforme indica o projecto haverá uma pequena casa annexo, que se construirá no angulo Noroeste da propriedade, para adega, carvoeira, quarto para criada, etc. Terá duas fachadas em harmonia com o citado projecto, que serão executadas em perpeanho comum de 0,30m, sobre alicerces de alvenaria argamassada de cal e saibro, com a espessura de 0,50m.

A fossa situada junto do angulo Nordeste do terreno, como se vê indicado na planta geral será construída de alvenaria hydraulica e revestida interiormente com uma camada de argamassa de cimento e areia na espessura de 0,01 m e será muito bem vedada. Será de planta rectangular mas os ângulos reintrantes das paredes lateraes arredondados em arco de circulo de 0,25m de raio, assim como a ligação das paredes com o fundo será lageado e terá abertura na parte superior com tampa para se proceder á extração das matérias fecaes e vedar a sahida dos gazes.

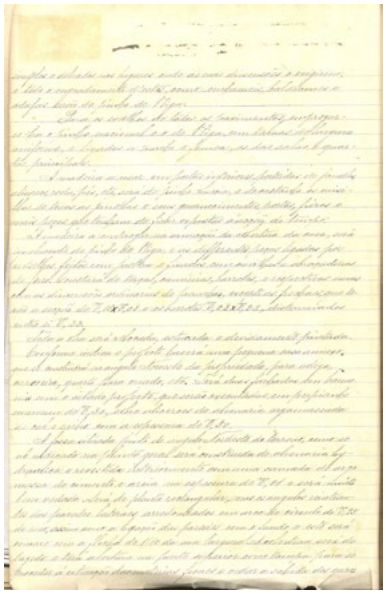
Todas as latrinas terão o n° 6 do systema Unitas, de syphão ventilado na coroa, installadas segundo o detalhe respectivo. Cada n° 6 liga-se ao cano de queda, que será de ferro laminado com diâmetro mínimo de 0,10m, munido na sua base do respectivo fecho hydraulico, que communicará com o collector geral, feito por yubos de gréz, com secção de 0,16m, imper-

A.18

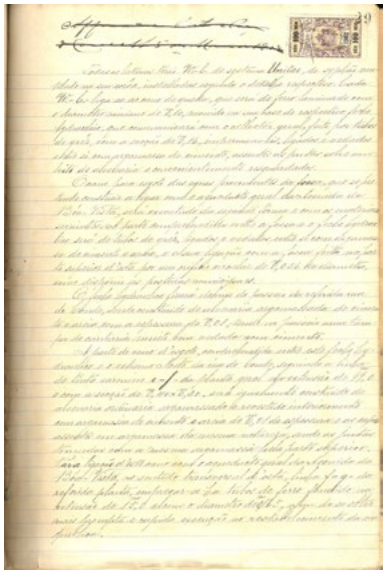


A.18 - Primeira parte da memória descritiva para a aprovação da construção da Casa na Rua do Conde, entregue na Câmara Municipal do Porto a 22 de Abril de 1902.

A.19



A.20



meáveis, ligados e vedados entre si com argamassa de cimento, assentes as juntas sobre um leito de alvenaria e convenientemente resguardados.

O cano para esgoto, das águas provenientes da fossa, que se pretende construir a ligar com o aqueductoo geral da avenida da Bôa- Vista, será executado da seguinte forma e com os materiaes seguintes: A parte comprehendida entre a fossa e o fecho hydraulico será se tubo de gréz, ligados e vedados entre si com argamassa de cimento e areia, e a sua ligação com a fossa feito na parte superior d'esté por um orifício circular de 0,056m de diâmetro, como dispõem as posturas municipaes.

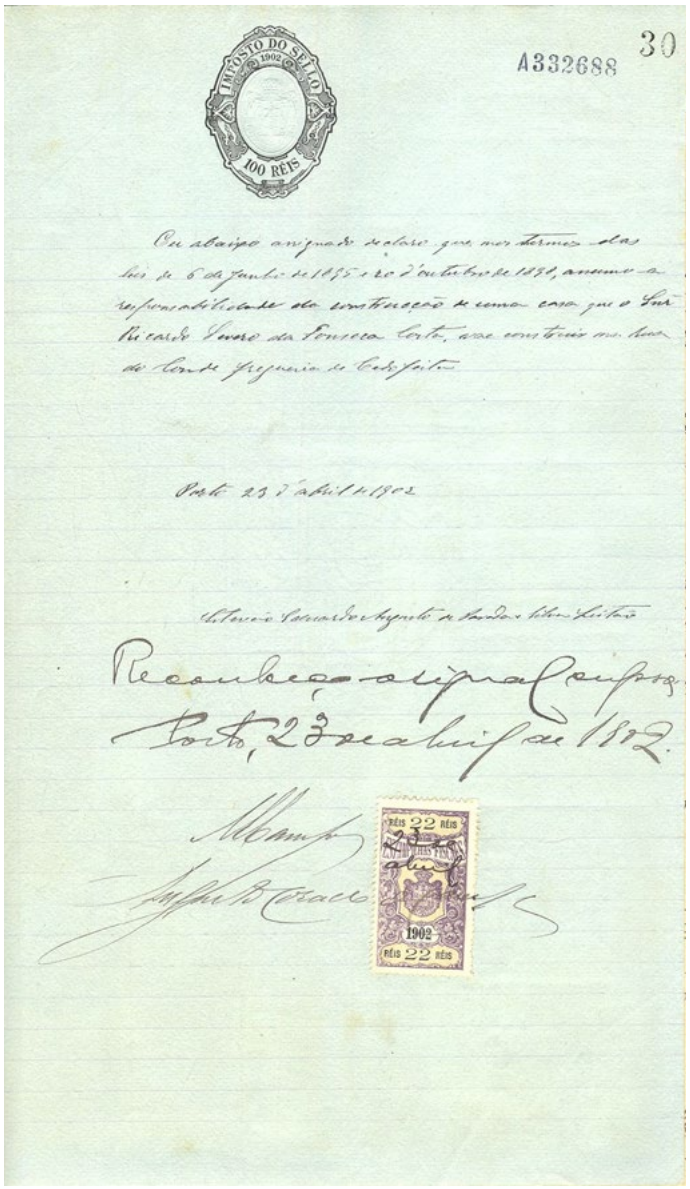
O feixo hydraulico ficará debaixo do passeio da referida rua do Conde, sendo construído de alvenaria argamassada de cimento e areia com espessura de 0,0lm, tendo no passeio uma tampa de cantaria muito bem vedada com cimento.

A parte do cano désgoto, comprhendida entre o fecho hydraulico e o extremo Norte da rua do Conde, seguindo a linha de tinta carmim e-f da planta geral na extensão de 99,0 e com a secção de 0,40m x 0,30m, será igualmente construída de alvenaria ordinária argamassada e revestida interiormente com argamassa de cimento e areia de 0,01 m de espessura as capas assentes em argamassa da mesma natureza, tendo as juntas tomadas com a mesma argamassa pela parte superior.

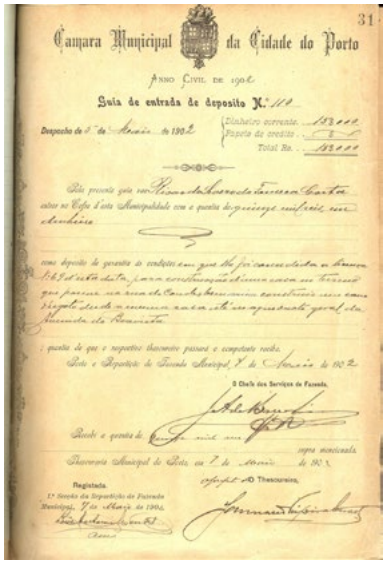
Para ligação d'esté cano com aqueducto geral da Avenida da Bôa-Vista, no sentido transversal d'esta linha f-g da extensão de 15,0 m e com o diâmetro de 0,65m, afim de se obter mais prompta e rápida execução no estabelecimento da via pública.

A.19 e A.20 - Continuação e última parte da memória descritiva, entregue na Câmara Municipal do Porto em 1902.

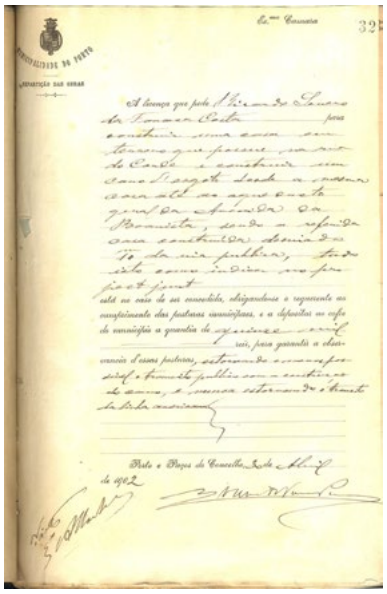
A.21



A.22



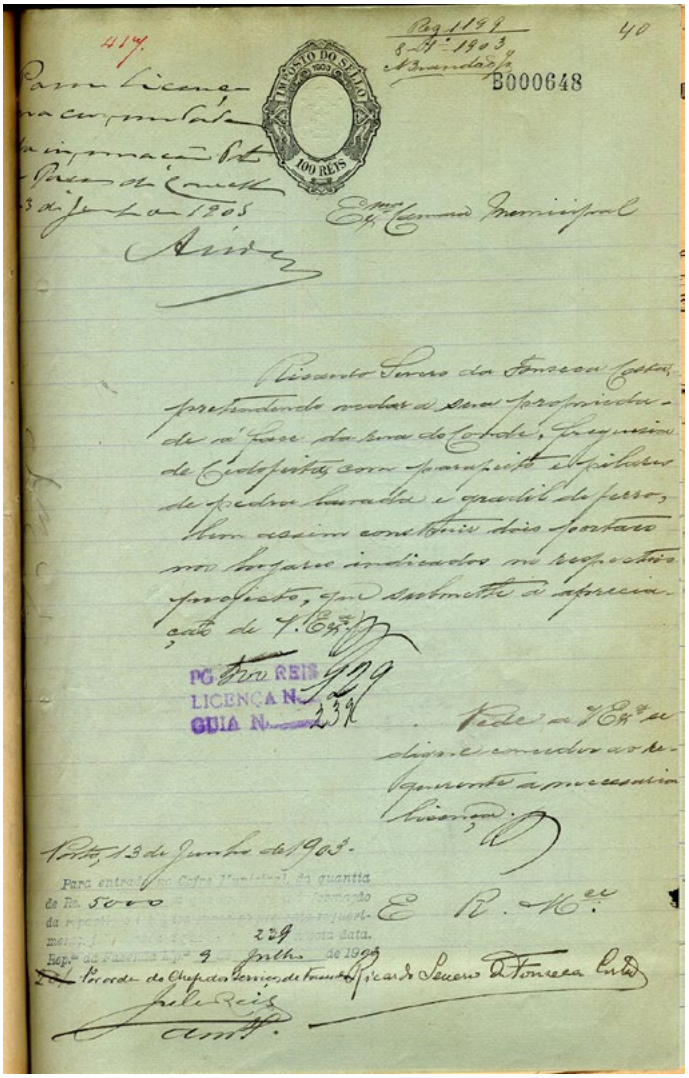
A.23



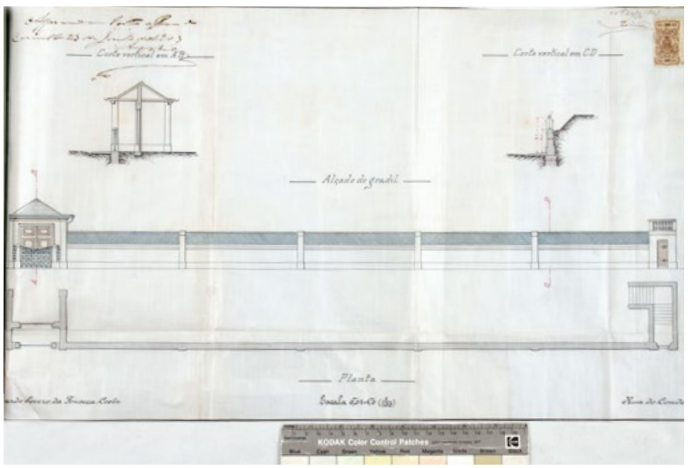
A.21 - Termo de responsabilidade da construção, assinado por Eduardo Augusto e Parada da Silva Leitão, ativo construtor da época.
A.22 - Guia de entrada n.º 110, da Câmara Municipal do Porto. Ricardo Severo apresenta quinze mil reis como depósito de garantia, a 5 de Maio de 1902.
A.23 - Licença aprovada para a construção da Casa na Rua do Conde, concedida a 30 de Abril de 1902.

REQUERIMENTO, 1903
MURO NA RUA DO CONDE

A.24



A.25



A.24 - Requerimento para construção do muro, entregue na Câmara Municipal do Porto a 13 de Junho de 1903.
A.25 - Desenho entregue para a aprovação da construção do muro delimitador da propriedade de Severo, Câmara Municipal do Porto, 1903.

MEMÓRIA DESCRITIVA, REQUERIMENTO 1903 (TRANSCRIÇÃO)

Descripção da vedação a fazer na propriedade do requerente Ricardo Severo da Fonseca e Costa á rua do Conde, freguesia de Cedofeita.

A vedação constará de um parapeito de pedra de alvenaria, assente em argamassa de cal e saibro, pelo systema de silhares e juntamos contrafiado, medindo a espessura de 0,50m por 2,00m d altura, com piulares de frizo de cantaria lavrada, bem como os portaes para servidão da mencionada propriedade.

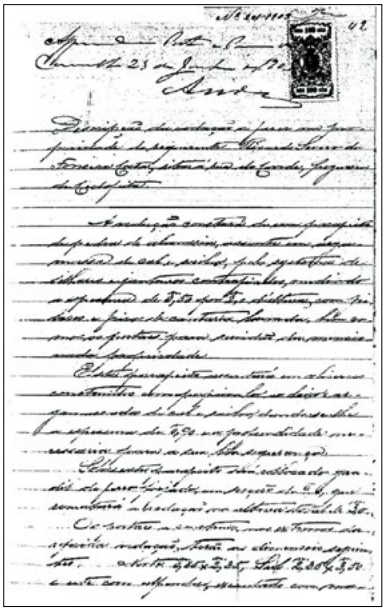
Este parapeito assentará em alicerces construídos com perpianho baixo e argamassado de cal e saibro, dando-se-lhe a espessura de 0,90 e a profundidade necessária para sua boa segurança.

Sobre este parapeito será collocado gradil de ferro forjado, em secção de 9,0 m, que rematarão a vedação na altura total de 3,0m.

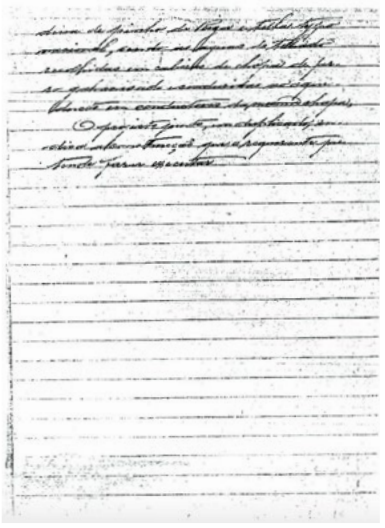
Os portaes a construir, nos extremos da referida vedação, terão as dimensões seguintes: Norte 0,85m x 2,35m, sul 2,35m x 3,50m e este com alpendre, executado com madeira de pinho de Riga e telha typo vacional, sendo as águas do telhado recolhidas em caleiras de chapa de ferro galvanizado e conduzidos ao aqueducto em condutores da mesma chapa.

O projecto junto, em duplicado, indica a construção que o referente pretende fazer executar.

A.26

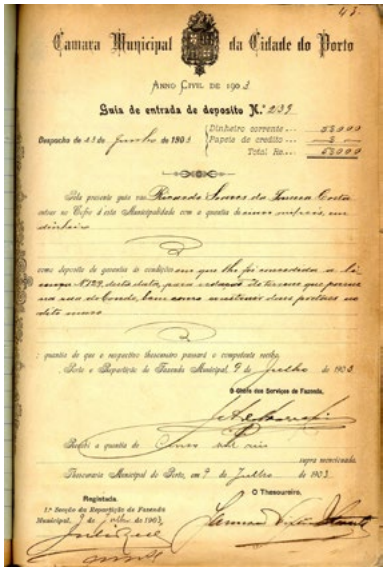


A.27



A.26 e A.27 - Memória descritiva, páginas 1 e 2; entregue na Câmara Municipal do Porto em 1903.

A.28



Câmara Municipal da Cidade do Porto

Anno Civil de 1903

Guia de entrada de deposito N.º 239

Despacho de 23 de Junho de 1903

Dinheiro corrente ... 5$000
Papeis de credito ... — $ —
Total Rs. ... 5$000

Esta guia passou-se a Ricardo Severo da Fonseca Costa

como deposito de garantia de condições com que lhe foi concedida a Licença N.º 239 desta data, para construir de terreno que possue na rua do Conde, bem como construir dois portaes no dito muro.

quantia de que o respectivo thesoureiro passará o competente recibo.

Porto e Repartição da Fazenda Municipal 2 de Julho de 1903.

O Chefe dos Serviços da Fazenda,

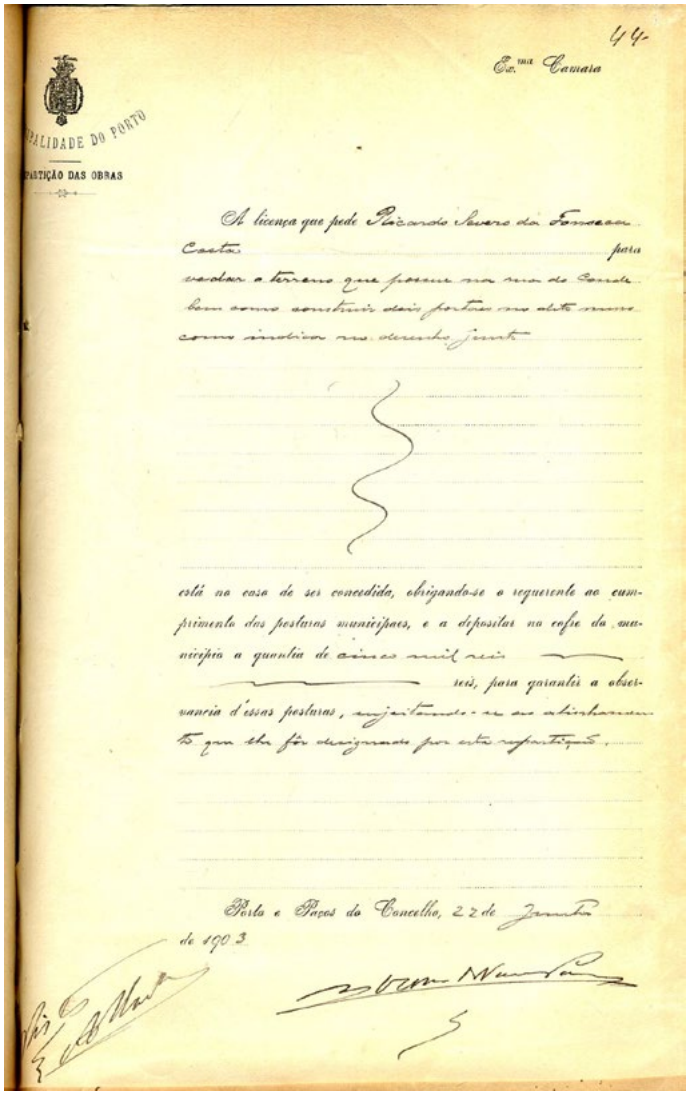
Recebi a quantia de cinco mil reis supra mencionada.

Thesouraria Municipal do Porto, em 2 de Julho de 1903.

O Thesoureiro,

Registada.
1.ª Secção da Repartição da Fazenda Municipal, 2 de Julho de 1903.

A.29



Ex.mo Camara

MUNICIPALIDADE DO PORTO

REPARTIÇÃO DAS OBRAS

A licença que pede Ricardo Severo da Fonseca Costa para vedar o terreno que possue na rua do Conde bem como construir dois portaes no dito muro como indica na planta junta

está na casa de ser concedida, obrigando-se o requerente ao cumprimento das posturas municipaes, e a depositar na caixa da municipio a quantia de cinco mil reis reis, para garantia a observancia d'essas posturas, sujeitando-se ao abatimento que lhe for designado por esta repartição.

Porto e Paços do Concelho, 22 de Junho de 1903.

A.28- Guia de entrada n.º 239, da Câmara Municipal do Porto. Ricardo Severo apresenta cinco mil reis como depósito de garantia, a 23 de Junho de 1903.
A.29 - Licença aprovada para a construção do muro delimitador entre o terreno e a rua do Conde, concedida a 22 de Junho de 1903.

Este requerimentos foram consultados no Arquivo Municipal do Porto, nas seguintes ligações: < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/73138/?q=1902+ricardo+severo > e < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/73446/?q=ricardo+severo%2C+rua+de >, a 07 de Novembro de 2021.

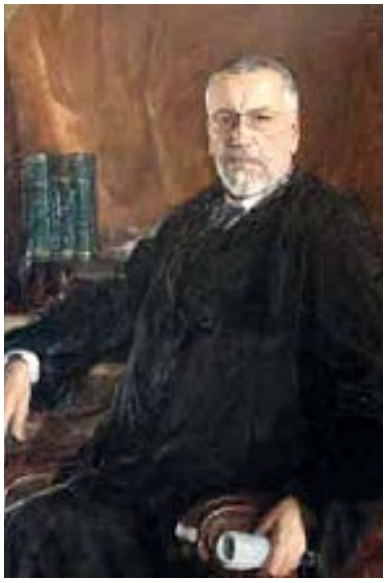
ANEXO B |
CARTA DIRIGIDA A RICARDO SEVERO

Em 1919, aquando a compra da casa na rua do Conde, António Pinto de Mesquita dirige uma carta a Ricardo Severo. A transcrição apresentada na página anterior, foi realizada por Luiz Backhouser para a sua dissertação de mestrado em 2006, "A casa do Arqueólogo - Contribuição ao estudo da obra de Ricardo Severo", a partir de uma das cópias existentes da carta.

À data da transcrição, esta cópia da carta estava na posse da família Pinto de Mesquita, na própria casa da rua do Conde. Podemos observar o exemplar na Figura 3.28, no corpo principal da dissertação.

Por ser um documento de difícil acesso, optou-se pela sua divulgação enquanto anexo da dissertação. Sem o contributo do arquiteto Luiz Backhouser, aceder a este documento tornar-se-ia quase impossível, pois à data da elaboração desta dissertação, em 2020, a família Pinto de Mesquita já não era a proprietária da casa na rua do Conde.

B.1



B.2

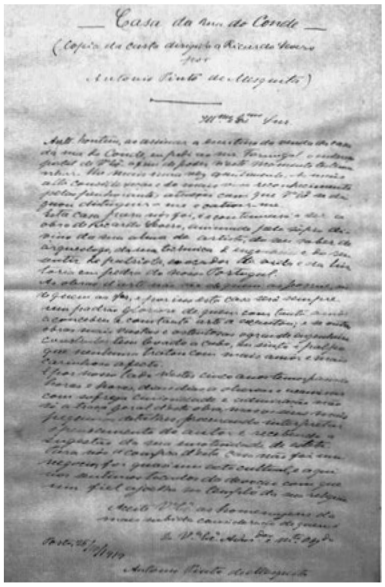


B.1 e B.2 - Proprietários da casa na Rua do Conde, António Pinto de Mesquita (1860-1953) e o seu filho mais novo, António Pedro Pinto de Mesquita (1899-1994), respetivamente.

Figuras disponíveis online, em: < https://geneall.net/pt/nome/513571/antonio-pinto--da-mesquita-de-carvalho-magalhaes/ > e < https://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/m/magalhaes_antonio_pedro_pinto_de_mesquita_carvalho.pdf>, consultadas em 05 de Novembro de 2020.

TRANSCRIÇÃO DA CARTA DIRIGIDA A RICARDO SEVERO

B.3



Casa da rua do Conde (cópia da carta dirigida à Ricardo Severo por António Pinto de Mesquita)

Illmo. E Exmo. Sr.

Ante-hontem ao assinar a escritura da venda da casa da rua do Conde, eu pedi ao Sr. Formigai o endereço postal de V. Ex. " Afim de poder n 'este momento testemunhar-lhe mais uma vez os sentimentos da mais alta comsideração e do mais vivo reconhecimento palas penhorantes alterações com que V. Ex." Se dignou distinguir-me e dedicar-me.

Esta casa para nós foi, é e continuará a ser a obra de Ricardo Severo, animada pelo sopro divino da sua alma de artista, do seu saber de arqueólogo, da sua téchnica de engenheiro e do seu sentir de patriota, evocador da vida e da historia em pedra do nosso Portugal.

As obras de arte não são de quem as possue, são de quem as faz, e por isso esta casa será sempre um padrão glorioso de quem com tanto amor a concebeu e com tanta arte a executou; e se outras obras mais vastas e ostentosas o grande engenheiro construtor tem levado a cabo, eu sinto e palpo que nenhuma tratou com mais amor e mais carinhoso afecto.

E por nosso lado n 'estes cinco anos temos passado horas e horas, dias e dias, a observar e examinar com sôfrega curiosidade e admiração não só a traça geral d'esta obra, mas os seus mais pequenos detalhes, procurando interpretar o pensamento do autor e recebendo a sugestão da sua emotividade de esteta.

Para nós a compra desta casa não foi um negócio; foi quase um acto cultural e aqui nos sentimos tocados da devoção com que um fiel ajoelha no templo da sua religião.

Aceite V.Ex." As homenagens da mais subida consideração de quem é de V.Ex." Admirador e muito obrigado.

Porto, 26/10/1919
António Pinto de Mesquita.[1]

B.3 - Carta dirigida a Ricardo Severo, fotografada por Luiz Backhouser, 2006.

1 Transcrição da *carta dirigida à Ricardo Severo por António Pinto de Mesquita,* realizada por Luiz Backhouser, em 2006.

ANEXO C | REQUERIMENTO 1929 |
TRANSCRIÇÃO DA MEMÓRIA DESCRITIVA

7 DE MARÇO DE 1929

O projecto que submeto á aprovação da Exma Camara destina-se a faser avançar um pouco a frente um barracão existente no enterior da propriedade da rua do Conde nº 21, da qual é seu proprietario o Sr. Dr. Antonio Pedro Pinto de Mesquita.

Este barracão tem atualmente o comprimento de 4,60 m pela parte interior, passando a mesma extensão para 5,80 m, correspondendo já ao preciso para poder recolher no seu interior o carro do seu proprietário - é ao que se destina.

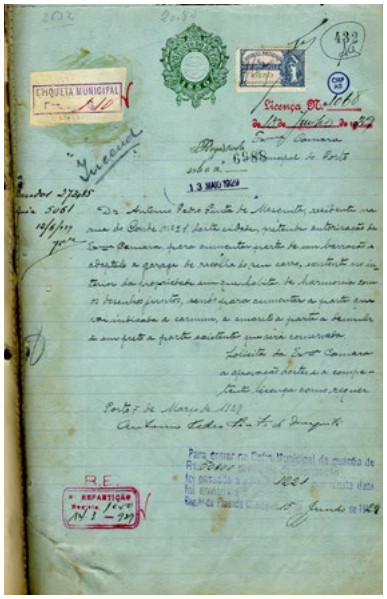
Para proceder-mos a estes trabalhos, teremos de apear a frente existente, na parte que pretendemos aumentar, avançando a fachada até ás medidas acima indicadas, havendo em vista conservar sempre a mesma estetica, aproveitando para isso todos os materiais existentes assentando-os novamente conforme se encontravam.

O telhado avança tambem á frente com o mesmo declive, cobrindo-se com telha de caminhas, igual á existente. A porta ficará de correr, abrindo em duas, correndo sobre um carril de ferro assente na parte superior, sobre o qual as roldanas giram.

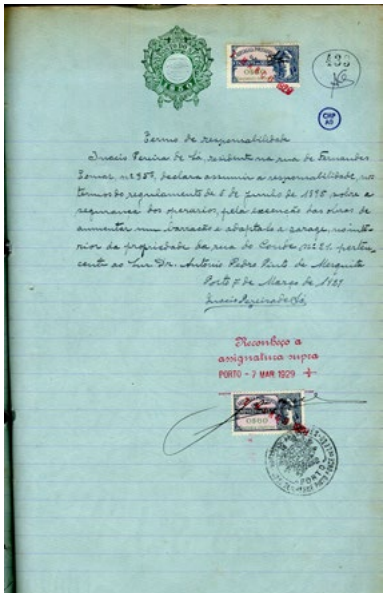
Para os lados, na parte que avansa, serão construidas duas janelas, uma para cada lado, de forma a dar luz permanente, colocando-lhes caixilhos envidraçados.

Todas as obras serão construidas com perfeição e solidez.

Porto, 7 de Março de 1929
Inacio de Sá



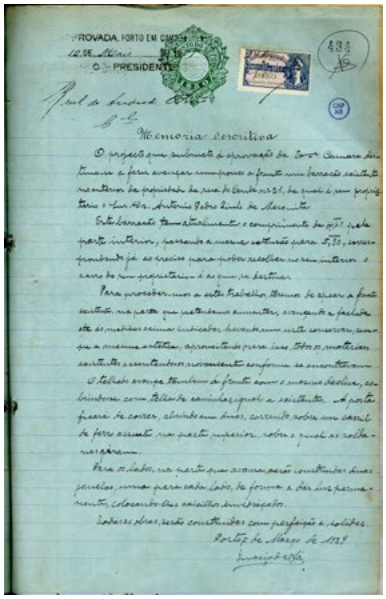
C.1



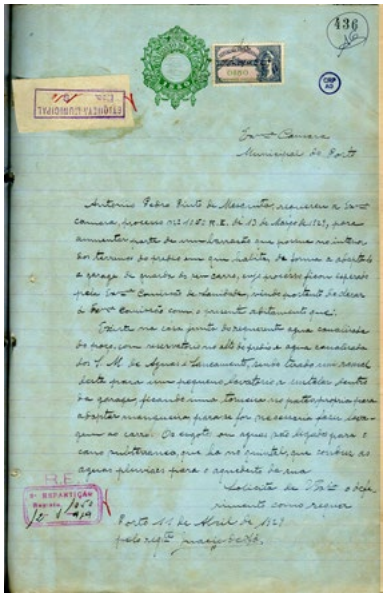
C.2

C.1 - Requerimento para aumento de parte de um barracão, para converter em garagem entregue na Câmara Municipal do Porto a 7 de Março de 1929.
C.2 - Termo de responsabilidade da construção, assinado por Inacio Pereira de Sá.

C.3



C.4



C.3 e C.4 - Memória descritiva e novas declarações, entregues na Câmara Municipal do Porto em 1929.

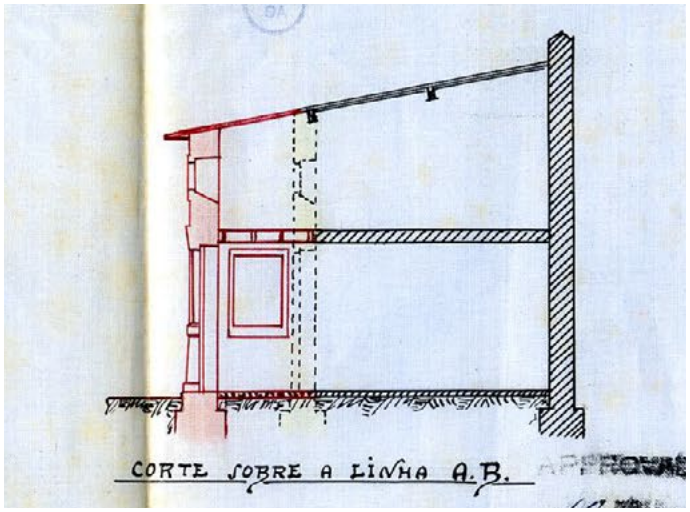
11 DE ABRIL DE 1929

Exma Camara Municipal do Porto

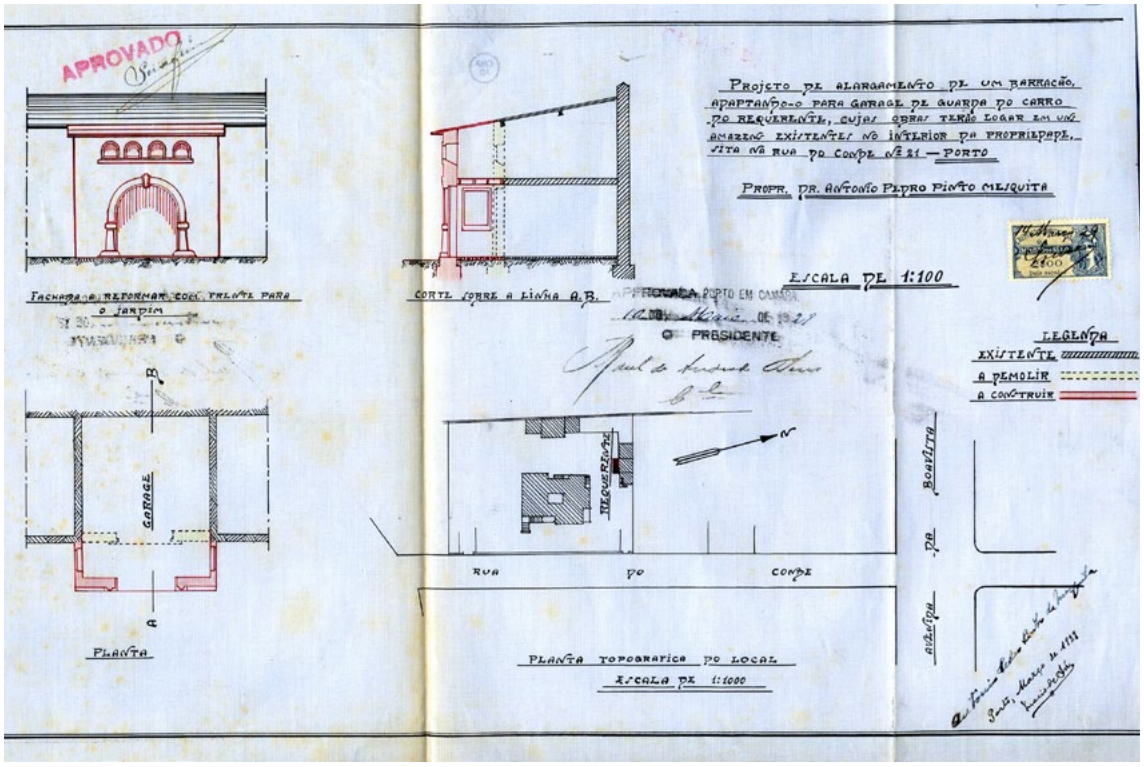
Antonio Pedro Pinto de Mequita, requereu a Exma Camara, processo nº 1050 R. E. de 13 de Março de 1929, para aumentar parte de um barracão que possue no interior dos terrenos do predio em que habita, de forma a adopta-lo a garage de guarda do seu carro, cujo processo ficou esperado pelo Exma Comissão de Sanidade, vindo portanto declarar á Exma Comissão com o presente aditamento que:

Existe na casa junto do requerente agua canalisada do poço, com reservatorio no alto do predio e agua canalisada dos S. M. de Aguas e Saneamento, sendo tirado um ramal desta para um pequeno lavatorio a instalar dentro da garage, fiando uma torneira no pateo, propria para adaptar mangueira, para se for necessaria faser lavagem ao carro. Os esgotos ou águas são ligados para o cano subterraneo, que ha no quintal, que conduz as aguas pluviaes para o aqueduto da rua.

Porto, 11 de Abril de 1929,
Pelo requerente Inacio de Sá

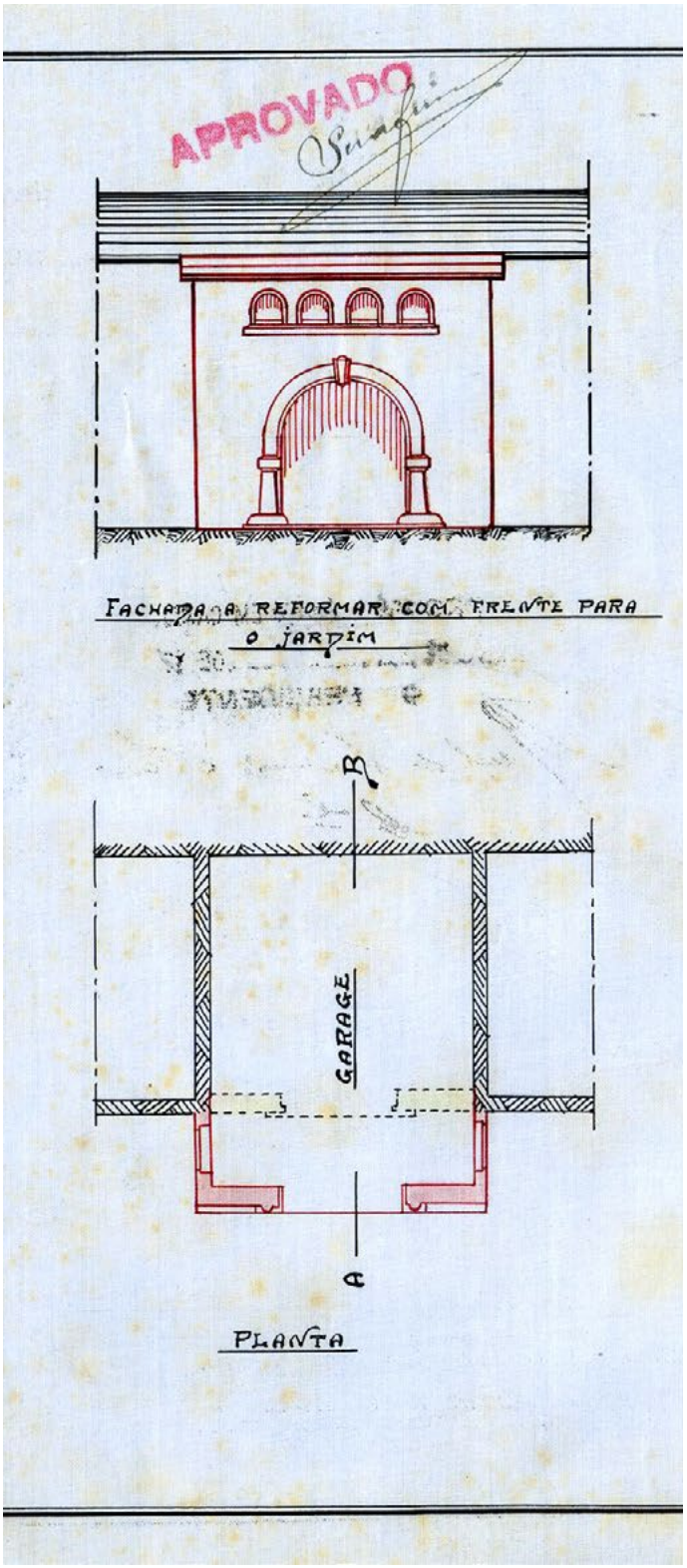

CORTE SOBRE A LINHA A.B.

C.5


APROVADO
PROJECTO DE ALARGAMENTO DE UM BARRACÃO, ADAPTANDO-O PARA GARAGE DE GUARDA DO CARRO DO REQUERENTE, CUJAS OBRAS TERÃO LOGAR EM UM ARMAZEM EXISTENTE NO INTERIOR DA PROPRIEDADE, SITA NA RUA DO CONDE Nº 21 — PORTO
PROPR. DR. ANTONIO PEDRO PINTO MESQUITA
ESCALA DE 1:100
FACHADA A REFORMAR COM. PRUMO PARA O JARDIM
CORTE SOBRE A LINHA A.B.
GARAGE
PLANTA
PLANTA TOPOGRAFICA DO LOCAL
ESCALA DE 1:1000
RUA DO CONDE
LEGENDA
EXISTENTE
A DEMOLIR
A CONSTRUIR

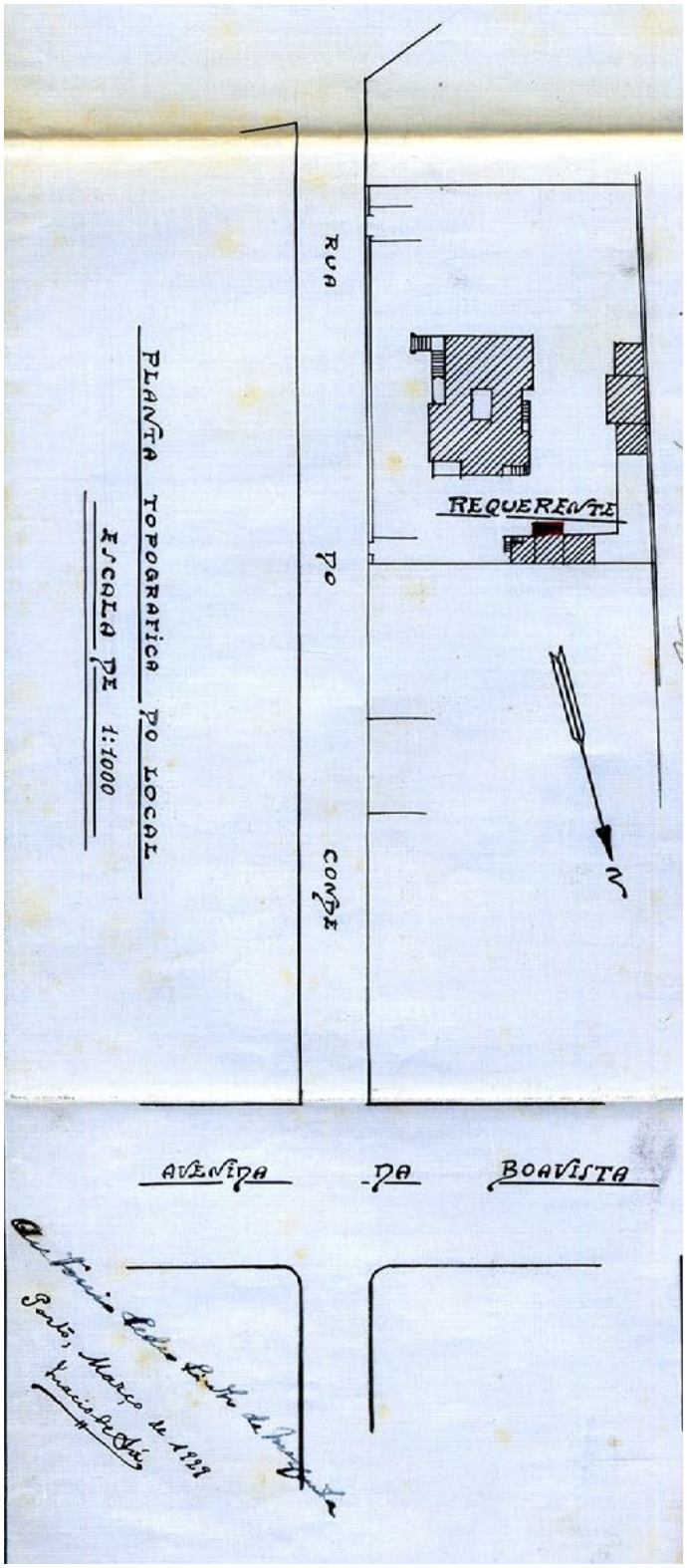
C.6

C.7

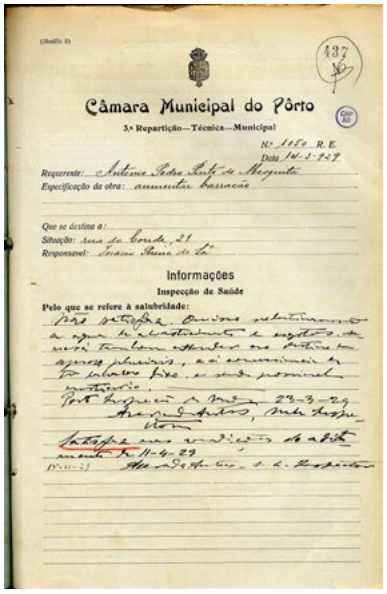


C.5 - “Corte sobre a linha AB”, secção do desenho entregue à CMP, em 1929.
C.6 - Desenho entregue para a aprovação da ampliação do anexo existente à Câmara Municipal do Porto, 1929.
C.7 - Planta e Fachada, secção do desenho entregue para a aprovação da ampliação do anexo existente à Câmara Municipal do Porto, 1929.

C.8



C.9



Câmara Municipal do Pôrto

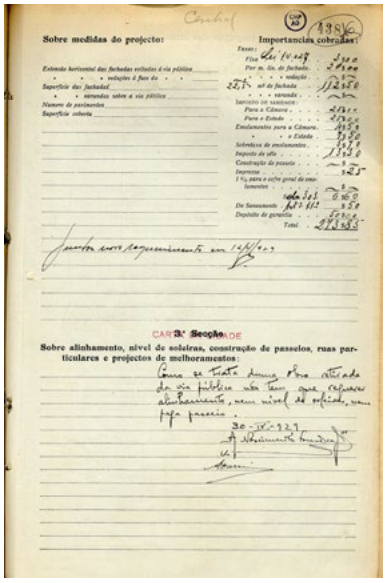
3.ª Repartição—Técnica—Municipal

Informações

Inspecção de Saúde

Pelo que se refere à salubridade:

C.10



Sobre medidas do projecto:

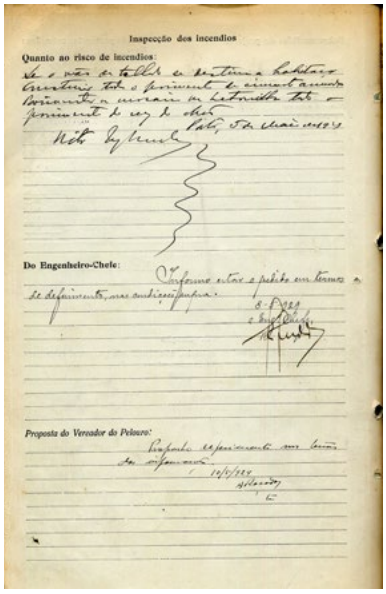
Importancias cobradas:

Sobre alinhamento, nivel de soleiras, construção de passeios, ruas particulares e projectos de melhoramentos:

C.8 - "Planta topográfica do local", secção do desenho entregue para a aprovação da ampliação do anexo existente à Câmara Municipal do Porto, 1929. A fotografia não está à escala.

C.9 e C.10 - Documentos informativo da obra, 1929.

C.11



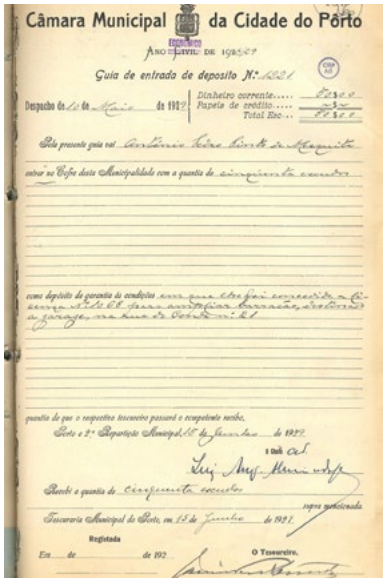
Inspecção dos incendios

Quanto ao risco de incendios:

Do Engenheiro-Chefe:

Proposta do Vereador do Pelouro:

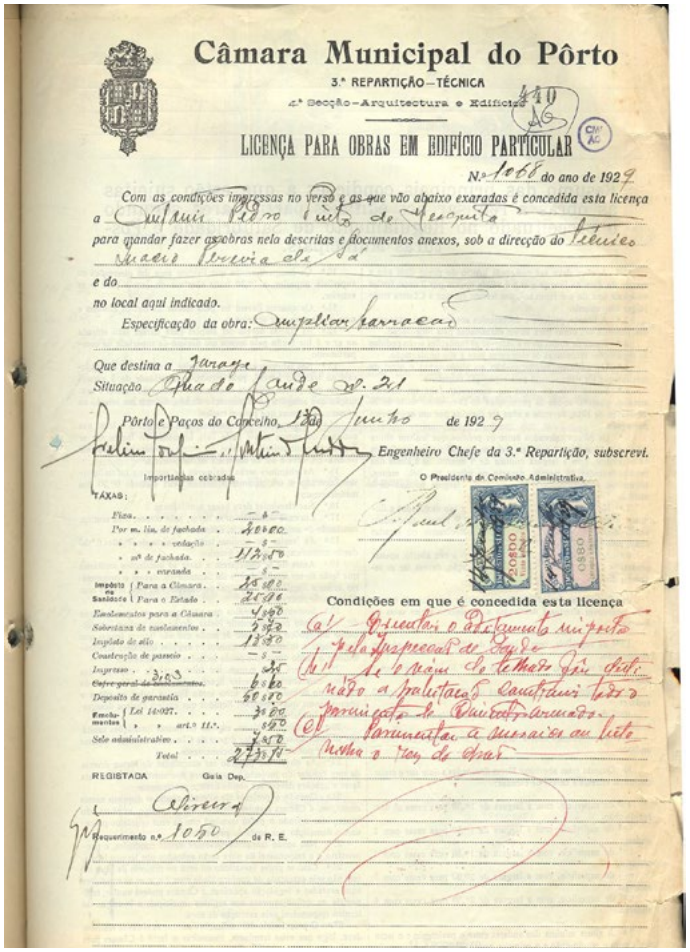
C.12



Câmara Municipal da Cidade do Pôrto

Guia de entrada de deposito N.º 1221

C.13



Câmara Municipal do Pôrto

3.ª REPARTIÇÃO—TÉCNICA

2.ª Secção—Arquitectura e Edificios

LICENÇA PARA OBRAS EM EDIFÍCIO PARTICULAR

N.º 1068 do ano de 1929

Com as condições impressas no verso e as que vão abaixo exaradas é concedida esta licença a Custodio Pedro Lopes de Mesquita para mandar fazer as obras nela descritas e documentos anexos, sob a direcção do Perito Joaquim Ferreira de Sá e do no local aqui indicado.

Especificação da obra: Ampliar barraca

Que destina a Garage

Situação Rua de Faude n.º 21

Pôrto e Paços do Concelho, 18 de Junho de 1929

Engenheiro Chefe da 3.ª Repartição, subscrevi.

Importancias cobradas

O Presidente da Comissão Administrativa

TAXAS:

Condições em que é concedida esta licença

a) Executar o documento impresso pela Inspecção de Saude

b) e mais determinado pela Dir. Obras a pedido a solicitar

c) Cumprir todas as formalidades

d) Comunicar a Direcção de Obras

REGISTADA Guia Dep.

Requerimento n.º 1050 de R. E.

C.11 e C.12 - Documentos da obra, aprovados por várias entidades.
C.13 - Licença para Obras em Edifício Particular, 1929.

Este requerimento foi consultado no Arquivo Municipal do Porto, na seguinte ligação: < http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/102402/?q=ricardo+severo%2C+rua+de >, a 15 de Janeiro de 2021.

ANEXO D.1 | TRANSCRIÇÃO DO ARTIGO

O MUSEU PUBLICO DE S. PAULO

BRAZIL – São Paulo – Domingo, 10 de Abril de 1892
ANNO XXXVIII | N. 10.663



D.1.1

I

São documentos representativos da intelectualidade de um povo os materiaes fornecidos para o concurso universal da arte, sciencia ou industria, cujo caracter especial lhe marca logar proprio na serie progressiva das nações cultas, ao mesmo tempo que lhe impõe a feição especial da sua caracteristica ethnica e a originalidade natural da sua íntima phenomenalidade.

Estes elementos de cerebração nacional, que expontaneamente resaltam das manifestações infinitas de um povo, produzam a synthese immediata do seu grau de progredimento, são a relação metrica do seu desenvolvimento geral.

Assim é a vantagem especial dos grandes certamens universaes, inaugurados desde longo tempo com exito crescente, e analoga preoccupação domina na disposição ordenadadas collecções de arte e sciencia, os museus technicos ou as exposições regionaes.

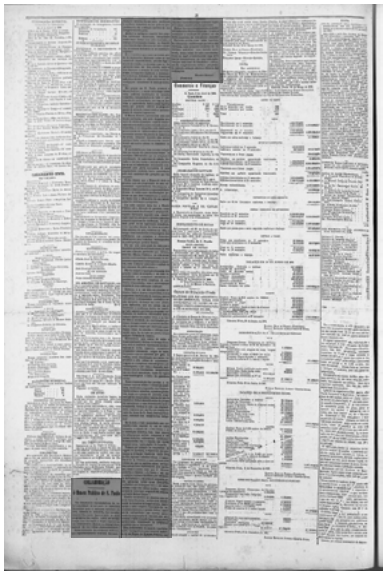
E o ‹‹touriste›› que corre as terras, aviado de impressões, alinhando notas na sua carteira de impressionista, procura logo o musêu da cidade, o ‹‹cicerone›› que se lhe apresenta como um livro aberto, onde ve bem impresso o caracter da nova nacionalidade, ao logo das tradições e documentos historicos, definindo-se em elementos estheticos da arte, e affirmando-se em investigações minuciosas de analyse scientifica.

Eis porque em S. Paulo procurei o Museu Publico; e sendo universaes todas estas publicas locobrações de caracter scientifico, independentes de todo o preconceito de nacionalidade, por isso so justifica a publicidade dada a estas ligeiras notas, que poderão utilisar ao progredimento da sciencia, conservando a personalidade de simples impressões.

O Museu Sertorio, considerado uma colecção particular, não póde despertar motejos de critica a qualquer espirito modernamente orientado nos processos de analyse scientifica,

D.1.1 - Primeira página do Jornal “Correio Paulistano”, nº10.663.

D.1.2



D.1.2 - Segunda página do Jornal "Correio Paulistano", nº10.663. O artigo de Severo está assinalado pela mancha.

e só sympathia pela dedicação perseverante do colleccionador que soube accumular somma tão grande de materiaes de estudo, etiquetar segundo uma ordem qualquer todos esses documentos, constituindo um nucleo valioso de elementos de annalyse.

E' um trabalho que bem merece o elogio dos que algum dia procuráram vencer as multiplas difficuldades que se antepõem á coordenação de materiaes de estudo, trabalho a que não basta a iniciativa particular de um só trabalhador, unicamente compensada pela gloria mesquinha de uma popularidade restrictiva, breve espesinhada pelo rude caminhar das gerações que vão surgindo.

Soube depois que o Museu foi dado ao governo, que era propriedade de uma colectividade representando directamente o Estado, e tendo portanto a responsabilidade directa de todas essas manifestações publicas em que deve transparecer o cerebro da nação, com a affirmativa do seu estado intelectual da civilisação e progresso.

Um outro caracter deve ter o Musêu Publico sob a direcção do governo, como estabelecimento de educação e propaganda, exposto claramente segundo uma classificação rigorosa aos que o visitam e estudam elemento poderoso de civilisação, de utilidade geral na sua applicação immediata, como expositor directo de todos os productos natuares do paiz, relativos ao sólo, a fauna e flora documentos archeologicos das civilisações que passaram. e elementos ethnologicos para trabalhos subsequentes da anthropologia geral do Estado.

Foi sob este novo ponto de vista que a impressão primitiva se transformou; já nao era uma collecção particular que visitava, mas um ‹‹Museu Publico››, se este nome merece a accumulação desordenada de numerosos especimens heterogeneos e oppostos, como o interior poeirento e confuso de um armazem de ‹‹bric-á-brac››.

Não há sequer a separação elementar dos grandes ramos da sciencia, e eme cada especialidade os exemplares amontoam-se, perdidos em um mixto complexo de contrastes disparatados, sem a preoccupação simples de uma ordenação qualquer.

Entra-se, e a um lado, em grandes armarios, fileiras de

aves empalhadas, com a apparecnia martyrisada de mumias, parece que soffrem dolorosamente sentindo a acção corrosiva do tempo nas suas plumagens brilhantes, que ora cahem em pó mostrando o arcabouço, inerte do estofo; po lado oposto grandes quadrupedes empalhados, os membros deformados sem a natural rigidez dos orgãos vivos, e ao fundo tudo se accumula em combinações grotescas, desapparecendo a primitiva distincção, ao mesmo tempo que obstruem a passagem rimas de caixotes e vitrines poeirentas, onde ha de tudo um pouco, louças antigas e bilhetes de loterias.

Estendem-se pelo centro do salão e transversalmente vitrines de formas diversas, onde se mostram especimens conchyologicos de brilho nacarado, exemplares preparados - ornamento vulgar de salas burguezas - que se estendem por grau de belleza, unica classificação que parece ter presidido a esta ordem de especimens; seguem-se exemplares mineralogicos e paleontologicos, e por cima a frascaria multiforme onde se decompõem, mergulhados em um alcool amarellado, reptis da região casos teratologicos e foectus de grandezas varias.

Como ornamentação das paredes e columnas veem-se armas e utensilios gentilicos, monticulos preparados com fragmentos de rochas e minerios, e quadros grotescos, desde as ‹‹phases do peccado original›› até ás oleographias baratas de loja de barbeiro e folhas emmolduradas de jornaes de caricaturas; e como interessante motivo ornamental, destaca-se pela sua originalidade, suspenso por um fio, um mappa-horario de trens da S. Paulo Railway Company, enfeitado com udas flechas indigenas!

Ha de tudo, e tudo accumulado sem que resalte o valor especial de um ou outro exemplar, o objecto de ‹‹bric-á-brac››ou a recordação historica, toda essa mescla de velharias que melhor competem a um museu historico, onde seriam devidamente conservadas com o respeiro que devem merecer essas recordações do passado.

Veem-se por exemplo as ‹‹caçambas›› do vigario de Jundiahy, a ‹‹lanterna›› que pertenceu ao primeiro vigario de Santa Rita de Itú, algumas cadeiras velhas; o ‹‹espelho do dr. A. Pei-

xoto››, e mais adeante nova vitrine em que se expõem outras variedades curiosidades interessantes pelo exotismo, desde a penna com que J. Ribeiro escreveu o romance ‹‹A Carne››até aos ‹‹calculos renicaes expellidos por um doente de Taunaté››; um pouco á esquerda estão agrupadas bellas urnas funerarias, encimadas por roupagens com a côr amarellada e suja dos velhos tecidos, casacas calções de camurça e a ‹‹penultima camiza›› que vestiu Bolano Lopes!

Envolve os moveis e os objectos uma camada tenue de poeira, accumulada mansamente no decorrer de longos annos, imprimindo a todo o aspecto venerando de escombros preciosos, a que não falta a ‹‹patine›› da ‹‹antiguidade›› nas marcas excrementicias de gerações de insectos, que alli viveram á farta naquelle largo espaço onde havia a vasta fermentação de elementos organicos que se decompõem.

Esta disformidade de aspecto é perfeitamente incompativel com o caracter moderno de um Museu de Historia Natural, em que deve haver disposição ordenada segundo a actual classificação das sciencias.

Muitos dos especimens expostos poderão serrealmente reliquias historicas de apreço mererecendo a veneração do publico, na idolatria respeitosa das suas glorias passadas.

Na forma, porém, como estão expostas, ha o abandono e indefferença que talvez não mereçam, como pequenos symbolos de fetichismo patriotico, esse elevado sentimento, trama intimo de toda a nacionalidade que se impõe á historia pelas suas victorias de independencia, em um lucta poderosa por esse ideal de liberdade e justiça, que tão completamente define o progresso na sualenta evolução atravez a historia das civilisações.

RICARDO SEVERO.

(Continúa)

TRANSCRIÇÃO DO ARTIGO

O MUSEU PUBLICO DE S. PAULO

BRAZIL – São Paulo – Terça-feira, 12 de Abril de 1892 | ANNO XXXVIII | N. 10.664

II

O facto aparentemente insignificante da disposição e etiquetação das collecções é fundamental na constituição de um museu, imprimindo-lhe o caracter harmonico de um vasto compendio; exemplares, taes como se encontram no Museu Sertorio, são como folhas soltas desse grande livro, sem valor na sua confusa desconnexão, valiosos porém na combinação final do seu conjuncto, como materiaes constituintes de um todo superior.

Encontra-se no actual museu uma variedade infinita de pequenos rec'angulos de papel grudado sou ante-postos aos especimens, onde ha indicações hieroglyphicas e confusas, sem grande rigor de cassificação e, por vezes, de orthographia.

Em uma vitrine, por exemplo, onde ha exemplares paleontologicos, amostras de vegetaes texteis e caixas de phosphoros paulistas, lê-se esta etiqueta: ‹‹Espadarte›› - ‹‹Fossil››- ‹‹não é nem espadarte nem fossil, é ferrão de peixe, provavelmente arraia, que ficou pregado em um pouco de calcareo! ››.

Isto que se desculpa nas collecções classicas, quando eram raros os elementos solidos de classificação, quando ainda eram tentativas os methodos actuaes de decomposição analytica e não existiam os processos aperfeiçoados da technica scientifica, é agora inadmissivel em museus publicos, que se impõem aos estudiosos como modelos de trabalho e estudo, ensinamento dos methodos geraes da sciencia, incentivo a explorações congeneres de materiaes.

A etiquetação dos exemplares deverá ser feita em uniformidade e rigor de indicação; um dado especimen occupará o logar que lhe compete, e da sua collocação em ums ordem definida resultará a classificação dos seus caracteres especiaes.

Uma pequena indicação concisa e clara bastará para definir o objecto, e do conjuncto harmonico da sua (zona que está ilegível) em grupos, ordens e classes (ilegível) colherá a

D.1.3


CORREIO PAULISTANO

ORGAM REPUBLICANO

ANNO XXXVIII

D.1.3 - Primeira página do Jornal "Correio Paulistano", nº 10.664. O artigo de Severo está assinalado pela mancha.

D.1.4



D.1.4 - Segunda página do Jornal “Correio Paulistano”, nº 10.664. O artigo de Severo está assinalado pela mancha.

Estes jornais encontram-se disponíveis online, a partir do link < http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-paulistano/090972 >, consultado a 08 de Novembro de 2020.

impressão intuitiva (ilegível) leis que presidem a toda a (ilegível) da natureza, a consciencia (ilegível) da utilidade que provem dos methodos de analyse, em busca de uma synthese que defina completamente nas (ilegível) tudo aquilo quanto era o mysterio das gerações passadas e que agora vai tendo luz no progrediemnto collossal das sciencias.

E’ essa a grande vantagem do museu como estabelecimento educativo, despertando ao mesmo tempo novas actividades a que corresponderão elementos de trabalho, novas analyses e alguns passos de avanço no progresso geral das sciencias, elevada expressão do subsequente desenvolvimento do povo.

E, como ha leis definidas para cada ramo de sciencia, processos de trabalho particulares a cada secção de estudos. Assim é incompativel com uma orientação methodica a promiscuidade de materiaes de sciencias varias, exemplares zoologicos com curiosidades artisticas ou archeologicas facsimiles historicos e amostras paleontologicas.

E’ modernamente impraticavel e antiscientifica a agglomeração encyclopedica de especialidades diversas, porque a distincçãoo natural dos meios, epochas e processos requer livre amplitude para cada collecção de materiaes e larga independencia na sequencia das investigações embora uma orientação concordante dirija conclusões universaes, leis fundamentaes e precisas.

O Museu Publico, devendo pois ser o grande ‹‹album›› do Estado terá um caracter puramente ‹‹regional›› e circumscrever-se-ha nos limites chorographicos da sua provincia, procurando catalogar e tornear bem patente tudo o que caracterisa a propria vitalidade - elementos e phenomenos que os diversos ramos de sciencia procurarão classificar e estudar.

E’ dahi provirá immediatamente para as artes e industrias somma de conhecimentos technicos, o que importa um maior desenvolvimento na vida economica da nacionalidade, que se deve bastar a si, na applicação directa dos seus productos para a producção de todos esses milhares de materiaes de vida e riqueza, que circulam o universo como valores, neste colossal movimentar de permutas, no vasto mercado das nações.

Para uma região essencialmente agricola como o Estado de S. Paulo, em condições mezologicas especiaes, em que um sólo ricquissimo offerece naturalmente ao homem pelas garantias de existencia e riqueza, seriam de utilidade evidente as series estudadas de todos os materiaes para o conhecimento geognostico do sólo, os seus productos mineralogicos, a natureza das zonas agricolas com a respectiva distribuição geographica, e a inquirição da sua riqueza botanica - productos alimenticios, materiaes de floresta, etc.

Os serviços que neste sentido prestaria ao publico um tal museu bastarão para justificar a urgencia da sua remodelação, fornecendo elementos estudados de comparação, popularisando conhecimentos simples de lithologia e mineralogia, botanica e zoologia, geralmente ignorados pela maior parte, elementos explorados sem a consciencia da sua intima estructura e consequentemente dos processos de melhorar e progredir.

E' toda esta serie de acquisições que no dão homem superioridade intellectual na grande concurrencia universal; por isso no museu ou no livro vai impressa, com o caracter da nacionalidade ou do individuo, a medida do seu esforço para a decifração dos grandes phenomenos da Natureza, esse symbolo representativo dos nevoentos mysterios que ainda hoje obscurecem os nossos processos esclarecidos de trabalho e investigação.

Ao governo, no seu illustrado programma de progredimento para o Estado, - onde ha bastos recursos para um futuro garantido de prosperidade - não escasseiam os meios de applicar dedicaçôes fortalecidas no estudo e a intelligente actividade de especialistas conceituados a favor deste melhoramento, cuja elevada importancia de caracter geral bem merece as horas de um capitulo na norma governamental de iniciação reorganisadora a que não faltará o appoio de todos os espiritos illustrados bem pouco raros neste meio de vasta actividade.

Assim se normalisaria o ‹‹Museu Paulista de Historia Natural››, ou ‹‹Museu Regional de S. Paulo››, onde se formariam secções distinctas de zoologia, botanica, mineralogia e geologia, com materiaes de todas as sciencias annexas; paral-

lelamente a este grupo poder-se-hia constituir uma secção de paleoenthmologia com um gabinete anthropologico para a investigação da etchnica brazileira, tão interessante nos seus elementos indeigenas de povoações quasi desapparecidas n'esta lucta desesperada pela vida, subjugadas pelas raças claras que emigráram de longe com elementos poderosos de civilisação e garantias superiores de victoria.

Seriam indispensaveis os gabinetes histologicos taxidermicos e para de modelagem dos objectos originaes de comparação; pequena seria a verba de custeio, e além de um pequeno sacrificio subsidiario, o systema de trocas, muito usado entre estabelecimentos desta ordem completaria a colecção com typos de estudo de um alcance incontestavel.

Uma norma minuciosa de reorganisação cansaria abusivamente os que me lêem, por isso ficam unicamente enunciados estes traços geraes.

Não faltam nas comissões scientificas dependentes do Estado espiritos superiores, especialistas distinctos em ramos varios da sciencia que lançariam as bases de organisação a um estabelecimento orientado segundo as leis actuaes da sciencia.

Nesta serie já longa de simples considerações vai unicamente o interesse de um somenos trabalhador pelo avanço da sciencia em geral, e, ao mesmo tempo, toda a sympthia e admiração que merece um paiz novo, sacudindo energicamente o pé de velhas tradições, e procurando na orientação moderna do progresso o logar que compete á poderosa riqueza do seu sólo, a actividade intelligente dos povoadores.

E se, a quem chega, é permittida a expressão sincera de algumas idéas de incentivo, acompanha-as uma saudação de enthusiasmo a todos os espititos avançados deste bello paiz, intelligentes obreijos de um ideal superior de justiça e liberdade.

RICARDO SEVERO

ANEXO D.2 | ROCHA PEIXOTO, *‹‹A CASA PORTUGUEZA››* IN REVISTA *SERÕES*

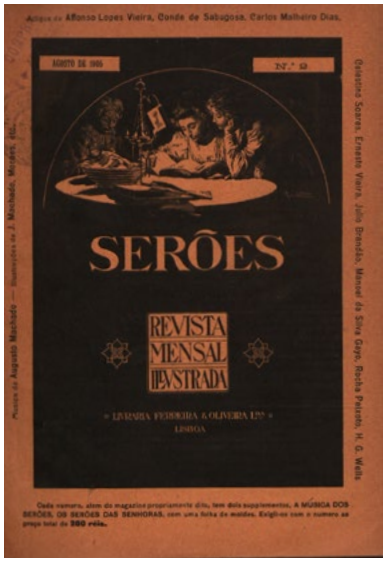
O artigo "A casa portugueza", de Rocha Peixoto foi revisto e publicado na revista Serões, em 1905[1]. O artigo tinha sido publicado pela primeira vez em 1904, no jornal portuense O Primeiro de Janeiro, a propósito do novo prédio da Rua do Conde, construído pelo Eng. Ricardo Severo.

Na revista Serões, foi publicado tripartido, nos números 2, 3 e 4, distribuído entre Agosto, Setembro e Outubro de 1905. Nas revistas de Agosto e Setembro são apresentadas as especificidades de casas tradicionais de norte a sul do Portugal.

> ***A habitação é a expressão final da convergencia de motivos independentes***, *como sejam a paisagem, a cuja influencia naturalmente se adapta, os recursos geologicos, os accidentes topográphicos, as imposições climaticas e as necessidades e circumstancias sociaes e domesticas, á uma e parcellarmente imperativas.*[2]

Se na primeira parte do artigo se focam as condicionantes, na segunda parte o artigo apresenta diversos tipos de casas tradicionais. Após esta tipificação, o autor chega à conclusão de que a simplicidade destas casas não permite destacar um "estilo nacional". Isto acontece pelo facto de as circunstâncias locais em Portugal serem sensivelmente idênticas a partes de Espanha, França e Itália. Apesar de Rocha Peixoto iniciar o artigo referindo a Casa na Rua do Conde, esta apenas é apresentada na terceira parte do artigo, publicada em Outubro.

Sem cortar nos elogios ao seu construtor, ***Ricardo Severo***, *(...) que além de engenheiro é um* ***archeologo illustre***, [3]é-nos descrito cada pormenor da casa e sua correspondente inspiração tradicional.



D.2.1



D.2.2

D.2.1 e D.2.2 - Revista *Serões*, Agosto, Setembro de 1905.

1 ROCHA PEIXOTO, António. *A Casa Portugueza (A propósito do novo prédio da Rua do Conde)* in *O Primeiro de Janeiro,* 10, 11,12 de Agosto, 1904. pg. 1.

2 ROCHA PEIXOTO, António. *A Casa Portugueza* in Revista *Serões*, n. 2, Agosto, 1905. pg.106.

3 idem, *A Casa Portugueza* in Revista *Serões*, n. 4, Outubro, 1905. pg. 318.

D.2.3



D.2.4



D.2.3 - Revista *Serões*, Outubro de 1905.
D.2.4- Fotografia de Rocha Peixoto;

D.2.5
D.2.6



EM CASTRO LABOREIRO

A CASA PORTUGUEZA

PRIMEIRA PARTE

O novo predio que um engenheiro illustre edificou na travessa recatada e quasi erma que é, no Porto, a rua do Conde, veio a dilatar, concreto e só assim persuasivo, o debil movimento promovido pela aspiração ainda indecisa da nacionalisação do domicilio portuguez. Ha um typo ou typos de habitação nacional, traduzindo materialmente, pelo schema architectonico, pelas disposições geraes da sua traça, pela ordem e ponderação das suas partes e pelos pormenores decorativos, as faculdades de adaptação regional, os costumes, as occupações e as tendencias do povo que as habita? E representa a nova casa um d'esses typos, descriminavel e irreductivel, por entre as vivendas ruraes e urbanas de importação alheia, de estylo cosmopolita ou sem estylo, de illogico transporte dos albuns para não importa que região de praia ou de cidade, de serra ou de ribeira, de sol ou de nevoa, de aridez ou de fragrancia? Um julgamento com asserto determina o previo exame ao que já foi denominado a «unidade caracteristica», ou seja o padrão que vivamente exprima e em si resuma o typo ou typos da casa portugueza.

A habitação é a expressão final da convergencia de motivos interdependentes, como sejam a paisagem, a cuja influencia naturalmente se adapta, os recursos geologicos, os accidentes topographicos, as imposições climaticas e as necessidades e circumstancias sociaes e domesticas, á uma e parcellarmente imperativas. A geologia, primeiramente, dicta subordinações que logo emergem da physionomia exterior de um povoado. N'um sólo granitico onde a agua surge de nascentes com affluencia restricta, as casas dispersam-se; no calcareo, em que ellas são mais raras mas copiosas, agglomeram-se: é o caso extremenho, é o caso minhoto. Se a cal abunda a povoação avulta clara e vivaz, como na Beira littoral e no Algarve; se falta, dilue-se confusa e esparsa por entre a vegetação sombria, como no interior beirão e em Traz-os-Montes.

Ás vezes a pedra é cara e mais dispendiosas as communicações e os transportes: fabricam-se então os adobes, de Aveiro para o sul, e nos forros junta-se palha á argamassa (Baixo-Minho) ou entretecem-se com cordas de palma os ripados de caniça divisorios (Algarve). Assim a architectura se submette aos recursos naturaes, uma vez que edificando-se com adobes não é possivel erguer andares ou multiplicar os ornamentos.

Onde a rocha é schisto não raro as guarnições são de piçarra





NA GRALHEIRA

EM CASTRO LABOREIRO

e outras mesmo de madeira a verga, bombreiras e soleira (Bornes, Grijó, Valle Bemfeito). Nas zonas de contacto, como em Ovelha e Varzea do Marão e ainda em Montesinho, o predio é todo de granito, e de lousa, por facilidade e economia, só as coberturas ou beiradas; assentando o burgo sobre o proprio affloramento, uma e outra rocha indistinctamente se misturam, como em Abreiro, na juncção do granito com o precambrico: e por fim a exuberancia do granito fino e alvacento faz solidas e garridas mediocres povoações como Lindoso, com as suas amplas lages de cantaria exhibindo-se particularmente ao longo das varandas e a toda a altura indivisa das pilastras.

As ondulações do solo, principalmente nas regiões serranas, aproveitam-se muitas vezes n'uma parte da parede ou manteem-se no pavimento, tortuoso (Gavieira, Peneda, Campo do Gerez); e os blocos com que o predio se ultima, em harmonia com a natureza envolvente, dispõem-se quasi sem apparelho, sem preoccupações de fiadas, nem rebocos (Gralheira, Serra da Amarella, Adrão no Suajo).

mais rija ou de granito (Campeã, Penagulão, Pocêa), se a pedra de cantaria está perto e se os recursos não limitam mesmo o luxo da alvenaria até ao nivel do sobrado; porque muita vez o andar é só de taipa (Lobrigos, Fontes, Sanhoane)

D.2.7
D.2.8

Ainda do dominio da geologia é a formação incessante de medões que do littoral para o interior mordem a terra de lavoura. Para attenuar a instabilidade do solo e sobretudo onde ella mais vivamente se accentúa, o pescador da costa de Mira, na Ria de Aveiro, o da Cova de Lavos, para além da foz do Mondego e o de Vieira, nas proximidades de Leiria, erige uma parte dos seus palheiros sobre estacas. É por entre estas, um metro e mais acima do pavimento movediço que a areia passa para ir formar





EM GONDAR, FALDAS DO MARÃO

NA CAMPEÃ

distante a duna; e assim insulado entre o medão e a linha das marés, o burgo assume o aspecto estranho e imprevisto das antigas povoações lacustres.

A adaptação ao clima obriga a providencias e previsões que se exhibem, em escala variavel, na physionomia exterior dos edificios. O telhado de beiral alongado e balcão avançando, attenua os effeitos das ardencias e nevadas; para que os gelos se não demorem tem a cobertura um rapido pendor (Marão); e os ventos desabridos da montanha, á despeito da escolha em recantos de encosta abrigada, demandam as fiadas de pedras fixando a telha, as grossas placas de schisto cobrindo os telhados e egualmente schistosos (Marão, Arga), os barrotes e grossas vigas fixando os colmos (Barroso, Campeã, Montemuro). Para protegerem do frio, as varandas são baixas e vedadas (Serra de Arga, Labruge), estreitos os respiros e postigos, muito chegadas ao beiral as janellas diminutas e escassas (Ermida e Germil, na Amarella) e colmados os chapeus com palha-centeia, giesta ou feno secco. É o que se observa em todas as povoações da serra e, com extensa amplitude, no famoso planalto bar-

rosão, a começar em Basto ou em Boticas, seguindo até á Serra das Alturas, abrangendo os numerosos povoados da vasta chã de S. Vicente, comprehendendo as povoações das margens do Cá-

EM MOREIRA DE LIMA | FALDAS DA SERRA DE ARGA





NO SUAJO

no mez do Natal para junto do rio, que na estação dos frios se expande e ruge desabrido entre o fraguedo; e pela Paschoa, quando pelas bombas abrigadas já as belgas reverdecem e se desenham os mosaicos de feno que os vidoeiros enfeixam e limitam, as populações volvem das cubatas—da Entalada, Dorna, Mareco, Varziella, e Canheiras—para o grangeio das leiras altas e só agora apenas supportaveis.

vado perto das origens, avançando até ás faldas de Larouco e penetrando ainda nas terras hespanholas de Videferre, Gironda, Villa Mayor, Rendim e mais além.

Por vezes, emtanto, a ventania é persistente e violenta e com ella o abaixamento da temperatura constituem um flagello; então, como em Castro Laboreiro, os povos mais altos de Portos, Seára, Rodeiro e outros mais, mudam das *verandas* ou habitações de verão, para as *inverneiras*, residencias mais baixas, situadas n'um valle profundo e abrigado da tormenta. O exodo começa

Com a influencia das razões orographicas, hydrographicas, geognosticas e meteoricas vem a da paisagem, que d'ellas deriva, e que explica o contraste dos aspectos das povoações funebres e sombrias das abas das Serras de Bornes, da Nogueira ou do Alvão, por exemplo, e

ROCHA PEIXOTO, ***A CASA PORTUGUEZA***
TRANSCRIÇÃO DO ARTIGO

PRIMEIRA PARTE

O novo predio que um engenheiro ilustre edificou na travessa recata e quasi erma que é, no Porto, a rua do Conde, veio a dilatar, concreto e só assim persuasivo, o debil movimento promovido pela aspiração ainda indecisa da nacionalisação do domicilio portuguez. Ha um typo ou typos de habitação nacional, traduzindo materialmente, pelo schema architectonico, pelas disposições geraes da sua traça, pela ordem e ponderação das suas partes e pelos pormenores decorativos, as faculdades de adaptação regional, os costumes, as occupações e as tendencias do povo que as habita? E representa a nova casa um d'esses typos, descriminavel e irreductivel, por entre as vivendas ruraes e urbanas de importação alheia, de estylo cosmopolita ou sem estylo, de illogico transporte dos albuns para não importa que região de praia ou de cidade, de serra ou de ribeira, de sol ou de nevoa, de aridez ou de fragrancia? Um julgamento com asserto determina o previo exame ao que já foi denominado a ‹‹unidade caracteristica››, ou seja o padrão que vivamente exprima e em si resuma o typo ou typos da casa portugueza.

(...)

TERCEIRA PARTE

A preferencia da fachada principal adoptada na nova casa da rua do Conde, recahiu, com todo o acerto, no typo de predio rural cuja expansão e conformidade de estructura com os seus destinos nacionalisaram já, no norte do país, uma architectura tradicionalmente generalisada. O seu constructor, Ricardo Severo, que além de engenheiro é um archeologo illustre, não buscou na edificação urbana nem o modelo nem a suggestão para o projecto, uma vez que, ainda mais do que no campo, nós não creamos um estylo de casa citadina.

Temos que apagar resignadamente est'outra illusão!

Sem duvida que o antiquario, vagabundeando pelas antigas cidades e villas portuguezas, encontra frequentemente mo-

D.2.5, D.2.6, D.2.7 e D.2.8- Páginas 106, 107, 108 e 109, Revista *Serões*, Agosto, 1905.

D.2.9
D.2.10

as alvas e cantantes aldeias dos valles minhotos. Assim ainda na architectura, na esbelta gracilidade de alguns pormenores, nos desmandos mesmo da polychromia, em opposição ás linhas hirtas e simples dos «montes» das herdades transtaganas, por entre uma natureza onde não ha bruscos resaltos, imprevistos relevos, exuberantes seivas, riachos que dessedentem a charneca ardida e fulva.

Quando todos ou alguns d'estes factores se não oppõem, o instincto da sociabilidade determina o agrupamento do casario e sobretudo em regiões de planicie, outr'ora principalmente abertas a ciladas sortidas. A concentração era uma necessidade collectiva para a defeza; com a disseminação e o isolamento avultavam os riscos de ataques e incursões, contra as quaes a previdencia de algum dos moradores fizera abrir orificios aos lados das sacadas para o facil despedir dos zagalotes e dos quartos na hora ousada ou traiçoeira dos assaltos. Entretanto o regimen da propriedade interfere na compacidade ou affastamento, agglomerando os visinhos nas zonas dos dominios restrictos, como no norte, ou dispersando as moradias, como nos latifundios do Alemtejo.

Para a agglomeração concorrem ainda certas formas do commercio e da industria, como a da pesca, juntando nas proximidades da abra ou da enseada mais humide os que se entregam á piscicaptura, ou ainda á funcção mixta de pescarias e lavoura (Apulia, Aguçadoura, Lavra); o fabrico das loiças, nos solos productivos de argila plastica (Prado, Tondella, Aveiro); o transito de mercadorias e viajantes, como no Pico, Famalicão e Amarante, depois diminuidos ou estaveis com o desvio dos trajectos pela viação accelerada.

A desagregação do nucleo central em logares distantes, aliás enquadrados na mesma similitude de aspectos e costumes, effectua-se quando circumstancias economicas determinam a busca de outras facilidades de subsistencia que no burgo inicial já se não logram. Todos podemos assistir agora a um d'esses interessantes casos de desintegração na *villa* do Suajo, distante da qual embryonam o logarejo da Açoreira, com dois ou trez casaes e o de Campo Grande, já com seis: como outros, aqui e em toda a parte, são a viva imagem e a continuidade do agglomerado d'onde veem.

Annotados abreviadamente os conjunctos, destaquemos as formas e desentranhemos d'ellas, se é possivel, os typos.

PORTO.

ROCHA PEIXOTO.

(Clichés do autor)





EM BELGAÇO

A CASA PORTUGUEZA

SEGUNDA PARTE

A cabana de madeira, que primitivamente se dilatára pelas collinas da Roma antiga e que iniciou povoações mais tarde investidas, como Londres, n'um destino proeminente, foi um dos typos de habitação em algumas estações lusitanas, subsistindo pelos tempos historicos e perdurando até hoje nos conhecidos palheiros littoraes.

Para abrigo de utensilios de pesca e de sargaço (Moinho do Bispo, Fão, Gramadoura, Lavra) ou para habitação (Espinho, Furadouro, Costa Nova, Torreira), as barracas de taboado deixaram na toponymia — Cabanas, Cabana Maior, Cabanellas, Cabanões, etc., — os vestigios da sua inicial e extensa propagação. Mas já nas cidades se edificára parallelamente com pedra, vendo-se ainda no valle do Mondego, como despojos evocantes, casas circulares colmadas á mistura com outras quadradas em que a abertura, boleando pouco a pouco, acaba nitidamente conica. Na Gralheira e em Alhões (Montemuro) ainda apparecem casas redondas como a antiga habitação do lusitano; e em Bobadella, na Beira, a povoação viva junta á cidade extincta, renascendo uma da outra, permittem comprehender, das civilisações pre-romana, romana e post-romana, os élos d'um encadeamento ininterrupto.

A casa terreira da montanha, traduzindo o mister agricolo-pastoril do habitante, mantem-se sempre n'uma elementar rudeza constructiva. Collocam-se os blocos sem cimento ou dispõe-se o schisto em assentadias, deixando fendas por onde o fumo se esvae ou a luz entra; e a pedra, com um miudo apparelho polygonal, nem sempre se justapõe á fieira e raramente é escudada. Sob o colmasso de duas ou quatro aguas, com lages fixando os cumes e latas de madeira transversaes (Pitões, Covellães, Villarinho de Negrões) a fuligem pende em estalactites ou sequer como reveste interiormente as paredes de verniz. Tres, dois, mesmo um só compartimento aloja animaes e pessoas. Onde é cosinha é tudo: alli se dorme, alli se tece, gallinhas sobre os catres, porcos familiares, ovelhas estorvando a mulher na sua occupação com o sarilho ou dobadoura, n'uma canastra

D.2.11
D.2.12

a creança e o cão dormindo juntos. (Tibo, alturas da Peneda, Gavieira).

Na ribeira a casa terrea, frequentemente, é ainda pouco mais que uma cabana, em roda da qual ou annexadas estão as córtes da rez e dos marranchos, o cobêrto e o celleiro. A mesma simplicidade da montanha se vê ainda na cohabitação e aposentos, na disposição da pedra bruta, na cobertura a telha vã, nos postigos desguarnecidos e com o desagasalho da ausencia de vidraças. Erguendo, porém, um andar, a fachada mostra-se com duas, trez, quatro janellas sob as quaes se abrem oculos ou frestas que vão tenuemente illuminar e arejar os estabulos ou os armazens de provisões. O ingresso, vindo de fóra, faz-se muitas vezes, desde a Maia ao valle do Vouga, pela porta intermediaria do predio e do muro que veda o quinteiro enramado. Lateralmente ao edificio, ou ainda na face opposta á frontaria, uma escada de pedra sobe junta á parede até ao nivel do sobrado. Outras vezes a escada mostra-se na fachada, partindo d'um alpendre superior central ou a um dos lados, seguindo para baixo com guarda lavrada ou não, e de cujo remate se eleva, para o beiral, uma columna jonica de fuste esguio e longo.

A habitação rural toma outro aspecto com as longas varandas ao correr. De pedra e fechadas, veem-se, conforme a exposição, junto das serras (Varzea e Ovelha do Marão); de madeira são as communs, assentando sobre pilastras (Cabração, Moreira do Lima, Estorãos), ou fixadas em cachorros (Bouro, Soajo, Gerez). A communicação para o sobrado faz-se pela escada perpendicular ou encostada; nos baixos recolhe-se uma parte da apeiria e está a adega, a salgadeira, ás vezes celleiros e até córtes. Em roda a eira, as mêdas e morcias, o poço, as córtes e cortelhos, o gallinheiro, a casa do cão, os espigueiros ou canastros (Arcos, Barca, Ponte de Lima), os telheiros com as barras onde se guardam os empalhos de inverno para o gado (Baião) ou se livram das chuvadas os pães que seccam no eirado.

No Minho, a varanda salienta-se geralmente da fachada; em Traz-os Montes este annexo subsiste e, como além, não raro se firma em esteios da rocha regional, granito ou lousa; se assenta, porém, sobre o travejamento que vem da parede mestra e d'ella parte a escada encostada á frontaria (Bragança, Vimioso), alonga-se o beiral protegendo a uma e outra. Succede, emtanto, que muitas vezes o andar recolhe dentro e a balaustrada então se nivela com a frente (Penaguião, Villa Real).

Na Beira, a varanda tem egualmente apoio na parede mestra, espessa no pavimento inferior e reintrante no segundo; não variando a parede todavia, de prumada o balcão subsiste firmado em cachorros ou esteios. A disposição e situação da varanda, que nas raras casas de dois andares passa para o ultimo (Bouro, Gerez, Moncorvo), é outra nos predios em que um pateo interior evoca a claustrada dos conventos; á excepção d'uma das faces, que encosta no visinho ou onde se rompe o amplo portão de ingresso, nas tres restantes corre de nivel com o sobrado (Tourém) exhibindo o aspecto, certamente mais modesto, d'esta parte complementar da crasta dos mosteiros.

O caracter que imprime á casa de lavoura a ausencia ou disposição dos balcões e das escadas é ainda alterado por outros pormenores e minudencias. Assim é que dos telhados, resaltando á frente sobre cachorros de madeira recortada e ligados ao frechal (Braga, Guimarães, Barcellos), sobem chaminés de typos varios, como as boieiras (Montesinho), trapeiras (Campeã) ou goteiras (Minho e Douro), as bombaças (Braga e Porto), as que lembram pombaes (Amarante), ou semelham tumulos, minaretes e zimborios (Alemtejo e Algarve).

No norte, o pavimento é terreo ou empedrado, e revestido de tijolo no Alemtejo; os peitoris salientam-se um decimetro para fóra (Monsão, Melgaço, Guimarães); as padieiras e humbreiras são lavradas, chanfradas ou só lisas, se é que, em muitos casos, estas guarnições nem se destacam; ladeando as janellas e para a séca das fructas, de roupa ou para vasos, avultam mísulas de schisto, de calcareo ou de granito; a palhoça ou telha vã

é um abrigo que assim fica ou se reveste de forro, em masseira ou caixotão; o forno ou é commum ao povo (Barroso), ou um annexo indispensavel na cosinha, ou um accessorio independente no exterior (Algarve); a lareira ou é a grande lage usada na ribeira ou a cova funda adoptada na montanha (Castro Laboreiro).

Por fim as grimpas ou veletas figuradas (Povoa de Varzim, Villa do Conde); os angulos em bico de loiça nos telhados (Beira Baixa) ou rematados por pombas e brutescos de olaria (Eixo, Ilhavo, Aveiro); as cabeças de saurios ao alto nas cha- os galeões, de vélas pandas, lavrados em minés ou como gárgulas (Povoa, Villa do calcareo nos cunhaes (Lisboa); os escu- Conde); as portas almofadadas, mosquea- detes recortados para os fechos; os reta-

das de grandes pregos (Sendim de Miranda) ou ornatadas em relêvo e polychromicas (Maia, Paderne, S. Gregorio);



EM ARGIVAI (POVOA DE VARZIM)

tivos para a sua emoção de amoroso do passado: são os antigos bairros que subsistem em Lisboa, Porto e Guimarães; as velhas terras fortificadas de Valença, Miranda e Montemór-o-Velho - para citar, abreviadamente, exemplos do acaso - as ruas quasi inteiras ou os edificios esparsos de Evora e Santarem, de Celorico, Trancoso, Vizeu e Lamego, de Coimbra, de Guimarães e Braga, de Ponte de Lima e Vianna; e por ultimo numerosos pormenores que sobreviveram ás restaurações em Melgaço, Caminha, Cerveira, Ponte da Barca, Villa do Conde e muitas mais, principalmente as portas e janellas em ogiva, manuelinas, e do renascimento, as varandas torneadas de madeira em renascença ou de ferro enfeixado e torcido á maneira gothica, as rotulas ou crivos á mourisca, os graciosos alpendres ponteagudos, os modilhões recortados dos beiraes.

Os predios notaveis, ou pela vetustez ou pelo valor artistico, como a desmantelada Casa do Senado de Bragança, do seculo XII, talvez unico tpypo subsistente entre nós do edificio urbano em romanico, o Paço de Coimbra, invulgar exemplo de habitação senhorial do seculo XVI e ainda, na mesma cidade, a linda casa de Sub-Ripas, em manuelino e renascença, são exemplos de raridade a assignalar.

Mas a antiga villa ou cidade portugueza, abafada e cingida de muralhas, apenas geralmente comportava, nas suas ruélas acotovelladas, torturosas, immundas e sombrías, um casarío cuja indigencia constructiva denunciava logo a penuria historica do seu humillimo habitante.

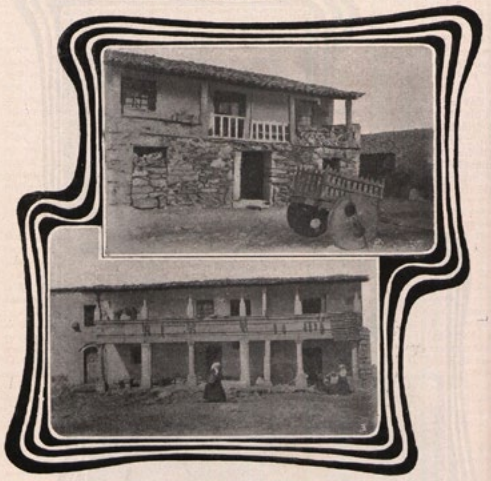
Na cidade fronteiriça de Miranda, por exemplo, a sua principal arteira ainda exhibe muita habitação com a edade de tres e quatro seculos. São velhos predios de frontaria em osso, espessa e estreita e de cobertura prolongada, muito perto da qual ficam janellas reduzidas, asymetricas por vezes, outras gemínadas, de angulo em alguns casos e n'outros rasgadas em sacadas para o ulterior acrescento de varandas; as molduras das portas, manuelinas, ogivaes e rectangulares com o chanfro caracteristico nas arestas de verga e das humbreiras, são da mesma ingenuidade e barbarie que avulta das caraças da cachorrada e dos baixos-relêvos que ornam os linteis ou occa-

D.2.9 - Página 110, Revista *Serões*, Agosto, 1905.
D.2.10, D.2.11 e D.2.12 - Páginas 209, 210 e 211, Revista *Serões*, Setembro, 1905.

D.2.13
D.2.14

bulos de azulejos; os nichos e as cruzes de pedra embutidas nas fachadas; os relogios solares; as ferraduras (Porto) como impedimento ao mau olhado; as pilheiras, interiormente, para a loiça, o

EM TERRA DE MIRANDA



EM TERRA DE MIRANDA

caniço para a castanha, a gramalheira para o panêlo, os assentos de pedra nas janellas, os coupções, os sotãos, os falsos, os alçapões, as trancas, os ferrolhos, os taramêlos; e ao largo os bate-bates, rabadeiras, taramellas e cataventos; as mêdas de cucurato enleitado com torres e flamulas; os poços de bomba e rodizio ou carretel; as burras (Alfandega da Fé), baldes (Mirandella) ou cegonhas (Coimbra) e os pombaes, como moinhos de vento, independentes em Melgaço, Monsão e Traz-os-Montes e historiados e encostados ás chaminés no Alemtejo completam os accessorios das habitações que, com os rocios, as alamedas, os ribeiros, as pontes, as alpondras, os moi-

nhos, as azenhas, as fontes, os chafarizes, as capellas, os cruzeiros, as ermidas, as alminhas e os pelourinhos, dão, em vario grau, a physionomia das povoações de Portugal.

De tam simplista architectura e da sua associação com varios d'estes pormenores ha logar para o destaque d'uma casa ou casas de indefectivel estylo nacional? De modo nenhum.

Aqui, como n'outras regiões de Hespanha, de França, principalmente no Languedoc e na Provença, da Italia meridional e até da Argolida, os typos de habitação exprimem apenas, para povos aliás com parentesco na mesma estirpe ethnica, uma adaptação a circumstancias locaes sensivelmente identicas. O predio em que os baixos arrecadam e armazenam e no anda: existem os aposentos de viver, com escada exterior encostada á fachada ou lateral, resume entre nós, como nos paizes alludidos, a estructura da casa de lavoura. Divergencias secundarias regionaes e alguns dos pormenores não modificam fundamental-

EM MELGAÇO



NOS ARREDORES DE BRAGA

D.2.15
D.2.16

mente a traça inicial, mesmo quando o estado de fortuna ou algum devaneio da esthetica local excedem os modelos tradicionalmente consagrados. E os outros predifolos, as casas terreinhas, são a bem dizer universaes, sempre que as d'outro paiz se emmoldurem nas mesmas condições que explicam as nossas.

Já um historiador insigne affirmára que o cultivador minhoto, «absorvido pela terra que o alimenta, pede á casa só um abrigo, sem luxo, nem conforto». A asserção é extensiva a maior ambito. E deveras nenhum espelho tam fiel do espirito nacional de que o interior da casa em que se vive. Elle nos dá a impressão da sua tradicional penuria, da indole rude e violentamente utilitaria, da indigencia mental d'um povo absolutamente carecido de faculdades artisticas, a um tempo amorudo e interesseiro, pagão irreductivel ainda quando beato, escravo por vicio de origem, por habito historico e por eterno assentimento grato e conformado.

Muitas vezes quando as prosperidades do casal ensejam o levantamento d'um andar ou o goso da pueril vaidade de transmudar a moradia primitiva em casarão, o schema fundamental em nada altera e até os costumes subsistem, utilisando-se os novos aposentos, afinal vagos, na arrecadação das tulhas ou na transitoria apropriação a madureiros.

A habitação entre nós é, pois, uma consequencia da adaptação ás varias circumstancias naturaes e sociaes que a condicionam — mas isto apenas. E as casas senhoriaes, com o seu vasto terreiro enfrentando a longa frontaria em que uma dupla escada, começando a divergir do pé, converge no alto sob a alpendrada, umas com capella, outras com torres lateraes, outras com torre central ameiada, outras ainda com diversos aspectos de exterior, são ás vezes a modificação erudita ou a corrupção pedante da modesta casa de lavoura e mais frequentemente um typo de importação franceza ou italiana — como agora!

Seria realmente estranho que um povo sem autonomia artistica, logrando só, para enlevo proprio, o episodio do *manuelino*, que é uma enxertia n'um estylo, resumisse apenas as suas faculdades creadoras no predio que erigiu em domicilio!

Mas se não temos uma architectura exclusivamente nossa, nem rural nem urbana, e por signal é escassa a nossa originalidade nos pormenores e accessorios, a tradição que radicou numerosos costumes compartilhados por povos afins, egualmente consagrou os typos de casas já descriptas e que afinal, como o assegura um longo tempo decorrido, melhor se accomodam ao genio do povo que as habita.

(Conclue).

PORTO.

ROCHA PEIXOTO.

Clichés do autor.



Fonte dos Amores

Ó agua triste, não chores,
Vae de vagar, de vagar ...
Que ella não cuide que choras
Porque me viste chorar !

Ai não soluces tam alto,
Ó fonte do seu caminho!
Agua chorosa e romantica,
Falla mais devagarinho..

Não digas nessa toada
Melancolias ás flores:
Ó fonte, vae socegada,
Nunca lhes falles d'amores.

Não contes o que me ouviste,
O que te estive a dizer...
Sê contente, agua romantica,
Que ella o não venha a saber !

Olha as minhas mãos ardentes,
Refresca-as, fonte amorosa !
Olha os meus olhos vermelhos...
E de rir, agua chorosa !

Ó agua triste, cantella,
Vae de vagar, de vagar ...
Que ella não pense que choras
Porque me ouviste chorar !...

JULIO BRANDÃO

sionalmente a silharía. E esta architectura de transição, revela--nos, mais que as dissertações escriptas, as influencias soffridas atravez da nossa indigencia material e esthetica, amesquinhando e barbarisando, por incultura artistica e por falta de dinheiro, os estylos que importamos.

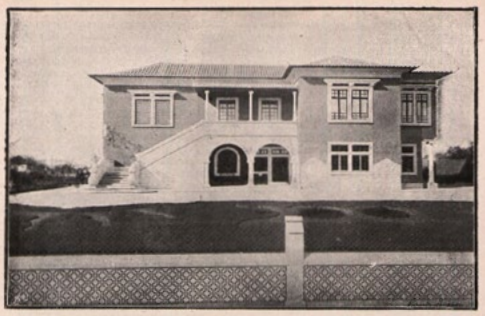
E' decerto essa ingenuidade barbara que aos ornamentos e detalhes dá o ‹‹sentimento regional››, como succede com os accessorios da casa rustica, quasi todo sem raiz local mas com a alteração produzida através das faculdades e circumstancias já alludidas.

Imagine-se a perplexidade do constructor a quem se pedisse uma casa estreitamente inspirada n'um dos modelos communs e nacionalisados de cidade ou aldeia portuguezas, acrescida de todos os conchegos e regalos que pode exigir, com fortuna, o viver contemporaneo! O embaraço, pelo que tal anhelo comporta de enexequivel, ainda encontraria preferentemente a melhor das soluções na decisão que conduziu Ricardo Severo a associar e a adoptar d'umas e d'outras, do norte ao sul, mais recentes ou mais remotos, os elementos com que erigir harmonicamente, ponderadamente, a vivenda onde ‹‹o sentimento nacional›› não exclue o luxo dos seus commodos, admiravel e magnifico. Do resultante hybridismo ethnologico e archeographico deriva pois a habitabilidade com a amplitude e conforto que a vida moderna permite e facilita, carecidos como sempre estivemos, n'um modelo de casa e até n'uma dada região, de elementos sufficientes, para a comodidade e para a vista, com que se erga um arcabouço e se alinde.

Assim é que a fachada principal radica no exemplar da casa rustica em que a escada perpendicular ao começo, logo inflecte encostada á frontaria. A varanda para que dá firma-se em columnas com as quaes os dois arcos de volta inteira provocam a lembrança, entre outras, das casas ribeirinhas. Da guarda do balcão erguem-se os columnellos que supportam, n'este caso, um alpende abaúlado e deprimido. E immediatamente á varanda logo avulta um corpo saliente , processo habital com que se amplifica a casa rustica onde o espaço escasseia ou a fortuna

D.2.13, D.2.14, D.2.15 e D.2.16 - Páginas 212, 213, 214 e 215, Revista *Serões*, Setembro, 1905.

D.2.17
D.2.18



CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO — FACHADA PRINCIPAL

A CASA PORTUGUEZA

TERCEIRA PARTE

A preferencia da fachada principal adoptada na nova casa da rua do Conde, recahiu, com todo o acerto, no typo de predio rural cuja expansão e conformidade de estructura com os seus destinos nacionalisaram já, no norte do paiz, uma architectura tradicionalmente generalisada. O seu constructor, Ricardo Severo, que além de engenheiro é um archeologo illustre, não buscou na edificação urbana nem o modelo nem a suggestão para o projecto, uma vez que, ainda mais do que no campo, nós não creamos um estylo de casa citadina.

Temos que apagar resignadamente est'outra illusão!

Sem duvida que o antiquario, vagabundeando pelas antigas cidades e villas portuguezas, encontra frequentemente motivos para a sua emoção de amoroso do passado: são os antigos bairros que subsistem em Lisboa, Porto e Guimarães; as velhas terras fortificadas de Valença, Miranda e Montemór-o-Velho — para citar, abreviadamente, exemplos ao acaso — as ruas quasi inteiras ou os edificios esparsos de Evora e Santarem, de Celorico, Trancoso, Vizeu e Lamego, de Coimbra, de Guimarães e Braga, de Ponte do Lima e Vianna; e por ultimo numerosos pormenores que sobreviveram ás restaurações em Melgaço, Caminha, Cerveira, Ponte da Barca, Villa do Conde e muitas mais, principalmente as portas e janellas em ogiva, manuelinas, e do renascimento, as varandas torneadas de madeira em renascença ou de ferro enfeixado e torcido á maneira gothica, as rotulas ou crivos á mourisca, os graciosos alpendres ponteagudos, os modilhões recortados dos beiraes.

Os predios notaveis, ou pela vetustez

ou pelo valor artistico, como a desmantelada Casa do Senado de Bragança, do seculo XII, talvez unico typo subsistente entre nós de edificio urbano em romanico, o Paço de Coimbra, invulgar exemplo de habitação senhorial do seculo XVI e ainda, na mesma cidade, a linda casa de Sub-Ripas, em manuelino e renascença, são exemplos de raridade a assignalar.

Mas a antiga villa ou cidade portugueza, abafada e cingida de muralhas, apenas geralmente comportava, nas suas ruélas acotovelladas, tortuosas, immundas e sombrias, um casario cuja indigencia constructiva denunciava logo a penuria historica do seu humillimo habitante.

Na cidade fronteiriça de Miranda, por exemplo, a sua principal arteria ainda exhibe muita habitação com a edade de tres e quatro seculos. São velhos predios de frontaria em osso, espessa e estreita e de cobertura prolongada, muito perto da qual ficam janellas reduzidas, asymetricas por vezes, outras geminadas, de angulo em alguns casos e n'outros rasgadas em sacadas para o ulterior acrescento de varandas; as molduras das portas, manuelinas, ogivaes e rectangulares com o chanfro caracteristico nas arestas da verga e das humbreiras, são da mesma ingenuidade e barbarie que avulta das caraças da cachorrada e dos baixo-relêvos que ornam os lintéis ou occasionalmente a silharia. E esta architectura de transição, como logo adeante a dos seculos XVII e XVIII, revela-nos, mais que as dissertações escriptas, as influencias soffridas atravez da nossa indigencia material e esthetica, amesquinhando e barbarisando, por incultura artistica e por falta de dinheiro, os estylos que importamos.

E' decerto essa ingenuidade barbara que aos ornamentos e detalhes dá o «sentimento regional», como succede com os accessorios da casa rustica, quasi todos sem raiz local mas com a alteração produzida através das faculdades e circumstancias já alludidas.

Imagine-se a perplexidade do constructor a quem se pedisse uma casa estreitamente inspirada n'um dos modelos communs e nacionalisados de cidade ou aldeia portuguezas, acrescida de todos os conchegos e regalos que pode exigir, com fortuna, o viver contemporaneo! O embaraço, pelo que tal anhelo comporta de inexequivel, ainda encontraria preferentemente a melhor das soluções na decisão que conduziu Ricardo Severo a associar e a adoptar d'umas e d'outras, do norte ao sul, mais recentes ou mais remotos, os elementos com que erigir harmonicamente, ponderadamente, a vivenda onde «o sentimento nacional» não exclue o luxo dos seus commodos, admiravel e magnifico. Do resultante hybridismo ethnologico e archeographico deriva pois a habitabilidade com a amplitude e conforto que a vida moderna permitte e facilita, carecidos como sempre estivemos, n'um modelo de casa e até n'uma dada região, de elementos sufficientes, para a commodidade e para a vista, com que se erga um arcabouço e se alinde.

Assim é que a fachada principal radica no exemplar de casa rustica em que uma escada perpendicular ao começo, logo inflecte encostada á frontaria. A varanda para que dá firma-se em columnas com as quaes os dois arcos de volta inteira provocam a lembrança, entre outras, das casas ribeirinhas. Da guarda do balcão erguem-se os columnellos que supportam, n'este caso, um alpendre abatido e deprimido. E immediatamente á varanda logo avulta um corpo saliente, processo habitual com que se amplifica a casa rustica onde o espaço escasseia ou a fortuna permitte o desaffogo.

No angulo verticalmente opposto ergue-se a torre, que uma grimpa historiada mais prolonga, com graça, para o alto. Seguem-se, das suas duas faces exteriores, as fachadas do sul e do poente que aliás não desmancham, com os seus annexos e pormenores decorativos buscados em parte na casa urbana, a logica com a fachada principal. Mas já na face que volta para o norte domina o corpo saliente, firmado á frente em columnada jonica, como na casa citadina foi e ainda se vê, no Porto por exemplo em Miragaya, na Sé e na Victoria.

A' reminiscencia arabe ou romana,

D.2.19
D.2.20

tam pouco commum entre nós e tão frequente em Hespanha, liga-se a adopção d'um pateo interior, de que o exemplo d'uma casa da Rua da Ilha, em Coimbra, com o seu discreto poço e claustrada, é um vivo depoimento a relembrar. No da casa da rua do Conde enfeixam-se os elementos heterogeneos que afinal resaltam da sobreposição de influencias mais ou menos assimiladas e coexistentes embora sob apparencias antagonicas: nicho devoto n'uma das faces; na outra Vesta e Ceres do paganismo helleno-latino, em grandes composições de azulejo monochromico ladeando a fonte de marmore em cuja taça um golphinho, como os de loiça do seculo XVIII, verte, n'um murmurio perenne, um fio liquido; nas paredes, por fim, o azulejo de facha e contra-facha, branco e verde, como um archaico modelo hispano-mourisco do seculo de quinhentos.

Para o chapeu d'este predio a telha preferida foi a que, desde os imbrices romanos até aos productos das humildes telheiras aldeãs, abrigou e ainda cobre a maioria das casas portuguezas: nos angulos finda em bico, como é commum no sul á maneira oriental; d'um pendor irrompe a chaminé em grade, minhota ou alemtejana; e no vertice da torre morre n'uma grimpa esbelta, com a esphera armillar caracteristica e o leão rompante do armorial — no brazão, na tapeçaria e na ceramica.

D'entre os balcões, abrigados por um telhadinho ou sobre-ceu, avulta o que, na face sul, se véda por uma linda gelosia. Inspirou-o certamente o modelo que em Villa Real, é um enlevo, sem par



CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO — VISTA DO SUL

entre as persianas quasi extinctas de Leça da Palmeira ou as rotulas da Braga mystica. E como os balcões, tambem as janellas reproduzem velhos typos, ou geminadas, ou com a bandeira separada pela verga de cantaria, á maneira do seculo XVI, com docel em telhas de faiança, como na matriz de Valença, com peitoril

relevado, com os cachorros lateraes para os vasos de cravos, mangericos e geranios.

De todas, porém, as duas janellas de angulo, foram, pela reviviscencia d'um pormenor quasi olvidado e pela justa escolha da dependencia em que se abriram, uma das mais lindas adaptações



CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO — DETALHE E CUMIEAL SUL

que é possivel buscar em casa urbana portugueza; raramente se logra ver alguma em Villa do Conde, em Braga, em Miranda e para o sul, e é grato observar ainda em Moncorvo a do predio contiguo á Misericordia ou em Coimbra a da casa da Rua do Norte, a manuelina do Museu do Instituto e, na rua das Solas, o bello e discreto exemplar da Renascença.

Resta annotar na frontaria os *SS* ornamentaes com que remata a guarda da escada, communs no predio rustico e ainda no atrio em que principia o lanço nas velhas casas de villa ou de cidade; o edículo para o relogio de sol, ás vezes nas casas das eiras, nos cunhaes e nas alminhas; o ferro de suspensão historiado para a lanterna, como nos oratorios e retabulos; os respiros obtidos com a cruz de Christo, tam vulgar nas egrejas romanicas, ou com a swastika flamejante que, junta a triscelos e tetrascelos, constituem os mais bellos ornamentos da Citania de Briteiros: o alizar em azulejo do corpo saliente onde os vasos dominantes, as cabeças de carneiro, as sereias, os fachos e os festões breve suggerem, em frescura e encanto, as mesmas applicações do seculo XVIII, ou ainda como lambris nas salas de jantar, em alegretes, nas fontes, nos bancos de repouso, pela calma, entre arvoredos.

Outros pormenores dispersos completam a grande maioria dos que era possivel ou exhumar d'um passado longinquo, ou avivar ao espirito nacional, esquecido e desattento. Para o ingresso

permitte o desaffogo.

No angulo verticalmente opposto ergue-se a torre, que uma grimpa historíada mais prolonga, com graça, para o alto. Seguem-se, das duas faces exteriores, as fachadas do sul e do poente que aliás não desmancham, com os seus annexos e pormenores decorativos buscados em parte na casa urbana, a logica com a fachada principal. Mas já na face que volta para o norte domina o corpo saliente, firmado á frente em columnada jonica, como na casa citadina foi e ainda se vê, no Porto por exemplo em Miragaya, na Sé e na Victoria.

A' reminiscencia arabe ou romana, tam pouco commum entre nós e tão frequente em Hespanha, liga-se a adopção d'um pateo interior, de que o exemplo d'uma casa da Rua da Ilha, em Coimbra, com o seu discreto poço e claustrada, é um vivo depoimento a relembrar. No da casa da rua do Conde enfeixam-se os elementos heterogeneos que afinal resultam da sobreposição de influencias mais ou menos assimiladas e coexistentes embora sob apparencias antagonicas: nicho devoto n'uma das faces; na outra Vesta e Ceres do paganismo helleno-latino, em grandes composições de azulejo monochromico ladeando a fonte de marmore em cuja taça um golphinho, como os de loiça do seculo XVIII, verte, n'um murmurio perenne, um fio liquido; nas pareces, por fim, o azulejo de facha e contra-facha, branco e verde, como um archaico modelo hispano-mourisco do seculo de quinhentos.

Para o chapeu d'este predio a telha preferida foi a que, desde os imbrices romanos até aos productos das humildes telheiras aldeãs, abrigou e ainda cobre a maioria das casas portuguezas: nos angulos finda em bico, como é commum no sul á maneira oriental; d'um pendor irrompe a chaminé em grade, minhota ou alemtejana; e no vertice da torre emorre n'uma grimpa esbelta, com a esphera armillar caracteristica e com o leão rompante do armorial - no brazão, na tapeçaria e na ceramica.

D'entre os balcões, abrigados por um telhadinho ou sobre-ceu, avulta o que, na face sul, se véda por uma linda gelosía. Inspirou-o certamente o modelo que em Villa Real, é um enlevo,

D.2.17, D.2.18, D.2.19 e D.2.20 - Páginas 318, 319, 320 e 321, Revista *Serões*, Outubro, 1905.

sem par entre as persianas quasi extinctas de Leça da Palmeira ou as rotulas de Braga mystica. E como os balcões, tambem as janellas reproduzem velhos typos, ou germinadas, ou com a bandeira separada pela verga da cantaría, á maneira do seculo XVI, com docel em telhas de faiança, como na matriz de Valença, com peitoril relevado, com os cachorros lateraes para os vasos de cravos, mangericos e geranios.

De todas, porém, as duas janellas de angulo, foram, pela revivescencia d'um pormenor quasi olvidado e pela justa escolha da dependencia em que se abriram, uma das mais lindas adaptações que é possivel buscar em casa urbana portugueza; raramente se logra ver alguma em Villa do Conde, em Braga, em Miranda e para o sul, e é grato observar ainda em Moncorvo a do predio contiguo á Misericordia ou em Coimbra a da casa da Rua do Norte, a manuelina do Museu do Instituto e, na rua das Solas, o bello e discreto exemplar da Renascença.

Resta annotar que na frontaria os SS ornamentaes com que remata a guarda da escada, os communs que no predio rustico e ainda no atrio em que principia o lanço nas velhas casas de villa ou de cidade; o ediculo para o relogio de sol, ás vezes nas casas das eiras, nos cunhaes e nas alminhas; o ferro de suspensão historiado para a lanterna, como nos oratorios e retabulos; os respiros obtidos com a cruz de Christo, tam vulgar nas egrejas romanicas, ou com a swastika flamejante que, junta a triscelos e tetrascelos, constituem os mais bellos ornamentos da Citania de Briteiros; o alizar em azulejo do corpo saliente onde os vasos dominantes, as cabeças de carneiro, as sereias, os fachos e os festões breve suggerem, em frescura e encanto, as mesmas applicações do seculo XVIII, ou ainda como lambrís nas salas de jantar, em alegretes, nas fontes, nos bancos de repouso, pela calma, entre arvoredos.

Outros pormenores dispersos completam a grande maioria dos que era possivel ou exhumar d'um passado longinquo, ou avivar ao espirito nacional, esquecido e desattento. Para o ingresso logo se dá com o coberto e seu portão almofadado, pregueado e, nos fechos, com os dois grandes espelhos, resumindo em abertos os symbolos das preoccupações do povo que

D.2.21

logo se dá com o coberto e seu portão almofadado, pregueado e, nos fechos, com os dois grandes espelhos, resumindo em abertos os symbolos das preoccupações do povo que os gestou — religião, amor, superstição — cruz, signo-saimão e corações. Já no predio, n'uma entrada, um quadrinho em azulejo, com uma imagem de hagiographia popular, desperta a profusão de S. Antonios que em Lisboa encimam as portas ou se implantam nos atrios. E por fim, entrando, esta luxuriante revivescencia dilata-se pelo interior com o opulento brilho que só raras e contadas casas lograram em Portugal: são os lambrís de castanho, de carvalho ou de nogueira, em talha da mais gracil e mais esbelta renascença; são as portas almofadadas como certas das egrejas e das gavetas dos arcazes; são os vitraes com emblemas mythicos, o symbolo manuelino e a linda muleta do Tejo; é a facha azulejada em que revive o debuxo que etiquetou o typo, na

D.2.22

peninsula, com a tam suggestiva designação de bico-de-diamante; é ainda a variedade de tectos e o esplendor das suas rosaceas e consoles; é a habil applicação das orlas gregas, dos meandros e dos ovados; são, por ultimo, os estuques, um dos quaes, de importação italiana e outr'ora bem frequente entre nós, fino e ao de leve relevado, se expande em exuberancias de pingentes, de bambolinas, de grinaldas e de laçarias.

Esta casa, pois, com as suas magnificencias de interior e os confortos facilmente deprehensiveis, constitue um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume epochas, estylos e influencias atravez da capacidade e do sentimento nacionaes.

D'est'arte, mais do que em qualquer outra tentativa, ficam patentes os recursos de que nos é licito dispôr para a edificação d'uma «casa portugueza».

Porto.

ROCHA PEIXOTO.

D.2.23



D.2.21, D.2.22 e D.2.23 - Excertos da Página 322, Revista *Serões*, Outubro, 1905.

Esta revista encontra-se disponível online, em: < http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/Seroes.htm >, e foi consultada a 19 de Maio de 2020.

os gestou - religião, amor, superstição - cruz, signo-saimão e corações. Já no predio, n'uma entrada, um quadradinho em azulejo, com uma imagem de hagiographia popular, desperta a profusão de S. Antonios que em Lisboa encimam as portas ou se implantam nos atrios. E por fim, entrando, esta luxuriante revivescencia dilata-se pelo interior com o opulento brilho que só raras e contadas casas lograram em portugal: são os lambrís de castanho, de carvalho ou de nogueira, em talha da mais gracil e mais esbelta renascença; são as portas almofadadas como certas das egrejas e das gavetas dos arcazes; são os vitraes com emblemas mythicos, o symbolo manuelino e a linda muleta do Tejo; é a facha azulejada em que revive o debuxo que etiquetou o typo, na peninsula, com a tam suggestiva designação de bico-de-diamante; é ainda a variedade de tectos e o esplendor das suas rosaceas e consoles; é a habil applicação das orlas gregas, dos meandros e dos ovados; são, por ultimo, os estuques, um dos quaes, de importação italiana e outr'ora bem frequente entre nós, fino e ao de leve relevado, se expande em exuberancias de pingentes, de bambolinas, de grinaldas e de laçarias.

Esta casa, pois, com as suas magnificencias de interior e os confortos facilmente deprehensiveis, constitue um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume epochas, estylos e influencias atravez da capacidade e do sentimento nacionaes.

D'est'arte, mais do que em qualquer outra tentativa, ficam patentes os recursos de que nos é licito dispôr para a edificação d'uma ‹‹casa portugueza››.

Porto.

ROCHA PEIXOTO

ANEXO D.3 | JORNAL DIÁRIO ILLUSTRADO,
DOMINGO, 13 DE MAIO DE 1906

Apresenta-se a transcrição do artigo do autor Silva Bastos, "Em casa do sr. Ricardo Severo", publicado a 13 de Maio de 1906, no jornal *Diário Illustrado*[1]. Transcreve-se este artigo, por apresentar uma descrição detalhada da casa Ricardo Severo, caso de estudo integrante nesta dissertação, e vários dados biográficos do seu construtor.



D.3.1



D.3.2

Em casa do sr. Ricardo Severo

Se o leitor, passando pela arteria da Boa-Vista, no Porto, acaso torcer caminho e palmilhar a rua do Conde onde paira um silencio quase monacal, deparar-se-lhe-ha, por muito distrahido que ande, uma casa de aspecto pittoresco, ao mesmo tempo nobre, elegante, leve, destacando das construcções modernas, pretensiosas de norte a sul, pela graça do seu estylo e pela feliz combinação de motivos regionais, infelizmente obliterados.

E' a casa, já descripta n'uma revista litteraria de Lisboa, do sr. Ricardo Severo, engenheiro pela Escola Polytechnica do Porto, e archeologo e sobre tudo um artista.

Certo dia, o sr. Ricardo Severo, depois de terminar o seu curso veio a Lisboa, preparando-se para entrar na engrenagem funccionarista do ministerio das obras publicas. E' recebido por um dos homens mais em evidencia na politica portugueza, a principio com bonhomia e affecto e, por uma d'essas antithezes próprias do seu caracter, com o sobrecenho de quem se sente farto e refarto de pretendentes. – ***Mas a final o que é que o senhor pretende?*** *(Foi como o desabar de um enorme castello de ilusões côr de rosa). –* ***Nada: queria só cumprimenta-lo****. E o pretendente volta ao Porto e transporta-se no primeiro paquete a seguir viagem para S. Paulo. Cartas de engenheiro na mesa e corpo ao trabalho. Havia então n'aquelle Estado a febre de edificações. O sr. Ricardo Severo surgira ali no momento próprio (página 2) e no campo mais adequado ao exercicio da sua actividade. A fortuna ajudou e secundou os seus esforços e o*

1 O site da Biblioteca Nacional de Portugal, disponibiliza o "Diário Illustrado" em versão digital, entre 1872 e 1911. O artigo em questão foi publicado no dia 13 de Maio de 1906, e pode ser consultado a partir da seguinte hiperligação: http://purl.pt/14328 .

D.3.1 e D.3.2 - Páginas 1 e 2, respetivamente, Diário Illustrado, de 13 de Maio de 1906.

D.3.3



VISITAS E PALESTRAS

Em casa do sr. Ricardo Severo

Se o leitor, passando pela arteria da Boa-Vista, no Porto, acaso tiver caminho e paladhar a rua do Conde endeparar-se-lhe-ha, por muito distrahido que seja, uma casa de aspecto pittoresco, ao mesmo tempo nobre, elegante, leve, destacando das construcções modernas, pretensiosas de norte a sul, pela graça do seu estylo e pela feliz combinação de motivos regionaes, infelizmente obliterados.

E a casa, já descripta n'uma revista litteraria de Lisboa, do sr. Ricardo Severo, engenheiro pela Escola Polytechnica do Porto, e archeologo e sobre tudo um artista.

Certo dia, o sr. Ricardo Severo, depois de terminar o seu curso veio a Lisboa, preparando-se para entrar na engenharia funccionarista do ministerio das obras publicas. E reconhido por um dos homens mais em evidencia na politica portugueza, a principio com bonhomia e affecto e, por uma d'essas antitheses proprias do seu caracter, com o aborrecimento de quem se acha farto e refarto de pretendentes.—Mas *o final o que é que o senhor pretende?* (Foi como o crearbar de um enorme castello de illusões e/ de rosa).—Nada: queria só experimental-o. E o pretendente volta ao Porto e transporta-se no primeiro paquete a seguir viagem para S. Paulo. Cartas do engenheiro na mesa e corpo ao trabalho. Havia estão n'aquelle Estado a febre de edificações. O sr. Ricardo Severo surgira ali no momento pro-

D.3.3 - Recorte do artigo Em casa do sr. Ricardo Severo, página 1 do Diário Illustrado. Continuação do artigo nas próximas páginas.

sr. Ricardo Severo póde dizer com satisfação que ha males que veem por bem. A's vezes a frieza com os pretendentes aos empregos publicos pode decidir em bem o seu futuro.

De regresso a Portugal, casado com uma irmã do famoso aeronauta o sr. Santos Dumont, tratou o sr. Ricardo Severo de construir o seu caminho, segundo os seus ideais artisticos. Os ***Serões*** *publicaram há pouco tempo diversas reproducções photographicas da casa que o illustre director da* ***Portugalia*** *construiu na rua do Conde. Ninguem que por ahi passa deixará de estacar para ver tão curiosa edificação. Os estranjeiros olham n'a com extranheza e interesse. Muitos populares, cujo gosto esthetico tem sido deturpado e abastardado por vinte annos de chalesismo imbecil, comentam o arrojo dizendo uns:* ***E' uma casa franceza!*** *Outros:* ***E' uma casa brasileira!*** *Raro acerta, reconhecendo n'esta graciosa construção a casa rustica mas portugueza, de aá muito esquecida e que no emtanto se inspirava nas necessidades locaes, accomodando se ao meio e satisfazendo a ihstinctos tradicionais.*

Casa portugueza não quer dizer habitação de estylo genuinamente portuguez. De feito parece que não ha propriamente um typo nosso de casa urbana, e sim typos rusticos, adaptados ás exigências regionais, de norte a sul do paiz. Ora, foi a esses typos, com seus motivos architecturaes e ornamentaes consagrados por uns poucos seculos de historia, que o sr. Ricardo Severo, conhecedor de quasi todo o paiz por o haver calcurriado em missão de arte e archiologia, foi buscar os elementos com que se animou a construir e a rechear a sua casa, respeitando o mais possivel a tradição regionalista e aproveitando a pericia dos artífices e artistas portuguezes.

E' a rua do Conde a graça na sua maior simpleza. A fachada principal que se inspira no typo da habitação rustica; a varanda, firmada em columnas apoiando-se em arcos de plrno cintro; os columnellos que dão firmeza a um gracioso alpende; a torre ou corpo torreado com a sua grimpa de arreganho heraldico; o corpo saliente, do lado do norte, com a sua columnada jonica, imitação das casas urbanas, como ainda se veem

em Miragaia, na Sé e na Victoria; o pateo interior, modelo alli resuscitado que na Hespanha é um desafogo natural para as brutalidades da estação calmosa e cuja tradição se vae perdendo estupidamente nas nossas pprovincias do sul, onde o calor estival tem as mordencias do sol africano; os balcões encimados por telhadinhos e ladeados por cachorros com seus vasos de flôres, á moda minhota, e em especial a janella recatada por um gelosia lindissima, copiando um modelo de Villa Real; as jaenllas geminadas ou de bandeiras separadas pela verga ou cantaria, imitação do seculo XVI, com docel em telhas de faiança – tradição quase perdida e cujo reaparecimento induz os menos versados na architectura peninsular a supporem copia do disparatado chalesismo – os azulejos de facha e contra-facha, branco e verde, como reminiscência hispano-mourisca; a escadaria com as suas guardas em S, ainda hoje visíveis n'alguns palacios solarengos de Lisboa e das províncias; e uma infinidade de pormenores secundários – o ediculo com o seu relogio do sol; a lanterna com sua suspensão ornamentada; as cruzes de Christo servindo de respiros; os almofadados do portão, os motivos dos fechos inspirados na crendice e sentimentos populares – tudo isto forma, não só um museu, interessantissimo como documento architectural e ornamental, mas um glorioso incentivo para os que tiverem a coragem de desdenhar os albuns com desenhos impositivos de casas incaracteristicas que enxameam, ao acaso da fortuna e da inesthetica de engenheiros mais ou menos habilidosos, para lá dos Pyrineus. A graciosa construcção da rua do Conde é de toda a actualidade e diz na sua belleza, na sua harmoniosa e ao mesmo tempo levez, na sua feliz conjuncção de motivos ornamentaes com raizes no paiz, e, sobre tudo, na sua simplicidade, que não escasseam entre nós os recursos para se construir a habitação portugueza urbana, com elementos tradicionaes e sob formulas estheticas não confundiveis com o exotismo que de todos os lados pretende vir estrangular-nos.

Mas um titulo ainda superior ao de engenheiro com um elevado criterio esthetico - especie rara entre nós - recomenda o sr. Ricardo Severo á nossa homenagem e á consideração pu-

blica. Elle é o director da publicação que ha annos se offerece á curiosidade e ao estudo dos fieis no movimento de regeneração do nosso querido solo sob a rubrica de Portugalia. N'este reportorio ethnico e historico, de grande valor peninsular, collaboram muitas dedicações, muitas vontades e muitas esperanças no nosso rejuvenescimento nacional. Alli teem vindo accumulando-se, ha annos, importantissimos materiaes para o estudo do povo portuguez, nas suas manifestações do passado e nas manifestações actuaes ‹‹especialisando as fórmas e caracteres que naturalmente representam o tupo physico, moral e intellectual do homem e das povoações que occupam os nossos valles e serranias››. Por outras palavras: estuda-se até o substractum, o fundo exclusivamente popular, sem preoccupação das manifestações eruditas das sciencias, artes, letras e industriais, manifestações com o seu logar proprio, n'outro corpo estrangeiro, embora assimiladas no organismo nacional, se desviam manifestamente do cunho regional, do nosso caracter genuinamente ethnico e historico.

*A **Portugalia**, de que ha ja publicados cinco volumes, obedece, como é facil inferir logo d'estes simples dados, a um intuito elevadamente patriotico. Com effeito pretende realisar, como obra tradicionalista, a renascença da nacionalidade portugueza que não se formou só pelo esforço da simples vontade collectiva, como affirma n'um imperativo pouco ou nada philosophico Oliveira Martins na sua critica historica, e sim de condições ethnicas peculiares ao nosso geneo, á nossa raça, motivo da nossa razão de ser, da razão de ser da nossa historia. Na reivindicação tradicionalista pela **grey portugueza**, a excellente publicação dirigida e sustentada pecuniariamente em parte pelo sr. Ricardo Severo caminha de par com a obra patriotica do sr. Theophilo Braga, installada na vasta polygraphia; e assim não admir que ella ganhasse o mais envaidecedor acolhimento no mundo da sciencia estrangeira.*

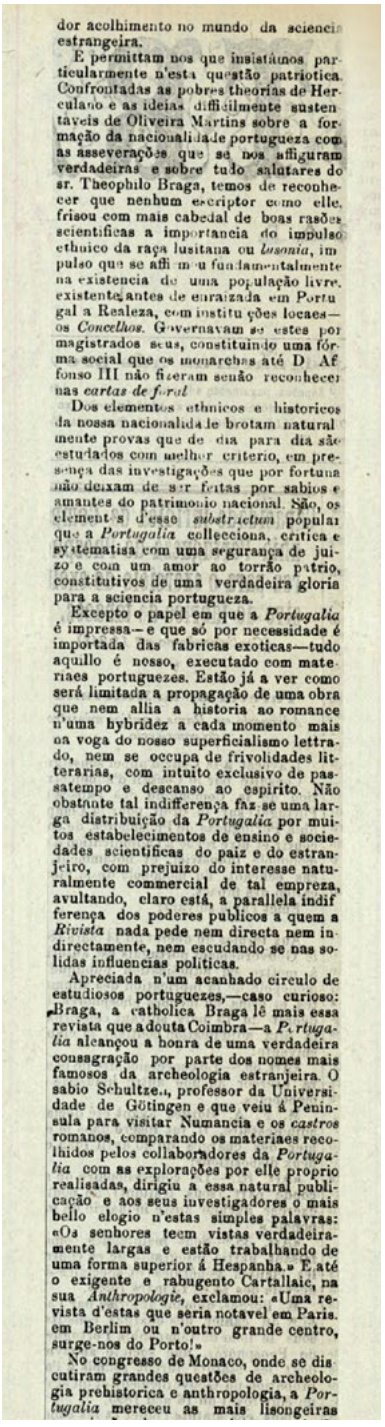
E permittam nos que insistâmos particularmente n'esta questão patriotica. Confrontadas as pobres theorias de Herculano e as ideias difficilmente sustentaveis de Oliveira Martins sobre a formação da nacionalidade portugueza com as asse-

verações que se nos affiguram verdadeiras e sobre tudo salutares do sr. Theophilo Braga, temos de reconhecer que nenhum escriptor como ele, frisou com mais cabedal de boas rasões scientificas a importancia do impulso ethnico da raça lusitana ou lusonia, im pulso que se affirmou fundamentalmente na existencia de uma população livre, existente antes de enraizada em Portugal a Realeza, com instituições locaes - os ***Concelhos****. Governavam se estes por magistrados seus, constituindo uma fórma social que os monarchas até D Afonso III não fizeram senão reconhecer nas* ***cartas de foral****.*

Dos elementos ethnicos e historicos da nossa nacionalidade brotam naturalmente provas de que dia para dia são estudados com melhor criterio, em presença das investigações que por fortuna não deixam de ser feitas por sabios e amantes do patrimonio nacional. São, os elementos d'esse ***substractum*** *popular que a* ***Portugalia*** *é impressa - e que só por necessidade é importada das fabricas exoticas - tudo aquillo é nosso, executado com materiaes portuguezes. Estão já a ver como será limitada a propagação de uma obra que nem allia a historia ao romance n'uma hybridez a cada momento mais na voga do nosso superficialismo lettrado, nem se occupa de frivolidades litterarias, com intuito exclusivo de passatempo e descanso ao espirito. Não obstante tal indifferença faz-se uma larga distribuição da Portugalia por muitos estabelecimentos de ensino e sociedades scientificas do paiz e do estranjeiro, com prejuizo do interesse naturalmente commercial de tal empreza, avultado, claro está, a parallela indiferença dos poderes publicos a quem a* ***Rivista*** *nada pede nem directa nem indirectamente, nem escudando se nas solidas influencias politicas.*

Apreciada n'um acanhado circulo de estudioso portuguezes, - caso curioso: Braga, a catholica Braga lê mais essa revista que a douta Coimbra - a ***Portugalia*** *alcançou a honra deuma verdadeira consagração por parte dos nomes mais famosos da archeologia estranjeira. O sabio Schultzen, professor da Universidade de Gotingen e que veio á Peninsula para visitar Numancia e os castros romanos, comparando os materiaes recolhidos pelos collaboradores da Portugalia com as explorações*

D.3.4



dor acolhimento no mundo da sciencia estrangeira.

E permittam nos que insistâmos particularmente n'esta questão patriotica. Confrontadas as pobres theorias de Herculano e as ideias difficilmente sustentaveis de Oliveira Martins sobre a formação da nacionalidade portugueza com as asseverações que se nos affiguram verdadeiras e sobre tudo salutares do sr. Theophilo Braga, temos de reconhecer que nenhum escriptor como elle, frisou com mais cabedal de boas rasões scientificas a importancia do impulso ethnico da raça lusitana ou *lusonia*, impulso que se affirmou fundamentalmente na existencia de uma população livre, existente antes de enraizada em Portugal a Realeza, com instituições locaes—os *Concelhos*. Governavam se estes por magistrados seus, constituindo uma fórma social que os monarchas até D Afonso III não fizeram senão reconhecer nas *cartas de foral*

Dos elementos ethnicos e historicos da nossa nacionalidade brotam naturalmente provas que de dia para dia são estudados com melhor criterio, em presença das investigações que por fortuna não deixam de ser feitas por sabios e amantes do patrimonio nacional. São, os elementos d'esse *substractum* popular que a *Portugalia* colleccionа, critica e systematisa com uma segurança de juizo e com um amor ao torrão patrio, constitutivos de uma verdadeira gloria para a sciencia portugueza.

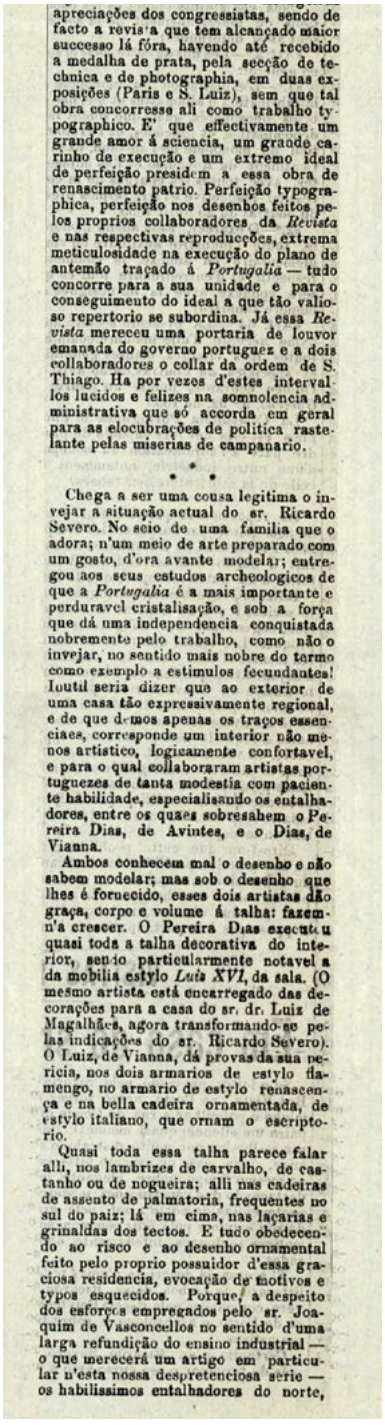
Excepto o papel em que a *Portugalia* é impressa—e que só por necessidade é importada das fabricas exoticas—tudo aquillo é nosso, executado com materiaes portuguezes. Estão já a ver como será limitada a propagação de uma obra que nem allia a historia ao romance n'uma hybridez a cada momento mais na voga do nosso superficialismo lettrado, nem se occupa de frivolidades litterarias, com intuito exclusivo de passatempo e descanso ao espirito. Não obstante tal indifferença faz se uma larga distribuição da *Portugalia* por muitos estabelecimentos de ensino e sociedades scientificas do paiz e do estranjeiro, com prejuizo do interesse naturalmente commercial de tal empreza, avultando, claro está, a parallela indifferença dos poderes publicos a quem a *Rivista* nada pede nem directa nem indirectamente, nem escudando se nas solidas influencias politicas.

Apreciada n'um acanhado circulo de estudiosos portuguezes,—caso curioso: Braga, a catholica Braga lê mais essa revista que a douta Coimbra—a *Portugalia* alcançou a honra de uma verdadeira consagração por parte dos nomes mais famosos da archeologia estranjeira. O sabio Schultze., professor da Universidade de Gôtingen e que veiu á Peninsula para visitar Numancia e os *castros* romanos, comparando os materiaes recolhidos pelos collaboradores da *Portugalia* com as explorações por elle proprio realisadas, dirigiu a essa natural publicação e aos seus investigadores o mais bello elogio n'estas simples palavras: «Os senhores teem vistas verdadeiramente largas e estão trabalhando de uma forma superior á Hespanha.» E até o exigente e rabugento Cartallaic, na sua *Anthropologie*, exclamou: «Uma revista d'estas que seria notavel em Paris. em Berlim ou n'outro grande centro, surge-nos do Porto!»

No congresso de Monaco, onde se discutiram grandes questões de archeologia prehistorica e anthropologia, a *Portugalia* mereceu as mais lisongeiras

D.3.4 - Recorte do artigo "Em casa do sr. Ricardo Severo", página 2 do Diário Illustrado.

D.3.5



apreciações dos congressistas, sendo de facto a revista que tem alcançado maior successo lá fóra, havendo até recebido a medalha de prata, pela secção de technica e de photographia, em duas exposições (Paris e S. Luiz), sem que tal obra concorresse ali como trabalho typographico. E' que effectivamente um grande amor á sciencia, um grande carinho de execução e um extremo ideal de perfeição presidem a essa obra de renascimento patrio. Perfeição typographica, perfeição nos desenhos feitos pelos proprios collaboradores da *Revista* e nas respectivas reproducções, extrema meticulosidade na execução do plano de antemão traçado á *Portugalia* — tudo concorre para a sua unidade e para o conseguimento do ideal a que tão valioso repertorio se subordina. Já essa *Revista* mereceu uma portaria de louvor emanada do governo portuguez e a dois collaboradores o collar da ordem de S. Thiago. Ha por vezes d'estes intervallos lucidos e felizes na somnolencia administrativa que só accorda em geral para as elocubrações de politica rastelante pelas miserias de campanario.

* * *

Chega a ser uma cousa legitima o invejar a situação actual do sr. Ricardo Severo. No seio de uma familia que o adora; n'um meio de arte preparado com um gosto, d'ora avante modelar; entregou aos seus estudos archeologicos de que a *Portugalia* é a mais importante e perduravel cristalisação, e sob a força que dá uma independencia conquistada nobremente pelo trabalho, como não o invejar, no sentido mais nobre do termo como exemplo a estimulos fecundantes! Inutil seria dizer que ao exterior de uma casa tão expressivamente regional, e de que demos apenas os traços essenciaes, corresponde um interior não menos artistico, logicamente confortavel, e para o qual collaboraram artistas portuguezes de tanta modestia com paciente habilidade, especialisando os entalhadores, entre os quaes sobresahem o Pereira Dias, de Avintes, e o Dias, de Vianna.

Ambos conhecem mal o desenho e não sabem modelar; mas sob o desenho que lhes é fornecido, esses dois artistas dão graça, corpo e volume á talha: fazem-n'a crescer. O Pereira Dias executou quasi toda a talha decorativa do interior, sendo particularmente notavel a da mobilia estylo *Luis XVI*, da sala. (O mesmo artista está encarregado das decorações para a casa do sr. dr. Luiz de Magalhães, agora transformando-se pelas indicações do sr. Ricardo Severo). O Luiz, de Vianna, dá provas da sua pericia, nos dois armarios de estylo flamengo, no armario de estylo renascença e na bella cadeira ornamentada, de estylo italiano, que ornam o escriptorio.

Quasi toda essa talha parece falar alli, nos lambrizes de carvalho, de castanho ou de nogueira; alli nas cadeiras de assento de palmatoria, frequentes no sul do paiz; lá em cima, nas laçarias e grinaldas dos tectos. E tudo obedecendo ao risco e ao desenho ornamental feito pelo proprio possuidor d'essa graciosa residencia, evocação de motivos e typos esquecidos. Porque, a despeito dos esforços empregados pelo sr. Joaquim de Vasconcellos no sentido d'uma larga refundição do ensino industrial — o que merecerá um artigo em particular n'esta nossa despretenciosa serie — os habilissimos entalhadores do norte,

D.3.5 - Recorte do artigo "Em casa do sr. Ricardo Severo", página 2 do Diário Illustrado.

por elle proprio realisadas, dirigiu a essa natural publicação e aos seus investigadores o mais bello elogio n'estas simples palavras: ‹‹Os senhores teem vistas verdadeiramente largas e estão trabalhando de uma forma superior á Hespanha.›› E até o exigente e rabugento Cartallaic, na sua Anthropologie, exclamou: ‹‹Uma revista d'estas que seria notavel em Paris, em Berlim ou n'outro grande centro, surge-nos do Porto!››

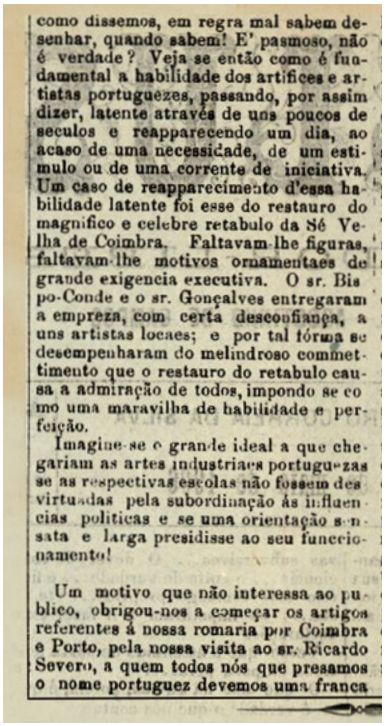
No congresso de Monaco, onde se discutiram grandes questões de archeologia prehistorica e anthropologia, a ***Portugalia*** *mereceu as mais lisongeiras apreciações dos congressitas, sendo de acto a revista que em alcançado maior successo lá fóra, havendo até recebido a medalha de prata, pela secção de technica e de photographia, em duas exposições (Paris e S. Luiz), sem que tal obra concorresse ali como trabalho thypographico. E' que effectivamente um grande amor á sciencia, um grande carinho de execução e um extremo ideal de perfeição presidem a essa obra de renascimento patrio. Perfeição typographica, perfeição nos desenhos feitos pelos proprios collaboradores da Revista e nas respectivas reproduções, extrema meticulosidade na execução do plano de antemão traçado à* ***Portugalia*** *- tudo concorre para a sua unidade e para o conseguimento do ideal a que tão valioso repertorio se subordina. Já essa* ***Revista*** *mereceu uma portaria de louvor emanada do governo portuguez e a dois collaboradores o collar da ordem de S. Thiago. Ha por vezes d'estes intervalos lucidos e felizes na somnolencia administrativa que só accorda em geral para as elecubrações de politica rastelante pelas miserias de campanario.*

Chega a ser uma cousa legitima o invejar a situação actual do sr. Ricardo Severo. No seio de uma familia que o adora; n'um meio de arte preparado com um gosto, d'ora avante modelar; entregou os seus estudos archeologicos de que a ***Portugalia*** *é a mais importante e perduravel cristalisa'ção, e sob a força que dá uma independencia conquistada nobremente pelo trabalho, como não o invejar, no sentido mais nobre do termo como exemplo a estimulos fecundantes! Inutil seria dizer que ao exterior de uma casa tão expressivamente regional, e de que de-*

mos apenas os traços essenciaes, corresponde um interior não menos artistico, logicamente confortavel, e para o qual collaboraram artistas portuguezes de tanta modestia como paciente habilidade, especilisando os entalhadores, entre os quaes sobresahem o Pereira Dias, de Avintes, e o Dias, de Vianna.

Ambos conhecem mal o desenho e não sabem modelar; mas sob o desenho que lhes é fornecido, esses dois artistas dão graça, corpo e volume á talha: fazem-n'a crescer. O Pereira Dias executou quasi toda a talha decorativa do interior, sendo particularmente notavel a da mobilia estylo ***Luis XVI****, da sala. (O mesmo artista está encarregado das decorações para a casa do sr. dr. Luiz de Magalhães, agora transformando-se pelas indicações do sr. Ricardo Severo). O Luis, de Vianna, dá provas da sua pericia, nos dois armarios de estylo flamengo, no armario de estylo renascença e na bella cadeira ornamentada, de estylo italiano, que ornam o escriptorio.*

Quasi toda essa talha parece falar alli, nos lambrizes de carvalho, de castanho ou de nogueira; alli nas cadeiras de assento de palmatoria, frequentes no sul do paiz; lá em cima, nas laçarias e grinaldas dos tectos. E tudo obedecendo ao risco e ao desenho ornamental feito pelo proprio possuidor d'essa graciosa residencia, evocação de motivos e typos esquecidos. porque, a despeito dos esforços empregados pelo sr. Joaquim de Vasconcellos no sentido d'uma larga refundição do ensino industrial - o que merecerá um artigo em particular n'esta nossa despretenciosa serie - os habilissimos entalhadores do norte, como dissemos, em regra geral mal sabem desenhar, quando sabem! E' pasmoso, não é verdade) Veja-se então como é fundamental a habilidade dos artifices e artistas portuguezes, passando, por assim dizer, latente através de uns poucos de seculos e reapparecendo um dia, ao acaso de uma necessidade, de um estimulo ou de uma corrente de iniciativa. Um caso de reapparecimento d'essa habilidade latente foi esse do restauro do magnifico e celebre retabulo da Sé Velha de Coimbra. Faltavam-lhe figuras, faltavam-lhe motivos ornamentaes de grande exigencia executiva. O sr. Bispo-Conde e o sr. Gonçalves entregaram a empreza, com certa desconfiança, a uns artistas locaes; e por tal fórma

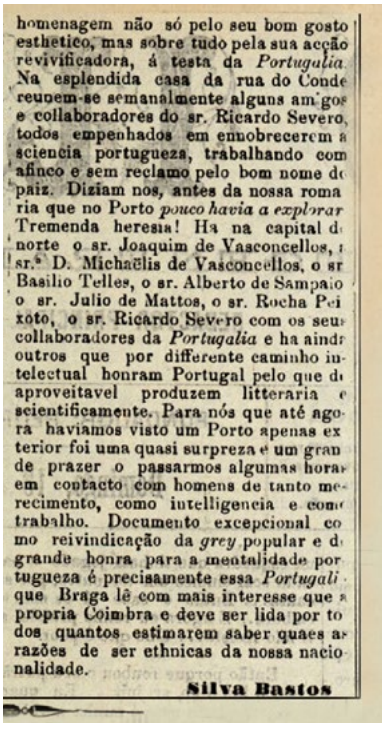


como dissemos, em regra mal sabem desenhar, quando sabem! E' pasmoso, não é verdade? Veja se então como é fundamental a habilidade dos artifices e artistas portuguezes, passando, por assim dizer, latente através de uns poucos de seculos e reapparecendo um dia, ao acaso de uma necessidade, de um estimulo ou de uma corrente de iniciativa. Um caso de reapparecimento d'essa habilidade latente foi esse do restauro do magnifico e celebre retabulo da Sé Velha de Coimbra. Faltavam-lhe figuras, faltavam-lhe motivos ornamentaes de grande exigencia executiva. O sr. Bispo-Conde e o sr. Gonçalves entregaram a empreza, com certa desconfiança, a uns artistas locaes; e por tal fórma se desempenharam do melindroso commettimento que o restauro do retabulo causa a admiração de todos, impondo se como uma maravilha de habilidade e perfeição.

Imagine-se o grande ideal a que chegariam as artes industriaes portuguezas se as respectivas escolas não fossem desvirtuadas pela subordinação ás influencias politicas e se uma orientação sensata e larga presidisse ao seu funccionamento!

Um motivo que não interessa ao publico, obrigou-nos a começar os artigos referentes á nossa romaria por Coimbra e Porto, pela nossa visita ao sr. Ricardo Severo, a quem todos nós que presamos o nome portuguez devemos uma franca

D.3.6



homenagem não só pelo seu bom gosto esthetico, mas sobre tudo pela sua acção revivificadora, á testa da *Portugalia*. Na esplendida casa da rua do Conde reunem-se semanalmente alguns amigos e collaboradores do sr. Ricardo Severo, todos empenhados em ennobrecerem a sciencia portugueza, trabalhando com afinco e sem reclamo pelo bom nome do paiz. Diziam nos, antes da nossa romaria que no Porto *pouco havia a explorar*. Tremenda heresia! Ha na capital do norte o sr. Joaquim de Vasconcellos, o sr.º D. Michaëlis de Vasconcellos, o sr. Basilio Telles, o sr. Alberto de Sampaio o sr. Julio de Mattos, o sr. Rocha Peixoto, o sr. Ricardo Severo com os seus collaboradores da *Portugalia* e ha ainda outros que por differente caminho intellectual honram Portugal pelo que de aproveitavel produzem litteraria e scientificamente. Para nós que até agora haviamos visto um Porto apenas exterior foi uma quasi surpreza e um grande prazer o passarmos algumas horas em contacto com homens de tanto merecimento, como intelligencia e como trabalho. Documento excepcional como reivindicação da *grey* popular e de grande honra para a mentalidade portugueza é precisamente essa *Portugalia* que Braga lê com mais interesse que a propria Coimbra e deve ser lida por todos quantos estimarem saber quaes as razões de ser ethnicas da nossa nacionalidade.

Silva Bastos

D.3.7

D.3.6 e D.3.7 - Recortes do final do artigo "Em casa do sr. Ricardo Severo".

D.3.8


HIGH-LIFE

TELEGRAMMAS

ARMAZEM DE FAZENDAS DA PATRIARCHAL

81 e 83 — Rua de D. Pedro V — 115 e 117

AZEITE FIGUEIREDO

MARAVILHOSA NOVIDADE

Companhia dos Tabacos de Portugal

DR. FOREST

MODAS E CONFECÇÕES

LUIZ COSTA

60 — Rua Nova do Almada — 62

Crêpons

PENHORES

A MODA EM PARIS

D.3.9


Instituto Electro-Therapeutico

ESPARTILHOS

MAD. ARRIGOTTI

Mala Real Ingleza

A UNIÃO INDUSTRIAL LISBONENSE

HARRISON LINE

Garland Laidley & C.ª

AGUAS DE VIDAGO

CERA DAS VARZEAS

MESSAGERIES MARITIMES

Linha Transatlantica

Julio Rodrigues Formigal

AGRADECIMENTO

O paquete OLETA

D.3.8 e D.3.9 - Páginas 3 e 4, respetivamente, *Diário Illustrado*, de 13 de Maio de 1906.

Este documento encontra-se disponível online, a partir do link: < https://purl.pt/14328> e < https://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1906-05-13/j-1244-g_1906-05-13_item2/j-1244-g_1906-05-13_PDF/j-1244-g_1906-05-13_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1906-05-13_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf >, e foi consultado a 25 de Setembro de 2020.

se desemoenharam do melindroso commetimento que o restauro do retabulo causa a admiração de todos, impondo se como uma maravilha de habilidade e perfeição.

Imagine-se o grande ideal a que chegariam as artes industriaes portuguezas se as respectivas escolas não fosse desvirtuadas pela subordinação ás influencias politicas e se uma orientação sensata e larga presidisse ao seu funccionamento!

Um motivo que não interessa ao publico, obrigou-nos a começar os artigos referentes á nossa romaria por Coimbra e porto, pela visita ao sr. Ricardo Severo, a quem todos nós que presamos o nome portuguez devemos uma franca homenagem não só pleo seu bom gosto esthetico, mas sobre tudo pela sua acção revivificadora, á testa da ***Portugalia***. *Na esplendida casa da rua do Conde reunem-se semanlmente alguns amigos e colaboradores do sr. Ricardo Severo, todos empenhados em ennobrecerem a sciencia portugueza, trabalhando com afinco e sem reclamo pelo bom nome do paiz. Diziam nos, antes da nossa romaria que no Porto pouco havia a explorar. Tremenda heresia! Ha na capital do norte o sr. Joaquim de Vasconcellos, a sr. D. Michaelis de Vasconcellos, o sr. Basílio Telles, o sr. Alberto de Sampaio, o sr. Julio de Matos, o sr. Rocha Peixoto, o sr. Ricardo Severo com os seus collaboradores da Portugalia e ha ainda outros que por differente caminho intelectual honram Portugal pelo que de aproveitavel produzem litteraria e scientificamente. Para nós que até agora haviamos visto um Porto apenas exterior foi quasi surpreza e um grande prazer o passarmos algumas horas em contacto com homens de tanto merecimento, como intelligencia e como trabalho. Documento excepcional como reinvindicação da grey popular e de grande honra para a mentalidade portugueza é precisamente essa Portugalia, que Braga lê com mais interesse que a propria Coimbra e deve ser lida por todos quantos estimarem saber quaes as razões de ser ethnicas da nossa nacionalidade.*

Silva Bastos

Projeto e Umbral: Da Reabilitação de Edifícios ao Problema das Caixilharias de Madeira Existentes

Mariana Pires de Matos

FACULDADE DE ARQUITETURA